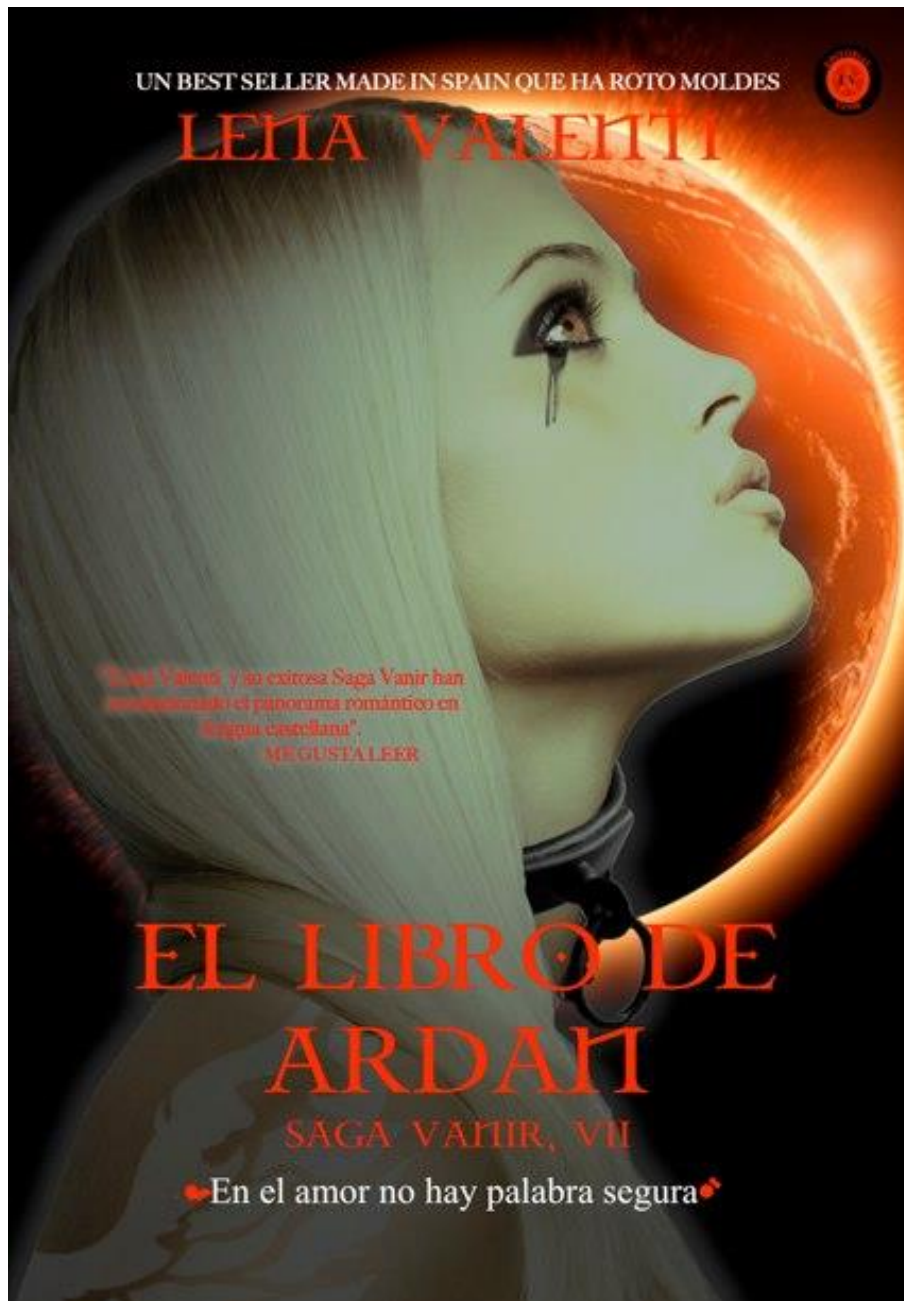


O LIVRO DE ARDAN

Saga Vanir VII

Lena Valenti



PROJETO REVISORAS TRADUÇÕES

Equipe de Revisão:

Sandra Maia, Luci e Mya



RESUMO

Só há um caminho para Ardan das Highlands: a vingança. Ele é um einherjar, um guerreiro de Odin que sofreu a maior traição nas mãos da mulher que estava destinada a ser sua companheira eterna. A Valquíria pisoteou seu coração e, devido a ela, o enviaram sozinho à Terra para proteger os humanos, com a alma destrocada e um ódio latente em seu interior. Carece de sentimentos, carece de medo e seu espírito destila despeito e ânsia por devolver a dor sofrida. Agora, tem a possibilidade de conseguir aquilo que mais deseja: submeter Bryn e a fazer pagar por partir seu coração. Entretanto, tão cego em sua fúria não só pode perder de vista a missão de encontrar Gungnir, a lança de Odin como também pode perder o respeito daqueles que o rodeiam e a oportunidade de receber uma explicação por parte da General que poderia mudar tudo. Mas, como pode escutar um homem a quem ninguém ofende impunemente?

Bryn - A Selvagem está a eras se flagelando pela decisão que tomou e que afetou totalmente Ardan. Suas palavras o afastaram dela, romperam seu compromisso e congelaram as asas de seu einherjar, o homem pelo qual daria sua vida às cegas. As asas de ambos estão geladas e azuis. Mas agora, ela e seu exército de Valquírias se encontram na Escócia lutando para recuperar o último dos totens divinos dos deuses, roubados de Asgard. A General estará, contra sua vontade, nas mãos do duro highlander, mas não se renderá até demonstrar ao escocês déspota e dominante que pode submeter seu corpo, mas nunca sua alma, nem seu coração. Uma palavra de Ardan a devolveria ao Valhala sem honras; e uma pergunta do guerreiro de olhos caramelo poderia mudar a relação entre eles. Ela se importará o suficiente para perguntar por que fez o que fez? Descobrirá Ardan que não se pode submeter alguém tão disciplinado e honorável como Bryn?

O Midgard começa a tremer. A terra se abre e de suas vísceras nasce uma terrível rebelião. Os portais começam a se ativar um após o outro e Gungnir, ainda extraviada, não deve ser cravada em nenhum deles. A guerra está próxima.

Mas não há batalha mais sangrenta que a que estala entre dois guerreiros de asas congeladas. O gelo seco dela pode queimar tanto quanto o despachado fogo dele. Que arda o Midgard.

“Quanto menor o coração, mais ódio guarda.”

Victor Hugo

“A escuridão não pode desfazer a escuridão; unicamente a luz pode fazê-lo. O ódio nunca pode terminar com ódio; somente o amor pode fazê-lo.”

Martin Luther King

“O amor combinado com ódio é mais poderoso que o amor. Ou que o ódio.”

Joyce Carol Oates

*Sei que é momento de aprender
a tratar às pessoas que amo
da maneira que quero ser amado.*

Aprendi a lição.

*Odeio tê-lo enganado
e me sinto muito mal por isso.*

Suponho que o carma

Se devolve

pois sou eu quem

agora se machuca

e odeio tê-lo feito acreditar

que a confiança entre nós

se quebrou.

Assim não diga que não

pode me perdoar

por que

Ninguém é perfeito

Não não não não não não não não não

Sim, escuta

Nobody's Perfect

JESSIE J

ASGARD

Jardins do Valhala

Eras atrás

A chamaram por muitos nomes. E ainda o faziam. A chamavam de Gefr, “a Generosa”; Syr “a porca”, porque montava um javali; Mardöl “a resplandecente no mar”.

Mas, de todos esses nomes, além de muitos outros apelidos menos honoráveis e melódicos que aqueles que lhe outorgaram, estava o de Hörn, “a que garante as colheitas”, e que estava intimamente relacionado com a atividade de tecer.

E, embora esse, de todos os substantivos, fosse o mais discreto e inadvertido, não obstante, erigia-se como o mais importante para ela.

Freyja era uma tecelã nata. Fiava e desfiava a seu desejo. A deusa acariciou o cabelo da pequena menina de quatro anos que estava entre suas pernas. Os olhos da criança eram de um turquesa espetacular e seu sorriso desfazia as geleiras.

Freyja sorria enquanto penteava com os dedos seu loiro e comprido cabelo e cantarolava uma canção. Dividiu sua juba em três mechas iguais; colocou a da direita entre a do meio e a esquerda, e a da esquerda sobre a do centro e a direita; e assim até que, agilmente, criou uma bonita trança. Trançar era tão fácil como tecer. A vida e o destino deviam se tecer com cuidado.

—Minha bonita *dísir* — sussurrou Freyja com voz melodiosa. —Você, de todas as minhas guerreiras valquírias, será a mais importante. — A menina cantarolava enquanto pegava uma flor e a fazia rodar entre seus diminutos dedos.

—Por que, deusa? — perguntou a valquíria. — Porque sou a mais forte de todas?

—Não, princesa. Porque sempre terá mais valor pelo que cala do que pelo que diz. E essa é uma virtude que invejo e respeito. A mais importante para mim.

Bryn olhou para seus pés nus, manchados por ter corrido pelas montanhas rochosas em busca das ferraduras dos anões. A encantava roubá-las e depois brincar de jogá-las com suas irmãs. Estudou os pés de sua deusa, cobertos por sua saia negra e longa. Freyja era a mais poderosa, e sempre se vestia como uma princesa. Bryn não entendia.

—Há pessoas que não expressam suas emoções — comentou a deusa, prendendo a ponta da trança africana com uma corda dourada. —Não está certo calá-las, Bryn. Acaba nos doendo aqui.

—No *hjerttet* (coração)? — perguntou Bryn, observando a esbelta mão da Vanir espalmada sobre seu seio esquerdo. Freyja sorriu com ternura e assentiu.

—Sim, no coração. Por isso — apoiou o queixo sobre a cabeça da menina e pôs suas mãos sobre os ombros —, porque sei que no futuro poderá chegar a sofrer por seu silêncio, quero te dar este presente. — Um livro de capa dourada se materializou na frente de Bryn, levitando, como se mãos invisíveis o balançassem e o fizessem girar sobre seu próprio eixo. Esta abriu os olhos e o pegou sem pedir permissão a ninguém.

—É para mim?

—Sim. —Freyja beijou o topo de sua cabeça e apoiou as mãos sobre as pequenas que, naquele momento, seguravam aquele livro.

—É uma lenda sobre guerras entre os orcs e os elfos?

—Não, minha pequena selvagem — sussurrou Freyja com doçura. — É um diário. O diário de Bryn.

A futura imortal arregalou os olhos e disse:

—*Halaaaaa...* E é para mim? —repetiu.

—Sim. Só para você. Só você pode escrever nele. Se pronunciar a palavra *dulgt*, oculto, o livro desaparecerá.

—E aonde irá?

Freyja se encolheu de ombros.

—Simplesmente, desaparecerá. E se pronunciar as palavras *mo legende*, minha lenda, seu diário aparecerá diante de você para que possa escrever o que quiser. E pode ser que escreva muito. E sabe por que?

Bryn negou com a cabeça e girou para escutar a “Resplandecente”, a mais bela de todo o Asgard.

—Porque haverá momentos, minha *nonne*, que serão tantas coisas que sente e não poderá expressar que precisará contar a alguém, mas não poderá.

Bryn piscou confusa.

—Por que?

—Porque não permitirei — respondeu Freyja, sem deixar de perceber sua ingenuidade. Outra guerreira teria mudado o semblante se a escutasse falar assim e, certamente, fugiria apavorada. Mas Bryn nunca a temeu. Nenhuma de suas Valquírias o fazia; e Bryn, sua temerária e adorada guerreira, menos ainda. —No futuro, chegará a se zangar muito comigo. Mas pense que tudo que faço, tudo é por seu bem. Por seu bem. Acha que poderá me perdoar? —Perguntou com voz quebrada. Não estava orgulhosa de suas decisões, mas tampouco se arrependia de tomá-las. Alguém devia fazê-lo.

Ela tomaria essa decisão. Como Odin tomava as suas próprias.

Bryn pensou na resposta. Torceu os lábios de um lado para o outro e entrecerrou os olhos espetacularmente claros.

—Sim, você não é má — assegurou Bryn. — Te perdorei.

Freyja se emocionou e negou com a cabeça. Não. Não era má. Não era. Talvez fosse soberana e proprietária de quase tudo que a rodeava, mas não era má, embora suas ações fizessem mal a muitas pessoas.

—Recorde quando chegar o momento. —Deu-lhe um golpezinho no nariz com o indicador. — Pelo menos, te deixo este livro mágico e pessoal para que possa se expressar como desejar e dizer tudo que não se atrever a dizer nunca a ninguém. Assim, as palavras que não pode pronunciar não doerão tanto. As coloque nestas folhas, preciosa guerreira, e agunte a dor que o silêncio te conduzirá.

Bryn acariciou o livro com a ponta de seus dedos e gravou aquelas palavras de Freyja em sua alma. Esse livro seria dela, e escreveria nele... Então, ao longe do prado no qual se achavam

sentadas, viu uma manada de cavalos correndo sem controle, e isso fez Freyja desviar toda a atenção da menina.

A menina tinha um diário, um diário mágico e especial da deusa, mas Bryn preferia um monte de cavalos brancos.

—Cavalos! — Bryn deu um salto e, com sua recém feita trança africana na cabeça, correu para eles.

—Dome-os, selvagem! —exclamou Freyja divertida, observando como a pequena menina já mostrava jeito de amazona desde bem pequena. Mas que Valquíria não era uma amazona? Suas guerreiras eram todas esplêndidas.

A deusa observou o livro, que continuava levitando. Bryn não prestou muita atenção nele. Era uma menina de quatro anos, um pequeno traseiro inquieto. Por que ia fazer caso de um diário? Não importava que esse diário fosse único e especial, e nem que suas folhas de inquebrável linho fossem extraídas do próprio tear das *Nornas*. Ninguém podia tocar esse tear: era sacrilégio fazê-lo.

Entretanto, ela era uma deusa. A grande deusa Vanir, entre outras coisas; uma das grandes tecelãs de Asgard e a única que podia tocar uma máquina de tecer o destino tão complexa como a que usavam Urd, Verdandi e Skuld.

E por que? Porque o fim devia justificar os meios.

—*Dulgt* —sussurrou com a vista fixa no horizonte.

E o livro desapareceu de sua vista.

CAPÍTULO 1

Valhala. Residência das Valquírias

Eras atrás

Os rios e as cataratas de Vingólf, o palácio de marfim que era o lar das Valquírias de Freyja e dos *einherjars* de Odin, refulgiam com centenas de cores e tonalidades diferentes. O céu de Asgard, tingido de cores pastéis com estrelas cintilantes presenciavam a chegada de um novo guerreiro morto em batalha. Um futuro *einherjar*.

As Valquírias estavam vestidas com seu particular traje de boas-vindas aos caídos: plumas negras de corvo, e plumas marrons e bege de águias. Além disso, sobre suas cabeças, usavam gorros com pontas de aves e plumas extravagantes. Vestiam-se assim porque eram os animais preferidos do deus de um só olho.

Freyja amava todas as suas Valquírias. Todas sem exceção. Eram excelentes arqueiras, incríveis lutadoras, fantásticas amazonas e deslumbrantes mulheres com orelhas bicudas que tinham a grande peculiaridade de poder lançar raios e convocar tormentas.

Ela as criou. As viu crescer. E as adorava como uma mãe que as queria, respeitava e amava suas filhas. Não podia evitar. Eram sua debilidade.

Não obstante, de todos esses milhares de mulheres que viviam em seu palácio, havia quatro que eram sua peculiar versão dos Cavaleiros do Apocalipse. Suas e de ninguém mais. Tratava-se de quatro eternas jovens, diferentes umas das outras, física e emocionalmente, que tinham algo em comum único e inquebrável: se amavam tanto entre elas, se queriam tanto, que às vezes parecia que as quatro se fundiam numa só alma. Num único ser. Seus nomes? Nanna, Gúnnr, Róta e Bryn.

Nanna era bondosa e divertida. Adorava trocar os nomes das coisas e era muito caprichosa; além disso, era a única Valquíria que recolhia os guerreiros mortos em batalha e os subia ao Valhala. Só ela podia realizar tamanho trabalho por uma simples razão: Nanna não podia ser tocada por nenhum homem vivo.

Gúnnr, a doce filha secreta de Thor. Dócil e cheia de açúcar... Um caramelo delicioso. Mas seu interior escondia uma fúria brutal que devia ser liberada, e sua conexão com o *Mjölnir* e as tormentas seria muito importante quando o tempo chegasse.

Róta... O Olho que Tudo vê. Essa mulher de cabelo vermelho, olhos turquesa e um sinal no canto de seu olho direito, a deixava louca. Era irascível e temperamental, tinha uma língua brutal e uma autoconfiança fora do comum. Era perigosa para os deuses e também para si mesma, pois em seu interior albergava um dom e um poder fora do comum. Loki o queria para ele se pudesse, e Freyja sabia que o Vigarista faria o possível para tentá-la... Num futuro, Róta deveria decidir a que lado pertencia: se à luz ou à escuridão.

E, depois, estava sua princesa das neves, sua loira ártica: Bryn — A selvagem. A General. A força dessa Valquíria não podia se medir com nada, e tanto Odin como ela sabiam que era melhor ter Bryn sempre ao seu lado, sem fazê-la zangar. Por sorte, a loira de olhos turquesa era fiel, digna

e respeitável, e tinha uma missão com Róta. Jamais trairia o pacto que fizeram, porque Bryn simplesmente amava Róta com todo seu coração; e a queria como se fosse algo de sua posse.

A General devia controlar o termômetro da bondade de Róta; era seu principal medidor e nunca devia deixá-la sozinha. Seus níveis de empatia estavam tão entrelaçados que nunca podiam se ocultar uma da outra.

Por isso, pelo valor que davam a essa amizade, a essa apaixonada irmandade, a deusa sabia que a chegada desse perigoso highlander, tosco e espiritualmente indomável, criaria uma greta dolorosa entre suas Valquírias especiais.

Porque o highlander seria o amor eterno, o *einherjar* de Bryn; e chegaria um momento no qual ela deveria escolher entre a irmandade com sua *nonne* ou o amor por seu guerreiro imortal.

Com a importância que Bryn dava ao seu trabalho como General e sua fidelidade com Róta, Freyja sabia que não vacilaria em sua decisão.

Drama. Drama. Todos iam sofrer.

Ardan, um líder do oeste de Escócia, acabava de morrer na batalha de Degsastan. Esse dia devia chegar; era inevitável como o amanhecer e o anoitecer; igual à vida, a morte e a reencarnação. Era tão irrevogável como a chegada do temido *Ragnarök*.

Como o dia em que reclamariam sua Valquíria mais valiosa e havia chegado.

Um guerreiro morto em batalha exigia os cuidados de uma de suas guerreiras, e a General era a escolhida; a alma desse homem se encomendou a ela.

Ardan estava destinado a ser o líder dos *einherjars*. Ele e Bryn formariam uma incrível dupla. Até que chegasse o dia da decisão final.

Entre a multidão de guerreiros *einherjars* e Valquírias que recebiam o novo guerreiro caído, Bryn observava com olhos assombrados as imensas proporções daquele homem que, inconsciente, descansava nos braços de Nanna. Jamais pensou que chegaria o dia no qual se sentiria ciumenta de sua *nonne*; mas, agora, queria se jogar sobre ela como um cão marcando território.

Esse era seu guerreiro de olhos caramelados e raios de sol? Por todos os deuses... Era enorme. Tão grande como Thor ou Odin.

Quando estava morrendo no Midgard, havia cravado aquele maravilhoso olhar de pecado e escuridão no céu, a procurando; e Bryn caiu de joelhos, submetida ao seu magnetismo. Ficou presa em seu olhar caramelo com pintinhas amarelas em sua íris, e com suas pestanas tão negras que pareciam delineadas com Kohl.

Mas agora podia ver todo seu corpo. Seu cabelo comprido e negro chegava nos ombros; uma coxa de suas pernas valia por duas das dela e a passava, certamente, por duas cabeças de altura.

A jovem ansiava saltar e bater palmas. Bom para ela! OH, sim... Era dele. E nunca permitiria que outra o tocasse. Odiava compartilhar.

A General lambeu os lábios e sorriu.

—Ora, ora... Aí tem seu guerreiro, ruivinha — murmurou Róta o olhando com interesse enquanto rodeava com um braço seus ombros cobertos com plumas de corvo. — Quilos de músculos e o caráter de highlander preparado para escravizá-la e convertê-la em purê sob seu

calcanhar. A Dominante Bryn, a princesa de gelo —cantarolou no seu ouvido com zombaria — a mais cruel de todas as Valquírias de Freyja; aquela que poderia desfazer todo o *Jotunheim* com seu...

—Corta o papo, *nonne* —murmurou Bryn a olhando de soslaio com um sorriso divertido nos lábios.

—Morro de vontade de ver como esse homem acabará chorando por você, corvo. —Tinha uma ponta de orgulho em seu rosto. Róta admirava Bryn por tudo que era, mas, sobretudo, por tudo que não mostrava e que só ela conhecia.

—Por favor... — sussurrou Gúnnr intimidada, se apoiando no ombro emplumado da General. — Está segura que é ele? Não sei o que faria com um homem tão grande ao meu lado.

—Sim. Claro que é ele — assegurou com voz firme. — Por isso, minha doce Gunny —afirmou Bryn — eu me encarregarei. As liberarei do mal.

Elevou o canto direito de seus lábios.

—Que nobre, sempre se sacrificando por nós. — Pronunciou Róta rolando os olhos de modo teatral.

—Acredito que não te invejo — Gúnnr afastou sua franja chocolate dos olhos azuis escuros e observou Ardan de cima a baixo. — Esse tipo morde. Estou convencida.

Bryn levantou uma sobancelha loira e mordeu o lábio inferior, enquanto pensava com orgulho que ele a escolheu.

Meu. Meu e meu. Era muito possessiva, o que ia fazer? Mas isso suas *nonnes* já sabiam, e não lhes diria de novo.

Bryn não tinha medo dos homens; ao contrário, pareciam interessantes, embora um pouco fracos sob seu critério. Mas aquele em especial era tudo que sua alma intrépida necessitava: um aberto desafio, alguém com quem podia se medir de igual a igual. Um homem forte que a provocasse e que também se deixasse provocar. Bryn excitava o sexo oposto com sua pose de General, mas também intimidava muito por esse mesmo título.

Ardan parecia um homem que não se acovardava diante de nada; e a maravilhou a ideia de jogar com ele eternamente.

Freyja levantou de seu trono e caminhou para Nanna, meneando os quadris como se estivesse numa passarela, mostrando um incrível vestido preto brilhante, tão comprido que cobria seus pés. A deusa Vanir jogou sua trança loira e comprida sobre o ombro direito e em seguida apoiou suas mãos sobre seus quadris. Elevou o queixo e, olhou às Valquírias ali reunidas.

Odin se materializou em seu trono dourado e sentou no que era o lugar da deusa. Vestia uma túnica negra; seu cabelo loiro e trançado repousava sob um coque mau feito. Um tapa olho negro cobria um de seus olhos e o outro, azul tão claro, a olhava de cima a baixo, a despindo com o olhar e sorrindo com o que só ele podia ver. Munin e Hugin, seus dois inseparáveis corvos, se apoiavam em seu ombro direito, sussurrando todo tipo de palavras que ninguém mais podia entender.

Freyja rangeu os dentes. Odin pensava que, por causa de uma rapidinha, ela ia cair rendida aos seus pés. Quem pensava que era? Bom, de acordo: era o *Alfather*, o Pai de Todos, mas isso não lhe dava licença para acreditar que ela, a grande deusa Vanir, ia babar em sua presença.

—Se enganou de trono? —perguntou a deusa entre dentes.

—Daqui posso te ver perfeitamente — replicou ele, divertido e provocador.

—Sô me vê cinquenta por cento, Caolho. —Ela piscou um olho e deu a volta para deixá-lo falando sozinho. Os corvos grasnaram ofendidos, mas o deus Aesir apoiou o queixo em sua mão e negou sorridente com a cabeça. Bragi, o loiríssimo sábio bardo e poeta, filho de Odin, que carregava uma taça dourada de ambrósia, se aproximou do corpo morto de Ardan e se agachou diante dele. Era o encarregado de receber o guerreiro com cortesia e oferecer o gole revitalizador e doador de vida do elixir dos deuses. Quando o guerreiro abrisse seus olhos, recitaria uma ode em sua honra ao compasso de sua harpa.

—É um bárbaro? —perguntou o poeta acariciando a barba oblíqua. — Parece.

Nanna revirou os olhos e encolheu os ombros.

—Todos os homens do Midgard são bárbaros — respondeu.

—Quem de minhas filhas reclama este guerreiro?! — perguntou Freyja sabendo perfeitamente que Ardan era de Bryn. Ah, mas gostava de desafiá-la, tanto como Bryn desfrutava de irritá-la. E, quando fez essa pergunta, sabia perfeitamente o que ia acontecer. Todas as guerreiras sem reclamar elevaram o braço, preparadas para desafiar a Valquíria que queria levar tamanho exemplar de macho.

A General apertou os punhos de ambos os lados de seus quadris. Foi a única que não levantou a mão, pois sabia em seu íntimo que não havia dúvida possível. O highlander a escolheu. Mas Freyja gostava do jogo; e possivelmente a deusa quisesse um pouco de espetáculo naquela recepção.

A loira de longos cabelos lisos deu um passo à frente com os ombros jogados para trás, sem necessidade de intimidar ninguém com o olhar. Diziam que Bryn, ao andar, emudecia todo o Asgard e que sua presença fazia gaguejar o mais brincalhão. Ela estava a par de todos esses comentários, e não a ofendiam; porque compreendia que se um homem ou mulher se atemorizava diante dela era porque não respeitava o suficiente a si mesmos para encará-la e falar sem baixar o olhar. Ninguém devia se sentir atemorizado por ninguém. Ela nunca pretendia intimidar, mas o fazia. Havia seres que se sentiam tão inseguros e mau consigo mesmos que a firmeza de outros os incomodava. E contra isso não podia lutar. Assim o aceitava.

Bryn se adiantou a todas e fulminou à deusa Vanir com seus olhos turquesa.

—Minha deusa — grunhiu a General entre dentes. — Acaso quer que frite todas as suas guerreiras? — Outra de suas peculiares virtudes era que nunca fazia rodeios. Dizia o que pensava e no tom que saísse. Não moderava seus comentários.

As Valquírias, excitadas pela expectativa de cuidar desse guerreiro corpulento, emudeceram ao ouvir Bryn. Todas desejavam o corpo do highlander: Olrún, a conhecedora dos feitiços; Sigrdrifa, uma excelente lutadora, e que diziam que atraía a vitória; Prúdr, a filha de Thor; Hilda, Mist, Göll... Belas, esbeltas e desafiantes; não havia uma de aspecto muito doce, exceto Gunny. Mas, para Bryn, Gunny não contava porque era sua *nonne*, e sua natureza inofensiva ficava patente em muitas ocasiões, sobretudo, em algumas das batalhas no *Jotunheim*.

Mesmo assim, as demais Valquírias deviam se acautelar com Bryn, porque ela era a mais temida e respeitada de todas as guerreiras do Valhala: a General, sua líder. Como iam desafiá-la? Chegou sua hora? Esse homem se encomendou a ela?

Freyja sorriu pela aberta pergunta.

—As fritar, diz? Não, absolutamente, querida. —Abrangeu todas as suas garotas com uma mão. — Mas pode ser que elas reclamem este homem que sua querida Nanna trouxe.

—Este homem — Bryn arqueou as sobrancelhas e pronunciou cada sílaba com tom mordaz. — É m-e-u. Procurou-me em sua última exalação. Não coloque minhas irmãs nisto; não as provoque. Não quero machucar nenhuma. — Encolheu os ombros e olhou suas possíveis oponentes de soslaio.

—E se o deixarmos escolher? — perguntou Prúdr. — Que ele procure aquela a quem se encomendou. Se for verdade que há um homem que seja o suficientemente louco para se encomendar à General... — sussurrou com malícia.

—Há! — protestou Róta, ofendida pelo tom daquela intrometida. — E isso diz você, que estive a ponto de se prender com o monstruoso gigante de Hrungrir! Ele era muito grande, filha de Thor? — perguntou a de cabelo vermelho, movendo a mão acima e abaixo com os dedos fechados fazendo um O.

Prúdr sorriu para Róta por cima do ombro.

—Poderia ordenar ao meu pai que costurasse essa bocarra que tem, Róta — sugeriu a de cabelo castanho.

—Sabe com o que seu pai pode tampar minha boca? —replicou Róta a encarando nariz com nariz. — Com a ponta de seu p...!

—Isso não vai acontecer, senhorita Prúdrete. —Bryn tampou a boca de sua querida e intrépida *nonne* com a mão e a repreendeu com o olhar. Compreendia Róta. Prúdr era bonita, mas tudo que tinha de bela, tinha de vaidosa. Acreditava que ser filha de uma deidade a outorgava de prioridades. E certamente era assim, mas não ia tomar o que era dela. E o escocês era.

— Espere que chegue seu guerreiro e pare de procurar nos pratos alheios. Não mendigue, Prúdr, é filha de um deus. —Um trovão provocado pela ira de Thor iluminou o palácio de marfim.

Prúdr desenhou uma fina linha com seus lábios e olhou para o outro lado, como uma pequena menina zangada.

Freyja sorriu com orgulho. Bryn era sua Valquíria mais leal e poderosa por uma simples razão: não economizava desdobrar sua força e sua fúria para amedrontar ninguém. Bastava suas mordazes palavras educadas para resolver discussões e comportamentos muito agressivos. E ela a adorava. Assim.

—Bragi, continue — ordenou Freyja entretida com a discussão.

O deus poeta levantou a cabeça morena do guerreiro, que repousava nas pernas de Nanna, e pôs a taça nos lábios dele. Nanna olhou para Bryn e sorriu com cumplicidade.

—Vai comer isso tudo? — soletrou a Valquíria movendo os lábios em silêncio.

Bryn apertou os olhos e ocultou um sorriso maligno. Tudo. Não ia sobrar nada.

A General observou hipnotizada como o líquido ambarino deslizava pelo canto dos lábios do guerreiro e percorria sua viril mandíbula.

Seus olhos se avermelharam pela paixão, tão brilhantes quanto claros e sem disfarçar seu desejo por ele.

—Por fim. Meu guerreiro já está aqui.

As grossas pestanas negras de Ardan revoaram como asas de uma mariposa. Abriu os olhos com lentidão e os cravou no céu em cores pastéis e nos enormes corpos celestes que custodiavam o mundo no qual se encontrava.

Ardan, o líder da armada naval dos dalriadanos do oeste da Escócia, se ergueu sobre os cotovelos. A superfície em que estava era fria e lisa. Diante dele estava um homem loiro com roupas romanas, e uma taça de bronze na mão. Não entendia nada.

Acabavam de chegar à Ilha de Man e Órcades. Mas algo aconteceu... Sim: o feriram nas costas e no peito. Levou uma mão à incômoda ferida. Seu torso descoberto já não tinha nenhuma incisão de espada. Desapareceu.

Tentou recordar o que aconteceu. Lutou sem fôlego até derrubar o líder do forte de Man, mas depois desabou e...

—Bem-vindo, guerreiro —saudou esse homem de barba oblíqua com um sorriso gentil.

Um momento, por que o compreendia? Que idioma era esse? Ele falava gaélico escocês... Não isso.

—Está em Asgard. Sou Bragi... — O filho de Odin colocou uma mão no centro do peito. — Odin te escolheu como guerreiro imortal. Nanna recolheu seu corpo morto do Midgard e te trouxe ao reino dos Vanir. Esta bebida está te convertendo num *einherjar* eterno, e lutará a partir de agora em nome do *Alfather*. Não se preocupe, num instante entenderá tudo. A ambrósia te dará o conhecimento necessário para que compreenda sua nova realidade.

Ardan franziu o cenho e sacudiu a cabeça. Porra... Onde estava ela?

Mal o ouvia, porque na verdade estava procurando a sereia. Havia uma sereia. Ao cair no chão, em meio à batalha da ilha de Man, encontrou o rosto de uma mulher loira com olhos de céu e nariz arrebitado, tão bonita que nenhuma fada de lenda podia a ultrapassar.

—Onde está? —perguntou com voz rouca, se erguendo pouco a pouco. Cento e dez quilos de músculos e dois metros de altura. Ora, ele também falava esse idioma?

Bragi lhe deixou espaço para que levantasse, e Nanna se afastou para que, em nenhum momento, roçasse seu corpo. Ardan estava vivo agora, e isso o convertia em veneno para ela.

—Está procurando sua Valquíria, guerreiro?

Ardan dirigiu seu rosto para aquela voz celestial. Uma mulher loira e alta, parecida com as mulheres troianas se aproximou dele e pegou seu queixo. Mesmo assim, ele a passava por uma cabeça.

Seus olhos prateados o estudavam com interesse, e ele fez o mesmo com ela.

—Valquíria? Você não é ela — decretou Ardan, a procurando entre aquela multidão disfarçada de falcões e corvos. Róta limpou a garganta e sem querer escapou uma risadinha. Freyja inclinou a cabeça de lado, entretida com seu atrevimento e seu menosprezo. Mas era normal: esse bárbaro não sabia quem era ela. Pobre ignorante.

—É o maior guerreiro que pisou em meu palácio. —Passou o polegar pelos lábios dele e Ardan afastou o rosto irritado. — Morreu e o ressuscitamos. Seria uma pena que alguém como

—você se desperdiçasse, não acha? — Freyja sabia perfeitamente que Bryn estava soltando fogo pelas ventas e orelhas; mas o certo era que esse escocês se erguia como um macho único.

—Não me toque tanto, mulher. Não te dei permissão. —Seus olhos cor caramelo se escureceram, e um sorriso sardônico marcou sua boca. Odin se levantou e aplaudiu Ardan.

—Não posso acreditar nisso! O primeiro! —exclamou rindo abertamente. — O primeiro que não se deixa hipnotizar, Frígida! Um bom *einherjar* esse!

—Se cale, Olho-Tonto — respondeu Freyja soltando Ardan e encarando Odin. — Ainda tenho que dar as boas-vindas, sabe?

—Não o fará desta vez — advertiu ele. A recepção que Freyja prodigalizava a seus *einherjars* o deixava doente. Sempre o fez. A quantos homens beijou a maldita deusa diante dele? A tantos que já nem se lembrava.

—Não? Vai me deter? —perguntou ficando na ponta dos pés para ficar quase da sua mesma altura. Quase nunca fazia esse gesto, pois não precisava se levantar diante de ninguém; apenas diante de Odin. Porque ele era... Bom, era ele. E ponto. — Imaginava... Imaginava que não faria nada. Mas eu sim. —Deu a volta de novo e elevou o queixo desafiando de novo Ardan. — Sou Freyja, a deusa Vanir. E graças a mim pode ficar com essa... sereia, ou como seja que a chama. Terá que me respeitar, entendido? As deusas não pedem permissão para nada, e menos para tocar um mundano como você.

Imobilizou-o com seus poderes, aproximou seus lábios dos dele e o beijou na boca.

O beijo de Freyja, um clássico nas boas-vindas dos *einherjars*.

Era como um batismo: como se a deusa desse permissão para que esse homem compartilhasse a eternidade, o quarto e os cuidados de uma de suas Valquírias.

Quando Freyja separou seus lábios dos dele, Ardan continuava com os olhos abertos, sem pestanejar, lhe dirigindo um olhar assassino.

—Tem a alma muito perversa —assumiu Freyja limpando o canto dos lábios. — Acredito que alguém encontrou a forma de seu sapato...

—E não é você, deusa.

—Se alegre por não mandar te açoitar, escocês. Não gosto de sua impertinência.

—Onde. Está. Ela? —perguntou de novo Ardan com um olhar de aço.

A ambrósia fazia estragos. Ardan sentia o sangue rugir em suas veias, as percorrendo como se fosse uma corrida de cavalos loucos. Como os de sua terra.

Morreu no mar da ilha de Man e, ao tomar seu último fôlego, aquela bela loira sorriu entre as nuvens, como se ele fosse seu mais prezado amanhecer. Parecia tão feliz ao vê-lo.

—Estou te esperando. Eu cuidarei de você — havia dito. E Ardan não entendia, porque era a primeira vez que se viam; mas o efeito daqueles olhos de tão bela cor esverdeada e dessas covinhas marotas nas bochechas o devastou e pôs de joelhos num instante. Apaixonou-se, atravessado pela honestidade e desafio de seus olhos; pela aceitação. Uma flechada. Em vida, nenhuma mulher o atraíu muito para querer reclamá-la. Nenhuma suficientemente forte. Desfrutava com elas, mas nenhuma tocou seu coração. E era curioso que, uma vez morto, a encontrasse.

Por que? Por que ela apareceu assim? Acaso sabia quem era? Sabia o que era? Tudo que já fez? Conhecia seu lado escuro?

Mas isso não importava. Ela o chamou como uma sereia, e ele caiu em seu feitiço como um vil marinho, como o líder da armada naval de seu amigo e rei Áedán Mc Gabráin que era.

Um líder caído e morto porque não cobriu suas costas. E aquilo supostamente foi um descuido mortal. Mas se a morte tinha o rosto dessa mulher, então desejou ter falecido muito antes.

Dispôs-se a procurar sua sereia entre aquela multidão de corvos e águias, mas, quando deu o primeiro passo para achar seu objetivo, o caolho loiro tocou seu peito com a ponta de sua lança. Seus joelhos cederam e seu corpo convulsionou.

Que demônios fez? Algo percorreu suas costas, como as pontas de milhares de navalhas cortando e marcando sua pele. Seus músculos se definiram e seu corpo se afiou preciso e cortante como uma escultura. Pulseiras de titânio rodearam seus antebraços, e seus ombros se cobriram com ombreiras metálicas. O tartán se desmaterializou e, em seu lugar, cobriu sua pele uma calça de couro negro com um cinturão metálico.

Seus olhos cor de caramelo clarearam e se tingiram das cores do sol ao entardecer, mas mantiveram essa tonalidade amendoada tão profunda e sedutora. Levou as mãos à costas e olhou acima do ombro para ver o que estava acontecendo nelas. Uma tatuagem.

Asas tribais incríveis que rodeavam suas costas todas e se abriam até alcançar parte de seus ombros e bíceps.

Asas negras e douradas. Jogou o pescoço para trás e soltou um comprido grito de dor.

Ardan ficou prostrado diante da deusa e do caolho, e o loiro da harpa começou a cantar e evocar versos sobre quem era ele. Falava de um líder escocês que sulcou os mares, lutando por sua terra e combatendo a barbárie de algumas tribos.

—É meu *einherjar* a partir de agora — comunicou o caolho. — Te outorguei o dom *druht*. Foi um grande guerreiro na Terra, Ardan. Mas agora necessito que preste seus serviços em Asgard. Meus *einherjars* e minhas Valquírias são meu exército.

—Seus *einherjars* são seu exército. — Assinalou Freyja com aborrecimento. — As Valquírias são minhas.

—Se treinará em nossos reinos como guerreiro — continuou Odin ignorando Freyja — e estará disposto a descer ao Midgard quando chegar o momento da batalha final. Enquanto isso, este é seu novo lar.

Para Ardan, a ambrósia dava todo o conhecimento que necessitava. Notava-o em seu modo de pensar e assumir aquelas palavras.

Nunca o assustou a morte e, como bom filho de pai procedente do norte da Irlanda, acreditou sempre nas lendas do além; assim não foi muito difícil entender aquela nova realidade.

A vida era tão mágica e imprevisível que não concebia que a morte a apagasse toda. Não; a morte era apenas um novo passaporte, uma nova entrada a um novo estado e ser. Não um fim.

Certamente, se os humanos entendessem que só recordariam uma vida, viveriam a sua de outro modo, com outra intensidade.

Não entranhados na guerra e destruição como estavam nesse momento.

E agora era um *einherjar*; e embora ele preocupasse o trabalho que fez no Midgard — caralho, já pensava como eles... sabia que apenas seu melhor amigo, John, sentiria sua falta. Ninguém mais.

Seus pais morreram, e seu irmão caçula também. John era sua única família.

—Quando um guerreiro se converte em *einherjar* tem a opção de reclamar um desejo para alguém na terra —explicou Odin. — Quer desejar algo a alguém?

—Algo bom? Algo mau? Adoraria que o Império Romano desaparecesse por completo. É possível?

Odin sorriu e estalou a língua.

—A humanidade tem que evoluir por si só. Não podemos alterar esses ciclos de autodestruição. Se matarmos os romanos, sua história se modificará. — Negou com a cabeça. — Tente outro desejo.

Ardan não pensou duas vezes:

—Quero que meu melhor amigo John encontre a felicidade.

Odin e Freyja se olharam e sorriram abertamente.

—Disse que pediria isso mesmo — murmurou o deus.

—E eu disse que pediria antes a morte dos romanos — replicou Freyja mal-humorada.

—Perdeu, deusa — decretou como único conhecedor de uma aposta privada entre eles. Odin se virou e levantou a mão em sinal de despedida.

—Não perdi! — Freyja cravou o olahrem suas largas costas. — O que acontece é que você decidiu conceder o segundo desejo em vez do primeiro. Trapaceiro!

Odin se desmaterializou diante de seus olhos enquanto dizia:

—Pague sua dívida, Frígida. Espero por você. — e desapareceu.

—Que se dane, ciclope! —grunhiu entre dentes. Virou-se para encarar de novo Ardan. Continuava ofendida pelas artimanhas do deus Aesir, mas quase sempre ele fazia isso. O faria pagar nessa mesma noite.

— *Einherjar*, procure sua Valquíria entre a multidão, e ela te dará um nome — explicou Freyja. — A partir de agora, pertencem-se. Se alimentarão, curarão suas feridas e um se encarregará do outro. Lutarão juntos sempre. Têm um *kompromiss*.

Por alguma razão, compreendeu tudo que Freyja dizia. Sabia o que era o *kompromiss*: uma relação de dependência entre a Valquíria e o *einherjar* que ia além do humano e conhecido. E estava disposto a ter esse compromisso com a loira de olhos cor turquesa.

De fato, fervia de desejo de conhecê-la enfim.

O higlander se dirigiu à multidão de aves com corpos femininos e voluptuosas curvas. Todas o olhavam famintas e, ao mesmo tempo, receosas.

Com olhos inquisitivos observou as mulheres.

Havia muitos outros guerreiros golpeando o chão com seus pés, o saudando e dando boas-vindas. *Einherjars* como ele.

Ardan divisou um movimento pela extremidade de seu olho direito.

Uma cabeleira loira presa num capacete de corvo rodeado de plumas negras chamou sua atenção mais que o resto. Seu corpo e seus pés se dirigiram inclementes para ela.

Os elogios foram crescendo e, de repente, se fez silêncio quando o dalriadano parou diante daquela beldade que parecia intocável para outros, mas não para ele. Para ele não seria jamais.

Seu coração encolheu para, ao fim de poucos segundos, se expandir e explodir em seu peito. Os olhos daquela garota tocaram sua alma e se gravaram para sempre em seu espírito, em sua pele e em seu sangue. Jamais sentiu aquela conexão com ninguém.

Bryn inclinou a cabeça obedientemente em sinal de saudação; mas em seu olhar não havia nenhum pinga de submissão nem respeito por ele. Era toda descaramento e segurança.

Ardan sorriu e levantou uma mão para tocar sua bochecha.

A pele dessa Valquíria era cremosa e suave ao tato.

—Disse que ia cuidar de mim —murmurou ele. — Quando morri...

—Eu disse — assentiu Bryn aproximando seu corpo do dele. O magnetismo entre eles era incontestável; se atraíam como polos opostos, os de um homem e uma mulher, e o instinto selvagem que podia haver entre duas naturezas tão diferentes.

—O fará? Cuidará de mim?

—Sim. É óbvio.

—Qual seu nome, *maighdeann-mhara*? Sereia.

—Bryn — respondeu ela. Uma de suas mãos se levantou involuntariamente para tocar seu peito musculoso. Precisava fazê-lo. Aquele guerreiro foi feito para ela. A vinculação e a conexão entre eles, entre *einherjar* e Valquíria era quase imediata, e a General podia sentir os fios invisíveis de amor e paixão formando redemoinhos em seu coração como uma teia de aranha. — Sou a General das Valquírias — apontou com orgulho.

—Eu era líder dos dalriadanos.

—Sei — afirmou Bryn passando a ponta de seus dedos pelo mamilo moreno daquele macho.

—Você gosta de mandar?

As pestanas da garota revoaram e o olharam com atrevimento. Ela nasceu para mandar e liderar. É óbvio que gostava; mas sabia que o significado que Ardan dava a essas palavras era outro.

—É o que sempre fiz — encolheu os ombros num movimento surpreendentemente vulnerável. — É meu destino.

Ardan entrecerrou os olhos até que se converteram numa fina linha marrom clara. Graças aos deuses... Uma mulher que não o temeria nunca.

—E você? —perguntou Bryn. — Gosta de mandar?

—Não fui feito para obedecer, anjo. Mas gosto de jogar.

Gúnnr pigarreou e olhou para o outro lado, com as bochechas vermelhas como tomates.

Róta, pelo contrário, tinha os olhos arregalados e sussurrava:

—Agora, agora General... — dizia emocionada. —Coloque a língua na sua boca!

Bryn, completamente alheia aos olhos que recaíam eles, lambeu os lábios e inclinou a cabeça de lado, raspando o mamilo com uma de suas unhas e admirando como endurecia diante de seus olhos.

—Jogaremos, então.

—A deusa disse que me dará um nome — olhou maravilhado o contraste entre o cabelo loiro da jovem e os dedos grandes e morenos dele, que não podiam parar de brincar com seu cabelo. — Diga. Chamarei-me como você quiser.

Bryn se abstraiu de tudo que tinha ao seu redor e se centrou nele. O resto deixou de existir e entrou numa realidade formada por ambos em que ninguém podia penetrar.

Os olhos marrons claros do highlander sorriram com ternura e possessividade, e os turquesas de Bryn faiscaram com cumplicidade.

— É Ardan das Highlands. Meu escocês.

CAPÍTULO 2

Palácio Vingólf

Residência das Valquírias

Eras atrás

Bryn convidou Ardan a entrar em seu quarto.

Os guerreiros o acolheram imediatamente e o haviam mostrado suas cotas de treino, assim como os recintos do Valhala.

Mas, depois da rota guiada, tinha que passar a noite com ela. Os *einherjars* e as Valquírias com *kompromiss* podiam passar as noites juntos se assim o desejassem.

Bryn estava tão excitada e ansiosa para dormir com ele que seus olhos se tornaram vermelhos de desejo, como suas asas, granadas de paixão. E o pior era que, sendo uma maníaca por controle como era, isso era algo que não podia dominar. Estava louca para tocá-lo e poder desfrutar de Ardan. Seu coração dava saltos sob seu peito e suas orelhinhas bicudas se moviam emocionadas.

Mas quando viu Ardan sob o arco da porta, ocupando todo o espaço, ficou sem palavras.

O highlander sorriu ao vê-la, e sua cicatriz no canto do lábio se elevou para cima diabolicamente. A olhou de cima abaixo, umedecendo os lábios com a ponta da língua.

—O Valhala é incrivelmente sensual e descarado — apontou com voz rouca e os olhos cor de caramelo faiscantes. Bryn só podia pensar na cor de seu olhar. Tinha a linha dos olhos tatuada?

—Os *einherjars* me disseram que posso ficar aqui com você, —continuou o guerreiro — que a relação entre nós é de cura, mas também pode ser íntima. E meu desejo, Valquíria, é passar cada uma das noites aqui, ao seu lado.

Bryn sabia que a estava avaliando sem as roupas de corvo. E ela era consciente do sexy que se vestiu para ele. Sabia que só usava um top de metal preto e uma calcinha quase transparente, que cobria aquilo que não devia ser mostrado nem tocado por ninguém que não fosse o highlander. E tinha a sensação que o guerreiro adorava como estava vestida.

Sim, as Valquírias eram criaturas muito sexuais. Entretanto, eram todas virgens. Freyja não permitia que suas guerreiras fossem desonradas pelos homens. A deusa, embora fosse uma grande cadela, agia de modo muito ciumento com elas, e não gostava que pusessem suas mãos sobre aquilo que considerava dela, embora fosse um pensamento egoísta. Bryn viu muitas Valquírias chorando de raiva e frustração, vítimas de soberanos aquecimentos provocados pelas mãos de seus guerreiros com *kompromiss*... E *einherjars* gritando e lutando, desesperados por não poder possuir suas fêmeas.

—Também desejo que fique aqui — se apressou a dizer. — Preparei tudo para você. —Se afastando, o convidou a entrar. — Te feriram no peito... Tem um corte.

Ardan arqueou uma sobrancelha negra e estilizada.

Ela fez o mesmo e também observou seu traje.

Estava suado; tinha as pulseiras de titânio recolhidas em seus antebraços, e as espadas ocultas em suas bainhas. O cabelo preso numa espécie de coque alto que lhe dava um aspecto exótico e, ao mesmo tempo, bárbaro. Seus lábios grossos e sua perfeita dentição branca permaneciam entreabertos, a olhando com um fogo caramelado e ambarino, como se a chama ardesse neles. Os músculos haviam inchado devido ao exercício.

—Estive lutando. —Entrou como Amo e Senhor daquele lugar. — Pelo visto, é a única coisa que os *einherjars* fazem aqui. Lutar e beber hidromel. Eu gosto.

—Sim. Somos guerreiros. Valquírias e *einherjars* se exercitam para dar o melhor de nós quando chegar o dia marcado. Mas depois do treinamento vem o melhor: a cura e o cuidado das Valquírias.

—Estou desejando. —Deu a volta e a encarou, suado e sangrando como estava nesse momento. — Mas estou jorrando.

—Não me incomoda — o suor não a incomodava. Ardan cheirava a mar e tormenta, e Bryn adorava a chuva, os raios e as centelhas. Sua essência a embriagava.

O highlander analisou o quarto; a jovem tinha evocado um mirante como os escarpados dos penhascos da Ilha de Man, na Irlanda. Nos quartos do Vingólf, as Valquírias podiam criar qualquer cenário só com a mente. E a General pensou que ele gostaria de ter essas vistas. Ardan se sentiu honrado que a sereia desse suas boas-vindas desse modo. Já estava pensando nas milhares de coisas que queria fazer sobre a cama, no chão, contra a parede... De todos os modos possíveis.

Bryn colocou uma cama enorme com almofadas vermelhas e douradas, como os de um harém turco, no centro da sala. Uma mesinha descansava aos pés do leito com várias bandejas cheias de comida; frutas, doces, pães e carnes. Cheirava uma maravilha.

Ardan se colocou na frente do mirante, com os olhos fixos na vista magnífica da praia da costa irlandesa. Ali lutou e morreu, mas agora parecia que era o rei daquele lugar. Que nada se perdeu. Que não fracassou como líder.

Bryn desejou poder abraçá-lo e consolá-lo. Ele era muito grande e musculoso e, como tal, suas emoções eram igualmente fortes; tanto que também a varriam e alcançavam. Agora tinham um *kompromiss*, e como líder guerreira sabia o que ele estaria pensando.

Seu território. Sua vitória. Sua terra. Estava diante dele, em paz.

Inclusive podia cheirar o sal do mar e o vento, que penetrava em seu salão.

—Me honra, Valquíria — murmurou, inspirando profundamente.

Bryn sorriu e se colocou atrás dele. Por todos os deuses, ardia de desejos de tocá-lo e libertá-lo de suas ombreiras e suas calças... Mas era enorme e ela muito pequena ao seu lado em comparação.

Suas asas tribais eram lindas: viris e desafiantes. A típica tatuagem que só podia tocar se o dono te desse permissão.

—Me mataram pelas costas. O que mais detesto é traição, sabe? Alcançaram-me por trás — reconheceu abatido e sério. — A batalha de Degsastan levou muitas vidas. Supunha-se que devíamos conquistar as Órcades e a Ilha de Man; nosso exército naval era invencível. Eu... Estava preso numa luta com dois anglos, já quase tinha ganho. Mal restava um inimigo em pé e de

repente... — Levou a mão às costas— ... senti como a flecha me atravessava pela omoplata e alcançava meu coração. Caí fulminado.

Bryn roçou com a ponta dos dedos o ponto onde entrou a flecha. Sua pele estava quente e úmida; e sob essa capa antiga de suor, jazia o potencial musculoso de um homem que viveu para a guerra.

Ardan se esticou ao sentir o tato da garota e a olhou por cima do ombro.

Bryn levantou o queixo e seus olhos turquesas mediram sua reação.

—Disse a Freyja que não te tocassem sem sua permissão — pronunciou inalando seu aroma. Chuva limpa.

—Sim. Não gosto que me toquem à toa. Meu corpo é um templo e só eu digo quem entra nele.

Bryn adorou essas palavras. Ela também era assim.

Nenhum guerreiro se atrevia com a General se queria manter suas mãos no lugar.

—É meu einherjar. Já tenho esse poder sobre você — contestou sem medir sua terminante afirmação.

Ardan se virou e a rodeou com os braços até prendê-la contra um dos postes da cama. Assim. Plas! Sem avisar.

Bryn piscou impressionada. Quase desaparecia entre seus braços, mas a Valquíria tinha um halo poderoso que nunca passaria despercebido. Nem para ele, nem para ninguém.

—Cuidado, Valquíria. Não sabe o tipo de homem que sou. — a acatou, afundando os dedos em seu cabelo loiro.

Mas ela sabia. Só um homem como Ardem podia acender o fogo de sua paixão. Ninguém mais o faria.

—Me explique como é, escocês.

—Sou... muito — exalou, perdido na beleza de Bryn. Era tão bonita; ativa e sugestiva de um modo muito delicado, muito dela. E o deixava como um touro. — Muito possessivo, muito protetor, muito apaixonado, muito cruel e exigente... Sou fiel e íntegro. E cuido do que me pertence e é digno de mim. Mas sou assim. E é minha natureza e só exijo o mesmo dessas pessoas que são capazes de se entregar como eu. — Massageou sua nuca com os dedos. — Você é diferente de todas as mulheres que vi, inclusive todas que observei aqui no Valhala. Não há uma Valquíria que irradie tanto poder como você.

—Não.— assegurou Bryn fechando os olhos e se entregando a essa massagem com abandono. — Sou Bryn, “a Selvagem”. Minha fúria e minha força não têm nada a ver com as das demais *nonnes*.

—Dou-me conta disso — sussurrou a um passo de seus lábios. — Sabe? Nunca pensei que me alegraria de morrer.

Os cílios de Bryn revoaram e seus olhos sorriram com cumplicidade.

—Morrer me deu a oportunidade de me encomendar a você — ele reconheceu roçando seu nariz com o dela. — E é a primeira vez que tenho uma mulher ao meu lado que pode estar à altura das minhas necessidades e das minhas exigências. Se entregará a mim de corpo, alma e coração?

O olhar inflexível de seu homem transpassou seu espírito e cobriu de calor cada canto frio e gelado de seu corpo. Um corpo não tocado por nenhum macho, porque jamais o permitiu. Pelo contrário, Ardan fez em poucos segundos mais que alguém se atreveu a fazer em eras. Estava acariciando seu cabelo, esfregando seu nariz com o dela, a abraçando... Sim. Ardan era dominante. E uma mulher como ela, tão direta, tão poderosa, acostumada a ordenar, só poderia desfrutar do sexo e amor com alguém que também fosse o suficiente corajoso para se atrever a desafiá-la.

Ele era o complemento perfeito para sua mente e corpo. Mas, sobretudo, era o ideal para entregar seu coração.

A escolheu e ela se apaixonou. O *kompromiss* entre Valquirias e *einherjars* era como uma flechada.

—Me entreguei a você, de corpo, alma e coração — prometeu Bryn.

O sorriso que esse homem dirigiu por pouco não desfez seus joelhos.

Era bonito, puro e um pouco canalha, mas cheio de honestidade.

—Sou mandão —assegurou levando uma mão à sua suave bochecha. —E rude. Mas nunca te farei mal. Nada do que possa te fazer jamais te machucaria.

—Sim — assentiu ela, o olhando fixamente. — Sei. Não me assusta. E eu... Não sou fácil. — Esfregou sua bochecha contra a palma de sua mão. Deuses, como era bom. Ardan a adorava com apenas um olhar, com a reverência de sua voz e o tato de suas mãos. É óbvio que se entregaria a ele. — Mas estava desejando que viesse para mim. A vida no Valhala foi muito dura sem meu *einherjar*.

—É romântica, Bryn?

—Muito. Mas não diga a ninguém. Tenho uma reputação a zelar.

Ardan sorriu e baixou a cabeça para beijar sua bochecha. Sim; os *einherjars* tinham falado de Bryn. A definiam como inalcançável, letal, arisca... Fria como um iceberg. Mas sabia que sua Valquíria não era assim. O que acontecia era que estava esperando a ele para poder mostrar todo esse fogo interno que tinha.

—Você zela por sua reputação, que eu alimentarei sua alma — sussurrou em seu ouvido— Mas só tenho uma coisa a objetar.

Bryn ficou na ponta dos pés e apoiou as mãos em seu peitoral.

Ardan se separou dela e a olhou com solenidade.

—Qual? —tropeçou para frente.

—Nunca me traia, Bryn — os olhos marrons escuros esfriaram enquanto a advertia sobre aquilo que mais odiava. Bryn negou de um lado ao outro enquanto meditava sobre isso.

Como ia trair o homem cuja alma lhe pertencia? Nunca.

Não poderia fazê-lo jamais.

—Não o farei, Ardan.

—Prometa isso. A promessa de uma Valquíria é inquebrável, verdade?

—Assim é.

—Então, faça. — ordenou insistente.

—Prometo não te trair nunca, Ardan.

O highlander relaxou e deu um olhar mais doce.

—Qual é sua regra?

Bryn deixaria muito claro.

—Nunca me obrigue a escolher entre minhas *nonnes* e você. Jamais me ponha numa encruzilhada desse tipo.

—Não o farei — jurou ele, sorrindo de orelha a orelha. — É a General e também minha Valquíria. Saberá escolher.

Bryn se pôs a rir e Ardan encolheu os ombros, sorrindo como um trapaceiro. Esse tipo era presunçoso, mas gostava muito. Adorava que deixasse as coisas tão claras.

Olharam-se em silêncio e o ar se espessou entre eles.

—Valquíria?

—Hum?

—Tem os olhos vermelhos. Isso significa que me deseja?

—Estão assim desde que chegou ao Valhala — reconheceu com honestidade.

Ardan deu dois passos para ela e voltou a rodeá-la com seus braços, colocando seu corpo entre seu peito e o poste da cama.

—Me tire as proteções — ordenou.

A ordem se impregnou nos ossos de Bryn e a abraçou sob seu ventre.

Nunca sentiu o vazio físico como sentia agora. A excitação a deixava ansiosa.

—Nunca me deram ordens.

—Eu as darei — assegurou ele. — E estará encantada em me obedecer.

—E você me obedecerá ?

Ardan inclinou a cabeça de lado e a estudou com interesse.

—Não. Você não quer que eu a obedeça, porque está cansada disso. Precisa de outra coisa. Mas seus desejos são como ordens para mim.

Bryn engoliu e sorriu interiormente. Ardan já sabia coisas dela, e acabavam de se conhecer. Fascinante.

—Ardan?

—Sim.

—As Valquírias devem permanecer virgens. —Se apoiou no poste da cama, mantendo uma distância prudente do magnetismo sexual que havia entre eles.

—Sei. A ambrósia me deu toda a informação que precisava.

—Ah. Já sabia? Que bom. Perfeito. O incomoda? E isso... Isso está bom para você?

—Não — respondeu ele a estudando como se fosse um festim. —Mas o tempo nos dirá se vamos poder manter a ordem de Freyja. Sei que se uma de vocês se deixar possuir por um homem, Freyja a exilará no Midgard, sem poderes.

—Sim. E por isso vamos respeitar sua lei — sentenciou sem lhe dar tempo para que replicasse.

—Acredito que posso respeitá-la. Mas duvido que você aguente. Assim que puser as mãos em você, sereia, vai me suplicar e rogar que entre dentro de você.

Bryn sorriu malignamente. Oh, que presunçoso. Como gostava!

—De verdade?

—Sim.

—Então venha e me faça rogar, escocês.

Ardan a agarrou nos braços e a jogou em cima da cama como se fosse um saco de batatas. Bryn soltou uma gargalhada e o olhou com descaramento, brincando de gato e rato com ele, querendo se afastar de suas garras.

Estimulante. Era enlouquecedoramente estimulante estar com um homem que não a temia e nem tinha perdido todo o respeito.

Ele ajoelhou sobre o colchão e a puxou pelos quadris, aproximando seu corpo ao da jovem. Suas estaturas eram tão díspares que Bryn parecia uma garotinha ao lado daquele exemplar masculino.

—Vou te tocar por todo lugar, Valquíria. Agora me pertence.

Bryn ronronou; rodeou seu pescoço com as mãos e afundou o rosto nele. Ardan deslizou a calcinha preta por seus quadris e coxas e a deixou nua. O pelo púbico loiro de Bryn brilhou à luz das duas luas asgardianas. Dirigiu os dedos ao top e os tirou com delicadeza.

—Gosto de sexo, Bryn. Mas com você... poderia ser outra coisa. O que sinto ao te olhar é algo que não posso nomear. —engoliu e cobriu seus seios com as mãos, engolindo-os por completo. — E me confunde, porque acabamos de nos conhecer.

Bryn sentou sobre seus calcanhares e ele fez o mesmo. A loira acariciou suas peludas e musculosas coxas e introduziu as mãos por sua virilha.

—As Valquírias tem um ditado: Cupido é, na realidade, uma mulher Valquíria. Os *einherjars* e as Valquírias com *kompromiss* sofrem as feridas permanentes de suas flechas. E, quando se reconhecem pela primeira vez, o arrebatamento passional que experimentam é como um fogo inextinguível. É para sempre. Alguma vez viveu algo assim na terra? — Arranhou o tecido de sua calça de couro com as unhas.

—Na terra? —perguntou aniquilado pela imagem nua de sua particular Branwen, a Vênus dos mares do norte. — Nunca. As mulheres no Midgard foram apenas um passatempo.

—Alguma vez se casou?

—Não — se pôs a rir e seu olhar escureceu. — Quem ia querer um marido de apetites tão exigentes como eu?

Bryn mordeu o lábio inferior, feliz por saber que Ardan não se enlaçou com ninguém, e desabotoou o botão da cintura da calça. Apetites exigentes? Seu olhar turquesa se avermelhou com mais intenção.

—Que apetites tem? —Os olhos de ambos colidiram enquanto Bryn penetrava uma mão dentro da calça.

—Apetites muito romanos, sereia. Vai se atrever a me tocar ou...? Demônios! — Bryn tinha rodeado parte de seu pênis com a mão.

A jovem arregalou os olhos ao comprovar o que tinha esse animal entre as pernas.

—Deuses... — sussurrou. — Apetites romanos?

—Sim — grunhiu e abriu mais as pernas para que ela o acariciasse melhor. — Tem ideia do que me refiro?

Bryn piscou, e suas bochechas avermelharam ao roçar a pele acetinada de seu membro.

—Acredito que sim.

Às vezes, Freyja ensinava os costumes dos terrestres às suas virgens Valquírias. Mostrou o trato entre amos e escravas da Grécia clássica e os amores licenciosos. Às vezes, essas relações eram pintadas de amor; e, outras vezes, não; em algumas atitudes dominantes se refletia o único desejo de jogar e se divertir; em outras, apenas se tratava de ferir e machucar. Não obstante, foi na Roma imperial onde a flagelação, os açoites, e os castigos sexuais de homens e mulheres se elogiaram como uma arte.

A isso se referia Ardan. Ele tinha gostos romanos.

O que não sabia Ardan era que o gosto dos romanos procedia de seus deuses. Marte e Vênus cometeram verdadeiros açougues entre eles. Freyja explicou que os deuses gregos e romanos eram os mais sádicos de todo os panteões. Eros e Afrodite eram perversos a não mais poder.

Embora Bryn também pudesse comprovar que os Aesir e Vanir não ficavam atrás. Os deuses gostavam da dominação e submissão. Eram pessoas de poder e requeriam esse tipo de alívio para comprovar que os queriam e respeitavam pelo que eram.

Quando via o que a deusa mostrava, sempre se excitava. Que uma pessoa com tanta força e energia exigisse a rendição física e emocional de outra igualmente forte a fazia se sentir vulnerável; e dado seu caráter e dom de comando, chegar a pensar que alguém pudesse dominá-la e oferecer aquilo que desejava, acelerava seu coração e esquentava seu corpo.

Ela mesma se imaginava realizando essas práticas com o homem adequado, às vezes embaixo e outras em cima. A General não julgava nada. Simplesmente desfrutava se outros o faziam. E se essa gente era feliz se infligindo castigos desse tipo, tinha que respeitar.

O amor e a paixão se escondiam sob muitas formas, e nem todas eram doces. Também havia as tormentosas.

—Sim — gemeu Ardan abrindo mais as pernas. — Sabe muito bem a que me refiro, verdade, preciosa?

—Sim.

—Tire minhas calças. —Ardan se estirou na cama e levou Bryn com ele. A Valquíria engatinhou sobre seu corpo e brigou com a roupa e botas para acabar de despi-lo. — É forte.

—As Valquírias são fortes — sentenciou passando os dedos pelas panturrilhas.

Ardan abrangeu uma de suas nádegas com a mão e a apertou com os dedos.

—Me alegra saber disso. Preciso que seja forte para tudo que quero te fazer. Oh, maldita seja... —murmurou delineando as asas tribais vermelhas de Bryn. — São lindas.

—Recorde isto... — Bryn se virou e sentou, nua como estava, escarranchada sobre o incrível, descomunal e anormal pau de Ardan. Perdeu o fio das palavras quando o viu. Erguia-se entre um arbusto de cabelo negro e chegava ao umbigo. Era muito grosso e venoso, de pele morena e dourada. A Valquíria engoliu e lambeu os lábios secos. — Ora...

Ele levantou os braços acima de sua cabeça e jogou as almofadas no chão. Cruzou as mãos sob sua nuca, e puxou ar com presunção.

Que olhasse o quanto quisesse, estava bem orgulhoso de seu tamanho.

—Ora? O que preciso recordar, Bryn?

—Bem... Menos mal que isso não pode entrar em mim —murmurou assombrada pelas dimensões do guerreiro.

—Não esteja tão segura. No final, me pedirá isso. E te darei encantado. Agora me diga: o que devo recordar?

—Minhas asas —sussurrou deslizando os dedos por seu peito. — Douradas quando estou tranquila e em paz. Vermelhas quando sinto fúria e desejo. E azuis esbranquiçadas quando... Quando partir meu coração.

—Nunca as verá dessa cor enquanto eu estiver ao seu lado, Bryn. — Ardan levantou uma mão e envolveu sua bochecha. — Cuido de você, cuido do que é meu. Nunca duvide disso.

Aquelas palavras a embalaram como um bebê e a fizeram se sentir segura. Inclinou-se sobre Ardan e apoiou a ponta dos dedos sobre a ferida que tinha no peito. A *hellbredelse* agiu. A pele se iluminou e cicatrizou ao longo de suas carícias.

Ardan observou assombrado e Bryn sentiu como seu membro ficava ainda maior e pesado.

—Também cuido do que é meu —sussurrou apoiando seus seios nus sobre seu peitoral curado. — E agora, o que faremos? —perguntou Bryn espectadora.

O rosto do guerreiro endureceu; o desejo produziu estragos em seu corpo e em seu olhar. Tomou seu rosto entre as mãos e disse:

—Agora está em minhas mãos, Valquíria. Sou um dalriadano e temos um costume com nossas mulheres — dirigiu seus dedos ao brinco de ônix que pendurava do lóbulo de sua orelha direita. Bryn vigiou seus movimentos. Mal podia pensar. Sua pele estava quente e tensa, e estavam tão nus e expostos que não havia como ocultar nenhuma parte de seus corpos. Tinha aquele membro entre as pernas; era a primeira vez que via um de tão perto, e sabia que não era normal. Nem indecisa nem preguiçosa, com sua peculiar decisão, sem pedir permissão a ninguém, abriu as pernas e começou a rodar seus quadris e a roçar contra ele.

Ardan começou a rir. Pegou seu brinco e o colocou diante de seu rosto.

—Está escorregadia aí embaixo — grunhiu agitando o ônix com os dedos.

—Sim — respondeu trêmula.

—As Valquírias são virgens, mas você não é nenhuma dissimulada — apreciou orgulhoso.

—Não somos mulheres normais. Somos guerreiras. Acostumadas à dor e à batalha, e não sou tímida. Além disso, morro de vontade que nos toquemos, Ardan.

—Deuses... Tão honesta — deslizou sua mão pelas costas ao longo de sua coluna vertebral. — Gosto que seja tão sincera, Bryn.

—O que vai fazer com isso? —perguntou ela olhando para o brinco.

Ardan desviou seu olhar caramelo para os pequenos mamilos rosados e duros de Bryn. Lambeu os lábios e sorriu.

—Vou colocar meu adorno. —Ergueu-se e pôs suas mãos sobre os seios da jovem. Cobriu-os por completo. — Os dalriadanos marcam nossas mulheres com nosso brinco. Gostamos que carreguem algo de nossa propriedade. Tem algo pontudo? Sentirá uma pequena dor.

As orelhinhas de Bryn se mexeram excitadas.

—Não precisa de nada pontudo —respondeu Bryn. — Use o próprio brinco; e depois me cure. — Ardan piscou e riu asperamente.

—De acordo. —Pegou o seio esquerdo em sua mão e o amassou com delicadeza. Depois inclinou a cabeça e o lambeu como um felino.

Bryn jogou a cabeça para trás e fechou os olhos. Era a primeira vez que sentia as carícias de um homem nessa área de seu corpo. Era a primeira vez que deitava numa cama com um. E as sensações eram novas e deslumbrantes. Gloriosas para seu corpo que nunca foi acariciado.

—Eu gosto, Ardan...

Ele ronronou e abriu a boca para tomar todo o broto em seu interior, sugá-lo e beijar de forma faminta.

—Gosto como reage, sereia.

—Hummm...

—Se agarre a mim.

Bryn obedeceu e agarrou seu pescoço.

Ardan pegou o brinco; colocou na extremidade no mamilo endurecido de Bryn e apertou com força e rapidez, até que o metal atravessou a sensível carne.

Os olhos de Bryn avermelharam e suas asas também.

O highlander o ajustou.

—Não vai soltar um de seus raios, verdade? —Mediu a reação da Valquíria.

Ela negou com a cabeça enquanto fechava os olhos.

Ele voltou a inclinar sua boca para seu mamilo trespassado e o lambeu, limpando o sangue, a reconfortando.

—Pronto. —Sugou um pouco mais. — Já passou a dor?

Não, não tinha passado; mas a essa dor se acrescentou a cura da língua úmida do dalriadano; e Bryn se sentia confusa.

—Me olhe, Valquíria. —Ele pegou seu rosto entre as mãos. — Dói? Está bem?

Bryn o observou ofendida.

—Sofri dentadas de trolls, golpes de orcs e flechas dos elfos escuros... Atravessaram-me com espadas e tentaram me torrar com raios. Um adorno no mamilo não vai me fazer desmaiar.

—Gggrrrr... —Ardan deu a volta e se colocou sobre ela, a aprisionando com seu grandioso corpo. — Tenho uma deusa da guerra em minha cama?

—Tem.

—Para sempre?

—Sim.

—Bom.

—Genial... — Bryn se apertou contra ele, rodeou sua nuca com os braços e ordenou: — Agora, me beije.

A boca de Ardan caiu sobre a de Bryn como um manto cheio de promessas de eternidade, noites passionais, amor ardente e fidelidade total e irrevogável.

Ardan e Bryn pareciam feitos um para o outro. Não havia mais realidade nem mais verdade no Valhala que essa.

CAPÍTULO 3

Palácio Vingólf

Residência das Valquirias

Eras atrás

Com o passado do tempo, a General e o highlander descobriram que havia mil formas de se tocar sem precisar que houvesse penetração. A virgindade de Bryn seguia intacta; embora, o desejo entre eles crescesse e se tornasse insuportável.

Precisavam consumir o ato.

Havia noites em que Ardan a provocava até o inexprimível, jogando com sua resistência, tocando essa parte dela que não podia ser corrompida, nem sequer por seu *einherjar*.

Um dia, nos bosquezinhos ao redor da terra dos elfos de luz, depois de uma árdua batalha de treinamento entre elfos, Valquirias e *einherjars*, Bryn curava Ardan enquanto Róta e Gúnnr os olhavam encantadas.

Eram um par muito chamativo por suas diferenças físicas, mas, sobretudo, pela aura de poder que irradiavam como indivíduos. O futuro líder dos *einherjars* e a General das valkyrias. Quem podia com eles? Ninguém.

Bryn sorriu para suas *nonnes* e pediu que a deixassem sozinha.

Gúnnr ruborizou e levantou apressadamente para os deixar na intimidade; mas Róta, que estava sentada na grama ao lado deles, apoiou o queixo sobre seus joelhos e deu um sorriso matreiro:

—Não quero ir. Quero olhar.

Bryn revirou os olhos e Ardan arqueou uma sobrancelha curiosa e incompreensiva.

—Não vou me despir na sua frente —disse Bryn sufocando uma gargalhada.

—Não? —repetiu Róta ofendida. — Somos irmãs! Devemos compartilhar, General! Além disso, Ardan é muito grande, está certa que pode com tudo?

Gúnnr abriu a boca estupefata e Bryn negou com a cabeça ajudando a ruiva a se levantar.

—Saia daqui. Não quero que olhe.

—E por que você pode e eu não? Percebe o quanto é injusto?! —Róta cruzou os braços, sabendo que o que dizia era incoerente. Adorava incomodá-los. — Não te dou pena? —Fez beicinho.

—Róta...

—É que é tão divertido! —exclamou a Valquíria. — Tem esse guerreiro em guarda todo o dia, e não entendo como ainda não te desvirginou! É divertido ver como tentam manter o controle...

—Temos tudo sob controle — respondeu Bryn.

—Neném —Róta arqueou suas sobrancelhas mogno e a olhou com incredulidade —, estão longe de ter controle nesta relação... Eu mesma fico excitado só de olhar.

Ardan começou a rir e levantou, com suas feridas ainda abertas, para passar um braço por cima de sua General.

—Não vamos te dar um espetáculo, Valquíria.

—Olhe, gigante, não me engana —Róta o apontou com o dedo — sei que vem do Jotunheim — o olhou de cima a baixo. Como não ia vir do Jotunheim grandioso como era? Tinha membros longos e musculosos e costas tão grandes como as de Odin.

Ardan emitiu uma gargalhada e Gúnnr soltou uma risadinha.

—Quando chegará seu *einherjar*, desbocada? —perguntou o moreno.

Róta olhou para o outro lado e chutou o chão com aborrecimento.

—Não sei! Faço sinais, o espero e fico até sem calcinha e quase sem roupa o dia todo! E aqui estou! Só e desperdiçada! — Bryn sorriu e pôs uma mão sobre o ombro de sua *nonne*.

—Chegará.

—Duvido —comentou Ardan provocando sua amiga.

Os olhos turquesas de Róta avermelharam e sorriu malignamente.

—Melhor que não suba porque, se tiver que vê-lo sofrer como vejo você, não acredito que passe bem no Valhala. Não entendo como seus testículos não explodiram.

—Pare, Róta! —exclamou Bryn divertida com os ácidos comentários de sua amiga.

Quando Gúnnr e Róta se foram, ambos puderam receber as curas um do outro. E nas curas, entre toques e carícias se excitaram de tal modo que acabaram caindo nus entre o mato de Alfheim.

—Não é boa ideia fazermos isto aqui... —protestava Bryn entre gemidos. — Esta é a terra dos elfos da luz, é um lugar sagrado... Ai, ai... OH, sim... me chupe aí —ronronou morta de prazer.

—Róta tem razão... Estou a um passo, Bryn — dizia ele, todo suarento, com seu cabelo preto e longo rodeando a ambos. Achava-se entre as pernas abertas da General, se esfregando nu contra ela. Bryn estava úmida e disposta, e o guerreiro se maravilhava do autocontrole que tinha a garota. Gozou muitas vezes sobre ela, em sua boca, em suas mãos... Mas esse não era o lar de sua semente. Sua semente devia acabar no interior de sua mulher. E não havia mais mulher que a bela loira desafiante que tinha sob seu corpo. — Morrerei se não puder te possuir.

Bryn sorriu e seus olhos esverdeados e claros o olharam com adoração e ternura.

Ardan piscou e sentiu que se apaixonava mais e mais profundamente por ela. Já estava. Amava-a. Ela era seu ar para respirar, seu apoio nas batalhas do Valhala; e formavam uma equipe irrompível e inquebrável. Mas para Ardan, que uma guerreira como ela fosse capaz de olhá-lo, e só a ele desse modo, o subjugava. Não sabia por que foi merecedor de tanta beleza.

—Não morrerá por não me possuir —assegurou ela. — Já sabe que não podemos fazê-lo.

—Freyja te mandaria para o Midgard — disse ele brincando com sua entrada, a penetrando muito pouco e logo saindo dela. Já o fez assim antes e, inclusive, chegaram ao orgasmo desse modo e juntos. Mas já não era suficiente. — Te exilaria. Mas eu iria com você. A seguiria onde fosse, Bryn. Jamais te deixaria sozinha. Seríamos felizes.

Bryn fechou os olhos e mordeu o lábio inferior.

—Adora me provocar e me colocar entre a espada e a parede.

—Melhor entre minha espada e o chão.

Bryn começou a rir e Ardan o fez com ela.

—Te adoro, Valquíria. Amo você. —prometeu ele com solenidade. Retirou-lhe uma mecha de cabelo muito loiro dos olhos e acariciou sua bochecha. —Preciso demonstrar isso com todo meu corpo. Seria tão ruim? Seria tão ruim que se entregasse a mim?

—Não seria ruim —assegurou ela. —Também quero. —Balançou os quadris para frente e para trás. — Mas temos uma responsabilidade. Querem que seja o líder dos *einherjars*. Já sabe o que pensa Odin de você; dentro em pouco o nomeará acima de todos no Valhala. E eu sou a General — explicou, como mil vezes já havia explicado. — Se o Ragnarök chegar, e chegará — assegurou —, devemos liderar nossos exércitos. Sem poderes, não poderei liderar ninguém.

—O poder e o dom de comando é uma atitude, Valquíria. E você os tem de sobra.

—Sabe que não é suficiente.

—Eu te protegeria.

—Os deuses não permitiriam isso. E este é meu lar, este é meu lugar...

—Bryn... —gemeu avançando os quadris, afundando seu rosto moreno no pálido pescoço da jovem. — Te desejo tanto... Quero estar dentro de você. Isto é uma tortura diabólica. E você é cruel.

Bryn sorriu docemente e o abraçou com força, beijando sua bochecha e mordiscando sua orelha.

—Não sou cruel, gigante. Também te desejo. *Jeg elskar deg*, Ardan. Mas isto não é nosso até que Freyja mude suas normas.

—Maldita deusa...

—Não fale assim dela — o repreendeu. Bryn gostava de Freyja; todas as Valquírias a respeitavam e veneravam.

—Sinto muito.

—Continua me querendo embora tenhamos essa... —olhou seu pesado membro entre suas pernas. Ela era loira, e ele tinha o pelo púbico escuro e frondoso — ... essa barreira entre nós?

Ardan piscou. Às vezes, Bryn parecia vulnerável quando duvidava que ele não respeitaria sua decisão de permanecer virgem.

—*Is caoumh lium thé, mo Bryn* —jurou ele. — Você é tudo que necessito em meu mundo.

—E você é o único que necessito no meu.

Beijaram-se e se tocaram como só era permitido fazê-lo.

Ardan introduziu dois dedos em seu interior e tomou cuidado em não tocar o hímen. Desceu por seu corpo e pôs a boca entre suas pernas, a estimulando, beijando, lambendo e mordiscando como sabia que a deixaria louca.

Como sempre o fazia.

Às vezes, era rude.

Às vezes, a colocava sobre seus joelhos e a acariciava com as mãos.

Às vezes, a açoitava. Dava bofetadas que enlouqueciam Bryn. Gostava que a provocasse, que a dominasse... Ela estava acostumada a ordenar e liderar; sua voz era respeitada entre todos os guerreiros, mas Ardan podia com ela, por isso estava tão enamorada dele.

Bryn sempre ansiou pela chegada de seu *einherjar* porque sabia em seu íntimo que o único que poderia domá-la seria um homem de caráter forte, que também soubesse pô-la em seu lugar, que não entregasse tudo mastigado. Que não a obedecesse às cegas.

Bryn era a mão direita de Freyja e dominava quem quisesse.

Mas, quem a colocaria de joelhos?

Tudo era muito fácil, e sua alma inquieta reclamava emoções fortes ou poder compartilhar seu comando com um guerreiro que realmente pudesse desafiá-la e exigir o melhor dela.

E Ardan chegou ao Valhala. E todos os seus desejos se tornaram realidade.

E, por todos os deuses... Como jogava com ela! Bryn o respeitava, mas também ardia por ele. Por seu atrito, por seu toque, por sua dominação...

Só ele podia tratá-la assim: empurrá-la até seus limites e, às vezes, fazê-la tropeçar e rogar por mais.

Mais beijos, mais carícias, mais palavras de amor.

Mais, sempre mais com ele.

Nunca se cansaria disso.

E se alguma vez os separassem, não seria por decisão própria. Isso jamais. Seu coração pertenceria a Ardan por toda a eternidade.

Mas a eternidade e Freyja não estavam de acordo com ela nem estavam do lado de Ardan.

Um dia, enquanto Ardan se banhava no Vingólf depois de um árduo treinamento, a deusa Vanir mandou chamar Bryn.

Quando a General se apresentou frente à imponente loira, esta a esperava sentada em seu majestoso trono dourado, com seus dois tigres de Bengala sentados aos seus pés, lambendo as patas dianteiras com parcimônia.

Bryn e os tigres não se davam bem. Das Valquírias, só Gúnnr podia tocá-los. E ao contrário, se ela estava perto, os tigres se arrepiavam como gatos receosos.

A bela divindade apoiou seu queixo numa de suas finas mãos e sorriu com carinho. Seu vestido de gaze transparente e branca com o cabelo loiro recolhido em duas tranças davam o aspecto de um ser etéreo, como uma fada. Seus olhos prateados estavam cheios de segredos.

—Olá, minha General.

—Olá, deusa.

Freyja analisou Bryn. Gostava tanto de sua Valquíria... Bryn a recordava ela mesma em alguns aspectos: sua pose, sua altivez, o fato que nunca baixasse o olhar...

Nenhuma das duas evitaria o pacto que assinaram no dia que Róta nasceu. Aquele era um segredo entre elas, e não iam negar sua existência. Cedo ou tarde sairia à luz; cedo ou tarde Bryn deveria tomar sua decisão. E o dia chegou.

Ambas se olharam nos olhos, e a jovem Valquíria compreendeu imediatamente que aquela não seria uma simples conversa com “a Resplandecente”.

—Mandou me chamar? —perguntou Bryn medindo o terreno.

—Sim. —Freyja sorriu com carinho. — Desfruta de seu *einherjar*?

Bryn engoliu e assentiu.

—Sim. É óbvio que sim.

Um resplendor atrás do trono de Freyja a cegou momentaneamente. Odin apareceu atrás da deusa e caminhou com porte sereno para a General. Odin só tinha um olho, mas não precisava de mais: via mais que o resto dos mortais e imortais.

O deus Aesir a estudou e olhou ao seu redor em busca de alguém mais.

—Mande te chamar porque chegou o momento que tome sua decisão — Freyja acariciou uma das tranças e estudou o semblante de Bryn.

Eras atrás, quando a Valquíria só tinha quatro aninhos, Freyja pediu para Bryn que se encarregasse de Róta. As conectou emocionalmente e as vinculou de um modo íntimo, no berço, lugar do batismo e nascimento das Valquírias. Bryn seria a encarregada de vigiar sempre a irascível e intensa Róta, e a protegeria de si mesma, posto que a ruiva era filha de um nigromante a quem Loki comprou com suas artes mágicas; e seu dom seria almejado e desejado por Loki.

—Pequena General, quer alguém especial para você? — perguntou então Freyja. — Quer cuidar de sua *nonne*? Róta é sua.

Bryn olhou à pequena e diminuta ruiva que flutuava na água, entre seus braços. A loira sorriu ao escutar os gorjeios da recém-nascida Valquíria. Claro que a queria. Queria pertencer a alguém e ser especial também para essa pessoa.

—Sim, deusa — respondeu Bryn.

—Ter alguém especial suporta grandes responsabilidades, minha pequena e bela Bryn — assegurou Freyja enquanto pinçava na água da *velge* com seus finos dedos. — Aceita?

—Quero uma irmãzinha — respondeu Bryn resolvida, entrando na água com ela.

—Mas já tem muitas irmãs — sorriu a deusa — Esta é e será especial para você.

—Sim. —Bryn tocou o cabelo vermelho de Róta e o bebê bateu as mãos e se cobriu entre seus braços. — Será especial.

—Então me prometa que nunca lhe dará as costas. Que sempre permanecerá ao seu lado, aconteça o que acontecer.

—Prometido — respondeu Bryn com segurança.

Freyja puxou ar pelo nariz e assentiu, orgulhosa de sua pequena Valquíria. Ela teria suficiente honra para cumprir sua palavra. Porque Bryn era única e nunca poderia se dobrar à escuridão.

Se a maldade de Róta despertasse, Bryn seria o farol que a guiaria de volta à luz.

A deusa levantou sua mão e um potente raio caiu no berço, iluminando e fazendo rir às duas meninas. Bryn cobriu Róta com seu corpo; mas ao ver que a pequena desfrutava dos raios, a expôs e permitiu que a energia elétrica das tormentas a batizasse como merecia.

—Eu as vinculo —proclamou Freyja, elevando os braços ao céu. — Serão dois seres indivisíveis, compartilharão alma e coração. Bryn e Róta. Róta e Bryn. Uma na outra. E eu em todas.

“O Vigarista” esperava que Róta se convertesse em sua aliada num futuro, mas o poder desta era importante para os deuses nórdicos e não podiam permitir que Loki a levasse para seu bando. Bryn sabia em que momento essa energia escura que Róta carregava no sangue despertaria. E Bryn faria todo o possível para impedi-la.

Porque amava sua irmã e a protegeria por toda a sua vida.

Mas passou o tempo, e a General não acreditava que sua irmã pudesse se tornar má em nenhum momento, e menos no Valhala; assim não entendia do que devia protegê-la.

Nem entendia tampouco que decisão devia tomar nesse momento diante dos deuses mais poderosos de Asgard.

—O Midgard entra num período de escuridão, General —anunciou Odin com sua inconfundível e profunda voz. — Precisamos de um guerreiro que saiba liderar os clãs nas zonas chaves da Terra. E o necessitamos lá embaixo.

Bryn inclinou a cabeça de lado e levantou uma sobrancelha loira.

Começava a sentir frio.

—E no que isso me incumbe, senhor?

Freyja e Odin trocaram olhares.

—Em que o escolhido para descer e liderá-los é Ardan —anunciou Freyja.

Bryn não piscou durante o que lhe pareceram intermináveis segundos. Nem sequer era capaz de falar. Como era Ardan?

Ardan não podia descer à Terra sem sua Valquíria. Se o ferissem, precisaria que o curassem: e só ela possuía seu *hellbredelse*. Isso queria dizer que devia descer com ele?

—Mas... Não pode descer sem mim — murmurou nervosa. — Devo descer ao Midgard, Freyja?

Freyja levantou e caminhou para ela, movendo os quadris de um lado ao outro, como se flutuasse sobre o chão. Dirigiu-lhe um olhar cheia de misericórdia.

—Deve, Bryn? Acha isso?

A Valquíria sacudiu a cabeça e piscou confusa. Devia? Devia escolher? Não entendia nada. Não ia deixar sua liderança das Valquírias. Não se afastaria de sua decisão e sua responsabilidade no Valhala, mas tampouco queria se separar de seu escocês.

—Por que ele? Achava que fosse nomeá-lo líder dos *einherjars* — espetou dirigindo um confuso olhar para Odin.

—Não posso fazê-lo —assegurou Odin. — O tear das nornas muda constantemente e o destino se move ao seu desejo. Devemos mover nossas fichas. E uma das minhas melhores fichas é Ardan. O necessito para pôr ordem entre os vampiros e os lobachos das terras escocesas do Midgard. Preciso que lidere um exército lá embaixo; e não confio em ninguém mais. Só ele pode fazê-lo.

—Pois então que Freyja converta alguns guerreiros humanos em vanirios e pronto. Como fez nas terras inglesas... Como fez com todos os outros.

—Não posso fazer isso —assegurou Freyja acariciando uma mecha loira platina da bela Bryn.

—Não pode fazer isso? —A pergunta de Bryn flutuou no ar. Os olhos umedeceram. — Podem fazê-lo, mas não querem, verdade?

—Não — jurou Freyja. — Não quero. Os deuses agem como melhor sabemos. A *völva* e as nornas falaram claro a respeito. Se não agirmos rápido, a energia da Terra se desequilibrará, e Loki e seus capangas formarão seu primeiro foco de escuridão na Escócia. A partir daí tudo se

estenderá, e o momento não é propício para isso. Ainda resta muito pelo que batalhar no Midgard. Tem que entender.

—Me dê mais explicações. Aqui há guerreiros excelentes. Não tem que escolher Ardan.

—Ardan é minha mão direita. E necessito da minha mão direita abaixo — sentenciou Odin sem querer dar mais explicações.

—Mas se eu descer com ele —expôs Bryn — o que acontecerá com Róta?

—Ama Ardan? —perguntou Odin.

—Com todo meu coração.

—E ama Róta? —perguntou Freyja com cara de pôquer.

Bryn sentiu uma chispada de pesar no peito. Aquilo parecia mau.

—Com todo meu coração —respondeu baixando a cabeça. — Deuses, sabem que sim.

Então, a deusa Vanir lhe elevou o queixo.

— General, tome sua decisão aqui e agora. Fez uma promessa, recorda? As promessas das Valquírias são inquebráveis.

—Vai me fazer escolher entre o amor da minha vida, meu *einherjar*, e o amor que tenho por Róta como irmã? — sussurrou com os olhos celestes cheios de lágrimas. — Isso não é justo. —As orelhinhas pontudas tremeram pela afronta.

Freyja exalou com cansaço e retirou a mão de seu queixo.

—A existência está cheia de sacrifícios, Bryn. Maldita seja; não falta nem isto para Ardan te arrebatrar sua virgindade — murmurou em seu ouvido, juntando o indicador e o polegar à altura de seus olhos. — Se ficar e ele te tirar isso, eu te exilarei ao Midgard sem poderes. É o que quer? Acha que não sei que Ardan esteve a ponto de te possuir?

Bryn a olhou aos olhos, sobressaltada.

—É nosso assunto. Nos espiona?

—É meu assunto — grunhiu discordando. — Meu. Compreende? Não posso perder minha General. Assim, morto o cão, morta a raiva. E eu vejo tudo, como o Caolho.

—Não penso em perder minha virgindade. Não o farei, Freyja. Se for por isso...

A deusa negou incrédula diante dessas palavras.

—Por que acha que está acontecendo isto? Acontecerá. As nornas disseram. O fará. O fará com ele, porque você também o deseja. Mas não pode perder seu poder. Não quero que o perca. Não quero ter que te castigar e expulsar de meus domínios, Bryn. — Penteou sua sobancelha direita com os dedos e sentenciou: — Ardan tem que ir. Ponto final.

—Não permitirei que aconteça. —A jovem apertou os punhos indignada. — Me ouve, Freyja? Disse que não...

—Isso você diz à volúpia que tem entre as pernas, Valquíria —soltou a deusa irascível. — Ardan vai, mas: o que decidirá você?

Bryn fechou os olhos consternada. Queria fugir e se esconder atrás do *Yggdrasil*. Adorava aquele lugar; adorava esse oco entre as raízes da majestosa e legendária árvore. Amava se esconder lá e meditar. E, nesse momento, precisava justamente disso: fugir e não enfrentar seu destino.

Mas, pelo visto, não havia tempo. Odin estava abrindo um portal que conectava com a Terra. E o fazia na frente dela.

Por que tudo era tão rápido? Estava em meio a um turbulento pesadelo.

—Fez uma promessa —a recordou Freyja com severidade.

—Não esqueci —respondeu Bryn com porte sereno. Estava partindo seu coração; doía. Aquilo não podia estar acontecendo. Não com ela.

—E bem?

Bryn piscou para ocultar suas lágrimas.

—Devo minha promessa. —Embora também a fizesse ao homem que amava. Prometeu nunca traí-lo. Mas Róta a necessitava... e Ardan também. O que devia fazer?

Então, imediatamente, Róta e Ardan se materializaram ao lado de Freyja.

A Valquíria de cabelo vermelho olhou ao seu redor, desorientada por completo.

Ardan acabava de colocar as ombreiras de titânio e rodava os imensos ombros, estranhando se encontrar no palácio de Freyja.

Bryn sentiu que secava sua boca e que parte de sua alma partia com aquela imagem viril, musculosa e cheia de segurança de seu escocês. Seu cabelo úmido do banho que acabava de tomar. Sua pele limpa e perfumada.

Queria morrer. Os deuses seriam tão cruéis para fazer que escolhesse diante deles. Malditos doentes.

—Oi? O que está acontecendo? O que fazemos aqui? —perguntou Róta franzindo o cenho.

Ardan sorriu ao ver Bryn e se aproximou dela, fazendo antes uma reverência de respeito para Odin e Freyja. Era inevitável: Bryn eclipsava os outros, assim foi direto para ela.

—Por que nos reunimos aqui, sereia? —perguntou Ardan beijando-a na lateral do pescoço.

Bryn se afastou ligeiramente e olhou para Róta, que a estudava sentindo a todo momento o que ela sentia. Róta levou a mão ao coração e gemeu, dolorida.

—Bryn? Que demônios está acontecendo, General? —perguntou a de cabelo vermelho. — Por que me dói aqui?

Ardan não compreendia nada e dirigiu seus olhos cor de caramelo à ponte estelar que Odin abriu.

—Ardan das Highlands —anunciou o Deus. — preciso de você.

O highlander encarou Odin e apertou a mandíbula.

—Estou à sua disposição, deus —entrelaçou os dedos da mão com os de Bryn.

A Valquíria não tinha forças suficientes para rejeitá-lo e permaneceu imóvel diante desse gesto.

—Deve descer ao Midgard. — continuou o Aesir.

O guerreiro arqueou as escuras sobrancelhas, surpreso diante daquela repentina petição. Não ia se negar. Acima de tudo, era um guerreiro; e aceitava as ordens de seu superior; mas também era um homem apaixonado. Desceria ao Midgard e Bryn o acompanharia. Nada nem ninguém poderia separá-lo dela. Só Bryn podia fazê-lo, e ambos sabiam que era impossível. Seu amor era inquebrável.

O *einherjar* desviou seu profundo e magnético olhar para a General e sorriu com segurança.

—Descemos ao Midgard, General? Atreve-se a descer comigo?

Bryn piscou e se soltou de seu aperto. Quando Ardan sorria assim, com tanta adoração e carinho em seus olhos de caramelo e em seu precioso sorriso, desfazia-se.

Elevou o rosto para olhá-lo nos olhos e, com todo o pesar de sua alma e coração esmigalhado, disse:

—Eu não desço, Ardan.

O highlander entreceirou os olhos e cruzou os braços diante daquela resposta.

—Vai fazer que desafie um deus, Bryn? Odin está me pedindo isso —se desculpou um pouco divertido, sem compreender a negação de sua mulher. Mas, por ela, se negaria.

—Não desço, Ardan —repetiu ela tentando por todos os meios que o queixo não tremesse.

Ardan reconheceu a decisão de sua Valquíria e, sem pensar duas vezes, encolheu os ombros, sem intuir sequer o que estava acontecendo.

Se Bryn ficava, ele também. Não concebia outra vida.

—Está bem. Se é o que deseja, preciosa... —Olhou para Odin. —Deverá escolher outro, *Alfather*. Lamento, mas fico com minha General.

Freyja, Róta e Bryn arregalaram os olhos. Como?

Ardan estava dizendo para Odin que não? Não podia se desafiar o deus!

—Não seja estúpido, *einherjar* —grunhiu Freyja em voz baixa.

—O que disse? —trovejou Odin, provocando que os raios e o vento de Asgard golpeassem os muros de Vingólf. Ardan sabia do risco que existia ao contradizer Odin. Mas como dalradiano, já tinha entregue sua alma à Valquíria e não suportaria se separar dela. Assim, antes do Midgard e dos deuses estava Bryn. Bryn e suas necessidades. Bryn e seus olhos. Só Bryn: sua única prioridade.

—Minha Valquíria quer ficar aqui, e é a General. Não posso descer, temos um *kompromiss* —explicou com delicadeza. Odin o agradava muito, e sabia, por todas as vezes que beberam hidromel juntos, que Odin sentia o mesmo por ele— Morreríamos um sem o outro —assegurou voltando a entrelaçar seus dedos com os dela.

Odin sorriu malignamente e obrigou Freyja a intervir.

—Não me irrite, Ardan... —sussurrou o Aesir.

O deus precisava da intervenção da Vanir. E a deusa, afinal, intercedeu desinteressada.

—Talvez Bryn tenha algo a dizer a respeito. Não é mesmo, Bryn?

—De verdade? —Ardan olhou para sua Valquíria e estranhou vê-la pálida e friamente calma.

— Tem algo a me dizer, neném?

Róta pressionou as mãos contra seu coração e seus olhos se encheram de lágrimas. Bryn estava passando mau; doíam seu coração e estômago e, por serem empáticas, também estava doendo nela. O que estava acontecendo com a líder das Valquírias?

—O que... O que acontece? —perguntava Róta desesperada. — Q... Que demônios vai fazer?

—O que está acontecendo? —repetiu Ardan sem compreender. Estava ficando nervoso.

Bryn sabia que aquele momento se converteria no pior de sua imortal vida. Devia interpretar um papel, forjar uma máscara de indiferença e ferir seu *einherjar*. Caso se rompesse o *kompromiss* entre eles, Ardan podia descer à Terra e seguir as ordens de Odin, porque caso se negasse e

desobedecesse o deus, Odin o mataria num abrir e fechar de olhos. Como se atrevia Ardan a dizer não para Odin? Estava louco? Sim. Sim, estava. Estava louco por ela, como ela estava por ele.

Assim, depois que Ardan rejeitou a proposta de Odin, a única opção de sobrevivência que restava ao seu escocês era a descer ao Midgard.

Sem ela. E sem seu *kompromiss*.

—Não vou descer com você, Ardan. Nem vou ficar aqui com você —assegurou engolindo o nó que tinha na garganta e experimentando o congelamento de seu sangue e seu coração.

—Como disse? —repetiu Ardan sorrindo de forma incrédula.

—Sou a General. —Elevou o queixo, e seus olhos clarearam com frieza. — Não descerei ao Midgard para lutar até que o momento chegue. Este é meu lugar. Sou uma *dísir* e, diferente de você, sou imprescindível.

—Diferente de mim? —formou-se um sulco entre suas sobrancelhas negras. — Não fale comigo assim. Nunca me falou desta maneira, Bryn...

—Sempre há uma primeira vez — disse Bryn encolhendo os ombros com indiferença.

Ardan recebeu aquelas palavras como uma humilhação: não pelo tom, mas pelo que significavam. Bryn estava o rebaixando diante de todos, como se ela fosse superior. E era, mas nunca precisou proclamá-lo.

—Temos um *kompromiss*. Do que está falando, Bryn? Sou seu par! Deve-me respeito! — golpeou o peito musculoso com o punho. Seu desgosto crescia rapidamente.

—Não te devo nada. Sou a General, a Valquíria mais poderosa de todo o Asgard; e, se quisesse, poderia te torrar agora mesmo.

—Por todos os deuses, Bryn —pediu Róta assustada. As emoções de sua *nonne* a estavam varrendo. — Não diga nenhuma palavra mais. Tem que se calar... Que faço eu aqui? — Róta exigiu saber.

Encarou Freyja.

—Silêncio, Valquíria —ordenou Freyja tampando sua boca com uma mordaca de ouro que fez aparecer com um estalo de seus dedos.

—Disse que me amava! —exclamou Ardan. — Todas e cada uma das luas que vimos juntos no Valhala, jurou que me amava. Era mentira? —Sua voz enrouqueceu. Um guerreiro como ele nunca mostrava suas debilidades, mas como não fazê-lo quando era sua vida quem queria arrancar seu coração?

—Não posso te amar, ilhéu —jurou o olhando com desprezo. — É apenas um comandado, e deve obedecer as ordens de Odin. Eu sou...

—Mentira! —gritou. — É uma puta mentirosa —espetou Ardan cortante. — Verdade?

As orelhas de Bryn se moveram em desacordo, mas aceitou o insulto. Estava o machucando. E o fazia de propósito. Tinham que romper o *kompromiss* porque não conhecia outro modo de deixá-lo partir.

—Foi divertido ficar com você, mas...

—Divertido? Diz divertido?! Por que faz isso?! —Se aproximou dela para sacudi-la e fazer que reagisse, mas Odin o imobilizou, ajudando Bryn a escapar. — De verdade acha que sou menos que você? Se olhe! —gritou vermelho de fúria. — Não é menos do que eu! É uma vendida e uma

traidora! —Bryn olhou para outro lado, e Ardan continuou com impotência: — depois de tudo que compartilhamos! Por que está fazendo isto?!

—Porque não te quero! —exclamou ela, se aproveitando da raiva e da fúria para poder pronunciar essas palavras destruidoras. — Nunca te quis! Jamais! Ficou claro?!

Róta gritava e negava com a cabeça, mas sua voz soava amortecida contra a mordada de ouro. Correu para Bryn para acalmá-la e fazê-la raciocinar. Sua *nonne* estava destruindo sua vida e, junto, também destroçava a dela. Não estava bem.

—Valquíria intrometida — murmurou Freyja, atando os pés e mãos de Róta com tentáculos que nasceram do solo. — Fica quieta! — Róta caiu e se remexeu no chão.

Bryn se firmou, querendo acabar com aquilo o antes possível; e, com todo arrojo que pôde, pronunciou as palavras que romperiam o *kompromiss* para sempre.

Atravessou a alma de Ardan com seu olhar azul, sorriu como uma víbora e se obrigou a gritar:

—Já não está em meu coração!

Ardan abriu os olhos consternado e caiu de joelhos no chão. Suas joelheiras de titânio golpearam o mármore branco do palácio. Levou as mãos às costas porque algo frio o queimava como fogo.

Eram suas asas. Suas asas ardiam? Deuses, doíam uma barbaridade.

Depois, levou a mão ao coração, incrédulo pelo que Bryn acabava de fazer. Assombrado por tudo que acabava de ouvir. Sua sereia o jogou contra as ondas como se fosse lixo marinho.

Traiu-o como nunca antes.

—O que... o que me fez? —perguntou triste, com os olhos caramelados alagados de lágrimas sem derramar. — Por que fez isto, Valquíria?

—Te relegatei ao seu lugar. —Bryn deu o golpe final. —Não é digno de ser meu par. Não é digno de ser o líder dos *einherjars* nem o par da General. Por isso Odin faz que desça ao Midgard, ilhéu, para lutar com os mundanos.

Ardan a olhou como se a visse pela primeira vez, e o que viu não gostou nada.

—Me enganou, Bryn.

—Não foi difícil. —A General se virou para se afastar-se daquele lugar, da dor e da vergonha por se comportar assim. Era ruim de sua parte dizer todas aquelas coisas; mas sem *kompromiss*, Ardan podia sobreviver nas Terras Altas. E, se sentia traído, sem nada que o ligasse à Asgard, aceitaria a missão de Odin. — Os ilhéus são selvagens estúpidos.

E ela era a mais selvagem de todas por ter pronunciado toda essa quantidade de mentiras destrutivas e dolorosas. Por isso a chamavam de Bryn “a Selvagem”.

Ninguém podia perdoá-la, e ela nunca o faria.

—Te odiarei toda a minha vida, General —grunhiu Ardan, levantando-se com gestos vencidos, mas encarando seu papel diante de Odin. — Me devolva o que é meu!

Bryn fechou os olhos com pesar. Não ia devolver a joia de ônix que usava no mamilo. Isso era dela. Pertencia a ela.

—Devolva-me isso.

— Não tenho nada para te dar. A tirei a pouco —mentiu.

Ardan puxou ar, indignado.

—Reze para que nunca mais voltemos a nos encontrar. Porque se te encontro... —assegurou a olhando por cima do ombro — me encarregarei de te fazer pagar por suas desonras e pecados comigo. A destroçarei.

—Isso não acontecerá nunca.

—Reze para que assim seja, iceberg. Porque se cruzar meu caminho, te arrancarei o que é meu. Terá que me devolver tudo. *Nemo me impune lacessit*. Nada me ofende impunemente. Recorde, cadela.

Bryn engoliu, fingindo que o ignorava.

Odin, sem mais demora, deu-lhe algumas diretrizes e o enviou à soleira.

—Cuide das Terras Altas. Traga a ordem, amigo —ordenou Odin.

Quando Ardan desapareceu através do portal, abatido e sem alma, Bryn tropeçou, perdendo o equilíbrio.

E um raio muito potente e raivoso, procedente do coração do Cosmos, atravessou o corpo de Bryn, a derrubando de joelhos no chão, gritando de dor.

Freyja desviou o olhar, pois odiava ver como suas Valquírias sofriam, mais ainda se fosse Bryn que sentisse a dor. A General nunca sofreu nada parecido, mas era a lei do Valhala e o código moral de suas guerreiras.

Havia descumprido uma promessa; e isso era o que acontecia às Valquírias que rompiam sua palavra. Mentiu ao homem que amava. Se as Valquírias mentiam ou quebravam promessas eram castigadas com a força de mil raios.

O raio a arrasou por dentro e por fora. Mas não era dor suficiente; não como a que doía ao falar assim com Ardan.

Acabava de partir; acabava de expulsá-lo de sua vida, e já sentia o vazio como algo imutável. E não só seu vazio: podia perceber a dor e a ira de Róta por ela pelo que acabava de fazer. Porque também doía nela.

O raio cessou e Bryn ficou esticada no chão, com seu cabelo loiro derramado pelo mármore, imóvel e enrolada. Apertou os dentes para suportar a descarga, e acreditava que mordeu o lábio, pois notava sangue em sua boca.

Róta, liberada da mordaça de Freyja, caminhou para Bryn decidida a ajudá-la a se levantar. Mas Bryn não queria ajuda.

A de cabelo vermelho a olhou confusa e assustada. Não entendia o que aconteceu.

A General levantou o olhar e observou Róta. Queria desculpar-se com ela pelo que fez. Queria pedir perdão por tudo que ambas iam sentir a partir desse momento.

Sofreriam isso eternamente.

—*Nonne*, o que fez? —sussurrou Róta agachando ao seu lado, elevando uma mão tremente para retirar o cabelo do rosto. Bryn negou com a cabeça, estremecida ainda pela dor, e afundou o rosto no mármore.

Nunca ninguém saberia por que agiu assim. Seria seu segredo.

De ninguém mais.

Eras Depois...

Freyja anunciou às Valquirias que chegou o momento de descer ao Midgard. Um transformista roubou os totens dos deuses e deviam recuperá-los. Desceriam Gabriel, o recém-chegado Engel, acompanhado de Gunny, Róta, Sura, Liba, Reso, Clemo e a General Bryn.

Bryn não podia acreditar. Como permitiram que arrebatassem esses objetos tão poderosos?

—Se alegrarão ao saber —Freyja passou os dedos pelo cabelo fino de Gúnnr — que decidi dar de presente algo. Não sei quando as voltarei a ver, nem sequer sei se retornarão com vida de sua aventura na Terra. Desejo que sim. —Olhou com carinho para Gúnnr e acariciou sua bochecha com o polegar. — A energia do Midgard é poderosa, é muito sinérgica e brutal. Era importante para mim que minhas filhas fossem virgens enquanto permanecessem em minhas terras. Não queria que nenhum homem lhes fizesse mal. Mas as regras mudaram. É uma desgraça morrer, mas é ainda pior morrer virgem. Assim dou carta branca para que experimentem com seus corpos lá embaixo. A virgindade não tem razão de ser entre os humanos. Portanto, tampouco terá razão de ser para minhas filhas.

A fúria de mil titãs percorreu a General ao ouvir aquelas palavras. Quando esteve com Ardan, nunca entregou sua virgindade porque, fazê-lo suporia a perda de seus poderes. Agora, quando já quase não restava nada, nem sequer o carinho de Róta; agora, quando estava tão oca e vazia podia entregar ao homem que amasse seu mais prezado tesouro. Mas já não servia de nada.

—Agora podemos deixar que os homens nos toquem, Freyja? Agora?! —gritou Bryn apertando os punhos. — Me manipulou! —A acusou com os olhos vermelhos, cheios de lágrimas, e com o cabelo loiro ondeando ao seu redor. — Jogou comigo!

Freyja elevou a mão e, de repente, o corpo de Bryn se viu amordaçado magicamente por uma corda dourada que a oprimia de cima a baixo, como uma sucuri. Outra mordaca cobriu sua boca.

—Seu gênio me tira do sério, General —respondeu contente por seus reflexos. — Falarei com você mais tarde. Como ia dizendo...

E falou com ela.

Levou-a ao Vingólf, justo no mesmo lugar no qual tempo atrás se despediu amargamente de Ardan.

Freyja a liberou da mordaca e aguentou o olhar recriminador de Bryn.

—Por que? —perguntou Bryn com um soluço.

—Já te dei as razões, Bryn. Não posso prescindir de você. A precisava com todos seus dons e capacidades para este momento.

Freyja limpou suas lágrimas com doçura, como uma menina pequena.

—Não me toque.

—*Nei, Nei, mo liten pike...* Não, não, minha menina... Não chore.

—Me deixe!

—Me escute bem, General. Descerá com o Engel e o ajudará a liderar a busca. Preciso de você lúcida, de acordo?

—Claro —resmungou muito irritada.

—Claro, não. Muito claro, entende? —Levantou seu queixo. — Preste atenção.

—Me esqueça.

—Bryn, maldita seja! Talvez um dia me agradeça isso. Tudo que faço, faço por você, por todas vocês. Pode ser que não entenda...

—Não! Não entendo! Mas se for a vontade da deusa —a censurou com aversão — que assim seja, verdade? Não vou agradecer nunca por nada, Freyja. Torturou-me.

A Vanir encolheu os ombros e aceitou a recriminação.

—Me odeie se a faz se sentir melhor, mas obedeça —Para a deusa era básico que sua Valquíria tivesse claras algumas coisas antes de descer: — use seu livro, seu diário. Escreva nele tudo que ver, como se sente, o que pensa... ajudará você a se desabafar. Ah! —acrescentou como se acabasse de pensar nisso, — e se encontrar a quem você e eu sabemos...

Bryn empalideceu e negou com a cabeça.

—Vou encontrar com ele? Não! —protestou envergonhada e temerosa em partes iguais, se afastando das mãos da deusa, que a imobilizavam com força. Não era covarde, mas seu coração não suportaria ver Ardan. Embora bem soubesse que se tivesse que acontecer, aconteceria.

—Sim, Bryn. Não vai ser fácil para você. —Os olhos prateados de Freyja lhe dedicaram um olhar de determinação —, mas é a mais forte das minhas *dísir*, não se acovardará.

—É óbvio que não. —Não ia se intimidar, mas seu coração tinha suas próprias decisões a respeito.

—Bem. Não poderá dizer nada a Ardan sobre o motivo de sua decisão ao abandoná-lo. Ele deverá descobrir por si mesmo. Do mesmo modo que não poderá dizer a Róta o que sabe sobre ela.

—Estou muito cansada dos segredos —replicou à defensiva. — Estou muito cansada de saber tantas coisas, e de fazer mal aos outros com minhas ações. —Apontou-a com um dedo. — Feri muitas pessoas por sua culpa! Róta me odeia, Ardan quer minha cabeça numa bandeja...

—Não me aponte, Valquíria. —Seus olhos se tornaram negros e sinistros, e suas presas apareceram entre seus perfeitos lábios. — Estou tão cansada de tudo isto como você — puxou seu cabelo demonstrando quem mandava. — Não ache que, porque tenho carinho por você, General, vou permitir que fale assim comigo.

—Já não acredito em nada —espetou lutando contra ela.

Ao ouvir essas palavras, o rosto da deusa suavizou, e seus olhos retornaram ao tom prateado e hipnótico que os caracterizavam.

—Lamento ouvir isso. Lamento acontecer tudo isto, Bryn.

A guerreira apertou os dentes e desviou o olhar. Ouvir uma deusa se desculpar não era algo que acontecesse todos os dias; mas nem sequer o arrependimento de Freyja era suficiente para ela.

—Estou te dando sua oportunidade, preciosa. A aproveitará?

Bryn piscou confusa e sorriu sem vontade.

—Por que me pergunta se sabe que na realidade não está me dando opção?

—Porque quero acreditar que posso ser assim misericordiosa — sorriu com cansaço.

A jovem Valquíria soprou e assentiu com a cabeça. Nunca fugia dos problemas. E agora teria o maior de todos num reino que desconhecia. Tinha tanta vontade de chorar, tantas lágrimas a derramar...

—Não guarde isso, Bryn —ordenou a deusa lendo sua mente. —Escreva em seu livro. —Deu-lhe um beijo nos lábios e juntou sua testa à dela. — Eu te protegerei daqui.

E aquelas foram as últimas palavras que trocaram antes que as portas da Terra se abrissem para eles. Recuperariam os totens. Mas: Bryn recuperaria alguma vez sua alma?

CAPÍTULO 4

Na atualidade

Escócia. Horas antes de sair em busca da Seier.

Ardan pediu que o acompanhasse, e nem sequer sabia por quê. Só sabia que não podia negar, que não podia desobedecer porque, se o fizesse, ele pronunciaria as palavras secretas de Freyja e a devolveria imediatamente ao Valhala, com tudo que isso suportava, a perda do comando e um fracasso muito pesado sobre suas costas.

Miya e Róta estavam resolvendo suas diferenças num dos quartos superiores da casa do highlander. E a General se alegrava por sua *nonne*, porque não queria sentir mais como sofria.

Ambas o faziam desde que teve que tomar a decisão de renunciar ao amor de seu *einherjar*. E o fez por ela. Não se arrependia, mas sim lamentava todos os desencontros, rixas e o despeito que Róta e ela jogavam na cara uma da outra após isso. Róta acreditava que ela tomou essa decisão porque lhe dava poder real; mas nunca foi assim. Jamais foi por isso.

E, agora, não só tinha que suportar que sua irmã não a engolissem, como tinha que ficar nas mãos desse incrível gigante de tranças negras e olhos de caramelo, que a odiava com todo seu coração, e que a trataria como uma escrava, como um brinquedo.

Dirigiam-se a casa de Anderson. Ardan não teve paciência suficiente para esperar averiguar o que aconteceu com seu antigo amigo e, por isso, interrogou até a morte o *sommelier* que realizava uma prova de sangue no THE DEN. Mostrou as imagens que conseguiu até que o pobre diabo, inchado e quebrado por dentro, confessou que tal informante se chamava Anderson. Ardan por pouco não morre ao descobrir que Anderson era na realidade um de seus melhores amigos, aquele que caiu do lado escuro se convertendo em traidor.

Bryn observou os nódulos cheios de sangue de Ardan e seus gestos severos e derrotados. Torturou o *sommelier* sem clemência. Sem compaixão. Como um bárbaro. E com o grande sentido de fidelidade que o guerreiro professava, se encontrasse Anderson cara a cara, Ardan o mataria, porque enganou a ele e a todos. Por isso estava tão triste e preocupado, porque não queria acabar com a vida de um de seus melhores amigos vanirios. Entretanto, se Anderson o traiu, esse seria seu destino.

Ardan a olhou por cima do ombro; seu piercing refulgiu e ordenou severamente:

—Caminhe mais depressa, escrava.

—Onde vive Anderson?

Ardan não respondeu. Permaneceu calado dando longos e pesados passos ao lado dos mais curtos e ágeis dela.

Isso Bryn também sabia. Ardan seria tão arisco, frio e estúpido com ela como não o foi em toda a eternidade que viveram juntos no Valhala.

Ela quebrou seu coração.

Agora pagaria por isso; mas odiava pagar. Odiava se sentir em inferioridade de condições. Uma guerreira como ela não podia rebaixar-se desse modo, nem acatar ordens que não fossem dadas por sua deusa.

Mesmo assim, o fazia. Desde que se viram, Ardan a tratou mal. Primeiro, arrancou o piercing do mamilo, a única propriedade que ela entesourava dele; depois, brigaram juntos no Urquhart Castle, e Bryn teve que suportar estoicamente suas recriminações e correções; mas, depois disso, Ardan não tornou a incomodar mais.

Até esse momento.

O momento no qual ela, Róta e Gúnnr lutaram no THE DEN, e a Tríade conseguiu prender o *sommelier*.

Miya levou Róta como uma fúria porque a Valquíria beijou um da Tríade, Mervin. O vanirio samurai, todo ofendido, a arrastou do pub e a levou ao castelo de Ardan.

Por certo lhe daria uma lição, pensou Bryn. Uma dessas lições que faziam voar tudo pelos ares ou que acabavam ambos abraçados.

E, enquanto isso, Ardan aproveitava para cobrar sua vingança.

Por isso ela o acompanhava nesse momento. Com o *sommelier* morto, sua segunda necessidade era encontrar o traidor do Anderson.

—É aqui —disse Ardan parando em seco e olhando para a fachada diante dele.

Encontravam-se em New Town, na rua Princess. Os táxis iam e vinham através do quilômetro e meio de comprimento que tinha a popular via.

Ardan chamava atenção por sua indumentária, toda gótica e escura, com seu longuíssimo casaco de pele e suas botas negras militares com ponta metálica. Não podia passar despercebido jamais; e se acrescentasse as tranças negras e azeviches, então, parecia um guerreiro saído de Matrix.

Bryn, pelo contrário, era muito mais baixa que ele, menor e de cabelo super loiro e esbranquiçado, mas o vestido indiscreto e a indumentária que Freyja emprestou para descer no THE DEN fazia que homens e mulheres virassem para observá-la de cima a baixo. O que fazia uma beldade loira com vestido vermelho e super curto, lindas pernas e saltos muito altos ao lado de um gótico tirado de Coração Valente?

—Anderson vive no apartamento de cobertura — assinalou Ardan abrindo a porta metálica com o ombro, arrebatando a fechadura do portão.

—Bem, que discreto... — opinou com sarcasmo. — Se Anderson é um vanirio e de verdade te traiu, então terá nos cheirado e deixado seu apartamento. Não acha? —Observou como o metal saltava pelos ares.

Ardan não respondeu e subiu as escadas de três em três. Estava ansioso para procurar respostas. Anderson, seu querido amigo, se bandeou?

Bryn seguiu Ardan através das escadas até chegar à porta do andar de seu amigo. A General estranhou um vanirio vivendo de modo tão modesto, sobretudo quando todos que conhecia tinham mansões e casas estilizadas.

—Por que vive aqui? Não entendo...

Ardan a olhou por cima do ombro; enquanto arrebatava a fechadura da porta da casa de seu amigo.

—Claro, como não? —murmurou Ardan.

Bryn entreceitou os olhos claros.

—O que quer dizer com isso?

—A outra casa cheirava muito a Sheila, seu par. Não podia suportar as lembranças e mudou para este andar de aluguel. Mas por certo isso é algo que não compreende, verdade, iceberg? Você não ama ninguém exceto a si mesma. —Ardan entrou sem preâmbulos.

Bryn olhou para o outro lado e decidiu não responder. Ardan não tinha nem ideia.

A essas alturas, ambos sabiam que Anderson não se encontrava lá. Bryn tinha razão: partiu.

A General meditava sobre o sarcasmo de Ardan enquanto deslizava os dedos pela cômoda de madeira escura da recepção. Observou o escasso mobiliário do apartamento e inalou o aroma de desinfetante, um poderoso fodor que fez seus olhos se encherem d'água.

—Cheira a morte —murmurou Bryn.

—Cheira a amoníaco. —Ardan abriu as portas dos móveis e inspecionou o que ocultavam. Havia pouca roupa e alguns cabides nus e solitários.

—Por que cheira assim? —Bryn franziu o nariz e foi para o meio do quarto.

Ardan apertou o interruptor da luz, mas este não acendeu.

A luz da noite entrava pelas portas de vidro do balcão que dava para a rua e, de vez em quando, o som das rodas dos carros subia até onde eles estavam.

Ardan sabia por que cheirava a amoníaco.

Ele mesmo, depois das disciplinas que realizava nos escravos de sangue que visitavam o ESPIONAGE, tinha que limpar o chão e os instrumentos com amoníaco para desinfetar tudo; porque o potente aroma dessa substância aquosa era o único que camuflava a essência metálica do sangue.

Deu a volta para se dirigir à cozinha americana. Abriu a geladeira e tampou o nariz com os dedos.

—Porra, que nojo... —grunhiu fechando a porta da geladeira com um golpe.

—O que há aí dentro?

—Envelopes de sangue coagulado. Não sei quanto tempo faz que Anderson não passa por aqui, mas o que está na geladeira está decomposto...

—Sabia que Anderson estava ingerindo sangue? —perguntou Bryn cruzando os braços.

Ardan a ignorou e continuou com seu estudo de campo.

Não. Não sabia. Não sabia que seu amigo passou para o bando de Loki. Se soubesse talvez pudesse tê-lo ajudado. Mas, fora saber a necessidade por seu par que tinham os vanirios, não sabia que seu apreciado camarada jogou a toalha tão rápido. Entregou-se à Loki.

Abriu e fechou as gavetas até que encontrou algo que o deixou paralisado.

—O que aconteceu, ilhéu? —Bryn estava cansada daqueles silêncios tensos e prolongados, como se perdoasse sua vida a cada olhada. —Vai me ignorar para sempre? —Estava zangada. Não queria que para ele fosse tão simples evitá-la. Ao detectar como Ardan estava tenso e cabisbaixo, se aproximou dele. —O que encontrou?

Ardan colocou sua mão dentro da gaveta e tirou um anel dourado que, ao ser erguido, se iluminou pela claridade que entrava pelas janelas.

Ardan leu as letras inscritas em seu interior.

“Para sempre”, diziam. Fechou os olhos e grunhiu baixo.

Anderson amou desesperadamente. Mas também perdeu de maneira sem misericórdia. Daria a ele paz eterna e honra. Pediria a Róta que usasse seu dom da psicometria e o ajudasse a localizar Anderson.

Meditando seu próximo passo, virou-se e passou ao lado da General, que ainda esperava que lhe respondesse. Como o enorme highlander não o fez, não hesitou em detê-lo e agarrá-lo pela manga do casaco de couro preto.

—Fiz uma pergunta, Ardan. Vai ser assim? —Ele não contestou. — Vai ser assim a partir de agora? Eu atrás de você, como se fosse seu cãozinho, como se...

Ardan girou e a agarrou pela frente do vestido. Anulou seu espaço e usou toda sua corpulência para intimidá-la e obrigá-la a retroceder até que suas costas se chocaram contra a parede do vazio e austero quarto.

Bryn abriu os olhos, assombrada que ele se atrevesse a tratá-la assim, mas não se amedrontou.

Ardan soltou seu vestido e levantou a mão até rodear a garganta da Valquíria com suavidade.

—Nunca volte a me tocar sem minha permissão, escrava.

Bryn piscou, como se não entendesse suas palavras. Era certo: ela era sua escrava. Deveria obedecer ou, do contrário, Ardan a devolveria ao Valhala como uma pária. Não podia permitir isso.

—Só disse...

—Você não diz —espetou com um sorriso diabólico em seus apetitosos lábios. Sua cicatriz se levantou sinistramente. — Não diz nada. Não fala.

A loira apertou os lábios, frustrada.

Ardan ficou absorvido pelo queixo da jovem e o acariciou com o polegar, distraidamente.

—Pode ser que não entenda a natureza da nossa nova relação. Mas sou eu quem manda. Não você. —Encostou seu nariz no dela. — Entendo que para uma mulher de sua posição seja difícil assimilar, mas suportará, verdade? Suportará tudo porque não há nada mais importante para você que seu dever e posição. O resto é inclusive secundário.

—Ardan... — protestou.

—Maldita seja —grunhiu furioso, em voz baixa. — Esse desapareceu faz séculos. Para você já não sou esse homem, iceberg. Me chamará de Amo, Senhor ou *Dom*.

Bryn engoliu audivelmente. Suas orelhinhas bicudas vibraram em advertência e sua energia elétrica crepitou ao seu redor.

Ardan sorriu, e ela sentiu a terra abrir sob seus pés. Ficar com ele seria doloroso, mas não podia fazer mais dano do que já fez. Ela mesma se flagelou por eras por escolher o dever acima do amor; mas foi sua decisão, errônea, mas sua decisão no final.

—Aposto minhas tranças que quer me torrar. —Acariciou o osso de sua mandíbula com o polegar. — Fale.

—Não perderia — respondeu ela olhando para o outro lado. — Curiosamente, desta vez, diferente de outras muitas, não está errado.

Ardan entreceitou os olhos e se afastou sutilmente para olhar sua roupa de cima a baixo. Uma Valquíria podia lutar com esse vestido? A loira podia porque era a melhor: uma guerreira única e excepcional; mas, também, uma mulher falsa e mentirosa que não duvidou em desprezá-lo quando os deuses a fizeram escolher entre ele e seu papel no Valhala.

Bryn não o escolheu. E ele ficou destroçado.

Com a impotência que ainda despertava a traição e a lembrança, encurralou Bryn com seu corpo e apoiou as enormes mãos na parede, de cada lado de seu rosto.

—O que se sente ao ser vendida desta maneira, escrava?

Os olhos do Bryn avermelharam.

—A que se refere?

—A Freyja. Sua deusa a vendeu para mim. A mesma deusa que você protegeu; a deusa que escolheu, naquele dia em Asgard, te vendeu —a repreendeu sabendo o muito que a incomodaria. — Me deu o poder de te destruir. A mim. Pode acreditar nisso? — pôs-se a rir.

—Não me vendeu —respondeu fingindo uma segurança que não sentia. — Ela... toma decisões que...

—Como pode defendê-la? —perguntou enojado. — Por que continua a protegendo? Por que continua a escolhendo? —Seu lábio se elevou com repulsa. Apertou a mandíbula e a olhou de lado. — Por muito que negue, Freyja deixou em inferioridade de condições sua querida General, e deu ao seu pior inimigo as duas palavras chaves que poderiam desterrá-la. Se isso não é ser vendida como uma puta, ou como uma escrava, então não sei o que será. Mas se esses são os desejos de sua deusa, terei que obedecê-la, não? Não devemos desobedecer os deuses... —estalou a língua. — Está de acordo?

Bryn encolheu os ombros e o olhou nos olhos. Não considerava Ardan seu inimigo, embora ele achasse o contrário.

—Parece que sabe tudo, ilhéu. Se for assim, o que dispor não pode ser outra coisa senão a decisão correta.

Ardan elevou o queixo.

—Torne a me chamar de ilhéu e não poderá se sentar por todo o dia. Agora é minha propriedade.

Bryn cravou as unhas nas palmas das mãos, e a leve dor a tirou de sua emergente fúria.

—Está bem, Dom.

—Boa resposta, escrava. Agora, quero ver o que “a Resplandecente” pôs nas minhas mãos. Tire a roupa.

Bryn estremeceu e olhou ao seu redor. Ia tirar a roupa aqui? Nesse andar com cheiro de podre e mais abandonado que sua alma? Uma ordem tão rápida e tão clara não podia ser desobedecida. Assim que prestou atenção e, com o orgulho maltratado, começou a se desfazer do vestido. Ardan não lhe dava suficiente espaço para manobrar; e até mesmo ela tentando não encostar nem o tocar enquanto se despia, tão enorme como era, era inevitável.

Ardan tinha os olhos penetrantes cravados no pétreo rosto de Bryn. A Valquíria estava passando um mau momento, mas não importava porque já não sentia nada por ela. Já não a amava. Na carapaça vazia de seu coração só existiam o ódio e a frieza. Não havia indiferença, porque Bryn sempre o cativou de algum modo, mas as emoções ternas que explorou nele quando a conheceu se esfumaçaram como fumaça, como a névoa dos lagos escoceses ao amanhecer.

Os belos seios de Bryn apareceram eretos e nus. Sua pele pálida reluzia pela claridade das luzes da rua. Tinha o estômago plano e suave e usava uma tanga vermelha, que se apoiava graciosamente sobre os ossos dos quadris.

Continuava sendo linda, maldita fosse.

Ardan sentiu o conhecido beliscão luxurioso que explodia nele quando via a General nua. Em Asgard era impossível afastar suas mãos dela. E voltar a vê-la assim, sob suas ordens, sob sua dominação, o deixou totalmente ereto.

Ela não se cobriu. Não tinha nada do que se envergonhar. Ficou em pé diante dele, com apenas os sapatos de salto, a calcinha e a pele arrepiada pelo frio ártico que desprendia o olhar do guerreiro.

—Tire os sapatos.

Ardan queria deixá-la necessitada de verdade. Humilhada. Se tirasse o calçado, a pouca altura que ganhava em relação a ele desapareceria. E aconteceria o de sempre: Ardan a passaria por duas cabeças e a faria se sentir pequena ao seu lado; e isso por que era a Valquíria mais alta do Valhala, embora isso não quisesse dizer muito.

Bryn não se agachou. Os tirou com raiva, dando chutes. Não deixaria de olhar à frente, nem em seus olhos, que agora estavam quinze centímetros mais acima.

Ardan mordeu o interior da bochecha, inclinou a cabeça de lado e a estudou com olhos críticos.

—Vire-se.

—Não.

A resposta chegou imediatamente e sem pensar; e foi um desafio tão flagrante que deixou os dois em guarda.

—Como disse?

—Por que quer que eu me vire?

—Você não faz perguntas aqui. Não te dei permissão para falar. Agora feche a boca ou aguente as consequências. Faça o que digo.

Bryn abriu as aletas do nariz e respirou com rapidez, como se tivesse vontade de gritar ou algo pior.

—Contarei até cinco. Se chegar a cinco e não tiver se virado...

—O que me fará? De verdade seria capaz de...?

—Um.

—Não acredito que se atreva a pronunciar as palavras —cuspiu frustrada.

—Dois.

—Precisa de mim, precisam de mim... Eu...

—Três.

Bryn girou e mostrou as costas.

Não podia nem sequer raciocinar com ele! Ficou olhando o papel de parede desgastado. E desta vez sim cobriu os seios, agora que ele não a olhava, querendo esquentar um pouco a pele e o sangue. Estava gelada.

Ardan a analisou. A tanga penetrava entre os bonitos globos de suas nádegas. O cabelo, comprido e loírrimo cobria suas costas. Com o pulso completamente controlado, Ardan recolheu seu cabelo numa mão e o levantou para olhar o que escondiam os fios dourados.

Ali estavam. As asas da Valquíria, tão azuis que pareciam brancas, quase transparentes. Exatamente como as dele

—Não as toque. —A voz de Bryn era seca e dura, e o paralisou. Puxou o ombro.

Ardan a ignorou. A imobilizou pelo cabelo e deslizou seus dedos pelos belos tribais. Bryn gemeu e se queixou. O roçar de Ardan queimava sua pele. Só o homem pelo qual suas asas se iluminaram em outros tempos podia causar dor ao tocá-las. Só ele. E estava machucando.

—Doem? —perguntou sem emoção.

—Sim. Não as toque.

Um músculo palpitou na mandíbula do *einherjar*. Bryn continuava dando ordens, como se acreditasse que continuava no comando. E já não estava. Tinha que deixar isso claro.

—É uma Valquíria defeituosa. —Roçou o tribal maior e alto, que simulava a parte das coberturas da asa. Ela gemeu e ele sorriu. — Nem sequer suas asas são bonitas.

—Está desfrutando com isto, verdade?

Ardan puxou levemente seu cabelo e, depois, soltou-o para pronunciar em seu ouvido.

—Sim. E vou desfrutar mais.

—Deve ter me amado muito para, depois de uma eternidade, me odiar tanto quanto me odeia agora.

—Não te odeio, escrava. Dons não sentem nada por suas escravas. Nem sequer é uma submissa para mim. Sendo escrava posso te obrigar a fazer tudo, inclusive, se gostar, posso te entregar a outros. Mas não se preocupe, logo te ensinarei como me obedecer e qual o mundo a que, verdadeiramente, desceu.

—Não me interessa seu mundo depravado, Ardan. Não me dá nenhum medo, sabe?

—Então não é muito esperta. E, além disso, perdeu todo o encanto para mim. Se olhe: não é muito alta, não tem muito seio, e ficar com você é como viver num puto congelador. Não sei por que me interessei por você no Asgard.

Bryn apertou os lábios e encostou a testa na parede. Interesse? Teimosia? Esse homem esteve disposto a entregar sua vida por ela; a amava. Como ela o amava. Era amor, maldito fosse.

Mas o destino proporcionou outro caminho à sua relação, e ela tentou tomar a decisão mais responsável. Não porque fosse a General. Mas sim porque o bem-estar de sua *nonne* dependia dela. Era responsável por outra pessoa, e Ardan não sabia disso. E ela não podia contar.

Freyja a proibiu de falar disso com ele.

Se Ardan a perdoasse, seria porque assim o sentia, não porque Bryn revelasse seu segredo. Fechou os olhos e esperou estar a sós para poder desabafar à vontade. Tinha vontade de chorar, mas despencaria diante dele.

—Não gosto disso — sussurrou penetrando os dedos por baixo da tira da tanga. Agarrou-a e puxou até rompê-la. Ficou com o tecido na mão e a jogou no chão com desprezo. — Agora dê a volta.

Bryn puxou ar e deu a volta com o olhar cravado em seus pés nus. Usou o cabelo loiro para cobrir o rosto. Sentia-se mal, só e abandonada. Nunca experimentou essa sensação de desprezo. Não assim. Não com ele.

Ardan deu um passo atrás e beliscou o queixo com o polegar e o indicador, admirando o corpo de Bryn e se obrigando a ser cruel para não mostrar o muito que essa Valquíria continuava o turvando.

Por que continuava o afetando? Por que uma mulher tão dura e fria como ela tinha esse poder?

—Como eu dizia. Aqui, no Midgard, há mulheres que me dão tudo que necessito. Mulheres belas. Você, aqui, é uma a mais no monte — cravou seus olhos na virilha depilada de Bryn. Continuava sendo loira, mas tinha menos pelo que antes. Gostava. Continuava gostando tanto como no primeiro dia, mas a veneração e o cego amor que despertava morreram quando o desprezou diante dos deuses. — Já não me agrada, General. Mas me divertirei com você. Vamos ver quanto aguenta... — Se agachou e recolheu o vestido vermelho para jogá-lo no seu rosto. — Vista-se. Vamos.

CAPÍTULO 5

Diário de Bryn

Escócia.

Descer.

Descer foi a coisa mais terrível que já experimentei em minha vida.

Descer a Terra sabendo quem poderia me esperar, quem poderia me receber, sabendo que poderia me encontrar com ele... com Ardan. A ansiedade e o medo de vê-lo de novo despertou todos os meus temores. Sempre sonhei com um reencontro como os dos filmes da Ethernet que Freyja passa; mas nada estava mais longe da realidade. Foi mil vezes pior. Está sendo horrível. Não gosto de me sentir insegura e desamparada. E é assim que me sinto.

Desci ao Midgard porque me encomendaram uma missão junto com Gabriel, o Engel: recuperar os objetos roubados dos deuses. Estive numa cidade chamada Chicago. Ali recuperamos o Mjölnir, o poderoso martelo de Thor. E descobrimos que Gunnr é sua filha secreta.

Agora, estamos na Escócia, num castelo das ilhas do fiorde de Clyde, na fortaleza de Ardan. Cheguei faz vinte e quatro horas, depois de uma batalha de morte nos mares do norte, em que recuperamos a Seier, a espada da vitória de Frey.

Mas não conseguimos localizar Anderson; e Cameron e esse tal Lucius fugiram num helicóptero com a lança de Odín em seu poder. E, embora nos falte recuperar esse tótem, já considero a missão um êxito porque por fim pude dizer a Róta o que aconteceu; e por fim fizemos as pazes... eu precisava, sentia tanto sua falta. Esse foi o melhor presente até agora deste reino que não entendo.

Róta demonstrou a todos que não é má, mas sabe ser maligna quando quer. É filha de uma sibila e de Níg - o nigromante. Loki conhecia seu dom da psicomетria e a queria em suas filas, porque sabia que, no futuro, Róta poderia localizar o Heimdál na Terra, e a queira em sua equipe. Mas Róta só segue a ela mesma e aos seus, e acertou Loki onde mais podia doer: o sentido de lealdade que ele não tem. Adoro Róta. Sempre foi assim. Vai a qualquer lugar, porque no céu já esteve. Não há ninguém mais leal e fiel que ela. E estou orgulhosa que seja minha irmã de alma.

Desde que estou no Midgard, briguei contra etones, purs e trolls. Perdi guerreiras e por pouco não levaram Gunny e Róta. Discuti com minhas nonnes, e depois as recuperei. Reencontrei-me com o amor da minha vida imortal, com o homem a quem sempre quis; e me dei conta que já não é quem eu amei. Agora está endurecido; é um estranho para mim. Suponho que se deve a, basicamente, já não me querer.

Sou sua escrava, e tentou me humilhar várias vezes. Arrancou-me o piercing do seio e me corrigiu na luta de Urquhart Castle; ontem me obrigou a me despir; e hoje, assim que pisamos em seu maldito castelo, me levou a um quarto, enquanto todos os demais escolhiam seus aposentos e se acomodavam, e me deu um colar de submissão.

Um colar de submissão! A mim! Que sou a maldita Valquíria mais poderosa de Asgard!!? Mas quem esse ilhéu acha que é?! Estou fazendo soberanos esforços para me controlar e não eletrocutá-lo porque, se o fizer, me mandará para o Valhala. E não posso permitir isso.

Disse-me que pusesse o colar, me guiou até um quarto bem ao lado do dele e me deixou presa. Nem sequer me apresentou ao clã berserkers que há aqui. Sei que, em um lugar deste castelo, se esconde uma manada de pequenos lobinhos e quero conhecê-los. Ardan nem sequer me deixou ver Johnson. Sei que Steven cuida bem dele, mas desejo vê-lo... Gosto desse menino. E, entretanto, aqui estou, presa como a mulher daquele conto dos humanos... E se tiver que esperar que cresça meu cabelo para fugir daqui, então posso agonizar.

Agora já se passaram várias horas. Ardan, Miya, o Engel e os demais saíram em busca de Anderson. Ontem de noite, Róta pôde ver as coordenadas que indicavam o radar da lancha em que viajava o traidor, e descobriu que se dirigia ao Aeroporto de Aberdeen. Já faz horas que saíram e não sei nada deles.

Que demônios faço aqui presa? Sem poder ajudar ninguém?

Sinto-me inútil.

Sinto-me...

Bryn deixou a pluma vermelha sobre o diário aberto e o jogou sobre o colchão, insatisfeita com sua situação.

Apoiou os cotovelos nos joelhos e afundou o rosto entre as mãos. Tomou banho e mudou de roupa. Usava apenas um pulôver negro de lã comprido e grosso que cobria suas mãos e chegava na coxa, com botas de cano alto da mesma cor.

Meditou sobre as palavras de Ardan. Sim, é óbvio que Freyja a vendeu. Qual era a finalidade da deusa ao traí-la desse modo? Não sabia. Nem queria saber. Ninguém podia entender o que uma mulher como ela, acostumada a dominar e dar ordens, sentiria ao estar presa como um traste imprestável num quarto de uma imensa fortaleza.

Suas orelhinhas bicudas se moveram e levantou a cabeça rápido ao escutar as vozes de suas irmãs.

—Gunny, cuide da porta —dizia Róta. — Agora.

—Mas Bryn está aqui? Está certa? —replicava Gúnnr.

—Claro que está aqui. O Mudo diz que sim. Verdade, Mudo?

Bryn não podia ver, mas se levantou, animada ao escutá-las.

Johnson estava com elas? Elas não foram em busca de Anderson?

—Dê uma martelada, Gunny e arrebente-a. — Animou-a.

— Se afastem —disse Gúnnr. — Pai.

Bryn sorriu ao escutá-la dizer aquela palavra. Gúnnr não aceitava a ideia que Thor fosse seu pai e, por isso, o deus do Trovão criou uma palavra catalizadora para o martelo de sua filha.

Se a pronunciasse, seu pingente se convertia numa réplica exata do *Mjölnir*.

A porta saltou pelos ares pelo impacto do martelo nela.

Bryn as esperava com os braços cruzados à altura do peito, apoiando o peso de seu corpo numa de suas torneadas pernas.

—Demoraram um pouco, não acham?

—Vilma, cheguei! —exclamou Róta ignorando seu comentário. — Trouxemos todo o necessário para que faça ponto de cruz.

Bryn revirou os olhos.

—Sou sua General. Deviam me liberar antes.

Atrás de suas duas irmãs, apareceu a cabecinha raspada e morena de Johnson. Este, ao vê-la, passou pelo meio delas e correu para saudar Bryn.

Bryn não pensou duas vezes; se agachou e o abraçou com força.

As Valquírias não podiam conceber; mas Johnson, o pequeno híbrido filho de uma berserker chamada Scarlett e um vanirio chamado John, despertava todo seu instinto maternal.

—Este castelo é como um labirinto. — explicou Róta observando como sua General tratava Johnson e como o pequeno a olhava, como se fosse uma princesa. — Por que ele não faz isso comigo?

Gúnnr riu e olhou para o outro lado.

—Não pode pedir a um menino que abraça um cacto —contestou Bryn cheirando a cabeça do pequeno. Havia algo no aroma de Johnson que a fazia pensar em acalentos e canções de ninar.

—Acaso há um bulldog com você? —perguntou Róta com os olhos fixos no colar de submissa.

—É um presente de Ardan — a General revirou os olhos. — Pretende que eu use isso.

Róta arqueou as sobrancelhas e sorriu malévola.

—Sério? Ardan te prendeu aqui sem nos dar nenhuma explicação...

Gúnnr estudou a disposição do quarto.

— Não tem televisão, nem computador, nem livros, nem nada? Nossos quartos têm tudo e estão completamente equipados. Por que o seu não?

—Porque a odeia —respondeu Róta. — E porque quer que se concentre apenas nele. Que não tenha distrações. — Estirou-se na cama e foi pegar o diário de Bryn. — O pior de todos é o Engel por permitir.

—Gabriel quer respeitar o pacto que fez no ESPIONAGE e não quer interceder entre vocês — se desculpou Gúnnr. — Acha que enquanto não tenham que ir a nenhuma batalha não necessitarão de seu poder, assim ... Confia em Ardan e que ele não te faça mal.

—Ele disse isso? —grunhiu Bryn. — *Dulgt*. — Pronunciou com um sorriso meio de lado. O livro desapareceu nas mãos de sua irmã de cabelo vermelho. Róta apertou os dentes e soprou.

—Me deixe dar uma olhada! Odeio quando faz isso! —queixou-se.

—É um diário pessoal. Não deixo ninguém olhar.

—Passo eras querendo averiguar o que diabos escreve nele. Agora que decidimos que nos amamos, bem poderia me mostrar.

—Nem pensar. —Bryn saiu de seu cárcere com Johnson nas suas costas. — Me mostrem a fortaleza, quero vê-la.

—Oba! Espero que use algo debaixo desse pulôver —sugeriu Gúnnr. — Há muitos guerreiros lá embaixo...

Bryn a olhou por cima do ombro e sorriu, ao mesmo tempo que levantava o pulôver e mostrava um short escuro.

—Que conservadora é... —murmurou Róta.

—E você uma atrevida — respondeu Bryn. — Me contem: Róta, teve alguma visão mais ao tocar o marfim?

—Não; não vi nada mais além do que vi ao amanhecer quando nos aproximamos da ilha de Arran, na lancha. Já sabem o que vi: o loiro gostosão, o vanirio de Black Country comendo as tetas de uma loira muito bonita. Tinham um monte de gente ao redor os olhando. Mas não voltei a ver mais nada. É como se algo me impedisse de acessar à visão...

—Seja o que for, se viu o irmão do curador, quer dizer que Heimdal está perto. Preciso que volte a localizá-lo; e quando ficar claro, iremos atrás dele.

—Faço-o, Bryn —respondeu frustrada, tocando o pingente no qual descansava o pedaço de marfim, parte da famosa Corneta do Anunciamiento, propriedade de Heimdal. — Mas não vejo nada. Não posso acessá-lo. Já não sei onde está.

—Está bem. Continue tentando — pediu, mais que ordenou. — O que se sabe da lança e de Anderson?

—Até agora nada. Não temos notícias de Aberdeen, que é onde realmente devia se dirigir Anderson pelo mar. Gabriel, Miya e Ardan foram para lá.

—E ainda não entraram em contato? — perguntou estranhando, deixando que Johnson agarrasse sua mão. Róta e Gúnnr negaram juntas.

—Bryn, posso te perguntar algo? —Gúnnr acelerou o passo e se colocou ao seu lado, com gestos preocupados.

—Diga, Gunny.

—Por que permite isso? Ardan é só um *einherjar* ao seu lado, que é a mais poderosa das Valquírias. Por que deixou que te prendesse? Que te trate assim?

Bryn elevou o queixo e, com todo o orgulho que pôde mostrar, respondeu:

—Se fosse um homem, diria que tem colhões. Ardan... —Sacudiu a cabeça, mordendo a língua. — Esse homem tem o poder de me desterrar e me devolver ao Valhala se não o obedecer.

Róta e Gúnnr pararam ao mesmo tempo, arregalaram os olhos e exclamaram:

—Como?!

E Bryn explicou que Ardan possuía umas palavras que, ao serem pronunciadas, finalizariam com sua aventura no Midgard.

Tinham controlado todas as saídas e entradas do aeroporto.

Ardan não queria que Anderson desaparecesse sem deixar rastro.

Por isso chamou Róta imediatamente, para que voltasse a tocar no anel e averiguasse sua nova localização da última vez que o fez.

A Valquíria respondeu que não o diria até que libertasse Bryn.

Mas Miya pegou o telefone e falou nesse idioma que afetava tanto à ruiva, e assim ela, sem mais demora, disse onde estava.

O viu numa cafeteria do aeroporto de Aberdeen, sentado num sofá e falando ao telefone, carregando uma sacola como a que Róta descreveu que levava com ele na lancha, quando fugiu da plataforma petrolífera de Gannet Alpha, no mar do Norte.

Que Anderson, poucas horas depois de sua fuga, se encontrasse no aeroporto parecia estranho para o highlander. Supunha-se que estava fugindo deles. Por que estava tão relaxado? Eram cinco da tarde, acaso não sabia que estavam ali?

—Não me cheira bem. — disse Gabriel.

Ambos tinham Anderson na mira. Os três se ocultaram na cafeteria em frente, num canto do bar americano de Granite City. O traidor, que uma vez foi um amigo, guerreiro e aliado, se encontrava ali, sereno e calmo. Seus olhos negros, sua tez esbranquiçada, sua pétrea expressão desalmada: nosferatu.

Ardan lutava para não recuar. Anderson era um traidor. Já não era Anderson; e devia gravar isso na cabeça.

Ardan estudou tudo que o rodeava. O nosferatu falava com alguém? Com quem?

Seus iPhones soaram juntos. Os três guerreiros fixaram a vista em suas telas e a expressão mudou por completo.

Dias atrás, Ardan explicou que criaram um programa para controlar as posições dos escravos de sangue que visitavam o ESPIONAGE. Desse modo, sabiam suas posições; e, se coincidiam quatro escravos de sangue num mesmo lugar, queria dizer que um nosferatu reclamava seus serviços. Graças a esse programa conseguiram descobrir os laboratórios subterrâneos das colinas de Merrick, assim como a mobilização de escravos ao THE DEN duas noites atrás, na prova de sangue.

Agora, a tela de seus telefones mostrava várias luzes intermitentes num mesmo lugar.

—Que posição marca? —perguntou Ardan. — Que merda está acontecendo?

—Porra... — Gabriel, que prendeu seu cabelo loiro e encaracolado com um gorro de lã negra, esfregou o queixo com os dedos. — Glasgow. O aeroporto de Glasgow.

O highlander levantou a vista e voltou a olhar para Anderson. Por que iam se reunir os escravos dos vampiros praticantes de BDSM no aeroporto de Glasgow? Onde se supunha que iam?

—O cara se vai. —Miya levantou também, com seu olhar prateado centrado no nosferatu.

—Deixa a sacola. Não leva a sacola com ele —assinalou Gabriel apertando a mandíbula. — Merda. —Cravou a vista no banco no qual esteve sentado e descobriu que a sacola estava debaixo deste. — Não o perca de vista — ordenou Gabriel, disposto a ir procurá-la.

Ardan deu um último gole em sua cerveja preta e o seguiu. Não estavam distantes mais de quarenta metros; mas, com tanta afluência de gente como havia em Aberdeen e os desodorizantes que usavam para não serem detectados pelo aroma, o vampiro não se deu conta que o seguiam. Ou isso acreditava Ardan; porque então, seu ex-amigo, aquele que tantas vezes arriscou sua pele por ele, fez algo que o desconcertou. Parou no meio do corredor que dava para a saída principal do aeroporto e girou a cabeça para olhá-lo diretamente nos olhos enquanto continuava falando por telefone.

As pessoas passavam ao seu redor, indiferentes à sua presença, como sempre eram os humanos, perdidos em seus assuntos sem perceber nada que os rodeava.

Ardan, paralisado, apertou seus olhos de Kohl. Não compreendia nada.

Anderson sorriu, mostrando presas mortalmente afiladas, e afastou o celular de sua orelha. O canto do lábio do vampiro se curvou abaixo numa careta de desagrado.

Às vezes, as ações se desenvolviam de maneira surpreendente e supérflua; e, do mesmo modo que se desenvolviam, terminavam num abrir e fechar de olhos.

E antes que o nosferatu baixasse a tampa do celular; antes que pudesse correr e que a área da cafeteria começasse a voar pelos ares por causa das várias explosões sincronizadas; antes de toda essa sequência de sinais e danos colaterais catastróficos, o dalradiano compreendeu que caíram na armadilha do leão.

E eram a fodida presa.

As pessoas gritavam. O fogo ia e vinha em rajadas vertiginosas; os vidros pareciam balas de diamante, cortando e ferindo a carne mortalmente.

Ardan voou pelos ares, afetado pelas ondas expansivas da explosão. Perdeu de vista Gabriel e Miya que, como ele, saíram expelidos pela força da explosão. Gabriel, sobretudo, era o que estava mais perto dos explosivos.

Se precisava de uma prova definitiva da mudança de alma de Anderson, aí estava. As lembranças, as amabilidades, desapareceram com a rapidez das chamas e os prantos rasgados. Se esperava achar um pinga de humanidade em seu amigo caído não ia encontrar.

Anderson acabava de explodir parte do aeroporto de Aberdeen, matando milhares de humanos: homens, mulheres e crianças.

O caos e o terror se apoderaram daquela pequena parte do Midgard escocês, aniquilando vidas, acabando com elas como se acreditasse com o poder e direito de fazê-lo.

Tinha atravessado as vidraças que davam às pistas de aterrissagem.

Um vidro atravessou seu lado; e a dor provocou que se centrasse na cena que, descarnada, tomava vida sob seus pés.

Vida não. Morte. Aquela era a cara da tragédia.

Precisava rebater a energia da onda expansiva e a dor lacerante que o vidro provocava ajudou nisso.

Anderson não iria longe. Ele saiu disparado pelos ares, mas ainda podia o perseguir. A ferida do lado era profunda, mas não o deixaria escapar. Nem pensar.

Que merda pôs nos explosivos? Era ácido?

Porra, sentia que a pele ardia. O fogo e a fumaça fizeram que perdesse de vista seus companheiros. Não havia nem rastro do líder dos *einherjars* nem do samurai. Certamente, a onda expansiva os enviou ao outro lado do aeroporto.

Eles continuavam com vida; mas os humanos calcinados abaixo, não.

Os jotuns ficaram loucos? Queriam provocar pânico? Como atacavam tão descaradamente e tão em massa?

Com toda a fúria pelo extravio do espírito lutador de Anderson, e pela quantidade de humanos inocentes que pereciam naquele atentado dos jotuns, mudou a orientação do corpo no ar e procurou um ponto fixo, a torre de controle, para retomar o domínio de si mesmo. Parou de girar; suas extremidades se reafirmaram e se preparou para cair. Porque não tinha asas como Gabriel, nem podia voar como Miya; e tal como subiu, vítima direta da detonação, ia cair de novo no chão firme.

E o fez. Depois de incontáveis segundos, seu corpo ensanguentado e gravemente ferido desceu e caiu sobre uma das pistas laterais de aterrissagem, com tanta força que fez uma brecha circular na superfície.

Sem tempo para que seus joelhos e tornozelos descansassem ao impactar com o chão de cascalho, Ardan lançou seu corpo adiante e correu num ritmo vertiginoso para capturar o traidor. Os *einherjars* tinham um ouvido muito desenvolvido, tal como o olfato, e Ardan podia jurar que, embora Anderson já não cheirasse como antes pela mudança sanguínea em seu corpo, ainda mantinha uma pequena porção de essência que seu nariz detectava. E ia atrás dele.

Perderam tempo esperando em Aberdeen. Acreditavam que Anderson esperava um contato. Fosse o que fosse que levava na sacola, pensaram erroneamente que era material importante para trocar, não munição explosiva.

A fumaça, as lágrimas, gente perdida de um lado ao outro... Os táxis e carros que chegavam ao aeroporto fugiam e colidiam uns contra os outros, temerosos de serem as próximas vítimas.

O solo estava tingido de sangue, vidros e malas abertas, cujos pertences estavam esparramados pelo chão, órfãos como a letra de uma triste canção.

A explosão devia ter ferido Anderson; era impossível que não o tivesse alcançado.

Ardan inspirava todo o ar que sua capacidade pulmonar permitia. Encontraria seu maldito fedor. O encontraria. Devia estar ferido, e seu sangue fedia. Cedo ou tarde o detectaria.

Deixou atrás o epicentro da tragédia e correu através de uma das estradas contíguas que chegavam ao aeroporto. O aroma do nosferatu estava lá: residia no ar, no vento que anunciava

tempestade. A tarde estava completamente nublada, agora, e com toda a fumaça que subia até o céu, estava muito mais.

Um Brabus de cor negra, com janelas pintadas, seguia na direção oposta aos primeiros carros de emergências que começavam a chegar. Era um dos carros de Anderson. Daí vinha o suspeito vapor.

Ardan corria paralelamente à estrada, fora da borda. Colocou-se ao lado do SUV a apenas um metro. O *einherjar* saltou sobre o teto do carro, e este começou a fazer inclinações bruscas de um lado ao outro.

O highlander desencapou a espada que levava oculta às costas, ficou de joelhos sobre o carro e, segurando o punho com as duas mãos, cravou a ponta na altura do motorista, atravessou a carroceria e alcançou o crânio do motorista.

O carro, com ele em cima, deu um giro e saiu voando pela valeta.

Enquanto dava voltas sobre si mesmo, Ardan visualizou como seu ex-companheiro saía do carro acidentado, gravemente ferido, com uma garrafa de sangue na mão e bebendo para sarar suas feridas.

Girou a cabeça e cravou seus olhos negros nos de caramelo do highlander.

Ardan negou com a cabeça, prometendo que não escaparia.

Anderson cuspiu no chão, demonstrando desprezo, e correu através do campo. Aberdeen estava rodeada de grandes campinas verdes e alguns pastos muito espessos; mas não o suficiente para poder se ocultar.

Às costas de Ardan, o Brabus explodiu, como um prelúdio do que ele mesmo ia fazer com o corpo do guerreiro caído. O destroçaria. Com esse pensamento e sem muita pressa, pois Anderson não teria nenhuma possibilidade contra ele, se decidiu a prosseguir-lo.

O nosferatu não estava em sua melhor forma. Era um maldito viciado em sangue, e já não havia nada do Anderson que foi uma vez.

Com muita raiva, e sem nem sequer uma miserável porção de misericórdia, Ardan o agarrou pelas pernas para, em seguida, pôr a bota sobre a nuca, afundando seu rosto no mato e o imobilizando pelos braços, o puxando para trás. Gostava dessas chaves. Eram dolorosas e muito produtivas.

—Vai me matar, amigo? —perguntou Anderson com o rosto cortado e queimado pelo fogo e vidros. Mostrava as presas como um cão raivoso.

Ardan elevou o queixo e puxou os braços dele para trás. O movimento fez que o traidor afundasse o nariz na terra e gritasse.

—Nos traiu. Traiu-me —murmurou com aversão —, a mim.

—Que se foda, escocês!

—Por que?! —exigiu saber, afundando o rosto dele no mato enlameado.— Por que? Depois de tudo que vivemos...

Anderson tentou se afastar do castigo, mas o highlander o mantinha imóvel.

—Porque sim. Porque para você e os *einherjars* como você aqui é fácil aguentar a solidão. Mas a minha mulher morreu!

—Já nem a recorda! Desde o momento que começou a beber sangue, sujou sua lembrança, cretino! Não fale dela!

—Falo dela porque sua morte me matou!

—E, em vez de se vingar, se une à Loki! Grande vingança a sua, canalha. —Retorceu-lhe os braços para cima e desfrutou do grito de dor de seu ex-amigo.

—Você não tem nem ideia! Nem ideia do que é sentir como seu mundo se apaga. Disse-nos que uma vez esteve apaixonado e que... e que ela te traiu. Mas não ficou louco por isso.

E que merda ele sabia? — pensou raivoso.

—Os vanirios enlouquecem — prosseguiu Anderson. — O que acha que aconteceria ao John se tivesse sobrevivido à morte de sua *cáraid*? Também teria se rendido.

—Mas uns fazem isso com mais honra que outros. Não vejo Buchannan me traindo como você.

—Buchannan está a um passo de fazer o mesmo.

—Não —respondeu raivoso. — Está tomando as pastilhas Aodhan, as que Menw McCloud, o curador de BlackCountry criou. Ele escolheu lutar. Havia um vanirio chamado Ren, que depois da morte de sua mulher, se suicidou por seus amigos e os fez um grande favor. Graças à sua colaboração puderam recuperar o Mjölñir. —Pisou sua coluna vertebral e escutou como as vértebras cediam e rangiam. — Você não demorou muito para devorar bolsas vermelhas.

Ardan recordou seu amigo John. Ele e Scarlett deixaram um presente divino: Johnson. Anderson não tinha direito de falar assim.

— E não se atreva a falar de John assim. Ele tinha mais dignidade do que você jamais terá.

Anderson se pôs a rir com força, mostrando suas presas, enquanto engolia terra e o rosto se enchia de arranhões pelo contato com o chão.

—Vão cair um a um! Você... Você não viu o que eu vi. Não viu o poder que têm. Não entende o que vão fazer. Chegará um momento no qual não poderão tampar os buracos que abrirem e, então, tudo se acabará. A humanidade está vendida.

—Você sim se vendeu. Matou centenas de pessoas. Havia crianças lá dentro, famílias inteiras... Os matou. Agora morra com um pouco de honra. Por todos os anos que lutamos juntos, me diga, o que mais sabe da Newscientists?!

Anderson o olhou por cima do ombro, fazendo um gesto de desdém com os lábios.

—Não quero mais a honra. Vivo bem sendo o que sou. Livre para fazer e desfazer como me agradar. Sem remorsos.

—Deus, o que ela diria ao te ouvir falar assim? O que diria Sheila? —proferiu enojado.

Anderson ficou muito quieto, afundado no barro. Negou com a cabeça, e Ardan puxou um pouco sua bota negra. Viu um pouco de arrependimento e rendição na pose do vampiro. Devia restar algo dele ainda, não podia ser que em um mês toda a essência daquele maravilhoso guerreiro desaparecesse como se jamais houvesse existido. Seu cérebro não estava desfeito de todo.

—Estava grávida.

—Como?

—*Mo leanabh* — sussurrou com voz rouca e rasgada. — Minha bonita Sheila estava grávida e me tiraram isso. Não resta compaixão em mim, companheiro.

Um pesado silêncio caiu entre os dois.

—Sinto muito. Mas se comportando assim não está a respeitando.

—Ela já não está aqui. O que importa? Faça o que tem que fazer — confessou.

—Dê um pouco de luz à sua memória, maldito! —gritou Ardan. — Me ajude e diga o que sabe deles! Não se vá assim! Tenha um puto gesto!

Anderson proferiu um gemido de frustração.

—Não tem possibilidades de consertar isto.

Ardan o agarrou pelos ombros e o levantou pela frente da camisa, o sacudindo de um lado ao outro.

—Se houver uma eternidade e algo depois de nossa imortal vida, espero que ela, Sheila — pronunciou o nome da mulher por quem chorava o vampiro — não esteja esperando um monstro como você. Espero que não te dê proteção.

Anderson gritou e chutou ao ar ao escutar seu nome.

—De verdade acha que há algo? Para mim só há escuridão. —respondeu.

—Pois dê um pouco de luz a esse buraco negro no qual está, e se vá daqui ajudando o clã a que sempre pertenceu.

O moreno de cabelo curto e tez pálida piscou confuso. Sangue e gotas de chuva começavam a cair, manchando seu rosto. Ardan entrecerrou seus olhos caramelo e lambeu o piercing do lábio.

—Me ajude, *mo bancharaid*. Meu amigo. Se resta algo de você neste putrefato corpo de demônio, me ajude. Se rebele, Anderson.

O vampiro levantou o queixo e piscou confuso, meditando se respondia ou não.

—O centro nevrálgico da Newscientists, o mais importante e o único que resta em pé fica na Escandinávia.

—Na Escandinávia? — Bom, pelo menos, Anderson o ajudava.

—O que carregava na sabola que trouxe na lancha, depois de sair de Gannet Alpha?

—As fórmulas da terapia Stem Cells. Reuni-me a meio caminho com um contato para passar os resultados originais e definitivos.

—Onde?

Anderson sorriu e não respondeu.

—Onde e com quem?! —repetiu exigente.

O vampiro fechou os olhos, como se o momento de coerência fosse uma miragem. O demônio saiu à luz e riu do desespero do *einherjar*. Seus lábios pálidos se estiraram num sorriso sinistro.

—Quer saber?

—Sim.

—Chupa essa, tranças. Me deixará viver se disser isso?

Isso era uma ordem? Esse cara estava louco se acreditava que podia tratá-lo assim. Era o maldito líder da Escócia. O *einherjar* que liderava aquela terra.

—Não, chupa sangue; chupe isso, você —espetou Ardan o jogando no chão e ficando de joelhos.

—Tenho a informação que quer. Direi; mas me deixe viver.

Ardan soube nesse instante que nunca diria a verdade. Que o nosferatu era ruim e traidor; e jamais lhe daria o que procurava.

Tirou sua outra espada e as cruzou diante da garganta de Anderson. Seus olhos se cravaram nos dele, e as lâminas metálicas de suas sublimes espadas refulgiram.

—Aprecie isto. Morre nas mãos de alguém que te valorizou muito.

—Não me mate, por favor. —Seus olhos negros se abriram assustados. — Quero viver. — E se atreveu a parecer arrependido. — Eu posso mudar.

O highlander negou com a cabeça.

—Não. Uma vez li que todos amam a vida, que todos a querem para si. Mas só o homem valente e honrado aprecia mais a honra. Você já não é nada disso, porque prefere viver manchado, vampiro. E para você, escolho a morte.

Fez um movimento de tesouras com suas duas lâminas de titânio, e cortou a cabeça de seu ex-companheiro.

O corpo do nosferatu se decompôs pouco a pouco, se desfazendo como fez sua alma e sua consciência um mês atrás.

Ardan lutou para pensar que era o corpo de um traidor; mas, enquanto a ácida fumaça que provocava a combustão da carne morta se elevava até o céu, não pôde evitar recordar os momentos alegres vividos com Anderson, nos quais a fidelidade de um pelo outro era tudo.

Os dias de honra desapareciam como o tronco degolado aos seus pés, como a lembrança de ruínas que uma vez foram uma formosa construção.

Ardan sentiu que morria um pouco ao acabar com Anderson.

Quantas vezes se sentiu morrer lentamente? John, Scarlett, Anderson...

Por que tinha que viver aquilo? Por que passar por aquele mal infortúnio?

No Valhala, onde foi feliz, nunca viveu isso. Mas a maldita loira que o exilou, o amaldiçoou a uma eternidade de perdas queridas, de amigos caídos e almas vendidas.

A raiva que sentia por Bryn cresceu.

Tudo que acontecia era por sua culpa. Ele cometeu o erro de se apaixonar perdidamente pela iceberg, de entregar sua alma e seu coração; e quando ela o enviou à Terra com tanto desprezo, nunca pôde recuperar o que já tinha dado por vontade própria. Seus valores mais apreciados ficaram no céu, em outra dimensão, em outro reino.

Por isso, se surpreendeu ao estabelecer vínculos de amizade com guerreiros tão fortes como os que encontrou no Midgard: John, Anderson, Buchannan, a Tríade, o clã de berserkers de Steven e Scarlett, e o resto de *einherjars* que desceram com ele para dar uma mão.

Agora eram sua família. Os que restavam, pelo menos.

Os *einherjars* residiam em seu castelo, e todos, sem exceção, sabiam da razão pela qual Ardan das Highlands, aquele destinado a ser o líder dos guerreiros de Odin, foi enviado à Terra média.

E odiavam Bryn tanto quanto ele. A odiavam porque sofreram o mesmo destino por culpa da loira.

A Valquíria, a arisca General, tinha que sofrer seu castigo.

Estava desejando vê-la de novo e se desafogar.

Desejava vingança; e mais agora, que matou um de seus melhores amigos.

No Valhala isto não teria acontecido.

Na Terra, onde adotava um papel que foi forçado a aceitar, tinha que decidir sobre a vida de um de seus melhores guerreiros.

Foi escravo da decisão de Bryn.

E agora Bryn seria sua escrava.

Com esse amargo pensamento, olhou para a grande nuvem negra às suas costas. O aeroporto de Aberdeen era vítima de um terrível atentado e o aroma de morte chegava até ali.

Encontraria Gabriel e Miya, os levaria para Eileann Arainn para que se curassem e, depois estudariam qual seria o próximo passo.

Mas, antes de tudo isso, precisava se desferrar da harpia que prendeu em seu castelo.

Enquanto Bryn estudava as dimensões daquela fortaleza, e era guiada por Johnson e suas *nonnes* até uma espécie de salão de treinamento, pensava nos êxitos que conseguiram desde que chegaram à Terra.

Até o momento, jogaram por terra cada um dos movimentos que os escravos de Loki tentaram finalizar. E isso era um ponto incrível ao seu favor. Estavam indo bem.

Mas ficar nesse reino a fez enfrentar diretamente Ardan: seu pior pesadelo se fez realidade.

Como General e segunda ao comando do Engel, Bryn conhecia os riscos dessa missão. Obedeceria Freyja às cegas, porque era a mão executora da deusa Vanir. Por isso não pôde se negar quando ela pediu, embora, na realidade, não fosse uma sugestão, mas uma ordem. Bryn desceria, mas o risco adquirido era alto; estava em jogo sua honra e o pouco coração que restava no peito.

—Neste castelo há muitos berserkers do clã de Steven. — Disse Gúnnr caminhando decidida. — A fortaleza está protegida por um escudo que a cobre por todo seu comprimento. O escudo reconhece os rostos dos que se aproximam do complexo e, se for um desconhecido, os alarmes disparam e avisam da chegada de um intruso. Como vê — acrescentou descendo de novo outras escadas —, tem várias andares. Num deles há piscinas de água salgada e doce. Têm um imenso salão onde comem todos juntos. E, depois, há uma ala especial na que se encontram as mulheres com seus bebês berserkers. São muito graciosos... —sorriu Gúnnr divertida. — Os protegem aqui para que os jotuns não os aniquilem. Engordam com as crianças.

Bryn assentiu enojada. Não havia honra em alguém que fazia dano a uma criança.

—Já conheceu todos? —Bryn se sentia deslocada e insegura. Sempre tinha tudo sob controle, e era a ela a quem sempre informavam antes sobre tudo. Não o contrário. E agora suas Valquírias estavam a par do que acontecia antes dela.

—O do topete nos fez um pequeno itinerário —explicou Róta ao chegar a uma ampla sala, recoberta de espelhos e madeira, na que se achavam vários guerreiros. Havia todo tipo de máquinas de musculação e tatames nos quais os berserkers lutavam de dois em dois. — Esses daí são *einherjars*, lembra deles? —assinalou um grupo afastado de quatro guerreiros limando suas espadas.

Bryn os olhou um a um, disposta a se aproximar deles e saudá-los pessoalmente. Não. Não lembrava deles. Eram *einherjars* e estavam no Midgard para lutar junto a ela, suas Valquírias e o Engel. Mas nos olhos desses guerreiros não havia nenhum pinga de respeito; ao contrário, parecia que riam dela. Recebeu sua animosidade como uma bofetada no rosto. Estava acostumada ao respeito que a prodigalizavam no Valhala, e aos olhares de inveja de algumas Valquírias. Não importava que a olhassem mal. Mas a ironia e a ofensa direta desses homens não seria permitida.

—A escrava devia estar presa em sua cela —grunhiu um de cabelo comprido loiro e com uma longa cicatriz que cruzava sua bochecha direita. Aproximou-se dela ameaçadoramente, disposto a arrastá-la até seu lugar. — Não pode sair. O que faz tocando o pequeno Johnson? O laird não gostará disso. Volte para seu maldito buraco ou a levarei eu mesmo arrastada. Devolva-me o pequeno — ordenou imperativo.

Gúnnr e Róta ficaram tensas ao ouvir esse comentário e se posicionaram diante da General.

O que fazia tocando o pequeno Johnson? O que Ardan achava que ia fazer com ele? A insinuação a machucou.

—Onde acha que vai, machão? —perguntou Róta com os olhos avermelhados. — Não dê um passo mais.

—Qual seu nome? —perguntou Bryn abrindo espaço entre as duas guerreiras, com Johnson agarrado em sua mão e olhando o *einherjar* com curiosidade. O híbrido se ocultava atrás dela, e agarrava seu pulso com a outra mão. — Não se preocupe, não vai acontecer nada — disse tentando tranquilizá-lo.

—Para você “senhor”, cadela. —Seus amigos se puseram a rir e ele se encorajou. — Nunca devia sair do Valhala. Freyja te fez um grande favor. Ardan não te quer aqui. Nós tampouco.

—Intolerável! —gritou Gúnnr movendo suas mãos e provocando que os fios elétricos percorressem seus dedos. — Retira isso ou te frito.

Gúnnr controlou o resto com os olhos azuis escuros. Se tinham que defender a honra de Bryn, o fariam.

—Ardan nos disse que tipo de carniça é. Não vamos deixar que o desequilibre. Você não vale nada aqui. —Continuou o guerreiro.

—E não vou tolerar que me fale com essa falta de respeito, guerreiro — censurou Bryn.

—Não tem meu respeito, tem meu desprezo. —E cuspiu no chão.

—Vou fazer recolher isso com a língua, porco — a irascível Róta começou a se descontrolar.

A mãozinha de Johnson puxou a de Bryn, a animando a sair dali. O pequeno sabia que isso não ia acabar bem. Mas Bryn continuava sem baixar a vista, disposta a pôr esses homens em seu lugar. Suportaria a ira de Ardan porque não tinha outra saída, mas não aguentaria os desplantes de outros inferiores a ela. Era a General.

—E te chamo de senhor? Senhor Estúpido? —perguntou Bryn provocante.

Róta e Gúnnr a olharam por cima do ombro, surpreendidas pelo tom de sua *nonne*. Esta sorriu, dando permissão para o que fosse que queriam fazer. Colocou Johnson atrás dela para protegê-lo.

E não demorou nada que a situação se desencadeasse.

Mas, antes que comessem a emergir os primeiros raios, Steven, o jovem e corpulento berserker de topete ruivo e olhos amarelos se interpôs entre eles. Tinha o torso descoberto, brilhante pela fina camada de suor que o cobria por ter se exercitado no tatame. A cicatriz da bochecha direita se enrugou quando mostrou as presas ao *einherjar*.

—O que acha que está fazendo, Theodore? Não pode atacá-las.

—Não as ataco. —Se defendeu raivoso. — Só quero devolver a loira à sua cela. O laird nos disse que é nossa subordinada e que não manda em nós.

—Seu laird está louco —protestou Bryn sem elevar a voz, mas falando alto e claro.

Steven, mal-humorado, girou para encarar Bryn, com uma leve desculpa.

—General, deveria esperar que fosse o laird quem a liberasse —grunhiu em voz baixa.

—Minha General subordinada? —Róta deixou cair a cabeça para trás e soltou uma gargalhada melodiosa pelo comentário de Theodore. — O que acontece? Tanto castelo te deixou na época dos lords e plebeus? Sabe quem é ela? —deu um passo à frente e ficou nas pontas dos pés até quase chocar nariz com nariz. — É a líder do exército de Freyja, é...

—É uma puta —resumiu Theodore olhando para o outro lado e encolhendo os ombros.

Gúnnr soprou e afastou a franja de seus olhos azuis escuros, perdendo a paciência e a calma que a caracterizavam. Acariciou seu pingente e pronunciou: “pai”.

—Ui, o que disse... —murmurou Róta com os olhos cheios de fúria vermelha.

—Vou colocar o martelo por nessa boca suja que tem, insolente! —gritou Gunny fora de si.

—Se afaste, Valquíria —grasnou uma profunda e intimidante voz masculina.

Todos que estavam naquela sala giraram para observar o homem que, com sua enorme estatura e sua soberana presença acabou com a concorrência.

Quando Róta e Gúnnr se voltaram e viram que carregava em cada ombro Gabriel e Miya, feridos gravemente, as duas mulheres correram a socorrê-los, preocupadas, ignorando a batalha que iam empreender.

—Por Odin! —exclamou Róta. — Onde demônios se meteram? Mas o que aconteceu? —Róta e Gúnnr analisavam os rostos sangrentos de seus guerreiros, enquanto Bryn olhava fixamente para Ardan.

—Os curem —ordenou o highlander às Valquírias, sem perder de vista a General.

—Não ache que o faremos só porque ordenou —grunhiu Róta carregando o corpo de Miya e colocando um de seus musculosos braços sobre seus ombros. — Está muito acostumado a ordenar, Ardan. E a mim, a única que me dá ordens é a General.

—Faça o que digo, Valquíria —repetiu o highlander com sinais claros de dor.

—Baixe-o — pediu Gunny, levantando os braços para aguentar o peso de seu Engel. — O que aconteceu?

—Tínhamos Anderson no ponto de mira, em Aberdeen, tal e como nos disse, Róta. — A citada revirou os olhos, como se fosse óbvio que ela tinha razão. — De repente, tudo explodiu. O

aeroporto voou pelos ares, e terminamos feridos... Agora, os levem daqui já e os curem. Logo as informarei sobre o que descobrimos.

Róta e Gúnnr se afastaram da sala de treinamento e se dirigiram aos seus quartos para curar seus guerreiros.

—Steven —Ardan seguia reorganizando toda a sala — entre em contato com Buchannan e a Tríade. Que revisem os localizadores de escravos e chequem suas contas pessoais. Hoje se reuniram alguns no aeroporto de Glasgow. Quero saber porquê e para onde se dirigiam.

Steven assentiu, embora não estivesse muito seguro de deixar Bryn com esses homens.

—E, por favor —acrescentou o laird —, leve Johnson daqui.

O menino negou com a cabeça e se abraçou à cintura de Bryn, colando o rosto na parte baixa de suas costas.

Ardan franziu o cenho e apertou os dentes. Johnson tinha uma conexão especial com a loira das neves, e não podia entender.

Supunha-se que as crianças tinham um sexto sentido para notar quem era bom e quem não. Bryn era uma mentirosa e uma falsa. Acaso Johnson não podia ver?

—Johnson, pequeno —Bryn girou o torso levemente e acariciou sua cabeça brandamente —, obedeça seu padrinho.

Johnson elevou seus enormes olhos azuis, Bryn se agachou e deu-lhe um beijo na testa. Como não podia se enternecer por alguém assim?

Era um menino tão doce e dava o carinho que necessitava. Adorava o híbrido.

O pequeno elevou o dedo indicador e Bryn sorriu porque já sabia o que queria fazer. A Valquíria levantou também o mesmo e quase o grudou ao dele e, então, entre o espaço de suas peles apareceu um fio elétrico que faiscou.

Johnson gemeu e tremeu, afetado pela pequena descarga, mas depois sorriu, e o gesto iluminou seu rosto.

Ardan amava esse garoto. E sofreu ao recordar o tempo que esteve sem ele. Cameron, o grande desgraçado, matou seus pais, e o levou. Após, sua vontade de vingança não diminuiu. Desejava encontrar esse infeliz e matá-lo com suas próprias mãos. Mas em vez disso, em vez de ser Cameron a pessoa a quem degolou, foi outro que caiu sob sua espada. Acabou com a vida de alguém muito querido para ele. Anderson.

A impotência o cegou enquanto Steven afastava Johnson. O garoto se deteve na frente dele, um gesto preocupado ao ver o sangue que emanava de suas extremidades.

—Não é nada, guerreiro —o tranquilizou Ardan. — Só uns cortes. —Não queria tocá-lo porque o mancharia de sangue. — Amanhã sairemos para cavalgar juntos, de acordo?

O rosto de Johnson se iluminou, mostrando seus dentes e suas covinhas mediante um enorme sorriso. E assentiu eufórico enquanto Steven o levava da sala. Os outros ali reunidos começaram a falar entre eles, indignados ao saber que os nosferatus agiam em pontos que confluíam muitas pessoas, humanos inocentes que perderam a vida depois das explosões.

—Morreu muita gente? —perguntou Bryn, preocupada tanto pelo que aconteceu como pelos cortes e o atoleiro de sangue que Ardan deixava pelo caminho.

Ardan entrecerrou os olhos e o piercing do lábio refulgiu como seu olhar irado.

—O que está fazendo aqui, escrava? —Se aproximou dela de um modo que parecia que ocupava toda a sala. A agarrou pelo pulso e a girou para Theodore. — Onde está seu colar?

—O pus num berserker —respondeu frívola, cruzando os braços. — É mais próprio deles, não acha?

A sobrelanceira de Ardan tremeu visivelmente. Indignado, se aproximou deles.

—Peça desculpas.

Bryn sorriu com frieza. Menos mal, não esperava esse gesto de deferência para ela, mas Theodore tinha alguém que o colocasse em seu lugar.

O einherjar loiro sorriu como ela, esperando algo.

Bryn queria fritar suas pestanas. Só tinha que se desculpar e ela o perdoaria. Era assim simples. Guerreiro imbecil...

—Que peça desculpas, escrava. —A puxou pelo pulso, encarando Theodore. — Que seja a última vez que fala assim a qualquer um que esteja neste castelo. —Apertou seu pulso até que doeu e Bryn girou a cabeça para ele.

—Como diz? —Perguntou com os dentes apertados.

Ardan piscou impassível.

—Diga a Theodore que sente e que nunca mais falará assim. Está aqui para me servir, para nos servir. É minha escrava e também deles. Aqui não é superior a ninguém.

A jovem teve vontade de golpear Ardan e gritar. Era insuportável. E queria humilhá-la.

—E sim, sou inferior a todos, escocês? —sua voz soou tão doce como gelada —Isso é o que quer me dizer? Que todos terão direito de falar como quiserem e se meter comigo?

—Sim. Aceite isso, iceberg. Peça perdão ou já sabe...

Steven, que desaparecia pela porta com Johnson pela mão, pigarreou e olhou para o outro lado. Aquilo era incômodo. Que uma mulher tão poderosa como Bryn tivesse que ceder dessa maneira diante deles... Não estava certo.

Bryn engoliu o amargo orgulho e olhou Theodore de frente, que sorria se sentindo vitorioso e desfrutando de sua humilhação.

Descer ao Midgard. Cair na desonra. Odiava-o.

—Me desculpe, Theodore. —Suas loiras pestanas não se moveram nem uma vez.

—Não acredito — Sorriu o *einherjar*, olhando as unhas com aborrecimento. — Tente outra vez.

Ardan a insistiu a que o fizesse de novo.

—Já pedi perdão e ele não aceita —protestou Bryn.

—Sinta-o um pouco —sugeriu Ardan.

Bryn traçou uma fina linha com seus lábios e negou com a cabeça, sabendo que teria que fazê-lo, a contra gosto, outra vez.

—Sinto muito o que disse, Theodore. Não voltará a acontecer.

—Sou senhor para você.

Bryn engoliu, se sentindo ultrajada e fustigada por esses guerreiros que a olhavam com antipatia.

—Sinto muito, senhor —repetiu. — Não voltará a acontecer.

Theodore olhou para Ardan e assentiu com a cabeça, para logo dar meia volta e se reunir com os outros.

Depois, Bryn sentiu como o gigante de tranças puxava seu pulso e a levava arrastada por todo o castelo.

—Me solte! —gritou a Valquíria. — O que pensa em fazer?

Ardan a puxou com tanta força que fez que se chocasse contra seu peito.

—Quero que me cure! Quero seu *hellbredelse*! Porque tem isso ainda... Não? —perguntou um pouco inseguro.

Bryn se centrou nas pálidas linhas ao redor dos lábios de Ardan e se fixou em todo o sangue que estava perdendo.

Devia ajudá-lo, embora não tivesse vontade de fazê-lo nesse momento. Era Ardan, o homem que amava; o mesmo que tanto odiava.

—Claro que tenho a cura.

—Então seja útil e faça o que digo — tossiu e expulsou sangue enquanto voltava a puxá-la de novo.

CAPÍTULO 6

Ardan tinha uma ala para ele do outro lado do castelo. Como não? Era um laird.

Assim o reconheceram quando chegou nas terras escocesas.

John, Anderson e Buchannan formavam parte do clã dos MacKay, descendentes diretos da estirpe de Ardan. Os Mackay descendiam de pictos e dalriadanos, portanto, esse clã era o lugar natural de descida para o highlander. Em princípio, os membros do clã não tinham por que nomeá-lo laird, nem soberano, de fato já tinham o velho Ruffus como líder. Mas Freyja e Odin o fez descer bem no meio de uma batalha contra os Sinclairs. Ardan conseguiu que os Mackay saíssem vencedores, e mostrou todas as suas habilidades militares. O magnetismo de Ardan e a demonstração de seu poder e força fez que o elegessem laird. Mas nessa batalha, alguns dos guerreiros mais importantes dos MacKay estiveram a ponto de perder a vida: tratava-se da famosa Tríade, e de Anderson, Buchannan e John, os mais jovens e aguerridos do clã. A deusa Vanir os salvou em seu leito de morte e os converteu em vanirios, para acompanhar o *einherjar* em sua liderança nas terras escocesas.

Tempos depois, desceram os quatro *einherjars* que o acompanhavam: Theodore, Gengis, Ogedei e William.

Converteram-se em seu esquadrão particular, mas preferia deixar estes *einherjars* encarregados de Eileann Arainn. Deviam proteger sua fortaleza e todos os que, pouco a pouco, foram chegando.

Seu castelo era um refúgio para todas as mulheres berserkers e seus filhotes.

Era um castelo único, escondido entre os escarpados e sepultado entre as rochas. Era seu lar, se lar se chamava os muros que o protegiam do mundo. Demoraram tempo para construí-lo, mas o resultado foi espetacular. As pessoas tinham que observar muito bem nas janelas de vidro que se localizavam entre os penhascos para se dar conta de que por trás de todos esses penhascos esbranquiçados se ocultava uma cidadela interior.

Ardan relembrava como começou tudo e por que estava onde estava, enquanto puxava Bryn com raiva. As lembranças o amarguravam. Era um highlander originário, um membro dos Dal Riata.

Não foi difícil se adaptar a seu novo clã. Mas desse clã Mackay não restava ninguém. O velho Ruffus, a quem recordava com muito carinho, morreu um ano depois de sua chegada.

John morreu nas mãos de Cameron; e ele mesmo tinha agora as mãos manchadas pelo sangue de Anderson.

Depois de subir dois andares, abriu uma porta revestida de carvalho, e entrou numa descomunal sala, que era tão grande quanto uma casa. Tinha uma vista esplêndida orientada para todos os lados da ilha. O chão de madeira estava coberto por mantas de peles brancas. Uma imensa cama alta esperava na frente de uma das janelas. A chaminé elétrica estava acesa e o fogo artificial crepitava com autênticos sons de madeira ardendo. Uma estante, um banheiro, um vestidor e uma pequena sala de descanso completavam o aposento.

Quando ficaram sozinhos, a primeira lembrança de Bryn foi sua intimidade em seu quarto particular em Vingólf. Então, depois de uma dura batalha ou de um treinamento, ela o estiraria na

cama e, entre beijos e carinhos, iria curá-lo de suas feridas. Depois, perguntaria todas as coisas que cruzavam sua mente, e diria o que pensava de seu castelo: “O que descobriram? Como foi o dia?”; “Fez um grande trabalho, Ardan”, “Este castelo é quente e acolhedor, de verdade parece seu lar e me lembra Rivendel”; “Adoro ver como sorri e tranquiliza Johnson”, “adoraria te acompanhar e que contasse comigo para tudo”; “Quando irá ao ESPIONAGE e o que faz lá na realidade?”; “Me explique como viveu sem mim todo este tempo, porque eu não soube fazê-lo”... Eram tantíssimas perguntas que não se atrevia a pronunciar que estava começando a doer sua cabeça.

—Seu castelo é lindo, Ardan —assegurou Bryn esfregando o pulso dolorido. — Fez um bom trabalho...

Ele fechou os olhos e levou uma mão ao estômago. Ao ver que não respondia, Bryn continuou com seu falatório.

—Nunca faria mal ao Johnson —espetou elevando o queixo. — Não tem que afastá-lo de mim.

—Johnson é meu, não seu. Passou por muita coisa e não quero que se aproxime dele. Ajude-me a tirar tudo isto —pediu Ardan esgotado e apoiado na porta. Estava ficando sem forças.

Sangrou muito e precisava repor energia. Com a Valquíria ao lado, cicatrizaria de maneira fulminante.

Bryn não se moveu por um instante, ferida por seu tom venenoso. Mas não pensou duas vezes e fez o que Ardan pedia. Era sua oportunidade de começar a remendar os enganos e limar as asperezas.

—Espero que o outro tenha ficado pior que você. —Retirou sua jaqueta dos ombros e a deixou cair no chão.

—O outro está morto.

Bryn parou e o olhou nos olhos. Se era Anderson, seu ex-companheiro, Ardan devia estar passando muito mal. Era um homem com um sendo de lealdade muito pronunciado, e acabar com a vida de um amigo traidor por certo o devastou.

—Foi Anderson? —perguntou em voz baixa. Ante seu silêncio, continuou. — Eu... Sinto o que teve que fazer —penetrou seus pálidos dedos por baixo da regata negra que usava e a puxou para cima. Seus olhos claros de sereia ficaram impregnados de seu escultural torso, ferido gravemente por causa dos cortes. Deuses, tinha pedaços de metal, madeira e vidros cravados na carne, como se fossem estacas.

Ardan fechou os olhos enquanto o despia, e não respondeu. As mãos de Bryn eram suaves e muito competentes. Tentavam não roçar as feridas, mas tinha tantas que, fizesse o que fizesse, doíam da mesma forma.

—Seja mais suave, mulher — grunhiu.

Bryn arqueou as sobrancelhas loiras. Desse tom tão mandão e arisco não lembrava. Ardan sempre falou com doçura e carinho, nunca com tanto desprezo. Mas, o que esperava? Não ia recebê-la de braços abertos.

—Feche as incisões.

Bryn soprou, cansada de tanta ordem; e, agarrando seu pulso, o puxou até a cama. Mas a viu muito grande, muito íntima, e não se sentia com humor suficiente para ficar ali com ele.

—Para fazê-lo, antes tenho que tirar todas estas coisas que estão cravadas no seu corpo, animal. —O arrastou até uma poltrona de braços ao lado da janela, estofada de couro vermelho e preto.

Ardan analisou o traje da jovem. O pulôver parecia um vestido; e esperava que usasse algo embaixo ou ia se irritar muito.

Bom, em realidade, por que devia se zangar se ela já não significava nada para ele? Daria-lhe uma boa surra por desobedecer, por não usar o colar que deixou e por sair assim vestida... Sim, ia fazer isso. Mas, antes, precisava que o curasse.

Sentou-o na poltrona preta e vermelha que parecia o trono de um rei e o ajudou a sentar. No preciso momento que Bryn se agachou para tirar suas botas, Ardan se permitiu o luxo de cheirá-la.

Só um momento, só inalar seu aroma, essa essência tão especial e saborosa de Bryn; o fez para demonstrar a si mesmo que não se excitava com ela, que nem sequer retornava aquela sensação no centro do peito, parecida com a falta de gravidade: borboletas no estômago, diziam na Terra.

Esse sentimento sempre o afetou no Valhala quando ela estava perto ou quando o acariciava e sorria. Nesse momento não sentia nada, nem no peito nem no plexo, mas a parte baixa de sua anatomia estava sofrendo uma incrível ereção.

Havia coisas que não mudavam.

Ardan sorriu cansado de tudo. Bryn... Ela sempre provocava essas sensações nele. Seu corpo reagia inclusive muito antes de vê-la, endurecendo ao senti-la próxima.

No Valhala era livre ao seu lado; tinha entregado seu coração sabendo que nunca poderia fazê-la sua em corpo e alma, porque para a jovem eram mais importantes seu dever e seus poderes que compartilhar seu corpo e sua essência com ele. Ele aceitou porque a amava e nunca faria algo que ela não quisesse.

Mas as coisas mudaram. Agora estava na Terra, seu mundo, o mundo ao que foi relegado; e ali jogava com suas normas. Bryn perdeu sua liberdade, e Ardan já não tinha interesse em conservar seu coração nem em tratá-la bem, nem amá-la. Agora só queria arrebatar essa barreira que tinha entre as pernas e fodê-la para se convencer que não era ninguém especial; para fazê-la ver que a veneração por sua pessoa desapareceu e que a lembrança feliz se esfumou como se esfumava uma gota de água no deserto abrasador.

Afundou os dedos em seu cabelo loiro e brincou com uma mecha clara e brilhante, pensando até que ponto a desprezava. A mulher brincou com ele no Valhala; o usou como um boneco de pano; o encantou para que a fizesse chegar ao orgasmo e adorava que a tocasse, mas só queria isso: sexo. Roçamentos. E ele, muito estúpido, a respeitou pensando que o respeito era mútuo. E, então, chegou o dia em que o desprezou publicamente na frente dos deuses e o desvalorizou, rompendo seu coração em mil pedaços, o tratando como lixo quando ele já tinha dado tudo.

Sentia muita raiva. Agarrou mais cabelo e puxou até que Bryn elevou o olhar com um gesto de dor em seu lindo e falso rosto.

—Depressa, escrava. Estou sangrando, porra. Primeiro as botas.

Bryn não baixou o olhar, e seus olhos claros e rasgados o desafiavam. Ela gostava que puxasse seu cabelo; mas não era tola, e sabia que desta vez a provocação era diferente de todas as anteriores.

—Aqui não pode me olhar assim. Sou seu amo, seu senhor. Tire minha roupa, me deixe nu e me cure.

Bryn grunhiu baixo e obedeceu. Tirou as botas e as jogou no chão.

“Escocês, tem muita vaidade”.

As meias e as calças ficaram amassadas no chão.

Ela engoliu. De joelhos diante dele, com o corpo sangrando e o olhar caramelo fixo nela, Ardan parecia o amo do mundo.

Musculoso e grande. Uma perna sua fazia duas e meia das dela.

Mas odiava como a olhava. Doía saber que nesses belos e expressivos olhos já não residia a luz de tempos atrás, mas apenas sombras que a analisavam com frieza, como se fosse um pedaço de carne com olhos.

—Tire minha roupa íntima.

—Era o que ia fazer.

—Não me responda.

Bryn negou com a cabeça enquanto enfiava os dedos pela costura da cueca escura. Seus olhos celestes estudaram o que o gigante guardava dentro do tecido. Não esqueceu seu tamanho nem esqueceu sua textura: dura, suave e lisa. Grosso e venoso.

Grande como ele era.

Bryn fechou os olhos e mordeu o lábio inferior. Recordava muitas coisas: seu sabor, seu calor... Tudo que fazia com ela e que a enlouquecia com aquela ponta achatada e rosada. O modo como Ardan desfrutava a atormentando, ainda a afligia em sonhos. Cada noite. Cada dia. Cada hora.

Baixou a cueca sem receber nenhuma ajuda do guerreiro. Bem que podia se levantar para que a roupa íntima escorregasse por suas pernas. Mas o cara nem se movia. Assim Bryn, sem pestanejar, rasgou a cueca pelo meio e o deixou como havia chegado ao mundo: nu por completo.

No princípio não entendia o que estava vendo. Acreditava que era o efeito dos raios que apareciam entre as nuvens do entardecer e que se refletiam nos vidros, e que isso conferia esses brilhos em algumas partes de seu corpo.

Mas estava enganada.

O que brilhava não era nem suor nem sangue. Tampouco pele.

Ardan tinha piercings ao longo de todo o pênis e duas bolas prateadas: uma na parte superior da glândula e outra na inferior. Bryn abriu os olhos impressionada.

—Mas posso saber o que se fez?! Deuses... — esse homem já tinha um instrumento brutal, mas adorná-lo com adornos metálicos. — Parece uma maldita árvore de Natal!

A comparação fez Ardan sorrir a contra gosto, mas ocultou sua reação e retomou sua atitude de aborrecimento e desdém.

Bryn observou que não tinha piercings só no membro. Além disso, tinha um em cima do umbigo, outro em cada mamilo e, os de seu rosto, é óbvio: um na sobrancelha e outro no lábio.

—Por que usa isto? Gosta de perfurações? —perguntou mais calma. Ao ver que não respondia se frustrou. — O amo não responde?!

Se havia uma pessoa em todos os reinos do universo a quem Ardan não intimidava, essa era Bryn. Por isso se atrevia a falar assim: com inconsciência e total desconhecimento da posição em que estava.

Isso irritou o highlander. A queria sob ele, submetida.

Castigada, cumprindo sua penitência por traí-lo. E a teria.

Mas Bryn, embora ele desejasse fervorosamente, não implorava que a perdoasse. Não pediu perdão. E, ao que parece, não o faria.

—Se cale agora. —Inclinou-se para frente, sem soltar o cabelo que continuava retendo em sua mão. — As coisas mudaram, iceberg e... se quiser que fale com você, me chame de senhor. Recorde quem é e qual a condição para que deixe que permaneça aqui e não te envie de volta ao seu castelinho de cristal, com a honra pelo chão e envergonhada por seu fracasso diante dos deuses.

—Não me intimida, ilhéu.

—Isso já veremos. Quando estiver debaixo de... — ficou em silêncio e empalideceu ao notar como o vidro do lado atravessava com mais profundidade suas costelas. Tossiu e cuspiu sangue de novo.

Bryn se alarmou e o ajudou a apoiar as costas no respaldo da poltrona. Esse homem era um coador, e ela devia se apressar e fechar suas feridas.

—Fica quieto. Um dos vidros atravessou seu pulmão.

Ele responderia, mas a dor era muito intensa, assim cedeu à ordem do Bryn. Fechou os olhos e esperou que a Valquíria fizesse sua magia.

E o fez como sempre fazia, como cada uma das luas que estiveram juntos em Asgard.

O fato que ela pudesse curá-lo tendo quebrado o *kompromiss* que tinham surpreendeu os dois. Um *einherjar* e uma Valquíria podiam quebrar o coração um do outro; suas asas poderiam congelar e se tornar azuis; inclusive deixariam de sentir amor e respeito entre eles; mas o *hellbredelse* continuava como uma lembrança que foram um par, e que, embora não quisessem, seus dons ainda podiam curar: um continuava sendo a cura do outro.

Bryn se emocionou ao sabê-lo, mas também doeu ao se dar conta que o tempo não fez que o esquecesse nem que ele a perdoasse. Seus corpos, pelo contrário, eram mais honestos, e ainda se reconheciam como o que eram: uma parte indivisível de um tudo. Um único mundo.

Por seu lado, Ardan esqueceu. Esqueceu o calor das mãos da Valquíria, o cuidado com que tratava suas feridas, a suavidade com que o curava. Estava o acariciando como fez milhares de vezes em outro tempo, em outro lugar. E quando ela o tocava assim, parecia que o tempo não passou; e, entretanto, passou muito. Os dias na Terra o encheram de solidão e procurou refúgio em todos os guerreiros dispostos a segui-lo. Seu corpo exigente descobriu o prazer em outro tipo de sexo, em outro tipo de mulheres e corpos. Aguentou seu exílio como melhor pôde. Mas também, devido à sua condição de *einherjar* rejeitado, sofreu as feridas e a dor de não poder cicatrizar rapidamente; e, também, as mortes daqueles que tentaram ser seus amigos, e as de quem o foi de verdade. Perdas irreparáveis.

Fechou os olhos, furioso com ele mesmo e com a mulher que fechava seus cortes com tanta doçura.

Essa sereia, essa princesa das neves, essa traidora rasteira foi quem o enviou para sofrer o destino incerto e solitário no qual agora vivia. Não podia esquecer; não podia se deixar levar por seu toque nem por seu aroma. Bryn o destroçaria de novo num abrir e fechar de olhos se ele mostrasse compaixão ou se acreditasse em suas palavras.

Foi ela quem causou a ferida mais dolorosa, e isso nem sequer o *hellbredelse* podia curar. Porque as feridas na alma não se viam à simples vista, estava bem dentro, ocultas da vergonha.

Os vidros e as lascas repicavam ao cair sobre o chão.

Bryn permanecia concentrada nele. Em não deixar hematomas nem corte, nem infecção... O curaria e tiraria o sofrimento corporal dele. Por agora, era o único que podia fazer. O único que permitiria. Se aproximar dele como uma maldita enfermeira era apenas o que queria esse homem dela.

Escutou a exalação de Ardan ao sentir como saía o último vidro lacerante de sua pele. Passou a ponta de seus dedos pela ferida, e estes se iluminaram tenuemente para fechar a feia e profunda incisão. Depois, Bryn se apoiou nos joelhos dele, se inclinou adiante e curou os cortes e queimaduras de seu rosto.

O toque, a carícia fez que ele fechasse os olhos, enquanto, pouco a pouco, recuperava a respiração.

Apoiou as costas na poltrona, com os olhos fechados, mais relaxado que antes. A dor física desapareceu. A seus pés estavam todas as peças de metal, madeira e vidro que estavam em seu corpo depois da explosão.

Abriu os olhos cor de caramelo, e se encontrou com o rosto concentrado da Valquíria. Por que tinha que ser tão bonita?

Enfraquecia seus joelhos ao vê-la. Sempre aconteceu isso.

Mas agora não mais.

la derrotar Bryn; e ninguém podia detê-lo.

Por fim começaria sua vingança.

Inalou seu aroma, sabendo que a teria apenas para ele, que ninguém o incomodaria e que, se alguma vez a loira devia o temer, seria agora, entre as grossas paredes de sua fortaleza. Seu território.

E ia demonstrar.

—Pronto. Não tem mais cortes —sussurrou ela, cautelosa, se retirando ao ver sua expressão.

—Bem, escrava. Se levante. Vou deixar claro o que quero de você.

Estava claro que o pequeno microclima que se estabeleceu entre eles desapareceu quando Ardan se curou.

—Não quer falar comigo de nada? —perguntou tentando puxar conversa, assustada ao ver a vontade naquele arrebatador rosto.

—Não me interessa nada que possa me dizer, escrava.

—Já me disse isso lá embaixo, esco...

Ardan não se deteve, afundou a mão em seu cabelo e puxou, se levantando com o movimento e a levando com ele.

— Parece que não ficou clara sua posição nem as normas que tem que seguir na minha casa. Escocês, ilhéu, tranças... são nomes que nunca mais poderá mencionar. Nem sequer Ardan. Disse isso a você no ESPIONAGE e ontem de noite... me chame Dom ou Amo a partir de agora, iceberg. Juro que não resta paciência para você e não custará nada te enviar de volta.

— Acredito... Acredito que não se atreveria a me fazer isso. — *“Supostamente se atreve. Não seja tola, não vê que te odeia?”*. — É apenas conversa. Você, melhor que ninguém, sabe como sou forte. Não me afastaria desta batalha...

— Não? — Arqueou as sobrancelhas e sorriu com maldade. — *Brukk...*

Bryn piscou, cravando as unhas no pulso para que a soltasse.

Sim. Ardan falava muito a sério.

— De acordo! — Bryn mostrou as diminutas presas e levantou o queixo desafiante. — Serei sua escrava, se assim... Se assim abrandar seu pau e se doma sua altivez. Ou acaso acha que não sei que está duro aí embaixo... Amo? — Bryn desfrutou da expressão do highlander, que apertou os dentes; isso fez que os músculos de sua mandíbula se movessem raivosos. — Me odeia, quer me fazer pagar pelo que te fiz... Bem, de acordo. — Assegurou encorajada. Precisava ganhar terreno e demonstrar que, embora a tivesse em seu poder, ela também sabia o poder que exercia sobre ele. — Mas não pode me odiar tanto quando o punk com piercings que tem entre as pernas está desejando me fazer o *harakiri*.

Putaque pariu! Bryn sempre foi direta e certa em seus ataques. Dentro daquela retidão, de sua diplomacia e sua seriedade, a General sabia ser provocadora quando precisava. Não pedia permissão e jamais suplicava perdão. E enfrentá-lo assim, em inferioridade de condições, demonstrava isso. Por isso a admirou tanto antes. Seu arrojo tornou impossível domá-la no Asgard; ninguém podia. Exceto ele. Entretanto, agora a dominaria, a controlaria e demonstraria quem mandava, sem um ápice da ternura que uma vez lhe dedicou.

Não tinha ternura para ela. Não mostraria compaixão pelas mentirosas.

Ardan sentou sobre a poltrona de novo e, com um puxão, a colocou de barriga para baixo sobre suas pernas. Os seios de Bryn se esmagaram contra suas peludas coxas.

— Não tem nem ideia do que sou nem de como mudei, escrava. — A Valquíria se mexeu tentando se libertar, mas ele prendeu suas mãos atrás das costas, enquanto subia o pulôver que cobria coxas e nádegas. — Está sem calcinha, iceberg? — sussurrou raivoso.

— Me solte!

— Oh, usa shortinho embaixo? — A provocou elevando a mão e dando uma bofetada tão forte nas nádegas que fez que Bryn gritasse com força.

A General ficou com todo o cabelo loiro caindo abaixo, as pontas do mesmo roçando o chão. O sangue ia para a cabeça e tinha as bochechas vermelhas por estar nessa posição.

Ela silvou para suportar a dor picante da mão de Ardan sobre sua sensível carne. Quando estavam juntos, ele lhe deu algumas bofetadas nas nádegas; Ardan gostava de mandar e adorava ver como sua pele avermelhava. E Bryn nunca se sentiu mais viva jogando com ele daquele modo. Ficar nas mãos de alguém muito mais forte que ela, de alguém que podia te quebrar, e saber que

nunca faria mal era muito estimulante. E era fascinante para uma mulher como ela, acostumada a que ninguém a contrariasse, que a dominasse assim.

Mas agora duvidava de Ardan. Ele podia machucá-la de verdade.

—Ser minha escrava significa aguentar meus castigos, iceberg. E ser seu amo, entre outras coisas, quer dizer que você e eu devemos ter uma palavra de segurança para nossos jogos.

—Não quero jogar com você! —exclamou mordendo o lábio inferior.

—Não importa o que queira. Aqui mando eu. Sabe qual é a palavra de segurança? — Enquanto perguntava deslizou um dedo de maneira superficial entre suas nádegas e até sua entrada mais íntima.

É óbvio que sabia. Logo depois de sair do ESPIONAGE e descobrir o BDSM, Bryn arranhou tempo para comprar alguns e-books sobre essas práticas sexuais. Não estranhava nada que Ardan se encantasse por elas, porque sempre demonstrou que gostava de sexo duro.

—Me responda! —ordenou ele dando um novo açoite.

—Sim —repôs ela, envergonhada. — Sim, sei!

Zas! Zas! Zas!

—É tola? —replicou ele ofendido. — Qualquer resposta virá acompanhada com um “amo”, entendido?

—Sim... amo —murmurou dolorida.

Ardan sorriu e respirou mais tranquilo. Domar Bryn seria divertido e muito complicado.

—Em outras circunstâncias, a deixaria escolher a palavra de segurança —informou o highlander com tom soberbo. — Mas dada a casualidade que não me importa absolutamente o que quer, então já sabe. Assim, serei eu quem escolhe.

Bryn quis olhá-lo de lado e fritá-lo com um raio entre as sobrancelhas; mas não podia fazê-lo, porque logo sofreria seu exílio. Se sentia como uma frigideira, e Ardan segurava o fodido cabo.

Tinha que aprender a jogar e obedecer. Por muito amarga que fosse sua situação, por muito que tudo estivesse contra, a missão era mais importante que suas diferenças.

—Aceita uma sugestão, amo?

Ardan entreceitou seus olhos e a olhou através de suas grossas pestanas. Nunca confiaria nela.

—Me diga.

—Poderia ser “imbecil” a palavra de segurança?

Ardan grunhiu, elevou a mão e, com um puxão violento, arrancou seu short, o rasgando em dois pedaços, levando a calcinha com ele e a deixando absolutamente nua com o traseiro à mostra.

—Quer saber qual sua palavra? A palavra que pronunciará e fará que tudo acabe?

—Claro, me surpreenda.

—A palavra é: foda-me.

Ela ficou sem respiração, e desta vez sim olhou seu rosto por cima do ombro. Ele erguia o queixo como se tivesse dado uma bofetada. E a deu de verdade. Sabia que a tinha em suas mãos.

Os olhos de Bryn avermelharam pela raiva, pela fúria e também pelo medo e excitação.

—Nunca pronunciarei essa palavra. Não pode me obrigar a isso. Não pode me forçar a...

—Não vou te forçar. Quando acabar com você, a terá pronunciado. Talvez não hoje. Talvez não amanhã. Mas o fará antes do que imagina. Não vou te dar trégua, escrava.

—Está muito seguro que vou me render, não é? Pois já pode começar — soltou entredentes —, ilhéu. Faça que a pronuncie, vamos ver se pode.

—Vou deixar seu delicioso traseiro como um tomate, traidora mentirosa.

Bryn sentiu falta daquilo. A aposta, a competição aberta entre eles usando seus próprios corpos, jogando. Embora agora fossem apenas cascas vazias, pelo menos ela.

Houve um tempo no qual a violência e a paixão de Ardan na cama eram tão incríveis como a ternura e o amor que mostrava fora dela. Embora então, em tempos felizes não a chamava de escrava, nem iceberg. Nem a ofereceu aos *einherjars* de Asgard como se fosse nada, a menosprezando e rebaixando diante dos de seu castelo. Eras atrás, jamais permitiria que a humilhassem daquela maneira e ele mesmo mataria com suas próprias mãos quem ousasse falar com ela assim.

Mas Ardan já não era aquele Ardan.

Quando disse que era um homem de fortes apetites, o mostrou em cada lua asgardiana, cada amanhecer no Vingólf... A tocava diariamente, sempre. Fazia amor sem a penetrar, de todas as maneiras que conhecia. E lutava fisicamente com ela até que um dos dois se rendia porque ambos, como bons caçadores sanguinários, adoravam a perseguição.

E nem sempre foi ela que tropeçou.

Não obstante, nessa poltrona, nesse tempo, a diferença era que ali só ele mandava e, infelizmente, ela nunca poderia se defender. Estava à sua mercê; e queria acreditar que Ardan, em algum momento fora da bruma de ódio e ira, se sentaria com ela e perguntaria por que. Por que fez o que fez? Por que o expulsou de sua vida? Se alguma vez a amou, devia perguntar, não?

Que demonstrasse o interesse que exigiu Freyja para que ela pudesse revelar toda a verdade.

A única palavra de segurança válida era essa: por que?

Mas, até que ele não fizesse essa pergunta, enquanto isso, esperaria e suportaria o que o gigante proporcionasse para ela.

Zas! Zas! Zas! Zas! Zas!

—Ardan!

Nem sequer a preparou. Não lhe deu tempo de tomar ar.

O guerreiro já não dava inocentes bofetadas, agora havia melhorado sua técnica de tal modo que, sem açoitá-la forte, a palmada ardia muito mais.

—Isto por não me chamar amo.

Zas! Zas! Zas! Zas! Zas!

Duas numa nádega, três na outra, quatro entre as pernas.

Bryn gritou e quis fugir daquele contato tão diferente e estranho para ela.

—Vai chorar? —perguntou malicioso, jogando a cabeça para trás. — Não pode fugir de mim. A General mentirosa vai chorar... —zombou.

Zas! Zas! Zas!

E voltou a começar.

Pouco a pouco, a pele de Bryn passou de creme ao rosado, e do rosado ao vermelho...

Zas! Zas! Zas!

—Prenda o grito, loira! —exigia ele. — Prenda —pediu com voz rouca.

Bryn o mordeu na panturrilha com tanta força que tirou sangue.

Ardia sua pele, ardia e picava. A estava açoitando, como faziam os mais velhos com seus pequenos quando se comportavam mau. Como nunca fez antes no palácio de Freyja.

Bryn soube que a estava açoitando por todas as vezes que quis fazê-lo e não pôde; por seu exílio; por sua traição e sua silenciosa dor.

Para ela Ardan representava a viva imagem de uma puta de satã.

Zas! Zas! Zas! Zas!

Obrigou-se a não gritar. Não gritaria. Não o faria. Embora estivesse nua e indefesa sobre suas pernas. Não ia se render. E não o fez pela meia hora seguinte.

—O mais incrível de ser imortal — disse ele observando o que fazia com o escultural traseiro da Valquíria, agora esculturalmente escarlata — é não desmaiar por uma surra erótica. —O highlander sacudiu a mão porque começava a doer. Enfureceu-se— Quantas foram, iceberg? — tinha vontade de passar a palma por cima e acalmar a pele ardente. Ardia de desejo de mimá-la, embora fosse só um pouco. Mas era um castigo, um castigo por tudo, e não seria suficiente... De fato, acreditou que nunca seria suficiente para perdoá-la.

Bryn não pediu perdão, a grande maldita.

A jovem gemia e grunhia baixo, mas não dava seu braço a torcer. Sabia que doía e também sabia que tinha a *hellbredelse* em suas mãos. Se quisesse, podia curá-la rapidamente. Mas não o faria. A bela traidora devia sentir, pelo menos, um pouco da dor que experimentou ele durante todos os séculos de solidão que vivia no Midgard.

Por sua culpa.

Perdão não era uma palavra difícil de pronunciar. Mas Bryn demonstrava, com seu orgulho e sua altivez, que era incapaz de reclamá-lo.

—Sabe? —disse Ardan. — Agora que as Valquírias já podem deixar de ser virgens, esperarei que me peça isso para fazê-la completamente mulher, não é, Bryn? — Levantou parte do pulôver que continuava cobrindo suas costas e também o rasgou no meio, para que as asas azuis e geladas aparecessem embaixo da lã. Suas asas não eram feias, embora dissesse o contrário na casa de Anderson. Eram tão bonitas que pareciam distantes. Assim como ela. Bela, distante e... e puta. Abriu suas nádegas e desfrutou ao observar a umidade latente que se depositou entre suas pernas. — Incrível... A deixei quente com o que fiz.

—Não... — gemeu Bryn, depois de um longo silêncio. — Não gosto disto... senhor. Pare. — Sim, gostava. Mas gostava se pudesse revidar e fazer o mesmo. Não era submissa natural, embora a agradasse que Ardan a submetesse, sempre e quando lutasse com ela e ganhasse sua submissão. Ela não se renderia, nunca ficaria diante de ninguém para dizer: “aqui estou, prenda minhas mãos nas costas e me ponha no topo do traseiro a bandeira do Japão”. Porque para ela a submissão não era ceder o controle. Para ela, submeter-se significava que a tinham tomado justamente. Lutando.

—Não acato ordens das escravas — assegurou, deslizando os dedos entre sua umidade, brincando com ela. — Gostaria, Bryn? Gostaria que te desse um desses orgasmos que te lançavam

às estrelas? —ronronou se fazendo de bom. Era um amo canalha. Deslizou a ponta do dedo do meio no interior de sua vagina, apertada e inchada pelos açoites, até tocar o hímen.

Ela se esticou e negou com a cabeça. O que ia fazer?

—Vou tirar sua virgindade, Valquíria. E vai ser meu dedo quem o fará — era maquiavélico. Estava desfrutando de sua tortura. — Nem sequer um homem. Só um dedo. O que me diz? Faço isso? Agora Freyja não te protege.

—Não... — soluçou. Queria chorar; mas a raiva e a indignação a impediram.

—Não? Não acho que se importe muito...

—Não! —gritou, arqueando as costas para cima quando notou que o dedo roçava o hímen com insistência. Tantas vezes brincaram assim... confiava tanto nele... Pensou com amargura.

Agora não podia relaxar e deixar que a tratasse como antes, porque não confiava nele. Não permitiria que fizesse isso. Era uma mulher e desejava perder a virgindade com Ardan, quando fosse bom com ela outra vez. Não assim.

—Então me peça isso. Diga: “por favor, amo, não mereço que esse belo dedo tire minha traiçoeira virgindade”.

Bryn engoliu. Uma veia palpitava na sua têmpora e outra na testa.

“Bastardo. Miserável, porco...”. Todos os nomes ficavam pequenos para usá-los contra ele.

—Diga isso — exclamou Ardan, dando uma nova bofetada com o dedo da outra mão dentro dela.

—Por favor, amo... —Parou um momento para puxar ar e sentir como as areias movediças da humilhação a engoliam... — ... Não mereço que seu belo dedo tire minha traiçoeira virgindade — ia chorar. Ia chorar na frente dele. *“Aguenta. Aguenta, não dê esse gosto”.*

Ardan ficou quieto, observando como a rosada vagina de Bryn tinha meio dedo engolido em seu interior. O retirou rapidamente e deu uma última bofetada na nádega para, em seguida, a levantar sem muita cerimônia. Teve que segurá-la para que a loira não caísse no chão.

Piscou atônito. Bryn tinha os olhos brilhantes e úmidos e as bochechas rosadas. O lábio inferior estava inchado por ser mordido. Gloriosamente nua, com suas orelhas bicudas, que apareciam levemente entre seu cabelo dourado, continuava sendo a sereia mais bonita que viu em sua imortal vida.

E quanto o incomodava isso, por Odin.

Levantou-se, tão nu quanto ela, e lambeu o dedo que esteve no interior da guerreira.

—Seu belo dedo tem meu sabor, amo —comentou Bryn com as pupilas dilatadas e o tom ácido de General. Ardan a passava por quase duas cabeças. Queria seus sapatos de salto. — Que vergonha para ele, não acha?

Ele teve o descaramento de sorrir e tirar o dedo úmido de sua cavidade bucal com um suave *plop*.

—Por isso o limpei —respondeu, a estudando de cima a baixo.

Ela se sentiu incômoda com seu escrutínio, e o observou dar meia volta e se dirigir ao que devia ser o *closet*. Era um vilão, mas seu traseiro continuava sendo de enfartar.

Ao sair da sala, trazia um colar de couro negro grosso, com miçangas prateadas e uma corrente pendurada. Outro colar de cão, e este, além disso, com corrente.

—Não quero pôr isso — protestou trêmula. Deuses, suas nádegas doíam como nunca... E Ardan continuava muito ereto.

O highlander encolheu seus enormes ombros e teve o descaramento de sorrir.

—Porá isso porque eu digo. É uma cadela, verdade? — sacudiu o colar na frente dela, e depois rodeou seu pescoço com ele. — Pois será minha cadelinha. —Ajustou o fecho, e o deixou no lugar.

—Não sou uma cadela, Ardan —assegurou ela com voz trêmula, mas segurando a barra. Não ia cair na frente dele. Ele não apreciaria e riria de sua aflição. — Me trate com mais respeito. Não pode me mostrar assim na frente dos demais.

Ele se pôs a rir.

A grande General estava diante dele. Sem máscaras, sem filtro... E ainda dando ordens.

—Não entendeu ainda, verdade? — puxou seu colar de cão e a guiou até a cama. — Já não tem poder. Aqui não. Aqui é o escalão mais baixo de todos.

—Não para minhas *nonnes* —elevou o queixo. — Não para o Engel, ou acaso acha que, quando souber que me trata assim, não darão a você o merecido?

—O líder dos *einherjars*, por agora, não moveu um dedo por você.

—Fará no momento que ver o que está fazendo.

—Se engana. — Negou com a cabeça, subindo à cama e a levando com ele com um puxão, a fazendo cair de bruços contra o colchão. — Se engana... — grunhiu de novo, aproveitando para rodear seus pulsos com algemas e prendê-las às barras da cabeceira da cama. Passou a mão por suas costas nuas e depois pela parte traseira das coxas, mas, em nenhum momento, tocou a pele maltratada do traseiro. Não haveria misericórdia para Bryn, nem agora nem nunca. — O Engel me deu passe livre. Hoje falamos sobre você.

Bryn arregalou os olhos; primeiro ao ver que a algemava e, depois, ao saber que Gabriel conhecia seu segredo.

—Eu disse a verdade —prosseguiu sem parar de acariciar a pele com a ponta dos dedos.

—Não me toque! —remexeu-se ela indignada. — Não devia dizer.

—Contei tudo: a verdade sobre o que aconteceu, a verdade sobre por que estou aqui... O Engel sabe que é realmente poderosa e não quer te perder como guerreira, óbvio. Mas também sabe que tenho a chave de sua ascensão direta ao Asgard pela porta de trás e que, com um par de palavras, faço que desapareça do Midgard. Gabriel não quer que as pronuncie, e para isso, aceitará que eu me encarregue de você. A meu modo, sob minhas normas. Minha lei.

A General afundou o rosto no travesseiro e proferiu cem mil maldições.

Estava vendida como nunca, nas mãos de seu maior inimigo.

—Dormirá comigo. Aqui —assegurou ele levantando da cama e rindo como o ganhador de um torneio. — E farei o que quiser com você dentro dos meus aposentos. Ninguém a maltratará fora deles.

—Seus *einherjars* e seus amigos querem arrancar minha pele em tiras — protestou abatida. Sua voz soou amortecida pelo travesseiro. — Se me tocarem, se atreverem a me machucar...

—Ninguém a machucará. Você não responde suas provocações e pronto.

—Se atreverem a encostar um dedo em mim —continuou Bryn, levantando o rosto do travesseiro e o olhando no rosto — os matarei, Ardan. Não deve dar poder a ninguém para que me faça mal, ou sairão perdendo. Deixará alguém muito irritada diante deles.

—Estão sob minhas ordens, estão proibidos de te tocar. Só eu posso fazê-lo.

Ela sorriu sem vontade. Se Ardan visse como a olhavam, não poria a mão no fogo por eles. Esses guerreiros, se pudessem, a torturariam. E podia não conseguir usar sua fúria de Valquíria contra Ardan, mas contra eles o faria sem hesitar.

Ele a olhou de cima a baixo e agarrou o duro membro com a mão.

—Vou tomar banho. —Se dirigiu ao banheiro contíguo, com as costas muito retas e o rictus de dor no rosto.

—Vai me deixar aqui acorrentada?

Ele parou, tenso como uma vara, e ficou de perfil: um esplêndido e ardente perfil recortado pela luz do banheiro. Mostrou como acariciava a si mesmo, sem vergonha nem modéstia. Acima e abaixo, como fez milhares de vezes quando estavam juntos.

—Disse que tiraria sua virgindade. Disse que me pediria. —A cor caramelo de seus olhos se escureceu. — Mas se não tomar uma ducha fria, vou te foder, escrava. E não fodo às escravas a não ser que implorem por isso. Só fodo às mulheres que desejo. —Elevou o canto do lábio inferior, e o piercing refulgiu na escuridão.

O insulto cortou a alma de Bryn com a precisão de um bisturi. Apertou os dentes, recolhendo as marés de raiva e ira por esse homem que continuava querendo, a que a tinham obrigado a abandonar, e que agora a tratava tão mal.

—Que pena que o que tem entre as mãos não pense igual, amo.

—É uma mulher nua. —Apertou a ereção. — O que esperava?

Após essas palavras, fechou a porta, e abriu a água do chuveiro.

Bryn ficou às escuras e aproveitou para soltar as lágrimas que estava retendo desde que Ardan ordenou que se desculpasse com Theodore.

Chorou por ela, e também por ele. Porque, continuando desta maneira, perderia todas as lembranças boas, e só restariam a amargura, o rancor e o despeito.

Por seu lado, Ardan se apoiou nas bases prateadas e negras de sua imensa ducha, e deixou que a água fria arrasasse com todo seu remorso e anulasse a capacidade de ouvir o pranto esmigalhado de Bryn.

As traidoras e mentirosas jamais deveriam chorar como mulheres desesperadas e abatidas. Soava como se, na realidade, ela não tivesse culpa do que estava acontecendo. Mas que o crucificassem se não era a única culpada! Mesmo assim, se Bryn era tão fria, por que demônios chorava tão desconsoladamente? Nunca a viu nem ouviu chorar.

Jamais. Por que agora?

Teve o imperioso desejo de sair dali para tirar suas algemas e se meter com ela na ducha. Faria amor violentamente e diria tudo que pensava de sua pessoa. Exigiria que desse uma maldita

explicação, inclusive que mentisse para assim acreditar por fim e dar a oportunidade de receber seu perdão.

Ardan grunhiu, e golpeou a parede com a parte posterior de sua cabeça.

—Idiota, idiota, idiota... — repreendeu a si mesmo. — As lágrimas dessa mulher são lágrimas de crocodilo. É um maldito réptil de sangue-frio. Não esqueça. Não... — ficou sem respiração e ejaculou em sua mão, pensando na víbora que fingia ser quem não era, e que, em vez de esquentar sua cama com seu corpo, ia gelá-la com seu maldito coração de gelo.

CAPÍTULO 7

Eilean Arainn

Seis da manhã

Diário de Bryn

Preciso escrever agora mesmo. Estou muito indignada para continuar com isto.

Ainda não saiu o sol e estou acordada desde que Ardan me agarrou pelos braços e me colocou sob o jato da ducha, com água gelada e fria. Água das Terras Altas.

As ordens do sádico foram as de procurar eu mesma a cozinha e preparar o café da manhã para todos os guerreiros. Não sei quem ele pensa que sou; não sou sua servente (bom, agora pode ser que sim). Mas por que tenho que preparar um manjar para toda essa gente que me odeia?

Não me disse nada mais. Vesti-me com a roupa que ele me preparou (por certo: o que faz toda minha roupa em seu guarda-roupa?), um pulôver cinza muito largo, jeans ajustados e as botas de cano alto; e me expulsou do quarto aos gritos de: comece a trabalhar, escrava!

Decidi que vou fazer para mim um colar com seus dentes, seus cílios e seu cabelo. Quando tudo isto acabar e puder colocá-lo em seu lugar, o torturarei cem mil vezes.

Aos residentes do castelo não agrado. Nota-se que o escocês lhes deu sua versão dos fatos. Como posso me defender? Se Ardan não se interessa, se não pronunciar as palavras que necessito para explicar tudo, continuarão me odiando. Ele continuará me odiando. Inclusive talvez depois de explicar minhas razões, também continue fazendo isso.

A questão é que, depois de percorrer toda a fortaleza (que continua me impressionando), cheguei ao que parece ser a sala de jantar principal. Ardan tem os costumes dos lairds, quando todos comiam juntos na mesma sala e ele liderava os banquetes como chefe do clã. A cozinha fica ao lado, e dado que Ardan parece adorar as últimas tecnologias, está cheia de botões e instrumentos únicos e de design. Fiquei louca para encontrar todos os ingredientes para cozinhar, mas no final encontrei todos.

Preparei bolos, brownies, sucos, algumas omeletes de vegetais e carne, e café... Litros e litros de café.

Em Chicago lemos muitos livros da biblioteca do tio de Gabriel que, por certo, agora é o companheiro de Isamu, um vanírio do clã samurai de Miyamoto. Um desses livros era de receitas culinárias. E dado que temos o cérebro muito desenvolvido e captamos conceitos em décimos de segundo, usei minha memória para preparar algo succulento.

Enquanto cozinhava, observei o que me rodeava. Não entendo como a pedra e o aço, como o clássico e o novo, o frio e o calor podem fazer tão bom contraste. Mas nessa cozinha, e em tudo o que é o lar de Ardan, essas antíteses convivem em harmonia.

E este castelo... Este castelo é bem como ele. Forte, mas com pequenos cantos cálidos cheios de cuidado e dedicação; escondido entre os cantos dos penhascos de Arran e, às vezes, mostrando sutilmente sua beleza mediante janelas esculpidas na montanha, aptas para aqueles que veem e não só olham. Esquivo e exposto. Belo e misterioso.

Duro e elegante.

Observei que na sala há um tartan pendurado na parede. É azul e se cruzam linhas negras grossas transversais, e algumas mais finas e vermelhas. Considerando que Ardan não me explicou nada sobre seu clã e, graças a poder preparar um café da manhã abundante e numeroso em pouco tempo para os ditosos guerreiros do Trança, me sobrou tempo para pegar meu iPad (incrível estas tecnologias terrestres: não entendo como avançaram tanto neste setor e tão pouco a níveis mentais e espirituais), e indagar pela rede para descobrir a quem pertencem essas cores com as linhas dispostas desse modo.

Levou-me ao clã Mackay, um dos clãs mais antigos e poderosos da Escócia, cujo lema é:

Am fear is fhaidhe chaidh bho'n bhaile, chual e'n ceol bu mhillse leis nuair thill e dhachaidh.

Que quer dizer: “o homem que vaga errando fora de casa, escuta a música mais doce quando volta para ela”.

É um lema verdadeiramente bonito. Acredito que combina com Ardan, porque não sei que tipo de vida levou desde que o expulsei do meu lado (Embora imagine. E sinto raiva quando faço isso), mas sei que não pôde ser feliz. Porque eu não fui, e ele é meu einherjar. Aposto que caminhou

errante, como fiz durante eras, porque ambos estamos fora de casa... Perdidos por completo. E agora que nos reencontramos, embora ele só queira me machucar e eu replicar continuamente, devemos nos dar conta de que um é o lar do outro e existe uma bela melodia para nós que ainda não podemos, nem sabemos ouvir.

Por Freyja e seu colar de pérolas! Estou tão cansada de chorar. O que está acontecendo comigo desde que cheguei ao Midgard?!

Será verdade que é um reino no qual as emoções perdem contra a razão? Ou talvez, talvez, a dor no traseiro está me incomodando muito...

Maldito cretino. Grande surra me deu. Pelo menos usei meu hellbredelse para curar. Ele nem sequer me curou depois dos açoites. E aqui não tenho o hjelp, o remédio dos anões para nossas feridas. No Valhala podia lutar e podiam me ferir, mas, tendo o creme milagroso, curava rápido.

Aqui no Midgard, se não tiver o hellbredelse de Ardan, não saro tão rapidamente; e o que pode curar em um instante, demora longas horas humanas para sarar. O escocês deveria apreciar esse detalhe; embora, possivelmente, como o sabe, nunca irá considerar isso.

—Escrava.

Bryn teve um sobressalto e pronunciou a palavra que fazia desaparecer seu diário mágico, e este desapareceu de suas mãos rapidamente. Girou sobressaltada.

Ardan se vestia com roupas escuras. Tinha o cabelo preso num coque baixo e grosso e uma pequena trança escura caía sobre seu ombro. Usava um pulôver de manga longa de cor negra e jeans largos azuis escuros. As botas de motoqueiro chegavam até os joelhos e tinham a ponta prateada e metálica.

No rosto se exibia o olhar de caramelo congelado, fixo nela e em tudo o que preparou. Analisando se fez bem ou mau.

Por Freyja... Que homem tão... tão... tão homem, pensou Bryn.

Era bonito, como só a masculinidade em harmonia podia ser.

Atrás dele, uma pequena cabecinha se moveu inquieta. Johnson mostrou seu rostinho ruborizado e sorriu com alegria. Aquele moleque, além de suas *nonnes*, era o único que se sentia feliz que ela estivesse ali.

E, do mesmo modo, ela se enternecia cada vez que Johnson estava perto; bem o contrário do que acontecia quando o gigante escocês a rondava ou a julgava com esses olhos de gaxinim em constante irritação. E só Freyja sabia os sentimentos que despertava nela; eram tão contraditórios... Desejava bater nele e desejava abraçá-lo.

Como era possível?

“Porra, Bryn, entre outras coisas, bateu em você com a mão aberta no seu traseiro. E se sente frustrada. Por isso”. E ainda por cima irradiava essa fragrância varonil... Como a brisa marinha, que no Valhala a deixava nocauteada e, entretanto, no Midgard a aproximava da fome e da ânsia.

—É rápida — murmurou Ardan, analisando a disposição do café da manhã sobre a mesa e inalando o aroma que flutuava pela sala de açúcar, café e frutas. A Valquíria fez um trabalho excelente em menos de uma hora. Não devia esquecer que eram seres superdotados, que sua inteligência e suas habilidades eram superiores às dos mortais e que, de todas as filhas de Freyja, Bryn era a mais capaz em todos os sentidos.

Bryn não respondeu sua espécie de elogio. Johnson usava joelheiras e cotoveleiras sobre sua roupa, e isso chamou sua atenção.

—Aonde vão?

—Isso não importa. — Respondeu o guerreiro.

“Odioso. É odioso”.

Johnson se dirigiu à mesa para pegar um doce com pedacinhos de chocolate. Ardan sorriu pelo gesto guloso do pequeno, mas quando Johnson pediu permissão com seus olhos azuis para pegá-lo, Ardan negou com a cabeça e disse docemente:

— *Na vean da.* Não toque — sorriu e piscou um olho. — *Tha’n cal moch a cheart cho math ris a’ chal anmoch.* Estará igualmente bom quando retornarmos.

Era tão injusto, pensava a General. Tão injusto que esse homem fosse todo doçura e cuidado com Johnson e pelo contrário, com ela fosse o maldito Diabo.

Não era certo.

—É muito cedo. — interveio Bryn se aproximando da bandeja de bolinhos. — Se tem fome, por que não pode comer um?

Ardan piscou incrédulo pela ousadia da loira. Analisou-a de cima abaixo.

—Quem te deu permissão para falar? E como repeti, em todos os sentidos, como tem que se dirigir a mim? — perguntou sem se mover do lugar, apoiando uma mão no ombro de Johnson para que não se aproximasse dela, nem aceitasse o doce.

Bryn franziu o cenho e desviou o olhar para o pequeno híbrido. Também ia falar com ela assim diante dele? Johnson envesgou os olhos ao olhá-la, dando a entender que seu padrinho era lerdo, e ela começou a rir com surpresa.

—Acha graça de que? — grunhiu o highlander confuso.

—A verdade é que estou rindo para não chorar, amo — respondeu Bryn, cruzando os braços, e se apoiou na mesa principal— Espero que Johnson não saia tão mal-humorado e ditador como você. O reino já tem suficiente com você.

—Isso é algo do que não tem que se preocupar, escrava. — murmurou ele com frieza.

—Necessita que lhe dêem outro tipo de atenção. Tanto homem o converterá num cavernícola. Ou nisso, ou em gay, não acha? — perguntou provocadora.

—Acaso você o ensinaria a ser melhor? — insinuou com desprezo, lambendo o piercing do lábio inferior— Você, que manipula e mente mais que fala? Não me faça rir.

Quando Ardan falava assim, as costas gelavam mais que já estavam e o coração perdia vários dolorosos batimentos, como se temesse cair num atoleiro do qual nunca pudesse sair viva.

—Nem minto, nem manipulo, amo —respondeu com a mesma expressão que ele, ferida por sua acusação.

—Não importa — sorriu indiferente. — Se Johnson precisasse de uma mulher para educá-lo, asseguro que nunca escolheria você. Compete a você servir todos os guerreiros quando descerem. Fale mal com um deles e o que te fiz esta noite serão carícias comparadas com o que poderia fazer —assegurou, a imobilizando com sua atitude. — Vamos, Johnson.

Uma vez, Bragi o poeta, filho de Odin, disse que as palavras elegantes careciam de sinceridade e que, pelo contrário, as palavras sinceras e duras nunca eram elegantes para quem as escutava. Mas havia algo que aprendeu e que era o prego ardente em que tentava se segurar para recuperar o respeito desse homem rancoroso: as palavras mais grosseiras são melhores que o silêncio. E, por agora, Ardan se alimentava com ela, assim não lhe era indiferente.

Embora doesse.

Cravou seus olhos claros e grandes nas extraordinárias costas daquele homem, que se afastava segurando o pequeno pela mão e que não o ultrapassava mais da metade da coxa. Bryn se entristeceu por não poder dizer a verdade.

Johnson a olhou afetado por cima de seu diminuto ombro, e mostrou a língua para tranquilizá-lo.

O menino não era culpado de nada, e não receberia nenhum desprezo de sua parte.

Ardan sorria e o fazia como um insulto.

Ardan falava e não deixava pedra sobre pedra.

Ardan a tocava e o fazia como castigo.

A verdade era que já duvidava da capacidade de perdão desse homem rancoroso. Talvez nunca a perdoasse; talvez sempre a tratasse daquele modo rebelde e agressivo; e ela o que deveria fazer?

Aguentar, porque já era suficiente sofrer os ataques do dalriadano, para ter que suportar a vergonha que arrebatassem seus poderes. Não daria esse poder a ninguém. Já dava muito ao moreno de olhos tormentosos para acabar de arrancar seu coração. Não daria o gosto de pronunciar as palavras da morte.

E doía, doía o centro do peito; doía tanto quanto seu coração ardia de amor por ele. Agora o gelo a queimava e atravessava seu centro até chegar ao núcleo de suas asas geladas.

Pegou uma uva madura da terrina de frutas e a levou à boca.

Pelo menos tinha o consolo que jamais se sentiria sozinha; sempre a acompanharia sua pesada solidão.

Uma que não compartilhava com ninguém.

Aquele era seu território.

Seu lar.

Sua casa.

Ardan pensava em tudo isso enquanto galopava junto com Johnson através de sua propriedade no fiorde de Clyde, no lombo de Demônio, um de seus cavalos espanhóis. Sua Eilean Arainn, sua preciosa escócia em miniatura... Era tão bela.

Ele era o dono daquelas terras e devia procurar protegê-las.

Mas como podia proteger algo externo? Como cuidaria do chão que pisava, das pessoas que estavam sob sua responsabilidade, se mal podia lutar contra o torvelinho de emoções que desencadeou o penoso pranto de Bryn?

Por que chorava? Ela nunca chorava. Jamais.

Não deixou cair nenhuma lágrima por ele quando o mandou para o Midgard. Nenhuma. E na noite anterior, depois de alguns açoites, a honorável General desabou como um maldito castelo de areia no ar. Não compreendia.

O pior, não obstante, não tinha foi ouvi-la. O mais duro era reconhecer que essa harpia orgulhosa tinha o poder de fazê-lo fraquejar, não só por seu desconsolo; seus olhos, que ordenavam coisas que não estava disposto a dar e aquela maravilhosa pele criada para ser acariciada o deixavam louco. Suas asas..., quis as delinear com seus dedos e depois passar a língua através dos tribais. Porque devia ser sincero e admitir que não eram feias. Nunca seriam, já que a vaidosa Bryn não tinha nada feio em seu corpo.

E isso o irritava. Enlouquecia-o.

Louco de desejo.

Louco de sexo.

E louco de vingança. Assim se sentia.

Era um *laird*. Um líder por natureza. Por séculos foi conhecido por sua inclemência e sua inflexibilidade. Se o traíam, cobrava a traição com prazer.

E não havia maior traição do que a que Bryn cometeu contra ele.

E se supunha que devia acreditar em sua suposta inocência? Algumas lágrimas não o abrandariam.

Não. Nem pensar.

Esporeou o cavalo para que corresse mais, avivado por seu receio pela mulher que tomou como escrava e animado pela expressão de Johnson, que jogou o pescoço atrás e abriu os braços, como se simulasse que voava.

Bryn devolveu o pequeno; era a única coisa pelo que estaria agradecido.

Seu afilhado era seu bem mais prezado no Midgard; não havia ninguém mais valioso para ele. Ardan se enraivecia quando imaginava o que aconteceu ao filho de John nas mãos da Newscientists. Oh, e sabia a quem devia pedir explicações: Cameron.

O maldito lobacho sabia que Johnson era um híbrido e, de acordo com Gabriel, tinham estudado e investigado a mulher do líder de Black Country justo por isso.

Tinha contas pendentes com esse jotun. Mas fazia tempo que não sabia nada dele. Era como se tivesse desaparecido dessa dimensão. Embora agora, com a aparição dos totens, teria a oportunidade de ver como aparecia seu maldito pelo asqueroso. E se Cameron tivesse a má sorte de ser achado por ele, não viveria para contar e lhe asseguraria uma morte lenta e agônica.

Olhou a cabeça morena de Johnson e seu peito se expandiu. Esse filhotinho tinha que ver a vida com os olhos de um menino. Mas não falava, era como se tivesse as cordas vocais danificadas.

Lamentando esse fato, decidiu que devia recuperar o tempo perdido com ele. Sempre tiveram essa conexão inquebrável e especial; uma conexão cortada por seu sequestro. Chegaria o momento em que o pequeno riria e se sentiria a salvo; e ele o protegeria durante toda sua vida. Amava cavalgar e recordava os gorjeios do moleque quando era um bebê e seu amigo John o levava nos braços para galopar. Johnson gostava tanto dos cavalos como seu pai.

Sorriu com tristeza ao recordar como Scarlett o repreendia quando voltava e o apontava para dizer: “*Johnson Terceiro Mackay*”.

Quando a loiríssima Scarlett, irmã de Steven, pronunciava o nome e os sobrenomes de seu companheiro significavam problemas.

Problemas enormes.

Deuses... Olhou o céu e fechou os olhos, deixando que o cavalo os guiasse. Demônio já sabia onde devia ir.

Detiveram-se no alto de um pico de pedra, o mais alto da ilha, chamado Goat Fell, recoberto por musgo esverdeado. O cavalo relinchou sonoramente quando Arderem desceu dele com Johnson nos braços e o subiu sobre os ombros.

—Olhe, *mo bheag*. Meu pequeno. Quando for mais velho —assinalou todo o mar onde se via o horizonte e as extensas terras que salpicavam a vista de verde e amarelo. Cores outonais, cheias de melancolia, em meio a uma terra selvagem e um pouco séria. Mas era a terra dos valentes, e sempre oferecia proteção e estava disposta a amar e a embalar a quem a respeitasse. Aquela era sua pequena Escócia—, poderá desfrutar desta bela terra que possuo. Agora ainda está se recuperando, como fazem os guerreiros mais valentes. —Apertou-lhe os joelhos carinhosamente. Em hipótese alguma permitiria que se sentisse envergonhado por sua dificuldade de falar, ou por sua aparente debilidade. Johnson sobreviveu, não havia prova maior de fortaleza para Ardan que essa — Mas em breve, o verei escalando as montanhas, nadando em mar aberto e saltando como faziam seu pai e sua mãe. Saltavam tanto que parecia que voavam. — Recordou nostálgico.

Arrebataram os pais de Johnson. De Ardan, os melhores amigos.

Do pequeno híbrido roubaram parte de sua inocência. Do guerreiro adulto arrancaram o coração.

Naquele amanhecer lamberiam suas feridas e se vinculariam pela eternidade.

Era um pacto dalradiano.

— *De napsütesben újra élnék*. Eu vivo pelo sol de novo. — decretou o highlander fazendo reverência ao deus da luz.

Johnson afundou os dedos no cabelo de Ardan e ficou hipnotizado, sobressaltado pelo amanhecer que estavam a ponto de ver juntos.

O sol. Johnson passou anos sem vê-lo, e se esqueceu da poderosa energia que irradiava o astro mais brilhante. Era surpreendente pensar que acreditou que nunca mais voltaria a vê-lo.

—Quero que saiba que nunca mais permitirei que o separem de mim —assegurou Ardan.— Te dou minha palavra.

O pequeno sabia que seu *laird* falava a sério.

Pouco a pouco, o sol apareceu enorme e infinito.

Os dois, em acordo tácito, decidiram permanecer em silêncio e desfrutar do espetáculo da natureza.

Os raios banharam cada canto da ilha, até que alcançaram o rochedo no qual se encontravam, e iluminou com sua indomável luz parte das almas machucadas do homem e do menino. Danificadas de formas diferentes, embora igualmente dolorosas.

Parte dos membros do castelo, os que tinham madrugado para treinar, estavam sentados ao longo das mesas, devorando, literalmente, a comida que Bryn preparou.

Pensou que se meteriam com ela, que as mostras de falta de respeito não demorariam para aparecer. E não foi assim, à exceção dos *einherjars* que continuavam a odiando.

Bryn se sentia ladeada por Steven de um lado, e Róta do outro.

Por sorte, Miya e Gabriel se recuperaram de suas feridas graças a *hellbredelse* de suas companheiras e agora comiam todos juntos.

Só faltava Ardan.

O Engel explicou o que aconteceu em Aberdeen e quais deveriam ser os passos a seguir. Agradecia que Gabriel a informasse, mas se sentia traída pela facilidade com que o guerreiro *einherjar* deu poder sobre ela ao escocês.

—Está desobedecendo as ordens de Ardan, não tem medo que tome represálias, Engel? — perguntou com voz venenosa.

Gabriel sorriu docilmente, como sempre fazia. Mas por trás daquele sorriso afável e seus carismáticos olhos, residia uma mente calculista. Uma que não deixava fios soltos.

—Não gosto que se encontre neste estado, Bryn —reconheceu o loiro. — Me parece incômoda. Mas você e eu sabemos o tipo de poder que Ardan tem sobre você. E não penso em perder a Valquíria mais poderosa de todas. Assim, pelo bem da missão, o obedeça. Porque se ele fizer o que você e eu tememos que faça, é possível que o mate; e não penso ficar aqui brigando sem ele e sem você. Vamos nos esforçar e relacionar bem.

Essa explicação não servia para Bryn.

—Assim que Ardan retornar, nos poremos em movimento —finalizou Gabriel.

—E outra vez me restará ficar aqui presa? —perguntou ofendida.

Gabriel levou um punhado de frutos secos à boca.

—Veremos como se desenvolve o dia, General.

—Bonito colar. —murmurou Steven ao seu lado.

Steven era importante no clã de berserkers, e aparentemente, por sua parte, tudo era normal. O guerreiro disse que relaxasse, que ninguém dos seus ia repreendê-la.

—Agrada a você? —perguntou a General enquanto bebia suco de frutas e observava por cima de seu copo Theodore e os demais, que riam dela e apontavam seu pescoço, pondo as mãos como se fossem cachorrinhos e mostrando a língua.

Que cretinos. A estavam chamando de cadela.

Róta levantou, disposta a ir até eles; mas Bryn a agarrou pelo pulso e a deteve.

—Nem pense nisso, ouviu? — Os olhos celestes de Bryn se tornaram proibitivos.

—Não penso em me dar bem com esses porcos —grunhiu Róta zangada.— Talvez você esteja impedida de reagir como quer, mas eu não.

— *Oni...* —Miya a sentou sobre suas pernas e negou com a cabeça, sorrindo com diversão. — Não vai brigar com ninguém.

—Mas é que não é justo! —exclamou ofendida.

—Se os provocar, conseguirão o que querem. Precisam de uma desavença e culparão Bryn. E, depois, ela terá que prestar contas a Ardan. A deixará em dificuldades.

Gúnnr assentiu pormenorizada.

—Não gosto tanto quanto você, *nonne*, mas terá que respeitar. Embora — acrescentou como quem não quer a coisa enquanto untava uma torrada com patê vegetal, —se passarem dos limites, vou cravá-los pelos testículo na parede — a untou com mais patê, — com meu martelo, como se fossem quadros.

O Engel abriu os olhos surpreso e não pôde evitar beijá-la.

Bryn afastou o olhar daquela imagem amorosa. Sentia-se mesquinha por sentir inveja. Inveja insana.

—Sabe? Não é tão mau sentir-se um pouco cão. — Steven piscou um olho amarelo para ela e sorriu maliciosamente. — Eu sou.

Bryn deixou o copo sobre a mesa. Apoiou o queixo sobre seus dedos entrelaçados e olhou o berserker. Era uma boa pessoa, e tinha os seus bem controlados. A agradava.

—Não está emparelhado, Steven?

—Por que? Acaso te interessa, General?

A General riu divertida e negou com a cabeça.

—É óbvio que não.

—Bem, porque não tem possibilidade alguma. Sei quem é minha companheira, mas ela ainda não sabe —assegurou passando a mão pelo moicano.

Bryn piscou divertida e surpresa pela resposta. Steven era um desses homens bonitos, atraentes, lisonjeadores e perigosos com as mulheres. A mulher destinada a ficar com ele teria um tesouro ou um demônio.

—Oh, partiu meu coração. —Murmurou falsamente olhando para o outro lado. Suas nádegas ainda ardiam; e ficar sentada não ajudava nada. Maldito Ardan.

—Planejaremos o que fazer hoje quando Ardan chegar da cavalgada com Johnson — disse Gabriel, passando os dedos pelo cabelo liso de Gúnnr. Adorava tocá-la. Era tranquilizador e estimulante.

As três Valquirias elevaram as orelhinhas, como se fossem cachorrinhas em busca de um osso.

—Cavalgar? —perguntou Bryn com voz abafada.

Ardan foi cavalgar com Johnson. O coração se quebrou um pouquinho mais.

Ele sabia o muito que Bryn amava cavalos. No Valhala, Freyja lhe deu de presente um enorme, branco e veloz como nenhum outro, com duas lindas asas brancas em seu lombo.

As Valquírias eram excelentes amazonas e adoravam domar seus cavalos e galopar com eles. Amavam a velocidade e sentir a fúria de um animal potente sob suas pernas. Além disso, entre elas e seus cavalos se forjava um vínculo mental e espiritual inquebrável.

Uma das coisas que sentia falta desde que desceu ao Midgard foi abandonar Angélico, seu lindo Pégaso.

Juntos correram através dos reinos do Asgard e fugiram das endiabradas flechas dos elfos negros. Juntos choraram Ardan; e ela empapou sua crina branca com suas dolorosas lágrimas. Angélico só sabia escutar, e com seu corpo e sua velocidade a levava no lombo de outros sonhos mais desejados, uns que não se cumpriam na sua realidade.

—Então, Ardan tem cavalos aqui... —sussurrou com voz triste.

Róta e Gúnnr levantaram juntas, com os punhos fechados e o corpo tenso.

—Podemos montá-los? —perguntou Róta excitada ao descobrir que nesse castelo se achavam seus animais favoritos. — Podemos? —perguntou ao samurai.

Miya sorriu e olhou Gabriel dando de ombros.

—Suponho que sim, *bebī*.

Então, de repente, todos os guerreiros se levantaram juntos e olharam para a entrada do salão. Ali estava Ardan, com Johnson erguido em seus ombros.

Bryn não levantou, mas a impressionou observar o profundo respeito que mostravam os membros do clã.

O imenso *laird* saudou todos para que continuassem comendo. Desceu Johnson e lhe deu um beijo na cabeça, o empurrando suavemente para que fosse até Steven.

O berserker sorriu e encantado acolheu o menino.

Ardan, com atitude diabólica, se dirigiu à mesa em que estavam todos e os saudou com um gesto de sua cabeça.

—Gostaram do café da manhã que preparou, escrava?

Nem um bom dia. Nem um olá diplomático.

Quando Ardan pôs seus olhos sobre ela, de nada serviu a Bryn saber que era a General. O highlander ia falar com ela sem nenhum respeito e ela não podia evitar.

Bryn o olhou desinteressada, mas de maneira letal. Ela sabia olhar assim. Foram eras de treinamento.

—Por agora não se queixaram —respondeu brandamente. — Talvez o façam quando começarem a cair um a um como moscas.

Gabriel levantou para acalmar os ânimos, mas Ardan foi mais rápido que ele e agarrou Bryn pelo colar de submissa, a levantando com força do assento.

Bryn nem sequer piscou. Esforçou-se para sorrir, nas pontas dos pés como estava, pendurada nas mãos do guerreiro; e, provocadora como somente ela era, e disse:

—Era somente uma brincadeira, amo —explicou com pouca reverência.

—Não gosto de suas brincadeiras —grunhiu com as sobancelhas franzidas e os olhos entrecerrados.

—Não gostei de sua comida —exclamou Theodore, levantando da mesa e jogando o prato no chão com maus modos.

Bryn desejava com todas as suas forças matar Theodore. Não castigá-lo nem torrá-lo: matá-lo. Arrancar os olhos e o coração e o deixar sem sua miserável vida. Os malditos *einherjars* cismaram com ela. O que fez à eles? Mostravam tanta fidelidade para Ardan que odiavam o que o aborrecia?

Ardan desviou o olhar para Theodore. Não estava muito de acordo com o que fez o guerreiro.

—Por que não está boa, Theo? —perguntou em voz alta.

A sala ficou em silêncio.

As Valquírias pareciam decididas a derramar sangue se precisasse.

Theodore já estava no inferno da popularidade para elas, assim não custaria nada vingar sua líder pelos insultos do loiro.

—Porque foi feito por ela. — Respondeu Theo sorrindo e olhando o resto dos comensais. — Não quero que essa cadela toque minha...

Plas!

Os espectadores emudeceram mais do que já estavam.

Algo impactou na cara de Theodore. Era um crepe cheio de manteiga e geleia.

Theodore procurou o culpado com o olhar cheio de ódio e incredulidade. Johnson escapou dos braços de Steven e estava a uns dois metros do *einherjar*. Seus olhos destilavam ressentimento e desafio, e a posição de seu pequeno corpo tenso falava de provocação.

Bryn, a quem Ardan continuava retendo pelo colar de submissa, abriu a boca como um peixe. “*Meu pequeno grande herói*”, pensou enternecida. O mais jovem dos ali presentes e o mais indefeso era quem confrontava por ela.

— *Na déan!* Não faça isso. — Gritou Ardan quando viu que Johnson corria para outra crepe.

O pequeno se deteve e virou para encará-lo. Tinha as sobrancelhas franzidas, desenhando um perfeito V. O menino estava ofendido pelo que fez Theo; era compreensível sua atitude, verdade?

O *laird* procurou Steven, e o berserker de moicano e cabelo vermelho deu de ombros, com um gesto pouco convincente.

—Escapou —disse acabando de mastigar um pedaço de maçã.

Nem Bryn nem Ardan acreditaram nele.

Ela olhou o escocês e piscou.

—O que fará agora? —Arqueou uma sobrancelha loira platina. — Vai deixar que Theo ataque Johnson por jogar um pouco de comida? Vai açoitá-lo Steven por deixar Johnson ir? Digo a todos que desçam as calças? —sussurrou-lhe.

Ardan piscou e centrou toda sua atenção na loira.

Maldita General.

Seu afilhado acabava de desafiar sua autoridade. E, ao mesmo tempo, admirava-o por defender uma garota da ofensa de um homem.

O homem não tinha direito de fazer isso.

O problema residia que a garota era Bryn. E a Bryn estava permitido fazer quase tudo. Não obstante, não deixaria que os ataques fossem gratuitos.

—A única que desce a calcinha aqui é você, Valquíria. Não esqueça disso. —Disse em voz mais alta que a dela, e muitos escutaram suas palavras.

Bryn avermelhou de frustração e desprezo.

Ardan deixou que seus pés tocassem o chão, pois estava nas pontas. Sorriu e olhou Theo.

—Comeu coisas piores, romano. Não seja tão maricas e requintado.

O referido limpou a geleia e a manteiga que deslizavam gordurentas por seu rosto.

—Não deveria deixar que o filho de John se comportasse assim — murmurou aborrecido e raivoso, suportando, vencido, as risadinhas de seus companheiros de mesa.

Bryn virou, disposta a replicar ao guerreiro, com os olhos completamente vermelhos. Esse menino demonstrou mais honra e educação que ele teve com ela desde que a conheceu no dia anterior. Que não se metesse com o híbrido ou teriam um grande problema. Mais, ainda, quando o pequeno a defendeu.

Ardan a deteve a virando, para que se concentrasse somente nele, a insultando com sua reprovação. Se Bryn se rebelasse, haveria uma batalha campal, porque a jovem sereia tinha um grupo poderoso de guerreiros do seu lado. E ele a mandaria para casa diretamente. E não tinha vontade, porque desejava atormentá-la muito mais.

—Não foi Johnson quem desprezou a comida —contestou o highlander, reprovando a atitude de Theo abertamente — Johnson é uma criança. Certamente, acreditou que dava o tiro de saída para uma guerra de comida. Verdade, Johnson?

O garoto continuava com o cenho franzido e os olhos completamente claros, transbordantes de determinação. Não assentiu com a cabeça, mas tampouco o negou.

“Menino inteligente”, sorriu Ardan.

Gabriel estudou o highlander e a Valquíria e esfregou o queixo distraidamente. Pensou que, na realidade, Bryn não estava tão desprotegida com o escocês depois de tudo, pois parecia que tinha um pouco de critério e objetividade. Ou na realidade não os tinha, e o único que deteu o castigo foi Johnson com sua intervenção.

Observaria-os de perto.

—Acabamos que tomar o café da manhã —disse o Engel, levantando da mesa. — Temos coisas das que falar urgentemente.

Ardan assentiu, pois opinava igual.

—Alegra-me ver que se encontra melhor, Engel —reconheceu.

—Sim. —Gabriel sorriu intimamente para Gúnnr. Esta retirou a franja dos olhos e piscou um olho azul escuro secretamente. — Obrigado.

—De nada —respondeu ela, divertida.

—Faremos uma conferência com a Tríade e Buchannan. Temos nova informação —informou Ardan.

—Vamos à Central, então — ordenou o Engel. — Não percamos mais tempo.

Ardan sorriu malignamente para Bryn e a empurrou para que caminhasse diante dele. Depois, Bryn notou que algo se fechava em uma parte de seu colar.

Era uma corrente. Uma corrente para puxar um animal e mostrá-la diante de todos.

—O que acha de seu novo acessório? —perguntou o gigante se inclinando até sua orelha bicuda — Onde está todo seu poder?

Bryn mostrou as presas e sussurrou,descontrolada por seu comportamento.

—Meu poder está num lugar seguro, sob as pesadas lajes de seu despeito — o sorriso que desenhrou seus lábios falavam de vazio. — Te importei tanto que não pôde me esquecer em todo este tempo?

—Não recorde jamais ter um animal. Assim não posso esquecer de algo que não foi meu, verdade, cadelinha? Agora, caminhe.

Enquanto Ardan a empurrava e levava pela corrente, Bryn soube de duas coisas: uma delas era que estava absorvendo muita energia elétrica; de fato, toda que não podia descarregar sobre o maldito *einherjar*.

A outra era que odiava coleiras de cão.

CAPÍTULO 8

Eilean Arainn

A Central

Dias atrás, quando estiveram numa das propriedades de Ardan, se deram conta que aquele homem era um autêntico cérebro das tecnologias e que ele mesmo idealizou alguns programas realmente interessantes.

Tanto *einherjars* como Valquírias tinham mentes muito desenvolvidas; e estas se convertiam em autênticas armas criativas. A de Ardan, como inventor, era única. Igual à de Gabriel como estrategista.

Mas A Central era outra história. Era como o mundo orgástico de um *friki* informático e Ardan era o álter ego do Ironman.

As paredes daquela sala chamada A Central eram revestidas de telas inteligentes. Algumas mostravam vários mapas sob diferentes perspectivas da Escócia e Irlanda, assim como da Inglaterra. Havia telas destinadas ao estudo dos movimentos eletromagnéticos da crosta terrestre, e outras que só refletiam pequenos pontos verdes e vermelhos estendidos ao longo dos ditos países.

Outra tela *touchscreen*, maior que as demais, estava inserida numa mesa metálica. Na realidade, a tela era a mesa, e nela se refletiam os movimentos e mudanças salinas nos mares escoceses e irlandeses.

Bryn estudava tudo que se encontrava naquela sala, assombrada que o highlander tivesse tanto controle sobre seu território.

Ardan tinha de tudo; e o mais impressionante era que nesse lugar lotado de aparelhos informáticos não havia nenhuma tomada elétrica. Zero eletricidade.

—Ouça, não tem nem uma tomada aqui —murmurou o samurai.

—É meu experimento pessoal —informou, os animando a sentar ao redor da mesa circular. No centro, havia uma tela de igual forma que sobressaía da superfície. Ardan pôs a mão sobre a esfera de cristal e esta se iluminou. — A miniaturização dos chips tem pouca vida, e é um aborrecimento que todos estes aparelhos se conectem a tomadas. Idealizei um sistema que se alimenta somente de luz; que transporta só fótons em vez de elétrons, e assim ganha velocidade.

—A velocidade da luz —murmurou Bryn com assombro sincero.

Ardan a olhou de esguelha e a obrigou a sentar ao seu lado.

—Sente-se, cadelinha.

—Vá tomar no... —murmurou entre dentes, — amo.

—Além disso —prosseguiu Ardan rindo dela — ao ser mais rápido, este sistema pode cruzar informação de um lado ao outro, porque os fótons têm essa capacidade. Mas os elétrons caso cruzem com os elétrons, provocam curtos-circuitos.

A tela circular se iluminou e uma imagem flutuante se projetou a quatro palmos da mesa. Os rostos em três dimensões da Tríade, os trigêmeos vanirios Kendrick, Mervin e Logan apareceram

diante deles. Depois se juntou a eles um moreno de traços angulosos, olhos negros e cabelo curto. Tratava-se de Buchanan.

—Saudações, terráqueos —disse Mervin em tom jocoso, imitando a voz do mais puro estilo Star Trek.

Ardan girou os olhos e Bryn sorriu indevidamente.

—Como sabem —disse Ardan, — ontem explodiram parte do aeroporto de Aberdeen. Anderson nos traiu e saímos feridos gravemente do atentado. Mas pude caçá-lo e tirar informação.

—Matou Anderson? —perguntou Buchanan solenemente.

Ardan assentiu com um gesto um tanto frio. Se Buchanan se ofendeu, não o demonstrou, pois seu rictus permaneceu tão impretérito como no princípio. Depois de um longo e incômodo silêncio o vanirio pronunciou finalmente:

—Lamento saber disso. É uma triste notícia.

—Estava perdido —continuou Ardan com seriedade, sem querer dar mais explicações. — A questão é que, antes do atentado, aconteceu algo estranho. Segundo nosso programa de unidades biométricas, um grupo de escravos de sangue se reuniu no aeroporto de Glasgow.

—Sim, nossas equipes também os detectaram. — Acrescentou Logan.

—A questão é que quando Anderson fugiu na lancha — Ardan inclinou a cabeça de lado até que o pescoço estalou, — carregava uma bolsa enquanto se afastava de *Gannet Alpha*. Nós pensávamos que esperava um contato, porque ficou muito tempo ali sem fazer nada; mas o sacana tinha planejado. Depois da explosão encontrei com ele e obtive alguns dados. Anderson se encontrou no oceano com alguém a quem entregou a bolsa com as fórmulas da terapia *Stem Cells*. E me disse algo muito inquietante: o último centro nevrálgico e o mais importante para a *Newscientists* se localiza na Escandinávia.

—Escandinávia? —repetiu Gabriel com curiosidade. — Interessante... Tudo retorna às suas raízes.

—A que se refere? —perguntou Bryn.

—O centro histórico da cultura nórdica —sorriu pensativo, — de onde vêm nossos criadores, é a Escandinávia.

—Odin e Freyja não vêm da Escandinávia. Que tolice é essa? —inquiriu Bryn ofendida.

Gúnnr se inclinou para a frente e comentou em voz baixa:

—Às vezes gosta de divagar. Já sabe... Não dê importância.

Bryn piscou sem entender nada e se concentrou de novo na imagem dos trigêmeos e Buchanan.

—O que faremos a seguir, Engel? —perguntou Ardan cruzando os braços e esperando ordens. — Há um plano?

As orelhas de Bryn levantaram como se intuissem ameaça.

Era o tom de Ardan. Mostrava uma atitude tão soberana, tão soberba que às vezes duvidava que entendesse que Gabriel era seu superior. E estava convencida que não o fazia. Ardan sempre sentiria que era o verdadeiro líder dos *einherjars* e que Gabriel não era outra coisa senão seu substituto. E a única culpada que aquilo fosse assim era ela.

Deuses, sim. Ardan a odiaria sempre.

—Faremos uma busca dos escravos que abandonaram o país por Glasgow — explicou Gabriel. — Onde se dirigem e por quê? E quero ver também onde estiveram o resto, suas posições e suas localizações agora.

—Isso é fácil — disse Ardan tocando a tela de novo. Um menu digital se abriu na parte superior direita, e Ardan o transferiu com os dedos para deixá-lo sobre a mesa, à vista de todos. Ativou o programa localizador e teclou a opção da procura. Num instante luzes vermelhas e verdes iluminaram o mapa da Escócia e Irlanda; pequenos brilhos intermitentes que se dividiam entre escravos de sangue e assíduos do BDSM. — Tenho também ativado o leitor de radiações eletromagnéticas para localizar a *Gungnir*.

—De todos os totens dos deuses —Bryn interveio espontaneamente, — a lança é a mais poderosa e definitiva de todas. Seu sinal é muito potente e...

—Silêncio, escrava —ordenou que Ardan. — Sua voz não tem importância nesta reunião.

Bryn apertou os punhos e cravou as unhas nas palmas.

Quantas vezes Ardan seria capaz de tentar ofendê-la até que ela explodisse? Sentiu-se envergonhada ao receber sua reprimenda diante de todos; de suas guerreiras sobretudo, que tanto a amavam e respeitavam.

—Estou sentindo vontade de arrancar sua maldita língua, Ardan —jurou Róta, se inclinando para a frente. Seus olhos mudaram de cor, do turquesa ao vermelho, e se estreitaram ameaçadores.

—Tirou as palavras da minha boca — sussurrou Gúnnr com os olhos da mesma cor, acariciando o pingente do *Mjölnir* e observando o *einherjar* com um olhar pouco conciliador.

Ardan sorriu com orgulho. Róta sempre foi uma atrevida, mas Gúnnr, pelo contrário, era doce e terna; agora as duas estavam dispostas a esfolá-lo. Sim, sentia orgulho e respeito por essas Valquírias que se atreviam a enfrentá-lo. Defenderiam Bryn com unhas e dentes, e gostava disso. Mas também sabia que nenhuma delas podia dissuadi-lo de dar o castigo que merecia aquela mulher.

Ninguém podia.

—Por favor, nos concentremos em nossos objetivos imediatamente. —Gabriel utilizou um tom sereno e cortante. — Não quero voltar a falar disto nem da relação que Bryn e Ardan convieram a assumir. Não quero mais problemas nem desavenças.

—Não as terá, Engel. — Bryn repreendeu Gunny e Róta, e estas retiraram o olhar incrédulo ao ver a submissão de sua líder diante desse guerreiro louco e raivoso.

—Bem. O que vamos fazer é o seguinte. —Gabriel, que usava seu loiro e encaracolado cabelo solto, acomodou as costas na cadeira e repicou com a ponta dos dedos sobre a mesa. Tinha os olhos azuis escuros fixos na imagem holográfica da Tríade e de Buchanan. — Temos várias pontas soltas. — Olhou Róta, que continuava degolando Ardan com o olhar; — Róta, tem que tentar localizar Heimdal. Volte a tocar o marfim. Ardan, que a Tríade localize os membros de seu clube e que encontrem o sinal dos que se reuniram em Glasgow.

—Não. Preciso da Tríade comigo hoje — o corrigiu Ardan. — Prefiro que Buchanan localize o sinal dos que fugiram e averigue onde estão. Precisamos nos dividir, Engel.

Gabriel assentiu com um gesto seco da cabeça e estudou Buchanan.

—Anderson disse que se reuniu com um contato no meio do mar que separa a Escócia e a Escandinávia. Veja se não há nenhuma plataforma parecida com a de *Gannet Alpha* no mar do Norte e que possa ser utilizada como base ou ponto de apoio.

—É óbvio, Engel —respondeu Buchanan com seriedade.

—Necessito que todos os guerreiros tenham em seus celulares os programas de rastreamento de radiação eletromagnética e o localizador de chips biométricos — requereu Gabriel.

—Assim será —assentiu Ardan.

—Por outro lado, Aiko nos deixou a fórmula contra os esporos e os ovos de etones e purs, para controlar seu crescimento nas desembocaduras de rios. Não obstante, os ovos demonstraram ter uma capacidade de resistência alta à água salgada. Ela pegou a água do mar de *Deep Sea World* numa proveta e decidiu viajar para Chicago para fornecê-la a Isamu.

—Isamu está tentando encontrar uma fórmula mais elaborada, pois descobriu que os ovos podiam crescer igualmente em água salgada —explicou Miya cruzando os braços. — Em Chicago usavam a água subterrânea dos bueiros. Aqui deixaram crescer os esporos em rios e estes desembocam em mares. É possível que possam sobreviver e se reproduzir com o salitre marinho. Esperamos que Aiko retorne logo com as novas fórmulas.

—O programa de concentração salina dos mares nos ajudará a vislumbrar se há ou não esporos na água. Só temos que olhar a tela. —Gabriel levantou seu iPhone e assinalou a linha rosada que perfilava a costa irlandesa. — O rosado significa que não há esporos nem ovos. Se ficar amarelo, o oceano estará infestado e será muito difícil deter o crescimento dos ovos.

—Meus cientistas estão elaborando mais terapia de choque. — Ardan acariciou distraidamente com o polegar a correia de cão de Bryn. — Isamu falará com eles para indicar as melhoras.

—Perfeito. Necessitaremos grandes quantidades ou os putos jotuns nos comerão — assegurou Gabriel.

Mervin limpou a garganta e falou, com a vista fixa num ponto que ninguém, exceto ele, podia vislumbrar.

Bryn achava engraçado ver três guerreiros trigêmeos. Nunca os viu no Asgard. No máximo, gêmeos no Midgard, como Seiya e Miya. Ou Liba e Sura, suas guerreiras Valquírias mortas em batalha pelas mãos de Khani. Mas três? Olhava-os e sentia vontade de rir.

—Há um par de coincidências —assegurou o vanirio de cabeça raspada que tanto parecia com o *The Rock*. Bom, os três, claro. — Um escravo esteve ontem mesmo no aeroporto de Glasgow... E também um submisso humano. Os dois se encontram em Edimburgo agora.

—Não foram com outros? —perguntou Miya.

—Não. —respondeu Mervin.

—Assíduos de seu local? —inquiriu Gabriel interessado.

Ardan assentiu, mas não disse nada mais. Isso só queria dizer uma coisa: iriam ao ESPIONAGE, pois eram clientes que não viviam naquela área; e se estavam em Edimburgo seria para que os açoitassem e dessem a eles sexo BDSM.

—Hoje vêm pegar sua dose. —Ardan acariciou o lábio inferior com o polegar e olhou Bryn de soslaio. — Perfeito. —Desfrutou do olhar desconfiado que Bryn devolveu. — Bryn, a Tríade e eu trabalharemos juntos hoje.

—Hoje não vai me prender? — O desinteresse naquela pergunta era puramente fictício. Bryn se sentia nervosa com aquele tratamento, era como estar permanentemente num precipício com Ardan atrás dela, decidindo se a empurrava ou não.

—Oh, sim —Ardan desenhou um sorriso venenoso com seus lábios. — A prenderei onde merece.

Todos limpam a garganta.

A General esfriou por dentro; e Ardan entrou em combustão ao pensar em tudo que poderia fazer com ela em sua masmorra. Ia bater em Bryn onde mais doesse. E ia se vingar por tudo, tanto quanto quisesse. Sem clemência.

—Bem. —Gabriel levantou e caminhou até a tela que mostrava os pontos eletromagnéticos da Terra. Havia atividade nesses dias, sobretudo na Inglaterra, onde se encontravam suas amigas Aileen e Ruth e os clãs berserkers e vanirios de Black Country. Desde que o *Mjölnir* tentou impactar em Diabo Canyon, e Khani e seus comparsas tentaram ativar o acelerador da Fermilab em Milwaukee, o Midgard despertou; e muitos pontos de energia, conchaves importantes conhecidos por sua potência ancestral, começaram a vibrar como o fazia um gêiser antes de explodir. Aquilo não era bom. — Há movimento nas terras inglesas. Róta, necessito que toque o marfim de novo.

—Olá, Róta — a saudou Mervin, sorrindo cúmplice.

Róta copiou seu gesto e revirou os olhos. O vanirio estava lembrando do beijo que lhe deu no THE DEN, quando estava tão despeitada com Miya.

O samurai acariciou a nuca da Valquíria e a puxou levemente pelo cabelo vermelho.

—O que acha que está fazendo? Quer que morra?

Róta lambeu o lábio inferior e negou com a cabeça. Deuses, nada a deixava mais excitada que ver como Miya ficava ciumento.

—Então, pare, *oni*.

Róta arqueou as sobrancelhas e disse para Mervin.

—Sinto muito, Mervin. O senhor *Gangnam Style* aqui, quer fazer um casaco com sua pele.

—Que venha e me chupe — sugeriu Mervin sem parar de olhá-la, sabendo que assim provocaria uma briga com Miya.

Miya desviou seu olhar prateado de Róta e o cravou inclemente no vanirio calvo e corpulento.

—Não o chuparei, putinha. Arrancarei seus ovos quando o vir. —Desafiou-o sem mover um só músculo de seu rosto. O vanirio samurai era assim. Letal, calmo. Como um tigre.

—Basta — Gabriel revirou os olhos. Que merda acontecia? Muita testosterona, supunha. Muitos guerreiros acostumados somente aos seus, seus clãs e seus costumes. Muitas etnias juntas. — Róta, por favor. Faça as honras.

A Valquíria assentiu e tocou o pingente com o pedaço de marfim da corneta de Heimdal. A corneta que anunciaria a guerra final, a caída dos deuses, o *Ragnarök*.

Róta e seu dom da psicomетria fizeram sua parte. A Valquíria fechou os olhos e esfregou a peça de marfim entre seus dedos. Passaram mais de vinte e quatro horas desde que teve pela primeira vez a visão de Caleb e Aileen naquela sala abarrotada de gente, olhando a violenta imagem de um loiro de cabeça raspada e uma garota, também loira, pendurados numa madeira. Supunha-se que a informação que tinha era muito delicada, e quanto menos gente soubesse o que viu, melhor. Por isso o Engel ainda não devia saber nada. Ninguém devia saber nada. Tratava-se da localização do filho de Odin, e todos estavam atrás dele, inclusive Loki.

A bruma em sua mente era espessa e, de novo, não conseguia transpassá-la. A visão não chegava a ela. Ao entardecer tentaria de novo.

—E bem, Róta? —perguntou Gabriel impaciente.

A referida abriu os olhos e negou com a cabeça.

O Engel apertou os lábios, frustrado, e deu as costas a todos para se concentrar nas imagens que refletiam todas as telas da Central.

—Encontremos *Gungnir*. —Ordenou com solenidade. Embora tivessem vários assuntos para resolver, o que mais urgia era achar o totem. Seu sinal eletromagnético parecia adormecido, e nesse momento parecia que os pontos de energia terrestres estavam despertando quase de uma vez. — Não podemos perder mais tempo.

—Então, cada um a seus postos. —Disse Ardan levantando da cadeira. Puxou o colar de cão de Bryn e a levantou também. — A Tríade e eu nos mobilizaremos. Temos coisas a fazer. Buchanan, ache o sinal biométrico dos escravos que saíram de Glasgow. Vocês —insinuou Ardan olhando aos outros, inclusive Gabriel, — poderiam seguir o rastro da *Gungnir*.

O Engel olhou para Ardan por cima do ombro e sorriu sem vontade, deixando muito claro o que achava de sua atitude e suas ordens.

—Obrigado por suas recomendações, guerreiro. —Gabriel parou de olhá-lo, como se sua presença não tivesse importância. — Pode se retirar. Nos informe de tudo que averiguar.

Bryn deixou escapar o ar pelo nariz e riu. O Engel inspirava um grande respeito porque não precisava levantar a voz nem exsudar testosterona para demonstrar quem mandava. O fazia de um modo discreto e, de uma maneira ou de outra, sempre acabava pondo todos em seu lugar. Como acabava de fazer com Ardan.

O highlander ignorou seu comentário, mas não gostou de nada do sorriso cúmplice de Bryn com Gabriel. Odiava que ela sentisse que podia sair ganhando em alguma situação estando junto dele.

Necessitava que aquela mulher se sentisse permanentemente perdida com ele.

Não aceitava outro comportamento.

E a melhor forma de demonstrar isso e mostrar quem era ele para ela, seria levando-a ao coração de sua perversidade.

Os dois escravos que foram a Edimburgo visitariam o ESPIONAGE.

Sabiam que abriam a partir do meio dia e que atrás dos muros do “mercado da carne”, escondiam-se longuíssimas sessões de dominação e submissão.

Sessões destinadas a saciar a ânsia de castigo que os escravos tinham e que alimentavam os nosferatus, acostumados ao tratamento duro e violento ao que estes os submetiam.

Ardan e a Tríade ofereciam o que desejavam. Em troca, controlavam seus movimentos e sabiam quantos desses escravos se perdiam para sempre na escuridão da sublevação vampírica.

O ESPIONAGE os esperava. E a primeira sessão de Bryn, uma das fortes, estava a ponto de começar.

—Pare de me arrastar assim, maldição! —gritou Bryn tentando se soltar da dura amarração de seu pulso. Com a outra mão a arrastava pela correia. E, deuses, não podia suportá-lo.

Ardan a levava pelo subterrâneo do castelo, e se dirigia com passo firme à garagem. Bryn podia imaginar o tipo de veículos que teria em sua garagem particular. E sabia que gostaria de todos, porque Ardan e ela tinham os mesmos gostos.

E não se equivocava.

Carros de todo tipo: desde esportivos, conversíveis, SUV, e clássicos avaliados com genuíno valor de excêntricos milhões, se ocultavam sob os alicerces de sua fortaleza. Grande variedade de cores e modelos, diferentes marcas, diferentes motores...

Bryn ia gozar ali mesmo. Com adorava velocidade!

Seus olhos turquesas cravaram num cavalo de metal laranja e negro chamado KTM RC8R. Ardan parou na frente do imenso ciclomotor.

Pegou o capacete negro cromado do guidão e depois se dirigiu às portas de madeira e aço de trilho que estavam encaixadas contra a parede.

Bryn observava seus movimentos com paciência e atenção. E observou o que havia atrás dos painéis deslizantes: jaquetas de couro de motoqueiros, capacetes, botas... Infinitudes de artigos para se mostrar e se gabar; e todos perfeitamente ordenados.

Ardan continuava mantendo um inflexível controle. E adorava isso.

Porque era igual. O guerreiro virou com uma jaqueta vermelha e negra de couro e um capacete cromado como o dele.

—Ponha isto, escrava.

Bryn pegou, não sem receios. Escrava. Odiava essa palavra. E menos ainda como ele a pronunciava, como se não valesse para ser outra coisa além dessa: uma servente.

Ardan tomou a corrente da coleira entre as mãos, e se aproximou dela de maneira intimidante, mal deixando espaço entre seus corpos para que corresse o ar.

—Se apresse.

Bryn manobrou como pôde para se cobrir com a jaqueta e subiu o zíper até o pescoço, tentando ocultar assim o colar.

Ardan sorriu e negou com a cabeça.

—Não, não, não, cachorrinha... Que todos vejam o que é — a baixou e expôs o artigo tosco e revelador.

Bryn piscou para ocultar sua raiva.

—Sou uma *dísir* capaz de fazer desaparecer sua preciosa Escócia com uma das minhas descargas. Isso é o que sou. Não deveria esquecer isso..., amo.

—Não, garota.

“Garota?”, por Freyja... A fúria Valquíria estava chegando ao seu limite máximo. Como ia poder retê-la, quando o que desejava era eletrocutar Ardan?

—Eu digo o que você é. Agora mesmo só está aqui para me servir. E se digo que quero que chupe meu pau e ajoelhe diante de mim, fará isso. E se pedir que se dispa sobre minha moto e que mostre esse corpo de traidora que tem, a todo mundo, também o fará. É um brinquedo. E vou jogar com você, escrava. Aceite. —Colocou-lhe o capacete para não continuar vendo aqueles olhos amendoados de sereia, feridos e desafiantes, cheios de decepção e também tristeza. Bryn dizia tudo com seus olhos; embora sempre se precavesse de mostrá-lo aos outros. Mas não a ele. Baixou a parte frontal modular, e toda a dor dos olhos de Bryn ficou oculta sob o vidro opaco do capacete negro.

O cabelo loiro estava solto pelas costas.

E sua figura, tensa e enrijecida, desenhava-se perfeitamente sob a jaqueta de couro, os jeans e as botas. Maldita mulher que o deixava ereto somente por cheirá-la.

—Falarei com você através do comunicador —disse a ela mostrando o comunicador do capacete.

—Você não fala comigo — respondeu ela. — Somente dá ordens e me humilha, lembra?

Ardan estalou a língua, dando-lhe razão.

—A vida é muito dura.

—Sua cara é.

Ele subiu o zíper de sua jaqueta e colocou seu capacete negro metalizado. Subiu à moto e puxou Bryn para que fizesse o mesmo.

Bryn estava mais alta que ele. O highlander passou a corrente por cima do ombro para a frente, e a prendeu ao pulso. Todas as pessoas veriam que garota estava acorrentada a ele de um modo ou de outro. Que era como um mascote humano.

Sim. Bryn morreria da vergonha.

Sorriu, e a cicatriz de seu lábio se elevou com insolência.

Ele desfrutaria de seu desconforto.

Arrancou a KTM e esperou que Bryn se agarrasse em sua cintura. Mas esta não o fez. Colocou suas mãos nas barras inferiores do assento e segurou com força. Deu de ombros. Pior para ela. Ia correr com a moto como nunca, porque urgia chegar em sua masmorra.

—Nos espera um barco da companhia Caledonian MacBrayne que nos levará a Edimburgo. Dali seguiremos com a moto até o ESPIONAGE.

—Confia em todos os seus guerreiros? —Perguntou Bryn subitamente, assim que abandonaram as instalações do castelo. Tomaram a estrada que contornava a ilha.

Ardan permaneceu em silêncio.

—Tampouco vai responder a isso? —A linha continuou morta.

—Não vou falar com você de meus guerreiros. Mas, se forem algo, são leais.

—Sim, é óbvio. Como Anderson —replicou acidamente.

Ardan, que nesse momento estava fazendo uma curva, derrapou com a roda detrás, tentando que a General se assustasse e se agarrasse à sua cintura. Mas a loira continuava bem agarrada ao assento.

—Suponho que não gostamos de pensar que podem nos trair... Não imagino nenhuma das minhas *nonnes* fazendo isso. Nossa lealdade significa tudo. — Comentou com voz segura. Através do vidro escuro do capacete, Bryn estudava a reação do highlander às suas palavras. Por seu amor e sua lealdade para Róta ela expulsou o amor de sua vida. “*Pergunte-me, Ardan. Exiga saber por que fiz isso...*”, se lamentava internamente.

—Sua lealdade significa bem pouco, escrava. Nunca escolheria uma de suas *nonnes* acima de si mesma. Nunca. Sabe por quê?

Os olhos de Bryn se encheram de lágrimas. Acertou em cheio. Mas estava enganado. Escolheu sua *nonne* acima de todo o resto.

—Porque gosta de ser superior a todos. Gosta do poder que suporta ter a responsabilidade da fúria selvagem. Bryn, A Selvagem, a favorita de Freyja, a menininha dos olhos da “Resplandecente”... — zombou com tom duro e depreciativo. — Bryn não é mais que uma fachada. Um corpo oco de uma mulher que só serve a si mesma e que não hesita em desprezar aquilo que a estorva.

—Se engana.

—Não me engano. —Riu sem vontade.

—Bom — limpou a garganta intumescida; — a questão é que eu gostaria de saber se Anderson e Buchanan conhecem o ESPIONAGE e se também fazem as domesticações ali.

—Não.

—Não? Sem mais?

—Buchanan e Anderson estavam emparelhados, compreende? Sei que isso para você é como se soasse aramaico.

—Eu falo aramaico e não soa a isso.

—Para os vanirios não é fácil ficar separados de suas copanheiras, muito menos imaginar que estiveram tocando outros. Morrem de ciúmes. Não poderiam se aproximar do local nem tampouco dos submissos. Nunca entraram. Não queriam se impregnar do aroma de sexo e depois enfrentar suas *cáraids*.

—E a Tríade pode?

Ardan estalou a língua enquanto voltava a apertar o acelerador.

—Não penso falar com você de nada, escrava. — Sim, tinha falado muito já. A Tríade, simplesmente, não estava emparelhada e podia fazer o que quisesse enquanto não estivessem presos pelo cabresto por suas mulheres.

—Necessito que me explique as coisas para eu saber como agir e entender a situação, amo.

—Não precisa saber nada.

Bryn olhou para outro lado para se impregnar da cor do maior fiorde da Escócia enquanto pensava que começava a usar seu nome de amo com asco e sem nenhum respeito. Não lhe dava importância; nem sequer se sentia humilhada. Se Ardan queria jogar disso, jogariam e pronto.

Concernia rebaixar-se de novo. Mas não tinha por que ser demasiado doloroso, já que seu coração continuava quebrado em seu peito. E os pedaços não doíam tanto como quando estava inteiro.

EDIMBURGO

ESPIONAGE

O barco do qual Ardan falava era de sua propriedade, um navio grande e moderno no qual viajava pelos mares do Norte e por onde o agradasse.

Deixou a moto na parte traseira, e se dirigiu até a costa escocesa. Atracou-a no porto de Leith, em Edimburgo, e dali voltariam a pegar a KTM para conduzir a toda velocidade até o clandestino local de BDSM.

Supunha-se que havia dois escravos de sangue assíduos ao trato dos amos que estavam na cidade para isso, pois não vinham nunca para esses lugares senão para assistir uma sessão.

Bryn adorava Edimburgo. Gostava da Vitória Street, mas não tinha visto o porto ainda, e lhe pareceu muito *trendy*.

Misturava o antigo e o moderno: a arquitetura antiga com uma variedade de pubs, salões, lojas e restaurantes dos mais variados.

Ardan olhava pelo retrovisor do vidro fumê do capacete de Bryn. Sabia que, curiosa que era, morria de vontade de perguntar muitas coisas. Por exemplo: o Britannia, o antigo navio da rainha, estava ancorado no dito porto, justo diante do Ocean Terminal Shopping, lugar ideal para consumistas de todo tipo.

Bryn não perguntaria por que sabia que não responderia.

Ardan sentiu uma leve e surpreendente espetada no centro do peito. Quando estavam juntos, Ardan não podia dormir se algo incomodasse Bryn, e ele não pudesse solucionar: agora, era o principal aborrecimento da General; e não queria solucionar isso.

Gostava de ser mau com ela.

Quando chegaram ao ESPIONAGE, Ardan desceu da moto e puxou a corrente de Bryn para que também descesse. A jovem ficou de pé diante dele.

Ambos se olhavam através do vidro dos capacetes. E Bryn agradeceu que ele não pudesse ver o quanto estava nervosa por estar nesse lugar com ele.

A última vez que desceu para uma de suas salas, Ardan a sentou no potro e arrancou o piercing do mamilo com a língua.

Ela sabia o que era BDSM. Podia inclusive chegar a desfrutar. Mas Ardan o usaria contra ela. E Bryn não era tão estúpida para não saber que a levava ali porque queria fazer algo com ela.

O que? Não sabia.

E, certamente, tinha alguma desconfiança em averiguar. Mas a Valquíria mais poderosa do Valhala não se amedrontaria por alguns chicotes e correntes. Nem por um *einherjar* escocês ressentido com mau caráter e com vontade de castigá-la.

Entretanto, o que Ardan não sabia, e não saberia nunca, era que receberia com prazer qualquer tratamento, porque também necessitava pagar seus pecados.

—Tire o capacete — ordenou Ardan enquanto fazia o mesmo.

O longo cabelo de Bryn caiu por seus ombros e balançou elegantemente para os lados. Ele não pôde evitar se excitar com aquele cabelo.

Tão loiro, tão claro, com tanto corpo... Tão bonito.

Os olhos claros de Bryn não expressavam nada que não fosse indiferença ou aborrecimento.

Ardan leu as mensagens que deixaram no iPhone. A Tríade já se encontrava dentro e os dois escravos chegaram. Os estavam preparando; mas não fariam nada até que o *laird* chegasse.

Ardan lhe elevou o queixo com dureza e sorriu com desprezo.

—Como era o poema que te fez Bragi?

Bryn apertou a mandíbula e o olhou sem piscar.

—Sabe muito bem. O repetia para mim cada noite enquanto fazia amor comigo.

Ardan sorriu mais abertamente, mas seus olhos caramelo esfriaram com rapidez.

—Tantas coisas mudaram..., verdade? —puxou a corrente de cão e Bryn jogou o pescoço atrás— Nunca fiz amor com você. Preferia fechar as pernas para manter seu posto como General, que se entregar a mim e deixar que te amasse como sabia. Nunca mais te olharei igual, nunca mais te tocarei igual. E não penso em fazer amor com você. Só para uma mulher especial posso dar isso, mas a você... —Esfregou seu lábio inferior com o polegar. — A você vou foder, Bryn, como as mentirosas e traidoras como você merecem; e nunca saberá quando nem como. Será quando eu decidir. Te fode saber que perdeu todo esse poder?

Só a leve piscada da jovem refletiu o impacto que essas palavras produziram nela.

—Freyja já não se importa que seja virgem... —continuou ele.

—E a mim tampouco —respondeu toda digna. — Já não podem me arrebataram nada. — Lambeu os lábios nervosa. Deu de ombros. — O que importa?

—Claro... Já não podem arrebataram sua posição, não é, loira? —Deuses, como estive tão apaixonado por essa garota? Por que?— Maldita harpia fria... —sussurrou virando-se e levando Bryn com ele. — Se prepare, porque não vai esquecer isto jamais — grasnou com voz rouca.

CAPÍTULO 9

Edimburgo

ESPIONAGE. Vitória Street

A parte de cima do ESPIONAGE, a que ficava no nível da rua, continuava sendo um pub muito popular, conhecido como “Mercado de Carne”.

Mas, quando seguia as escadas por trás daquela porta vermelha localizada do lado direito da sala, o inferno do prazer ocupava seu lugar. Ardan inalou o aroma de couro e desinfetante. Era o aroma principal das masmorras. Nessas celas se fazia de tudo.

Práticas que guerreiros como ele, homens curtidos e sem medo de ultrapassar seus limites, adoravam e convertiam numa válvula de escape, num modo de vida.

Ser amo e dominante não era nada estranho, nem peculiar para ele.

Era o que era: sua essência, sua maneira de ser. Tinha ouvido que o amo se fazia. Mas ele não acreditava nisso. O amo residia no interior de um como uma essência e se apoderava de todos seus instintos e seus impulsos. Sua essência o reclamou desde quando era humano. Sempre fodeu duro como dalradiano.

Depois, o mataram e conheceu Bryn; mas, no Asgard, aquilo para o que quase respirava não era concedido. Ele vivia por Bryn, morria de desejo eterno por ela e desejava fazer amor com ela como sabia. Mas Freyja e a própria Valquíria, não o permitiam.

Agora Freyja deu o primeiro passo, e Bryn não podia rejeitá-lo.

Era seu momento.

Bryn engoliu enquanto Ardan a descia ao porão, ali onde os desejos mais escuros se tornavam realidade.

Devia estar preparada para qualquer coisa.

Dirigiram-se a uma porta preta localizada no fundo do corredor. A abriram, e a música *Warzone* do *The Wanted* explodiu em todo volume nos ouvidos da Valquíria.

I can't believe I had to see

The girl of my dreams cheating on me

The pain you caused has left me dead inside

I'm gonna make sure you regret that night

Não posso acreditar que tive que ver

A garota de meus sonhos me enganando.

A dor que me causou me deixou morto por dentro,

e vou assegurar-me de que se arrependa dessa noite...

Dois dos trigêmeos, chamados Tríade, estavam no centro da sala escura e nua. Eram Kerrick e Mervin.

Para Bryn pareceram desafiantes e sexys, e somente por olhá-los imaginou o que seriam capazes de fazer no terreno sexual. Ardan falou que eram muito feios. Mas não eram. Era atraentes e exóticos: pele morena, olhos escuros, com aquela pele curtida cheia de tatuagens. Vestiam camiseta negra de alças, calça negra e botas.

Uma fluorescente iluminava uma parte do salão nu; e uma lâmpada de baixo consumo oscilava pendente e abandonada no teto.

Os dois homens, de cabeças raspadas e musculosos, estavam no centro da sala com as pernas abertas em posição de defesa. Em cada mão carregavam um chicote e uma pá.

Bryn entreteceu os olhos até que viu que em cada extremo da sala se encontravam duas pessoas penduradas. Eram servos de sangue, escravos. Bryn podia cheirar a mudança em sua hemoglobina e ver as mordeduras dos vampiros; tinham incisões nas axilas e virilhas. Estavam mais pálidos que o normal, e seu olhar perdido rogava que os acalmassem do tipo de ansiedade que os levava a um lugar como esse.

O prazer da dor.

Bryn entendeu que os *nosferatus* usavam seus servos de muitas maneiras. Também em terrenos sexuais.

—Onde está Logan? —perguntou Ardan sem olhar os escravos.

—Olá, General — Os vanirios saudaram Bryn.

Ela respondeu com um assentimento de cabeça.

—Olá.

—Silêncio, escrava. — Respondeu Ardan a olhando por cima do ombro.

Mervin e Kerrick olharam um ao outro, assombrados pelo tom que seu líder usava com aquela Valquíria tão poderosa.

Bryn mordeu a língua, mas acatou a ordem.

—Logan? —repetiu Ardan mal-humorado.

—Na sala contígua. Ela está aqui —informou Mervin.

Ardan não podia acreditar em sua sorte. De verdade os deuses iam dar-lhe de presente Samantha naquele preciso momento? Olhou Bryn de lado, consciente plenamente de quem se referiam, e se atreveu a perguntar:

—Quem?

—Sammy. Sua adorada submissa. A única que tem. — Respondeu Kendrick girando os olhos.

— A está preparando para você.

Bryn sentiu que as pequenas presas picavam e rogavam por se cravar em algum lugar. Teve vontade de morder alguém, fritar e chameuscar, arrancar peles e olhos... O modo como Kendrick falou dessa tal Samantha emudeceu e feriu Bryn a níveis imprevistos. Níveis que nem ela mesma acreditava que podia alcançar.

Pensava que estava congelada. Mas não: ainda tinha a capacidade de sentir ira e dor.

—Minha preciosa neném está aqui? —perguntou Ardan em dalradiano.

Ela cravou seus olhos claros e impactados nele, em seu perfil viril e masculino. Naqueles lábios grossos e no piercing que refulgia no inferior. Ele o lambeu com a ponta da língua.

Sim. Essa foi outra bofetada. Não, melhor: um murro no estômago, desses que a deixam de joelhos e sem respiração.

“Sua preciosa neném?”. Ardan tinha companheira no Midgard? De verdade?

Não sabia. Mas, como ia saber se não conversaram desde que voltaram a se ver?

Deuses, não. Isso sim que não. Isso não... Não estava pronta para isso. Desejava, em seu íntimo, que Ardan não se atrevesse a fazê-la passar por algo assim.

—Venha comigo. Iremos até Sammy — disse Ardan a puxando, emocionado como nunca o viu.

Bryn quis se deter em seco e negou com a cabeça.

—Não —respondeu com voz trêmula.

—Não o que? —Ardan saiu da masmorra, e abriu a porta da sala vizinha. — Você fará o que eu disser.

—Não. —Cravou os calcanhares no chão e o olhou de frente.

Ardan a intimidou com seu corpo e entrecerrou os olhos tatuados.

—Não me irrite, Valquíria. Não é bom que me desafie.

Bryn negou com a cabeça e engoliu. Não, tinha razão. Não era bom desafiá-lo. Mas tampouco era bom para ela conhecer alguma mulher que tivesse algo a ver com Ardan. Por favor, morria só de imaginar isso!

—Vamos. —Com um forte puxão a arrastou e abriu a porta da outra sala em que Logan estava preparando a tal Samantha.

Ardan não imaginava que Sammy decidisse vir aquele dia.

Era sua submissa. Uma garota humana, bonita, que estava sob seus cuidados há um ano. Loira como Bryn, de olhos marrons muito claros e corpo exuberante. Estava acostumada a avisá-lo antes, via *Whatsapp*, para dizer que estava perto e perguntar se ele estava disponível. E ele sempre estava para ela, porque era uma mulher entregue e incrível.

E ele gostava. Gostava de Samantha.

As mãos de Bryn gelaram quando a viu. O ciúme nunca foi despertado nela com tanta fúria como nesse preciso momento.

Era uma jovem bonita. Logan fechava o colar de submissa e prendia a corrente. Vestia um tapa-mamilos de couro negro e uma calcinha da mesma cor e do mesmo material, aberta na frente, que refletia sua pele mais íntima.

Seu sexo estava descoberto.

A General buscou uma saída com seus olhos avermelhados pela raiva e o ressentimento. Ou saía dali ou Ardan ia destroçá-la.

Fugir nunca foi opção para ela antes. Jamais fugia.

Sempre enfrentava todas as situações.

Mas àquela... Não. Definitivamente não. Seu corpo começou a tremer e sentia que podia partir nozes com a mandíbula. O estômago encolheu.

—Ardan —o saudou Samantha com voz felina.

Essa mulher lhe dedicou um desses sorrisos brancos, radiantes e sinceros, que Bryn desejou desfigurar com um raio.

—Minha preciosa Sammy... — Ele se aproximou dela, com Bryn ainda amarrada com a corrente, a levando como uma cadela, como uma mascote. Deteve-se na frente de Samantha e sorriu para ela com doçura e respeito.

“Filho da puta. Filho da puta”, pensava a Valquíria. Não olhava para ela assim. Não falava com ela assim. Como podia sequer prestar atenção em outras? Ela, embora fosse a culpada de sua separação, nunca pôde esquecê-lo. Sempre o amou. Sempre o desejou. Não houve uma só lua em que não sentiu sua falta.

E enquanto isso... Ele podia tocar outras.

Passou a língua pelas presas, e desejou arrasar todo o ESPIONAGE. Nunca sentiu tanta energia no corpo como a que agora se avivava nela com a força de um furacão.

Samantha desviou o olhar para estudar Bryn, e sorriu com doçura; e isso arrebentou a General. Não era um sorriso real. Era um sorriso forçado para fazer Ardan acreditar que era indiferente.

Mas não era.

Ambas eram mulheres. Ambas marcavam território. Ambas conheciam suas armas; mas Bryn não podia mostrar nenhuma porque Ardan a proibiu.

—Quem é esta mulher, senhor? —Perguntou Samantha a olhando de soslaio, como o faria um gato a ponto de arranhar e se jogar sobre sua presa.

“A que vai queimar suas pestanas, porca”, replicou Bryn mentalmente.

—Um joguinho para nós.

“Um joguinho para eles? Você está louco, tranças”.

—Logan...

—Sim, *laird*?

—Pode pôr à escrava pendurada nas correntes da mesma sala que vamos trabalhar?

Bryn se retesou. Sentia-se torpe e intumescida. O que Ardan queria fazer com ela?

Logan assentiu com a cabeça e olhou hesitante para Bryn, como se não se atrevesse a tocá-la ou incomodá-la. Logan era um vanirio inteligente, não como o maldito escocês.

—Me acompanha? —perguntou Logan.

—Não pergunte, porra —bramou Ardan. — Leve-a e pronto. É uma maldita escrava. —Olhou-a nos olhos, a atravessando com toda sua ira. — Não tem que solicitar permissão para nada.

Logan não estava tão de acordo. Bryn não deixava de ser a General, a Valquíria mais forte de Freyja. Ardan a estava tratando muito mal. Talvez não soubesse o que aconteceu entre eles, mas intuía uma coisa: nunca podia subestimar uma mulher com o olhar tão glacial como o de Bryn. Era uma assassina, e seus olhos turquesas expressavam seus desejos de vingar todas as ofensas que estava sofrendo.

E as vingaria. Logan não sabia quando nem como, mas, aquela guerreira tão bonita e distante cobraria todos os insultos. E não queria estar no meio quando o fizesse.

—Te acompanho, Logan. Mas se assegure de me acorrentar bem — sussurrou com voz perniciososa. Sim, melhor que assegurasse bem esses grilhões ou aconteceria algo que ninguém desejava.

Ardan a olhou de esguelha e, depois, dedicou uma expressão mais melosa à sua submissa.

—Se importa que hoje tenhamos uma sessão compartilhada? — perguntou Ardan à Samantha enquanto acariciava a bochecha com suavidade e depois deslizava seus enormes dedos pela clavícula desnuda da jovem.

Ela negou com a cabeça e umedeceu os lábios com a língua.

—Adoro estas sessões, senhor. Sobre tudo se as compartilho com você.

Ardan sorriu e encostou sua testa na dela, acrescentando um grunhido de aprovação.

“*Quero matá-los. Matar. Matar. Matar...*”, pensava Bryn sem poder parar de os olhar, por muito dano que isso fizesse. Seria sádica?

A sua mente vieram lembranças de quando essas carícias eram dedicadas a ela na terra dos elfos, ou perto da Ponte Arco-íris, quando acreditavam que poderiam lutar juntos no *Ragnarök*, ele como líder dos *einherjars* e ela como líder das Valquírias. Então, se prometiam felicidade. Mas nada mais longe da realidade.

Tudo mudou.

O Ardan a quem entregou seu coração no Asgard, não era o mesmo que encontrou no Midgard.

E ela não era nem metade forte do que era no Valhala.

Tinha suas aptidões limitadas e seu destino nas mãos de um homem que a odiava. Como tudo mudou tanto?

—Vamos, preciosa —Ardan tomou Samantha pelo colar e a puxou gentilmente, enquanto acariciava a parte baixa da costas com seus dedos.

Bryn teve que olhar para o outro lado. Não gostava daquilo, magoava.

Os quatro se dirigiram à sala onde Kendrick, Mervin, e os dois escravos de sangue esperavam pacientes para fazer a domesticação.

Logan colocou Bryn do lado direito dos dois servos, e Ardan colocou Samantha na frente dela, do lado oposto.

Formavam um losango. Quatro amos e quatro submissos dispostos a desfrutar do mel e do fel da dominação e submissão.

Bryn prometeu a si mesma ser completamente inacessível. Nada a tocaria, nada transporia sua couraça. Não se quebraria na frente de Ardan, por muito que ele procurasse sua maldita rendição ou submissão. Porque ele procurava isso dela para humilhá-la, não para seu próprio prazer.

Logan elevou os braços de Bryn acima de sua cabeça e rodeou seus pulsos com os grilhões. O som do aço ao se fechar em torno de sua pele a arrepiou. Logan se dirigiu à parede oposta, e manipulou uma das quatro manivelas. Bryn ficou suspensa no ar, a meio metro do chão.

Ardan cravou a vista nela, e fez o mesmo com Samantha.

Mas de um modo mais íntimo e pessoal que usou o outro vanirio com ela.

Ardan acariciava o corpo dessa mulher, a moldava, a modelava. A humana gemia e ronronava presa de suas ternas carícias. Ele se colocou atrás dela, sorriu e deslizou sua mão pelo torso nu de Samantha, sem deixar de olhar Bryn que, hipnotizada por aquela cruel visão, não podia afastar seus olhos vermelhos. Porque estavam vermelhos.

Não havia dúvida.

O *einherjar* piscou e cravou seus olhos caramelos no rosto da Valquíria, que era lindo. Nunca viu essa expressão na General. Era como se estivessem quebrando seu jogo mais prezado e não pudesse fazer nada para salvá-lo. Ardan não suportou; não tolerava ver esse gesto nela porque o considerava falso e fora de lugar; assim disse a Logan:

—Tire a roupa dela.

Bryn apertou os punhos e cravou as unhas nas palmas das mãos.

—Não quero que me toquem — pediu Bryn sem poder morder a língua. Ardan não só estava acariciando outra mulher na frente dela, mas também a deixava à mercê de outros.

—Como disse? — separou-se de Samantha, que em seguida sentiu falta de seu contato e se queixou de seu abandono. Ele ficou na frente de Bryn e encostou seu nariz no dela. Estavam da mesma altura.

—Este homem não tem direito de me tocar —murmurou em voz baixa a guerreira, elevando o queixo e mordendo os lábios para que não tremessem. Queria chorar e lançar ao ar um de seus gritos de Valquíria, capaz de quebrar cristais, rachar paredes e destruir tímpanos. — Sou uma Valquíria...

—É uma escrava.

—... e é meu direito decidir quem me toca.

—Não tem direitos; só cumpre meus desejos. E meu desejo é vê-la nas mãos de Logan. Agora, cumpra ou te expulso daqui.

A Tríade nunca se sentiu tão incômoda como nesse momento.

Bryn piscou para que as lágrimas não cedessem.

—Sabe o que, Ardan?

—O que?

—Vá à merda.

Ele piscou repetidas vezes e seus lábios desenharam uma linha de frustração e ofensa.

—Está bem. —Ardan deu de ombros. — Então, te despirei para eles. —Rasgou o pulôver que a cobria, tirou as botas e desceu suas calças com força, a deixando diante de toda a sala com roupa íntima. Seu corpo balançava de um lado ao outro, e apenas o som das correntes se roçando rompia o espesso silêncio.

Não pôde evitar olhar seu corpo, seu lindo e curvilíneo corpo. Não se sentia orgulhoso de ver como ela tremia e estremecia, pendurada e indefesa diante da Tríade e Samantha. Os escravos de sangue permaneciam com os olhos vendados e eram os únicos que não podiam ver como era o corpo de uma autêntica Valquíria como Bryn. Mas M, K e L sim podiam, e estavam enchendo a vista com isso, embora o fizessem um tanto envergonhados.

E Samantha a estava analisando como o faria uma mulher ciumenta e invejosa.

—Logan.

—Fale, Ardan — respondeu com desgosto.

—Use a pá. Dez açoites em cada nádega para ela. —Elevou a sobrancelha do piercing. — Mervin e Kendrick, já sabem o que querem nossos amigos. Dêem a eles e procedam como sempre.

Os dois irmãos assentiram e agarraram os chicotes de nove pontas para começar a trabalhar com os corpos semidesnudos dos seguidores dos vampiros.

As sessões com os escravos de sangue sempre eram realizadas com seus olhos vendados e ouvidos tampados. Era o único modo de se assegurar que nenhum deles visse quem fazia a domesticação, já que, se davam sangue aos *nosferatus*, podiam ler em suas lembranças; e nem Ardan nem a Tríade deviam ser reconhecidos.

—Desça a calcinha dela. — Pediu Ardan enquanto se recolocava atrás de Samantha e tomava a pá que havia no chão.

Logan se moveu e ficou atrás das costas de Bryn. A Valquíria estava passando um mau momento e sabia.

—Com sua permissão, Bryn.

—Não a tem. Mas faça o que deve — respondeu ela com os olhos rasgados e feridos focados em Ardan e em como estava tocando sua submissa. Ela não queria ser sua submissa, nem sua escrava. Queria voltar a ser sua Bryn. Mas Ardan não permitia; não perguntava nada, e nem sequer se interessou pelo que ela fez durante tanto tempo sem ele.

—Suportará? —perguntou Logan em voz baixa, segurando Bryn pelos quadris.

Bryn reprimiu a ânsia de vomitar; não só pelo contato de um homem que não era o que amava, mas sim, sobretudo, ao ver como Ardan colocava uma mão sobre o seio daquela humana e o massageava com paixão e desejo. Uma maldita humana!

“Se o suportarei? Agora mesmo não sei. Sempre suportei tudo que caiu em cima de mim. Todas as decisões que tomaram por mim, tudo que não queria e acatei. Aceitei tudo”. Mas já não estava convencida de poder com isso, não estava segura de querer continuar obedecendo.

Seus olhos se tornaram dois faróis de cor rubi, cada vez mais claros, quando Logan baixou sua calcinha negra para mostrar suas nádegas, que só ele podia ver.

Deuses, aquilo não estava certo.

Ardan abriu a boca e passou a língua pelo pescoço de Samantha. Esta sorria enquanto a olhava e se deixava acariciar pelo escocês.

Bryn não teve coragem de fechar os olhos. Queria se embeber com aquela imagem. Queria se envenenar e deixar de sentir coisas pelo Tranças maligno. Se não sentisse nada por ele, seria muito mais fácil obedecer cegamente, porque pararia de lutar contra seu coração, ou o que restava dele, já que o highlander o estava pulverizando com sua brutalidade.

Ardan apalpava aquela mulher; a beijava no ombro, no canto da boca...

—Conte, General — pediu Logan brandamente. — Já se vão quatro.

Bryn engoliu. Nem sequer era consciente que a pá impactava secamente sobre sua tenra carne. Não sentia dor.

Tampouco era consciente dos gritos dos escravos de sangue pelo contato dos chicote e das varas em seus corpos...

Aquilo era dor? A ausência de dano, o não sentir o corpo enquanto rachavam sua alma e seu espírito. Aquilo sim era dor.

O BDSM, a dominação e a submissão... Os jogos de amos e submissos estavam bem. Podia gostar dele. Mas não suportava se quebrar como estava se quebrando diante de Ardan. Nunca seria sua submissa.

Nunca ficaria em suas mãos. Jamais. Ele permitiu que outro a açoitasse e a visse semidespida. Ele, que foi um ciumento e possessivo dos grandes, agora se importava bem pouco com quem a tocasse... Embora, na realidade, não a tocassem. Só a pá impactava em suas nádegas.

Doze, treze.

E, enquanto isso, Ardan deixava que Samantha visse o que ele fazia e introduzia uma mão entre suas pernas, para tocá-la e estimulá-la.

—Quer que te dê de presente um orgasmo? —perguntou Ardan em seu ouvido.

A garota assentiu frenética, excitada por ver uma beleza como Bryn sendo fustigada; animada ao ouvir os gritos dos dois homens que pendiam das correntes como elas. E super estimulada pelo dedo que a esfregava entre as pernas.

As orelhas de Bryn se removeram em desacordo. Como se atrevia ele a fazer isso? Por Freyja, tanto asco lhe dava? Que iludida foi ao pensar que podia perdoá-la.

Por que? Que o amasse com loucura não significava que ele tivesse que sentir o mesmo.

—Mais forte, Logan. — Ordenou Ardan enquanto mordida o ombro da sua submissa. O highlander não perdia um só detalhe da disciplina do vanirio sobre Bryn.

“É assim como me quer?”, perguntava-se Bryn. *“Assim, liquidada e indefesa? Então, desfrute do que vê agora, porque nunca mais voltará a me ver deste modo”*, prometeu a si mesma.

Na realidade, não aguentava isso pelo medo que Ardan a devolvesse ao Midgard sem honras. O aguentava porque pensou que podia recuperar seu amor e seu respeito. Pensou que seria suficiente explicar tudo se chegasse a perguntar alguma vez.

Mas Ardan não a interrogou. Ardan somente a arrastava para o lodo de seu orgulho ferido e seu amor próprio.

Agora que Bryn o entendia, agora que aprendia a lição de seu tratamento, era o momento de tomar decisões.

—Mais forte, Logan! —ordenou o *laird*.

Logan obedeceu, mas Bryn não reagia às pancadas. Seus olhos permaneciam perdidos, fixos em Ardan, e nas mãos que acariciavam o corpo daquela humana.

—Porra! Cuide de Samantha — grunhiu Ardan soltando Samantha e se dirigindo a Logan. Arrebatou sua pá e puxou o cabelo de Bryn. — Agora quero que grite e que conte, me ouve?! E se não pode com isto, já sabe qual sua palavra de segurança. — Os olhos caramelados brilharam maliciosos.

Bryn cravou a vista no teto escuro e sorriu indiferente.

“Foda-me, verdade?”. Fechou os olhos com prazer: o prazer de não sentir absolutamente nada. Se não tivesse as asas geladas teriam se congelado *ipso facto*.

Ardan não teve clemência; batia com a pá com tanta força que o corpo de Bryn se movia de um lado ao outro. Suas nádegas avermelhavam pelo acúmulo de sangue nessa área. A pele ardia,

devia arder. Ardan não entendia como essa mulher não soltava um só gemido, um clamor, um grito... Algo que indicasse que sentia o que estava fazendo com ela. Parecia que se foi desse plano e que não estava no espaço submisso, esse que era como um limbo de prazer e entrega para os escravos. Não; Bryn não estava ali. Estava em outro lugar.

Ardan atirou a pá no chão com raiva e deu um passo atrás para ver o que fez a Bryn. Suas nádegas estavam vermelhas até não mais suportar; mas Bryn continuava com os olhos fechados e respirando com aparente tranquilidade. Seu cabelo loiro cobria suas asas azuis.

Sentiu que a bília subia ao estômago. Nunca tratou ninguém assim. Lançou a pá ao chão e passou as mãos pelo rosto, envergonhado por perder assim o controle.

—Logan, desça-a. — Pediu Ardan aborrecido. — E a tire daqui. —Dirigiu-se a Samantha de novo, mas parou ao ouvir a risada de Bryn.

—Não me desça. — Pediu Bryn abrindo os olhos sem vida e dedicando a ele um olhar cheio de determinação. — Pode continuar, amo. Pode continuar tanto como desejar. A submissão está na mente; e você não tem essa parte de mim, assim pode me bater tão forte como quiser, que não encontrará uma resposta submissa da minha parte, nunca. Vamos, me bata. —Piscou sorrindo vagamente. — Não sinto nada absolutamente. Não sinto como ela. —Assinalou Samantha com o queixo. — Pode fodê-la diante de mim se for o que deseja. —Bryn desejava que não o fizesse, mas estava farta daquilo.

Logan se dispôs a acariciar as nádegas açoitadas de Bryn para acalmar a coceira, mas esse gesto incomodou Ardan.

—Não a toque. —Ordenou. — Somente a desça.

—Ouça, cara... mas ela tem a pele muito maltratada.

Bryn deu de ombros.

—Sará, não se preocupe, Logan.

Ardan a olhou e esteve a ponto de dizer algo mais, mas se calou.

—Senhor —interrompeu Samantha. — E vai me deixar assim? — Moveu os quadris de um lado ao outro de modo sedutor.

Ardan sacudiu a cabeça e se dirigiu a ela. Abrangeu todo seu sexo com uma mão e começou a masturbá-la com os dedos. Bryn observou a cena com um escudo de indiferença, como se a matassem por dentro. Entretanto, algo nela mudou: uma fonte de energia despertava em seu interior. Uma nascida da mais autêntica fúria, da mais poderosa de todos os tempos: a fúria Valquíria, a raiva e a ira de uma mulher quebrada e ferida.

Logan tirou os grilhões e Bryn pôde tocar com os pés no chão. Estava frio e gostou disso.

—Vamos para fora. — O vanirio recolheu suas roupas enquanto Bryn subia a calcinha. — Aqui já têm tudo controlado.

Bryn também entendeu que já teve o suficiente. Ardan dava de presente orgasmos a Samantha e a deixava nas mãos de outro homem com uma pá.

Era tão esclarecedor quanto óbvio.

Humilhante e, ao mesmo tempo, libertador.

Ardan não a queria ver, nem muito menos perdoar. Já estava refazendo sua vida com uma maldita humana... Preferia essa Sammy em vez dela, que era a General das Valquírias? De acordo.

—Leve-a ao *Johnnie Foxes* —pediu Ardan. — Fique com Gabriel lá.

Com o queixo elevado, mas se sentindo completamente rejeitada como guerreira e mulher, abandonou a masmorra.

Ao sair, Logan a olhou por cima do ombro e a guiou para outra sala para poder se trocar. Enquanto ela vestia a calça e o pulôver, o vanirio de cabeça raspada estudava sua pose e sua venerabilidade.

Queria perguntar sobre o tipo de relação que tinham. Sobre se ela era, na realidade, a mulher que partiu o coração dele; mas Bryn se adiantou.

—O que farão com os escravos de sangue? — Calçou uma bota e logo a outra. — De que serve que façam sua domesticação se não obtêm informação sobre eles nem sobre o que faziam em Glasgow?

—Mervin e Kendrick se encarregarão de ler suas mentes e ver suas lembranças. Não podem beber seu sangue, mas podemos os analisar. Acreditam que não viajaram porque não eram aptos.

—Aptos para alimentar os *nosferatus* e rejuvenescê-los?

—Sim —respondeu Logan cruzando os braços e se apoiando na parede. — Já sabemos que a terapia *Stem Cells*, aplicada nos humanos, dá um sangue rico e rejuvenescedor para os vampiros. Como esse tal Lucius, que ainda continua vivo... Ele está tomando essa terapia. Os escravos de sangue que vêm aqui eram tratados com *Stem Cells*.

—Como sabem?

—Pelas espetadas na parte baixa da coluna vertebral que todos exibiam.

Bryn não prestou atenção nisso.

—Talvez os dois escravos que há nessa sala ainda precisem de alguma terapia mais; ou talvez já não os interessem. Seguiremos seus próximos movimentos a partir de agora e analisaremos seu sangue. M e K os espetarão sem que se dêem conta.

Bryn assentiu com a cabeça; pelo menos tinham um plano a seguir.

—Posso fazer uma pergunta, General?

Ela o olhou nos olhos e voltou a assentir.

—Por que uma guerreira tão poderosa como você permite o tratamento que Ardan está te dispensando? Não é humana como Samantha; é uma Valquíria. A mais forte, me disseram.

—Sim, sou. — Calçou a outra bota e, depois, abotoou o botão da calça. Sentia o traseiro ardendo, mas não importava. Inclusive a sensação a agradava. Prendeu o cabelo loiro num coque alto e deixou que repousasse todo sobre um ombro. — Tenho necessidade de purgar meus pecados.

—E por isso se submete à dureza do *laird*? Com todo meu respeito, acredito que está louca. Esse homem não tem nem um grama de compaixão em suas veias, exceto para os seus. Você é dele?

—Eu? —perguntou, arregalando os olhos, incrédula. — Não — riu sem vontade. — Houve um tempo em que nos pertencemos; mas agora ele pertence a outro mundo. E não é o meu.

—Não deveria estar tão segura disso. Ardan mata, exila e esquece quem não importa. Com você, não pode te deixar em paz.

—Não pode parar de me incomodar e tratar mal, o que é diferente.

Logan deu de ombros e bufou.

—E o que? É o mesmo, não? Não é indiferente à ele.

Bryn teve vontade de gritar. Preferia que metesse esse interesse por onde coubesse em vez de continuar a tratando assim. A impedia de usar seus raios, tirou suas *bues*, a humilhava diante de todos. Sim, o melhor seria ser invisível para ele.

—Prefiro sua indiferença, me acredite.

Logan sorriu, e foi um gesto que suavizou seus traços sérios.

Bryn relaxou um pouco e devolveu um sorriso que não sentia.

—Logan, posso fazer uma pergunta?

—Claro; se tiver resposta, a darei.

—É sobre Anderson e Buchannan. E também sobre vocês.

O olhar do vanirio escureceu e olhou para o outro lado.

—Imagino sua pergunta...

—Sim? Poderá responder isso.

—Tente.

Bryn se aproximou dele, cara a cara.

—Quanto é insofrível a sede vaniria?

—Quanto? É uma dor que te mata pouco a pouco... Não se vai. — Respondeu sinceramente.

—E essa dor pode enlouquecê-lo de tal modo que seriam capazes de trair os seus e ir para Loki, verdade?

Logan não gostou de algo em sua pergunta, e grunhiu ofendido.

—No que está pensando, Valquíria?

—Em Anderson e Buchannan sem suas companheiras. Ardan teve que matar Anderson por traí-lo, porque sucumbiu à Loki. Buchannan poderia sucumbir também?

—Buchannan? —Repetiu enojado. — Porra, não! É o mais leal de todos. Antes de nos trair e ir para o lado escuro, se imolaria. Acabaria com sua vida. Buchannan só poderia se vender para voltar a ver sua *cáraid* Amanda. Mas morreu. Buchannan jamais trairia a lembrança de Mandy.

Bryn ficou pensativa, esfregando o queixo com o polegar.

Não que desconfiasse da palavra de Logan, mas eram vanirios que perderam suas companheiras e, cedo ou tarde, poderiam enlouquecer. Anderson não demorou nada para se vender. Buchannan podia ser o próximo, ou inclusive a Tríade...

—Nem sequer pense nisso, General. Não tenho *cáraid*, e graças às pastilhas Aodhan, que nos forneceu o curador de Black Country, lidamos com a fome muito melhor. Portanto, de nossa parte, não deveria temer nenhum tipo de traição. Só mencionar isso me ofende, senhorita.

Bryn nem sequer se desculpou. Era muito honesta e analisava todas as situações sob todos os pontos.

—Não é minha intenção ofender. Desculpe.

Entretanto, a conversa não a tranquilizou. Ardan confiava nos seus do mesmo modo que ela acreditou em Róta. Ele não acreditava em possíveis rebeliões, como ela não acreditou em Róta lhe atirando uma punhalada rasteira e indo para Loki. Mas a possibilidade estava lá.

A viu na imagem holográfica de Buchannan e em seu olhar escuro.

Bryn reconhecia esse olhar. O olhar da rendição e o tédio que indicavam que já nada importava.

E o reconhecia porque ela tinha, exatamente, o mesmo, nesse momento.

CAPÍTULO 10

Edimburgo

Espionage

—Quem é essa garota na realidade, *laird*?

Ardan esperou que Samantha acabasse de se vestir.

A tinha açoitado, fustigado, feito um bom *spanking*, também, deu de presente vários orgasmos. E mesmo assim, hoje não se sentia satisfeito.

Não fazia nada mais que pensar no olhar de Bryn, em como seguiu cada um de seus movimentos e estudou como tocava Sammy; no tom de sua voz, desprovida de emoção, quando assegurou que podia continuar com a pá. Curiosa essa atitude da altiva General.

—Senhor?

A pergunta o afastou de seus pensamentos.

—Me diga.

—A garota, quem era? —Perguntou acabando de vestir as ligas e a saia.

—É somente uma escrava, já disse isso.

—Mmm... —Samantha o olhou de soslaio e perguntou: — Gosta dela?

—Não — Como se atrevia a perguntar isso? Tratou Bryn tão mal como nunca; e perguntava se gostava dela. Acaso não esteve nessa sala?

—Não me pareceu isso. Parecia mais entregue e comprometido que nunca enquanto usava a pá com ela. —A loira se plantou na frente dele e se aproximou para dar um beijo nos lábios; mas Ardan afastou o rosto.

—O que faz? Já sabe que não quero beijos na boca.

Samantha fez um biquinho infantil e acariciou sua bochecha com a unha.

—Mas eu sim, quero. Fui o suficientemente boa para que me dê um, não acha?

Sim. Sammy era uma submissa complacente e nada respondona.

Não como Bryn, que rebatia quase tudo e o obedecia a contra gosto, com pouca atitude e predisposição.

Porra, isso o deixava duro.

Entregue? Pareceu assim para Sammy? O que teve de lutar contra o desejo de despir Bryn e fazê-la sua, só ele sabia; e nunca reconheceria diante de ninguém. O poder de Bryn, tanta energia numa embalagem tão bela e bem feita, o deixava excitado.

Mas Bryn era mentirosa, classista e ruim. Não a queria para nada, e faria bem em recordar como o descartou diante dos deuses, eras atrás.

—Não dou beijos, Sammy. Seja boa e me obedeça.

Sammy bufou e rodeou seu pescoço com os braços.

—Essa boca é muito mal aproveitada. É a mais sexy e exótica que jamais vi, e algum dia espero prová-la bem. Ganharei seu favor, senhor.

—Já o tem. —Ardan acariciou seus quadris. — É minha única submissa.

—Hoje não fui. — Piscou um olho e se afastou dele para pegar sua bolsa e colocar seus óculos de sol em forma de diadema.

—Não seja ciumenta.

—Sou. —Sorriu enquanto abria a porta e saía da sala de descanso. — E muito, senhor. Mas esperarei pacientemente. —Mandou um beijo através do ar e fechou a porta.

Seria muito simples ficar com Samantha. Mas era mortal, e não podia ficar com ela. Samantha não sabia o que ele era; desconhecia seu mundo por completo; e não estava para explicar que tipo de guerreiro antigo era.

Ficou sentado sobre a mesa, absorto, olhando suas mãos. Pegou a pá com força suficiente para partir pedras; e a usou contra a General. Ela não gritou nenhuma só vez.

Tão serena. Tão firme e fria.

Passou os dedos pela pequena trança que pendurava de sua nuca e pensou em quão fácil seria arrebatá-la a virgindade de Bryn. Era o que mais desejava, acima de todo o resto. Essa parte de Bryn era dele, e esperou muito para tê-la.

Talvez, quando a tivesse, quando a fizesse dele, pararia de ficar duro ao seu lado, e sua ânsia de vingança fosse consumada. Então apenas poderia desprezá-la, deixá-la atrás como se nunca existisse.

Levantou da mesa que estava apoiado e pegou sua jaqueta de motoqueiro preta.

Em *Johnnie Foxes* o esperava uma nova reunião. E embora os escravos, por agora, não parecessem dizer muito, pois apagariam suas lembranças, sabia que cedo ou tarde os levariam onde ele queria.

Esperava que Buchanan tivesse rastreado os sinais dos chips. Precisava encontrar aquela base da Newscientists com urgência.

Johnnie Foxes

River Ness

No rio Ness, no centro de Inverness, encontrava-se um popular restaurante e pub chamado Johnnie Foxes. Aquele era o lugar de reunião favorito de Ardan e os seus. E ali, rodeados de um ambiente tradicional escocês, com as mesinhas e os privativos todos revestidos de madeira, Bryn tomava uma Pepsi light e escutava a conversa que um grupo de humanos bastante estranho tinham duas mesas mais adiante; enquanto isso, esperava que Steven e Kendrick trouxessem as batatas com queijo fundido e carne que sempre costumavam pedir.

—Juro, cara — dizia um. — Isto está a ponto de explodir. Chegará o momento que os asgardianos retornarão e nesse dia será a guerra dos mundos. É a raça extraterrestre mais poderosa e mais inteligente. Entrarão através do buraco de verme que desemboca em Bifrost, a ponte Arco-íris. Sim; e dali de onde vêm, não é como o nosso planeta. Não é redondo. Asgard flutua no mar do espaço, oculto; e há uma estranha energia que impede que seus mares e suas cascatas transbordem por suas laterais e se desintegrem. Há milhares de naves escondidas no universo, esperando o sinal do ser chamado Heimdal.

Bryn sorveu sua bebida, entretida com a estranha veracidade daquelas palavras humanas. Como sabiam disso?

—Asgard tem entrada direto à Terra; o eixo de nosso planeta está alinhado com uma das raízes do Yggdrasil. E também à terra dos gigantes, graças às suas portas dimensionais. E eles esperam o sinal para entrar aqui e brigar contra as forças do submundo. O mundo será açoitado por terremotos e maremotos. A terra convulsionará; chegarão os tornados, e todos ficaremos sem eletricidade...

Bryn virou para observar àquele conjunto de estudiosos asgardianos. Era um grupo de seis pessoas com não mais de quarenta anos. Um deles, o mais jovem, assentia com a cabeça, plenamente de acordo com o que dizia o mais velho.

—Deveríamos entrar em contato com os hopi, os magos e as sacerdotisas... —sugeriu apaixonado. — O sinal do céu marcará o início da guerra. Menos mal que sabemos sobre tudo isto e podemos ajudar...

Steven se aproximou deles com uma jarra de cerveja e piscou um olho.

—Não vão bem. E o que pensam fazer para detê-los? Se esse final do mundo chegar: o que pode fazer um grupo de humanos como nós — incluiu a si mesmo — contra a poderosa maquinaria dos deuses?

—Não são deuses, simplesmente são uma raça mais evoluída — respondeu o moreno com óculos de fundo de garrafa. — E, em todo caso, só podemos orar.

—Orar — repetiu Steven olhando para Bryn e sorrindo. A General sorriu por sua vez, divertida com a situação. — Ou seja, oraremos para que seus raios laser não nos acertem? Por que misturam Deus em tudo isto?

—Steven, sempre ri de nós, mas é o que mais acredita. —Assinalou o mais velho.

O berserker passou a mão pelo moicano vermelho e riu petulante.

—Reconheçam que a única coisa que podemos esperar é que nos protejam bem quando se desencadear o apocalipse. E que não o façam com rezas e palavras. Necessitamos de um exército. —Elevou o copo de cerveja e brindou por isso.

O mais jovem apoiou sua moção e começou a fazer todo tipo de conjecturas sobre como criar escudos de invisibilidade ou protetores de leituras mentais. Enquanto isso, Steven aproveitava e sentava ao lado de Bryn.

—Quem são? —perguntou a General. — Sabem muito.

Ele sorriu e envesgou os olhos.

—Sabem, mas não são conscientes do que na realidade supõe que estão dizendo. São um grupo de fanáticos estudantes de Asgard... Dizem que os asgardianos esperam com sua frota de naves, parecidas com os navios vikings, para interceder e salvar a humanidade. Há muitos humanos que conhecem as profecias e que acreditam que pode começar uma mudança na Terra; mas poucos imaginam o que essa mudança pode gerar e como vai acontecer. Este grupo de fanáticos —os assinalou com o polegar, — vem a cada semana para falar do mesmo. Estão em dia de tudo e estudam todo tipo de conspirações. Por exemplo: difundiram sobre os incidentes de Fermilab de Chicago e as mudanças que a NASA detectou no campo eletromagnético do Colorado, quando se abriu o portal de Asgard e roubaram os totens. Falam disso e fazem suas próprias

suposições. Consideram que as pessoas de Asgard são extraterrestres e que lutarão contra outra raça alienígena que deverá conquistar a Terra... — Os olhos amarelos de Steven sorriram enquanto dava um gole em sua bebida. — Putos loucos.

—Não estão —respondeu Bryn séria. — Não estão loucos; somente associaram mal os conceitos. No final, os asgardianos existem. — Bryn descobriu sua orelha bicuda e a moveu rapidamente. —Se estes humanos soubessem que há um vanirio, um berserker e uma Valquíria duas mesas mais à frente da deles, sofreriam uma apoplexia.

—Ou isso, ou fariam várias fotos conosco e as postariam no facebook.

Bryn piscou e emitiu uma gargalhada. Não entendia por que ria, pois não estava de humor para isso depois do episódio no ESPIONAGE, mas Steven tinha ideias muito engraçadas.

—Onde deixou Johnson? —perguntou Bryn brincando com seu copo de Pepsi. Adorava o sabor dessa bebida. Picava na ponta da língua e, depois, deslizava fresca através de sua garganta. Maravilhosa.

—Está no Santuário. Não o viu ainda?

—Não. Ardan não me deixa. De fato, não sei o que faz falando comigo, Steven. Se Ardan o visse, iria atrás de toda sua família e os mataria um a um.

—Já morreram todos. — Respondeu despreocupado, estudando o perfil da linda guerreira. Que Ardan tratasse assim àquela mulher era algo que escapava de sua compreensão. Obviamente, todos prenderam os fios e compreenderam que a razão pela qual Ardan nunca encontrou companheira era aquela loira distante e demolidoramente bela que sentava cabisbaixa ao seu lado. Por isso decidiu pôr a mão no fogo a seu favor. — O Santuário é uma sala subterrânea sob o castelo de *Eilean Arainn*. Ardan o construiu para proteger as ninhadas de berserkers e suas mulheres. O *laird* acredita que vai comê-los, por isso não o apresenta, verdade?

—Sim; acredita que colecionarei suas peles. — Respondeu com amargura.

—Não acredito. Você adora Johnson.

—Quem não adoraria Johnson?

—Bom, Róta o trata como se fosse uma mistura entre cacto e cachorrinho.

Bryn voltou a rir e negou com a cabeça.

—Róta adora esse menino; mas está tentando assimilar seus sentimentos maternos. Foi um choque para ela descobrir que os tinha. — Ficou em silêncio por um momento e continuou. Queria que Steven explicasse as coisas, todas essas que Ardan se esforçava para ocultar dela. — Como é o Santuário?

—É um lugar de paz. Só há mulheres e crianças. Depois do rapto de Johnson, da morte de minha irmã e...

Bryn franziu o cenho.

—Sua irmã? Quem era sua irmã?

—Scarlett, a mulher de John. A mãe de Johnson.

Deuses... Steven era o tio de Johnson. Não sabia. Não tinha nem ideia.

—Sinto muito. Desconhecia esse dado.

—É normal — a desculpou Steven. — John e Scarlett morreram faz quatro anos numa briga com os lobachos, quando Johnson somente tinha alguns meses. Prepararam uma emboscada — recordou com amargura. — Sequestraram Johnson faz dois anos, desapareceu sem deixar rastro.

—Quem o sequestrou?

—Quem? Quem você acha?

—Ardan disse que Cameron teve algo a ver...

—Esse maldito lobacho filho de uma cadela... — grunhiu, fazendo que um músculo palpitasse em sua mandíbula. — Quando Johnson foi arrebatado de nossa terra, Ardan determinou criar um único lugar blindado para as ninhadas e mulheres, pois não achou conveniente que vivessem tão expostos aos lobachos e *nosferatus*. Por isso, criou esta espécie de comunidade em seu castelo. Todos temos nossos lares, mas o castelo de Ardan é onde gostamos de ficar. Aqui treinamos, conversamos e nos preparamos para as lutas. Este é nosso ambiente, o lugar ao qual pertencemos.

Sim. Bryn sabia do que falava. Ela pertencia ao Valhala. No Midgard, com Ardan a fazendo se sentir incômoda, estava absolutamente fora de lugar. Não que desejasse retornar, porque aceitava os desafios e tinha uma missão a cumprir; mas desejava encontrar *Gungnir* e voltar para Vingólf para lamber suas feridas a sós e se recuperar daquela maldita terra média cheia de anormais.

—Quando Scarlett morreu... Me afastei do clã de berserkers. Scarlett era a herdeira do líder do clã por ser a mais velha e excelente guerreira; e se supunha que eu devia assumir o cargo... — explicou envergonhado. — Meu pai morreu tempo atrás, e todos os dedos apontavam para mim como líder dos berserkers da Escócia. Mas fugi. Sentia raiva pela morte da minha irmã e não me via capaz de lutar no mesmo nível. Estava desvairado por completo. Só queria me matar — a olhou de esguelha, — entende? Assim não podia guiar ninguém —recordou frustrado.

—Quem se responsabilizou pelo seu clã?

—Ardan. Ardan se ocupou em liderá-los; por isso o respeitam tanto.

Bryn assentiu pensativa. Steven era um guerreiro jovem, mas sob toda aquela jovialidade se escondia algo letal e volúvel; como se fosse uma panela de pressão. E, entretanto, tinha uma essência de líder incontestável.

—No fim de seis meses retornei —continuou o guerreiro. — Ardan me aceitou de novo, e permitiu que liderasse meu clã.

Logan tomou assento frente a eles enquanto observava com tédio o grupo de estudiosos asgardianos que continuavam dando forma às suas suposições e à invasão de naves extraterrestres do Asgard.

Bryn não queria se sentir envergonhada diante de Logan, e de fato, não era assim exatamente como se sentia. Esse tipo a açoitou por ordem do insofrível das ilhas; mas, diferente do gigante, a tratou com respeito.

Enfim, já não importava se a olhavam mal ou não, ou se perdiam o respeito por ela ou não; estranhamente, o que aconteceu com Ardan a libertou da vergonha. Já não sentia nada.

—Minhas Valquírias estão para chegar — anunciou olhando através do vidro. — As sinto perto.

E assim foi. Pela porta de entrada do *Johnnie Foxes* apareceram Róta e Gúnnr, muito sérias e cismadas.

Bryn se maravilhava por ter *nonnes* tão especiais e bonitas. As duas tão diametralmente opostas e complementares. Róta se vestia toda sexy e sensual, como sempre. Com um espartilho preto e vermelho coberto por uma jaqueta negra de couro e lycra, calça apertada e botas de salto de cano alto. O que seria dela sem Gúnnr, Róta e Nanna? Sem sua companhia e sua lealdade? Deuses, como sentia falta das ideias de Nanna...

Entretanto, quando as viu caminhar para ela, soube que algo não estava bem.

—O que aconteceu?

—A nós? A você, quer dizer. Como se encontra? —Foi a primeira pergunta de Róta. Ambas eram empáticas uma com a outra; e a Valquíria ruiva sabia do sofrimento que Bryn experimentou naquela manhã.

Estavam ali só por isso? Para se assegurar que estava bem?

Eram tão bonitas...

Bryn a observou fixamente e deu de ombros.

—Estive melhor. Passará.

—Uma merda que passará. — Grunhiu Róta olhando ao redor com olhos de assassina. — Onde está?

—Quem?

—Sabe perfeitamente a quem me refiro. Voldemort, aliás o Tranças ressentido. Onde está?

—Vem para cá. — respondeu Logan mordendo um Frankfurt com queijo duplo.

—Vou dizer a ele umas boas, General.

—Não fará tal coisa, Róta. —Levantou de repente e apontou um dedo para ela.

—É obvio que o farei. Esse homem tem ideia de com quem está lidando? —grunhiu a Valquíria, ofendida pela atitude de Ardan. — É a maldita mão direita de Freyja. É sua arma mais letal. Não pode se comportar assim.

Bryn relaxou os músculos do rosto e desenhou um leve sorriso. Róta retornou. A Róta de antes, a que tanto a amava e a defendia com unhas e dentes. Saber disso a acalentou como uma manta cheia de calor.

Agora, “O Olho que Tudo Vê” estava do seu lado. Uma vez, ao chegar à Escócia, Róta disse a Ardan que estaria do lado dele. Mas depois de saber a verdade, depois que Róta por fim escutou sua declaração e o motivo pelo qual abandonou Ardan, sua *nonne* estava decidida a recompensá-la, fosse como fosse.

E saber que por fim se preocupavam com ela a fazia se sentir tão bem...

—Sabe que não pode se meter. — A censurou Bryn com voz mais doce.

—Farei quando voltar a sentir o que senti. Inclusive Kenshin se assustou quando me viu — assegurou aborrecida. — Foi asqueroso.

Gúnnr assentia decidida, com os grandes olhos infantis e azuis escuros fixos em sua líder. Ela não sentia como Róta, mas tinha fé que Bryn estava sofrendo.

—Estou decidida a pedir um favor ao meu... pai, General. Não pode ficar à mercê desse animal. Não gosto.

Saber que Gúnnr falaria com Thor, o pai que a rejeitou por não ter poderes, e que se rebaixaria a pedir sua ajuda por ela, fez que se angustiasse; e um nó de agradecimento e orgulho por suas irmãs alagou o centro de seu peito.

—Vou ficar bem.

—Sim. Ela estará bem enquanto me obedecer. — Disse Ardan entrando com Mervin e Kendrick atrás dele.

O olhar que Gúnnr e Róta dirigiram a ele falava por si só.

“Ardan e seus ares de prepotência. Ardan e sua atitude de sou o Rei de Escócia”, pensou Bryn com amargura.

—Importa-me muito pouco montar um numerozinho. O atacaria agora mesmo — assegurou Róta passando a língua pelos dentes enquanto assassinava o highlander com a mente. — Prometo isso, Ardan; e a palavra de uma Valquíria é inquebrável.

—Sim, bom. Há algumas que mentem mais que falam —murmurou olhando para Bryn.

Róta caminhou para ele e o golpeou no peito com o indicador.

—Fique atento, Ilhéu. Faz uns dias disse que seria de seu fã clube. Agora já não sou. Mas prometo que se fizer algo que fira de verdade minha *nonne*, simplesmente, o matarei. Irei atrás de você.

—Iremos. — Corrigiu Gúnnr com os olhos vermelhos, o olhando de cima abaixo.

—Cubinho de açúcar, você também? — Perguntou Ardan com um sorriso arrebatador. Adorava Gúnnr, mas não sabia como seria tê-la como inimizada.

—Deixei de gostar de você. — Confessou Gúnnr acariciando o colar do *Mjölnir*. — Te deletei do meu Facebook, ilhéu.

Ardan sorriu e negou com a cabeça.

—Façam o que tiverem vontade. Se quiserem briga, lhes darei isso.

—Não se importa comigo, Ardan? —A voz de Gabriel soou despreocupada, embora com a calma letal que precedia uma tormenta.

Ardan olhou Gabriel e deu de ombros.

—É o Engel, e o respeito — assegurou, tirando um penugem invisível da manga de sua jaqueta preta. — Mas não gosto das ameaças das Valquírias.

Gabriel piscou e lançou mão de seu bom senso.

—Entendo que custa me ver como seu superior, Ardan. Sei que para você não sou. Esta é sua terra e seu território; e você é o líder desde que o exilaram aqui. Sei que sente que estamos invadindo sua casa e tirando seu papel de liderança. Mas Gúnnr não é uma Valquíria qualquer — confirmou Gabriel sentando à mesa ao lado de Logan e Steven, diante de Bryn, e convidando Gúnnr que o seguisse. — É minha companheira, filha de Thor e possuidora da réplica do *Mjölnir*. Não cruze a linha entre ofender a mim ou ofender àqueles que me importam. Porque, por mim tenho paciência de sobra, mas por eles não. Por ela não. Assim vamos relaxar os ânimos. — Levantou o braço para chamar a atenção da garçonete e pediu: — Uma cerveja preta, por favor. Bryn, Róta e Gúnnr não se tocam — continuou com seu discurso. — São minhas guerreiras mais apreciadas. Únicas para mim e indispensáveis ao Midgard. Sei que a General e você têm uma espécie de... — ficou pensativo procurando a palavra adequada — acordo; e, até agora, estou

deixando que consertem suas diferenças entre vocês. Mas há um limite entre o abuso e a vingança. —Elevou a cabeça e fulminou Ardan. — Espero que entenda o que estou dizendo.

Gúnnr caminhou saltitando e sentou ao lado de Gabriel.

—Eu te adoro, sabe? —ronronou passando os dedos pelos joelhos dele.

Ardan entendia perfeitamente o que dizia esse loiro de cabelo cacheado e olhos azuis. Havia vários tipos de líderes. Ele era do tipo tosco e duro. Gabriel era do calmo, frio e metódico. Ardan preferia força, e Gabriel estratégia. Mas se havia algo que os diferenciava era que Gabriel sabia manter suas emoções sob controle e, pelo contrário, ele era todo temperamental.

Qual o melhor papel para um líder? Por outro lado, Gabriel tinha razão.

Sim; Ardan não gostava que houvesse outro Engel. Valorizava muito esse cargo e durante eras acreditou que pertencia a ele.

Mas agora não. Escolheram outro tipo de guerreiro para esse papel. Um adônis com cara de Anjo e sem um pinga de violência em seu corpo. Ardan não podia compreender como um homem como Gabriel representava a virilidade e a força dos *einherjars*, porque parecia tirado de um anúncio de colônias. Mas, pouco a pouco, e a base de falar com ele e o conhecer, ia entendendo melhor: porque, tudo que não tinha de selvagem e sangrento, tinha de inteligente e calculista.

—Agora falemos de como estão as coisas —sugeriu o líder dos *einherjars*.

Gabriel piscou um olho para Bryn e esta sorriu agradecida. O Engel era um líder por muito mais razões que saber lutar e preparar missões. Era um líder diferente porque muitos tinham poder, mas poucos tinham autoridade suficiente para alcançar às pessoas, aos seus guerreiros. E esse tipo de líder se encarnava em Gabriel. Ele alcançava todos.

Inclusive Bryn estava convencida que alcançou até Ardan; e por isso o orgulhoso guerreiro não estava disposto a ceder todo o controle à Gabriel.

Durante todo o bate-papo durante a refeição, Ardan não olhou Bryn nem uma vez. Nem sequer deu ordens que se calasse; embora tampouco precisasse, porque a Valquíria estava absorvendo tudo que ali se falava, lendo entrelinhas e traçando ela mesma suas próprias missões e estratégias em sua cabeça.

Chegaram à conclusão que os dois escravos de sangue não estavam prontos para viajar, pois seu sangue analisado ainda estava em plena mutação depois da terapia *Stem Cells*. Os vampiros não os queriam até que não fizesse total efeito, porque não beberiam mais que sangue perfeito e não em estado de evolução química. Certamente, nesses dias voltariam a tratá-los e, cedo ou tarde, os enviariam onde fosse que estavam levando os outros escravos de sangue. Assim fariam uma busca especial e esperariam o momento no qual voltariam a citá-los em algum outro lado.

Por outro lado, Gabriel e Miya analisaram as mudanças eletromagnéticas na crosta terrestre, e se deram conta que onde mais havia concentração de energia era na Escócia, Inglaterra e Irlanda. Supunha-se que *Gungnir*, a lança poderosa de Odin, como todos os totens dos deuses, irradiava energia eletromagnética. Posto que a energia cresceu consideravelmente durante esses dias, não duvidavam que a lança estivesse resguardada em algum dos pontos que palpitavam ativos nesses países. Onde? Era o que tinham que averiguar com urgência. Miya ficou pirateando os sinais da

Nasa e as conversas dos cientistas. Todos estavam surpresos pelo despertar energético de alguns pontos da Terra e pelo estranho movimento cíclico que havia nos mares do Norte, produto certamente do portal que se abriu quando enviaram *Seier* ao Asgard. As aberturas dimensionais sempre ocasionavam mudanças no equilíbrio da Terra.

Steven rastreava Cameron, e transferiu alguns membros de seu clã até a Escandinávia, para procurar possíveis disfarces financeiros e refúgios da Newscientists. Anderson reconheceu que o último reduto dos cientistas se encontrava ali.

As Valquírias, Gúnnr e Róta, estavam em contato com os fóruns do RAGNARÖK. A segunda continuava frustrada porque, por muito que tocasse o pedaço de marfim e tentasse ver a visão de Heimdal, continuava sem se abrir para ela.

Buchanan tentava encontrar o sinal dos escravos que partiram de Glasgow, mas não achou nada ainda; ainda assim, sua busca continuava incessante e informava Ardan sobre cada passo novo que dava.

E, entre tanta função repartida, Bryn só podia escutar e sentir-se menos que imprestável. Ela, que era a que ordenava e mandava em todas as missões, agora se via relegada a um papel de submissa e em absoluta submissão a um homem. E o pior era que o fazia por alguém que não a amava. Porque a submissão consentida e como jogo entre casais era até atraente para ela. Mas aquela submissão forçada e escravizada a enervava até a alma. Porque a obrigava a ser tudo que não era.

Além disso, não gostava de como ele a olhava: como se houvesse decidido algo sobre ela. Algo irreversível e que não queria esperar mais.

Insegura, se mexeu na cadeira e esfregou suas nádegas ardidas contra a madeira do banco no qual estavam sentados.

Bom, não podia mudar sua sorte. Quando desceu ao Midgard, pensou em reencontrar com Ardan. O que não imaginava era descobrir que o guerreiro teria mais poder sobre ela do que jamais teve. E, mais triste ainda, era descobrir que já não importava o que ele fizesse com ela.

Ardan tinha uma companheira humana.

Bryn não tinha ninguém, exceto seu patético coração quebrado.

Ao entardecer, chegaram ao castelo de *Eilean Arainn*.

Dali, voltariam a controlar todos os monitores e veriam se havia novos movimentos eletromagnéticos na superfície do planeta.

Não deviam esquecer que a verdadeira prioridade era encontrar o totem divino de Odin.

Enquanto os guerreiros ficavam na Central trabalhando, Ardan voltou a prender Bryn no mesmo triste e espartano quarto do castelo.

Mas Bryn se encontrava tão fria e desprovida de emoções que ele a deixando reclusa entre paredes que já conhecia inspirava uma estranha tranquilidade.

Ardan a empurrou levemente e fechou a porta atrás dele.

Bryn pensou que ele se foi, mas não; continuava apoiado na pesada e robusta porta trilha, a estudando com seu olhar de cor doce como o caramelo, mas amargo como a toronja.

Bryn nem sequer queria encará-lo. A imagem dele tocando essa tal Samantha a queimava como ácido.

—Chama-se Samantha —disse Ardan com palavras certeiras como estocadas mortais.

Bryn abraçou a si mesma e virou para olhá-lo nos olhos.

Ardan estava coberto pelas sombras da maldita prisão que era o quarto de Bryn. Cruzou os braços e tinha um sorriso nos lábios que Bryn começava a odiar com todas suas forças.

—É bonita, verdade? —continuava o guerreiro.

Bryn engoliu e afastou o olhar dele. Não sabia o que dizer, porque nada feria mais que ver que tocava outra garota, que a excitava e a acariciava com tanto carinho quando a ela não podia nem sequer falar com um pouco de doçura como antigamente.

—Agora é jovem —respondeu ela elevando uma sobrancelha loira e desfrutando de sua malícia. Porque ela sabia ser tão má quanto ele. — Veremos se continua sendo daqui mais vinte anos. Por certo, disse a ela que é imortal? — O repreenderia como melhor sabia.

Algo para que ele não notasse o muito que doía ter presenciado aquela cena íntima entre eles no ESPIONAGE.

Ardan descruzou os braços.

—A cirurgia faz milagres. E sou milionário.

—Mmm... deixa-me tão excitada que seja tão pouco materialista.

—Ou, talvez, quando tudo isto acabar, peça a Odin que me retire o dom da imortalidade.

Bryn abriu os olhos, consternada. O que disse? Um guerreiro tão valioso, um homem com tanto poder, estaria disposto a sacrificar o que era por uma mulher? Pelo amor de uma mulher? Um nó se formou em sua garganta e negou nervosa com a cabeça.

—Não pode fazer isso, estúpido.

—O que disse? — Grunhiu caminhando para ela com gestos decididos.

—Não pode abandonar sua responsabilidade com Odin e...

—Meto meu cargo pelo traseiro, General! — Gritou mais furioso do que desejava. — Há pessoas que preferem outros valores a jurar fidelidade por um cargo ou um deus. Passei toda minha vida trabalhando para eles. Quero algo para mim, e Samantha me dá... Escolho o amor acima da responsabilidade, entende isso?

—Se cale — sussurrou com voz tremente.

—Alguns preferem amor a todo o resto. Sei que você não; porque você, sem seus títulos de *dísir* e guerreira de Freyja, não é nada, só uma mulher vã, oca e vazia.

—Não tem nem ideia do que sou! — Gritou elevando a voz. — Me pergunte, maldição! Faça e contarei tudo!

—Não me importa —negou ele despreocupado. — Não me importa. Nossa relação acabou faz eras. Na Terra o tempo transcorre de outra maneira, e me deu a oportunidade de reconhecer que não estava apaixonado por você. Não me interessa o porquê. Só sei que fez o que fez e por pouco não morro tentando sobreviver. Não voltará a me ter à sua mercê, nunca mais.

—Você não quer essa mulher! — Gritou tomada pela fúria de saber que ele abandonaria tudo por aquela garota, quando ela não pôde abandonar tudo por ele, porque tinha que proteger

sua irmã. Agora via tudo mal. Ardan era o amor de sua vida e o rejeitou. E nem sequer podia se ressentir com ele, porque merecia.

Merecia tudo aquilo.

—Quero-a o suficiente para ficar no Midgard com ela e deixar minha imortalidade atrás. Morreria por ela, General. Há alguém por quem você morreria? Duvido. Porque não sabe amar.

Bryn rodeou a cintura com os braços e fixou o olhar claro e úmido na ponta de suas botas. O cabelo loiro platino cobriu seu rosto choroso e a ocultou da vergonha.

—Já morri, Ardan —murmurou limpando a garganta, angustiada.— Deixei de viver faz muito tempo... — “Bem quando te expulsei”.

Ele sorriu desinteressado e negou com a cabeça.

—Trarão o jantar em algumas horas, e depois virei te buscar — a informou com impessoalidade. — Seu castigo ainda não terminou. — Girou e abriu a porta, disposto a sair dali, do aroma aditivo de Bryn e da vontade de perguntar que merda ela deixou atrás, e por que falava como uma vítima? Ele foi sua vítima, não ela.

—Me fará o favor de me matar? —perguntou Bryn clinicamente.

—Acreditava que já estava morta, escrava. —respondeu Ardan.

O ruído da incômoda porta ao fechar caiu como uma laje de decepção e solidão sobre Bryn.

Ardan sacrificava seu amor por Samantha; seu amor e sua vida.

Bryn se deixou cair de joelhos sobre o chão e se dobrou sobre si mesma, começando a chorar como uma menina, ficando enrolada no centro daquele cárcere de ódio e despeito.

CAPÍTULO 11

Diário de Bryn

Suponho que quando alguém se sente muito só, a música enche esse vazio, e as Valquírias são seres muito musicais. Nossa deusa Freyja afirma que o universo é música feita realidade.

Eu agora preciso escutar. Preciso limpar as lágrimas que derramei ontem à noite. Levantei cedo; de fato, não preguei o olho e preparei um café da manhã escocês para todos. Não quero que o Ilhéu volte a chamar minha atenção outra vez. Odeio que se aproxime de mim com essa atitude. Faz-me sentir pequena, o condenado.

Há uma canção de uma humana que se chama Kelly Clarkson que eu adoro escutar. Acredito que os humanos, ainda sendo seres inferiores, têm dons poderosos, como o de mudar as emoções das pessoas através de sua voz. Esta garota me faz chorar enquanto escuto sua letra em meu iPad. Acredito que se chama Honestly. E acredito que gostaria de dizer a Ardan tudo o que diz esta canção:

“Poderia amar alguém assim? Poderia se sentir atraído por alguém assim? Poderia ir a esse lugar no qual as pessoas não vêem além de mim? Poderia fazer isso? Poderia me encarar e me obrigar a escutar a verdade, embora esta me fizesse em pedaços? Pode me julgar, pode me amar. Se está me odiando, faça isso honestamente.”

Ardan poderia fazer tudo isso comigo. Poderia ser honesto.

Ou eu também poderia ser.

Pensei que Ardan me deixaria dormir, que me abandonaria na escuridão e me daria descanso.

Ledo engano pensar isso, General.

A noite anterior foi outra amostra do que Ardan pretende fazer comigo. Quer minar minha segurança. Me odeia e não tem como remediar.

Se esse homem soubesse o muito que o amo, o muito que o desejo... Embora esteja me machucando e se encosta com ira em meu corpo; com ira e decepção. E penso que não posso odiar mais...

Mas nessa manhã estou trêmula e chorosa, e quero... eu quero que ele me abrace... Porque ver Ardan aqui, o ter ao meu lado e suportar estoicamente tudo que está me fazendo, não consegue me fazer recordar

quão belo foi tudo entre nós e que, por culpa da minha escolha, deixei escapar. O destruí.

Ontem de noite, me levou de novo ao seu quarto.

Odeio estar ali sabendo que não sou mais que sua escrava. Odeio que me toque, sabendo que não deseja fazer isso; que me olhe com asco e desdém ou que fale comigo com tão pouca consideração. Uma vez pensei que ninguém podia me fazer sentir menos do que sou, porque me tenha em muito alta estima. Sempre gostei muito de mim: as Valquírias têm essa grande virtude. Mas o dalradiano está conseguindo que me veja de outra forma; e não gosto.

Estou me rendendo. E a General não se rende jamais.

Pois bem. Me levou à sua cama e me obrigou a que eu mesma me despisse. Ele esperou deitado, com as mãos entrelaçadas atrás da cabeça. Me olhava através de seus cílios, como se fosse um leão ou uma hiena...

Eu não ia contrariá-lo, mas ele sabe o pouco que gosto de tudo isso. Na manhã anterior estive jogando com sua companheira, sua submissa, diante de mim... E agora eu tinha que excitá-lo porque duvidava das minhas aptidões. Disse-me: Faça. Tire a roupa e deixe-me demonstrar se ainda me deixa ereto. Lembra-se de como era no Valhala? Do tolo que eu ficava só de te olhar... Vejamos se ainda me deixa igual. E se meu pau não levantar, terei que castigá-la.

Pensei em dizer que se seu pau não levantava era porque preferia as humanas em vez das Valquírias como eu, mas isso suporia que ele me ofenderia mais, e não poderia matá-lo com raios, que é o que realmente eu gostaria. Assim engoli minha réplica.

Desnudei-me com tão pouca graça e tão pouca vontade como pude. Joguei minha roupa no chão com desprezo e o olhei, envolta somente com minha pele e minha nudez. Meu orgulho, ou o que restava dele, se ressentiu, mas não estava morto.

Ardan levantou uma sobancelha e lambeu o piercing do lábio com a ponta da língua. Depois levou uma mão à virilha e estalou a língua. Negou com a cabeça e me observou de cima abaixo. Não ia me cobrir, não o faria. Mas vontade não me faltou. Esse porco não merece ver nem um centímetro do meu corpo. E depois disse: Não. Não me excita, Valquíria. Seu corpo não é suficiente.

Por todos os deuses! Quis arrebentar sua cabeça até que seus olhos saltassem das órbitas...

Mas me comportei bem; e sorri com tanta indiferença como me ensinou Róta durante todos esses anos em que estivemos brigadas.

Ardan me agarrou pelo pulso e me cruzou horizontalmente sobre suas pernas. Perdi a conta dos açoites que me deu com a palma da mão nas coxas e nas nádegas. Ardiam, picavam... Mas, por muito duros ou muito ofensivos que pareçam, há algo neles. Há algo que me deixa nervosa e úmida.

Eu gosto.

Quando a pele se estimula muito, resta um formigamento invisível na superfície, e é parecido ao calor de uma carícia. Depois do spanking, como ele chama, me soltou e me colocou em pé ao lado da cama.

Eu tremia e tinha os olhos um pouco chorosos por sufocar meus gritos. Quis insultá-lo em todos os idiomas que conhecia. Em todos. Mas, quando ia fazer isso, disse-me que tomasse banho e que, quando acabasse, entrasse com ele na cama. Me tirou o colar e o manteve nas mãos enquanto eu entrava no banheiro.

Obedeci, obviamente.

Depois da ducha e de molhar minhas nádegas com água fria, as esfregando com um sabonete de aroma de eucalipto, regressei para dormir com ele.

Entrei em sua cama, sob a manta. Ele estava me dando as costas, e parecia que dormia.

Indevidamente, vieram à mente lembranças do nosso quarto no Vingólf. De como nos acariciávamos e tocávamos. De como ele me abraçava e nos encaixávamos um no outro para dormir e descansar depois de uma dura jornada de treinamento.

Ele cantava em meu ouvido em dalradiano, e me dava beijinhos pelo pescoço e na minha orelha bicuda.

Deuses, Ardan me dava tanta segurança... Era meu verdadeiro lar.

Infelizmente, ele aproveitou esse meu momento de recaída, de melancolia e tristeza, para se virar, me colocar de novo o colar de submissa, e rodear seu pulso com a corrente.

Ficamos um de frente ao outro, nos olhando.

Disse-me que, durante a noite, poderia aproveitar para me roubar a virgindade. Que talvez o fizesse.

Ele fechou os olhos quase imediatamente e eu não pude dormir nada. Estava nervosa e não confiava no nele.

Ardan nunca poderia me violentar, eu não o permitira.

Continuei nua e ele coberto por uma calça.

Era o dobro do meu tamanho e tinha esse poder indiscutível sobre mim. Um poder que cada vez pesava mais em minha mente.

O que aconteceria se perdesse meus poderes? Havia coisas que não ia suportar, coisas que jamais permitira que ele me fizesse. Assim, se deixasse que ele pronunciasse o que lhe desse vontade? Que o fizesse e ponto!

Por que não? Que trunfo tenho para jogar contra ele? Nenhum. Freyja me vendeu; ela sabia porquê. E, talvez, sem poderes nem missão, parasse de sentir esta inquietação e tensão que me matava pouco a pouco.

Não sei, talvez só esteja desanimada...

E agora, entre os açoites com as pás e os de suas mãos, acredito que tenho uma maldita fogueira em meu traseiro. Deixei o café da manhã preparado, e estou sentada num dos bancos, esperando minhas Valquírias para que me agasalhem um pouco.

Só elas me fazem sentir bem.

Bryn apoiou a testa sobre a mesa de madeira e suspirou. Sim.

Tudo era muito duro para ela.

Uma guerreira jamais devia ser rebaixada desse modo. Soltou a pluma vermelha e pronunciou as palavras que fariam que esse diário particular desaparecesse.

— *Dulgt.*

Não teve que elevar a cabeça para saber quem se aproximava da sala de jantar. Os passos de um homem imenso e os mais curtos de um menino pequeno se aproximavam através do longo corredor colimitado.

Bryn percebeu seu aroma de mar antes que ele entrasse na sala. Sempre o fazia. Ardan cheirava tão bem que a deixava louca.

Levantou a cabeça da mesa e ficou em pé, esperando que a encontrassem.

E não demoraram nada.

Ardan usava, de novo, o cabelo como no dia anterior. Preso numa espécie de coque. Uma camiseta branca destacava sua pele morena e seu musculoso torso. Jeans azuis escuros e botas arrematavam sua roupa.

E, ao seu lado, Johnson a olhava com aquele eterno tímido sorriso que só Bryn despertava nele.

O guerreiro observou o café da manhã com desinteresse e depois fixou seu olhar caramelo nela.

E o mundo parou.

Já podia escrever em seu diário uma ou mil vezes o muito que o odiava; podia enganar a si mesma se dizendo que nada a machucava e que Ardan já não era o mesmo. Porque a realidade era que tudo lhe doía.

Doía seu amor por ele; e doía sua rejeição nua e crua.

Doía não poder sair para cavalgar com eles.

Doía ter tomado uma decisão como a de escolher Róta antes dele. Mas, se tivesse que fazê-lo, tornaria a fazer, porque ela matava por suas irmãs. Inclusive sacrificou o verdadeiro e único amor de sua longa vida.

Talvez sim, merecesse tudo aquilo.

Talvez...

—Róta e Miya abandonaram o castelo esta madrugada — informou Ardan de maneira seca.

Bryn elevou a cabeça e a sacudiu ligeiramente.

—Como assim o abandonaram?

—Sua Valquíria estabeleceu contato com a visão do marfim e detectou Heimdal. Partiram imediatamente para se certificar que o que viu é real.

A General elevou o queixo. Por que ninguém disse nada até agora?

—Devia ter me informado. Róta não pode ir embora assim sem mais; não gosto que parta sem me dizer nada.

Ardan arqueou ambas as sobrancelhas escuras e deu de ombros.

—Continua sem compreender que, enquanto estiver sob meu teto, não tem voz nem voto aqui.

—E você esquece que, à margem do maldito pacto que temos, não pode evitar quem sou na realidade, embora tente se convencer do contrário.

—E quem é, escrava? — Perguntou pegando uma maçã da cesta de frutas. Deu outra a Johnson, não sem antes limpá-la contra sua calça.

—Sou Bryn, “A Selvagem”, a líder do exército das Valquírias. Sou a General, a que traz a vitória.

—Deixa de *kenningars*. É Bryn, a que serve o café da manhã. — Sorriu divertido e piscou um olho para ela. Deu meia volta, com Johnson agarrado em sua outra mão.

—E você é Ardan, que morrerá sodomizado por um de meus raios — aproveitou esse momento para insultá-lo, já que com Johnson presente não se atreveria a dizer nada.

—Insinua que me colocará um raio pelo ânus, escrava?

—Um somente? — Negou com a cabeça, com os olhos tingidos de vermelho — Um após o outro, pedaço de carne com olhos.

Os olhos do *einherjar* se estreitaram e a fulminaram. Agora não faria nada contra ela porque o garoto estava presente. Mas depois...

Depois a castigaria de novo, a sós. E desfrutaria tanto como o fez na última noite.

Levou o pequeno a St. Molio's Cave.

Queria familiarizar Johnson o quanto antes com sua terra, sua Escócia em miniatura.

A caverna, localizada em meio a uma campina verde, estava cheia de estranhas escrituras pictas e goidélicas. Era considerada uma caverna sagrada e ninguém concordava ao decifrar o que queria dizer a mensagem rúnica inscrita na pedra.

Três idiomas diferentes num mesmo lugar. Algo estranho, sem dúvida.

Johnson entrou na caverna e tocou os pictogramas quando Ardan o subiu a cavalo.

—Antigamente, a ilha de Arran foi habitada por pessoas de língua britônica — explicou Ardan enquanto segurava um dedo de Johnson e o passava pelas incisões na pedra. — Mas chegaram os dalradianos e instauramos nossa própria língua, a goidélica. Nossa língua é celta — sussurrou apalpando a temperatura do interior da caverna. — Os humanos não entendem o significado desta mensagem. Mas fala de um lugar mágico e sagrado como é Arran. A mensagem rúnica fala da chegada de um guerreiro envolto em malha, no lombo de seu corcel, que corre como se voasse — disse traduzindo as runas. — Um que deverá estabelecer a justiça na batalha final.

—Um guerreiro... — repetiu Johnson com os olhos azuis e brilhantes fixos na parede.

—Sim, pequeno. Um lutador sangrento e sem misericórdia. Faz-me tão feliz que tente falar, Johnson... — reconheceu com orgulho.

O pequeno sorriu e assentiu. Recuperava-se pouco a pouco. Seu acanhamento desaparecia; e seu corpo adquiria novas forças a cada dia que passava protegido em sua terra.

—Quem? —perguntou o menino referindo-se à lenda das runas.

—É somente uma lenda. Antes, a este lugar, vinham sacerdotisas e feiticeiros pictos que bebiam infusões para meditar e ver o futuro. Alguns podiam vê-lo; outros, não. Mas quem o viu, deixou estas mensagens gravadas somente para aqueles que lêem e entendem; para os que olham e vêem.

—Olham e vêem —repetiu Johnson colocando as mãos sobre a cabeça de Ardan.

Ele, comovido, sorriu para seu afilhado e continuou mostrando a caverna e as inscrições estampadas nelas.

Era verdade; as lendas falavam da chegada de um guerreiro num dia importante. Esse personagem decidiria uma batalha. Mas se passaram séculos desde que as gravuras foram encontradas nessas pedras e, até então, não se conhecia a chegada de nenhum cavaleiro que tivesse o poder de decidir guerras. Pensou-se que, na realidade, falava do guerreiro Artur; mas essa inscrição não se apoiava nele.

Saíram da caverna e ficaram olhando a ampla extensão de grama verde que se localizava sob seus pés.

Arran tinha grandes pontos de poder em sua superfície e lugares mágicos e especiais como esse. Era uma ilha importante dentro da Escócia e, entretanto, ninguém conhecia o castelo, nem A Central, nem o Santuário, porque tudo estava no interior do penhasco. Oculto da curiosidade humana, mas presente em seu mundo.

É óbvio que havia gente que o viu. Mas não sabiam que era um *einherjar*, nem um imortal. Era, simplesmente, um gigante com tranças negras e estilo gótico, que dirigia carros e lanchas muito caras e que tinha propriedades e muito dinheiro.

Mas não sabiam nada mais dele.

E quem o conhecia na realidade?

Sua mente parou de pensar em runas, terras e aparências, e regressou, como sempre fazia, àquela loira que estava na sala de jantar de seu castelo, disposta a suportar outro dia mais sob seu comando.

Na noite passada teve que tomar um maldito tranquilizante.

Um elixir que ele mesmo preparava à base da substância que segregavam os hormônios do escaravelho macho.

O tomou antes que Bryn se despisse; e isso o impediu de padecer de uma dessas ereções de cavalo que sempre tinha quando a General estava perto. Porque Ardan, embora não parecesse e quisesse dar essa imagem de controle e autossuficiência, assumiu muitas coisas desde que ela retornou.

A principal era que ninguém o excitava, nem o deixava tão em guarda como a presença dessa mulher. Bryn sempre o atrairia como a luz às traças ou como um pólo oposto. E, do mesmo modo, sempre o queimaria com seu fogo gelado. Para ele, estar perto dela era um perigo constante. Um aviso de quão fraco podia chegar a ser, se acreditava nas aproximações dessa beldade guerreira com rosto de sereia.

Não podia se deixar enganar de novo; por isso a empurrava e pressionava até limites insuspeitos. Precisava marcar tanta distância quanto fosse possível.

Durante séculos no Midgard, odiou a Valquíria todos os dias de sua vida; mas a ansiou e desejou as noites.

Durante esse tempo, esperou que chegasse o dia de sua vingança e imaginou mais de mil maneiras de fazê-la sofrer quando caísse em suas mãos.

Agora a estava servindo em prato frio, mas algo estava errado. Não se sentia tão bem como acreditava que seria.

Talvez agora ganhasse sentido aquele ditado que disse Ruffus, o antigo laird dos Mackay. “Antes de começar uma vingança, cave duas tumbas”.

Queria destruir Bryn; e, em sua viagem e aventura pessoal, ele também estava desmoronando.

Na noite anterior fez esforços sobre-humanos para não perguntar a ela. Para não sacudi-la e exigir todas essas explicações que desejava escutar. E eram tantas... Que às vezes pensava que enlouqueceria de vontade de saber.

E vê-la nesse castelo, fazendo tudo o que fazia, cozinhando deliciosamente para eles, com essa roupa que tão bem ficava... Era muito para um homem como ele. E isso por que escondeu dela toda sua roupa sexy, para que não andasse por aí revolucionando os guerreiros. Mas, vestisse o que vestisse essa mulher, tudo ficava bem. Como nessa manhã que usava uma saia jeans e botas altas, com meias grossas que apareciam pela parte de cima e cobriam seus joelhos, mas não suas coxas. E um simples pulôver ajustado de gola alta que delineava sua esbelta figura...

Porra. Já estava duro outra vez.

Como se atreveu a dizer que seu corpo não o excitava?

Bryn era perfeita. Nem muito peito, nem pouco. Com pernas fortes e definidas... Ombros lindos e uma pele nívea e suave.

Precisava consumir sua vingança. Tirar esse espinho da alma e levar com ele a única coisa dela que sim lhe pertencia por decreto e por *kompromiss*. E não era seu coração.

E quando acabasse de arrebatá-la o que mais protegeu, a deixaria em paz. Não voltaria a querer vê-la. Saciaria-se e a desprezaria como se não valesse nada; como fez com ele uma vez em Asgard.

Seu telefone soou enquanto Johnson agachava na grama para estudar o bater das asas de uma borboleta monarca.

—Ardan falando. — Respondeu sério, olhando o horizonte.

—É Logan. Os escravos que vieram ontem marcaram encontro para hoje. Dentro de duas horas.

Ardan sorriu enquanto via sair o sol no horizonte.

—Bom. Estarei aí em uma hora e meia.

Genial. Os escravos repetiam; talvez hoje pudessem lê-los melhor e averiguar coisas novas ou, inclusive, vislumbrar se os levariam aos outros. O problema era que todos os escravos tinham barreiras mentais, e não era fácil abri-las.

—Falarei com Buchannan e direi que se reúna conosco no ESPIONAGE. Quero saber se averigou algo sobre o sinal biométrico dos chips. Espero que tenhamos sorte e logo saibamos para onde levam os servos que receberam a maldita terapia celular.

—De acordo, laird.

— Me esperem. Logo chegarei.

Vitória Street

ESPIONAGE

Bryn e Ardan desceram da KTM. O highlander insistiu que o acompanhasse para uma nova sessão no local de BDSM. Continuava a levando com o colar na mão, passeando com ela como uma cachorrinha.

Para a Valquíria pouco importava. Depois da noite anterior, tudo escorregava. Era o que costumava acontecer quando a queimavam nas corridas. Agora só faltava explodir; e, tal e como se sentia, não ia demorar muito a fazer isso.

Certamente o que precisava era justamente isso: uma sessão de açoites e chicotadas com Ardan. Uma que ajudasse a eliminar toda a raiva.

—Vamos, nos esperam lá dentro.

—Estou desejando saber o que me fará desta vez.

—E estou desejando fazer isso. — respondeu ele sem olhá-la.

—Mas, desta vez, coloque os três clones. Um na frente, outro atrás e o terceiro... Logo se verá. São vanirios. Voam.

Ardan puxou a corrente e a aproximou dele com brutalidade.

—É virgem. Quer isso? Sua primeira vez? Porque, se quiser, te darei. Depois de tudo que sei de você, me importa muito pouco se o que faço é cruel ou não.

Bryn bateu os cílios com atrevimento.

—Acaso acha que isso me importa nestas alturas, ilhéu?

—Como disse que me chame? — Grunhiu apertando os dentes.

—Puto. —Seus olhos avermelharam. — Puto. Vou te chamar disso, trança — Algo aconteceu a Bryn nesse momento. Nada importava. — Não vou me render a você. — Assegurou. Fios azuis elétricos percorreram seu torso e braços.

—Se acalme, maldita Valquíria, ou te mando agora mesmo...

—Não quero que me mande acima. Gosto dos desafios e se quer que jogue com seus amigos, jogarei. Mas vai ter que ver tudo..., senhor. E mais — levantou o queixo e olhou os olhos caramelos, cheios de ira e surpresa. — Me importa um pinga minha virgindade — mentiu. — Faça o que quiser com ela. Devo a esta missão, não à uma suposta barreira na membrana entre minhas pernas. Se acha que está me dando medo, ou que me aterroriza, ou que vou claudicar somente porque não gosto do que me faz, então, Ardan das ilhas, é que não me conheceu absolutamente nada no Asgard.

—Me acredite — cuspiu com aversão. — Te conheço, pedaço de gelo. Não se assusta? Está me dizendo, loira insolente, que isso que guardava com tanto zelo no Valhala, isso que não me deu, agora está disposta a entregar numa terra média inferior e que não importa a quem o dê? Insinua isso?! — Gritou atônito. Nunca se deu a ele por vontade própria. E, agora, queria abrir as pernas, assim, sem mais. Fazia isso para desafiá-lo; para fodê-lo, para voltar a rir dele, de seu desejo e sua necessidade.

—Há coisas às quais não dou importância. Sabe disso. —Deu de ombros, com frieza, aparentando tudo que Ardan queria ver nela.

Ele a olhou por baixo de seus cílios e endureceu a mandíbula. Sim, é óbvio que sabia. A ele, por exemplo, não deu importância.

—Bem, escrava. — Rodeou a corrente em seu pulso e apertou com força. — Que assim seja!

—Certo! —gritou ela, levada aos tropeções.

Quando estavam a dois passos de entrar no ESPIONAGE um grito que só um *einherjar* e uma Valquíria com sentido auditivo de morte podia escutar os deixou em guarda.

Mas não deu tempo de parar. Nem sequer fugir.

Antes que acontecesse, ambos cheiraram e ouviram.

Escutaram como as massas de ar circundantes se comprimiam, produto de uma detonação de gases. E viram o que ninguém mais podia ver: o ar criou um círculo branco que se expandiu através deles.

Era um efeito chamado choque frontal.

Uma explosão.

O edifício se partiu; centenas de fragmentos de tijolos, vidros, álcool, gás, madeira, metal e tudo que havia dentro daquela instalação saiu pelos ares pela onda de pressão ao exterior, convertido em mísseis; diminutas armas brancas que podiam atravessar, mediante um círculo ciclônico e violento, todo ser vivente que se encontrasse nas imediações.

Ardan colocou Bryn atrás dele, esperando receber todo o impacto.

Era a segunda explosão que vivia em apenas dois dias. Bom, isso se saísse vivo dali e nenhum objeto cortante acabasse o degolando.

Não podiam tocar o coração de Bryn; ou poderia morrer.

Pensar nela morta fez que sua alma desse um tombo e essa reflexão o angustiou. Girou e a abraçou com força, sem pensar tampouco no que fazia. Urgia protegê-la. Por que?

Porque devia fazê-lo. E ponto.

Bryn apertou o rosto contra seu peito e deixou voar a imaginação pensando, por um momento, que aquele era o dia de sua morte, e que o fazia junto com Ardan.

Era ridículo pensar assim.

Davam voltas sobre si mesmos. O fogo estava a ponto de banhá-los; e os vidros, cada vez maiores, os roçavam e cortavam a grande velocidade.

Mas não era esse o momento de morrer. Não podiam dizer adeus.

Restavam coisas a conseguir, e não se renderiam.

Bryn notou como os vidros atravessavam o corpo de Ardan, que a protegia das agressões. Mas este não protestou nem uma vez; simplesmente, se concentrou em cobri-la e assegurar que nem um fragmento a alcançasse.

Bryn fechou os olhos. Fechou-os para se concentrar na força interna das Valquírias. Gúnnr, na torre Sears de Chicago, criou um escudo protetor ao seu redor para que ninguém pudesse tocá-la.

Róta também o fez com Seiya e Khani, enquanto a interrogavam.

Ela, que nunca usou aquele dom, porque nunca sentiu a necessidade de se proteger daquele modo, também podia fazê-lo. Concentrou-se em sua raiva e em sua vulnerabilidade e se rebelou contra tudo e todos.

Contra ela mesma. Contra Ardan. Contra Freyja. Contra o Midgard e as *nornas*.

De sua instabilidade, de seu caos interior, criou uma fonte de energia intrínseca.

Quando sentiu que Ardan grunhia preso pela dor, mas a abraçava com mais força para continuar a cobrindo, Bryn entendeu: cuidava dela.

O gigante, incompreensivelmente, cuidava dela.

Se Ardan, que tanto a odiava, podia cuidar dela para salvar sua vida, então, ela também o faria por ele.

Gritou contra seu peito e deixou que sua força interior saísse liberada como um gêiser. Uma borbulha elétrica os rodeou; os fragmentos do edifício, o fogo e todo tipo de lascas pararam de impactar contra eles, ricocheteando agora naquela parede invisível de cor azul.

Sua energia e seu poder serviriam como escudo protetor para eles.

Impactaram contra a parede da rua da frente, alheios a tudo que acontecia ao seu redor. A destruição, a dor, os gritos...

Tudo desapareceu, e tudo ficou num silêncio sepulcral; e eles resguardados pela cúpula de Bryn.

Ardan abriu os olhos, atordoado e ferido gravemente.

Bryn descansava sobre ele, mole, virtualmente, enrolada.

Encolhida e imersa num sono profundo. Inconsciente.

—Bryn? —Tossiu e expulsou sangue por sua boca. — Puta que pariu... Porra! —gritou tirando uma lasca de uns vinte centímetros que atravessou uma de suas costelas— Bryn! —a sacudiu com nervosismo. Por que não abria os olhos? Estavam fechados e parecia dormir placidamente. Um manto azulado, com leves línguas de luz elétrica recobria aquela cúpula invisível na qual se achavam completamente protegidos e seguros entre seu calor e eletricidade.

Ardan olhou a Valquíria e, depois, à cúpula.

Estendeu um braço para tentar acariciar com os dedos a matéria de luz que os rodeava. Eletrocutou-se e retirou os dedos chamuscados.

—Porraaaa! —sacudiu a mão. Escorregava sangue de um corte profundo da testa, assim a secou com o dorso. Entendeu que a cúpula foi criada por Bryn. Ela os defendia do fogo e dos efeitos colaterais da explosão.

Ardan piscou e aproveitou esse momento para fazer, quase inconscientemente, o que não fez até então.

Passou as mãos pelo cabelo enredado da bela Valquíria.

Refugiado de outros e do exterior, que sumiram numa profunda e descarnada destruição, colou seus lábios à sua testa e se permitiu acariciá-la, embora fosse por alguns segundos.

A Valquíria estava fria. Mas respirava. Sua caixa torácica subia e descia pausadamente.

—Deuses, Bryn... — sussurrou, assombrado pelo que aconteceu em Vitória Street. Seu local de BDSM, seu centro de controle dos escravos desapareceu para sempre.

A Tríade estava lá dentro? A pele gelou ao pensar que os trigêmeos morreram.

Nesse momento, uma figura alta e robusta emergiu entre as chamas, carregando em cada ombro duas pessoas tão grandes quando ele.

As chamas os estavam queimando.

Um deles tinha um pau metálico que atravessava o centro do peito. O outro... O outro faltava uma perna e... Bom, estava muito mal.

O que estava em pé caiu ajoelhado no chão e jogou o pescoço atrás para gritar e mostrar suas presas. Em sua pele chamuscada se adivinhava um L. Era Logan.

Ardan, estupefato e triste, observou a cena que presenciava impotente, sem poder sair dessa cúpula; sem poder ajudar.

Viu como Logan baixou ambos os corpos no chão e os protegeu com sua robustez. As labaredas os alcançavam pouco a pouco.

O highlander piscou para que as lágrimas caíssem e permitissem ver a cena.

—Não... —sussurrou abraçando Bryn com mais força. — Não pode ser... Saia daí, *brathair*. Tira-os daí...

Logan olhou à frente e encontrou Ardan.

O highlander engoliu, e transmitiu seu pesar de sua particular proteção, mas, também, sua força e sua determinação.

Logan negou com a cabeça e olhou seus irmãos feridos gravemente, sobretudo Kendrick, que exibía um tubo metálico atravessado no peito, de frente atrás, e, além disso, perdeu um olho.

Ardan negou com a cabeça, incrédulo.

O corpo de Kendrick começou a arder junto ao de Mervin e Logan. Este não tinha forças para tirá-los daquela onda do inferno no qual se converteu o ESPIONAGE.

Ardan perderia seus três melhores amigos se não fizesse nada; presenciava a angústia e a tristeza de Logan, as sentindo como dele própria.

Não eram irmãos de sangue, mas sim de vida. A dor era a mesma.

Aquela era sua equipe; seus guerreiros, seu grupo de amigos. Sua família. E os estavam arrebatando um a um. Diante de seu nariz.

O olhar escuro de Logan se encheu de determinação. Elevou os olhos e falou com Ardan em silêncio.

O *einherjar* negou com a cabeça.

—Que merda vai fazer, L?!

Logan levantou, com a roupa desfeita e em farrapos sobre seu corpo, mais nu que vestido. Deu três passos atrás, com os corpos de seus irmãos entre seus braços, e retornou às chamas para que estas acabassem queimando-os.

—Saia daí! Maldição, Logan! Ordeno que saia daí! —gritou Ardan desesperado. Sabia o que estava pensando Logan. Seus irmãos ficaram aleijados, feridos muito gravemente; sem *cáraid*s e com a eternidade como objetivo não viveriam desse modo: mais mortos que vivos. Queriam o abandonar? Não estava disposto a perdê-los! Não perderia mais pessoas! Levantou dentro da cúpula, com Bryn nos braços, e impactou com seu ombro no muro de luz. A cúpula continuava igual, inquebrável. Inacessível. Mas seu ombro não. Queimava e abria a cada impacto.

Começou a dar chutes com a bota de motoqueiro.

—Bryn! —pedia desesperado—... Tire-me daqui! É Logan...!

Bryn continuava no limbo da inconsciência.

Ardan ouviu falar sobre o escudo das Valquírias. Nunca viu um em funcionamento. Não sabia o que precisava para desativá-lo; nem tampouco em que estado se encontrava a guerreira que o colocou em prática. Mas Bryn estava fria como um cadáver, e seus olhos permaneciam fechados.

—Desative isto, por Odin! —exclamou. As línguas de fogo rodeavam a cúpula; e a fumaça negra mal deixava visibilidade.

Mas Logan e seus irmãos continuavam se queimando, abraçados.

— Não! Logan! Não se rendam!

E então algo impactou contra a Tríade e os tirou do fogo.

Algo os cobriu com uma jaqueta de couro escuro. Suas feições duras e brancas, estavam manchadas de fuligem. Agarrou Logan e o que restava de Kendrick e Mervin e açoitou seus corpos com sua jaqueta, abafando as chamas que ardiam na pele dos vanirios.

Era Buchannan. O Salvador.

Ardan puxou ar e se tranquilizou ao ver que ele podia ajudar os trigêmeos ou, pelo menos, mantê-los com vida.

O moreno disse:

—Ficarão bem. —Embora pronunciasse essas palavras sem muita convicção ao ver o estado no qual realmente se encontravam. Deixou-os de lado, resguardados do fogo e das explosões e se dirigiu a Ardan— Que diabos aconteceu?! —perguntou preocupado. Observou a cúpula e franziu o cenho—... O que é isto?

—Um puto atentado! Isso! Tire os trigêmeos daqui!

Buchannan apertou os dentes e centrou seus olhos em Logan.

—Devia ter chegado antes — murmurou zangado consigo mesmo.

—Não é culpa de ninguém, me ouve?!

Ambos se olharam em silêncio. Só eles sabiam o que na realidade estavam pensando. Só eles sabiam a quem deviam culpar pelo ocorrido.

—Buchannan...

—Como tiro você daqui? — estendeu a mão para tocar a cúpula.

—Não a toque. Se queimará. Envie uma mensagem para o Engel e Gúnnr. Saberão como desaparece isto. —Olhou o escudo com estranheza. — A polícia e a imprensa estão a ponto de chegar! Se apresse! Preciso de você aqui para que jogue um pouco com suas mentes. Não podem nos ver.

Buchannan continuava em choque, por isso Ardan gritou:

—Demônios, Buch! Reaja e faça o que digo de uma puta vez! É o único vanirio que resta em pé agora mesmo!

Buchannan saiu de seu estado absorto imediatamente.

Chamou Gabriel e o informou do que aconteceu, enquanto Ardan esperava pacientemente com Bryn nos braços e toda a atenção posta em seus amigos.

Eles deviam viver.

Não ia deixar que morressem, e dava graças aos deuses por ter ao lado o maldito herói Buchannan.

Um herói que ele, como laird e chefe do clã, não pôde ser.

CAPÍTULO 12

Gúnnr estava sentada na cama do quarto de Ardan, ao lado de Bryn, que permanecia inconsciente, coberta com uma colcha branca por cima.

O highlander caminhava de um lado ao outro do quarto, mancando, coxo pelas feridas e com o corpo maltratado e a roupa rasgada manchada de sangue.

Mas os cortes não importavam.

Só lhe interessava que a Tríade se curasse o máximo e o quanto antes possível. E que a General abrisse seus olhos claros de uma vez.

Havia algo na pose de Bryn; algo que o incomodava e o fazia se sentir mal. Talvez fosse ver uma mulher tão forte prostrada na cama e sem se mover, tão fria como o Ártico. E não suportava isso.

A olhava uma e outra vez; e só desejava que despertasse.

Ver alguém tão poderoso naquele estado debilitado não o fazia se sentir bem consigo mesmo. Bryn criou o escudo de proteção para cobrir ambos. Poderia ter protegido somente a ela. Tal e qual a tratou, tinha fortes argumentos para deixar que a explosão o transformasse em mingau.

Mas não; a leal General, a justa General, o cobriu.

—O escudo é uma proteção das Valquírias — disse Gúnnr em voz baixa, enquanto retirava o cabelo loiro da testa fria de Bryn. — Aparece em estados críticos quando estamos sem defesa. Não sabemos muito bem como surge; só sabemos que, quando nos sentimos encurraladas, essa força interior se ativa.

Ardan assentiu enquanto a escutava.

—Depois — prosseguiu Gúnnr, — quando sentimos que o perigo passou, o escudo desaparece. Como agora. — Gunny levantou da cama e respirou para olhar Ardan diretamente nos olhos com seu reprovador olhar azul escuro. — Não aprovo nada do que está fazendo.

—Sei —disse Ardan cruzando os braços e parando seus passos ao ver que Gúnnr barrava seu caminho. — Mas isso é algo entre ela e eu.

—Não sabe pelo que Bryn passou; nem sequer fez uma maldita pergunta para averiguar algo — sussurrou acariciando o martelo que pendia de seu colar com a ponta de seus dedos. — E se engana se acredita que isso é algo entre você e ela. Se afeta uma das minhas irmãs, a minha General nesse caso, então também me afeta, está entendendo?

Ardan desenhou um arco convexo com os lábios.

—Pode deixar de acariciar isso? Mudou muito, açúcarzinho. Já não há acanhamento em você?

—Continuo sendo tímida — assegurou sorrindo com maldade. — Mas o que não há em mim é um grama de conformismo ou de injustiça. E o que faz com Bryn é injusto. Inclusive o que faz com Gabriel também é.

—Ah sim? Acaso não trato bem seu namorado?

—Tratá-lo bem não quer dizer ser condescendente. Ardan, se dá conta do que está acontecendo com você? Sabe o que faz? Na realidade não integrou seu pessoal conosco. Seus malditos *einherjars*, os mesmos que querem arrancar a pele de Bryn, nem sequer querem falar conosco. Somos Valquírias! Gabriel é o *einherjar*! O Engel! E não o olham com respeito!

—Este é meu clã! — grunhi assinalando o chão que pisavam. — Esta é minha terra! Aqui me deixaram sozinho com um monte de guerreiros que se converteram em meus amigos, em minha família! E, agora... estou os perdendo um a um! Não me irrite, Gunny! Não tenho tempo para me ocupar de todos.

—Me refiro a isso. Não tem que se ocupar de todos. Tem que deixar que o ajudemos.

—É o que estou fazendo...

—Não. Deixa que todos façam e desfaçam ao seu desejo, sempre e quando mostrem lealdade a você. Tem um grande problema, sabe? Poderia se deixar ajudar; ser um bom líder e exigir que nos respeitem do mesmo jeito que fazem com você. A General tem mais títulos que todos nós juntos — falou com doçura, mas seus olhos se tornaram imensos rubis através de sua franja lisa cor de chocolate; — e não está lhe dando o reconhecimento que merece. E mais, fez com que quase todos percam o respeito por ela. É uma *dísir*, o que acha que poderia fazer com todos? O que acha que sente com um maldito colar de cão ao redor do pescoço?

Um músculo palpitou em sua mandíbula e uma veia se destacou em sua testa.

—Seja *dísir*, General ou o que tiver vontade, não merece nenhum respeito de minha parte. — Comentou visivelmente ofendido. — Perdeu isso de mim. Me humilhou, traiu e me expulsou. Agora estou pagando na mesma moeda. *Nemo me impune lacessit*. — Virou-se, arrancou parte do que restava de sua camiseta e mostrou a tatuagem acima de suas asas geladas. Uma que nunca mostrava voluntariamente e que, entretanto, para Gúnnr acabava de mostrar. — Este não é somente o lema da minha Escócia; é meu fodido lema, entendeu? Sou assim. Não vou mudar. Me importa muito pouco o que pensam de mim.

—Tenha compaixão, Ardan. A perdoe e aceite escutá-la...

—Não me resta isso, Valquíria! —Abriu os braços, se expondo diante dela— Não resta isso para ela. Estamos no meio de uma guerra!

Nem para ela nem para ninguém, pelo visto.

A Valquíria não soube como reagir quando viu seus enormes e belos tribais em forma de asas da mesma cor dos de Bryn.

—Sinto muito pelos dois. — sussurrou afetada.

—Não sinta. Faz muito que deixei de amá-la. Acredito que é fria, ególatra e uma cínica assumida. Não entendo o que vi nela; não entendo como a escolhi e cravei meus olhos nos seus em meu leito de morte.

—Pois, então, é porque está mais cego do que imaginava. —Murmurou Gúnnr em desacordo. — É muito triste. Hoje, provavelmente, salvou sua vida. Dá-me muita pena que não veja a oportunidade que tem na sua frente, que ela te ofereceu.

—Se compadece de mim? —Perguntou incrédulo.

—De ambos. —Moveu as *bues* em seus pulsos. — É muito triste que quebrem suas asas, Ardan. Mas é ainda mais triste não permitir que se curem. E, o que é mais triste, é me dar conta que não resta nada em você do grande líder que foi.

—Claro, Gabriel é muito melhor —espetou em desacordo.

Gúnnr se virou, deu de ombros e respondeu:

—É óbvio que é. Tem algo que você não tem.

—E o que é?

—Descubra, gigante. Antes que seja muito tarde.

Gúnnr voltou a sentar na cama, com cuidado para não tocar o corpo de sua amiga. Ela velaria por Bryn enquanto Ardan não o fazia; enquanto todos queriam fazê-la pagar por algo que se viu obrigada a fazer.

Bryn não podia abrir os olhos, mas escutava tudo.

Ouvia Ardan e Gúnnr discutindo sobre ela. Escutou cada palavra que o highlander cuspiu por sua raivosa e rancorosa boca.

Não havia perdão para ela. Essa era a realidade.

Tentou se mexer e protestar. Não gostava que falassem sobre ela; dava-lhe vergonha saber o que os outros pensavam.

“*Só tem que fazer uma maldita pergunta, Ardan*”, pensava Bryn abatida. “*Só uma e explicarei tudo*”. Mas o homem não se interessava por ela. Já tinha deixado de lhe importar, como bem explicou.

Portanto, perdeu.

Bryn já não tinha por que continuar se preocupando em romper todas as promessas que fez. Já não tinha que demonstrar nada. Não receberia sua misericórdia jamais.

Ela, que se reservava para ele, para seu reencontro; ela, que tomou a decisão de brigar para recuperar sua confiança e seu amor. A General, que jamais recuava, a mulher que trazia a vitória se sentia derrotada e agora tomou a decisão de recuar.

Não podia recuperar um homem que deixou de acreditar nela, no amor.

Ardan não a queria. Ponto final.

Com uma mistura de raiva e impotência, tentou abrir os olhos até que as pálpebras começaram a se mexer como as asas de uma mariposa.

A luz que entrava pela janela era menos intensa do que a de horas antes. Tinha entardecido. Quantas horas ficou nesse estado?

Fixou os olhos no teto e se ergueu um pouco.

A primeira coisa que recebeu foi o amplo sorriso de Gunny e um de seus quentes abraços.

—Olá, Bryn — a saudou lhe dando um beijo na bochecha e a rodeando com mais força.

Bryn aceitou com prazer a amostra de carinho; mas não deixou de olhar fixamente para Ardan. Estava muito ferido. Necessitaria de seu *hellbredelse* para sarar. Ela não tinha cortes profundos, exceto alguns machucados nas pernas e braços.

Ardan colocou seu corpo entre ela e a explosão.

Poderia odiá-la; poderia ter deixado de amá-la, mas continuava se comportando como um maldito herói quando precisava.

Este, ao ver que o olhava, relaxou os ombros e respirou com mais profundidade, como se tirassem um peso de cima.

—Olá, Gunny — sorriu e cheirou o perfume de algodão doce de sua *nonne*. — Maldito escudo das Valquírias —sorriu envergonhada. — Me deixou fora do jogo. Quantas horas fiquei assim?

—Seis — respondeu Ardan olhando para o outro lado.

Seis horas? Foram muitas.

—O que aconteceu? O ESPIONAGE...

—Voou pelos ares — respondeu ele direto.

Bryn afundou os dedos na colcha.

—E a Tríade? K, M e L? —perguntou preocupada.

—Não estão bem... estão sendo tratados.

Ela abriu os olhos, e Gúnnr baixou a cabeça, aflita.

Deuses, essas caras não eram nada animadoras.

Ardan estaria desejando se vingar. Ela conhecia perfeitamente o modo de pensar desse homem.

A guerra começou e esperava que todos saldasse suas dívidas pendentes, porque Ardan ia fazê-los desaparecer da face da Terra, tivessem feito ou não.

—Lamento —reconheceu com sinceridade. — Sinto muito. Espero que fiquem bem...

—O único que ficou mais ou menos inteiro foi Logan — continuou apertando os dentes e com olhar caramelo de aço. — Tentou salvar seus irmãos, mas quando viu que estavam tão mal, esteve a ponto de se render e ceder às chamas —reconheceu aborrecido, com a voz rouca. Virou-se e entrou no closet, disposto a cobrir o tórax sangrando e colocar uma camiseta.

—Espere. —Bryn levantou e se afastou de Gúnnr com uma desculpa em seus olhos claros.

—Bryn?

—Estou bem, Gunny. De verdade. Pode nos deixar sozinhos um momento? —perguntou em voz baixa.

Gúnnr aceitou com receio.

—Tem certeza?

—Sim.

—Pode te machucar. Ardan é capaz disso, sabe? — Falou como se ela não tivesse se dado conta desse detalhe.

—Sei. Mas não pode me machucar mais do que já me fez. Deixe-me com ele.

Gúnnr olhou a porta aberta do closet: em seu interior havia um homem irascível e volúvel. Depois estudou sua General.

Ela queria intimidade? A sós com ele? Estava louca.

—Bem. Qualquer coisa, estou com Gabriel. — A filha de Thor se levantou da cama e saiu do quarto.

—Obrigada, *nonne*.

—Tome cuidado — a advertiu, preocupada.

Bryn cravou os olhos turquesas na luz que saía do closet.

Entrou e se aproximou de Ardan, que desaparecia entre sua roupa muito cara, quase toda escura; pegou novas roupas de um modo mecânico, dando as costas, sem olhá-la.

—Necessita de cura.

—Não a necessito — ele grunhiu.

—Acredito que sim. Só um momento. —Bryn o apoiou na parede do closet, com cuidado para não tocar as feridas. — Está manchando o chão de sangue.

—Não, droga... — replicou ele, lutando contra seu toque e seu contato, afastando suas mãos como se o queimassem.

Deuses... ver que Bryn abria os olhos o deixou fraco e exausto. Continuava se preocupando muito por essa guerreira; continuava dependendo muito de seu bem-estar, e isso supondo que a odiava. No Valhala, quando estavam juntos, sempre esteve a protegendo como uma sombra. E agora, na Escócia, no Midgard, o enfurecia se dar conta que esteve prendendo a respiração até que ela despertou.

Era muito patético.

—Se me tocar agora, escrava, se arrependerá.

—E se não o fizer, você se arrependerá.

—Te asseguro que não. —Agarrou-a pelos pulsos e a deteve antes que as palmas roçassem seu peito.

Bryn elevou os olhos e arqueou as sobrancelhas. Já sabia o que acontecia. Sabia perfeitamente. A adrenalina... O sangue fluía e rugia pelo corpo depois de um grande estresse, e as zonas erógenas se ativavam.

Em Asgard se tocavam, acariciavam e se chupavam como loucos depois de um bom treinamento ou uma boa briga.

Agora acontecia o mesmo.

—Deixe-me, senhor? Ou tenho que ver como sangra?

Ardan umedeceu os lábios com a ponta da língua. Não queria falar do por que ele se fez de escudo protetor com ela, nem do por que ela o cobriu. Não queria falar disso.

—Pelo menos a Tríade não está morta —comentou olhando-o de soslaio enquanto usava sua cura sobre os cortes e arranhões de sua pele. — Como aconteceu isso?

—Não sei. Logan disse que os escravos eram os explosivos. Criaram bombas que estão conectadas diretamente ao coração. O sinal biométrico não deu sinais de mudança em seu sangue, certamente porque as instalaram há pouco tempo.

—Então, se descobriram o que faziam no ESPIONAGE, quer dizer que também descobriram os chips biométricos dos escravos que usavam a terapia completa do *Stem Cells* — refletiu Bryn. — Os terão desligado já e será difícil encontrá-los...

Ardan negou com a cabeça.

—O último sinal que Buchannan recebeu estava em movimento no mar do Norte. Não permaneceu estático. Isso quer dizer que os escravos estão sobre um navio, perto de Lerwick. Ele

salvou os irmãos... os dois escravos que vieram ser submissos no pub explodiram e destroçaram todo o local. Os trigêmeos tentaram sair como puderam. Se o vanirio não chegasse...

—Buchannan? —perguntou ela franzindo o cenho.

—Sim. Tinha marcado com ele no ESPIONAGE para que me informasse sobre o paradeiro dos escravos. Queria saber se rastreou os sinais e averiguou algo mais. Ele apareceu no momento certo e conseguiu retirar Logan e seus irmãos do fogo.

Bryn mordeu o lábio inferior e procurou dizer com tato:

—Existe algo em Buchannan que não gosto. Esse homem está desesperado.

Ardan, num arrebatamento, cobriu sua boca com a palma da mão e a pressionou contra a parede, a cobrindo por completo com seu corpo.

—Não se atreva.

Bryn negou com a cabeça, tentando se libertar para poder falar.

—Nem pense em mencionar mais nada sobre meu amigo. Ele tem mais honra e fidelidade que você jamais poderá chegar a ter, ainda que se passem mil vidas. Nos ajudou e salvou a Tríade — explicou raivoso. — Que você sequer insinue que não gosta dele...

—Não me importa o que diga — respondeu ela com calma. — Seus guerreiros também me odeiam, não gostam de mim e não vejo você dizendo nada a eles por pensarem assim.

—Eles têm motivos. Você é uma mentirosa e uma traidora. Buchannan daria sua vida por mim, por nós; hoje o demonstrou. E, além disso, recolocou o sinal biométrico dos chips e logo teremos a posição exata dos malditos escravos e onde se escondem. Assim, antes de falar dele, lave a boca.

Bryn moveu as orelhas e mordeu a língua para não replicar.

Poderia estar enganada. Talvez..., só estava com ciúmes por ver a confiança cega que Ardan tinha pelos outros, exceto por ela. Mas esse vanirio, que recentemente perdeu sua mulher, Mandy, bem poderia se virar para o lado escuro como fez Anderson. O que o impedia? O que o impedia de beber sangue e se converter em vampiro? Nada.

Bryn decidiu ficar em silêncio e continuar com a cura.

—Se confia nele, então não há nada mais do que falar.

—Porra, é óbvio que confio nele. MUITÍSSIMO mais que em você. Nem pense em concorrer às escolhas, porque sairia perdendo num instante.

—De acordo. —Acabou de fechar uma incisão no ventre, e depois, elevou a mão para curar o corte que estava sangrando na testa.

Olhou-o nos olhos enquanto tocava o rosto com suavidade e o roçava com os dedos.

— Diga-me, senhor... por que me cobriu na explosão? —perguntou Bryn de repente, o segurando pelo queixo para que não desviasse o olhar.

Ardan ergueu o lábio num meio sorriso e esticou a cicatriz.

Estava tenso em postura e atitude. Mas procurou falar com voz serena e ferina.

—Porque ainda não acabei com você. Ninguém poderá fazê-lo, exceto eu. É meu privilégio.

Bryn estremeceu de dor. Claro, era por isso.

Uma vez que fechou todas as feridas, se afastou dele tudo que pôde dentro daquele closet. Tentou se afastar, mas o amo não permitiu.

—Merece que te castigue pelo que disse sobre meu irmão Buchanan — sua voz sombria e penetrante espessou seu sangue.

“Perfeito. Faça o que quiser, Ardan. Já não me importa. Serei a toda submissa que quer e assim evitarei que me chateie”.

—Claro, senhor. — Baixou a saia jeans e a tirou pelos pés.

Vestia uma calcinha preta com laços fúcsia. E nas coxas tinha alguns cortes superficiais. Enfiou os polegares pelas laterais e as puxou para retirá-las.

—Não. — Ardan a deteve. — Tenho outra maneira melhor de castigá-la. Agora não.

—Sério? —Fingiu interesse e indiferença. *“Maldito cretino”.*

—Sim. Acredito que é uma pena que uma Valquíria como você continue sendo virgem no Midgard —grunhiu se erguendo sobre ela. Colocou os cotovelos de cada lado de sua cabeça e a encurralou contra a parede.— Por isso vou te fazer um grande favor e te farei toda uma mulher.

“Filho da puta! Seria capaz?!”, pensou horrorizada.

—Não quero foder com você —murmurou Bryn alterada. — Não necessito foder com nenhum homem para ser uma mulher.

Ardan piscou e negou com a cabeça.

—Não vou te tocar, escrava. Não quero sujar minhas mãos. Mas essa noite convidei Sammy para vir para minha masmorra, a desse castelo —especificou desfrutando de sua palidez e sua surpresa. — A deixarei a cargo de outro amo.

Bryn levantou o queixo. *“Coragem, venha a mim”.*

—Não sabia que trazia humanos aqui.

Ardan levantou uma sobrancelha.

—Ela não verá nada da minha fortaleza. A recolherão, venderão seus olhos e a trarão até aqui.

Bryn negou com a cabeça, enojada. Morta de ciúmes e raiva.

Devastada pela tristeza e impotência.

—E ela deixará?

—É minha submissa, e sou seu amo. Faz tudo que peço.

—Que grande modelo de virtudes é essa tal Sammy —comentou com sarcasmo.

—É.

A General não podia ocultar sua infelicidade. Não sabia se esconder mais atrás das máscaras de indiferença; estava cansada de usar essa atitude. Por que fazê-lo se não se sentia assim?

—Quer isso, senhor? Quer me deixar nas mãos de outro?

—Enquanto você vê como mimo Sammy e faço amor com ela, outro a foderá, escrava. Como as Valquírias são *voyeurs*, ficará quente e excitada —assegurou com acidez.

Ela ficou em silêncio, procurando um raio de luz ou algo de bondade e compaixão naquele olhar que tanto amou e quis. Mas naquele rosto conhecido, somente falava um cruel estranho.

—De acordo, senhor —respondeu submissa e obediente. — Se o que quer é me ver enquanto outro me dá prazer, que assim seja.

—Não te dará prazer.

—Não importa, senhor —respondeu desinteressada. — O que seja. Agora, deixe que me lave e limpe meus cortes... ou, talvez você queira fazê-lo?

—Eu? Não —respondeu se afastando dela e deixando que Bryn caminhasse até o banheiro. Ardan cravou seus olhos de Kohl nas costas erguidas daquela mulher.

Por quê? Por que gostava de provocá-la assim? Por que necessitava a cada instante mostrar o quanto se sentia ferido e feri-la de volta?

Antes que Bryn se metesse no banheiro, Gabriel irrompeu no quarto como um vendaval, acompanhado de Gúnnr.

O Engel se vestiu com suas roupas de *einherjar*: ombreiras e joelheiras de titânio, o arnês de couro no peito, botas... e suas espadas nas mãos. Usava o cabelo loiro preso num alto e viril rabo de cavalo.

Gúnnr, atrás dele, tinha recuperado suas roupas negras e prateadas de Valquíria e deixou seu cabelo chocolate meio preso no alto da cabeça.

—Ardan! Bryn! —O líder dos *einherjars* entrou no closet e parou na frente do highlander mal-humorado, mas já restabelecido de suas feridas.

—O que aconteceu Engel?

—Vamos à Inglaterra. Precisam de nós em Amesbury —explicou contundente. — Já localizaram Heimdal.

—Amesbury? E Róta está bem? —Perguntou Bryn saindo do banheiro com rapidez.

—Sim. Está com eles; ela nos avisou —respondeu Gabriel — mas Lucius está abrindo um portal através de um acelerador de irídio e quer chegar ao Asgard. Precisamos contrapor a energia eletromagnética do portal. Necessitam das minhas Valquírias. Preciso de você, Bryn —anunciou Gab com expressão determinante.

Bryn quis assentir com rapidez, como sempre fazia quando atribuíam uma missão; mas desta vez, esperou que Ardan a deixasse participar, porque nunca, jamais, ansiou tanto uma batalha ou briga como a necessitava nesse momento.

Que ela, a maior General, tivesse que esperar que um *einherjar* lhe desse permissão para participar era uma das maiores ofensas que seu orgulho podia sofrer.

—Vá buscar suas roupas —Ardan ordenou, pegando também as suas de guerra.

Bryn assentiu com orgulho e, ao fazê-lo, uma chispa de energia percorreu o closet.

—Tome cuidado, não queime minhas roupas —advertiu Ardan.

“Queimar sua roupa? Queimar sua roupa?!”, gritava Bryn mentalmente. Teve vontade de soltar uma grande gargalhada e se sufocar com a risada. Não; não queria queimar o closet.

O que desejava era queimar suas joias da coroa e, depois, fazer bolas de natal com elas.

Pelo menos, na batalha poderia expulsar todo aquele ódio, toda aquela quantidade de raiva emergente que se acumulava ao longo dos dias em seu maltratado coração.

Descarregaria sua fúria e imaginaria que o faria sobre o escocês.

O entardecer se abatia sobre o fiorde de Clyde.

Devido ao clima das ilhas escocesas e ao acúmulo de gases do efeito estufa, as nuvens eram características das paisagens da Escócia. Especialmente, umas grossas e de formas ovais, como se estivessem nacaradas com diferentes cores. O metano excessivo na atmosfera e a reação com o ozônio faziam o céu mostrar um espetáculo de nuvens douradas, rosadas e azuis, bem espessas, na troposfera. Todo um espetáculo de luz no céu.

Cedo ou tarde, descarregariam chuva sobre a terra verde e a Ilha de Arran.

Gabriel, Gúnnr, Ardan e Bryn se encontravam em Goat Fell, a parte mais alta de *Eilean Arainn*.

As Valquírias podiam convocar às tormentas e, graças à Gúnnr, descobriram que podiam viajar através delas mediante a antimatéria: um pó dourado que flutuava sobre as nuvens e que era condutor entre portais; como se fosse um buraco negro.

—Me ajude, General —pediu Gúnnr a Bryn.

Esta, que prendeu o cabelo num par de tranças africanas, mostrando suas orelhinhas pontudas e limpando seu bonito rosto, assentiu orgulhosa.

Era um prazer voltar a se sentir guerreira.

Desfrutava de suas *bues* outra vez e de suas ombreiras e botas que tanto gostava. Era maravilhoso usar seu magnífico poder para lutar contra Loki e seus jotuns. A tristeza era que continuava com a coleira, mas não importava. Tampouco saudaria ninguém. Viria, veria e venceria.

Veni. Vidi. Vinci.

Se Ardan tinha o *Nemo me impune lacessit*, ela tatuaria o outro.

Uma Valquíria era uma lutadora, uma amazona, e devia demonstrar na vida e no campo de batalha. Ardan não permitiu e ela tinha tentado anular.

Mas ia demonstrar que tipo de *dísir* era. Que dissessem o que devia eletrocutar, que iria por isso com toda sua vontade.

Gúnnr fechou os olhos e elevou o rosto ao céu.

O vento começou a soprar sobre a colina, e o mar que rodeava a Ilha de Arran agitou suas ondas bravas contra os penhascos.

As nuvens se uniram umas com as outras, criando um imenso *cumulo nimbus* sobre os quatro guerreiros. O crepitar elétrico dos trovões ocultos nas espessas colinas encheu de eletricidade a montanha e acariciou suas peles, os deixando arrepiados.

Gabriel sorriu e olhou para Ardan.

—Enjoa, escocês?

Ardan negou com a cabeça.

—Bom —respondeu Gab — porque vai fazer uma viagemzinha inesquecível.

Ardan observou os raios que caíam cada vez mais perto deles, os rodeando e cercando como uma mão de longos dedos brilhantes que pretendia amarrá-los e esmagá-los com sua força.

Gúnnr estava muito concentrada, e era um espetáculo vê-la em ação. Seu poder de invocação era descomunal.

Mas das duas guerreiras, era Bryn quem mais chamava a atenção. A loira se afastou de Gúnnr uns dez passos.

Enquanto recolocava seus braceletes e apoiava suas tranças sobre os ombros, a jovem sorriu e lambeu os lábios.

—Vamos lá, Gunny.

—Sim —respondeu a da franja comprida e lisa com o mesmo sorriso de cumplicidade.

Bryn piscou e ficou ligeiramente hipnotizado pela pose e a atitude da General.

Bryn abriu as pernas e fincou os pés na grama úmida.

Depois, abriu os braços em cruz e estendeu os dedos das suas mãos.

Inspirou e sua caixa torácica se expandiu.

Deuses. Ardan estava a ponto de gozar só de vê-la.

A Valquíria líder ergueu seu rosto ao céu e as primeiras gotas de chuva golpearam suavemente suas bochechas, como se o corpo da General fosse seu verdadeiro lar.

— *Asynjur!* —gritou Bryn.

Todos os raios impactaram no corpo da mulher, a rodeando como uma serpente, a lambendo como línguas de fogo.

Absorveu a força da tormenta, que crescia exponencialmente, e estendeu os braços na frente de seu tronco para apontar para Gúnnr com as palmas abertas e expostas para ela.

—Agora, Bryn!

Flas!

Os raios foram soltos com uma força descomunal através dos dedos da loira e impactaram com força no peito de Gúnnr.

Quando a filha de Thor recebeu a eletricidade de Bryn, a aceitou em seu corpo como se fosse dela. Seus pés se elevaram meio metro acima do chão, e levitou. Então, outro raio muito mais potente emergiu entre as nuvens e impactou também no corpo de Gunny.

—Porra... — murmurou Ardan, assombrado pelo espetáculo.

—Vamos! — Gabriel estendeu suas asas de *einherjar* e voou para Gúnnr para estar em pleno contato com ela. — Gúnn subirá até a antimatéria e esta conectará com a antimatéria de todas as tormentas que estejam presentes na Terra neste preciso momento! Está caindo uma tormenta descomunal em Amesbury!

Bryn parou de lançar eletricidade por suas mãos e elevou a palma para que, neste instante, um cipó em forma de relâmpago rodeasse seu braço e a elevasse até Gabriel e Gúnnr, que subiam aos céus.

Quando passou ao lado de Ardan, o agarrou pelo braço e o levou com ela.

—Se agarre, ilhéu — sorriu malignamente ao escutar o grunhido de Ardan.

Podia ter que chamá-lo de senhor; mas não quando estavam no meio de uma missão, lutando juntos de igual para igual.

Na guerra não havia amos e submissos; todos eram lutadores, embora, no final, indevidamente, alguém caísse submetido pela força do outro.

Em Amesbury, não seriam eles.

CAPÍTULO 13

Amesbury

Igreja de Amesbury Abbey. Inglaterra

A vida não se media pelas vezes que alguém respirava, e sim por aqueles momentos que te deixavam sem fôlego. Ardan agora compreendia muitos dos ditados que o antigo laird MacKay o enriqueceu durante o tempo que o humano viveu.

Nunca pensou muito neles, na verdade.

Mas, nesse dia, meditou profundamente sobre algumas dessas palavras.

Ardan ficou sem fôlego não uma vez, mas duas; a primeira quando seu clube, o ESPIONAGE, voou pelos ares, podendo ferir Bryn de maneiras indescritíveis. Por isso a cobriu entre seus braços; que tampouco poderiam fazer muito, se não fosse pelo escudo protetor da Valquíria; e a segunda, ali. Justamente ali onde estavam: em Amesbury.

Os lobachos e vampiros estavam atacando sem compaixão os berserkers e vanirios que flanqueavam Abbey Church. Em seu interior, Lucius e Hummus abriram um vórtice que os levaria diretamente para Bifrost, a ponte Arco-íris, a entrada de Asgard que, nesse momento, estava sem guardião, já que Heimdal havia desaparecido.

O feixe de luz de um acelerador impulsionado pela força elétrica dos raios de Róta estava impactando contra a igreja gótica que tutelava essa campina verde e úmida pela chuva. Um autêntico caos barrento nesse momento.

Ardan não conhecia ninguém que ali se encontrava; nunca os viu, mas eram excelentes guerreiros. O que sabia era, que de algum modo, se puseram em contato através do fórum, e alguns nomes ali gritados já tinha ouvido.

Caleb, Aileen, As, Cahal... Eram membros dos clãs de Black Country.

E estava lutando ao lado deles, sem sua Tríade, nem Buchannan, que ficou em Edimburgo; um, recolhendo informações e os outros três em estado muito grave na enfermaria.

Aquela não era sua equipe, não eram seus guerreiros, mas todos lutavam juntos como se fossem irmãos de toda a vida.

Aquele gesto o comoveu. Fazia tempo que não lutava ombro a ombro com ninguém desse modo; e ainda menos com pessoas que não demonstraram antes sua fidelidade para ele.

Agora via um samurai com presas puxando sua katana junto de uma Valquíria de cabelo vermelho e péssimo temperamento; dois vanirios loiros, ocultos entre as nuvens, trabalhando mentalmente junto com uma morena com rosto de pantera.

Entrou dois guerreiros irmãos na igreja, os chamavam druida e curandeiro, com grande semelhança entre si.

Gabriel saudou o líder de Black Country, Caleb McKenna, com efusão; ao lado deles, uma mulher de olhos lilás e cabelo castanho brigava como um homem. Era a híbrida.

O líder do clã berserker, As, irrompeu como um furacão, com um *oks* na mão, disposto a cortar cabeças.

Uma mulher pequena com cabelo cor de mogno soltava flechas iridescentes com discrição, e outro berserker moreno, com um piercing na sobrancelha, se transformou para arrasar tudo que cruzasse seu caminho.

E, enquanto isso, Gunny lançava sua réplica do martelo de Thor e destroçava tudo que alcançava. Uma Valquíria de neve, a guerreira mais fria de todo o Valhala, mantinha-se levitando sobre a igreja, eletrocutando o edifício e tudo que se encontrava nele, com o olhar fixo em sua pessoa.

Só nele.

Bryn, “a Selvagem”, irradiava tanto poder que tinha todos os presentes impressionados.

Ela piscou enquanto os raios de suas mãos se tornavam mais e mais grossos, maiores e potentes; lambeu os lábios e retirou seus olhos dos dele. Seus lábios sorriram enquanto ela toda se envolvia em luz elétrica.

Ardan sentiu medo. Sua pele se cobriu de uma fina camada de gelo, e suas asas doeram.

Então, aconteceu algo que o colocou em guarda.

O lugar ficou em silêncio. A carga elétrica do portal, do acelerador e de Bryn desapareceu para retornar, ao longo dos segundos, na forma de uma supernova.

A Valquíria se aproximou um pouco mais do edifício, e o sangue de Ardan gelou.

Escutou-se um suave assobio surdo, leve e moderado.

Bryn inclinou a cabeça de lado. Seus olhos turquesa se desviaram para ele, e sorriu com frieza.

Merda.

Bryn não ia se proteger da explosão. Queria ficar aleijada?

Sem o remédio dos anões, o *hjelp*, e sem seu *hellbredelse*, Bryn não se recuperaria tão facilmente de seus cortes.

—Que demônios está fazendo, mulher? — Murmurou entre dentes, olhando para o céu, dando dois passos adiante através do campo verde. — Afaste-se daí maldição. Vai explodir... vai explodir! — Gritou correndo até ela.

Era tão infeliz que nem sequer podia se ferir com sua própria energia. Tinha um campo eletrostático tão grande ao seu redor que repelia tudo. Nem lascas, nem ferros, nem pedra, nem veneno, nem vampiros ou lobachos voadores... nada disso voltaria contra ela.

Bryn não desejava morrer.

Não queria se render.

Mas Ardan tornava as coisas muito difíceis; e embora ela tivesse toda a resistência do mundo e mais, havia coisas que se prometeu não suportar.

Como Ardan e essa tal Sammy.

Vamos, homem! Em qual cabeça cabia que uma mulher apaixonada pudesse suportar como outra se beneficiava de seu guerreiro?

—Maldito tranças descerebrado... — gritou para si mesma enquanto a onda expansiva da explosão a fazia voar pelos ares. Seu corpo dava cambalhotas para trás; mas Bryn não tinha vontade de se segurar em nenhum lugar, nem resistir às inclinações bruscas de sua supernova particular.

O importante era impedir que Hummus convocasse a ponte Brífost e viajasse através dela até Asgard.

Por agora o impediram; se restasse algo do vampiro, estaria entre o pó, os ormes e os restos da igreja detonada.

Suas tranças se enrolaram em seu pescoço, como dedos que tentavam estrangulá-la. Desenrolou-as enquanto se detinha no ar, e inspecionava com olhos críticos o aspecto de suas apreciadas roupas de Valquíria.

Estudou a grandiosa destruição que acabava de provocar com seus raios.

Certamente, se não fosse por toda a raiva que acumulou por causa de Ardan, não poderia descarregar tanta fúria Valquíria em seus raios, e sua energia não seria tão determinante naquele lugar.

Mas foi, sem lugar a dúvidas.

Foi abençoada com a força. Com a agressividade. Era a General.

Do céu, via tudo com mais perspectiva. A igreja acabou arrasada. Por sorte, deu o sinal para Caleb e As para que se retirassem, pois ela sabia em que momento ia acontecer a explosão.

Os vampiros e lobachos morreram.

Alguns vanirios e berserkers em retirada acabaram feridos pela força da explosão; mas como deu tempo para se afastarem, nenhum ficou gravemente ferido.

Essa era ela: a mãe da destruição. Mas até sendo a mulher, provavelmente, mais forte e mortífera do Midgard, não tinha o poder de seu destino; e seu futuro estava preso à duas palavras. Duas simples palavras que Freya disse ao homem que mais amou e que agora era seu pior inimigo. Seu torturador.

Ardan a estava olhando. Mostrava-se todo suado, manchado de sangue. Seus olhos marrons claros e tatuados a observavam com uma mistura de aborrecimento e desejo furioso. Passara dois dias com ele no Midgard. Dois dias angustiantes e cheios de palavras dolorosas. Dois dias como sua... escrava.

—Desça aqui — ele ordenou mal movendo os lábios. —Agora.

Bryn teve a impulsiva necessidade de desafiá-lo. Odiava o que estavam fazendo um ao outro. Mas a vingança se servia assim: crua e fria.

Não podia desobedecê-lo, assim desceu lentamente dos céus até acabar na planície arrasada pela explosão.

O *einherjar* a olhou com interesse.

—Por que não se afastou da explosão? —Perguntou a ela cruamente.

Não respondeu e manteve seus olhos claros cravados nos dele.

Ardan a puxou pelo braço e a aproximou dele com força. Um músculo palpitava em seu queixo e seus olhos cor caramelo a avaliavam com fúria gelada.

Bryn tinha um corte na bochecha provocado por uma lasca voadora.

—Minha mercadoria não pode se danificar — disse com voz rouca, passando o polegar pela ferida e limpando o sangue.

Bryn tentou retirar o braço, mas ele não permitiu.

—Já se encarregou de danificá-la, não foi, ilhéu?

Ele franziu os lábios e analisou com os olhos todo seu corpo.

—Temos que retornar à Escócia. Ali te darei a lição que merece, iceberg.

—Estou farta de suas lições — replicou zangada. — Não entendo como podem gostar do que faz com elas.

Ardan sorriu e a cicatriz que deformava seu lábio se esticou acima causticamente.

—Elas me mostram respeito. Não riem de mim, como você. Além disso, dou o que necessitam.

As demais, sim. Menos a ela.

A Sammy sim. A ela não.

—Assim que retornarmos, te mostrarei.

—Se acredita que vou ficar na sua frente olhando como...

—Oh, sim — riu como um desalmado. — Fará, ou já sabe o que acontecerá, General — assinalou o céu nublado e tormentoso com o indicador. — Direi a Freya que a destitua de seu cargo. E você, que é toda ego, não suportará.

Estava tão cansada daquilo... Somente passou dois dias com ele. Na realidade, não estiveram muito tempo juntos, não desse jeito que o highlander gostava de ficar. Mas quando se colocou em suas mãos, Bryn sentia que queria subjugar seu orgulho, e detestava seu comportamento.

Queria arrasá-la.

Sempre soube que Ardan era cruel e metódico. Um sanguinário.

Mas quando estiveram juntos no Asgard, as necessidades dela sempre estiveram à frente das dele.

Tudo mudou.

Agora sua brutalidade se pronunciou mais, o convertendo num homem implacável e frio. E Bryn suportava o tratamento que lhe dispensava porque sabia que, parte da culpa de que ele fosse assim, era dela.

Mas também era a General, e tampouco toleraria esse comportamento muito mais tempo.

Ele sofreu. E ela também.

Quanto tempo mais tinha que pagar por algo que ocorreu em outro mundo, em outro tempo e em outra dimensão?

O que acontece no Asgard, no Asgard fica.

—Morro de vontade de ensiná-la — ele murmurou isso, com seus olhos cheios de uma lasciva escuridão. — Tenho certeza que vai desfrutar.

—Solte meu braço Ardan. — Desafiou-o com os olhos.

—Quer que a coloque sobre meus joelhos e volte a te açoitá-la, escrava? Aqui? Na frente de todos? Sabe que gosto dos escândalos, assim não me provoque. Tem as nádegas vermelho vivo. Sinto o calor que desprendem daqui. Chame-me como se deve; ou prometo que não poderá se sentar por uma semana.

Ela franziu os lábios e esboçou um falso sorriso neles. Esse homem tinha a incrível habilidade de deixar seus pelos arrepiados com sua voz. E sim: estava muito ardida. Ardan a açoitou sem perdão, o condenado. Ah, mas se vingaria. Não sabia como. Mas o faria.

—Pode soltar meu braço, senhor? Está me machucando.

O *einherjar* olhou sua mão morena e grande, cheia de cicatrizes, segurando com força o braço magro e pálido de Bryn.

Ardan a soltou pouco a pouco.

la replicar quando apareceram entre as nuvens Róta e o curandeiro, que carregava Miz, a cientista, nos braços. A jovem parecia triste e chorosa, como o curador. Não traziam boas notícias pelo visto.

Róta deixou que os dois vanirios retornassem sozinhos para seu clã, e procurou Bryn com os olhos. Estava sendo super protetora com ela desde que se acertaran alguns dias atrás.

Róta sabia agora os sacrifícios que fez em seu nome.

E sua temperamental irmãzinha estava agradecida e, por sua vez, envergonhada por seu próprio comportamento. Mas Bryn não podia culpá-la.

Não sabia nada sobre a ordem de Freya e nem sobre quem era ela na realidade.

Por esse motivo, Róta tentava ficar perto deles dois, vigiando a atitude de Ardan e o repreendendo quando considerava que passava dos limites com sua General. Não queria que o *einherjar* a machucasse; sobretudo, sabendo o muito que Bryn o amou. E ainda o fazia.

Os olhos turquesa da Valquíria de cabelo vermelho se conectaram com os celestes de Bryn.

Bryn revirou os olhos e Róta grunhiu, sobressaltada pelo aborrecimento de sua amiga.

—Bryn? Deuses... Isso foi apavorante, não acha? — perguntou Róta se aproximando e a afastando de Ardan com um empurrão de seu ombro. Precisava se assegurar que estava bem.

Bryn se olhou, ainda sem estar muito consciente de toda a intensa energia valquírica que acabava de usar.

—Sério? Me encontro bem. — Deu pouca importância.

“Embora continue querendo matar tudo que se mexe”, pensou azeda.

—Não, não... acredite-me... — Róta a segurou pelos ombros. — Seja o que for que sentiu ali em cima, deu um nó nos meus queridos ovários, compreende-me? Isso... isso não é normal.

—Você sim que não é normal — bufou, girando os olhos e afastou a mão de sua *nonne* com um inofensivo bofetão. — É filha de Nig - o necromante e Sibila. Se existe algo a quem o Midgard deve temer é sua fúria.

Róta sorriu e negou com a cabeça.

—Pode dizer o que quiser. O que fez ali em cima...

—Não fiz nada.

—Uma merda que não — replicou Gabriel guardando suas espadas.

Deu uma olhada em suas espadas, e uma onda de orgulho por Bryn o varreu de cima abaixo ao ver o que a General provocou com seu poder. E era de sua equipe.

— Excelente sua contribuição, General.

—Sua contribuição não tem valor quando age de maneira inconsciente — grunhiu Ardan encarando-os. Estavam todos loucos? Ninguém se deu conta dos riscos que Bryn assumiu? Nem

sequer se afastou da explosão elétrica; e, em vez disso, todos a felicitavam. E foi como se entrassem mil demônios nele quando se deu conta que não tomava precaução alguma para se cobrir, que parecia querer que a merda respingasse nela.

—Sua contribuição resolve guerras, Ardan das Highlands — assegurou Gabriel sem mover um músculo de seu esculpido rosto. O estava desafiando abertamente a que o desafiasse.

Ardan respondeu do mesmo jeito. Ora, assim o Engel voltava à fria formalidade.

—Você é seu líder, Engel — cuspiu Ardan. — Devia se dar conta que não tomava nenhum cuidado lá em cima — apontou para o céu com o indicador. — Deve proteger sua equipe. Protegê-la.

—Agora está me sugerindo como conduzir meus guerreiros? — Gabriel deu um passo à frente, com os lábios num meio sorriso, mais perigoso que qualquer gesto desgraçado e amargo. — Bryn não é minha subordinada. É minha aliada: General das Valquírias. E está ao meu lado. Ela trabalha do seu modo, e eu a respeito. Se seus ovos se apertaram ao ver que talvez preferisse sofrer os efeitos de uma explosão a ter que suportar sua irritação e seu rancor, isso é assunto seu. Não culpe os outros.

Bryn arregalou os olhos e depois olhou agradecida para Gabriel.

Insinuava que Ardan estava preocupado com ela? Não. O que acontecia era que se a explosão a deixasse ferida gravemente, ele não poderia consumir sua vingança.

Em Chicago, Gabriel tratou mal Gúnnr e foi Bryn quem se encarregou de abrir seus olhos. Agora, era Gabriel quem tentava abrir os olhos de Ardan em benefício da poderosa Valquíria.

Gúnnr, que acabava de chegar, passou a mão pelo alto rabo de cavalo e a língua pela presa esquerda. Tinha as bochechas sujas de fuligem, como todos. Bryn jamais viu Gúnnr com aquela ânsia de matar alguém com tanta agressividade, mas percebia em seus olhos vermelhos quando olhava para o escocês: sua florzinha queria destroçar Ardan. Era a única realidade que lia em seu olhar.

—Está enganado se acredita... — Ardan tentou replicar.

Mas Róta bufou e o interrompeu.

—Fale comigo, ilhéu — elevou a palma da mão e a colocou no rosto, ignorando a atitude temperamental do highlander. — Você é o único que não se dá conta do que faz com uma Valquíria como ela. Mas sabe o que mais? Estou desejando que chegue o momento no qual tudo isso respingue na sua cara.

Ardan elevou o queixo. Certo, era normal que todos estivessem contra ele. Sabia que não estavam se dando bem, mas ele era um homem que assumia riscos e era coerente com tudo o que fazia.

Bryn o estava olhando com aquela cara de sabichona e orgulhosa de si, como dizendo: *“Viu, ilhéu, o que está perdendo”*.

Mas ele já sabia o que perdia. Que partissem seu coração outra vez; e que todas as suas ilusões e sua confiança fossem para o caralho num abrir e fechar de olhos. Assim não. Definitivamente, não.

Tomou Bryn pelo pulso e a puxou para perto.

— Parece-me perfeito que a defendam. Respeito a atitude de vocês — acrescentou com severidade. Não desgostava deles. De fato, seriam membros que aceitaria com prazer em seu clã, mas não iam se meter onde não foram chamados. — Apesar disso, lembrem que Bryn está comigo. E sou o laird.

A puxou e a afastou de seus amigos.

A levaria ao seu território. Ao seu terreno. Sua masmorra sob sua fortaleza.

E ali, por fim, acabaria sua vingança e a deixaria ir, quebrada e vazia como o fez se sentir por tantos séculos no Midgard.

Faria-lhe mal porque não suportava tê-la por perto durante mais tempo sabendo que nunca o amou. E, ao contrário dela, ele, pobre diabo apaixonado, entregou a ela seu único coração.

Escócia

Eilean Arainn

Gúnnr aproveitou seu dom para transferir seu grupo através da antimatéria e conectar ambas as tormentas, a da Inglaterra e a que arremetia na Escócia com força.

Na ilha de Arran as coisas seguiam como antes, exceto que Buchannan achou um sinal fixo e definitivo em Lerwick, e abandonou o castelo para rastrear a zona e acabar de situá-los.

A Tríade continuava na enfermaria, com Logan como o menos machucado. Mervin e Kendrick continuavam em estado muito grave, com alguns de seus membros amputados.

Caleb McKenna e As Landin falaram com Gabriel em Amesbury sobre a situação dos vórtices eletromagnéticos da terra. Aparentemente, a energia do círculo disparou por completo e, agora, depois da ativação em Amesbury e do portal que Cahal abriu através do seu próprio corpo em Stonehenge, eram vários os lugares que podiam despertar, porque propiciou uma super ativação em cadeia.

“A Terra é como o corpo humano — Caleb McKenna disse — para que tudo desperte somente precisa tocar os pontos corretos”.

Gabriel achou graça da comparação e a usou para explicar aos membros de sua equipe como estavam as coisas.

Infelizmente, o druida do clã keltói de Black Country sacrificou-se por eles e usou sua pessoa como um supercondutor entre dimensões, fazendo Heimdal retornar para Asgard e impedindo assim a entrada dos jotuns. Todos estavam muito afetados pelo desaparecimento de Cahal e tentavam que a apreciada cientista, que era a recente *cáraid* do vanirio, não morresse de tristeza e desespero.

Agora, apenas não sabiam onde estava a lança de Odin, como eram vários os lugares despertados em todo o globo terrestre. Como mantê-los sob controle? Como fechá-los?

Onde estava Hummus?

O que havia em Lerwick e onde estavam os escravos?

Eram muitas as perguntas sem respostas. E, em meio a todas essas incógnitas, Ardan e Bryn disputavam sua própria batalha, quase mais crua e violenta que a que travavam contra os jotuns.

Enquanto Róta e Gúnnr descansavam com seus respectivos companheiros, atentos aos monitores dos vórtices, a General e o highlander iam iniciar uma nova batalha.

Ardan arrastou Bryn aos andares inferiores. Levou-a através de um corredor revestido de pedra e iluminado com pequenas tochas e parou numa porta com uma inscrição em gaélico: *“Hoje dói. Amanhã será uma lembrança prazerosa”*.

Bryn engoliu em seco ao ler o que estava escrito e cravou as unhas nas palmas das mãos. Uma nova sessão para ela ia começar, e esta acabaria a matando de tristeza e raiva.

Ardan disse que avisaria à maldita Sammy e que veria tudo o que ele fazia enquanto outro homem jogava com ela.

A fúria e um forte desgosto se instalaram em sua alma.

Ardan estava completamente decidido a acabar com tudo aquilo. Desde que Bryn retornou se sentia zangado com tudo e todos.

Mas, nessa noite, tinha tanta raiva que inclusive suas mãos tremiam. Houve algo na atitude de Bryn na Igreja de Abbey. Algo que não soube nomear e sobre o qual não gostava de pensar.

Abriu a porta colocando um código na tela digital, mas antes de apertar o botão verde para abrir, Bryn o segurou pelo pulso. Tinha a cabeça inclinada abaixo, num perfeito gesto de submissão.

—Ardan...

—Não me chame assim — grunhiu como um ogro.

Bryn engoliu em seco e negou com a cabeça. Seu rosto se mantinha oculto pela posição de sua cabeça. As duas tranças loiras penduravam cada uma por cima de seu ombro. Continuava sendo uma guerreira e uma lutadora; mas nada disso valia para receber compaixão ou respeito por parte do *einherjar*. Não recebia isso dele.

—Quando cruzarmos essa porta... não haverá retorno. Não para mim. — Levantou o queixo e mostrou seus olhos vermelhos, sem vida.

Ardan piscou e amaldiçoou em silêncio.

Bryn o afetava, embora não quisesse. E ela sabia. Por isso falava assim, por isso fingia estar passando tão mal quanto ele.

Mas não daria um passo atrás. Sua decisão estava tomada.

—Quando você cruzar essa porta e eu sair através dela não a incomodarei mais. Já não haverá nada pendente entre nós. Será livre.

O queixo de Bryn tremeu e piscou rapidamente para secar as lágrimas que, atrevidas, queriam mostrar sua debilidade e sua dor para o mundo.

Para Ardan.

—Só isso está pendente entre você e eu? Uma mísera transa? Minha virgindade?

Ardan sorriu e negou com a cabeça, incrédulo ao ver como a loira atuava bem.

—Não se faça de ofendida... não é assim.

Bryn cravou os dedos no grosso pulso que segurava.

—Não tem ideia de como sou. Mas se entrar aqui, já não importará. Não importará nada — sussurrou com os dentes cerrados. — Não me esforçarei mais. Tudo. Tudo, me ouve? Se perderá. O que uma vez fomos já não existirá. Tudo o que quis...

—Tanto faz, escrava — respondeu retirando o pulso para olhá-la de soslaio. — Quando sair daqui, o único que me interessa em você já terá se perdido.

Bryn empalideceu e se obrigou a manter seu autocontrole assegurado. Ardan usou todas as artimanhas possíveis para ofendê-la; mesmo assim, continuava se sentindo mal quando as usava contra ela.

De acordo: queria mover sua última ficha.

Que o fizesse e a deixasse em paz.

—Então — os olhos de Bryn perderam seu vermelho fúria e se converteram naquele celeste turquesa frio e inexpressivo que só ela sabia usar ao olhá-lo — não percamos tempo. Essa é sua decisão.

—Sim, e é o preço de sua liberdade. A quer? Valoriza sua hierarquia e seu respeito?

—Valorizo o que sou e você não me fará acreditar o contrário, senhor — cuspiu com ironia.

—Sei. Sei que se escolhe sempre acima de todo o resto — assegurou desiludido. — Pois, se quiser, pague as consequências, Valquíria.

—Depois, me deixará em paz?

—Sim.

— *Guim?*

—*Guim.* Trato — respondeu Ardan. Sentiu uma leve pontada de melancolia ao recordar todas as vezes que fizeram tratos no Valhala, quando ele a amava. Agora o trato era bem diferente.

Bryn se sentiu como uma vadia ou uma qualquer. Venderia seu corpo para recuperar sua dignidade. Mas que dignidade restaria depois que entregasse seu tesouro mais apreciado de um modo tão asqueroso e impessoal?

Como ia se respeitar?

Quando entraram na masmorra, Bryn encontrou uma sala escura, embora levemente iluminada com velas.

Vários instrumentos de castigo usados nas sessões de BDSM estavam estrategicamente iluminados pelo reflexo das velas.

Num canto havia uma jaula pendurada no teto; ao seu lado, um cavalo de pau com correntes; mais abaixo, uma Cruz de Santo André. Na parede, fixados, quatro grilhões. Na esquerda, uma estante de portas de vidro mostrava todo o instrumental para açoites e flagelações, espécies anais e vaginais, garras de prazer e carretilhas de Wartenberg...

Bryn suspirou sobressaltada ao ver todo aquele armamento para sexo selvagem. Supunha-se que o usaria nela?

Um gemido e uma espécie de ronrono feminino a recordou que havia uma convidada com eles: Sammy, a submissa de seu *einherjar*.

“*Vadia. Vadia. Mais que Vadia!*”, insultou-a mentalmente.

Sammy tinha o tronco apoiado num cavalo de pau coberto com couro vermelho. Tinha as pernas separadas por barras de separação de aço inoxidável com fechamento de chave Allen. E os

braços estavam imobilizados nas costas, cobertos com uma capa de braços de couro, cilíndrica, com dez cadeados. Olhava para a frente, para ela.

Se os pensamentos se materializassem, Bryn teria uma lança cravada na testa; e Sammy um extintor no ânus.

O antagonismo das duas mulheres se apalpava no ambiente.

A General pensou que tinha que ser muito valente para se submeter assim a um homem. Só por isso respeitaria um pouco aquela humana.

Ardan sorriu e olhou para a frente. Entre as sombras, apareceu Theodore com um sorriso de lado, uma calça de couro negro desabotoada e o tórax descoberto. O *einherjar* loiro de cabelo liso dirigiu um olhar cheio de promessas de vingança. Um homem olhava assim quando odiava muito e, acima de tudo, quando o machucaram muito. Theodore e Ardan olhavam de modo igual.

Que Ardan escolhesse Theodore para dominá-la e submetê-la foi a última bofetada que receberia dele. A última. Já não mais.

Não entendia. O que Bryn fez a esse guerreiro?

—Se encarregue da escrava — pediu Ardan com voz rouca. — Suba-a nas cordas e coloque a corrente corpete e o separa coxas.

Bryn estremeceu e Sammy sorriu com luxúria sem parar de olhá-la. Aparentemente a mulher gostava do que via.

—Olá, escrava — a saudou Theodore olhando-a de cima abaixo. — As roupas das Valquírias — sussurrou em seu ouvido — se parecem muito às das submissas.

—Duvido — ela respondeu olhando a todo o momento pela extremidade do olho para Ardan. Deuses, nada a amargurava mais que observar como esse homem acariciava e acalmava Sammy, dizendo bobagens ao ouvido e acariciando suas costas nuas, suas nádegas, suas coxas. — Isso é como dizer que sua mãe e o feio dos Goonies são a mesma pessoa. — Bryn adorava os filmes que Nanna subia ao Asgard. Um de seus favoritos era Os Goonies. — Mas hoje é seu dia de sorte. Vai ter uma Valquíria de verdade somente para você — olhou-o por cima do ombro.

Theodore apertou os lábios e seu olhar de aço se acentuou.

—Já tive uma Valquíria, vadia. E não chega às sola dos sapatos dela.

Bryn franziu o cenho. Falava como se ela tivesse culpa que não estivessem juntos.

Sentiu asco quando Theodore a despiu na frente de Ardan. A bílis subiu à garganta e esteve a ponto de vomitar.

Aonde chegaram? Queria matar o highlander.

A amargura a inundou; e agradeceu inclusive que Theodore cobrisse seus olhos com um lenço negro. Uma vez nua, o *einherjar* limitou seus movimentos com as correias corpete de bloqueio: os braços nas costas, e as coxas separadas completamente.

Maldição, esse homem podia ver tudo. Um homem que não era Ardan a tocava, a inspecionaria e a castigaria...

Pigarreou, porque jamais se sentiu tão nervosa.

Escutou o som dos quatro cadeados se fechando e, depois, aberta e nua como estava, Theodore a elevou do chão e a prendeu nas correias que a penduravam à altura de seu rosto.

Quando acabou, deu-lhe um toquezinho na perna esquerda; e Bryn começou a dar voltas sobre si mesma, como se fosse um inocente balanço no qual podia se balançar.

Alguém começou a cantar. Bryn, como boa Valquíria amava a música, mas não pôde reconhecer quem era o artista. Mas parecia que estava cantando no ouvido dela. Era uma letra para alguém com feridas abertas e cobertas de sal. Era o *Battle Scars* de Lupe Fiasco.

The wound hails but it never does.
That's cause you're at war with love
You at war with love
These battle scars, don't look like they're fading
Don't look like they're ever going away.
They're never gonna change
These battle...

***As feridas se curam, mas em realidade nunca o fazem.
E isso é assim porque está em guerra com o amor.
Está em guerra com o amor, sim.
Essas cicatrizes de batalha não parecem que desaparecem.
Não parece que se vão...
Elas nunca vão mudar.
Essas batalhas...***

Enquanto a música soava e esses homens cantavam a dor e o desamor, Bryn permanecia na expectativa, escutando os gemidos de prazer de Sammy, enquanto ninguém a tocava. Enquanto ela permanecia pendurada, só e nua.

Essa mulher, a humana, desfrutava de tudo que estavam fazendo. De tudo.

As costas de Bryn ardiam. As asas doíam.

Os olhos queimavam pelas lágrimas que não podia derramar.

Mas algo fez que saísse de sua autocompaixão.

Foi o toque do chicote em suas coxas abertas, em suas costas, em suas nádegas... a ardência, a queimação, a dor...

Tudo fez que se encorajasse e parasse de pensar em como se sentia ou não humilhada. Ninguém podia chicoteá-la assim; ninguém jamais o fez, nem em Asgard nem em outros reinos. Mas era o preço por sua liberdade e queria recuperá-la.

Não ia gritar nenhuma vez.

Não ia usar a palavra de segurança.

Não daria esse gosto.

Esqueceria que era outro que a estava tocando. Somente Ardan a acariciou assim. Somente ele. Agora, Theodore, outro homem que também tinha aversão por ela, estava se aproveitando de sua vulnerabilidade.

Podia chegar a perdoar algum dia?

Duvidava.

Então, depois de perder a conta das chicotadas que a tocavam sem chegar a provocar excessiva dor, as particulares carícias desapareceram. E ela ficou sozinha e trêmula, balançando para a frente e para trás naquelas correntes.

I wish I couldn't feel
I wish I couldn't love
I wish that I could stop coz it hurts so much
Coz I'm the only one trying to keep us together

Eu desejo que eu não pudesse sentir

Eu desejo que eu não pudesse amar

Eu desejo que eu pudesse parar porque isso dói tanto

Porque eu sou o único a tentar nos manter juntos

Ardan sempre acreditou que quando tivesse Bryn poderia fazer com ela o que quisesse, porque esse era seu direito. Porque eras no Asgard morto de amor por ela conferiam esse poder.

Para ele, fazer algo com ela podia ser qualquer coisa, porque a odiava. Odiava-a até a morte.

Porque Bryn foi sua morte e seu sofrimento.

Sua dor e sua agonia.

Essa preciosa e bela Valquíria arrancou seu fodido coração.

Por isso considerava que podia fazer o que bem entendesse.

Mas, quando viu que Theodore começava a desabotoar a calça e se dirigia para as correntes para virá-la de frente para ele, o estômago dele deu um nó.

Um punho oprimiu sua garganta e peito; e enquanto acariciava Sammy não pôde fazer outra coisa senão olhar, atônito ao ver que continuava exigindo privilégios sobre ela. Repugnado ao saber que o incomodava ver que outro se aproximava de Bryn, e que visse nua, exposta e aberta por completo.

Ardan apertou os dentes e se aproximou de Theodore com o indicador sobre os lábios, o obrigando a permanecer em silêncio.

Com gestos de suas mãos ordenou que se encarregasse de Sammy.

Theodore negou com a cabeça; e Ardan lhe dirigiu, pela primeira vez, um olhar que apregoava morte e vingança. Que gotejava propriedade e possessividade.

Theo franziu o cenho sem compreender a atitude de seu *laird*; mas deu de ombros, e se afastou de Bryn para começar a tocar Sammy, que gritava alto que Ardan a fodesse e deixasse de jogos.

O corpo de Bryn oscilava trêmulo, e Ardan teve piedade dela e acariciou suas asas com os dedos.

—Shiiii... — disse, estranhamente comovido.

Bryn negou com a cabeça e ocultou o rosto, inclinando a cabeça abaixo.

—Não toque minhas asas ou arrancarei sua cabeça, Theodore.

Ardan parou, pasmo ao captar a ameaça real na Valquíria. Bryn não sabia que era ele. Pensaria que era Theodore.

Ardan e Theodore pulverizaram spray de hortelã nos corpos, e isso anularia seus aromas pessoais. Bryn não podia detectar que era ele quem a tocava.

Ardan continuou acariciando as asas dela porque não podia deixar de fazê-lo.

—Não me toque, pedaço de merda — ela grunhiu entre dentes.

Ardan a ignorou e acariciou o interior das coxas e as nádegas nuas.

Aniquilado, roçou-a entre as pernas.

Nua para ele. Mostrando seus segredos.

Fazia tanto tempo que não via seu sexo. Suave, rosa e pequeno. Uma fendinha que adorou e mimou até não poder mais.

Ele mordeu o lábio inferior e desabotoou o botão da calça enquanto se colocava entre suas pernas.

Bryn entrou em desespero. Não queria aquilo. Não era tão forte, não tinha tanta coragem... Se deixar foder por um homem dessa maneira, a ela, que era a Valquíria mais digna do Valhala, o que sobraria?

Nada. Não sobraria nada. Já não tinha coração. Mas conservava o amor próprio, e lançou mão dele.

—Ardan! — gritou Bryn nervosa. Não podia deixar sua virgindade ir assim. Ela sempre quis entregá-la para Ardan, e esse homem acabava de entregá-la para Theodore como uma escrava prostituta. Sua voz se rompeu e o desespero fez que gemesse e soluçasse pela primeira vez em sua vida. — Faça parar!

Ardan escutou o rogo e negou com a cabeça, afundando a nariz na curva do pescoço e do ombro. Não, não poderia parar nunca. Agora não mais.

Pele com pele. Precisava senti-la pele com pele. Urgia-lhe possuí-la. Seu aroma o enlouquecia.

Sammy gritava:

—Deus, Ardan! Sim! Assim!

Theodore estava se beneficiando de Samantha, e a humana pensava que era ele.

Bryn deixou cair o pescoço atrás e chorou.

—Ardan! Baixe-me, por Odin!

Mas Ardan não podia baixá-la. Seus olhos estavam fixos nela: em Bryn aberta e seu sexo chamando-o; seu corpo pedindo que tomasse o que era dele.

—Se não quer que te faça nada, pronuncie a palavra de segurança, escrava! —gritou Sammy com desdém. — Não tem nem ideia ou o que, estúpida? Sim, sim... continue, Ardan. Mais profundo... — ronronou perdida no prazer.

Bryn escutou o que dizia a humana.

Não daria importância ao seu insulto, nem tampouco ao seu desprezo.

A torraria em outro momento, mas não nesse.

Tinha uma palavra de segurança. Uma que podia usar para parar esse maldito jogo. Não importava ficar como uma covarde na frente dele. Esse guerreiro demonstrou muito nesses dias juntos; e o principal era que não guardava nenhum sentimento por ela.

Armou-se de coragem e respirou para pronunciar a palavra de segurança. De acordo, se rendia. E o fazia porque seu corpo era dela. E ninguém além de Ardan ia tomá-lo sem seu consentimento.

—Foda-me.

Ardan parou em seco.

A Valquíria tinha inclinado a cabeça e era como se o olhasse de frente, mas não podia ver com seus olhos cobertos pelo tecido negro.

Cobriu seus seios com as duas mãos; e Bryn, assustada, negou com a cabeça.

—Não! Não! Foda-me... foda-me!

O highlander ficou cego. Por fim Bryn seria dele. Sua vingança, consumada; sua tortura, aniquilada e sua ansiedade, apaziguada.

—É minha palavra de segurança! —ela explicou pensando que se tratava de Theodore. — Ardan sabe! Ardan! —exclamou esperando que o outro homem lhe desse razão.

Mas Ardan estava entre suas pernas, acariciando a ereção, pensando que seus desejos eram ordens. Aproximou-se e abriu sua vagina com dois dedos, para ver como estava fechada.

Bryn não podia acreditar. Ninguém ia fazer nada por ela?

—É uma merda de amo, me ouve?! Não tem nem ideia do que é respeito. Posso ser sua escrava, mas a palavra de segurança é sagrada, cretino! Sacana! —Mexia-se como uma fera. — Deveria respeitá-la! Vai permitir, não é?!

Bryn soube que Ardan ia permitir, é óbvio. Outro a tomaria em seu lugar. Maldito canalha, filho de Angrboda...

Ele a agarrou pelas nádegas nuas e a levantou ligeiramente para alinhar a cabeça chata de seu pênis na entrada da jovem. Umedeceu os dedos para tocá-la e deixá-la escorregadia.

Bryn nem sequer se queixou. Tampouco gritou. Não replicou.

Estava vencida por completo.

Ardan o fez. Vingou-se.

Tomando o último resquício de dignidade que restava, limitou-se a suportar aquele infortúnio.

—Juro, Ardan, que já não está em meu coração! Já não... — chorou abatida. E, quando acabasse, já não estaria em suas mãos. Poderia esquecê-lo; poderia se concentrar na missão e depois encontrar a maneira de matá-lo pelo que fez com ela.

O homem a tocou e ela deu um sobressalto.

Seus dedos entraram em seu interior. Estavam trabalhando por dentro e por fora. Detiveram-se em seu hímen e apertaram um pouco.

Ela se queixou.

O hímen rompido não era nada comparado com a dor de outras feridas. Mas essa área era muito sensível nas mulheres, fossem Valquírias ou não.

O highlander quis se ajoelhar entre suas pernas e lambê-la ali embaixo. Prepará-la devidamente para receber sua ereção, pois sabia que era muito grande e grosso. Mas, se fizesse isso, perderia a coragem e a consciência retornaria; e não desejava que a culpa o corroesse. Assim levantou suas nádegas um pouco e pressionou a ereção em sua entrada.

Bryn se queixou e tentou se mexer; mas não pôde fazer nada para se esquivar de sua penetração.

Ardan deslizou com dificuldade para seu interior até que notou, entre tantos músculos tensos e apertados, a barreira do hímen de Bryn.

Sua virgindade.

A jovem prendeu a respiração.

Por todos os deuses, aquilo era muito grande. Doía uma barbaridade.

Mas não relaxaria e não tornaria mais fácil. A dor a recordaria que ela não cedeu; que não se importou.

Ardan apertou os dentes e entendeu o que a jovem estava fazendo. Fechava-se, não o queria ali dentro. Inspirou e prendeu suas nádegas com mais força. Dobrou um pouco os joelhos e se impulsionou até que rompeu aquele pequeno muro de carne e se introduziu, centímetro a centímetro, em seu corpo.

Bryn estava tão aberta e exposta, que para Ardan não foi difícil seguir avançando até que esteve por completo inserido até o colo do útero.

A General inclinou o pescoço atrás e abriu a boca para respirar. Por Freya, estava chorando.

“Não pode ser...”, pensou atordoada. Havia homens realmente poderosos.

Ardan ficou muito quieto, olhando a todo momento os gestos da Valquíria. Por fim ela era dele. A felicidade que sentiu ao penetrá-la por completo não tinha nome, nem descrição. Depois de séculos cinzas no Midgard, de perdas e vitórias pela metade, possuir “a Selvagem” o encheu de uma luz repentina.

Seus quadris começaram a se mover sozinhos, alheios às súplicas de Bryn e seu choro; alheios à consciência e ao que era certo ou não. Muitos séculos a esperando, muitos eras a desejando ... Tudo muito.

Queria-a. Queria deixar sua marca para que todos, principalmente ela, soubessem de quem era, a quem pertencia.

Tornou-se louco e a fez sua. Não importava se estivesse imobilizada e pendurada no teto; não importava nada mais que os sons de carne contra a carne e os tímidos gemidos que se transformaram os primeiros gritos de dor iniciais.

Bryn se umedecia. O fazia pouco a pouco. E não podia fazer nada para evitar. Gostava do que fazia e a sensação era intimidante. O que entrava nela a roçava por todos os lados e, embora no princípio resistisse, agora tentava se amoldar à sua forma e seguir suas investidas. E odiava desfrutar. Não se sentia bem consigo mesma ao estar reduzida daquele modo e estar gostando enquanto um homem se metia entre suas pernas. Mas seu caprichoso e autônomo corpo pensava o contrário.

Somente respondia ao contato, às carícias desse macho sobre suas nádegas e suas penetrações. E recebia. Somente recebia.

Theodore não estava sendo cruel, pelo contrário. Tentava fazê-la desfrutar a seu modo, com seu corpo. Era, sem dúvida, intenso.

Não o fazia suave, mas sim constante, profundo e duro.

Bryn mordeu o lábio inferior e se abandonou às sensações pecaminosas e à decadência daquele ato no qual o amor brilhava por sua ausência.

Sexo. Só sexo.

As Valquírias adoravam sexo, eram ninfomaníacas por natureza.

E Bryn por fim sabia qual o odor da copulação.

Cheirava a ferro, suor e lágrimas. E o que importava? Talvez não pudesse ter o amor que sempre desejou. Mas se morresse no Midgard, o faria sabendo o que era o ato sexual.

Amor e paixão? Brigou por isso e perdeu.

Mas não faria drama de sua situação. No Midgard, muitas mulheres tinham sexo por ter; o faziam com homens que nem sequer gostavam de verdade, que não eram seus companheiros... Umas recebiam dinheiro por isso; outras o faziam porque não sabiam o que queriam, e as demais, porque era o que tinham e se conformavam com isso.

Poucas o faziam com o verdadeiro amor de suas vidas. Prova disso era que tinham vários parceiros antes de se aquietar.

Ela, ao contrário, o fazia para perder de vista o único homem que queria, seu companheiro, seu *einherjar*. Ele não desejava sua companhia e não outorgaria seu perdão. E, embora as Valquírias lutassem sempre, até a morte, até o final, somente a General podia ver quando não podia ganhar algo.

E estava claro que não ganharia o respeito de Ardan, passassem anos ou séculos nessa terra média de merda.

Não venceria essa batalha. Aceitaria sua derrota.

Assumidos seus pecados e sua *mea culpa*, Bryn gemeu abandonada, como nunca o fez.

Ardan não pôde aguentar mais.

A loira deixava que entrasse em seu corpo e o acolhia como um punho fechado.

Isso o deixou louco.

Bryn o sugava de tal modo que seu autocontrole explodiu, e ejaculou em seu interior como um adolescente. A mordeu no ombro para não gritar e escutou o som doloroso de Bryn.

Ele, um guerreiro versado no sexo, um amo especializado na dominação, caiu como um fantoche.

—Oh, siiiiiim! — Exclamou Sammy fora de si, em meio ao seu orgasmo.

Ardan notou como Bryn enrijeceu quando ouviu a voz da outra submissa. Entre os espasmos de seu silencioso orgasmo, as costas começaram a arder. Ardia como nunca, doía muito...

Acreditou que a pele se rasgava e abria.

Não entendia nada.

Inspirou e fechou os olhos. Que merda acontecia ao seu corpo?

Chamas percorreram sua coluna vertebral e, de repente, algo se liberou nele, enchendo seu coração e estômago com seu calor.

A masmorra se iluminou de azul; um lindo azul elétrico.

Theodore, que socava Sammy por trás, abriu os olhos até que quase saíram de suas órbitas e o assinalou como se fosse um inseto estranho.

Ardan, ligeiramente assustado, retrocedeu, saindo do interior de Bryn e franzindo o cenho. A pele da Valquíria refulgia com a mesma cor.

—Cara... —murmurou Theo assombrado. — Que porra...?

Ardan levou o indicador a boca, o obrigando a continuar em silêncio.

De onde vinha a luz? De suas costas?

Olhou acima de seus ombros e as viu.

Eram elas.

Suas asas congeladas tomaram vida. Já não eram azul pálido. Agora eram azul elétrico, cheias de energia e cor, a cor que faltava, a energia que começava a percorrê-lo de novo pelas veias.

Grandes, audaciosas e desafiantes. Assim eram.

Asas tribais que se moviam como as de uma águia.

Theo, o outro *einherjar*, tocou as costas e esperou que as suas fizessem o mesmo, mas não havia nem rastro de asas ali. Seu tribal continuava frio e congelado.

Ardan lambeu os lábios, consternado.

Isso era normal? Isso podia acontecer?

Por que as de Bryn não se abriam?

Inspecionou a General de cima abaixo, e continuava trêmula, presa pela excitação. Deuses, estava excitada pelo que fez com ela.

Olhou seu sexo. Sim, também tinha sangue. Já não era virgem.

Ela já não era... gemeu baixinho e cobriu a carne inchada e exposta com a mão para lhe dar calor.

Bryn elevou o rosto e o olhou sem olhá-lo. Ela podia notar o calor e a claridade através do tecido negro que a impedia a visão.

—De onde vem essa luz? — Perguntou com voz rouca.

Ardan ia responder, mas então Bryn disse:

—Não importa, Theodore. Vai acabar o que começou? —Perguntou o transpassando através do lenço negro. — Porque espero que não me deixe assim. Estava gostando e não acredito que não exista nada mais...

Aquilo tirou o highlander de sua incômoda situação, e sentiu como se o esbofeteassem. Sim, acabava de foder Bryn. Arrebatou sua virgindade e a fez acreditar que era outro quem o fazia. Era muito normal que ela dissesse isso.

Mas o dalradiano não respondeu. Deixou-se cair de joelhos ao chão e olhou sua virilhas manchada de sangue e de excitação.

Voltou a puxar suas nádegas e aproximou seu rosto dela. A lambeu e limpou o que ele fez. Engoliu sua dor e também o ódio.

—Ei, o que está fazendo?

Bryn choramingava a cada toque e estremecia de prazer. Mas Ardan não queria lhe dar mais, não ia fazer nada mais.

A vergonha o sacudiu, e como não sabia o que fazer com ela nem como enfrentar Bryn, levantou do chão depois de limpá-la, deixando-a vazia e insatisfeita, e decidiu abandonar a masmorra.

Theodore se encarregaria de baixá-la e devolvê-la ao seu quarto.

Ele precisava pensar.

Quando virou para fugir dali e de seu remorso, percebeu que continuava com as asas abertas. Como podia fechá-las?

—Merda... — sussurrou em voz baixa.

Olhou para Bryn, virando a cabeça, e as asas retrocederam e voltaram a ficar gravadas como tatuagem, como se jamais tivessem se aberto.

Claro... as asas obedeciam ao pensar em Bryn.

Apertou os punhos e olhou para o chão, para suas botas militares... o que devia fazer agora? Possuí-la demonstrou algo que se obrigou a negar: Bryn sempre teria poder sobre ele. Não importava o que aconteceu no passado.

Com esse pensamento atormentado, Ardan se afastou da sala e desapareceu através da porta mecânica, deixando Bryn com uma poderosa excitação, Theodore impressionado pelas asas de Ardan, e Sammy pedindo ao highlander que continuasse dando o que queria.

“Todos equivocados. Todos enganados”, esse foi o último pensamento de Ardan quando a porta fechou às suas costas.

CAPÍTULO 14

Lerwick

Um dia depois. Ilhas Shetland

Na metade do caminho entre Aberdeen e a Noruega, no meio do mar do Norte, encontravam-se as ilhas Shetland.

Buchannan vigiava com seus olhos críticos e escuros o movimento do navio que atracou no porto da baía de argila, nome que dava a Lerwick.

Os passageiros, membros da Newscientists como havia investigado e comprovado previamente o atormentado vanirio, estavam tirando caixas e caixas do interior do transporte, e as transportavam ao aeroporto de Tingwall, de onde as enviariam à sede da Noruega.

Ao redor do porto, além das balsas noturnas que ligavam Lerwick a Aberdeen, e alguns barcos pescadores e balsas, achavam-se dois espetaculares drakkar (dragões), navios vikings de cascos trincados que eram o máximo expoente do poder militar dos antigos saxões e vikings. Os mascarões de proa representavam uma cabeça de dragão, daí que a essas embarcações chamassem drakkar.

Construíam-se utilizando pranchas de madeira sobrepostas, e untavam a união das pranchas com breu.

Eram longos, altos e estreitos; seu comprimento estava coberto por remos em cada lado. E tinham um único mastro, e uma vela retangular que, em ambos os navios, encontrava-se recolhida. Parecia estranho que estivessem ali amarrados dois navios fora dessa época; mas não se conheciam as festividades de Lerwick.

Cada ano se celebrava o *Up Helly Aa*, um festival de fogo ou a festa das tochas, que marcava o fim do Natal. Mas, embora não estivessem nessa data ainda, alguns desses drakkar que iam se queimar em tal evento já estavam amarrados como atração turística.

Nesse dia, ao anoitecer, se faria o primeiro ensaio da procissão das tochas por toda a ilha. Um duque que pertencia há mais de quinze anos de um comitê, guiaria o povo e, depois, a comitiva se reuniria ao redor do porto e queimariam um dos drakkar lançando suas tochas.

Buchannan, suspenso no céu do entardecer, sentado como um índio e escondido entre as nuvens, observava os movimentos da organização de cientistas humanos, todos guiados por nosferatus e lobachos. Continuavam transportando suas caixas repletas de terapia *Stem Cells* e as transferiam a outro lugar no qual pudessem mantê-las melhor.

Nos camarotes dessa balsa se encontravam os escravos de sangue, que continuavam recebendo o tratamento para estar no ponto correto e saciar os vampiros que usavam a técnica de rejuvenescimento maciça.

Esta noite atacariam e os pegariam de surpresa.

Seu telefone soou e ficou alguns segundos olhando a tela.

O *laird* estava ansioso que lhe desse boas notícias e as tinha.

—Buchannan —disse a voz de seu respeitado líder, do outro lado.

— *Laird* — o saudou ele.

—Me informe.

—Esta noite podemos atacá-los e pegá-los de surpresa. Ninguém nos espera.

—Os tem perfeitamente situados? Deixou tudo preparado?

Buchannan dirigiu seu negro olhar aos navios que havia sob seus pés.

—Sim.

—Quando podemos nos mobilizar?

—Agora mesmo se desejar. Não demorariam mais de três horas em chegar. Nos apressaremos e os eliminaremos rapidamente.

A linha ficou em silêncio.

—Mandy estaria orgulhosa de você, Buch.

O vanirio sorriu com tristeza e fixou seu olhar num casal humano que olhava o drakkar e tirava fotos com ele.

A saudade o sacudiu.

Sim, Mandy. Sua adorada Amanda estaria orgulhosa dele se soubesse que não se rendeu. Mas de nada valia seu sacrifício se não podia voltar a vê-la, pensou abatido.

Confiaria que tudo sairia bem e que sua *cáraid* não se sentiria decepcionada.

Não tinha sucumbido ao sangue. De algo devia valer sua luta, não?

—Sim, Mandy deveria ficar.

—Nos preparemos e vamos para lá. Não perca a comunicação.

—Não, *laird*.

—Bom trabalho.

—Obrigado, *laird*.

Quando cortou a comunicação, Buchannan meditou sobre as consequências do que iam fazer.

Destruição era destruição, fosse do lado que fosse.

Ele era dos bons e o destroçaram, arrebatando dele o que mais amava em seu mundo, o pilar de sua existência.

Uma vez que perdeu isso, o que restava? Honrar sua lembrança a seu modo e saber que, quando voltassem a se ver, se a vida o permitisse, ela recordaria e valorizaria que lutou cada amanhecer e cada anoitecer em seu nome.

Escócia

Eilean Arainn

Não viu Bryn o dia todo.

Ardan precisava tomar distância e se afastar do que aconteceu em sua masmorra. Porque não vê-la, não olhar naqueles olhos claros que cobriu para fazê-la sofrer e que pensasse que era outro quem a tocava, era como se pretendesse que nada disso aconteceu.

Mas aconteceu. Aconteceu.

Não entendia o que se removia seu interior. Como amo, submeteu muitas mulheres. Muitas. Aquilo não era diferente de algumas coisas que fez quando pediram a ele.

Havia humanas que, antes de iniciar as sessões, haviam pedido que as fizesse se sentir indefesas, de mãos atadas, vulneráveis e que as dominasse as fazendo acreditar que na realidade abusava delas.

Como se quisessem que as forçassem somente em suas fantasias.

Os gostos do ser humano... os escuros e os claros, os viciosos e os perturbados, todos podiam se realizar nas mãos de um bom amo. E ele era.

Mas, com Bryn, nunca procurou o prazer dela, nem sequer seu próprio prazer.

Sua vingança e os métodos empregados para consegui-la não o faziam se sentir bem. A nenhum dos dois.

Exceto no momento em que explodiu em seu interior. Aí sim obteve prazer, mas só ele. Tirara a *Escada de Jacob* do pênis, para que ela não notasse as protuberâncias metálicas e se desse conta que quem estava entre suas pernas era ele.

Mas, depois de estar com ela, voltou a colocá-la. E agora, se pensava na Valquíria, no calor de seu corpo e no perfeito que era para ele, até tendo o tamanho que tinha, tornava a ficar duro e desejoso de estar com ela.

Foi um engano; um fodido engano se deixar levar pela ira e arrebatado sua virgindade. Nunca devia tê-la tocado. E, igualmente, sabia que seria incapaz de não tocá-la quando voltasse a vê-la.

Porque Bryn, fosse o que fosse, era um ímã para sua natureza; um ativador de seu instinto mais primitivo e masculino.

Bryn ficaria todo o dia em seu quarto. Quando finalizou a sessão, Theodore a levou ali e a prendeu. Menos mal que pôs portas de segurança novas, porque as anteriores ficaram imprestáveis depois da martelada de Gunny.

A questão era que a jovem Valquíria continuava ali. Muito perto dele, muito. E se supunha que ele já não podia ameaçá-la mais sobre devolvê-la ao Valhala. Bryn pagou as consequências, verdade? Mas, então, por que não se sentia satisfeito, nem à vontade? Por que não podia se sentir descansado e feliz?

Precisava relaxar; e para isso passou todo o dia trabalhando, analisando os monitores dos pontos eletromagnéticos com Miya e Róta, informando-se sobre os estados salinos dos mares da Escócia para saber se haviam ovos de *purs* e *etones*, ao lado de Gabriel e da filha de Thor.

Nenhum deles falava com ele.

Só conversavam sobre a missão e dividiam o trabalho. Cada um sabia o que devia fazer.

Róta era a que pior o olhava. Na realidade, a intensa guerreira nunca lhe caiu mau, ao contrário. Gostava dela e parecia divertida e criativa; mas, nesse momento, na Central, a ruiva nem sequer perguntou por Bryn, nem tampouco o insultou ou o repreendeu como fazia há três dias.

A jovem manteve silêncio, evitando encontrar seu olhar e tocando a todo momento o samurai, como se o meio japonês desse a ela a paz interior que desejava. Uma tranquilidade que seus nervos, descontrolados por sua presença, procuravam desesperadamente para não originar uma nova guerra.

Esteve todo o dia trabalhando para não vê-la nem enfrentar as consequências do que fez. Mordeu a língua para não perguntar à Gabriel se as asas dele também abriam... Mas achou inapropriado.

De repente, tudo parecia muito íntimo e não gostava que soubessem que, finalmente, transou com a General. Bom, que a fez sua.

Agora se encontrava no lombo de seu cavalo, Demônio. Seus olhos cor de caramelo permaneciam fechados, enquanto deixava que os últimos raios de sol, que se escondiam atrás das majestosas montanhas, roçassem seu rosto.

Já não teria poder sobre ela. Fizeram um trato e ele o respeitaria. Bryn quebrou sua promessa de amá-lo eternamente, mas ele não desprezaria sua palavra. Era fiel a esta até as últimas consequências. A libertaria.

—Acabou, Bryn —jurou ao céu tomando ar pelo nariz.

Tentava relaxar, mas o desgosto que sentia encolhia seu peito.

A despedida do sol deu lugar a noite. Era momento de deixar sua vingança de lado e se concentrar na missão.

Buchanan estava convencido de ter achado a posição exata dos escravos com a mercadoria *Stem Cells*. Iriam a Lerwick e chegariam no final de todo aquele assunto.

Gabriel e Miya o acompanhariam; e sua fortaleza ficaria flanqueada pelos berserkers e seu grupo de *einherjars*. Os trigêmeos não estavam em condições de brigar e ficariam em repouso até que se recuperassem de suas profundas feridas, se é que chegariam a se recuperar.

Ardan esporeou Demônio, e juntos desceram a colina em grande velocidade.

Agora só restava viajar até as Ilhas Shetland, e ver, finalmente, onde deixavam os escravos. Poderiam encontrar seu centro neurálgico e averiguar a localização da sede da Noruega. Só restava essa para derrubar; esse último para aniquilar a organização de cientistas e assassinos que queriam acabar com eles, com os seres imortais como ele.

Loki trabalhava com as almas perturbadas e poluídas.

Mas Odin e Freyja contavam com um grupo de guerreiros selvagens que, embora alheios ao que realmente era correto ou não, lutariam às cegas por suas crenças.

Ou os interrompiam no Midgard, ou seria o *Ragnarök*.

Em algumas horas, saberia o que proporcionaria o destino à Terra Media.

Bryn permanecia estirada de barriga para baixo na cama.

Não se moveu desde que Theodore a prendeu em seu cárcere particular, exceto para escrever em seu diário, que deixou aberto sob a cama, abandonado e esquecido como ela se sentia.

Quantas horas estava ali?

Queria descansar, desaparecer no sono e ver de novo o Valhala.

As Valquírias não precisavam dormir; mas, desta vez, a General queria recorrer a algo que eliminasse sua ansiedade e sua tristeza.

Theodore. Foi esse *einherjar* quem tirou sua virgindade.

Como aconteceu tudo aquilo?

Sempre acreditou que aquele tesouro era de Ardan. Sempre imaginou que seria ele quem a possuísse, e não um homem desconhecido que, além do mais, a odiava.

Mas, no fim, tampouco agradava ao dalradiano.

Entretanto, depois da dor inicial e da vergonha, seu corpo despertou. Doía entre as pernas; era um tortura de frustração e insatisfação. Não chegou ao orgasmo, a deixou às portas dos fogos de artifício.

Afundou o rosto no espartano colchão e se surpreendeu ao ver que já não derramava nenhuma lágrima. Seus olhos estavam secos, como a planta morta de tristeza que perecia porque não a regavam.

—O mentecapto pôs portas novas.

Bryn abriu os olhos. Era Gunny quem falava. Certamente pretendiam tirá-la dali outra vez. Não tinha vontade de se mover, queria que a deixassem afundar em sua miséria pessoal. Que a deixassem chorar nesse momento.

—O tranças está louco —grunhiu Róta. — Não bastará as portas — sua voz estava cheia de uma risada maligna.

—Afasto-se —disse Gúnnr. Fez-se o silêncio e depois acrescentou: — Pai.

Algo cortou o vento, algo como por exemplo, a réplica de *Mjölnir* que impactou contra a porta metálica e a arrebentou.

Gúnnr e Róta apareceram através de uma nuvem de poeira, com os olhos completamente vermelhos ao ver o estado no qual se encontrava Bryn.

Cobriu-se com a manta cinza que Ardan deixou para ela.

Tinha o cabelo loiro disperso pelo travesseiro e, por cima do feio cobertor, o pomposo colar de cão cobria parte da branca pele de seu pescoço, como um aviso de quão manchada estava.

Róta engoliu em seco e Gúnnr olhou para o outro lado. Jamais viram sua General nesse estado. Mas ela não queria ajuda, não quis que a ajudassem. Era como se Bryn, na realidade, necessitasse desse tratamento por parte de Ardan, como se ela na verdade acreditasse que o merecia.

A ruiva fez das tripas coração e sentou no colchão.

Bryn estava de costas para ela e continuava imóvel. Róta estendeu a mão e penteou seu cabelo loiro e pálido com os dedos. Deuses, aquilo não era justo. E, além disso, sentia-se parte envolvida no castigo de Bryn. Parte responsável. Sua *nonne* rejeitou o amor de sua vida para cuidar dela, para que não fosse para o lado escuro.

Seus olhos se encheram de lágrimas e apertou os lábios, angustiada.

—Ardan nos disse que já não está presa —anunciou Gunny tensa e triste por ela. — Saia daqui agora mesmo.

Bryn exalou o ar que retinha em seus pulmões.

—Onde está ele agora?

—Foi para Lerwick com Miya e Gabriel —respondeu Gúnnr. — Estamos encarregadas do castelo.

—Sim, nós e os berserkers, e os *einherjars*... —acrescentou Róta girando os olhos.

Bryn não disse nada mais e Róta estremeceu.

—Theodore está lá embaixo? —perguntou subitamente.

—Theodore? O *einherjar* romano empertigado? —Róta franziu o cenho.

—Sim —respondeu Gúnnr. — Estão no salão. Vão jantar todos juntos. Inclusive os pequenos berserkers e suas mães. Fazem-no uma vez por semana, sabe? — Explicou docemente, sentando do outro lado do colchão e pondo uma mão sobre seu quadril. — É como um jantar de irmandade. Todos se dão muito bem... Venha, vamos descer, Bryn. Gostará de vê-los.

—E Johnson?

—Também está lá. Não se separa de Steven —comentou Róta, afastando a manta de cima do seu corpo. Bryn vestia uma camiseta negra de alças ajustadas, que deixava ver suas asas geladas, e calças curtas da mesma cor. — Calce as botas e desça conosco. Acabou sua reclusão.

Bryn, desinteressada, deixou que suas *nonnes* pusessem as meias grossas que cobriam seus joelhos e as botas de cano alto escuras.

Gúnnr a segurou pelas bochechas com tato e juntou sua testa à dela.

—Que demônios esse cara fez com você?

—Estou bem —mentiu apática. — Só me sinto cansada.

Róta e Gúnnr olharam uma à outra.

—Já não é virgem —assinalou Róta com obviedade.

—Não —replicou Bryn afastando-se de Gúnnr e dando as costas às suas irmãs. Tinha que sair dali. Não podia falar do acontecido na masmorra. — Nenhuma das três somos.

—Suas asas não se abriram —replicou Róta com cara de poucos amigos —... continuam pálidas, não mudaram de cor.

—Não. Não o fizeram — parou e olhou Róta por cima de seu ombro.

—Por que? —Exigiu saber, trêmula e ferida pelo que intuía que aconteceu a Bryn.

A loira deu de ombros e não deu importância. Não podia dar. Se autoconvenceria que aquilo não era importante.

Antes era virgem, e agora já não era. Lutaria para não se sentir mal nem suja.

—Coisas que acontecem.

A dor cegou Róta. Sentia seu próprio desconforto, inclusive seu desassossego.

—Não pode me enganar. A mim não. Não sei o que aconteceu, mas a mim tampouco ninguém ofende impunemente. E se alguém a machucou, também machucou a mim.

—Isso é agora, Róta, porque, durante eras, importou-se bem pouco com o que me acontecia. —respondeu sem medir suas palavras.

—Bryn —disse Gúnnr alarmada.

—Tem razão. —A Valquíria aceitou sua recriminação. Bryn não dizia nenhuma mentira nem omitia nenhuma verdade. As coisas eram tal qual as pronunciava. — Mas acontece que voltei, e você nunca deixou de estar aqui — pôs uma mão sobre seu peito. — Estamos aqui, Bryn. Se não quer me contar o que aconteceu, não conte. Mas sinto muita dor... E vem de você.

Bryn se emocionou ao ouvir suas palavras. Róta sempre a comovia. A mais bruta de todas tinha o dom de tocar sua fibra sensível quando se justificava.

—Passará, *nonne* — tentou acalmá-la, mas sabia que não conseguiria. Saiu pela brecha da parede sem olhar para trás.

—E a mim também passará esta angústia —prometeu Róta com os olhos turquesas fixos nas costas aladas e geladas de Bryn. — Por isso, quando o tranças chegar, o matarei.

CAPÍTULO 14

Lerwick

Ilhas Shetland

Gabriel olhava as asas de Ardan. Observava como as movia.

Eram novas, sem dúvida. E isso só podia significar uma coisa: Ardan e Bryn transaram.

Tinham um *kompromiss*, por muito que se odiassem. E quando Valquíria e *einherjar* comprometidos se uniam, as asas de ambos se abriam.

Gab esperava que resolvessem suas diferenças e que Ardan relaxasse de uma vez por todas e visse que ninguém ameaçava sua liderança em sua terra. Eram uma equipe e devia entendê-lo.

—As asas do highlander saíram. —disse Miya com gesto sério. — Agora já pode voar.

—Sim. —Ardan o olhou de esguelha. — Agora ninguém poderá me deixar cair como uma merda de pássaro. —Recordou quando Miya voava pelas colinas do bosque de Galloway e levava Ardan nos braços. O jogou pelos ares e esperou que o *einherjar* soubesse cair como os gatos.

Miya sorriu; pareceu divertido fazê-lo.

—Então, já libertou Bryn de sua restrição? —perguntou Gab cravando os olhos nos pequenos faróis de luzes que se moviam em uníssono pelo porto de Lerwick. Eram as tochas da procissão. Aquela mesma noite se celebrava o ensaio do *Up Helly Aa*.

Ardan permaneceu em silêncio e verificou em seu iPhone o programa de localizadores biométricos que atualizou. Buchanan tinha razão: o sinal procedia do porto que aparecia sob seus pés.

Interrogariam os que estivessem com os escravos; destruiriam todo os testes das *Stem Cells* e, se cruzassem com eles, matariam todos os servos e jotuns que se apresentassem diante deles.

—Sim. Já não quero mais nada dela —respondeu direto.

—O rancor e a vingança nunca proporcionam contentamento. —Sentenciou Miya enquanto tirava sua *chokuto* e roçava a lâmina com as pontas de seus dedos.

Ardan sabia; mas saber disso não fazia que compartilhasse aquela opinião. Ele devia mostrar aos outros quando o machucavam ou quando o decepcionavam. Se não, como saberiam se alguma vez se equivocavam? Se ninguém os corrigia, como aprenderiam com seus enganos?

—O mundo está cheio de perdão, por isso todos continuam se comportando igualmente mal —sentenciou o highlander.

Gabriel negou com a cabeça e olhou Ardan com curiosidade.

—Que filósofo lê?

—Eu? —perguntou Ardan atônito. — Não, amigo. A filosofia deixo para vocês, que andam direitinho para alcançar a iluminação. Nem me interessam os pensamentos existenciais de outros, nem medito tanto.

—Deveria. Às vezes, na vida e na guerra tem que ter a cabeça mais fria... Além disso, de onde tirou essa frase? —o instigou o loiro — Do Enterrador?

Ardan sorriu e estalou a língua.

—De Ardan das Highlands, Engel. Conselheiro, assassino em exercício — recolocou as ombreiras de titânio e olhou à frente — ..., e anticristo.

Gabriel e Miya o olharam divertidos. O highlander era um cara divertido, de humor um pouco escuro e caráter anti-social; mas, no fundo, tinha seu ponto.

O celular de Ardan soou.

—Fale, Buchannan.

— *Laird* —respondeu a voz do outro lado.

—Estamos sobre a ilha. Onde se encontra?

—Há um Ferry preto e branco ao lado dos navios drakkar. É uma balsa de carga de rodas. Tem vidros fumês, e é de uso particular. Vê?

—Sim.

—Bem. O sinal vem dali. Estou em pé, na parte superior. Está me vendo?

Ardan o buscou com seus olhos de Kohl, e assentiu assim que o localizou.

—Vejo.

—Ficarei aqui, vigiando e controlando para que ninguém escape. A balsa tem um duplo piso no inferior. Ali desceram caixas com terapia e máquinas de transfusão. Acredito que estão montando um laboratório móvel.

Ardan prestava atenção às palavras do vanirio. Era muito coerente construir algo que tivesse mobilidade em vez de se localizar em algum lugar físico e fixo, do contrário sempre existia risco de que os encontrassem e os atacassem.

—Entendido, Buch. O sinal biométrico está ativado e marca a posição que indica. Os escravos estão no interior??

—Sim. Não saíram de lá o dia todo, estive os vigiando.

—Compreendido. Mantenha-se a postos. Nos infiltraremos no Grande Ferry. Cuide que não saia ninguém e que os humanos não vejam o espetáculo. Poderá fazer isso?

—Eu o ajudarei —assegurou Miya. Também era vanirio e tinha um grande poder mental. Podia manipular as mentes dos humanos com grande facilidade.

—Perfeito. Adiante, então.

Ardan cortou a comunicação.

Ninguém os esperava. Isso era o melhor.

Embora Ardan adorasse os choques frontais e poder se adiantar aos movimentos, também estava bem porque agia com a segurança do fator surpresa de seu lado.

E Buchannan fez um grande trabalho que lhes dava a oportunidade de pegar todos com as mãos na massa.

Aproveitariam-se disso.

Os três guerreiros desceram e aterrissaram sobre o andar central do grande Ferry. Dali, podiam ver a imensa multidão assinalando o navio viking que se localizava a escassos trinta metros de onde se encontravam.

As tochas ardiam em suas mãos, enquanto aclamavam e gritavam com alegria. O fogo queimaria os pecados de todos, alguns mais pecadores que outros. Mas arderiam igual.

O mar permanecia calmo; e as luzes do porto conferiam uma imagem digna de um quadro marinho e noturno.

No andar de cima, Buchannan continuava meio oculto, controlando tudo que podia ver daquela raça humana, inferior e ignorante; e, entretanto, protegidos pelos deuses e seus guerreiros.

Gabriel tirou suas espadas e foi ao cabeça do trio. Enquanto isso, Ardan continuava olhando a tela, controlando o movimento dos servos; e Miya preparava os microexplosivos que instalariam em todo o Ferry e que detonariam no caso de precisarem.

Desceram as escadas que os levaria ao andar inferior e Gabriel abriu a porta com um chute e ambas as espadas de cada lado de seus quadris.

Ardan e Miya o seguiam, o samurai com sua *chokuto* e Ardan com suas espadas de *einherjar* no alto.

Não cheirava muito bem. O fedor que emergia daquela sala completamente às escuras entrava nas fossas nasais e recordava palha e excrementos das fazendas.

Os três guerreiros fixaram seus olhares, e se deram conta que ali não havia nem um bípede, nem um humano. O andar estava lotado de porcos enormes que iam de um lado ao outro, procurando e roendo comida pelo chão manchado de ferrugem e imundície.

Ardan grunhiu desconcertado. Assegurou-se que o sinal dos chips continuava em movimento e percebeu que eram os porcos que tinham os chips.

—Mas, que diabos é isto?

—Porra... —Gabriel, incrédulo, não podia acreditar no que viam seus olhos— Miya, contate Buchannan mentalmente —ordenou. — Nos prepararam uma armadilha e talvez esteja em perigo ali fora.

O samurai tentou e negou com a cabeça. Fez uma varredura mental para captar o sinal de Buchannan.

—É o navio. Não deixa transpassar as ondas mentais. Acredito que há um anulador de frequência —afirmou o oriental.

—Então saia e encontre-o —pediu Gabriel, olhando Ardan. — Que nos explique onde viu que colocavam caixas neste navio e que os membros da Newscientists entravam e saíam daqui.

Miya saiu para procurar Buchannan; e Ardan passou as mãos pelo cabelo, apertando os dentes com frustração.

—O que acha, Ardan? —perguntou o líder dos *einherjars*.

—Penso coisas que não gosto. —Reconheceu muito sério.

Ambos olharam um ao outro, quase lendo a mente.

Estavam num Ferry perdido em Lerwick e abarrotado de leitões enormes. Tinham assegurado que ali se encontravam os escravos... E não era assim.

—Devem ver isto. —Miya apareceu pelo umbral da porta, com gesto muito sério e ansioso.

Quando subiram ao andar superior, seguindo o *kofun*, encontraram um homem vestido de negro, parecido com Buchanan, mas não era Buchanan. Não era o amigo de Ardan.

O escocês olhou o indivíduo, rígido e morto, que se sustentava de pé com um respaldo metálico acoplado às suas costas e piscou incrédulo.

Não. Não era Buch.

Era alguém desconhecido, uma marionete.

Ardan fechou os olhos um instante para entender o que estava acontecendo. A consciência o golpeou com força e seu rosto perdeu o cor.

—Este homem não pôde ligar para você —assegurou Miya inspecionando o morto. — Está rígido.

—Devolva a chamada ao celular de Buchanan —sugeriu Gabriel, estudando os arredores e o que acontecia no porto.

As pessoas, excitadas, estavam se preparando para jogar suas tochas no drakkar e envolvê-lo em chamas.

Ardan procedeu, nervoso e mal-humorado; mas o telefone estava desligado ou fora de cobertura.

—Não posso acreditar nisso... Filho da grande puta! —gritou cheio de raiva lançando o telefone contra a parede. Não podia ser... De verdade Buchanan trapaceou? Não queria acreditar nisso. Isso era uma cilada. O que pretendia fazer?

Gabriel e Miya não quiseram fazer mais críticas e permaneceram segundos em silêncio, respeitando o mal-estar de Ardan.

—Vamos sair daqui —sugeriu Miya, olhando o céu noturno. — Os nosferatus vêm. São muitos —assegurou com os olhos prateados, mais claros que o normal. Prendeu o cabelo num rabo de cavalo alto, como Gabriel, e se prepararam para enfrentá-los.

Mas, então, a primeira tocha caiu no drakkar, que estava tão perto deles, que o fogo acendeu com rapidez... As pessoas continuaram jogando suas tochas até que se deram conta que as labaredas não eram normais e que o fogo distava muito de estar controlado.

Apesar das chamas, o fogo não era tão agressivo como o que veio como resultado dele. Os três guerreiros tentaram fugir do Ferry, mas o drakkar explodiu e dele saíram milhares de munição de luz diurna e outros cheios de ácido que impactaram não só nos humanos, mas também nos corpos de Gab, Miya e Ardan.

Miya, que como vanirio supunha-se que devia manter afastada as mentes humanas, foi vítima de centenas de projéteis de luz diurna, que fizeram que gritasse e caísse no mar, sem forças para continuar levitando.

Os corpos de Ardan e Gab se converteram em coadores; os mísseis de ácido transpassavam sua pele, e alguns ficavam dentro, desfazendo músculos e órgãos.

Enquanto Ardan desfalecia, detento da dor e da impotência, cravou seus olhos uísque na fumaça que cobria o teto estelar e viu emergir um grupo numeroso de vampiros jovens que ia para eles. Vampiros rejuvenescidos e não decrepitos.

Pensou em quão irresponsável foi ao não controlar Buchanan, ao confiar em suas diretrizes com tanta facilidade. E recordou as palavras de Bryn que insinuavam que não confiasse nele.

Foi pensar nela, e suas asas tribais se abriram de par em par.

Bryn sempre provocaria coisas nele, boas ou más; mas nunca seria indiferente.

Ferido gravemente e sangrando, retomou o controle de seu corpo e esperou os nosferatus.

Gabriel, por sua vez, se lançou ao mar para procurar Miya. A luz diurna era mortal para os vanirios, e muito dolorosa. O samurai afundou no mar e esperneava lutando para expulsar de seu corpo todos os projéteis que impactaram em sua carne.

Quando Ardan viu que o Engel se lançava para resgatar um dos seus, uma revelação cruzou sua rebelde, escura e inflexível mente.

O líder dos *einherjars* não só era um estrategista frio; era algo mais: um puto herói empático que arriscava sua vida pelos outros, do mesmo modo que outros a arriscavam pela dele. E era admirável.

Buchanan continuaria desaparecido quando eles saíssem dessa.

Mas Ardan não descansaria até caçá-lo.

A pergunta era: Sairiam dessa? Todos?

Escócia

Eilean Arainn

A noite nublada e fechada caiu sobre a Ilha de Arran.

As ondas arremetiam com força contra os escarpados e o vento soprava sem medida. As ruas estavam vazias, e nos lares as chaminés eram acesas, com os humanos ao redor delas, assustados e cheios de terror pelo novo ato terrorista que acontecia em Lerwick. Já eram muitos; e em muito pouco tempo.

As pessoas falavam de guerras civis e terrorismo sem piedade... O mundo desaparecia na escuridão; e os atos de vandalismo aconteciam um após o outro.

Mas os seres como ele sabiam que todos esses movimentos estavam orquestrados por cabeças pensantes mais poderosas; por guerreiros que já não tinham escrúpulos e que utilizavam o Midgard como seu principal campo de batalha.

Os humanos se corrompiam e participavam deles com sua ignorância. Como os imortais também perdiam a fé, desgastados pelo tempo, e decidiam fazer o mal; simplesmente, porque era melhor e mais divertido.

—Buchanan.

O citado, que permanecia perto da fortaleza de Ardan olhando sua majestosidade e seu poderio, girou para encarar seu *laird*.

— *Laird* —o saudou.

Cameron sorriu e deu uma mão num gesto amistoso, enquanto com a outra segurava um cigarro. Seu topete laranja e mal penteado estava ligeiramente descolorido. Vestia-se com tons escuros e um grande sobretudo negro. O lobacho elevou os olhos opacos para a montanha e lambeu os lábios.

Nem Buch nem ele eram amigos; mas devolveria metade de seu alma em troca de trair o clã de Ardan. Por isso Buch se vendeu; porque necessitava de Mandy com ele. E Cameron sabia.

Cameron sabia tudo que acontecia no castelo. Os dedos-duros não tiveram piedade com o highlander, seu prezado *laird*.

Primeiro foi Anderson quem caiu. Depois, era inevitável que Buch se voltasse para o lado de Loki; e ele soube como o tentar. As mulheres eram o calcanhar de Aquiles dos guerreiros de Freyja, verdade?

Quando mataram Mandy, Cameron ofereceu a Buch devolvê-la à vida mediante a terapia *Stem Cells* em troca que o ajudasse na conquista de *Eilean Arainn*. O triste e patético vanirio aceitou às cegas; tal era seu desespero pela perda de sua companheira...

Primeiro deixou que se encarregasse da destruição do ESPIONAGE.

Cameron e os seus não imaginavam que Ardan fosse tão inteligente e tão obscuro para dirigir um local desse tipo e controlar assim os patéticos escravos dos vampiros. Mas o fez, e riu dele. Por isso conseguiram deter o teste de sangue, e por isso impediram a maldita devastação em *Urquhart Castle*. Depois que Buchannan os avisou sobre isso dois dias atrás, Cameron pediu que enviasse dois escravos com explosivos ao ESPIONAGE e que o fizesse quando Ardan e os outros estivessem lá. Mas Ardan não se encontrava dentro, só os trigêmeos.

Quando o vanirio se certificou que o local ficou completamente imprestável, não esperava encontrar Ardan e a Valquíria protegidos por uma estranha cúpula no exterior. Buchannan não pôde acabar com eles, assim se fez passar por herói tentando salvar Logan e seus irmãos, e fazendo-o diante de Ardan e da loira guerreira.

Por isso Ardan acreditou na palavra de Buch, seu ex-amigo, e agora estava em Lerwick, a ponto de ser assassinado. E matariam o japonês e o loiro de cachos com um só disparo.

Sorriu. As coisas saíam bem.

Evitou começar a rir quando Buch lhe dirigiu uma dessas olhadas de cordeiro degolado. Sabia o que viria a seguir: Buch perguntaria pelo estado de sua mulher e se por acaso a terapia deu frutos.

—Mandy já abriu os olhos?

Claro como a água. “Patético guerreiro”.

—Poderá ver Mandy amanhã. Sim; está acordada. A terapia restituiu seu corpo e suas feridas, e agora está tomando consciência do que aconteceu. Tem muita fome, Buch.

Os olhos de Buchannan se iluminaram de alegria e sorriu concordando. A traição valia a pena se era por um bem maior. Sua Mandy merecia seu sacrifício; e ardia de desejo de alimentá-la.

—E Ardan? —perguntou Cameron passando a mão pelo cabelo arrepiado e dando uma tragada em seu cigarro. O interessava que o maldito *laird* desaparecesse.

—Fiz o que me disse. Passei os chips aos porcos e carreguei o drakkar com munição. Os nosferatus se encarregarão do resto. Não sairá vivo de lá.

Cameron assentiu e olhou o castelo.

—A guerreira loira, a dos raios... Diz que está ali dentro?

—Sim, Ardan a trata como uma escrava. Ela e duas mais como ela estão ocultas atrás das paredes do castelo.

No dia anterior, Lucius e Hummus estiveram a ponto de abrir um portal em Aberdey. Um que os levaria a Bífrost; dali poderiam ter entrado nos reino de Asgard e foder os Aesir e os Vanir. Tinham tudo pensado. Mas o druida dos vanirios de Black Country encontrou Heimdal e, mediante seu corpo, abriu um portal direto ao reino dos deuses, o devolvendo ao seu lar.

Hummus não pôde entrar no portal porque uma Valquíria loira que lançava raios muito potentes, ocasionou uma força elétrica contrária a que abria o acelerador. Abbey Church explodiu; e Hummus se desmaterializou para escapar dali.

O semideus ainda estava se recuperando em sua ilha.

A Valquíria se encontrava em *Eilean Arainn*, e Hummus exigia sua cabeça. Além disso, precisavam aniquilar os berserkers e o clã de Ardan para ter campo livre na Escócia. Breve abriria um novo foco, um novo vórtice, e não queriam mais resistência. A terra já tinha despertado, e as portas se revelavam. Com a lança de Odin na mão, os reinos se abririam assim que a ponta tocasse o chão do Midgard. E a guerra, a batalha final, se desataria.

E ninguém imaginava onde estava a lança. Só ele sabia.

—Por onde devemos entrar? —perguntou ansioso para destruir aquele lugar.

—Entrarei primeiro — informou Buch. — O sistema de proteção me reconhece. Primeiro desconectarei a segurança. E, depois, darei o sinal para que entrem na fortaleza. Não quero saber o que farão —disse olhando o chão. — Só façam o que tiverem que fazer.

Cameron deu de ombros e tirou o cigarro da boca.

—Não é um bom momento para arrependimentos nem para ataque de consciência. Escolheu Mandy e esqueceu todo o resto, recorda?

Buchanan levantou a cabeça e o olhou afetado.

—Quem é seu *laird*? — perguntou Cameron desfrutando do momento vulnerável de Buch.

—Você.

—Quem devolverá sua *cáraid*?

—Você.

—A quem deve?

—A você.

—Então, guerreiro, não se esqueça. —Sim. Que ninguém esquecesse. Ele era o verdadeiro líder dessas terras, mas Ardan sempre quis protagonismo, e tentou com todo seu esforço impedir que implantasse sua lei. Agora, chegou seu momento. Muitos caíram; Samael, Strike, Lillian, Seth, Khani, Seiya, o próprio Lucius... Mas ele continuava. Ao pé do canhão. Demonstraria a Loki e a Hummus que também podia ser digno de sua estirpe. — Vá para dentro. E nos abra o caminho.

Buchanan assentiu submissamente e se virou para entrar através de uma porta revestida de pedra da montanha.

Cameron jogou o cigarro no chão e encheu os pulmões de vaidade. Tirou uma ampola diminuta de sua jaqueta, a abriu e lançou o conteúdo em mar aberto. Depois, elevou o braço e acendeu a luz de seu telefone, o movendo de um lado ao outro, fazendo sinais ao resto de sua equipe, que esperava sua ordem para proceder e fazer o mesmo que ele.

O mar estava cheio de ovos de etones e purs. Os esporos deram seus resultados: por fim podiam se reproduzir em águas salinas. Embora soubesse que os vanirios e berserkers tentariam encontrar uma nova terapia de choque, desta vez nada poderia os deter.

Demorariam horas para encontrar uma solução aquosa que detivesse o desenvolvimento dos ovos e, enquanto isso, centenas de etones e purs conseguiriam seu comando em terra firme.

A morte e a destruição eram uma carta muito boa de recomendação para Loki.

E ele ia triunfar.

Bryn observava, aniquilada e enternecida, a quantidade de crianças berserkers naquele salão. As mães sentavam com eles e sorriam e os alimentavam. Eles gritavam entusiasmados por poder compartilhar um momento assim com todo o clã. Alheios ao ódio e ao interesse que despertavam em sociedades como a Newscientists; puros e inocentes. Assim eram as crianças, fossem da espécie que fossem.

Os machos guerreiros se aproximavam deles e os beijavam carinhosamente, para logo se reunir com seus companheiros e dialogar sobre o que foi fazer o *laird* Ardan em Lerwick.

Steven e Johnson sentaram com ela e suas Valquírias, e compartilharam o jantar.

Supunha-se que o jovem berserker estava no comando de todos esses homens, por isso os olhava de vez em quando, controlando tudo que ali se desenvolvia.

Bryn o estudou com orgulho: seria um excelente líder se já não o fosse. Preocupava-se com o bem-estar dos seus e tinha caráter. Era afável mas, atrás dessa afabilidade, havia uma fúria contida que não passava despercebida. Pelo menos não para ela.

E, numa mesa afastada do resto, achavam-se vigilantes e com caras receosas, Theodore e os *einherjars*.

Pelo menos, decidiram ignorá-la. Menos mal. Porque não queria mais brigas; mais que tudo, porque já não tinha autocontrole para manter sua fúria controlada.

Bryn não sabia o que fazer nem onde se meter. Esse homem arrebatou sua virgindade e deu prazer. Não sabia que as Valquírias pudessem desfrutar com outros que não fossem seus *einherjars*.

Mas ela, à margem da violenta cena e de se sentir indefesa e vendida, apreciou. Quis que a fizesse chegar ao clímax, sem pensar se estava certo ou não ou se era correto.

Definitivamente, havia algo errado nela. Algo escuro, pecaminoso e pervertido para que desejasse um pouco mais daquela lascívia e daquele sexo desalmado. Queria mais. Mais dor/prazer, mais vingança, mais raiva... Pelo menos, essa sensação a fez se sentir viva, a afastando da tristeza e do falso estado de submissão no qual se submeteu nesses dias às ordens de Ardan.

Pensou nele, e retornaram a dor e a queimação nas costas.

“Malditas asas congeladas, como doem”, pensou.

Como foi capaz? Ele, que tanto a amou; como permitiu que outro homem a fizesse dele? Em que tipo de monstro se converteu?

Observou as mulheres berserkers que estavam emparelhadas.

Olhavam seus homens com adoração e respeito, do mesmo modo que eles as olhavam; e se sentiu novamente ciumenta, porque ela já tinha perdido a oportunidade de ser amada. Porque ele partiu e o perdeu.

Johnson olhou o prato de Bryn, que continuava cheio. Não comeu nada. O pequeno tocou sua mão com a dele menor e olhou o frango e o arroz de Bryn, que continuava intacto.

A General desviou o olhar para ele.

—O que quer, pequeno? —perguntou, suavizando a expressão assim que o olhou. Johnson e seus incríveis olhos tinham um efeito agradável sobre suas atormentadas emoções.

—Come —disse o pequeno forçando suas cordas vocais estragadas.

Steven piscou surpreso. O híbrido se erigiu como seu máximo defensor. Ali estava: tão pequeno, tão vulnerável, mas sentado ao lado da General e mandando que comesse. O de moicano sorriu e olhou para outro lado.

Johnson era um príncipe apaixonado por uma princesa guerreira muito maior que ele e muito mais forte, mas isso não o impedia de ficar em seu lugar e cuidar dela.

—Quer que coma? —perguntou Bryn divertida.

—Todos queremos que coma —assegurou Róta. Piscou um olho a Johnson— Muito bem, cachorrinho.

Gúnnr levou um pedaço de frango com arroz à boca e olhou o grupo de *einherjars*, marcando território. A filha de Thor não ia permitir mais desafios, nem mais insultos. Ardan libertou Bryn de seu maldito tratamento; já não estava condenada. E um grupinho de *einherjars* sem classe não ia repreendê-la mais.

Uma onda de ternura e também de agradecimento percorreu a General quando olhou suas *nonnes*, Steven e Johnson.

Talvez não fosse a mais popular. Ardan já tinha consumado seu vingança e deixou claro que não era sua Valquíria, nem sequer sua companheira. Preferia a humana, essa Samantha. Por certo, onde estava? Continuava no quarto de Ardan? A teria devolvido para sua casa?

Entretanto, nada disso tinha tanta importância como saber que, no mínimo, tinha a amizade e o carinho dessas pessoas que se reuniam com ela para cobri-la e flanqueá-la; para afastá-la das reprovações e dos duros olhares.

Ela era uma líder, como Gabriel e como Ardan; e, pela primeira vez, sentiu-se orgulhosa de saber que se a seguiam, não era por ser quem era; não a obedeciam somente por ser a mais selvagem e a mais temida; a seguiam porque também ganhou parte de seus corações. E isso era mais valioso que o simples respeito.

O amor fazia que as pessoas fossem fiéis. E elas o eram com Bryn, assim como ela daria sua vida para mantê-las a salvo. Fez uma vez por Róta e, pelo que via, o faria de novo porque descobriu que Ardan não merecia seu amor incondicional.

Um sinal que vinha do relógio de Steven fez os três olharem sua tela digital.

—O que é isso? —perguntou Róta.

Steven apoiou as mãos na mesa e cravou seus olhos amarelos no teto do salão, como se pudesse olhar através dele e ver o que acontecia nos andares superiores.

—Alguém está manipulando o sistema de segurança da fortaleza —sussurrou com os dentes apertados— Não gosto disto...

As Valquírias moveram as orelhas e inalaram profundamente, esperando detectar aromas e aromas próprios dos corpos inimigos.

Quando os detectaram, a resposta não se fez esperar.

—Berserkers! —gritou Steven, entrando em mutação— Em guarda! Entraram na fortaleza!

Subiu sobre a mesa, atirando pratos e copos. Jogou o pescoço atrás e seus músculos se desenvolveram, adquirindo o dobro de massa corporal. Seus olhos amarelos brilharam com desafio, as presas se desenvolveram e o cabelo cresceu numa longa cabeleira vermelha.

As Valquírias, com Bryn as comandando, fizeram o mesmo e correram para cobrir as entradas do salão.

Os *einherjars* tentaram abrir as portas da sala, mas permaneciam bloqueadas. A única saída disponível era a que os levava ao Santuário.

Os guerreiros agiram com rapidez. As mulheres fugiram com seus filhos pela saída traseira.

—Peguem as *Lancias* e tirem as crianças e as mulheres daqui! —ordenou o berserker levando a mão às costas e pegando seu *oks* extensível. As lancias davam à saída do mar, e dali poderiam fugir.

Bryn estudou a situação com visão crítica. Não sabia quem entrou ali e manipulou a segurança. Os gritos dos guerreiros que caíam alagaram o salão.

As berserkers e seus filhos fugiram pela única saída que permanecia aberta; e os guerreiros que tinham sua família entre eles os seguiram para protegê-los.

A porta metálica que conectava com as demais entradas do castelo se abriu e, através dela, apareceram Cameron e seu séquito de lobachos e vampiros.

Gúnnr se pendurou no teto e gritou:

—Pai! —A *Mjölnir* se materializou em suas mãos.

—Ao ataque! —gritou Steven com os olhos fixos em Cameron.

Os *einherjars* tiraram suas espadas e se dirigiram para deter aquela correria de jotuns que entravam sem perdão, dispostos a exterminar os seus.

Steven negou com a cabeça ao olhar Buchannan.

—Traidor! —gritou, dando um salto por cima das cabeças dos berserkers que ficaram para lutar— Valquírias! —olhou-as por cima do ombro. — Levem Johnson daqui! O levem para o Santuário!

Bryn agarrou Johnson nos braços e o colocou nas costas, de cavalinho.

—Eu o protegerei! —Assegurou ficando em guarda e enchendo as mãos de raios.

Róta negou com a cabeça e se situou diante da General.

—Vá, *nonne* —pediu com os olhos totalmente vermelhos e o corpo envolto em energia electrostática. —Leve o filhotinho.

Bryn piscou atônita. Ela era “a Selvagem”, a mais forte das Valquírias. Devia ficar para lutar, para brigar. Esse era seu destino.

—Fora as três! —gritou Steven. —Assegurem-se que as crianças cheguem a salvo e saiam daqui! —A camiseta do berserker se destroçou e mostrou o musculoso torso descoberto, cheio de cicatrizes de todo tipo.

Gúnnr lançou seu martelo, que Cameron e Buchannan esquivaram à perfeição; mas não tiveram tanta sorte os três nosferatus que voavam pelos ares, dispostos a rasgar sua garganta.

Steven saltou para cobri-la e arrancou a cabeça de um quarto que pretendia arranhar o torso da filha de Thor.

Bryn lançou raios a torto e a direito que impactavam e chamuscavam os lobachos de bocas amareladas e olhos negros, que corriam pelas paredes laterais, em manada, dispostos a investir contra todos.

—Leve Johnson, General! —pediu Steven agachando-se para evitar as unhas afiadas de um lobacho. Levantou e, tal como o fez, atirou um murro no peito até afundar os dedos e arrancar o coração. — Tire-o já!

Bryn o faria, mas não sem deixar nocauteados todos os jotuns que estivessem pisando em chão firme.

—Todos para cima! —gritou. Johnson se agarrou ao seu pescoço e afundou o rosto em suas costas.

A jovem agachou no chão e colocou ambas as palmas abertas no chão de madeira.

—Que não escape a loira! —gritou Cameron acabando com a vida de um berserker. — A tragam para mim.

Róta se lançou por Buchannan e o eletrocutou com um raio para proteger Bryn. Agarrou uma mecha de cabelo do vanirio, mas Cameron mostrou as garras e a feriu na coxa com elas.

—Filho da puta! —gritou Bryn. — Saia, Róta! — Ordenou à sua Valquíria, que obedeceu imediatamente.

O canto do lábio da General se elevou com insolência. Seus olhos celestes se estreitaram e se tornaram vermelhos.

Os *einherjars* a olharam atônitos ao ver que não se movia e que vinte jotuns, vampiros e lobachos corriam para ela dispostos a fazê-la em migalhas.

Róta agitou seus *bue*, e o arco e suas flechas de Valquíria se materializaram em suas mãos. Armou o arco com quatro delas e apontou aos jotuns que mais perto estavam de Bryn. Alcançou três vampiros e um lobacho.

O martelo de Gúnnr impactou sobre quatro mais, destruindo-os *ipso facto*. Mas não deixavam de entrar jotuns, e estavam em inferioridade de número.

Steven se dirigiu até Cameron, com sua *oaks* na mão, mas Buchannan barrou seu caminho.

O jovem berserker gritou da raiva. Como Buch fazia isso? Por quê?

—Vou te matar, Buchannan...

—Vamos, Steven! —Ordenou Bryn.

Theodore agarrou Steven por baixo das axilas e com um salto, o levou com ele.

—Que diabos faz, Theo?! —exclamou o ruivo.

—Olhe a Valquíria! —pediu o romano.

Bryn tocou o chão com suas mãos e, como uma onda expansiva, de seu corpo emergiu uma corrente elétrica que percorreu o cômodo e eletrocutou todo ser vivo que entrasse em contato com aquela superfície.

Enquanto os jotuns gritavam e chamuscavam um após o outro, Bryn concedeu mais potência à sua energia, e não parou até que os corpos dos indesejáveis começaram a arder.

—Matem-na! —Cameron, em pé sobre a cornija de uma janela, protegendo-se dela, a olhava extasiado enquanto observava como a guerreira procedia. Bryn era um prodígio da natureza.

As Valquírias aproveitaram o fogo e a fumaça que saía dos corpos dos inimigos para sair daquele inferno e sala de incineração em que se converteu a sala de jantar do castelo de Ardan.

Steven olhou estupefato a quantidade de jotuns que continuavam entrando; não tinha fim. Estavam sentenciados. Como líder, tinha a seu cargo àqueles guerreiros que perdiam um a um suas vidas. Não podiam lutar contra eles. Eram quarenta contra duzentos. Não ganhariam.

—Têm que sair daqui! —Gritou Bryn olhando Steven e protegendo Johnson com seu corpo.

Steven assentiu e, num ato de responsabilidade, valorizou mais suas vidas que a honra caída de perder contra Cameron. Perderiam essa batalha, mas não a guerra.

Os poucos berserkers que restavam em pé junto com os *einherjars* e as Valquírias correram para escapar daquele cárcere.

Ao sair do salão e entrar pelo corredor de pedra que os levaria ao santuário, uma forte luz os cegou. Bryn, que ia encabeçando, cobriu os olhos com o antebraço, enquanto com o outro suportava o peso de Johnson em suas costas.

—Para trás... —murmurou— Para trás! —alertou ao grupo de guerreiros, e correu para cobrir-se.

Fez-se o silêncio e depois... Bum!

Uma incrível explosão arrasou com tudo que se encontrava em seu caminho e os impactou totalmente. As Valquírias criaram uma tela elétrica que os protegeu pela metade do impacto das pedras e do toque do fogo; mas não os salvou da colisão contra as paredes de rocha nem da força centrífuga da detonação.

Bryn cobriu Johnson sob seu corpo, e sofreu todos os cortes, queimaduras e arranhões. Levantou-se capengando, cambaleando de um lado a outro, com o rosto cheio de sangue e o corpo machucado.

—Johnson —pediu Steven agarrando o ombro deslocado, com o osso completamente fora e atravessando a carne. O pequeno o olhou, com os olhos dilatados, atento a essa profunda ferida. — Ei, me olhe, guerreiro... Guie Bryn até os cavalos.

As Valquírias rodearam o pequeno e a General.

—Tire-as daqui —ordenou o berserker ferido gravemente. — Nos dividiremos. Virão atrás de nós; se nos dividirmos teremos mais possibilidades de sobreviver.

Os olhos de Johnson se encheram de lágrimas e correu para abraçar Steven.

O jovem deu tapinhas em suas costas e puxou ar pelo nariz.

—Vamos, menino. Salve as princesas.

Johnson fungou pelo nariz e assentiu, sem as ter todas consigo.

Bryn admirou Steven por muitas razões mas, sobretudo, por escolher outros antes dele.

—Todos nos reuniremos na ilha de Skye —disse o guerreiro. — Na costa de Wester Ross. Há cavernas e temos uma pequena estação base.

—Quem mais as conhece? —perguntou Bryn. Não queriam mais visitas surpresa.

—Só Ardan e eu. É minha casa —assegurou Steven com tom crítico, devolvendo Johnson.

A Valquíria tomou o corpo trêmulo do pequeno e o fez tocar os pés no chão.

—De acordo, Steven.

—Tomem cuidado e se mantenham com vida. Mantenham-se com vida — ordenou com os olhos cravados no topo da cabeça do seu sobrinho.

Bryn prometeu com o olhar enquanto via como Steven, os berserkers que restavam em pé e os *einherjars*, exceto Theo e o moreno Ogedei, iam com ele para desviar a atenção deles.

Bryn se incomodou ao saber que Theo os acompanharia, mas não tinham tempo para pensar em nada mais. Nem sequer em sua vergonha.

Agachou-se e segurou o híbrido pelos ombros.

—Me salve, Johnson —pediu acariciando seu cabelo moreno. — Me tire daqui.

Johnson apertou os lábios e moveu a cabecinha de cima abaixo.

Bryn entrelaçou seus dedos com os dele, e se deixou guiar pelo pequeno corpo daquele pirralho, que tinha mais coragem que um exército de guerreiros juntos.

Correram para salvar suas vidas.

E para encontrar um futuro que talvez tenha deixado de existir para eles.

CAPÍTULO 16

Bryn corria no lombo de Demônio, com Johnson diante dela preso em sua crina como se sua vida estivesse nisso. E estava.

Ambos puderam fugir do desmoronamento do castelo. Havia detonado a base e caiu pedaço a pedaço, parte por parte, pouco a pouco deixando um rastro de morte e destruição em seu caminho.

Sabia que esse era o cavalo de Ardan porque, assim que chegou aos estábulos inferiores, Johnson se dirigiu correndo para ele.

Os jotuns, com *purs* e *etones* juntos, os perseguiram sem descanso. Ainda o faziam, e eram rápidos.

Fazia um tempo que não via Róta e Gúnnr. Havia lutado com um grupo de *etones* repugnantes, que as encurralaram no meio do escarpado.

Sabia que continuavam vivas porque escutava os relâmpagos e os gritos de *Asynjur*, e inclusive, de onde estava, vinha o aroma de queimado das carnes escuras dos *purs*.

Enquanto saltava uma imensa rocha com Demônio, meditou sobre o reaparecimento dessas aberrações de Loki. Acreditava que o crescimento dos esporos parou e que os ovos não podiam crescer em águas de concentração salina, por isso os espalharam em águas doces, como os rios. Mas, aparentemente, os *purs* podiam crescer em ambos os ecossistemas... Havia tantos que era impossível que os humanos não os detectassem. Onde se esconderiam? O que pretendiam? Queriam sair à luz?

Bryn olhou atrás e lançou um novo raio contra os vampiros que os espreitavam. Nenhum os alcançou. Eles voavam, e ela corria no lombo de um lindo animal. Não tinha comparação. Além disso, tinha que procurar não lançar muitos raios porque, do contrário, Johnson sairia ferido.

Não podia permitir que ferissem nem Demônio nem a criança.

Subiu as colinas, galopando como a incrível amazona que era, e seguiu a mão do pequeno que assinalava umas rochas.

Bryn nunca imaginou que se veria com tão poucas condições de lutar contra esses monstros inferiores em seu poderio. Mas assim estava: ferida, com graves queimaduras e perseguida por um grupo de mais de vinte jotuns entre os quais se encontravam lobachos, vampiros, *etones* e *purs*... E não havia *trols* porque não havia como fazê-los nascer no Midgard. E, encabeçando esses indesejáveis, estava Cameron os liderando.

Esse cara tinha fixação por ela.

Se estivesse no Valhala com todo seu exército, outro galo cantaria. Ninguém poderia vencê-la. Não obstante, suas forças fraquejavam, e sem seu *einherjar* que pudesse restabelecê-la de todas as feridas sofridas, no final a alcançariam.

Seguiu as diretrizes de Johnson e se encontrou em frente a cavernas com inscrições gaélicas e nórdicas.

A Valquíria desceu do cavalo. Seus perseguidores a encontrariam cedo ou tarde. Escondeu Demônio por trás das rochas e, correndo, entrou com Johnson dentro delas, o protegendo sob um orifício escondido na própria caverna.

Ele a olhava com os olhos bem abertos. Seu rosto estava manchado de sangue, lágrimas e sujeira. Bryn engoliu em seco e estudou as paredes escuras da gruta.

Havia mensagens nela, mas não se deteve para lê-las.

Não tinha tempo.

—Fique aqui e não saia —pediu com voz trêmula.

Johnson a segurou pelo antebraço e negou com a cabeça, atordoado e angustiado.

—Sim, Johnson — ordenou, desenganchando seus dedinhos de seu pele. — Preciso que você fique a salvo. Ele não suportaria te perder outra vez.

Johnson piscou e franziu o cenho. Tentou sair do buraco que Bryn o meteu; mas a Valquíria foi mais rápida e pegou uma rocha para cobrir a saída e, pelo menos, manter o pequeno oculto.

Ignorando seus gritos rasgados, a jovem saiu da caverna e olhou o exterior.

Os jotuns, com Cameron à frente, subiam pela colina.

Olhando-os com gesto indolente, entendeu que havia momentos nos quais uma Valquíria devia tomar uma decisão. Arriscar tudo ou nada. Morrer com dignidade ou viver ajoelhada. E não queria viver de joelhos.

Sabia que esse não devia ser seu destino, mas era privilégio de uma Valquíria escolher por quem dava a vida e como a dava.

Bryn, “A Selvagem”, sempre acreditou que seu destino era amar um só homem e dar-se a ele; sempre pensou que comandaria as valkyrias na batalha final. Sempre se imaginou gritando em uníssono o *Asynjur!* com suas *nonnes*, quando ganhassem o *Ragnarök*. Porque não concebia perder.

Mas, no Midgard, descobriu que o homem que amava não queria nada com ela; que podia perder a vida inclusive antes de liderar o ansiado *Ragnarök*, e que, se assim fosse, não gritaria o *Asynjur* ao lado de nenhuma *nonne*, porque elas tentavam salvar suas peles ao mesmo tempo e estavam separadas.

Por isso, sabendo que não haveria nenhuma oportunidade para tudo aquilo que sonhou, decidiu que esse seria seu momento.

Abriu os braços e deixou que o vento que atraía sua força electromagnética a rodeasse como um tornado.

Esperou que seus inimigos estivessem mais perto.

Seu sacrifício valeria a pena.

Primeiro, a golpearam umas espécies de facas afiadas no ombro. Um lobacho as jogou enquanto corria para ela.

Se Bryn precisava ativar sua força interior e destruir a todos, devia se concentrar nela e não na dor.

Eles a atacaram e rodearam. Não lhe deram trégua.

Embora Bryn notasse os golpes, não deixou que a fizessem desfalecer...

Para ativar a verdadeira *farvel furie*, o adeus furioso das Valquírias, devia reservar cada raio e cada grito, cada golpe e cada movimento esquivo. Toda a energia estaria centrada em sua fúria, em seu digno adeus.

Quando os jotuns acreditaram que a Valquíria já estava inconsciente, sangrando no chão, Cameron disse:

—Carreguem-na e levem à ilha. Hummus ficará feliz em vê-la — com gesto sem misericórdia, estalou com a língua. — Quanta beleza destroçada... — olhou o corpo maltratado de Bryn. — É uma pena. Procurem o pirralho e o tragam também —estudou a caverna. — Não deve estar muito longe.

Bryn escutou com muita dificuldade como Cameron se afastava. Depois não soube quanto tempo passou até que voltassem a golpeá-la; então, um dos *purs* a carregou, queimando sua carne; mas alguém o deteve repentinamente, e o matou.

Ouviu grunhidos e vários sons de espada.

Gritos de guerreiros humanos. Passos e saltos alvoroçados.

Eram dois seus defensores.

Mas dois não eram suficientes para se salvar, nem para salvá-la.

Bryn abriu um olho inchado e arroxeadado e viu o loiro Theodore, defendendo-a e aguentando os golpes dos lobachos e dos vampiros. Ele também os devolvía, mas um *einherjar* não podia lutar contra tantos jotuns.

Theodore também morreria, e seu companheiro... Como se chamava? Ah, sim. Ogedei.

Ambos brigavam para dar uma oportunidade a ela. Mas ela já estava perdida. Embora, pelo menos, agradecia que o homem que a submeteu e a fez sua tentasse arriscar sua vida por ela. Nem tudo foi tão mau, não?

Bryn tirou forças da fraqueza e se mexeu no chão até cair deitada de barriga para cima.

Todos acreditavam que sua voz já se apagou.

Mas uma mulher como ela sempre teria a última palavra em forma de grito. Um grito de Valquíria, um adeus furioso. Uma despedida.

Agarrou ar como pôde, levantou o torso cheio de hematomas e cortes, e abriu a boca para gritar com todas suas forças.

O grito que Bryn deu se ouviu em toda a Escócia; mas foi a ilha de Arran que o sofreu. Todos tamparam os ouvidos e acabaram de joelhos, mortos de dor.

Um grito de Valquíria era submetedor. A pressão subia ao cérebro, os tímpanos arrebentavam e as têmporas pareciam que iam explodir.

A guerra se deteve em St. Molio's Cave: todos esqueceram de lutar, já que tentavam se proteger do lamento esmigalhado da guerreira de Freyja.

Theodore e Ogedei se arrastaram pelo chão para tentar cobri-la dos novos ataques que chegariam uma vez finalizado o grito; entretanto, o que chegou depois do rugido da selvagem, foi uma cúpula que cobriu os dois *einherjars* e a caverna que se encontrava Johnson. Theo e Ogedei se olharam sem compreender nada até que viram o brilho no corpo da valente mulher.

Sim, ouviram falar sobre isso, mas nunca presenciaram antes.

Chamavam-no de *farvel furie*. A despedida furiosa de uma guerreira. Seu sacrifício.

Theo e seu companheiro fecharam os olhos e se agarraram ao corpo quebrado de Bryn, que não parava de brilhar até que cegou a todos ali presentes.

A explosão que se originou em seu corpo destruiu, queimou e aniquilou tudo que havia a cem metros ao redor, exceto aquilo que ela protegia com seu escudo protetor. Com toda sua alma.

Os jotuns que os atacavam morreram no ato e não ficou ninguém em pé.

Róta e Gúnnr chegaram tarde, pois também lutavam por sua conta, e ficaram olhando estupefatas a explosão e o adeus de sua General.

Ambas as guerreiras, que sobrevoavam a área para ajudar sua *nonne*, caíram em terra firme, sem forças e mortas de tristeza, como pássaros abatidos por disparos de caçadores.

As asas se fecharam de repente e cravaram os joelhos no chão absolutamente queimado.

Róta levou as mãos ao coração e negou com a cabeça. Gúnnr correu para socorrer o corpo sem vida de Bryn, que estava oculto sob os corpos dos dois *einherjars*. Mas o escudo não permitia que nem elas, nem ninguém, se aproximasse.

As duas Valquírias olharam impotentes como sua *nonne* se transformava em pedra brilhante; uma escultura de diamante.

Quando uma Valquíria morria se sacrificando mediante a *farvel furie*, seu corpo ficava imortalizado numa sublime estátua de cristal, como uma tumba cheia de brilho e vida, tão reluzente como foi sua existência. Assim o desejava Freyja.

Assim o decidiu Bryn.

Gunny golpeou o escudo com seus punhos machucados, sabendo que seria impossível destruí-lo.

—Não! Bryn! —gritou com o rosto sulcado de lágrimas. — Bryn! Fique! —Desesperada, agarrou sua réplica do *Mjölnir* e com todas as suas forças golpeou sobre a tela azulada meio transparente.

Esta tremeu, mas nenhuma rachadura apareceu em sua armadura.

Róta levantou pouco a pouco e caminhou com o rosto inexpressivo para Gúnnr.

A ninguém doía mais que a ela essa perda.

—Supõe-se que, enquanto o escudo permaneça, Bryn continuará com vida, verdade? — perguntou, tomando a chorosa filha de Thor pelos ombros. Ela não a deixaria morrer, não se renderia. — Verdade, Gunny?! —sacudiu-a.

—S-sim... — respondeu fazendo um biquinho. Sua franja úmida cobria seus olhos vermelhos e desesperados. — Sim.

—Me ajude, então.

—Como? O que faço?

Róta olhou para Bryn e apertou a mandíbula.

Se sua general morresse, ela também o faria. Mas antes de se sacrificar, deveria achar uma última solução. Jogar uma última carta.

Obter o que desejava e matar o homem que levou alguém tão honorável como Bryn àquela situação.

—Use a maldita tormenta e me leve até Ardan. Leve-me a Lerwick.

No céu tormentoso das Ilhas de Shetland, uma imensa bola de luz explodiu entre a chuva, em meio aos gritos assustados dos poucos civis que restavam em pé, das chamas do drakkar e das explosões que acabavam com a vida de centenas de humanos.

O fogo percorria o mar, já que estava tingido de combustível que se derramou dos barcos do porto. Mar de fogo, sangrento e desolado.

Dessa bola de luz que apareceu entre as nuvens, duas mulheres com gestos sérios e asas elétricas de cores tremendamente avermelhadas apareceram decididas a apresentar batalha.

Eram dois anjos da vingança.

Ardan, Gabriel e Miya continuavam lutando como podiam contra todos esses *purs* e *etones* que emergiam dos mares; mas já não restavam forças neles para resistir.

Róta e Gúnnr olharam uma à outra; e não precisaram fazer nada mais.

Eletrocutaram o porto de Lerwick com seus raios, e não se importaram se com isso queimavam ou chamuscavam os cadáveres dos humanos que flutuavam na água.

Já estavam mortos, assim, que importância tinha?

O drakkar ardia sem misericórdia e as chamas alcançavam o céu.

As Valquírias desceram ao mar até recolher os corpos de seus guerreiros e os levaram com elas para a supernova que Gúnnr, esgotada, tornava a criar com seu dom. Era a filha do deus do Trovão, para algo servia poder se comunicar com as tormentas.

Quando Róta divisou Ardan, tirou-o do mar pelas tranças e grunhiu em seu ouvido:

—Venha aqui, puto. Com minha *nonne* morta, desejará ter morrido nestas águas infestadas de jotuns. Ouviu-me?

Ardan não tinha forças nem sequer para replicar. Tinha quase todos os ossos do corpo quebrados e perdeu muito sangue.

Exatamente como Gab e o samurai.

De que *nonne* estava falando?

—Quem?

—Quem? —repetiu com raiva. —Quem?! Maldito sacana rancoroso... Se ela morrer, arranco suas tranças e estrangulo seus ovos com ela. Prometo.

Róta girou para acariciar a bochecha aberta e partida de seu samurai. Beijou-o com cuidado e disse com toda a ternura com que não falou ao escocês:

— *Kimi wo aishiteru*. Amo você. Ficaré bem, nenê.

Depois disso, apertou o cabelo de Ardan com força, e se introduziram na anti-matéria, com o líder dos *einherjars* apoiado em Gúnnr e um vanirio e um highlander feridos mortalmente nas mãos de uma vingativa Róta.

Ardan sabia que estavam em sua ilha de novo, e que o que se divisava sob seus pés não era outra coisa senão a guarida das profecias de St. Molio's Cave; mas custou a se dar conta disso pelo incrível círculo de terra queimada que o rodeava. Em meio desse círculo, como um farol em meio da adversidade, encontrava-se uma cúpula de luz azulada. Não era muito grande, mas cobria a entrada da caverna e alguns metros ao redor.

Em meio desse escudo protetor dois guerreiros estavam no chão que cobriam uma terceira pessoa a qual emitia um fulgor especial. Algo encolheu em seu peito quando viu a cena que abaixo tomava vida.

Os homens se afastaram e ficaram ajoelhados, olhando-a absortos.

Ardan piscou, confuso, como se não entendesse o que via.

Róta e Gúnnr fizeram os guerreiros descerem à terra; e o highlander não demorou para se dirigir à cúpula, correndo e coxeando, até apoiar as palmas nela, embora queimasse sua pele, para se assegurar que o que viam seus olhos era real.

Johnson saiu tropeçando da caverna, com as pernas esfoladas, as mãos ensanguentadas pelo esforço de levantar a enorme pedra e o rosto cheio de lágrimas e barro. O pequeno correu e se deixou cair na frente daquela figura de diamantes que emulava o corpo esbelto de uma mulher guerreira, de uma Valquíria.

O híbrido começou a chorar, com todo o sentimento que era capaz, e estendeu o dedo indicador de sua mão para tocar os dedos cristalizados daquela mulher de pedras preciosas.

E, quando Johnson fez isso, não pôde negar a realidade. Havia somente uma mulher pela qual seu pequeno adquiriu esse tipo de carinhoso hábito.

Era Bryn.

Ardan piscou porque a chuva embaçava seus olhos; mas não era chuva, eram lágrimas. Lágrimas tão grossas como as que seu adotado derramava por essa Valquíria. Ele também as derramava.

—O que... O que significa isto?

—Bryn se sacrificou por seus guerreiros e por Johnson e usou a *Farvel furie*. Morreu por você e pelos seus. — Explicou Róta tirando o pouco que lhe restava.

—Não está morta —repetiu em choque.

—Está.

—Não.

—Sim — respondeu apertando os dentes e o agarrando pelo cabelo da nuca para que abrisse bem os olhos e visse que, nessa mulher cheia de poder, não havia nenhuma fibra de vida. — Está vendo?

—Não! —Gritou com todas as suas forças. Seu rosto era uma máscara decomposta pela dor, a tristeza e o arrependimento. Tudo misturado e tudo nocivo. Maldição; e nem sequer era capaz de parar de chorar.

Johnson levantou o olhar, cansado de tentar que Bryn regressasse à vida, e estudou seu padrinho com uma raiva que jamais mostrou para ninguém.

Ardan engoliu enquanto negava com a cabeça.

O pequeno levantou com os punhos muito apertados e tremendo, transbordando de ira e descontente.

—Ela não pode morrer. — Disse Ardan para si mesmo.

—Não? — Replicou Róta. — Você a matou pouco a pouco durante esses dias. Fez que ela não encontrasse uma esperança que a sustentasse para poder viver. Algo aconteceu ontem a noite —

destacou Róta angustiada. — Algo que apagou seu olhar. Você é responsável por sua *farvel furie*. Era o que queria, não?

Não queria isso. Por todos os deuses... Se ele mesmo se sentia morrendo de tristeza e agonia. O desespero o engolia.

—Eu não queria isto — assegurou Ardan morrendo em vida. —...Não quero isto.

—Então, maldito filho da puta, faça algo para resolver. —Agitou as *bue*, e tomou seu arco e uma de suas flechas entre as mãos.

Esticou a corda e apontou diretamente à cabeça do highlander com o extremo agudo da seta.

—O que faço? —Perguntou arrependido, com uma dor lacerante e destrutiva no coração.

—A cúpula continua ativa —explicou com os olhos vermelhos, cheios de lágrimas por sua *nonne*. Bryn estava partindo e ia deixá-la ali. — Isso é porque ainda há vida nela.

—E, se há vida, há esperança. —assegurou Gúnnr cheia de tristeza.

—O que tenho que fazer?! —Exclamou alheio à fumaça que saía das palmas chamuscadas de suas mãos. —Diga-me!

—Pronuncie as palavras —Róta tocou a nuca de Ardan com a ponta do mortal dardo. — Se o fizer, retornará ao Valhala; e, se continua viva, Freyja saberá o que fazer com ela.

—Freyja? Freyja a vendeu para que eu a destruísse.

—Freyja não fez isso! —gritou, surpreendendo a todos com sua apaixonada defesa. — Freyja não te obrigou a usar sua chantagem com uma arma na mão! Deu a você ferramentas e a opção de escolher, mas não o impôs. O direito de vingança está na vontade e no interior de cada um. Você foi um maldito caçador sangrento com ela e se vingou muitíssimo bem. Você a setenciou, não minha deusa.

Um músculo palpitou na mandíbula de Ardan. Fechou os olhos, cedendo àquela verdade.

—E se quiser que a Resplandecente a salve, tem que pronunciar a arma de dois gumes que ela te forneceu. Venha, Coração Valente. — Instigou-o com desdém. —As pronuncie agora. As diga agora. Vamos ver se tem ovos.

Gúnnr se aproximou dele e agitando suas *bue*, copiou o gesto, a pose e a atitude de Róta.

Ardan estava ameaçado, escorado pelas flechas de duas Valquírias raivosas e abatidas pela morte de sua *nonne* mais forte e importante.

—Faça — ordenou Gunny.

Ardan queria morrer. Queria que acabassem com sua existência, com todos os seus enganos, com os remorsos e seu arrependimento... Não se atrevia a olhar para Bryn. Essa figura não podia ser ela.

Precisava que alguém lhe arrancasse o coração para que parasse de doer.

E se não escolhia a morte, era porque Johnson não podia ficar sozinho outra vez. Dirigiu seus olhos cor caramelo ao pequeno, que continuava o encarando com aqueles olhos azuis cheios de recriminações.

—É sua culpa —disse o pequeno, alto e claro. — Sua culpa! — gritou desconsolado.

Ardan aceitou a acusação aberta e contundente que veio de um menino que não formulava mais de duas palavras seguidas e que tinha dificuldades para falar.

Voltou a olhar sua guerreira e, sem pensar de novo, aceitou o rogo das Valquírias:

— *Brukk loftan*. Promessa quebrada.

As palavras arderam na ponta da língua e um nó de tristeza se instalou perpetuamente no centro de seu peito.

Duas palavras destrutivas. Dois termos que chegaram a submeter a Valquíria mais poderosa de Freyja. Mas não foram as palavras, mas sim o homem que as usava, quem fez o verdadeiro dano.

Foi ele. “Fui eu”, flagelou-se Ardan.

Enquanto chorava e via como a figura de cristal se desmaterializava em centenas de pontos de luz que subiam ao céu, se repreendeu por seu comportamento.

Por seu rancor e sua raiva.

— Olhe-a bem, ilhéu. Porque Bryn se vai sem que você desse a oportunidade dela se explicar, nem purgar seus pecados. Agora nunca saberá a verdade.

— Qual é a verdade?

Róta negou com a cabeça e mordeu a língua com ira contida.

— Agora? Agora não, ordinário. Nem agora, nem nunca. Jamais saberá. E espero que a incerteza dure toda a eternidade que esteja disposto a viver.

Bryn, o que ela foi, desaparecia diante de seus olhos e ascendia ao céu de onde veio. Um céu que sempre foi o paraíso para ambos. A referência mais feliz de sua existência.

Ardan negou com a cabeça e cobriu o rosto com as mãos.

Seus enormes ombros, sangrentos e rasgados, tremeram com aflição. A cúpula desapareceu.

Róta e Gúnnr baixaram suas flechas e também deixaram cair suas lágrimas entre choro e soluços desconsolados.

Johnson correu para abraçar Róta. Necessitava que alguém que amou Bryn o consolasse e chorassem juntos sua infelicidade. E seu padrinho não a respeitou nem cuidou, não a amou. Por isso passou direto por ele e se sepultou nos braços de Róta, que pela primeira vez, teve o tato de abraçá-lo com ternura e não dizer nada.

— É a melhor de nós, deusa. — Rezou Róta elevando o queixo ao chuvoso céu; — nos devolva.

A cúpula desapareceu; e com ela, Bryn, “a Selvagem”, a mão direita de Freyja e a mais valente das amazonas, desapareceu honoravelmente, deixando um rastro de dor, desconsolo e arrependimento em todas as pessoas que compartilharam sua vida.

Todos.

Todos morreram.

Ardan observava sua fortaleza, vazia e destruída; repleta de aroma de sangue e dor. Foi uma matança. Cameron os matou com a inestimável ajuda de Buchannan.

Crianças, mulheres e homens berserkers. Não deixaram nenhum em pé.

A guerra continuava; a luta para limpar a Ilha de Arran era interminável.

Os *etones* e os *purs* continuavam emergindo dos mares, como se a água os reproduzisse. Necessitavam com rapidez da terapia de choque.

Gabriel, que se restabeleceu de suas feridas graças à *hellbredelse* de Gúnnr, ligou para Isamu, seu tio Jamie e Aiko para que os clãs de Milwaukee e o clã kofun de Miya se deslocassem para a Escócia para dar uma mão. Trariam a solução aquosa que frearia o crescimento dos ovos e os ajudariam a lutar; mas, enquanto isso, longe de apresentar digna batalha, o que faziam era se defender com desespero e se ocultar para reordenar suas fileiras e reaparecer com uma nova estratégia.

Usariam as cavernas de Wester Ross para se curar e recuperar energias. E, enquanto esperavam Aiko e Isamu e o exército que trariam com eles, era Ardan quem continuava em *Eilean Arainn*, matando e exterminando todo *purs* e *eton* que encontrava em seu caminho.

Caminhou entre as ruínas do que fora seu lar e sua fortaleza.

Tinha o corpo dolorido, feridas sem cicatrizar e a alma destrozada. Mas continuava lutando.

Depois de ver Bryn desaparecer e de comprovar que Johnson não queria saber dele; depois que as Valquírias retiraram dele a palavra e que Theodore explicou o que Bryn fizera e como lutou por eles; depois de comprovar que nem sequer ele mesmo podia considerar-se líder, de nada nem de ninguém, e que já não se tinha respeito, decidiu ir sozinho ao seu castelo.

Queria ver com seus próprios olhos a matança e a traição que foi objeto sua *Eilean Arainn*.

Perdeu tudo.

A fidelidade de Anderson e Buchannan.

Os trigêmeos morreram na enfermaria. Logan, Mervin e Kendrick. Os três. Não puderam sair dali.

Os berserkers pereceram no santuário, junto com suas mulheres e filhos. Aqueles que não conseguiram acabar na explosão, caíram diante dos *etones* e *purs* em sua entrada pelo mar e pela caverna.

Maldição, já não havia crianças nessas terras.

Seu clã, por completo, caiu fulminado.

Tinha estragado o carinho de Johnson.

E perdeu o respeito das Valquírias. E ele, por sua vez, tratou desrespeitosamente o líder dos *einherjars*; Gabriel.

Eram muitas faltas para alguém tão estrito como ele.

Incontáveis e pesados enganos para sua retidão e seu senso da honra.

Mas de todos esses enganos, um pesava acima dos outros: Bryn. Ele, por seu rancor, esticou muito a corda com ela e a rompeu.

Ardan ajoelhou no chão e levou a mão ao peito. Machucava pensar nela. E parecia algo incrível, porque passou séculos desejando uma digna vingança. Mas agora que a consumou, e que de digna não foi absolutamente nada, a dor que sentia era uma perda irreparável, como se já não tivesse uma razão para continuar em pé. Mas devia continuar. Queria se fustigar e flagelar um pouco mais.

Pelo menos, a dor o fazia sentir que ainda continuava um pouco vivo.

Por isso, se obrigou a caminhar por cima das pedras, madeiras, metais... através daquela amostra imortal de destruição.

Encontrou o velho tartan do clã manchado de sangue e barro; amassou-o entre suas mãos, disposto a jogá-lo o mais longe possível.

Não era digno de representá-lo. Mas, depois, pensou que não havia melhor modo de recordar suas raízes e recuperar a essência do que uma vez foi, que o vestindo; e se vestiu com ele. Desfez as tranças e desejou experimentar seu lado mais selvagem.

A cada passo que dava, novas lembranças encontrava: baixelas quebradas dessa mesma noite, desse último jantar; talvez pudesse encontrar o último copo que a General bebeu ou o último talher que segurou entre suas mãos. Poderia entesourá-los e cravar o garfo nos rins todos os dias, se repreendendo pelo estúpido que foi.

Continuou caminhando, arrastando sua renovada humildade com o pouco orgulho que restava. Com a ponta da bota golpeou um bicho de pelúcia dos filhos dos berserkers, e a tristeza e a raiva o invadiram.

Sua alma destrocada clamava por um ressarcimento com todos os que estavam e por todos os que se foram.

De entre os pedregulhos e restos, continuavam saindo *etones* e *purs* com o único objetivo de matar tudo aquilo que continuasse se movendo. Ele se movia, e não importava fazê-lo bem ou mal. E o encantava poder desabafar com o que restava daqueles dejetos que emergiam do mar para acabar com os seus.

Acabaria com eles, agora que não eram necessárias suas espadas; mas acabaria com eles.

Depois de matar um par de *purs* viscosos e de olhos amarelos, continuou avançando; o escarpado ficou completamente despedaçado. A fumaça e a névoa cobriam parte de seu desaparecimento, envolvendo-o com uma tristeza e uma melancolia que roçava o fantasmagórico.

As ondas do mar alcançavam suas ruínas, as ocultavam e depois se afastavam em retirada, como se inclusive elas não quisessem tocar nesse chão sinistrado. Como se sentissem ainda os gritos de dor e não quisessem se misturar com as lágrimas salgadas dos mortos.

Mas o mar, que ia e vinha como os insultos que ele mesmo se autodirigia, também podia acariciar objetos, removê-los e fazê-los visíveis para ele.

E assim foi como o encontrou: flutuando com abandono, aberto pela metade apareceu, nadando entre as águas, um livro de capa dourada completamente lisa.

Ardan o olhou surpreso, pois ele, que fazia inventário sempre de tudo que tinham, nunca o viu antes.

Agachou-se para agarrá-lo entre as mãos. Centrou seu olhar delineado em suas páginas de linho e ficou sem respiração.

O livro quase caiu quando começou a ler, à velocidade dos *einherjars*, tudo que aquele volume escondia em suas páginas, tanto frente como verso.

Era um diário. Um diário que começava com:

Dizem que me chamo Bryn. Bryn, A Selvagem.

Ardan ficou sem respiração ao ver a bela letra com que essas palavras de apresentação estavam escritas.

Tentou se tranquilizar enquanto passava os dedos pelo relato.

Era o diário de Bryn, que abrangia desde que era uma menina até o que aconteceu em sua masmorra na noite anterior.

Segurando-o ciumento entre suas mãos, saltou as rochas de três em três e chegou até a parte mais alta do que restava do escarpado.

O leria com calma e iria ao lugar no qual ela desapareceu.

Talvez se evocasse sua lembrança e chorasse por ela, a General retornasse para matá-lo e dar seu castigo.

CAPÍTULO 17

Valhala

Palácio Vingólf

*Er du veldig glad og vet det
Ja sa klapp...*

***Se é feliz e sabe
Bate as mãos***

A deusa Vanir se deixava levar pela doce melodia que cantava incondicionalmente em todos os batismos das Valquírias: “*Se é feliz e sabe, bate as mãos*”...

Talvez Bryn não se sentisse precisamente feliz nesse momento.

Seu corpo, outra vez de carne e osso, flutuava no berço; a água estava manchada por seu próprio sangue.

—Por todos os deuses, menina... — sussurrava Freyja enquanto a balançava entre seus braços e curava seus cortes e incisões. — Não tem um centímetro de seu corpo sem machucados.

Freyja decidiu se meter no berço com ela. Era a primeira vez que submergia na *velge* para recuperar uma de seus Valquírias; mas, por sua General, faria isso.

Bryn se sacrificou. A grande tola esteve a ponto de morrer. Falecer para sempre no Midgard, onde ela jamais poderia recuperá-la.

Quando uma Valquíria esgotava seu último sopro de vida, quando emitia a última faísca de energia, se convertia em brilhante e nunca mais tornava a retornar à vida.

Freyja não podia perder Bryn porque era indispensável para a batalha final; e porque era indispensável para ela, para seu bem-estar.

Amava Bryn como uma filha e a admirava por sua fortaleza. Por isso foi a ela a quem mais obstáculos pôs, porque sabia que poderia superar todos.

—Bryn. Agiu muito bem. É uma digna General.

Odin apareceu atrás delas, imponente como sempre, com o tapa-olho negro no olho e vestido com roupa negra e vermelha. Havia homens que não precisavam ter dois olhos para deixar alguém louco.

Odin, com um, desconcertava Freyja mais do que ela desejava.

O deus Aesir usava o cabelo preso em um rabo de cavalo alto e se vestiu com roupas de guerra negras e vermelhas. As botas metálicas davam mais altura da que já tinha; seus mais de dois metros intimidavam, inclusive, aos gigantes.

Freyja apertou os dentes, frustrada com sua própria reação diante dele. Olhou à frente, tentando o ignorar, e sorriu cinicamente.

—Olá, Caolho. Seu outro olho não está por aqui...

Odin ignorou o comentário e sorriu por sua vez.

—Venho te felicitar, Vanir. Deixe seu desejo e sua tensão sexual de lado.

Freyja se pôs a rir e curou a clavícula de Bryn, passando a ponta de seus dedos por cima.

—Não quero suas felicitações. Movemos nossas fichas a nosso desejo, verdade? Fiz o que tinha que fazer.

Odin assentiu com a cabeça e a analisou com lascívia de cima abaixo.

—Sim, fez. Vendeu sua General ao seu pior inimigo. A fez descer para que o outro pudesse manipulá-la a seu capricho. Quando abrir os olhos, certamente a agradecerá — espetou com sarcasmo.

—Já veremos... — murmurou Freyja, penteando o longo cabelo de Bryn com os dedos. Parecia-se tanto ao dela. Bryn se parecia tanto com ela... Tinham o mesmo orgulho e a mesma dignidade. Foi frustrante ver a General sofrer desse modo. Ambas compartilhavam a mesma condenação.

—E, entretanto, tudo saiu como foi pedido — assegurou o deus absoluto, agachando-se na frente do berço e tocando a água tingida de vermelho com os dedos. — O trato que Ardan dispensou a Bryn fez que a Valquíria condensasse muita energia, a necessária para fechar o portal que Hummus e Lucius queriam abrir em Abberdey. Sua fúria deteve o acelerador. Se Ardan não a tratasse assim, sua potência não seria tão mortífera.

Freyja estalou a língua e deu de ombros.

—As Valquírias podem chegar a reter muita energia até que, no final, explodem.

—Contava com que Bryn chegasse a fazer a *Farvel furie*?

A deusa assentiu com um movimento de cabeça. Passou as mãos por seu corpo, já recuperado, e cobriu sua pele nua com uma nova armadura dourada de Valquíria, feita de titânio e ósmio; ombreiras, joelheiras, botas metálicas e protetores para o peito. Outorgou-lhe novas *bue* douradas e negras. A guerreira parecia ter feito uma metamorfose para um nível superior.

—Sim. Contava com isso. Mas me arriscava que Ardan não pronunciasse as palavras para salvá-la a tempo.

—Sabia. —Odin se pôs a rir. — Deu a Ardan essas palavras de poder, mas sabia que não as usaria, exceto para salvar sua vida. Na realidade, deu-lhe a chave para que Bryn pudesse retornar aqui, ainda com uma fibra de faísca vital. Sabia que a guerra chegaria de um modo ou de outro e se assegurou que nossos guerreiros tivessem uma oportunidade em Abbey Church e uma possibilidade de redenção em St. Molio's Cave.

—É muito inteligente — murmurou irônica. — Bryn demonstraria aos *einherjars* e a Ardan qual era sua importância. Salvaria Johnson, a dois dos supostos *einherjars* que a odiavam e daria uma lição no escocês. A partir daí, deve haver um ponto de inflexão.

—Sempre procura que os outros se redimam.

Freyja ficou em silêncio e depois respondeu:

—Gosto de ver que ainda há seres que têm a capacidade de perdoar; que há almas que ainda se arrependem de seus erros.

—E agora, graças a isso, o dalradiano quer cortar as veias.

—Não, ainda não — sussurrou Freyja sorridente, balançando Bryn e esperando ansiosa seu despertar. — Ardan ia desejar estar morto quando lesse a última parte do diário de Bryn; assim

que soubesse de tudo e fosse informado da única verdade. Agora só se sentia culpado. Depois, ao fechar o livro, se sentiria pior. — Mas logo desmoronará.

Odin admirava a “Resplandecente”. Era algo que não podia evitar. Admirava-a não só por sua excelsa e deslumbrante beleza, mas sim porque, à sua maneira e, sem fazer grandes alvoroços, podia manipular os acontecimentos vindouros. E o fazia porque conhecia as pessoas e porque era terrivelmente empática com os outros.

Freyja estava rodeada de deuses masculinos, cada um com um poder especial: Thor, Frey, Njörd, Tyr e ele mesmo. Não obstante, a mulher crescia entre tantos homens. Ela sempre oferecia alternativas; era uma excelente líder com grandes iniciativas.

Embora muitos, sobretudo os afetados, não entendessem essas iniciativas. Freyja seria odiada por aqueles que não vissem além de suas manipulações. E ele entendia perfeitamente, porque era igualmente odiado em determinadas ocasiões.

Quando a pessoa tem tanto poder, deve opinar decisões e ser consequente com elas, embora façam mal a alguns. Se o bem é para um bem maior, não importa quem sofra.

Outra deusa não se preocuparia em averiguar como sentiam ou pensavam os seus. Mas Freyja sabia tudo e, embora não parecesse, preocupava-se com todos.

—Bryn deve retornar já — ordenou Odin. Moveu a mão na água do berço e, através do redemoinho, refletiu-se uma imagem da Ilha de Arran e todos os fronts abertos. — Começam os fogos de artifícios, deusa. O jogo acaba aqui. Terá que estimular os gêmeos de *noaiti*.

—Sei, Aesir. Por certo, faz tempo que já não jogo.

É obvio que sabia. Os últimos acontecimentos no Midgard deixariam a humanidade louca. Na Escócia, já eram muitos os humanos que falavam de seres negros com pele escorregadia que destroçaram Lerwick, e de homens voadores com presas... Em Arran acontecia o mesmo. E mais agora que a fortaleza de Ardan caiu e que o mar estava infestado de *purs* e *etones*. E os *nosferatus* cada vez estavam mais fortes. O mal se multiplicava e o bem diminuía.

A rebelião de Loki ganhava forma e ainda restavam cartas a mostrar.

—Chega o *Ragnarök*, e se vê, nunca melhor dizendo, as orelhas ao lobo, Caolho? —O olhou de esguelha e deixou Bryn flutuando no berço.

—Todos as veremos.

—Bom, você as vê cinquenta por cento, verdade? —Saiu do berço, com um vestido vermelho paixão transparente e ensopado. O cabelo loiro molhado e penteado atrás mostrava suas perfeitas feições. Sorriu, sabendo que Odin já estava duro sob essas roupas bélicas, e caminhou movendo os quadris de um lado ao outro, sedutoramente.

—Arrisquei um olho para vê-lo, maldita bruxa — grunhiu, frustrado ao saber que Freyja sempre conseguiria excitá-lo. Era certo: arriscou seu olho ao escutar pela primeira vez a profecia da *völva*. E arriscou-o para poder mudar as coisas e para se certificar da veracidade das palavras da bruxa. As *nornas* fiaram seu tear e teceram a mesma profecia. O *Ragnarök* chegaria, o final parecia evidente; mas, o que aconteceria na batalha dos deuses? Como poderiam mudar isso? Passavam tempo trabalhando juntos, os Vanir e os Aesir, para achar uma solução; uma que assegurasse a continuidade dos deuses, e também a ascensão evolutiva do Midgard.

Freyja abriu os olhos até que quase saíram das órbitas, e cobriu os suculentos lábios com as mãos.

—Mas... Te falta um olho?! Sério? Não tinha me dado conta.

O deus Aesir girou os olhos.

—Me aborrece.

—Arriscou muito mais que isso — cuspiu Freyja com voz letal. — E o que fez — sim, o que não se podia nomear, — poderia mudar o destino de tudo e de todos. O passado já não existe tal e como o vivemos.

—Sim. Mas o passado permanece no esquecimento. A ninguém interessa.

—Discordo.

—E todos, absolutamente todos — Odin omitiu essa última réplica e a olhou de cima abaixo, sem um pinga de vergonha e com todo o julgamento crítico que era capaz, — tecemos nossa realidade a nosso desejo.

— *Touché, Alfather*. Certo, pai de todos. — Freyja olhou atrás para comprovar que Bryn continuava flutuando. — Então, acha que chegou o momento de mover os bispos?

—Sim. Chegou o momento. Loki já não pode subir ao Asgard porque Heimdal fechou as portas de acesso. Já não podem nos emboscar. Mas nada impede que as pontes da Terra se abram para os jotuns. Se estes cravarem a lança no ponto mais gélido e ativado do Midgard, chamará a raça daquele que a empunhe. Se Hummus acertar ao incrustar a lança no ponto adequado, o Jotunheim se abrirá e os gigantes invadirão os humanos. Necessito a lança para atrair meu exército. Se não tiver a *Gungnir* em minhas mãos, não poderei liderá-los.

Freyja ficou pensativa e afirmou com a cabeça.

—Note. Um deus tão poderoso como você subjugado por um totem.

—Eu pelo menos tenho um.

Freyja se pôs a rir e fez dramalhões com as mãos.

—Os homens e seus brinquedos... E vão e te roubam isso.

—Me enganaram.

—Sim. —A deusa deu um passo à frente e segurou Odin pela frente da roupa. — Fale claro, Caolho. Deixou o Transformista entrar porque acreditou que poderia se deitar comigo. Viu-me aparecer e se converteu no Olho Tonto.

—Em quem?

A Vanir girou os olhos e soprou.

—Sua cultura popular mundana brilha por sua ausência. Mas não importa. Deixou-o entrar em seu quarto e...

—E nada, Freyja! — Rugiu enfurecido.

—Eu também sei gritar! — Seu rosto, marmóreo e liso se cobriu de veias verdes escuras; seus olhos prateados enegreceram, e suas presas explodiram em sua boca. — Reconheça! Acreditou que era eu, e sua lança — assinalou o pacote com sua mão, — a que ninguém pode arrancar e tem entre as pernas, ficou firme!

—Posso te ter quando e como me agradar, Deusa. —murmurou mantendo a calma.

A deusa Vanir negou com a cabeça e sussurrou:

—Até agora, nunca fez isso. Pelo contrário, fodeu um cara que se fez passar por mim. Bom para você, Mago — Piscou um olho, mas ocultou sua raiva e seu desgosto.

Odin e ela. Ela e Odin. Um binômio muito antagônico cheio de segredos e desdém. E, entretanto, imprescindíveis um ao outro; destinados a permanecer unidos para assegurar a continuidade dos reinos.

—Já sei por que Od te abandonou. Não te suportava.

Freyja deu um passo atrás e seus olhos retomaram a cor da névoa. Uma névoa ferida e afetada, mais espessa que o normal.

—E já sei por que inveja Od.

—Sou o deus mais poderoso de todo o universo. Não invejo ninguém.

—É óbvio que o faz. Ele teve algo que deseja para você.

—Ah, sim? O que?

—A mim, Caolho. A mim. — Virou-se e o dispensou com um gesto de sua mão. — Vá embora do meu palácio. Sua presença me incomoda.

Odin rangeu os dentes e pressionou os dedos das mãos contra sua palmas. Cravou seu olho nas esbeltas costas da Vanir, em seus quadris, suas rígidas nádegas, em suas longas pernas... De todas as mulheres, *dísir*, deusas, elfas, tuergas ou gigantas que poderia ter em seu leito, Freyja era a única que sempre dizia não. Brincavam as preliminares, seduziam um ao outro; seus encontros eram batalhas campais. Mas na hora da verdade, nunca culminava. Havia um momento no qual Freyja sempre ficava séria e dizia: *“Diga à sua mulher que a quem deseja é a mim. Diga a verdade”*, pedia sempre com olhos brilhantes cheios de necessidade.

Ele sempre se negava terminantemente.

Nem pensar. Frigg era sua esposa, sua companheira, a mãe de seus filhos... Compartilhavam o dom da profecia e se sentava com ele no trono de *Hlidskjalf*. Como ia escolher Freyja em vez dela?

Freyja era justamente o contrário. Vaidosa, impetuosa e nada passiva.

Frigg era a calma, e Freyja a tormenta.

E ele, um deus bélico por natureza, necessitava da quietude de Frigg.

Assim Odin sempre a rejeitava abertamente: *“Pode ser minha amante, nunca minha esposa”*. E quando a Vanir escutava essas palavras, o deixava pela metade, no melhor. E desaparecia, desmaterializava-se sem dizer uma palavra.

Assim, Odin lutava para acabar o que nunca terminavam. Mas ela não deixava. Fugia ou brincava de caçar; e ele nunca conseguia alcançá-la.

Entretanto, Odin nunca cessaria seu particular desafio; porque, numa coisa tinha razão sobre a deusa: ele a desejava. A desejava como não desejou ninguém jamais.

E Freyja também se equivocava em outra; ele já a teve.

Por isso, pela lembrança e a melancolia de se sentir entre seus braços, necessitava de novo fazê-la sua.

—Por certo, maricas...

—Não te ouço, frígida.

—Claro, claro... — riu de seu insulto. — Seu *einherjar* vai pagar por tudo que fez à minha Valquíria. Sabe, não? Está condenado.

Enquanto se afastava do berço, Odin respondeu:

—Ardan estava condenado desde o mesmo momento que se encomendou a Bryn. Jamais devia tê-la conhecido. Seria mais feliz.

—Por que?

—Porque se apaixonou por ela. O homem que jamais se apaixonou vive em um inferno. O que se apaixona vive numa condenação eterna.

Depois dessas palavras, Odin a abandonou, e a deixou submersa na tristeza e na ira de não poder ter, ela tampouco, o que mais desejava sua alma imortal.

Secou as lágrimas que caíam pelos cantos de seus olhos, e olhou seus dedos úmidos. Suas lágrimas vermelho-dourado tingiram sua pele.

Suspirou furiosa por sua debilidade e se concentrou de novo em sua Valquíria.

*Er du veldig glad og vet det,
Sa la alle menn'sker se det
Er du veldig glad og vet det...*

***Se for feliz e sabe
Que reflita em seu rosto
Se for feliz e sabe...***

— *Ja sa klapp!* — gritou elevando os braços acima de sua cabeça — bata as mãos, Valquíria!

Imediatamente, centenas de raios caíram sobre o berço e impactaram no corpo de Bryn, que se elevou por cima da água avermelhada e começou a dar voltas sobre si mesmo.

Seu cabelo loiro se sacudia acima e abaixo, movido pela força eletromagnética daqueles fios azulados, cheios de tormenta e vida.

—Abra os olhos, General! —ordenou Freyja orgulhosa de seu espetáculo.

Bryn ficou em pé, flutuando no céu, com os olhos fechados e o corpo limpo, curado e relaxado.

Freyja assentiu ao escutar o primeiro bombeamento de seu imortal coração.

—Vive, *mo nonne*. Vive por mim.

E Bryn abriu os olhos da cor do céu com tonalidades de mar.

Piscou atônita ao ver onde se encontrava.

Freyja? Freyja a estava olhando aos pés da *velge* do batismo. A General não entendia por que podia vê-la. Supunha-se que morreu e que seu *farvel furie* acabou com sua última faísca de vida.

Sacrificou-se por aqueles que Ardan amava.

Embora não a amasse, fez o esforço de lutar em nome daqueles que ele amava e respeitava; porque já foram muitos os que perdeu.

Esse seria seu último gesto no Midgard. Não se sacrificar por uma lança, nem por um totem, nem por uma missão, mas sim fazê-lo por um pirralho de cinco anos que roubou seu coração, e também pelo homem que roubou sua virgindade.

E nem sequer o fez por eles; tudo foi por ele.

Pelo escocês que, cheio de ódio, tentou a arrancar de sua vida.

Deu uma olhada em sua nova armadura e sua pele, sem hematomas nem sangue. Não se converteu em figura de cristal?

Bryn desceu pouco a pouco, até se colocar em frente à deusa.

—Por que não estou morta? — perguntou assustada.

—Porque essa foi a vontade de Ardan: que vivesse.

Bryn franziu o cenho e negou com a cabeça. Ardan? Por quê?

—Não pode ser.

—Ele te salvou e pronunciou as palavras que a trariam até mim. Estava a ponto de perecer em seu escudo. Róta e Gúnnr viajaram através das tormentas, recolheram Ardan e o Engel e obrigaram o highlander a pronunciar as palavras. Isso te salvou.

A Valquíria tentou compreender por que Ardan faria isso. Tanto como a odiava devia desejar sua morte, não sua vida.

Então se deu conta de algo.

—Já não tenho poderes? Vai me fazer descer ao Midgard como humana? O maldito conseguiu sua vingança...

Freyja negou com a cabeça e segurou Bryn pelo rosto.

—Ao contrário, General. Agora, mais que nunca, é minha líder. Sofreu uma segunda *velge*. Seu poder se duplicou.

Bryn estremeceu, inquieta. Mais poder? Gostava disso. Poderia retornar ao Midgard? Poderia continuar lutando?

—É outra de suas manipulações? —perguntou sem inflexões.

—Não — respondeu Freyja, sentindo-se culpada.

—Estou farta que jogue comigo.

—Não joguei.

—Mentira. Deu a Ardan as palavras de poder para que me submetesse e me arrebatasse o orgulho e a dignidade. —Elevou o queixo sem nenhum respeito por ela.

—Ninguém pode te arrebatar isso se você não o permitir.

—Fez que o expulsasse de minha vida para que pudesse cuidar de Róta.

—Você aceitou o pacto.

—Era uma criança!

—E se arrepende de ter ajudado Róta?! Arrepende-se de ter impedido que se fosse para o lado de Loki?

—Não! Não me arrependo! Mas ela jamais teria se unido ao seu bando!

—Sem sua intervenção sim; asseguro a você que o tear das *nornas* tece outra história bem diferente.

—Não acredito em você!

—Acredite, General. A maldade está em todos, por muito que a queiramos ocultar. Está em Ardan e em seus desejos de vingança; está em você e em sua vontade de me matar. Está em todos os lugares. Não a omita só porque ama a pessoa que mais mal pode fazer. Não a cubra.

Bryn retirou seu rosto da mão de Freyja com uma bofetada seca e dura.

—A maldade também está em você. — cuspiu a Valquíria.

—Sim, está. —reconheceu a Vanir sem retroceder. — Mas alguns são maus porque temos fins bons. Outros são maus porque desejam o mal e a destruição.

Os olhos de Bryn se encheram de lágrimas de raiva e impotência. O pior era que não podia tirar a razão de Freyja porque, o que dizia, tinha sentido.

—Me feriu e me magoou, não importa com que fim o tenha feito.

A deusa aceitou essas palavras; e a afetaram mais do que desejava.

—É minha guerreira mais fiel, Bryn. —Deu um passo à frente e juntou sua testa à dela. — As palavras de Ardan deviam ser usadas para te salvar quando já nada, nem ninguém pudesse fazê-lo, embora ele brincasse de te submeter com elas. Heimdal fechou as portas de Asgard e não poderemos sair até recuperarmos a lança de Odin e toque o *Gjallarhörn* para dar a voz de aviso. Mas Ardan as pronunciou por você, e subiu diretamente ao Vingólf, sem atalhos. Ele salvou sua vida.

Bryn engoliu. Ainda por cima devia agradecê-lo, a esse guerreiro que a insultou e descartou.

—Agora começa sua verdadeira missão, Bryn. É meu açoite enquanto eu não estiver no Midgard.

Ela a olhou estupefata.

—Vai me devolver ao Midgard? A ele outra vez?! Não!

—Não, não... Espera. — A tranquilizou— As coisas mudaram. Ele já não tem poder sobre você. Acabou-se. Já não está em suas mãos. Fiz um favor a você, General.

—Seus favores me dão medo.

—Este não. Já não tem asas tribais.

—Já não as tenho...? Minhas asas? Como? Por que? — Levou a mão às costas.

—Porque a liberei de seu *kompromiss*. Agora mesmo, é uma Valquíria sem companheiro. Sem homem. Livre e feliz como uma perdiz. Quem será seu novo *partenaire*?

—Companheiro? De que fala? Ardan era meu *einherjar*.

—E a rejeitou, verdade? Você pode fazer o mesmo. — Freyja sabia perfeitamente que Ardan não a negou nem rejeitou, porque foi ele quem tirou sua virgindade. Mas, se ambos quisessem voltar a se pertencer, teriam que brigar duro por isso. — Assim, me diga: Theo, Ogedei...? Ardan? Pode ter quem quiser. Se ele quer te recuperar terá que se esforçar para que saiam nas costas umas asas tribais como as dele. Mas, por agora, não terá *kompromiss* com ninguém até que ceda seu coração, até que escolha. Todos poderão te curar e você poderá curar a todos — arregalou os olhos e disse com voz sexy: — Poderá tocar todos, entende?

As orelhas de Bryn se sacudiram com surpresa. E quanto a Ardan? Já não se pertenciam? Continuava se sentindo mal por isso, mas devia se obrigar a pensar de outro modo. Ele a entregou a Theo, ele tinha outra mulher: Sammy.

—Há cinco *einherjars* em terra, Valquíria —recordou Freyja. —A qual escolherá? — sorriu divertida. — Depois de tudo, continua amando Ardan? — Perguntou com dúvida. — Depois da dor e das afrontas... Continua fazendo isso, General?

Bryn não se atreveu a olhá-la nos olhos.

Sentia ódio e despeito por ele. E não queria voltar para encontrá-lo porque se sentia muito envergonhada e humilhada. Ele a fez passar realmente mal. Como esquecer tudo?

Mas ela também lhe fez mal; embora Ardan nunca falasse disso. Não era que estivessem empatados nem nada parecido...

Mas havia duas versões nessa história e as duas eram culpadas.

Freyja entrecerrou seus olhos cor prata e estalou a língua.

—Enfim, isso é o menos importante. —Freyja a virou e fez que olhasse a água do berço. Nela se viu uma imagem da Ilha de Arran e de tudo que estava acontecendo. Aquilo era como o fim do mundo.

Bryn ficou nervosa e em guarda.

—Sua missão, Bryn, é destruir. Queimar. Torrar. Retorne como a guerreira que é e devolva a vitória.

Os olhos de Bryn avermelharam ao ver como a ilha se infestava de jotuns e como tentavam atacar Ardan, Aiko e Isamu e seu clã de kofuns no St. Molio's Cave.

Quando os japoneses retornaram? Já estavam ali? Maldita seja, tinha que retornar já. Eram muitos jotuns para tão pouco guerreiros.

—Leve Angélico com você.

A jovem se virou e encontrou com seu lindo Pégaso branco, coberto com uma armadura igual à dela. O animal soprou feliz em vê-la e estendeu as asas para agitá-las e se sustentar nas pernas traseiras.

Seu Pégaso era o animal voador mais rápido de Asgard. Ela não tinha asas para abrir como Ardan ou como suas *nonnes*, mas tinha Angélico, que era tão poderoso quanto ela.

—De verdade posso levá-lo? — Perguntou emocionada, correndo para abraçar o poderoso pescoço do majestoso corcel.

—É seu. Foi um presente para você, e te pertence. — Assegurou Freyja, sorridente ao ver Bryn tão feliz. — Sei que não entende muitas coisas. E sei que será difícil me perdoar.

—Sim, está certa. — Respondeu arisca, enquanto acariciava o cabelo branco do lombo do animal. — Mas é uma deusa. E suponho que sempre há uma razão para tudo que faz, verdade?

“Aquilo era compreensão e o resto eram tolices”, pensou a Vanir.

—Isso é o que gostaria de ouvir, verdade? —Bryn mudou de assunto rapidamente, e seu olhar adquiriu a frieza do gelo enquanto estudava sua deusa, — Não receberá compreensão de mim. Passei muito mal por sua culpa. Me proibiu aquilo que mais desejava e amava, e fiz sofrer aos que mais amava. Calei muito, e já não penso em fazer isso. Sabe, deusa? Às vezes, o fim não justifica os meios.

—Então, não me perdoa? —perguntou sem mostrar verdadeiro interesse.

—Não. Não te perdoo. Mas se alegre. Alegre-se disso, porque pelo menos não me é indiferente. Meu rancor te demonstrará o muito que te amei e que me importa.

—Perfeito, General. Recorde essas palavras quando se encontrar de novo com Ardan.

“*Vadia*”, pensou Bryn.

—Não percamos mais tempo. —Freyja deu uma forte palmada e a água do berço se iluminou para se converter num portal para o Midgard. — Entre aí com Angélico.

—Preciso de alguma outra diretriz além de morte e destruição? —perguntou mal a olhando.

—Sim. Diga a Gúnnr que, quando chegar o *blackout*, bata na colina com a réplica do *Mjölñir*.

—Como? De que *blackout* fala?

—Diga essas palavras exatas. Diga.

—De acordo. Algo mais? —Bryn subiu no lombo de Angélico no berço e toda ela se iluminou de luz.

—Sim.

Ambas se olharam com seriedade, diretamente nos olhos. O cabelo de Bryn, solto e brilhante se misturou com a luz dourada.

—Não seja tola e foda com todos, Bryn.

—Como dis...?!

Bryn não teve tempo de dizer mais nada. O berço engoliu a ela e Pégaso, e a General desapareceu através do portal, para viver de novo e lutar num reino que só trouxe dor e desenganos.

Teria uma segunda volta.

Não sabia se podia encontrar de novo o amor ou se chegaria a perdoar àquele que mais amou, mas, pelo menos, teria a oportunidade de escolher e dar uma lição ao dalriadano.

Freyja sorriu mais calma e olhou seu próprio reflexo na água do berço.

—Muito bem, Odin... Movamos os bispos — disse a si mesma.

Lambeu o dedo indicador e escreveu no ar no *Futhar* antigo:

“Nanna está em Edimburgo recolhendo guerreiros caídos. Reclame-a”. E, depois, acrescentou: “Dirija-se à ilha de Arran”.

Cantarolou, orgulhosa de dirigir as fichas mais importantes dessa partida e se aproximou do balcão de Vingólf, que se sustentava no ar e permitia vistas esplêndidas do *Vanenheim*.

Apoiou as mãos no corrimão de mármore branco, banhado em sianinhas de ouro, e exclamou a pleno pulmão:

—*Nanna!* Venha aqui, *nonne!*

CAPÍTULO 18

Eilean Arainn

St. Molio's Cave

Não pôde se mover do chão da caverna.

Enquanto lia aquele diário pessoal, foi incapaz de retirar os olhos de suas páginas. A sinceridade de Bryn, seus sentimentos, suas palavras... esmigalharam sua alma e o deixaram sem argumentos.

Nunca encontrou algo tão brutalmente honesto nem com tanta alma, como aquele maldito livro de capas douradas. E, justamente, isso tão bonito e nobre, isso tão singelo e cheio de vida, de tormento, tristeza, paixão, amor, compreensão, disciplina e dignidade, isso foi justamente o que acabou de afundá-lo.

Porque passou séculos terrestres pensando que Bryn era alguém diferente. Alguém frio e sem coração, que o tinha manipulado e usado a seu desejo.

Acreditou que Bryn não o amava; mas nunca pensou que tomou a decisão que tomou porque deu sua palavra de proteger a uma de suas irmãs.

Agora, com a grande capacidade de memorização que tinham os *einherjars*, podia repetir cada uma das frases daquele diário... gravaram-se a fogo nele.

"Se houver um einherjar a quem eu tenho um compromisso, esse é ele. Esse é Ardan".

"Se houver um homem por quem eu luto, esse é meu dalradiano".

"Se houver um guerreiro a quem eu admiro, é o highlander".

"Se há alguém a quem entreguei meu imortal coração, é a ele. Só a ele".

Ardan chorava sem consolo.

Os enganos e os equívocos se pagavam. E ele os pagaria todos.

Agora entendia muitas coisas; agora compreendia por que a sereia o jogou de sua vida e por que lhe disse tudo aquilo.

E era curioso porque, acreditando que Bryn tinha sido tão vil como manipuladora, pôde sobreviver no *Midgard* e alimentar-se de raiva. Graças a isso podia tocar a outras mulheres, podia jogar com elas e foder sem dar explicações a ninguém.

Seu coração maltratado e endurecido pelo desengano o permitia fazer muitas coisas que, continuando apaixonado, jamais faria. Ele se obscureceu e as trevas do despeito o rodearam até convertê-lo em um líder um tanto escuro e amargurado. Um que fazia e desfazia; jogava e submetia, ordenava e castigava. Todos o respeitavam, mas a obediência vinha provocada pelo temor, não pelo verdadeiro respeito.

E agora, depois de séculos de tê-la odiado; a ela, à mulher que tinha marcado seu destino no *Valhala* e sua sina na Terra.

Agora, depois de acusá-la de algo que em realidade não era, descobria a verdade do modo mais triste e cruel que conhecia.

Ele a tinha mandado de volta ao *Valhala* quando já a havia liberado de seu compromisso; quando já a tinha castigado como desejava e como ele considerava que merecia. E Bryn desapareceu para sempre, de um modo heroico e único. Gravando-se no coração e na mente de todos os que tinham presenciado seu *farvel furie*.

Salvou Johnson, e inclusive se preocupou de cobrir Theodore e Ogedei, quando eles não lhe tinham demonstrado mais que um aberto ódio e antipatia.

E ela como o devolve todos os golpes que acertou nela? Do modo mais honorável possível.

Bryn sempre dizia que quem vivia sem disciplina, vivia sem honra. Ela o manteve até as últimas consequências. Se era a mais forte dos guerreiros que se encontravam em St. Molio's Cave, protegeria àqueles que considerava mais fracos. E isso fez.

Ardan apertou o livro contra seu peito, e recordou as últimas palavras do diário.

Houve um tempo no qual sonhava em que ele me fizesse dele. Durante eras desejei me entregar a ele, e não o fiz por meu alto senso de honra, porque considerava que ambos estávamos destinados a lutar juntos no Midgard. Ele como líder dos einherjars, e eu como líder das Valquírias.

Mas agora, não me lembro de onde saía essa necessidade. Acredito que tudo o que sentia desapareceu, como se nunca antes essas emoções houvessem ocupado meu coração.

Ardan me entregou a outro homem, sabendo que eu, e ninguém mais, sou sua única companheira. E não só me entregou a alguém que me odiava, além disso, ele, para maior ofensa, possuiu a sua submissa, Sammy, demonstrando-me que nunca se importou comigo. E o fez diante de mim, pela segunda vez.

Já não me resta nada para brigar aqui. Cumpro minha missão porque sigo as diretrizes de meus deuses, os mesmos que ele obedece. Mas não encontrarei satisfação no caso de conseguir nossos objetivos, porque não poderei compartilhar a felicidade com meu einherjar.

Hoje, o einherjar a quem eu tinha um compromisso, morreu comigo. Hoje, já não luto pelo homem que amo; brigo contra ele. Hoje, minha admiração se tornou indiferença. E, hoje, perdi para sempre o coração que entreguei para ele.

Não quero a nenhum einherjar.

Não aceitarei mais este homem.

Não acreditarei nunca mais na palavra do dalradiano.

Não quero mais Ardan.

Pensando egoistamente, Bryn não ia sofrer mais.

Ela não voltaria a vê-lo, e ele se afundaria na luta contra os jotuns, e morreria um pouco cada dia, de tristeza e de raiva por ter se equivocado tanto com ela... Com todos.

Enquanto outros estavam na Ilha Skye, na costa de Wester Ross, e tentavam contatar com os clãs de Chicago, Milwaukee e Inglaterra, ele tinha sido incapaz de abandonar Arran.

Sua apreciada ilha estava sendo invadida pelos esbirros de Loki, e o pior era saber que, por muito que fizesse, não poderia recuperar a todos os que tinham morrido. Mas sentia que devia estar ali e lutar.

Acreditava que merecia cada corte e cada golpe dos novos purs e etones que emergiam do mar.

Sabia que Gabriel contatou com Aiko e Isamu para que trouxessem a terapia bloqueadora dos esporos. Mas ninguém podia deter a aparição de tantos monstros através do mar. Estavam invadindo sua terra.

Decidiu que continuaria brigando até seu último suspiro; defendendo os humanos que ficavam à mercê daqueles seres sobrenaturais nos quais jamais acreditaram e que, agora, enchiam uma parte de seu planeta.

Os psiquiatras e os psicólogos iam fazer dinheiro.

A igreja em que os humanos tanta fé depositavam ia perder credibilidade.

Porque, se Deus criou os homens à sua imagem e semelhança?

Quem diabos criou os purs, os etones, os trols, os vampiros, os lobachos...? Quem era Loki? Quem era Odin?

O Final dos Tempos chegava de muitas maneiras. E o final do ciclo ignorante da raça humana tocava sua última badalada.

Levantou-se com o diário entre suas mãos.

Olhou ao horizonte, ao mar enfurecido, zangado tal e como estava ele, em completa sintonia com suas emoções.

Não podia voltar atrás. Não podia recuperar Bryn, nem podia salvar a todos os amigos que tinha perdido.

Mas lutaria a cada segundo e cada minuto para impor justiça; uma cheia de vingança e de raiva.

Já não temia à morte, porque não tinha nada pelo que lutar; e isso o convertia na máquina de matar perfeita.

Enterrou o diário de Bryn no chão queimado e enlameado.

Cobriu-o com algumas pedras, dando-lhe uma digna cerimônia, como se em realidade esse corpo retangular não fosse outra coisa que sua bela guerreira sem vida.

Cravou sua espada de *einherjar* na terra e jurou sobre ela que, cada passo que desse a partir desse momento, faria-o para encontrar seu final honorável; e, se os deuses o permitiam, para encontrar-se com ela e lhe rogar seu perdão dia após dia.

Viveria de joelhos até encontrar a absolvição.

Mas a absolvição não ia chegar.

Lutou durante todo o dia e não regulou forças. Arriscava-se sabendo que em cada ataque poderia encontrar uma nova queimadura de purs, ou uma nova dentada mortal de eton... Mas não se importava.

A dor era boa.

Não sabia por que não podia afastar-se da caverna de Molio's. Sentia que devia protegê-la porque ali tinha sido onde Bryn entregou sua vida, e porque, justamente ali, era onde tinha enterrado o diário de sua General.

E ali foi onde a terra começou a abrir-se.

O chão se abriu pouco a pouco e um potente tremor sacudiu o oceano e o chão de Arran, criando uma greta enorme e visível.

Seu corpo penetrou atrás daquele corte e caiu no vazio. O *einherjar* teve suficientes reflexos para agarrar-se a uma rocha saliente.

Olhou para baixo e encontrou o abismo. Podia ver como as placas se abriam e se chocavam entre si, criando incisões vertiginosas que chegavam até profundidades insondáveis desse planeta. E como meros vermes roedores de novo, purs e etones emergiam dessa depressão, tentando procurar a superfície e sair à terra firme. Os seres cinzentos e negros, de aspecto reptóide e viscosidade pronunciada; com seus olhos desalmados e suas línguas viperinas, corriam ansiosos por achar novas vítimas.

Ardan grunhiu e abriu suas majestosas asas para sair dali.

Sabia o que acontecia.

A Escócia sofria a falha das Highlands, que ia de Lochrand na Ilha de Arran e Helensburgh até Stonehaven. De oeste a leste.

A famosa falha dividia as Highlands das Lowlands. E, possivelmente, a detonação que tinha sofrido o escarpado no qual se achava sua preciosa fortaleza a ativara, embora tivesse permanecido adormecida desde a Orogênese Caledônia.

Por todos os deuses, aquilo tinha toda a aparência de ser a antessala do Final dos Tempos. E não era nada prometedora para os que se supunham que eram os bons.

Escapou da falha e sobrevoou a caverna, que permanecia intacta; embora uma rachadura de uns vinte metros de largura começava a dividir sua ilha em todo seu comprimento.

A rachadura não demoraria a chegar à Escócia.

Dois vampiros o alcançaram pelas costas. O avermelhado e nublado entardecer davam a eles carta branca para voltar a aborrecê-lo.

Ardan lançou um por cima de seus ombros, tirando-o de cima e ao outro o imobilizou pelo pescoço e, com um movimento de mãos, o partiu. Embora aquilo não fosse suficiente para acabar com a vida de um nosferatu. Assim que introduziu o punho pelas costas, e esmagou seu putrefato coração.

O outro mostrou as presas e riu dele.

—Tenho uma mensagem do laird.

— Só há um laird, e esse sou eu — respondeu sem perdê-lo de vista, enquanto movia as espadas em círculo, a cada lado de seu corpo.

—Não. O verdadeiro. Disse-me para te dizer que tem a humana com a que joga.

Ardan piscou confuso. Sammy? Porra, esqueceu-se dela por completo. Tinha-a deixado no castelo, em seu quarto, para que esperasse sua volta de Lerwick.

O highlander grunhiu e negou com a cabeça.

—Diz que logo poderá carregar outra morte em suas costas. —continuou o vampiro lhe mostrando as presas— A dela.

O guerreiro lançou um grito e se dirigiu ao vampiro loiro e esbranquiçado, que continuava rindo enquanto esquivava suas espadas.

Mas, de repente, através do peito do vampiro, de um nada, emergiu a ponta de uma espada samurai.

E, quando o nosferatu se desintegrou, ferido mortalmente, apareceu atrás dele a figura letal de Aiko, a bela vaníria japonesa. A morena de cabelo liso e olhos exóticos e enormes sorriu com acanhamento.

—Já chegaram os reforços — disse a jovem, olhando para baixo.

Ardan seguiu seu olhar, até que viu um grupo enorme de berserkers e vanírios com katanas, lutando contra todos os purs e etones. Moviam-se com grande agilidade, como se dançassem. Os berserkers, pelo contrário, com suas tochas na mão, faziam-no todo mediante movimentos bruscos e brutais, mas igualmente efetivos.

E não só isso; pelo fronte esquerdo, novos guerreiros, que lutariam em seu favor, percorriam a pavimentação cheia de barro, suor e sangue dispostos a dar uma mão.

Eram vanírios e berserkers; a alguns deles viu em Abbey Church.

Encabeçando, um berserker enorme e de longo cabelo loiro, quase branco, rugia e gritava dando machadadas em qualquer parte. Tinha a tez morena e os olhos muito amarelos.

Atrás dele, dois vanírios voavam um ao lado do outro. Uma tinha um rosto jovem, de cabelo loiro e comprido, e carregava uma espada samurai na mão que movia como se fosse um leque, mas não era japonesa, nem kofun. Não era do clã de Miya.

A seu lado, um menino muito parecido a ela de cabelo loiro e aparado, defendia-a e matava com uma frieza espantosa a tudo o que cruzasse em seu caminho.

Eram de Black Country, porque aos dois jovens guerreiros os tinha visto ali na batalha de Abbey Church. Por fim, os clãs se uniam de novo para lutar.

Desceu para lhes dar as boas-vindas àquele campo de morte.

Noah tinha chegado à ilha de Arran tão rápido como pôde.

Com ele chegavam Daimhin e Carrick; dois dos vanírios recuperados de Cappel-le-Ferne. Ambos tão atormentados quanto vulneráveis, mas, devido a isso, uns autênticos suicidas que ele devia manter sob controle.

Os dois irmãos pediram para acompanhá-lo depois que Noah avisou a As de que ia para a Escócia. Imediatamente, os clãs receberam as notícias sobre Lerwick, e Edimburgo; e, depois, Gabriel comunicou-se com eles da costa de Werren, umas cavernas que pareciam ocultá-los da

espreita dos jotuns. Ao ver que as notícias coincidiam com a mensagem de sua adaga *Guddine*, na qual supunha que Freyja contatava diretamente com ele e lhe mandava que se dirigisse à Ilha de Arran, mais vanírios e berserkers decidiram dispor-se e acompanhá-lo.

Gwyn e Beatha, os vanírios do Conselho Wicca, o colocaram ao cuidado de seus dois filhos: Carrick e Daimhin. E ele não estava para ser o canguru de ninguém, mas aqueles guerreiros com presas lhe caíam muito bem.

Noah nunca tinha visto tantos jotuns juntos. De onde saíam?

E o que eram essas coisas viscosas de pele escorregadia negra e cinzenta?

—Os que têm cara de serpente e pele negra —disse uma voz de homem atrás dele— são etones. Absorvem a energia vital e sua mordida é venenosa. Os cinzentos que caminham ao mesmo nível do chão são purs. Sua pele está cheia de babas e toxinas, e se enrolam ao corpo como se fossem sucuris. Movem-se sob a terra e sob a água por igual. Ou os queima ou corta suas cabeças. De acordo?

Noah se encontrou com um guerreiro de mais de dois metros com o cabelo negro e solto ao estilo highlander. Tinha o rosto cheio de piercings e os olhos tatuados como se fosse um cantor de rock gótico.

—Meu nome é Ardan. E sou o laird desta terra infernal — deu uma volta sobre si mesmo e cortou a cabeça de um eton.

—Onde estão os outros?! —perguntou Noah detendo o ataque de um vampiro com seu oks.

—Outros? —Ardan abriu os braços— Nós somos os outros! Lutemos, berserker!

Noah compreendeu que tinham morrido mais guerreiros dos que ele tinha visto cair em sua imortal existência; e se lamentou com raiva e impotência por suas perdas.

Apertou os punhos, elevou sua tocha de guerra e seu corpo de berserker explodiu ante todos.

—Ao ataque! —rugiu, impregnando de força e valentia aos membros de seu clã.

Talvez não soubesse quem era.

Talvez não entendesse que fazia ele com uma adaga *Guddine* e falando diretamente com Freyja, mas sim entendia uma coisa: se eram berserkers e tinham tochas, eram seus irmãos. E aí havia demasiadas tochas órfãs no chão e sem empunhar.

Tinham morrido muitos.

Sobre sua ilha, dividida agora geologicamente, tinha lugar uma cruzada, uma luta violenta e homicida entre os que protegiam o *Asgard*, e entre os que preferiam o *Jotunheim*; os guerreiros de Odin e Freyja, contra os guerreiros de Loki. Ou em outras palavras: os que se supunha que lutavam pelos humanos, contra os que queriam submetê-los e aniquilá-los.

Entretanto, lutavam pelos humanos em realidade? Ou somente por si mesmos e por aqueles que amavam e respeitavam?

Ardan se fazia essa pergunta quando, em meio da anarquia e o embrulho da batalha, St.Molio's Cave se iluminou como se o sol procurasse seu amanhecer na Terra.

A luz, cada vez mais potente, cegou aos vampiros de Loki que vinham em turba sulcando os céus ilhéus e espessos. Os vanírios kofuns aproveitaram isso para ir por eles e exterminar a todos, um a um, sem olhares nem piedade. As nuvens negras refletiram a luz da caverna, e Ardan teve

que cobrir os olhos com o antebraço, sem perder um detalhe do que acontecia nessa gruta cheia de profecias.

Todos, bons e maus, detiveram-se para olhar para trás e prestar atenção ao que ocorria na caverna de pedra.

Naquele momento, o resplendor se fez mais forte e, através dela, saiu a mulher mais bela e temerária que os olhos do highlander jamais viram. Uma Valquíria nos lombos de um cavalo alado branco, igualmente espetacular e angelical como era a jovem; ambos cobertos por armaduras metálicas vermelhas, douradas e negras.

Ela, a guerreira, não prestou atenção a ninguém em especial. Sacudiu seus *bues* e, com maestria, enlaçou suas flechas elétricas e esticou a corda de seu espetacular e enorme arco, maior que o habitual.

Os vampiros e os lobachos caíam trespassados por seus projéteis; foram ao coração, matando-os no ato, ou à cabeça, deixando-os imóveis e preparados para serem degolados pelas espadas samurais dos vanírios ou os oks dos berserkers.

O coração de Ardan parou e deixou de respirar, atônito e ao mesmo tempo maravilhado pelo que viam seus olhos. E se encontrou chorando de emoção e lutando com mais ímpeto que antes.

Era Bryn. Bryn tinha retornado.

A General reviveu de suas cinzas e tinha sobrevivido a tudo o que lhe tinha feito.

Ardan se agachou e esquivou um chute voador de um novo vampiro, este mais decrepito que os anteriores.

—Não lhe deram Stem Cells, não é, bonito... —grunhiu com um meio sorriso.

Agarrou sua cabeça com ambas as mãos e lhe deu uma cabeçada que afundou a testa do nosferatu. Depois, inseriu os dedos a cada lado de seu pescoço e arrancando a cabeça pela raiz.

Ardan voltou a olhar Bryn. A jovem estava realizando uma exibição sublime de poderio e pontaria. E estava ficando perdidamente quente tão somente em contemplá-la.

Angélico elevou o voo e cavalgou até as nuvens.

O highlander suspirou comovido por sua impressionante imagem; levou as mãos às costas e as suspendeu com suas duas espadas.

Golpeou as lâminas sobre sua cabeça e rugiu feliz, dando as boas-vindas a Bryn como sempre fazia no *Valhala* quando ambos lutavam juntos.

Bryn voava a uma velocidade superior a de qualquer vanírio, *einherjar* ou vampiro. Seu corcel alado era o mais rápido do *Asgard*.

A jovem ficou suspensa sobre o mar do Norte, e dirigiu suas palmas abertas ao oceano.

Ardan teve vontades de ir até ela, abraçá-la e fundir-se com sua pele. Ou sequestrá-la e guardá-la em um lugar no qual nunca, jamais, ninguém pudesse os encontrar. Ali lhe rogaria perdão e procuraria sua redenção. Ali a ressarciria.

Com gesto impecável e lambendo as presas que explodiam em sua boca cada vez que brigava, Bryn olhou para Ardan pela primeira vez desde que lhe cobriu os olhos com a atadura negra em sua masmorra. A noite em que o highlander perdeu as estribeiras.

O tempo se deteve para os dois.

O cabelo de Bryn se elevou para cima por causa da energia elétrica que condensava a seu redor.

Os trovões e os relâmpagos caíram sobre ela e também sobre a água salgada.

E a guerreira o fez: cobriu todo o mar com seus raios e sua potência queimou os esporos que ainda continuavam reproduzindo-se e, através das quais, seguiam saindo purs e etones.

Acabou com tudo. Inclusive com a flora e a fauna marinha que pudesse haver ao redor da ilha. Lamentava-se por aqueles seres vivos que tinha matado; mas os purs e os etones deviam ser erradicados. A prioridade era salvar aos guerreiros e ganhar essa batalha.

Seus raios alcançaram também aos que estavam em terra firme, roendo os corpos dos berserkers mortos na fortaleza. Não os podiam deixar em paz?

Mas ela, o açoite de Freyja, acabou com todo feto do mal que saísse através dos mares. Os purs e os etones se desvaneceram e se converteram em cinza graças à fúria da Valquíria mais poderosa do *Asgard*.

Ardan, que lutava ao lado de Isamu e Aiko, voava por cima das garras de um par de lobachos, igualmente impressionados pela força de Bryn, cravou sua espada nas costas do furioso esbirro e o abriu de cima a baixo.

Isamu lhe cortou a cabeça e Aiko fez o próprio com o outro lobacho, que parecia querer fugir. E não só ele. Os vampiros e lobachos que ficavam em pé, vendo que Bryn acabava de inclinar a luta a favor dos vanírios e berserkers, tentaram afastar-se da terra dividida.

—Querem escapar! —gritou Ardan abrindo as asas e voando atrás deles.

Os japoneses fizeram o mesmo e não lhes deram descanso até acabar com todos, um a um.

Bryn permaneceu sobre Angélico com uma serenidade própria de uma deusa, de uma mulher poderosa que sabe que ninguém podia competir com ela.

Seus olhos vermelhos se entristeceram ao ver as ruínas do castelo de Ardan. O escarpado agora já não era mágico, mas sim tenebroso, repleto de morte e de destruição. A perda se respirava sob cada rocha, sob cada mancha de sangue...

Sentiu vontade de chorar pelos inocentes que morreram sob o peso da traição. Buchannan e Cameron deviam pagar por isso.

E não descansariam até encontrá-los e lhes devolver a dor com dor.

Uma parte do céu se abriu e, através dele, emergiu uma Valquíria com o cabelo trançado e comprido; seus olhos marrons avermelhados procuraram Bryn enquanto se deslizava através do raio que segurava com uma mão, como um fio.

Bryn piscou e sorriu abertamente.

—Nanna! —gritou feliz levantando o arco em sinal de recebimento.

Nanna lhe respondeu ao grito de *Asynjur!*, elevando o punho.

A Valquíria de cabelo castanho, aquela que não podia ser tocada por nenhum homem vivo, desceu sobre a cidadela interior demolida, e começou a recolher, um a um, aos guerreiros mortos em batalha.

Aqueles homens deviam ter sua digna sepultura. E a teriam no *Asgard*, não em uma terra hostil como aquela, em que morreram tristemente, vítimas das artimanhas covardes dos seguidores do “Vigarista”.

A Valquíria recolhia os corpos, alguns mutilados, e os levava com ela, desaparecendo através do pórtico que deixavam as densas e escuras nuvens, e aparecendo outra vez, através delas, com as mãos vazias, disposta a recolher mais guerreiros.

Nanna chorava se tinha nos braços a mulheres ou crianças. O que tinha acontecido nessa ilha não tinha perdão: foi um genocídio sem misericórdia. Crianças e mulheres não lutavam; eles deviam permanecer à margem. Mas o que se podia esperar do Transformista e seus seguidores, humanos e não humanos?

Limpando com raiva as lágrimas dos olhos, decidiu seguir com seu trabalho, carregando com cuidado aos que morreram sem oportunidade de defender-se.

Ela os cuidaria no trajeto que os levava da Terra ao céu.

Do *Midgard* ao *Asgard*.

—Nanna?

A Valquíria virou-se com um pequeno berserker nos braços.

Não teria mais de quatro anos. O rosto da garota estava sulcado por lágrimas de dor, mas seu coração voltou a perder vários pulsados ao ver seu berserker de Black Country.

—Noah. —Saudou-o, sustentando-se ao raio que a conectava com o céu e que a levava ao *Asgard*, ao caldeirão das almas dos guerreiros caídos.

O berserker a olhou de cima a baixo, como sempre fazia. E Nanna se sentiu feliz ao ser inspecionada dessa maneira. Porque era Valquíria e coquete, e adorava ser apreciada. Mas, sobretudo, adorava que ele a apreciasse.

O guerreiro rangeu os dentes ao ver o corpo maltratado daquele filhotinho.

—Onde os leva?

—Odin os reclama —respondeu direta, mantendo-se a vários metros dele por cima de sua cabeça.

Ele assentiu nervoso e deu um passo à frente para admirá-la mais de perto; mas a reação de Nanna, sempre a mesma, não se fez esperar.

Desta vez aceitaria. Incomodava-o, mas aceitaria.

—Foge de novo? Não deveria.

—Não fujo. —Mas seu corpo se elevou meio metro mais, amarrando-se ao fio elétrico com força.

Noah arqueou sua sobrancelha loira platinada.

—Não foge?

—Não — respondeu ela, piscando e olhando-o como se fosse tolo, enquanto ganhava um metro mais em altura.

Noah negou com a cabeça e exalou enervado. Estava pegando no seu pé? Ele era um homem calmo, um homem de paz; era empático e sabia o que sentiam as pessoas. Mas não podia perceber Nanna.

—Estar perto dela era sentir zero. Será que a jovem, em realidade, não era para ele?

Entretanto, Freyja lhe disse que a reclamasse.

Como?! A este passo teriam que falar-se à distância e manter sexo telefônico.

—Vai me devolver a adaga algum dia? —perguntou-lhe Nanna— É um presente de Freyja, sabe? E odeia que percamos suas coisas.

—Não vou devolvê-la.

Os olhos castanhos de Nanna se obscureceram e se tornaram vermelhos.

—Ah, não? As Valquírias são muito ciumentas do que é nosso. E isso é meu.

—Freyja fala comigo através de sua lâmina. Não penso dá-la a você. —sorriu com vaidade.

Depois dessas palavras, Nanna franziu o cenho, e voltou a olhá-lo com essa cara cheia de interrogações.

—Ouça, quem é você?

—Eu gostaria de saber também. —Olhou ao seu redor— Mas por agora sou Noah.

—Ahá... —o olhou de cima a baixo e acariciou o colar de pérolas enquanto rodeava o fio com seu pé.

—Não te agradei por me curar. —Na batalha de Abbey Church, Noah ficou ferido gravemente depois de ser perseguido e golpeado por Hummus. Nanna o encontrou oculto na copa de uma árvore, justo onde Cahal o deixou. E curou suas feridas com suas mãos.

A Valquíria saiu de seus pensamentos e sorriu com as bochechas vermelhas como um tomate.

—Já não está zangado?

—Estou, e muito. Estou muito irritado e frustrado com você.

—Não te agrado, Pinóquio? —elevou uma sobrancelha castanha e passou a língua pela presa— Não é nada cavalheiro.

—Não deixa que te toque, tenho a peste para você? Será a necrofilia? Aparentemente só pode tocar aos mortos.

—Dado que tenho a uma criança nos braços, seu comentário me preocupa... —murmurou olhando-o de soslaio.

—Não sou bom para uma Valquíria como você?

—Responde sempre com perguntas?

—E você é sempre tão ambígua?

Nanna deu de ombros e repassou aquele espetáculo de corpo nórdico com seu quente olhar.

—É loiro de verdade?

—Como diz?

—Tem tatuagens?

—O que?

—Usa lentes de contato?

—Do que fala?

Um trovão crepitou nas nuvens, e a Valquíria de tranças olhou para cima, zangada.

—Já vou! —exclamou— Se acabou o tempo. Não é rápido respondendo, Pinóquio. E Odin se zanga se demorar muito. —sorriu com doçura e elevou a mão para despedir-se— *Farvel*, berserker.

—Nanna.

A jovem se deteve no fio e abraçou ao pequeno contra seu corpo.

—O que?

—Esta é a última vez que se afasta de mim assim. Permito-lhe isso porque está trabalhando; mas já não poderá fugir mais.

O corpo da Valquíria tremeu, afetado por essas palavras.

—Fica duro, Noah?

—O que disse?

—Me responda: fica duro quando pensa em mim?

—Venha e comprove você mesma.

—Sim? Então sempre fugirei de você. Eu trabalho com seres aos que já não se levantam, guerreiro. Mortos, como bem diz. No dia que me deixar caçar por você, no dia que me tocar, será um dia triste.

—Por que? —grunhiu.

—Porque nesse dia terá morrido. Enquanto isso, tem uma ordem de afastamento. *Capulli*?

Noah pensou que a expressão correta era “cappicci”, mas estava tão afetado vendo Nanna desaparecer no céu, que não foi capaz de corrigi-la.

Quando Ardan viu Nanna, duas coisas lhe vieram à cabeça.

A primeira era que se alegrava em vê-la. Sempre gostou de Nanna; embora sempre foi muito esquiva e nunca se aproximava dele a menos de três metros.

A segunda era que, se Nanna estava recuperando os corpos dos guerreiros mortos em batalha, era porque Odin queria fazer algo com suas almas.

As Valquírias recolhiam humanos que tinham mostrado valentia e dignidade no *Midgard* lutando em nome da humanidade.

Mas o clã que ele liderava ali estava formado por berserkers e vanírios; e se supunha que gozavam de uma vida longa e imortal.

Por que os reclamava Odin se não era para utilizá-los para outras funções?

Já perguntaria a Nanna mais tarde.

Agora, tinha coisas mais importantes a fazer; como, por exemplo, aproximar-se de Bryn e ver que de verdade continuava viva, que não era um sonho.

A General tinha descido à Terra. Ainda não havia descido de seu pégaso, mas analisava os danos que tinha sofrido aquela porção de planeta que se dividiu pela metade.

Quão longo poderia chegar a ser esse corte na crosta terrestre? E, até onde tinham chegado os esporos dos purs e os etones, para penetrar por dentro das camadas da crosta terrestre?

Se isso acontecia na Escócia, não queria nem imaginar o que podia acontecer se os esporos tinham viajado através das correntes marinhas e chegaram às costas de todos os continentes. A terra seria aniquilada imediatamente.

Deteve-se diante do St. Molio's Cave, desceu de Angélico e pisou no círculo queimado no qual ela se sacrificou. A *farvel furie*... Se estremeceu ao recordar como se sentiu ao experimentar que seu corpo desaparecia, e que seu sangue, líquido, se transformava em algo sólido e cristalino.

Essa parte da ilha, uma vez verde e cheia de vida, havia-se convertido em terra enegrecida como o carvão. Cheirava a carne chamuscada, a mar e a suor. Mas por cima de tudo, cheirava a tragédia.

Queria ver Johnson e assegurar-se de que estava bem.

Queria reencontrar-se com Róta e Gúnnr e lhes dizer o muito que agradecia que fossem procurar Ardan.

E, sobretudo, queria encontrar-se com Ardan para ver a cara que poria ao vê-la.

Alegraria-se? Ignoraria-a?

—General? —A voz ligeiramente rouca do guerreiro a afastou de seus pensamentos e a devolveu totalmente à realidade. Bom, se queria ver sua reação, só tinha que girar-se e esbarrar de peito com ele.

Quando o viu, horrorizou-se, mas também sentiu aquilo que as Valquírias sentem pelas feridas de guerra de seus *einherjars*: um profundo respeito e um desejo enorme por curá-los. E Ardan era um cromo andante.

Bryn conteve a vontade de despi-lo e levantar suas mãos para lhe aplicar a cura; e o conseguiu quando recordou tudo o que Ardan disse e fez a ela.

—Estava morta... — seus olhos a analisaram de cima a baixo e adquiriram mais luz e vida quanto mais a olhava.

—Sim — assentiu incômoda ao sentir seu olhar sobre ela — Mas Freyja não queria que morresse, assim...

—Nem eu — assegurou. Ardan deu dois passos para ela e cortou a distância que os separava. Ela tentou retroceder, mas seu orgulho não o permitiu.

“Não vou temê-lo. Não mais”, prometeu-se.

—Eu tampouco queria que morresse. Por isso pronunciei as palavras —disse solene— Róta me disse que, se a cúpula continuava presente, queria dizer que ainda tinha vida. Resolveu me buscar com Gúnnr e eu disse o que tinha que dizer.

Bryn não sabia nem onde olhar nem onde meter-se. Sempre havia sido sedutora e coquete com ele; no *Valhala* o levava e o provocava como queria. Mas na Terra, depois que ele a tratou daquele modo, já não sabia como agir.

—Bom, depois de tudo, salvou-me a vida. Obrigada, embora sinto por você. —Não queria continuar falando com ele. Não entendia como se sentia, mas se sentia mal. Gostaria de correr e, depois, o que de verdade tinha vontade, era de lançar-se contra ele e lutar. Brigar a golpes, e lhe expressar com raios o que não podia lhe dizer com palavras; ela mesma estava engolindo o veneno de sua própria língua ao mordê-la.

Afastou-se dele. Não suportava o ter diante de si e saber que havia deixado que outro transasse com ela enquanto ele possuía a outra mulher.

“Outra que não era eu”.

Afastou-se para um lado e tentou deixá-lo atrás, mas Ardan a deteve segurando seu antebraço.

—Não. Nem pensar.

—Nem pensar o que? —Bryn arqueou as sobrancelhas loiras, olhando os dedos que rodeavam sua branca pele.

—Não vai escapar.

Bryn sorriu e se soltou de seu agarre com raiva, mas Ardan voltou a segurá-la.

—Me deixe te dizer o que sou, sereia, se por acaso não o esqueceu.

—Sereia? Sereia?! Agora me chama assim? —replicou ressentida. — Não pode me obrigar a te escutar, ilhéu. Já não tem poder sobre mim.

Ardan apertou os dentes e negou com a cabeça.

—Não quero te obrigar, mas me deixe te dizer três coisas. A primeira... —Bryn voltou a dar um tapa, mas Ardan a segurou com firmeza— A primeira é que sei toda a verdade.

Ela aumentou os olhos e piscou atônita. Sabia a verdade? A dela?

—Como?

—Seu livro —respondeu com sinceridade— Seu diário.

—Meu diário? —seus olhos se avermelharam e pequenos fios de eletricidade rodearam seu pescoço e seus ombros— Leu meu diário pessoal? Isso é o que quer me dizer?

Ardan assentiu sem um pinga de vergonha.

—Sim. Fiz. E não vou te pedir perdão por isso.

É óbvio que não. Ardan não pedia perdão nunca. Ele nunca se ajoelhava ante nada nem ninguém. Guerreiro orgulhoso e soberbo.

—Sei tudo o que aconteceu, Bryn. —lambeu o lábio do piercing e, pela primeira vez, seu olhar brilhou com um fulgor de tristeza e arrependimento — E não sei como remediar tudo o que aconteceu entre nós aqui, neste reino, mas...

—Não há nada que remediar. Acabou-se.

—... mas conseguirei. —Ignorou sua sentença. — Segundo: não sou um homem que tenha nem um grama de urso amoroso em seu corpo. Não tenho alma de molenga nem de príncipe azul. Sou como sou e o que sou, e passo uma eternidade sendo assim. Não vou me pôr de joelhos e a chorar por você pelos cantos para que me perdoe. Não vou mudar. E por isso te digo que, do mesmo modo que fiz perseguição e destruição com você para me vingar quando tive a oportunidade no *Midgard*, usando as artimanhas que fossem, penso fazer perseguição e demolição agora para que volte a me olhar de novo e para que volte a me respeitar. Trate-me tão mal como quiser: eu gosto, neném. Porque não penso ter clemência com você até que retorne a meu lado.

Ambos se olharam fixamente. Uma tensão sexual crescente se alojou entre seus corpos.

—Acabou? —Bryn estava tremendo interiormente.

Deuses, Ardan era um homem misturado com sangue de guerreiro e demônio. No *Valhala* a conquistou por quão dominante era, porque ela necessitava um homem mais forte que ela a seu

lado. Mas conquistou-a porque o amava inclusive antes de conhecer-se, e porque Ardan sempre a agradava em todos os âmbitos. Agora, Ardan queria conquistá-la depois de ter quebrado suas asas e seu coração.

—Não. Não acabei. Resta a terceira.

—Diga logo isso e me solte —respondeu, fingindo desinteresse.

—Morri duas vezes já. A primeira vez como humano dalradiano, na batalha de Arran, justo nesta terra que agora me arrebataram pela segunda vez. E nesta mesma terra, que perdi às mãos dos jotuns, também morri pela segunda vez.

—Não diga tolices. Continua vivo —o olhou de cima a baixo.

—Morri quando te vi desaparecer dentro da cúpula. E morri, inclusive então, quando ainda não sabia a verdade e não tinha lido seu diário. Quando te vi ascender... —Se deteve um momento e fechou os olhos atormentados— e se desfazer no ar... —Uma bola de tristeza estrangulou sua voz, mas continuou com valentia— Deixei de existir. O que quero te dizer é que, inclusive te odiando como te odiei, houve uma parte dentro de mim que sempre te quis.

—Se cale...

—Não. Tem que me escutar.

—Não pode me obrigar. Não tenho o colar e suas palavras já não surtem efeito.

—Está bem. Não tenho nada disso, nem você tampouco. Mas me escutará igualmente — se abateu sobre ela. Ardan ultrapassava uma cabeça e meia à digna Valquíria— Não sei quanto me odeia. Imagino que tanto quanto eu a odiava; mas te asseguro que perdi noventa e cinco por cento de meus guerreiros nesta merda de guerra que lidero em nome de uns deuses que nos fazem a vida impossível. Perdi o respeito dos que ficam em pé, do líder dos *einherjars*...

—Ora... —sorriu daninha— Por fim reconhece que não é você o *leder*?

Ardan apertou a mandíbula e prosseguiu com seu discurso.

—Perdi muitas coisas em minha guerra contra você. O carinho de meu afilhado, por exemplo. Johnson nem me olha —explicou consciente desse fato— Mas não quero perder mais. Não sei se perdi você, mas não deixarei acontecer antes de lutar. Não vou deixar que se afaste, Bryn. Não o vou permitir.

—É uma ameaça? —Ardan guardou silêncio—Coloque suas ameaças onde lhe couber, ilhéu. E me deixe em paz. E é melhor que me solte se não quer que o torre...

—Sinto muito, mas não posso. Não é uma ameaça. Constato uma realidade. E você não pode me machucar porque, embora doa e custe aceitar isso, neste momento sou seu *einherjar* e você minha valkyria. Isso nunca mudou. Inclusive quando eu desejei te arrancar de mim, não pude.

Os olhos da jovem clarearam, e os pequenos fios de eletricidade que rodeavam somente seu pescoço e seus ombros, desta vez abrangeram a totalidade de seus braços.

—Ah, não? Não pôde, pedaço de cretino desalmado? Não mudou quando me converteu em sua escrava? Não mudou quando fodeu outra diante de mim...?

Ardan piscou com pesar.

—Estava zangado. E eu não me...

—Sabe o que, ilhéu? Quer uma realidade evidente? —deu um passo à frente e elevou seu queixo arrebitado— Aí vai uma — Suas mãos se iluminaram e uma impressionante descarga

impactou no peito de Ardan e o lançou contra a caverna de Molio. Todos os guerreiros que celebravam a vitória contra os jotuns, elevaram as cabeças, sobretudo Daimhin, e olharam Bryn com assombro e respeito—: já não sou sua Valquíria, escocês! Não te pertença —seu peito subia e descia pela raiva de dizer essas palavras em voz alta— Sou livre para escolher quem eu quiser. E você não está na lista..., puto!

Depois dessas palavras, Bryn dirigiu um olhar de advertência aos guerreiros. Não queria espetáculos nem aplausos. Subiu no lombo de Angélico e foi sozinha em busca de Gabriel e as Valquírias.

Tinha diretrizes a dar à filha de Thor.

Ardan se chocou contra a parede interna da gruta.

Bryn acabava de feri-lo com seus raios quando nenhuma Valquíria podia ferir seu *einherjar* mediante eles, porque sua relação, como sempre diziam, era de cura e não de guerra.

Olhou o peito e viu a pele queimada e sangrando. Ok, pois Bryn o fez. Tinha-o ferido.

Um suor frio o percorreu e sentiu vontade de vomitar. Seria verdade que ele e ela já não eram um companheiros? Já não estavam vinculados? O *kompromiss* podia desaparecer? Angustiado por esse pensamento, apoiou-se na parede e contornou com a ponta dos dedos as mensagens rúnicas e gaélicas que falavam de profecias que ninguém acreditava.

Mas agora ele já sabia do que se referiam.

—“E chegará um guerreiro envolto em malha, no lombo de seu cavalo voador e implantará justiça na última batalha” — sorriu e fechou os olhos ao compreender quão cego e tolo tinha sido.

Ali, em St. Molio’s Cave, em uma das cavernas que Ardan considerava como sua, fazia séculos que guerreiros valentes como ele e como Bryn, viram a chegada da Valquíria em suas visões. Viram esse momento de guerra entre o Bem e o Mal.

Lamentou-se ao não tê-lo visto com clareza.

Entretanto, havia algo que a profecia não mencionava.

Tinha sido mesquinho com Bryn na vingança e não reservou nenhum pinga de ódio. Seria-o também na batalha por recuperar seu amor, e poria toda sua intenção e seu negro coração nisso.

Agarrou a ponta de sua espada e gravou em letras rúnicas na rocha chamuscada.

—“E o guerreiro envolto em malha, submeteu o escocês”.

CAPÍTULO 19

Costa Noroeste de Escócia.

Wester Ross

Ilha Enjoe

Nas Highlands, de frente ao oceano Atlântico e situado em latitudes nórdicas, encontrava-se a paisagem mais selvagem da Escócia no qual as cores verdes, alaranjadas e ocre, órfãos de árvores, mesclavam-se com o azul dos rios e do mar que o rodeava.

Esse pedaço de terra carecia de povos, embora a cada vários quilômetros podia-se encontrar pequenos agrupamentos de casas, com solitários vizinhos separados por grandes extensões de terreno.

Ali, no meio da selvageria agreste mais indômita, localizava-se um lago coberto entre duas muito altas colinas: chamava-se Loch Enjoe.

Ladeados por verdes colinas, possuía cinco ilhas internas com suas respectivas ilhotas, que ainda protegiam restos de construções antigas dos celtas. E a mais importante das ilhas, a Ilha Enjoe, possuía um lago interno cheio de cavernas e grutas.

Nessas cavidades, os gravemente feridos Gabriel, Gúnnr, Miya, Róta, Steven, Johnson e os quatro *einherjars*, tinham decidido proteger-se dos ataques e contatar com os clãs para pedir ajuda urgente.

Antes, Miya e Gabriel deviam se curar de todas as feridas, por isso as duas Valquírias tinham ocupado seu tempo em recuperá-los.

Graças a isso, ao aviso que emitiram mediante as instalações informáticas que continham as grutas, e que o próprio Ardan encarregou-se de construir, Noah e os vanírios e berserkers de Black Country e Isamu e os vanírios de Chicago e os berserkers de Milwaukee tinham chegado à Escócia para ajudá-los.

Bryn foi a primeira em chegar à ilha, seguida a escassos metros por um inquieto Ardan. Noah tinha pedido para viajar com ela sobre Angélico, considerando que era um berserker e não podia voar, e devia dar a informação que Miz forneceu sobre o que acontecia agora com os pontos eletromagnéticos da Terra. Enquanto isso, os demais vanírios e berserkers chegariam a seu ritmo à ilha, abandonando uma desolada e partida ilha de Arran.

A escuridão do céu e os gases que tinham emanado das rachaduras devido ao terremoto lhe facilitaram poder viajar com Angélico e passar despercebidos.

A velocidade de seu querido animal mal era detectável pelo olho humano, embora o movimento de suas majestosas asas deixasse uma esteira luminosa às suas costas.

—De onde tirou este cavalo? —Noah havia perguntado.

Noah agarrando-se a sua cintura.

—É um presente de Freyja. — respondeu a General.

Noah acariciou o cabelo branco do animal e sorriu.

—É um magnífico exemplar — respondeu, captando a perfeição das correntes de energia que havia entre Bryn e Ardan.

—Obrigada.

—Posso te perguntar algo, Bryn? — Noah, que voltou a adquirir seu estado humano normal, tinha agora o cabelo longo e loiro solto. Vestia-se com roupa de capoeira, com camiseta e calças largas e de elásticos. Seus olhos amarelos brilhavam com crescente interesse, e seu piercing negro, em forma de estaca, sobressaía-se através das mechas de seu cabelo.

—Claro — respondeu a valente guerreira.

—Que problema tem Nanna com o fato de que a toquem?

Bryn ficou tensa e o olhou por cima de suas ombreiras metálicas.

—Basicamente é este: se tocá-la, você morre.

—Por que não se pode tocá-la?

—Porque é uma virtude que lhe deu Freyja.

—Como pode ser que, depois de tudo o que passou por culpa da deusa — interrompeu Ardan, voando à mesma velocidade que seu cavalo—, continue falando de Freyja com palavras como virtude?

—Ouve algo? —perguntou Bryn a Noah.

Ardan girou os olhos e censurou Noah com o olhar desfeito pela raiva. Não suportava que o ignorassem e, agora que sabia a verdade, não aguentava que Noah tocasse Bryn.

—Espero que me cure isto, ouve, Valquíria? —Ardan sacudiu as asas e se colocou diante de Angélico, que tentou o golpear com as patas dianteiras. Destacou o corpo envolto em sangue, com inchaços e cortes.

—É como um zumbido estranho... — comentou Bryn olhando à frente, mas sem dar atenção a Ardan em nenhum momento.

O highlander, ao ver que Bryn não ia falar com ele, deu um giro sobre si mesmo e desceu a terra firme.

E, em terra, era Róta quem esperava a chegada dos guerreiros.

Com o belo rosto impassível e os olhos turquesas centrados na nuvem de guerreiros que se aproximavam da mágica ilha, a Valquíria aguardava paciente e sorria emocionada à figura que monopolizava o lombo do Pégaso: sua nonne Bryn.

Róta tinha sofrido sua morte e seu desaparecimento; seu sacrifício e sua tristeza ao abandoná-las. Foi cruel com ela durante eras, porque não entendia por que a General gostava de sofrer gratuitamente, e, por conseguinte, por que a fazia sofrer também.

Não compreendia por que ela, que podia desfrutar da companhia de seu *einherjar*, em uma decisão louca e orgulhosa frente aos deuses, decidiu mandá-lo embora e quebrar o coração de ambos. Bom, dos três. Porque ela sentiu sua dor, eternamente, como se fosse sua.

Ela, graças ao vínculo empático com o que estavam unidas, sabia e sentia tudo o que Bryn experimentava. De igual modo que Bryn sentiu tudo o que ela sofreu pelas mãos de Khani e Seiya, e também como lhe custou aceitar que todos acreditassem que ia traí-los de um momento a outro.

Mas, agora, as dúvidas, os medos e as restrições haviam desaparecido.

Agora só ficava a amizade; e também a vida.

Porque a General vivia, e viveria, a seu lado sempre, até que juntas tivessem que dizer um último adeus. Mas, enquanto esse adeus não chegasse, seus corações de irmãs se pertenciam.

Bryn caminhou para a entrada da caverna do lago interno; mas, ao ver Róta ali, seus passos se aceleraram e ao final, acabaram correndo uma para a outra e se fundiram em um abraço de alegria e emoção.

Ambas choravam. As palavras se atropelavam por tudo o que queriam dizer. Entre soluções e suspiros, gargalhadas e risadas, as duas Valquírias decidiram calar-se e desfrutar do quente acalento das boas-vindas.

Uma vinha da morte.

A outra da morte em vida.

—Você é minha, Bryn —disse Róta abraçando-a com força— Não volte a me deixar sozinha, ouviu-me? Se morrer, morro com você — entrelaçou os dedos com ela e uniram suas testas. — Juntas.

—Juntas. — assentiu Bryn, sorvendo pelo nariz.

Róta levantou a cabeça e estudou Noah, ao que saudou com um gesto de sua cabeça. O berserker levantou os dedos de sua mão e estudou seus arredores.

Mas, quando se encontrou com Ardan e seu patético e desagradável aspecto destruído e ferido gravemente, Róta arqueou uma sobrancelha vermelha e sorriu.

—Ora... Continua vivo?

Ardan, ao que custava a própria vida manter-se forte e não ceder à dor de seu maltratado corpo, riu e passou o dorso da mão pela cicatriz do lábio.

—Vaso ruim não quebra.

—Assim, nem sequer soube se suicidar...

—Suicidar? —perguntou Bryn.

Róta enlaçou seu braço com o de Bryn e girou os olhos, enquanto lhe explicava:

—Sim, sim... O trança queria acabar com sua vida para não suportar e carregar sobre suas costas todos os erros e equívocos cometidos com você e com o resto do clã.

Ardan ignorou as farpas da Valquíria, mas Bryn não o fez.

—Suicidar-se? —olhou para trás com desinteresse— Sério?

—Sim, sim... Tal e como te digo. Enquanto nós tentávamos nos sobrepôr aos ataques aqui, em Wester Ross, e entrávamos em contato com os clãs de Black Country e aos de Chicago, o Coração Valente aqui decidiu ir para Arran, seu castelo, e desfrutar-se na tristeza e na dor, metendo-se no meio de enxame de jotuns. Não é assim, tranças?

Ardan recolocou seu ombro que tinha saído com uma rotação de suas costas e depois estalou o pescoço para um lado. Por que Róta dizia-lhe essas coisas? Por que queria dar a entender a Bryn que estava arrependido?

—Se meta com seus assuntos, Valquíria.

—Já lhe dissemos, de todas as maneiras possíveis — disse Gúnnr, aparecendo do interior da caverna, indo ao encontro de suas irmãs. Abraçou Bryn com força e a beijou na bochecha—... que

ela é assunto nosso. — Gúnnr ia agir diferente de Róta, assim seus olhos se tornaram vermelho rubi. — Mantenha-se bem longe dela, ouviu-me?

As três juntas se meteram em um elevador de portas metálicas e prateadas que as levaria a um andar inferior e subterrâneo dentro das cavernas.

Ardan e Noah as seguiram, e foi o berserker quem bateu no ombro amigavelmente e lhe disse:

—Cara, presumo que a loira é sua?

—Presume-se? —Ardan elevou a sobrancelha do piercing e lhe dirigiu um olhar capaz de congelar o deserto— Ela é minha.

—Sei. Pois parece que nenhuma das três está de acordo.

Deu-lhe dois tapinhas mais nas costas e se adiantou para tomar o elevador com elas.

Ardan se apressou coxeando, mas Bryn o olhou e apertou o botão de descer. As portas se fecharam antes que ele pudesse os alcançar.

Aquele era o lar de Steven. Sob o lago Marae, o jovem líder berserker tinha construído sua própria casa. Uma casa submarina, rodeada de água doce por todos os lados.

As janelas deixavam ver desde salmões até tubarões de água doce que ele mesmo se encarregou de criar, pois adorava os animais. Também, de vez em quando, cruzavam as janelas desde enguias a carpas. A casa tinha iluminação exterior, com o que a luz que entrava pela janela tingia de diferentes cores a água do lago que a cobria.

Quando Bryn entrou na sala, todos celebraram sua volta.

Gabriel ficou muito contente ao vê-la, e fez algo que não fazia com suas Valquírias: abraçou-a e lhe sussurrou ao ouvido:

—É a líder mais espetacular que vi, General. Mas se voltar a fazer algo parecido, outra vez, terei que te matar. Não pode me deixar órfão na guerra.

—Compreendo-o, Engel —assegurou Bryn, surpreendida pela amostra de carinho— Mas uma força maior me obrigou a fazê-lo.

—Sei, e a respeito. Simplesmente, não volte a fazer isso. —Lhe piscou um olho e ofereceu assento na mesa redonda em que estavam todos os *einherjars* e o samurai sentados.

Bryn quis aceitar a cadeira, mas, quando se moveu para sentar-se, uns bracinhos a rodearam pela cintura e colou seu pequeno corpo às suas costas.

Os olhos da jovem se encheram de lágrimas, e não demorou nem um segundo em virar-se e abraçar Johnson com todo seu coração.

O híbrido não a soltava. Afundava o rosto em seu estômago para que ninguém visse que estava chorando.

Bryn elevou seus olhos angustiados e se encontrou com o afetado olhar de Ardan, que engolia saliva e apertava a mandíbula ao dar-se conta de quão importante era ela para Johnson.

Bryn pigarreou e desviou os olhos dele. Ardan a olhava de diferença forma: não havia um pinga de rancor em suas profundidades caramelo; pelo contrário, havia um desejo que Bryn não se atrevia a nomear.

Steven, que deixou de sorrir desde que a fortaleza caiu enquanto ele estava ao comando de tudo, saudou Bryn com carinho.

—Alegra-me ver que esteja de volta, General.

—Nunca fui. — respondeu ela observando suas olheiras e seu rosto entristecido.

O berserker se sentou à mesa em silêncio e esperou que aquela reunião começasse.

E, enquanto iam chegando todos os guerreiros e Gabriel ia apresentando a todos um a um, Ardan não tirou o olho de Bryn. E Bryn aprendeu a dissimular que não se dava conta disso.

Steven tinha a sensação de que tinha fracassado.

Quando o líder de seu clã te pede que cuide dos seus e, em vez de fazer isso, deixa que derrubem seu lar e matem noventa e cinco por cento dos guerreiros, mulheres e crianças que havia nele, não pode se sentir satisfeito nem orgulhoso.

Sentia-se decepcionado consigo mesmo e também responsável.

Responsável pelos últimos e lastimosos suspiros de vida de todos os que morreram sob as artimanhas de Buchanan e as garras de Cameron.

Nem sequer se atrevia a olhar Ardan no rosto. O laird não tinha falado com ele após; certamente, sentia-se enojado só com sua presença.

Supunha-se que ele devia ser um líder, como o foram seu pai e sua irmã Scarlett. E não fora. As mortes de todos os que caíram na batalha de Arran o perseguiriam por toda sua vida.

E, então, enquanto nadava no mar de sua autoflagelação, uma guerreira vestida de negro e com sapatos de salto vermelhos com caveiras de pedras brilhantes chegou à sala acompanhada de mais vanírios.

E Steven ficou sem palavras e se esqueceu de respirar.

Reconheceu-a imediatamente. Era a jovem com que falou em uma videoconferência no pequeno castelo de Ardan de River Ness.

Daimhin.

“Minha Daimhin”, pensou possessivo.

Seu corpo ficou muito tenso na cadeira; e se levantou pouco a pouco com os olhos amarelos muito abertos, centrados somente na jovem desafiante e de longo e liso cabelo loiro que usava preso com uma fina borracha prateada.

—Você? — sussurrou Steven.

Daimhin inclinou a cabeça para um lado e o estudou de cima a baixo, reconhecendo-o imediatamente, embora querendo fingir o contrário.

—Olá.

—Olá, você...

Daimhin franziu o cenho e sorriu sem dar a importância que lhe dava.

Atrás dela, um jovem loiro marcou terreno, protegendo-a em todo momento. Os dois se pareciam muitíssimo, assim Steven supôs que se tratava de seu irmão.

Gabriel esperou que os líderes de cada clã se reunissem em volta da mesa redonda. E começou a reunião sem mais demora.

—Sou Gabriel, o líder dos *einherjars* de Odin.

Depois dessa apresentação, apresentou a cada um dos guerreiros e explicou um pouco suas funções e seus dons. Não se esqueceu de ninguém.

—Estão todos aqui porque a situação se descontrolou completamente. Cameron e Buchanan derrubaram o castelo de Ardan, e morreram muitíssimos guerreiros. A falha geológica da Escócia se ativou, e talvez, cedo ou tarde, aumente; então, o que afetou somente a Arran acabará afetando a toda Escócia e Irlanda. Os pontos eletromagnéticos que rodeiam a Escócia, a Irlanda e a Inglaterra diminuirão sua energia, como se tivessem dormido. A lança continua sem dar sinais; e os ovos de purs e etones podem se reproduzir em água salgada, assim os mares do planeta poderiam estar infestados por completo.

—Isamu conseguiu uma fórmula de choque para os esporos no mar? —perguntou Ardan, preocupado.

—Estamos nisso — respondeu o japonês — Nos ocupará umas horas mais. Steven nos cedeu seus laboratórios para que trabalhemos neles, assim espero lhes dar logo boas notícias.

—E qual é o plano de ação agora, Engel? —perguntou Ardan.

Gabriel não sabia se o tom do highlander era desafiante, como todas as outras vezes, ou, perguntava pela primeira vez com respeito e seriedade. Quando viu que não havia rastro da soberba mostrada em dias anteriores, Gabriel pôs as mãos no fogo por ele e disse:

—O que você sugere, laird? São suas terras e ninguém as conhece melhor que você. Tem ideia do paradeiro de Cameron? Os nosferatus se tornaram mais fortes pelo uso da terapia Stem Cells. Se achar Cameron, não só encontraremos a lança... Também poderemos destruir a maldita terapia que os está rejuvenescendo.

—Quero encontrar Cameron; mas ele nunca está em um lugar físico. Mas, antes, prefiro achar Buchanan — entreteceu os olhos até que se converteram em uma linha marrom claro — Necessito matá-lo com minhas próprias mãos.

—Todos queremos — jurou Steven.

—O único que pode tocar a lança é Hummus — sentenciou Noah — É um totem divino, e só os deuses ou semideuses podem tocá-los sem morrer por isso. Hummus é um semideus. É ao Hummus a quem terá que localizar, pois a lança estará perto dele.

—Antes de realizar a *farvel furie* —Bryn se levantou para que todos a vissem e a escutassem — ouvi que Cameron dizia que me carregassem e que me levassem à ilha, que Hummus estaria feliz de me ver.

Ardan e Gabriel olharam um ao outro. O highlander, raivoso, reprimiu a vontade de golpear o chão com seus pés. Deram a Bryn uma surra sem misericórdia, e ele não tinha feito nada para detê-los. Jurou que se vingaria.

—Isso limita nosso plano de ação. —Gabriel sorriu — Essa ilha não deve estar muito longe então...

—A Escócia está cheia de ilhas — Gúnnr franziu o cenho, incrédula.

—A encontraremos, com certeza. —jurou Noah.

Ele tinha uma adaga *Guddine*. Talvez, se deixasse guiar por ela e seguisse a ponta de sua lâmina, acabaria chegando até Hummus; não importava se estava a vinte quilômetros ou na outra ponta do mundo.

E, deuses..., como desejava encontrá-lo de novo e acabar com ele!

—E a lança? Se não captarmos seu sinal eletromagnético, como vamos saber onde está? — Miya entrelaçou seus dedos tatuados e olhou à frente — É o totem mais perigoso de todos. Os pontos eletromagnéticos acordados não deixam que o sinal da lança chegue com clareza. Além disso, o mais seguro é que a tenham guardada em algum lugar blindado que corte seu sinal.

—Eu lhes trago notícias de Black Country — Noah apoiou os cotovelos sobre a mesa e seu rosto ficou semiescondido entre seu cabelo loiro. — Nossa cientista, Miz O'Shanne, assegura que os portais da terra diminuíram sua energia porque estão esperando explodir e realizar uma última explosão. Quando isto acontecer, a Terra se converterá em um portal para outros mundos. E não importará onde cravem a lança, porque todos os portais serão supercondutores e poderão converter-se em buracos de verme ou portas estelares. Assim, o que de verdade nos urge é localizar a lança e seu possuidor.

Todos estiveram de acordo, mas deviam dividir-se então para tentar diferentes frentes.

—Proponho que o clã de Isamu trabalhe para desinfetar o mar dos esporos — disse Gabriel, olhando através das janelas marinhas. — Preciso dos vanírios de Black Country em todos os pontos quentes de conflito. Terão que mudar os pensamentos dos humanos que possam chegar a nos ver.

—As televisões já difundem pessoas que falam de ovnis e de extraterrestres que saem dos mares... Não lhes dão muita credibilidade porque acontece na Escócia — disse Steven — e alguns o comparam ao mito do Lago Ness; mas há muita gente que já nos viu.

Os purs e os etones não deixaram de sair do mar após.

—Agora sim — assegurou Ardan — A General eletrocutou os ovos e os esporos e matou a todos. Em Arran demoraram em reproduzir-se de novo.

Isamu, o vanírio kofun, companheiro do tio de Gabriel, ligou seu iPad negro e mostrou um mapa da Escócia.

—Nos demos conta de que a falha geológica das Highlands se ativou ao cair parte do escarpado no qual estava o castelo de Arran — assinalou o mapa topográfico — Mas os esporos puderam penetrar entre as falhas, em maiores profundidades, e os ovos de etones e purs, ao fazer-se espaço para nascer, devem ter movido as placas tectônicas, e daí que a fresta se abriu. Se os esporos tiverem viajado através das correntes marinhas, a falha não demorará em abrir-se de novo. Devemos estar preparados para lutar contra etones e purs a qualquer momento.

—Podemos encontrar Buchannan. — soltou Róta com uma risadinha.

Todos a olharam espectadores. Ardan se aproximou dela ansioso.

—Como?

—Pois olhe, tranças — explicou levando a mão ao decote de sua armadura de Valquíria —: enquanto você brincava de navios de fogo em Lerwick, nós tentávamos salvar nossa pele em Arran. Eu arranquei uma mecha de cabelo de Buchannan. — Elevou a mão e mostrou o cabelo negro trançado que tinha entre os dedos — Isto me dirá onde está.

—Por que não nos disse antes? — Gabriel estava estupefato.

—Pois não sei... Porque, vejamos: você tinha os joelhos quebrados e as costelas saíam do seu corpo; e Miya era uma maldita árvore de Natal com projéteis de luz por todo o corpo. Bryn tinha morrido, e Ardan estava possuído por um suicida. Deviam se curar para nos mover! Os *einherjars*

ainda continuam cicatrizando-se de suas feridas, e Johnson, embora seja o mais valente de todos —pisçou um olho ao pequeno—, não pode voar nem lutar ainda. Além disso, éramos muito poucos para enfrentá-los. Não quero voltar a perder em uma batalha. Odeio perder! —queixou-se zangada.

A resposta pareceu tão divertida para Bryn que uma risada escapou dela, e Ardan não teve mais jeito que agradecer a Róta seu sarcasmo; porque, graças a ela, tornou a escutar a divertida risada de Bryn.

—Pode localizar Buchannan. —Não era uma pergunta. Gabriel o assegurava em seu tom.

—Sim.

—Faça agora mesmo, nonne —ordenou Bryn secando as lágrimas de tanto rir.

—De acordo, General.

—Eu não quero repetir o que Róta disse antes —interveio Gúnnr com doçura—, mas, antes de ir à guerra outra vez, os *einherjars* precisam recuperar-se. Precisam sarar. Theodore, Ogedei, Gengis, William, inclusive ele —assinalou a Ardan—, não se recuperam facilmente de suas feridas. Nesse estado não ajudam.

Bryn ficou calada. Freyja disse que tinha *hellbredelse* para todos até que escolhesse a seu *einherjar*. Olhou de esguelha para Ardan e levantou a mão como se fosse a primeira da classe.

—Sara? Eu tenho cura para eles!

A Valquíria se encontrava na enfermaria. Steven tinha uma sala cheia de camas largas e cômodas para os guerreiros feridos, fossem da raça que fossem. Era um cômodo grande e sutilmente iluminado, com música ambiente incluída. Soava uma linda canção melódica e harmoniosa chamada *Stupid Boy*, e a cantava uma jovem humana chamada Cassadee Pope.

As paredes de pedra conservavam muito o calor, e os quatro *einherjars* estavam em seus leitos, com os lençóis que cobriam somente suas pernas.

No *Valhala*, Bryn nunca tocou a nenhum guerreiro; pensou nisso enquanto curava Ogedei de suas feridas. Jamais tocou a outro homem que não fosse Ardan; essa ideia cruzou sua mente quando curou Gengis.

Nunca pensou que poderia ter a oportunidade de escolher a seu companheiro; isso meditou quando curava William. E, nem em sua mais remota imaginação, visualizou-se perdendo a virgindade com outro homem que não fosse o highlander; aquele foi seu pensamento mais incômodo, e o teve quando descobriu o loiro romano Theodore e apalpou sua dura carne e seu corpo definido. Arrebatou-lhe a virgindade e, embora não chegou ao orgasmo, acendeu-a e a fez sentir desejo. O que aconteceria se finalizassem esse ato? Voltariam a sair suas asas? Elas abririam como fizeram suas nonnes com seus companheiros?

Well, she was precious like a flower
She grew wild, wild but innocent
A perfect prayer in a desperate hour
She was everything beautiful and different

***Bem, ela era preciosa como uma flor
Ela cresceu selvagem, selvagem, mas inocente
A oração perfeita em uma hora desesperada
Ela era toda bonita e diferente***

Ardan se mantinha oculto no canto da sala. A luz somente atingia de lado em seus cento e dez quilos de puro músculo e mais de dois metros de altura.

Seu olhar cor caramelo não podia afastar-se da imagem que formava Bryn com cada um dos *einherjars* que curou.

Todos eram romanos, exceto William, que era irlandês.

Os ciúmes o roíam. Não aguentava ver como suas femininas e delicadas mãos, que tanta destruição podiam causar, eram capazes de curar seus guerreiros com tal suavidade e dedicação.

E lhe parecia incrível que Bryn fosse capaz de tocar a outros homens quando nunca antes o fez. Mas aceitou isso; sem vontade, mas o aceitou. Porque isso era o que merecia por tudo o que tinha feito.

Ele mesmo jogou com outra mulher diante dela, e fingiu que fez sexo com ela. Se Bryn sentiu uma mínima parte da dor que ele experimentava agora ao ver como seus dedos roçavam outra carne, outros músculos que não eram os seus, então, tinha sido um verdadeiro sádico. Um grande sacana.

E sabia o muito que sofreu.

Leu tudo naquele diário. Um diário que desapareceu sob a rachadura que se abriu em St. Molio's Cave. Um livro pelo qual Bryn não tornou a perguntar.

Quando chegou a vez de curar Theodore, Ardan ficou tenso e apoiou os cotovelos sobre seus joelhos, inclinando o corpo para frente. Com Theo parecia tudo diferente. Bryn o olhava mais nos olhos e repassava mais seus músculos e seu corpo, como se ela se alimentasse dele.

E isso estava matando o dalradiano, que era vítima de seu próprio desespero e sua culpa. Ela já não o olhava porque a feriu no mais profundo. Mas jurou que a recuperaria.

A dominaria como ele sabia. Não tinha tempo para reverência nem para cortejos.

Queria-a para ele sim ou sim. Depois de tudo, era um amo. Um amo original. E queria o que queria e desejava o que desejava.

O que necessitava para recuperar sua essência perdida era essa mulher.

Bryn acabou de curar Theodore, que a olhou aniquilado. O romano engoliu saliva e elevou a mão para que Bryn a pegasse. A Valquíria a aceitou.

Escutou-se um grunhido na sala, mas nenhum dos dois prestou atenção nele.

—Não sou um homem de pedir desculpas —disse Theodore— Depois do ocorrido na fortaleza, Ardan nos explicou o que aconteceu e nos disse que você era inocente de todas as acusações.

Bryn olhou ao referido de soslaio. Ardan disse isso? Em realidade, não era completamente inocente. Ela tomou uma decisão que quebrou seu coração. Se era culpada de algo foi de ter mentido para ele e tê-lo magoado.

—Mas não precisava ouvir isso —disse em voz baixa e aproximando-a de seus lábios. Bryn girou o rosto para que lhe falasse ao ouvido— depois de vê-la lutar e se sacrificar pelo pequeno, por nós, não me cabe dúvida de que não é malvada, nem traiçoeira. E que certamente não é a escrava de ninguém, mas sim o contrário. Que saiba que, a partir de agora, os *einherjars* estão a seus pés, General. Eu sou o primeiro.

Bryn sentiu uma quebra de onda de bem-estar em sua alma e em seu coração ao escutar aquele reconhecimento na voz de um homem que a tinha odiado e que a fez dele.

E se permitiu pensar que, talvez, Theodore e ela poderiam chegar a ter mais que uma noite de sexo histriônico e perturbador. Não sabia o que *mais*, certamente, mais que cordas e vendas.

—Alegra-me ouvi-lo dizer isso, Theodore —reconheceu com um sorriso.

—Me chame de Theo — pediu ele.

Bryn sorriu. Sim. Talvez esse *mais* não tivesse nada a ver com o fogo ardente que sentiu com Ardan, nem com a necessidade de o tocar com a loucura que experimentava quando pressentia que o escocês estava perto. Talvez não precisasse cheirar sua essência para esquentar-se.

Mas, seja o que fosse o que pudesse ter com o romano, seria sem dúvida mais calmo, mais educado e, ao fim das contas, vendo como foi tudo com Ardan, certamente, até poderia ser melhor.

Nenhum dos dois sofreria.

Theo se levantou, ficando nu de costas para Bryn e começou a vestir-se.

Bryn observou suas asas tribais e, então, piscou confusa.

Theodore tinha suas asas igualmente congeladas como ela as teve. Depois, observou os outros *einherjars* e se deu conta de que os quatro, tinham suas extensões tribais da mesma cor.

Franziu o cenho e engoliu saliva.

Todos tiveram o coração quebrado? Como ela?

Isso os aproximava muito mais do que podia pensar. As almas feridas se atraíam para curar suas cicatrizes.

E se ela tinha muitas, eles não podiam ser menos.

—Suas costas... — sussurrou Bryn levantando a mão e tocando um de seus contornos, frias e sem vida.

Theo ficou muito quieto, desfrutando do toque e sentindo-se culpado por isso.

—Está fria. — respondeu ele sem querer lhe dar importância — Não se preocupe com elas.

Bryn assentiu, embora não estava muito de acordo com a resposta.

—Vamos, General —respondeu o moreno, Ogedei. Ele também trocou sua atitude para com ela. Agora todos a respeitavam — Obrigado por sua ajuda.

—De nada — respondeu — Na sala há comida para que recuperem energias.

Os guerreiros assentiram, esfomeados como estavam, e deixaram Ardan e a General sozinhos.

Bryn se virou e encarou Ardan, que continuava imóvel na cadeira, com as mãos entrelaçadas, os cotovelos sobre seus joelhos e todo o corpo para frente; como um felino a ponto de saltar sobre sua presa.

Seus olhos tatuados brilharam desafiantes, e seus piercings refulgiram ao ser roçados pela tênue iluminação.

Bryn sentia por ele tudo o que não sentia por Theo; e se perguntou se alguma vez poderia experimentar as mesmas emoções por outro homem, fosse Theo ou não.

Ardan a olhava e ela acendia tão rápido quanto um fósforo. Não era calmo, não era uma paixão a fogo lento; era avassaladora e a deixava sem forças para lutar contra ela; sem energias para resistir.

—Suponho que é minha vez —disse Ardan com voz inflexível.

Bryn deu de ombros e esquivou seu olhar.

—Suponho que sim.

—Embora possa escolher não me curar, verdade?

—Sim.

—Fará isso?

Bryn estudou suas feridas, que já observou umas cem mil vezes, e negou com a cabeça. Esse homem necessitava uma cura urgente.

—Não. O dom da Valquíria é o de cura, e não posso me negar a ele —explicou aproximando-se dele e colocando-se entre suas pernas.

Ardan jogou o corpo para trás e abriu mais suas coxas para que a jovem encontrasse sua posição.

—Eu me neguei a te curar. Não uma vez, mas sim várias vezes — reconheceu enojado consigo mesmo.

—É verdade. —Bryn lhe tirou as ombreiras puxando mais forte que o necessário. — Não me curou.

—Não estou orgulhoso disso. Arrependo-me — assegurou elevando o queixo, e estudando suas reações às suas palavras.

—Bom, isso já passou. Não voltará a repetir-se. —Tirou-lhe o protetor peitoral e procedeu a lhe fechar todas as feridas.

—Não. Não voltará a repetir-se. —Ardan a agarrou pela cintura e sentou-a sobre suas coxas com um puxão selvagem— Não voltará a repetir-se porque agora sei toda a verdade. E quero cuidar de você; e que me deixe estar ao seu lado, para te ressarcir de todas as ofensas que cometi em seu contrário.

Bryn sentiu emoção e raiva ao ouvi-lo falar assim. Essas palavras chegavam muito tarde.

—Me solte, Ardan. — pediu com educação.

—Não quero.

—Sua atitude me demonstrou muitas coisas estes dias... — murmurou cada vez mais agitada.

—Estava zangado. Foi muito tempo ressentido com você pelo que me fez.

—Podia ter me perguntado. Uma mísera pergunta, só uma. E se calou como um porco. Não te interessei o suficiente; e isso me disse muito sobre você. Agora, me solte. Suas palavras chegam tarde.

—Nunca é tarde se ainda há vida, General. —Ardan tomou seu queixo entre seus enormes dedos e, com uma paixão transbordante, girou seu rosto para ele e a beijou.

O primeiro beijo no *Midgard*. Assim, daquela maneira... estava ficando louca. Queria deixar-se levar, mas não podia.

Bryn sentiu o piercing do lábio contra o seu inferior, e sentiu vontade de mordiscá-lo; percebeu o gosto de sua língua em sua boca, e ardeu em desejos de saboreá-la. Notou a suavidade de seus dentes e também a força de sua paixão. Ardan estava pondo tudo o que tinha nesse profundo beijo, que estava deixando a ambos sem respiração.

—Move os lábios, Bryn. Devolva-me o beijo, por favor — suplicou falando sobre sua boca— Preciso te sentir uma vez.

Ela piscou confusa, ficou imóvel; depois, negou com a cabeça e empurrou seu torso para afastar-se.

—Não! —gritou com os olhos úmidos— Não... —repetiu assustada.

Zás!

Deu-lhe tal bofetada e com tanta força que por pouco a cabeça de Ardan não deu um giro.

She laid her heart and soul right in your hands,
And you stole her every dream and you crushed her plans
She never even knew she had a choice and that's what happens
When the only voice she hears is telling her she can't
You stupid boy

***Ela pôs sua alma e seu coração em suas mãos,
E você roubou cada um de seus sonhos e destruiu seus planos
Ela nunca soube que tinha uma oportunidade, e isso é o que acontece
Quando a única voz que escuta está te dizendo que não pode tê-la.
Seu menino estúpido...***

Bryn se levantou de entre suas pernas. Seus olhos vermelhos falavam de despeito e de vontade de deixar as coisas claras. Seu corpo estava tenso, em posição para iniciar uma batalha; e a começaria se ele continuasse pressionando-a.

—Me obrigou a tudo desde que estou aqui! —gritou assinalando o chão que pisava— Me fez sua escrava, me açoitou, jogou comigo os seus prazeres de dominação e submissão! Obrigou-me a aceitar em meu corpo outro homem e ignorou minha palavra de segurança. Não só é um amo péssimo! É... é uma pessoa má. É cruel. E agora me obriga a que devolva seu beijo?

—Um momento. — disse levantando a mão e elevando-se ao mesmo tempo. Suas calças caídas deixavam ver os músculos que rodeavam seus quadris— Eu não te obriguei a estar com outro homem. Não o permiti. Não, não o suportei...

—Mente! —exclamou, o empurrando e sentando-o de novo na cadeira— Theo me possuiu em sua maldita masmorra enquanto você transava com Sammy. E fez isso diante de mim. Não se importou... — sussurrou cada vez mais decepcionada. Quanto mais repetia isso e mais o ouvia, mais se desenganava— Se importou bem pouco que ele arrebatasse minha virgindade, não foi, escocês? Aposto que até ficou excitado... Por fim: A General humilhada — sorriu com tristeza.

Ardan voltou a levantar-se como uma mola, com os olhos escuros pela raiva e as veias do pescoço inchadas.

—Não foi Theo quem lhe fez isso! Fui eu! — bateu no peito nu com o punho— Eu, maldição! Não ele! Nem sequer pense que ele podia te tocar desse modo!

—Mentiroso! Troll asqueroso! Deixou que Logan me tocasse e jogasse comigo. Por que não ia permitir que Theo fizesse o mesmo?!

—Porque o mataria depois. Fui tolo ao pensar que podia deixar que outro te acariciasse diante de mim; pensei que já não sentia nada por você. Mas quando Theo se dispôs a tomá-la, fiquei louco! Não podia deixar que ninguém tomasse o que estava reservado para mim.

Bryn retrocedeu vários passos, com os olhos abertos e sem piscar. Não acreditaria.

—Não acredito em você. Você estava com Sammy, não comigo.

—Não é verdade. Pergunte a Theo! —gritou desesperado.

Deuses, Ardan tinha vontade até de chorar. Mas ele ganhou aquilo passo a passo.

Bryn olhou o chão, depois para ele e, em seguida, à porta de saída da sala.

—Não tinha piercings — murmurou para si mesma.

—Como?

—O homem que me possuiu — o olhou de frente— não tinha piercings. Você tem todo o pênis cheio deles. Não foi você; não me engane.

Ardan piscou uma vez e não hesitou em descer as calças rapidamente. Os piercings poderiam ser retirados. De fato, os tirou para confundi-la.

—Me olhe. —Ardan tomou o pesado pênis entre suas mãos, semi endurecido e, ele mesmo, tirou o primeiro piercing, que estava no prepúcio. Gemeu ao extraí-lo e o mostrou a Bryn — Posso tirá-los, sereia. Fui eu o que a teve — confessou desejoso de que acreditasse nele. — Não foi ele.

A situação pareceu a Bryn fora de tempo e lugar. Mas vê-lo nu a esquentou e despertou o centro de suas pernas. Formigava. Apertou as pernas e os dentes. Suportaria; não tinha mais solução.

—Já não importa quem o fez —mas sim importava. A ela sim—O único que conta agora é que eu já não tenho *kompromiss* com você e que posso escolher por fim ao guerreiro que quiser. É um privilégio que outorgou-me Freyja. E o quero aproveitar.

—Você me quer — respondeu, ofendido e abatido.

—Fala no passado, querer?

—Não o negue —protestou— Já neguei isso durante séculos, para que agora estenda mais esta tortura. Não seja tão estúpida como eu fui.

—Eu não torturo ninguém. Você é o especialista nisso. Agora só está recebendo uma parte do que deu estes dias, Ardan.

—Não pode se aproximar de outro sentindo coisas por mim. É injusto.

—Ah, não? Pois, se o que diz é verdade, então você não deveria ter se aproximado de Sammy sabendo que era eu de quem sentia falta e a quem desejava. Por sorte, você decidiu ficar com ela, verdade? Ia renunciar a seu dom imortal para morrer a seu lado —imitou sua voz com ironia— Maldito falso... — sussurrou virando-se e afastando-se de seu lado— Sinto muito que tenha morrido no castelo, Ardan. —E o dizia a sério. Lamentava-se de todas as mortes— Terá que procurar outra submissa a partir de agora.

Ardan abriu e fechou a boca. Não pôde rebater. Bryn disse uma grande verdade: usou Sammy só para tirar Bryn da cabeça e, depois, para lhe fazer ciúmes também. Agora não podia negar nada.

Mas Sammy não tinha morrido. Se encontrava com Cameron, talvez pudesse salvá-la em nome de todos os que não pôde cuidar. Em nome de todos os que morreram na emboscada dos jotuns.

—Bryn...

—O que quer agora? —disse mal-humorada.

—Pergunte a Theo. Ele te dirá a verdade. Fui eu. Sempre fui eu. Não permitirei que nos negue assim. Apertou-me como um punho, Bryn. Ainda fico excitado quando lembro disso.

Bryn se deteve sob o umbral da porta e deu de ombros.

—Não vou perguntar nada. Você não o fez.

CAPÍTULO 20

Fair Isle

Norte de Escócia

Talvez fossem os gases que a terra deixava sair através da rachadura de Arran; ou, ao melhor, era o tempo apocalíptico que caía sobre o *Midgard*; mas o amanhecer emergiu como uma noite escura. O céu cinza não deixava passar nem um raio de sol; e a frente ártica e chuvosa cobria terras escocesas, irlandesas e inglesas.

Quando Róta tocou a mecha do cabelo de Buchannan, sua visão psicométrica a levou a percorrer grandes extensões de mares. Dividido entre Lerwick e Kirkwall, as duas ilhas que se localizavam entre a Escócia e a Noruega, havia uma ilha pequena conhecida como Fair Isle.

A Valquíria disse que havia um aeroporto; que mal havia habitantes na ilha, e que Buchannan estava sob uma caverna com dezenas de pássaros que voavam em círculo sobre suas cabeças; ademais, vinham-lhe imagens de luvas e gorros de lã.

A todos pareceu curiosa essa informação. Exceto a Ardan, que foi quem associou a localização com Fair Isle. Ali se encontrava uma popular fábrica em que teciam e fiavam roupa de lã muito popular na Escócia e Reino Unido, e tinha um famoso observatório de pássaros; a ilha estava repleta de aves estranhas, algumas ainda sem catalogar.

A ilha era fria e não tinha nem pubs nem restaurantes, nem nada parecido. Só contava com uma escola primária onde iam as crianças até os onze anos; depois, essas crianças deviam estudar em Lerwick, a ilha vizinha.

Enquanto Isamu e seu clã ficavam para acabar de preparar a fórmula bloqueadora para os esporos, e cuidavam da Ilha Marae, Steven e o que restava de seus berserkers se reuniam com os vanírios cabeças raspadas de Black Country e viajavam a Edimburgo para controlar a falha geológica das Highlands e estar presentes no caso da terra se rachar de novo e os purs e os etones começassem a emergir dela e a matar os humanos.

Noah acompanhou as Valquírias e os *einherjars* em sua busca por Buchannan. O berserker tinha a esperança de encontrar Hummus perto de onde estivessem seus súditos, e esperava que sua adaga *Guddine* tremesse e se esquentasse ao pisar nessa ilha. Se o fazia, significava que havia um semideus a seu redor. Como não podia voar, Bryn o levou sobre seu Pégaso, e juntos empreenderam a viagem, sempre sob o atento e receoso olhar de Ardan.

Fair Isle era um lugar selvagem e inóspito.

Estava rodeada de pequenas ilhotas verdes, ariscas como suas formas, mas cheios de encanto natural.

A ilha central não era muito grande, assim não demoraram muito em percorrê-la e encontrar os grupos de aves de todo tipo que voavam em círculo e que mencionava Róta.

Sobrevoavam uma área rodeada de musgo verde, mas com rochas nuas e escarpadas. Ao horizonte, divisava-se o observatório de pássaros da ilha.

Gabriel e Ardan forneceram pequenos aparelhos de invisibilidade que serviam para que os radares não os detectassem enquanto sobrevoavam a ilha. Levavam de tudo; desde desodorizantes até anuladores de ondas mentais, se por acaso os etones decidiam fazer dos deles.

Angélico, o Pégaso de Bryn, moveu as orelhas ao ver as aves, e Bryn lhe acariciou o pescoço.

—Agora poderá ir brincar com seus amiguinhos. Não os coma, ok?

—O pégaso não pode ir brincar com os pássaros, entende? — recriminou-a Noah— É um observatório. O que acham que farão quando virem um cavalo voador?

—Hei, loiro. Se ela quiser que seu cavalo brinque com os passarinhos, que brinque, entendido? —advertiu-o Ardan com voz ameaçadora.

Noah girou os olhos e deu de ombros.

—Façam o que sentir vontade. Estão todos pirados.

Estudaram o terreno e apalpam com suas botas rochas ocas no chão que pudessem dar entrada ao suposto submundo.

Gabriel tocou quatro vezes seguidas uma rocha plana e cinzenta.

Apalpou com os dedos a grama ao redor até encontrar o que procurava. Sorriu, e algo fez clique.

—É aqui? —perguntou Ardan desembainhando suas espadas. Seus *einherjars* fizeram o mesmo.

Róta fechou os olhos e voltou a tocar o cabelo... Assentiu com um sorriso orgulhoso.

—É aqui, Coques — disse.

Ardan voltara a usar seu cabelo preso em um coque alto; e uns pares de tranças finas caíam por detrás de sua orelha direita até roçar o arnês do peito.

Ardan sorriu. Róta o chamava tranças, coques, ilhéu, e outros insultos mais lucrativos.

—Esta é a entrada. —Gabriel se agachou e observou como a porta do chão se abria da esquerda à direita e umas escadas verticais desciam a uns vinte metros em profundidade.

—À suas ordens, Engel.

Gabriel assentiu e disse:

—Não quero que fique nada nem ninguém em pé. Vamos vingar nossos amigos.

—Pensei que não era homem de vinganças — disse Ardan, colocando-se a seu lado. Chocou suas espadas e lhe sorriu amigavelmente. — O que diria Sun Tzu?

—Sun Tzu diria que a melhor batalha é vencer sem combater. Mas estamos em um ponto de não retorno; e a guerra já é uma realidade.

—Certo.

—Sabe quem é Walter Scott?

—É óbvio.

—Ele disse que a vingança é o manjar mais saboroso; embora esteja condimentado no inferno. E eu digo: nos queimemos!

—Nos queimemos, Engel. —Ardan saltou ao vazio e foi à frente do clã de guerreiros.

Morreram muitos guerreiros amigos por ela.

Ele tinha traído seu clã por ela.

Tinha vendido sua alma a Loki por ela.

E, agora, Mandy estava desperta em uma cápsula de vidro.

Acabavam de desconectá-la de vários cabos com os quais era transferido o sangue tratado com o Stem Cells. O sangue de todos os escravos que se achavam nesses túneis.

O último andar das instalações era o que continha as cápsulas de rejuvenescimento. O pintaram todo de branco, e as luzes eram de cor azul suave. As paredes estavam cheias desses caixões verticais transparentes com vampiros que recebiam o tratamento pertinente.

Os tubos cheios de sangue desciam desde o quarto andar, que eram onde estavam os escravos doadores, transpassavam o teto e se introduziam, mediante válvulas, nos compartimentos individuais.

Buchanan observou a sua mulher: sua beleza era inquebrável.

E isso que a tinham achado queimada. Mas a terapia rejuvenescia e tratava as células destruídas até as restituir por completo.

Agora sua Amanda, sua *cáraid*, seguia sendo ela. Havia se recuperado totalmente.

Só faltava que abrisse os olhos e que por fim o reconhecesse. E Buchanan precisava que ela voltasse a olhá-lo tanto quanto o respirar.

Ganhou ir ao inferno pelo que tinha feito?

Trair aos seus pelo amor de sua mulher, por sua vida, valia a perda de sua alma? Todas essas dúvidas já não importavam.

Desapareciam sob o peso de sua companheira.

A morena de cabelo curto e olhos azuis despertou.

Consideradamente os deixaram sozinhos para o reencontro, Mandy só tinha a ele como ponto de referência; e nele cravou seu olhar.

Buchanan se emocionou tanto que os joelhos cederam; Mandy piscou confusa e, quando viu que estava presa em um cárcere de vidro, começou a bater contra a cápsula até que depois de vários golpes, por fim, o vidro cedeu e se rompeu em mil pedaços.

A jovem, que vestia um macacão branco corporativo e ajustado com o logotipo da Newscientists sobre o peito esquerdo, saltou sobre Buchanan e lhe mostrou as presas.

—Por todos os deuses, Mandy! —gritou Buch— Sou eu! Sou eu!

Mas sua companheira não reagia, nem a seu tom nem às suas palavras.

Mandy era uma besta desumana. Um vampiro sedento de sangue que perdeu toda consciência do que tinha sido uma vez.

Buchanan não compreendia por que despertou daquele modo. Seria esse seu estado natural? Se era assim, então aquela mulher histérica, aquele monstro agressivo e violento, não era Mandy.

Era outra coisa, mas não era Mandy.

A *cáraid* que Cameron prometeu que lhe devolveria não era a mulher que amou com tanta devoção.

Isso que tinha sobre ele, arranhando seu rosto e lhe mordendo o pescoço, não era sua vaníria; não era sua companheira de vida.

—Sou eu! Mandy, reage! Sou eu! —gritava imobilizando-a contra o chão.

Os alarmes do recinto dispararam; e as luzes do teto se ativaram com tons vermelhos piscantes, como se tratasse de um submarino em alerta vermelho.

Buchanan olhou para todos os lados. Quem tinha entrado ali sem permissão?

—Vamos, Mandy! —Agarrou-a pelo pescoço e lhe girou um braço nas costas para que deixasse de brigar. A vampira continuava lutando contra ele, desejosa de o deixar seco, sem um mililitro de sangue em seu corpo.

Ele não tinha cedido ao sangue por ela. Pensou que, se Cameron a recuperasse, devia continuar mantendo a essência vaníria para compartilhá-la com sua mulher.

Mas, agora, Mandy era um nosferatu que só pensava em sua própria satisfação: em acabar com sua sede.

Os olhos de Buch se encheram de lágrimas, e decidiu que se havia um modo de não sentir arrependimento nem tristeza; se havia um modo de perder a consciência, esse seria com a morte. Assim não sofreria.

Soltou Mandy e se colocou no meio da sala. Fechou os olhos e esperou que o corpo de sua desaparecida mulher acabasse com sua vida.

Mas não foi assim. Nada acabou com ele.

Só notou um corte no ar e como algo salpicava seu rosto e peito.

Buchanan abriu os olhos, confuso; e o que viu, assustou-o mais que ver Mandy convertida em um vampiro.

Tinha o demônio mais vingativo de todos na frente dele.

Ardan tinha a cabeça degolada de Mandy na mão esquerda e a lâmina de sua espada manchada de sangue e empunhada na direita.

Sabia, pela boca de outros guerreiros, que Ardan tinha um olhar diabólico quando ia acabar com a vida de algum lutador. Era como se outro ser mais malvado que ele o possuísse. O chamavam de o diabo da Escócia com razão.

E agora, seu ex-amigo o estava olhando daquele modo.

Ardan atirou a cabeça da vampira ao chão.

Aquela já tinha deixado de ser Mandy. Acontecia quando fazia transfusões de sangue em um vanírio e superava seu peso em líquido demais. E Mandy tinha recebido muito e se converteu em um puto boneco de Loki.

Nos outros andares, as Valquírias estavam incendiando com seus raios todas as caixas de terapia Stem Cells; mercadoria que levavam diretamente para a Noruega.

Gabriel e os *einherjars* tinham matado a todos os vampiros que ocultavam-se nesse putrefato buraco dispostos a chupar sangue dos escravos tratados que havia no quarto andar inferior.

E Noah acabou com todo o quarto andar por completo, também.

A premissa era acabar com tudo, e isso tinham feito os guerreiros. Não ficaria ninguém em pé.

Gabriel interrogou os cientistas humanos que estavam controlando, mediante os computadores, as fórmulas e a evolução das terapias. Eles tinham assegurado que eram os últimos em analisar a química do produto e que finalizavam o ciclo antes que a terapia chegasse a todos os vampiros que a tinham comprado. Porra, comercializavam com isso.

E Ardan... Ardan se encarregaria de detonar o andar inferior; o que sustentava todo aquele submundo de sangue, escravos, nosferatus e humanos contaminados.

E ali, nesse último andar, achavam-se Mandy e Buchannan.

Bom, agora só estava Buchannan.

—Onde está Cameron? —perguntou Ardan dando passos ameaçadores para ele.

—Matou Mandy... —sussurrou Buchannan — Minha Mandy —levou as mãos à cabeça e puxou seu cabelo com força.

Ardan correu para ele, mas Buchannan escapou e ativou a alavanca que abria as demais cápsulas de vidro.

Os vampiros saíram das cápsulas, mortos de fome, como tinha saído Mandy. E todos se dirigiram para marcar Ardan e também Buchannan. Ele ainda era um vanírio e também tinha sangue quente igual.

Ardan desdobrou suas asas, elevou suas espadas por cima das cabeças e, dando voltas sobre si mesmo como se fosse um tornado, partiu os corpos daqueles que se interpunham em seu caminho.

Bryn, Gúnnr e Róta entraram para o ajudar; e com seus raios fritaram os vampiros neófitos que queriam alcançar o highlander; isso propiciou que o *einherjar* ficasse sozinho com seu ex-companheiro.

—Coloquei as mãos no fogo por você —disse Ardan, limpando a maçã do rosto manchada de sangue com o antebraço. Não se detinha, seguia avançando para ele.

Buchannan ficou apoiado na parede. Tinha tentado escapar, mas as Valquírias o impediram. Agora devia enfrentar a justiça demoníaca de Ardan.

—Matou meus amigos. —Ardan guardou as espadas e ajustou as pulseiras aos pulsos. — Logan, Kendrick, Mervin —enumerou com os dedos das mãos. E, a cada nome, com seus punhos, quebrava-lhe joelhos e braços a uma velocidade vertiginosa. — Matou a mais de cem guerreiros em Arran, sem contar as mulheres e crianças. E tudo por que?

—Por Mandy. — respondeu ele, dobrado de dor no chão.

—Perdeu a cabeça. —Cuspiu o agarrando pela frente da camisa e elevando-o do chão— Mandy morreu, estúpido. E você não só não a deixou ir; mas sim, além disso, traiu a todo seu clã para retornar entre os mortos como uma puta marionete. —Assinalou a cabeça da mulher com um gesto de seu queixo.

—Não sabia! Cameron me disse...

Ardan o agarrou pelo pescoço e pressionou com seus dedos até sufocá-lo.

—Não pronuncie seu nome. É merda.

—Ele me ajudou! Quis me devolver a paz que me arrebataram quando Mandy morreu!

—Ele te manipulou! —gritou rompendo a traqueia dele. Buchannan era imortal e não morria se não lhe arrancavam o coração, ou cortassem o pescoço ou o expusesse ao sol. Com uma

traqueia partida não lhe aconteceria nada, mas era doloroso — E você vendeu seus princípios. Matou mulheres, homens e crianças inocentes. A todos. Sua traição saiu muito cara.

Buchanan quis suplicar por sua vida. Mas, com a traqueia assim, não podia falar.

—Posso fazer que morra lentamente ou em câmara muito, muito lenta. Diga-me onde está Cameron e onde guardam a lança.

Buchanan negou com a cabeça.

—Não... Não sei.

—Puto traidor... — grunhiu lhe afundando dois dedos no peito, à altura do esterno. — Vou colocar em você o maldito punho lentamente até te arrancar o coração. Diga-me isso.

—Detenha-se! Pare! —gritava Buchanan— Não sei... Somente sei que esperam que os vórtices se ativem de novo para utilizá-la...

—Em que ponto?

—Argh!

—Onde? —afundou um terceiro dedo e aumentou a ferida.

—Não sei! Dependerá de como se ativem.

Ardan meditou a resposta. Não compreendia nada.

—Onde está Hummus?

—Não sei. Não... Não o conheço. Eu somente... Só queria ver Mandy viva outra vez — reconheceu a ponto de desmaiar pela dor.

Ardan apertou os olhos com raiva e negou com a cabeça. Ele sempre pensou em Anderson e Buchanan como em grandes irmãos. E foram-no durante séculos, mas as perdas de suas *cáraids* vanírias acabaram com sua consciência. Elas morreram e, pelo caminho, levaram também as almas de seus guerreiros.

Ardan acabou de afundar o punho no peito de Buchanan e rodeou seu coração mentiroso e traidor com os dedos. Apertou-o com força e deu um puxão até extraí-lo. O coração do vanírio se desfez em suas mãos, e Buchanan fechou os olhos pela última vez, imediatamente, pronunciando um “obrigado, amigo” que desequilibrou a Ardan.

Bryn viu Ardan tão abatido quando saíram das instalações da Newscientists de Fair Isle que só desejava levá-lo a um canto, afastado de todos, e abraçá-lo.

Não devia sentir-se assim; não tinha por que sentir essas coisas, essa ânsia de consolá-lo; mas não podia evitar. Sentia tristeza por ele.

Pelo contrário, quando todos os guerreiros saíram das cavernas subterrâneas, esse desgosto por ele se desvaneceu ao ver quem Theodore trazia entre seus braços.

Era Sammy. A humana. A submissa de Ardan.

E estava viva. Vestia a mesma roupa com a que chegou ao castelo.

Quando a jovem viu Ardan, correu para abraçá-lo enquanto chorava desconsolada e assustada. Miya, o vanírio samurai, ofereceu-se para lhe fazer uma lavagem cerebral mas, desta vez, foi Ardan quem se negou.

—Me alegre de que esteja viva. Vim te resgatar. — sussurrou sobre seu cabelo alvoroçado, beijando-a na testa.

Bryn olhou Ardan, estupefata. Sabia que ela estava ali?

Tinha ido resgatá-la? Então, para que todo esse palavreado na enfermaria da casa de Steven? Como se atrevia a ser tão falso com ela depois de tudo?

—Mas o que está acontecendo? O que eram esses bichos? —perguntava entre tremores, pedindo explicações a gritos.

—Ardan — interveio Miya—, não é melhor que apaguemos sua memória? É indolor. Um momento e pronto.

—Apagar minha memória? Não! O que diz?! —gritava histérica a morena.

—Não, Ardan não quer isso. — murmurou Bryn em desacordo— Quer que ela entenda o que é e que o aceite, verdade, ilhéu? —jogou-lhe na cara suas palavras, com raiva e aversão— Ela é o amor de sua vida.

—Grande imbecil! —exclamou Gúnnr deixando o pessoal mudo— Estou cheia de escutar estas tolices. Essa humana não é sua companheira, ilhéu. —Gúnnr se aproximou de Ardan, retirou o franja dos olhos e lhe deu um cascudo. — Vai deixar de se comportar como um imbecil?

Enquanto isso, as cavernas explodiam pelos ares e parte da superfície da ilha se afundou depois da detonação.

—Por que tem as orelhas bicudas? —perguntou Sammy com interesse.

—Sinto muito, garota. A drogaram e vê coisas que não estão acontecendo em realidade — respondeu Gúnnr.

—Basta de confundi-la! —Ardan cortou a conversa. — Bryn, necessito que nos acompanhe um momento.

Bryn empalideceu e se negou categoricamente.

—Não penso em acompanhar você a nenhum lugar. Seus espetáculos pornô me enjoam. — respondeu sem pestanejar. Todos assobiaram e riram de seu comentário.

— *Le do thoil, saighdeoir*. Por favor, arqueira. — pediu suplicante.

Quando Bryn escutou essas palavras em dalradiano, que era uma variante do gaélico irlandês, algo lhe disse que não podia negar-se. Seus olhos melosos rogavam a ela que aceitasse.

Ardan lhe falava de novo em sua língua e ela amava o ouvir falar assim.

—Está bem.

O highlander sorriu levemente, agradecido ao ver que ela aceitava. Dirigiu-se a Gabriel e pediu um detector biométrico que tinha em seu iPhone e também soro da verdade.

As pochetes dos *einherjars* estavam repletas de joguinhos que Ardan cada vez gostava mais.

Bryn entreceitou os olhos e olhou Sammy com desconfiança.

O soro da verdade era o que Gabriel injetou em Khani para que revelasse a verdade na Batavia, quando o torturaram.

Para que Ardan precisava dele?

—Ative o lápis anulador de frequências — ordenou Ardan a Bryn.

Estavam os três a sós em uma pequena colina verde afastada do resto. Ele não queria que ninguém se interpusesse nesse interrogatório. Se Sammy resultava ser o que começava a imaginar que era, só ele decidiria sobre seu destino.

—O que fazemos aqui? —perguntou Bryn obedecendo às suas ordens. Estava apoiada em uma árvore, observando como Ardan abraçava Sammy. Bryn mostrou suas presas e olhou para outro lado— Disse que não venho aqui para ver como se esfregam...

—Chist, Bryn —pediu ele, levantando a seringa de soro da verdade e cravando-a na nuca da humana.

—Está drogando a sua submissa? Agora se passa para isso? Essa garota não precisa de drogas para que baixe sua calcinha...

—Arg! —Sammy se queixou e se separou dele— O que fez?

Ardan permaneceu em silêncio e esperou que a droga fizesse efeito. As pupilas da humana se dilataram e olhou a seu redor como se estivesse um pouco desorientada.

—Me diga, como se chama? —perguntou com tranquilidade.

—Eu? Samantha Neson.

—De onde é?

—Da Escócia? —repetiu como se ele fosse tolo. — Ouça... o que me deu? —sentou-se no chão, aturdida.

—Bryn, segure-a.

A Valquíria, cada vez mais interessada, levantou-a e a manteve em pé. Gostava daquilo.

—É Samantha Neson de Escócia?

—Sim.

Ardan assentiu e passou o leitor de chips biométricos pelo corpo de Samantha. Nenhum alarme soou, exceto quando colocou o leitor por detrás de seu joelho esquerdo. Este começou a soar, e Ardan apertou os dentes.

—O que faz? —perguntou Samantha tentando se afastar do leitor.

—O que fazia aqui?

Sammy sacudiu a cabeça e lambeu os lábios.

—Eu... sequestraram-me...

Ardan negou com a cabeça e sugeriu a Bryn que trocassem os papéis. Esta, surpreendida, aceitou. Ele a seguraria e Bryn lhe deixaria as coisas claras.

—Não, Sammy... O que fazia aqui?

A humana não sabia o que responder e parecia lutar contra algo.

—Sequestraram-me...

—Não. Bryn. —Ardan arqueou as sobrancelhas e olhou para Bryn.

A Valquíria arqueou a suas, mas cedeu com facilidade à sugestão do highlander.

—Sério?

—Sim.

—De verdade?

—Sim.

—É uma brincadeira?

—Faça já!

Plas!

Bryn esbofeteou a bochecha direita de Samantha. Oh, deuses...

Como aquilo era bom!

—Voltamos ao começo. —cantarolou Ardan — É Samantha Neson de Escócia?

—Sim —choramingou a garota.

—O que fazia aqui, nestas cavernas?

Sammy apertou os dentes e respondeu grunhindo:

—Utilizavam-me como isca para que me resgatasse.

—Agora nos entendemos —admitiu Ardan— Por que? Prestou-se a isso?

—Não... Não me prestaria nunca a isso. Sequestraram-me!

Ardan olhou para Bryn; e esta esbofeteou sua bochecha esquerda.

—Agora diga a verdade, Sammy. Prestou-se a isso?

—Bom..., é que... seus amigos me disseram que tipo de homem é...

—E que tipo de homem sou?

—Não é mortal.

—Porra... — murmurou Bryn boquiaberta — A vadia sabe.

—Que amigos falaram de mim? —Ardan se xingava por não haver se informado antes.

—Buchannan. Ele me disse que tipo de ser sobrenatural era. Disse-me que sabia que eu era a única submissa que tinha; e que você estava disposto a me converter no que ele era.

—E Anderson te disse o que era ele?

—Sim. Disse-me que Cameron me ajudaria a me converter se os ajudasse. Disse-me que só tinha que conseguir que você me convidasse para seu castelo. Uma vez dentro, eu somente devia deixar correr uma bola metálica pelo chão, uma câmara que dissesse em cada momento como e onde estavam — Sammy se deteve e voltou a lamber os lábios ressecados— E isso fiz.

Plas! Bryn a esbofeteou de novo sem permissão alguma.

Ardan não a recriminou nada.

—Você ajudou para que soubessem como podiam nos cercar na fortaleza. Pedaco de porca invejosa! —Voltou a esbofeteá-la até que Ardan a separou dela.

—Bryn, quero perguntar algumas coisas mais. Se continuar batendo nela vai deixá-la inconsciente.

—É uma mentirosa!

—Sei. Mas acabemos com isto, de acordo?

A General se obrigou a tranquilizar-se; e Ardan retomou o interrogatório.

—Por isso estava aqui? —Ardan insuflava tranquilidade às suas palavras, embora estava muito longe de sentir-se tranquilo.

—Estava aqui... Porque... Porque tinham que fazer uma mudança de sangue comigo para isso. E porque Buchannan me disse que lhe diriam que me sequestraram e me utilizariam como moeda de troca.

—Moeda de troca?

—Sim... — soluçou até cansar-se e acrescentou — Por ela. —olhou para Bryn com raiva. Ardan teve vontade de começar a rir. Bryn não entrava em trocas. Nunca.

—Querem Bryn?

—Sim. O chefe quer a loira e não sei por quê.

—O chefe se chama Hummus?

—Não sei.

—Sabe onde está?

—Nãããooo... —gemeu cansada.

—Assim que ninguém nos esperava hoje?

—Não! Maldito seja, não! Estou a ponto de me converter no que você é. Por que teve que vir?

Bryn rangeu os dentes e desejou cuspir na cara dela.

—Não, bonita. Asseguro que não ia ser como ele. Nem sequer como eu. Iam convertê-la em uma morta sedenta de sangue.

—Não é verdade...

—Sim é —respondeu Ardan.

Girou a cabeça de Sammy com as mãos e a partiu. Sem cerimônias nem avisos prévios. Crack!

O corpo da humana caiu para frente, sem vida e desabou como uma árvore quebrada e partida.

Bryn piscou impressionada pelo que acabava de ver.

—O que fez? —Não sabia como reagir.

—Mato a quem me ofendeu com sua traição. Sammy é uma traidora. —Passou por seu lado, e a deixou para trás.

—Mas... Mas era a mulher que você... Como sabia?! —perguntou de repente. Ardan devia saber desde antes, não?

—Porque Theodore me disse que a ocultaram em uma cela especial, a prova de todo tipo de impactos. Só se protege assim a alguém que é muito prezado, ou para você, ou para o clã inimigo. E quem me conhece de verdade, sabe perfeitamente que Sammy nunca foi importante para mim. Portanto, deduzi que Sammy era uma ficha deles. Nunca foi minha ficha — assegurou olhando Bryn com desejo—; e a tinham tratado muito bem para ser uma refém. Além disso, tinha dentadas na nuca, ali onde o cabelo a cobria. Liguei o anulador de frequências porque talvez algum vampiro tenha querido controlá-la mentalmente. Estavam-na preparando para ser uma escrava de sangue, não para convertê-la em vaníria.

Bryn não saía de seu assombro. A esse homem não doía a traição dessa mulher?

—Ardan! —gritou-lhe furiosa— Acaso não se irrita ao se dar conta de que a mulher pela qual estava disposto a deixar seu dom imortal te traiu desse modo e foi cúmplice do assassinato de seu clã? —Bryn sabia onde acertar para fazer mal, e agora descarregava sua ira contra ele.

—Claro que me irrita —assinalou o corpo sem vida de Sammy— Por isso está morta.

—E por que não a torturou como a mim?! —protestou ferida.

Ardan suspirou e olhou ao céu, procurando a resposta correta. Deteve-se e estudou Bryn lhe suplicando que o compreendesse.

—Porque não me importava tanto para me vingar dela. Você me destróçou e acabou comigo, sabe por quê? —Abriu os braços, rendido à evidência.

—Por que?! —perguntou em voz alta.

—Porque eu te amava. Por essa humana não sentia nada em absoluto; por você sentia tudo. Só aqueles a quem você ama de verdade são os que mais mal podem te fazer. E você me feriu mortalmente quando me rejeitou, Bryn. Se tinha a oportunidade de te encontrar de novo não iria receber nenhum castigo pelo que fez, sem sentir, ao menos, uma décima parte do dor que eu sofri.

A Valquíria se angustiou ao escutá-lo dizer essas palavras.

—Mas foi, sereia, e eu... —não sabia como expressar-se —... Quando partiu, eu acabei de morrer, definitivamente — subiu a pequena colina e se colou a ela até que os separavam somente uns centímetros— Morri, tolo de mim, pensando que já estava morto. Mas não; não o estava. E quando retornou como a grande guerreira que é, decidi que, se estava vivo ainda, aproveitaria minha vida só para recompensá-la. —Elevou a mão e cobriu sua pálida bochecha com suavidade— Se me deixar, recompensarei você. Dê-me a oportunidade, antes que algum dos dois morra no *Midgard*. Não nos faça esperar mais.

Bryn tinha tal nó na garganta que mal podia respirar.

Ardan tentava reconquistá-la. E voltava a ser o homem que arrasava com ela. Com suas emoções, com suas sensações... Era o homem que despertava seus desejos.

Os mais escuros. Os mais luminosos.

E se assustou tanto de voltar a confiar e de voltar a entregar-se a ele sem reservas que lhe afastou a mão de um bofetão, e desceu a colina com passo rápido.

Como ia acreditar que ele a amava se a tinha deixado nas mãos de Theodore?

CAPÍTULO 21

Wester Ross

Ilha Marae

Quando chegaram a Wester Ross, Isamu estava a um passo de obter a terapia de choque dos esporos.

Jamie e Johnson tinham combinado à perfeição; e o tio de Gabriel os estava ajudando a ler uns livros. Como apaixonado pela leitura que era e a grande livraria que havia nesse lugar, não entendia como não se aproveitavam mais disso.

Os berserkers e vanírios de Black Country seguiam em Edimburgo, controlando que os purs e os etones não aparecessem para matar a população, e vigiando que a rachadura de Arran não alcançasse as Highlands.

Ardan e outros jantaram no complexo de Steven, verificando as informações que lhes chegavam da Inglaterra.

Os pontos continuavam adormecidos, esperando ativar-se como um vulcão. Quando o fizessem, aquilo seria o fim, porque não estavam seguros de poder controlar todas as portas e as fugas. Mas se contentariam se, ao menos, conseguiam encontrar a lança e impedissem que Hummus fosse quem a cravasse no *Midgard*.

A lança atuaria como porta do *Jotunheim*, como uma chave; e então o mal chegaria a Terra.

Os deuses não poderiam descer se Odin não tinha em mãos a *Gungnir*. Era ele quem devia abrir as portas do *Asgard* içando sua lança e chamando seus guerreiros à batalha.

A esses deuses que se supunha que eram justos; a Odin, Thor, Tyr, Freyja... A todos eles, Ardan estava encomendando as almas de seus guerreiros caídos mediante uma cerimônia dalradiana.

Depois, poderiam celebrar uma festa de despedida com música e bebida celta e viking, com hidromel e aguardente em abundância...

Mas, nesse momento, cabia expressar as emoções e lhes dar uma despedida honorável aos que já caíram.

Insistiu a todos que pintassem o rosto com três pontos negros na bochecha esquerda, em sinal de que estavam presentes em corpo, mente e coração; e todos os *einherjars* e as Valquírias, sem exceção; todos os vanírios kofun, inclusive Noah, fizeram-no por respeito ao clã de Ardan.

Por respeito àquele gigante emocionado.

Depois de vingar suas mortes destruindo a central de Fair Isle e matar Buchannan e Sammy, poderia lhes dar digna sepultura.

A seus pés, no lago interior da ilha Marae, Ardan havia deixado flutuar cem velas sobre cem terrinas de vidro azul. As velas monopolizaram o lago com luzes azuladas, como se fossem vagalumes coloridos.

O impressionante dalradiano se colocou à beira do lago e cravou sua espada no chão. Todos os *einherjars* e vanírios fizeram o mesmo.

Ardan falou com as montanhas, aos lagos, aos mares e às almas de seus amigos.

Cem vidas como cem sóis

Voam para você cem almas tem temores

Receba-as em teus braços, morte paciente

Mantenha-os na recordação do meu coração e da minha mente

Ardan ficou em silêncio e engoliu saliva recordando a todos os amigos que perdeu. A Tríade por completo: L, M e K. Os feios, como ele os chamava. E, entretanto, eram provavelmente os mais honestos e belos de alma. E depois, recordou a todos os que tinha matado com suas próprias mãos; aos que uma vez foram seus companheiros e depois o traíram, como Anderson e Buchanan. Embora fosse um homem de vingança, teve uma recordação para eles: recordou-os felizes com suas companheiras. E desejou que lá onde fossem, encontrassem a paz que lhes faltou em seus últimos dias no *Midgard*.

Johnson, a seu lado, entrelaçou os dedos com ele ao ver que seu padrinho passava por um momento incômodo e se desfazia em lágrimas, como fazia o céu quando chovia. Era a primeira vez que o via tão vulnerável e tão exposto a outros. E a Johnson pareceu muito bom e nobre que nunca. Zangou-se muito com ele por tudo o que tinha feito a Bryn. Mas Bryn tinha retornado, e parecia que Ardan era responsável direto disso. Por isso o perdoava.

O híbrido olhou à frente, a todas as luzes que sulcavam a água e se balançavam ao som de uma música que só elas podiam ouvir.

Música etérea para almas etéreas.

Podia ter sido ele, mas todos o protegeram; sobretudo Bryn.

O garoto procurou a Valquíria com os olhos. E a encontrou sobre o ramo de uma árvore, com suas irmãs, emocionada e chorosa pelo espetáculo que estava presenciando.

— Dizem que sou guerreiro e que me comprometo à guerra —explicou Ardan a Johnson— Mas minhas lágrimas de hoje dizem o contrário. Não choro por este mundo que luta; luto pelo mundo que chora. Luto por eles, pelas lágrimas que derramaram quando caíram em uma morte injusta, quando não lhes deram uma oportunidade para viver. Choro porque disseram adeus muito cedo.

Johnson se agarrou à cintura de Ardan e permitiu que o highlander rodeasse seus ombros com um braço e o estreitasse meigamente.

—Senti sua falta.

—E eu. Você é minha luz na escuridão, Johnson. É uma alma que brilha como as deles.

—Sim?

—Sim. Se te acontecesse algo. Não sei o que seria capaz de fazer.

—E se acontecesse algo a Bryn? Ela me salvou.

Ardan se deu conta e piscou assombrado. Johnson acabava de dizer uma frase inteira; assim, sem mais, quando, até esse momento falava com muita dificuldade. Não soube o que lhe responder, porque ficou tão em choque ao escutá-lo falar que não lhe saía nem a resposta.

O highlander procurou a General por cima do ombro, e a encontrou na árvore, limpando as lágrimas dos olhos. Os três pontos negros permaneciam intactos.

As três Valquírias desceram da árvore do jardim do lago e caminharam até Ardan. Usavam roupa leve negra e azul, como as cores do kilt do clã de Ardan.

A despedida devia fazer honra a seu clã e todos se arrumaram segundo as normas.

Quando Bryn se aproximou dele, com Gúnnr e Róta atrás dela, a Valquíria afastou o olhar, pois não queria que ele visse o quão emocionada que estava.

—As Valquírias têm algo para dar às almas —disse a loira com voz angustiada.

Ardan se afastou para que elas procedessem a fazer o que desejavam.

E, o que veio a seguir, foi um autêntico presente para os presentes.

—*Asynjur!* —exclamaram as três de uma vez.

De suas mãos emergiram respectivos raios que alcançaram o céu e abriram as nuvens como se tratasse de um buraco na areia.

Gúnnr e Róta mantiveram os raios, criando uma ponte até as estrelas; e foi Bryn quem atraiu as velas brandamente mediante os fios de sua eletricidade. Rodeou cada farolzinho de vidro aceso e, um a um, foi elevando até conduzi-los pela autoestrada de eletricidade que tinham criado suas irmãs.

O vidro e o fogo, ao impactar com a água do lago e os raios das Valquírias, converteram-se em preciosos diamantes. Diamantes no céu que cintilavam como estrelas fugazes e desapareciam entre as nuvens, as iluminando com seu resplendor.

—Converteram-se em estrelas. — disse Bryn a Johnson, piscando-lhe um olho. — Sempre que olhar às estrelas, recorde que seus amiguinhos são diamantes que brilham como elas.

—*Farvel, kompiss!* Adeus, companheiros. —gritaram elas como se animassem a sua equipe de futebol favorito, lançando gritos de ânimo para que esses diamantes alcançassem o paraíso, como se suas vozes os acompanhassem e lhes dessem asas.

Ardan e todos os ali presentes levantaram suas espadas e elevaram a voz com o mesmo grito que as Valquírias.

Não tinha por que ser uma despedida triste.

E assim, sem mediar palavra entre eles, contagiaram-se uns aos outros e decidiram não estar tristes por que se fossem. Escolheram sorrir porque os conheceram.

Já que Steven não estava, foi o *einherjar* escocês, William, quem decidiu fazer as funções de DJ.

O Don't wake me up de Chris Brown animou a noite.

Bryn escutava a letra da canção que soava enquanto saboreava os canapés que tinham preparado. Ardan falava com Gabriel, e parecia que por fim se entendiam de verdade, e que o highlander mostrava o respeito que devia mostrar a seu líder.

Era estranho ver um homem como ele, que era um líder nato, ceder as rédeas a outro igualmente forte. Era como se desse seu braço a torcer e, entretanto, Ardan estava relaxado. Não

parecia em nada contrariado. Aceitou seu papel. Depois de séculos na Terra, Ardan por fim engoliu o duro golpe de não ser o Engel.

E Bryn nunca o viu tão tranquilo.

Róta e Gúnnr a secundaram, uma a cada lado de seu corpo, com taças de hidromel nas mãos.

—Toma e bebe. — disse Róta, com o cabelo vermelho alvoroçado a seu redor e os olhos turquesas fixos em Ardan.

Bryn aceitou a taça e a bebeu de uma vez.

—Perfeito. —A ruiva sorriu— Como sabia que ia fazer isso, aqui tem outra.

Bryn aceitou a taça de novo e, desta vez, brindou com elas.

—No que pensa? —perguntou Gúnnr sorvendo pouco a pouco o líquido dourado de sua taça de cristal.

Bryn deu de ombros. Como podia explicar para elas que Freyja, supostamente, anulou o *kompromiss* que a unia a Ardan? Como lhes dizer isso se ela continuava sentindo-se igualmente atraída e apaixonada por ele? Se nem sequer podia o odiar mais do que o amou. Mais do que o amava.

Como lhes dizer que, embora ela já não tivesse asas, continuava unida à alma e ao coração desse guerreiro como o primeiro dia? Embora ele a machucou tanto. E a tivesse insultado...

Isso queria dizer que a submeteu para sempre?

Ou, simplesmente, era esse o verdadeiro significado de amar e pertencer a alguém: querê-lo acima de todos os enganos?

Bryn estava muita contrariada. Ardan lhe disse que foi ele quem arrebatou-lhe a virgindade; mas não acreditava. E só havia um modo de saber.

Falaria com Theodore daquele momento tão embaraçoso.

Freyja acreditava que lhe outorgou um favor ao lhe dar a liberdade.

Mas havia almas e corações, como o dela, que só se sentiam livres amando loucamente àquela alma que as completavam. E ela amava Ardan.

Ardan era seu cárcere e, também, sua liberdade. Mas não o escolheria se, verdadeiramente, esse homem tinha permitido que outro se aproveitasse dela.

—Penso que desperdiçamos o tempo que temos. —Sim. Eles dois o tinham desperdiçado com recriminações, com vinganças e rancores; e o tempo estava contado. Um dia se esgotaria; e já não podia dizer tudo o que teria gostado de dizer; já não poderia beijar àquela pessoa que teria gostado de beijar eternamente; já não poderia expressar, mediante palavras o amor que sentia por ela. Porque o deus do tempo marcava a vida, e se ela se esgotasse, tudo se apagava. E Bryn não queria viver às escuras. — Nos acreditamos eternos. Inclusive nós, que somos supostamente imortais e muito mais fortes que os humanos, acreditamos que viveremos para sempre. Acreditamos que se nos equivocarmos, o tempo nos dará a oportunidade de solucionar nossos enganos em uma manhã que poderá não chegar. E eu já não quero esperar para solucionar meus problemas. O amanhã é efêmero.

—O que vai fazer, Bryn? —perguntou Gúnnr elevando suas sobrançelas escuras até que desapareceram por debaixo de sua longa franja— Por fim vai pôr o gigante reto?

—Reto já o deixa. —comentou Róta saboreando o hidromel.

Gúnnr se pôs a rir e Bryn vesgueou os olhos.

—Aconteceram coisas muito feias entre nós. — assumiu a General.

—Também foi feio tudo o que lhe disse quando o expulsou do *Valhala* —disse Róta séria— Ainda me dói quando recordo. Mas sei por que o fez — moveu uma mão como se passasse página— e te amarei toda a vida por isso.

Bryn riu, agradecida pelas palavras de sua nonne.

—Acredito que deve ir atrás do trança —a animou Gúnnr— Já não pode perder nada. Vejo suas costas sem asas e sinto vontade de chorar; não tem *kompromiss*. —Gúnnr expressou em voz alta o que Bryn tinha tentado ocultar— Nos damos conta de tudo, General. Somos suas irmãs. — se desculpou sem dar importância a sua revelação. — Mas talvez ganhe algo mais se atrever-se e o faz. Reclame Ardan.

Bryn olhou o guerreiro por cima de sua taça, e seus olhos se avermelharam de desejo e de um desejo muito mais profundo que o de ser tocada e ser acariciada. Bryn desejava ser aceita e amada.

E ambos deviam perdoar-se para isso.

As Valquírias dançavam com seus companheiros ao ritmo de Try de Pink.

Róta se aproximava de Miya até que seus corpos se fundiam em um. O samurai lhe dizia algo ao ouvido, e ela se partia de risada; depois, beijavam-se apaixonados, levantando as sãs invejas dos demais guerreiros solteiros.

Gúnnr subia sobre os pés de Gabriel e deixava que ele a balançasse com todo o carinho e o amor incondicional do mundo. Comiam um ao outro com os olhos e se acariciavam com as mãos, expressando o que sentiam sem vergonhas nem máscaras.

Theodore estava apoiado em uma árvore, olhando como dançavam, e como outros guerreiros bebiam e brindavam pelos que já não estavam.

Bryn estudou seu perfil romano, sério e sereno, e decidiu que era o momento de ir em frente.

—Theo.

O *einherjar* virou e sorriu amigavelmente quando a viu aproximar-se.

—Olá, General.

A jovem deixou de vergonhas e tolices. Era a General e não temia a nada.

—Queria falar com você sobre...

—Concede-me esta dança? —perguntou lhe oferecendo a mão e fazendo uma reverência.

Bryn ficou sem palavras. Dançar com ele? Não tinha dançado com nenhum homem mais, exceto com Ardan no *Valhala*, sob a música e a harpa de Braggi.

Poderia fazê-lo. Ele a possuiu, não? Por que não? Aceitou sua mão e deixou que Theo a guiasse ao ritmo da letra da humana.

Ever wonder about what he's doing
How it all turned to lies

Sometimes I think that it's better to never ask why

Às vezes me pergunto sobre o que está fazendo

Como tudo se tornou mentira

Às vezes, penso que é melhor não perguntar nunca o porquê

—Theo.

—Sim?

Theodore marcava a distância educadamente, como se não quisesse tocá-la além da conta. E isso confundia Bryn, sobretudo quando se supunha que meteu nela até o fundo, pensando vulgarmente.

—Os quatro têm as asas geladas. Por que?

Theo ficou em silêncio e esticou a mão que tinha sobre o quadril de Bryn. Não tinha gostado da pergunta.

—De verdade quer saber por que, General?

—Sim — Bryn elevou os olhos e encarou o romano.

—Quando Ardan foi banido do *Midgard*, Odin enviou quatro *einherjars* para o ajudar e lutar a seu lado. Esses quatro *einherjars* viviam felizmente no *Valhala*, com suas quatro Valquírias. Estavam muito apaixonados.

Bryn deteve seus passos e ficou muito quieta enquanto escutava seu relato.

—Odin não podia destinar seus guerreiros tendo a suas mulheres com eles. Pensou que nos enviar com elas seria uma maldita distração —grunhiu zangado—, e nos queria plenamente concentrados em nossa missão. Assim, rompeu nosso *kompromiss* e nos separou. Por isso nós descemos com as asas quebradas. Por isso a odiávamos tanto.

Bryn não se deu conta de que estava chorando até que as bochechas se umedeceram. Eles tinham sofrido o mesmo, e ela, indiretamente tinha a ver com sua dor.

—Pensávamos que era responsável por isso porque foi sua culpa que Ardan descesse a este reino. E se Ardan não estivesse aqui, nós continuaríamos lá em cima. —Assinalou o céu— Eu estaria com minha Shana.

—Sinto muito... — murmurou muito afetada.

—Mas você não tem culpa de que os deuses sejam assim cruéis, Bryn. Ninguém tem a culpa do destino que as nornas fiam para nós.

Bryn meditou sobre suas palavras.

—Se ama tanto a Shana —disse angustiada—, por que me tocou e fez sexo comigo? —perguntou ofendida. Dava-lhe raiva que esse guerreiro, que parecia tão apaixonado e só sem sua Valquíria, tivesse caído nas garras do prazer da carne.

—Eu não fiz nada com você. Eu estive com Sammy.

Bryn abriu os olhos. Não conseguia creditar.

—Não acredito.

—Acredite. Ardan ficou louco assim que viu que eu ia te tocar e me obrigou a ficar com Sammy. Ele cuidou de você.

—Mas... Mas... —Não sabia nem o que dizer.

—Mas nada. Esse homem, embora adore esse tipo de jogos escuros, cortaria as pernas antes que outro pudesse te possuir — sorriu com convicção.

—E você?

—E eu o que?

Bryn franziu o cenho.

—Se sente tanta falta de Shana, por que fez sexo com outras mulheres?

—Porque sou um homem. E porque o sexo é somente sexo. Não há vinculação emocional. E nós precisamos algum alívio...

Não. Não lhe convencia a resposta.

Bryn morria da raiva e de ciúmes ao imaginar a Ardan com outras. A Sammy não poderia matá-la porque ele já a matou.

Mas às demais...

Sentiu vontade de chorar e de gritar.

Assim que sua primeira vez tinha sido com Ardan e a fez acreditar que tinha sido com outro? Ia torturá-lo até que pedisse clemência.

Where there is desire

There is gonna be a flame

Where there is a flame

Someone's bound to get burned

But just because it burns

Doesn't mean you're gonna die

You've gotta get up and try try try

Gotta get up and try try try

Onde há desejo

Sempre há uma chama.

Onde está a chama

Alguém poderá acabar queimado.

Mas só porque se queima

Não significa que vai morrer.

Tem que se levantar e tentar, tentar, tentar

Tem que se levantar e tentar, tentar, tentar

—Maldito sacana, filho de uma merda de orc e um grande... — murmurou Bryn buscando-o com o olhar.

Seus olhos se encontraram.

Ardan estava justo detrás deles, escutando toda a conversa.

O guerreiro se vestia de negro, com uma espécie de lenço grosso azul escuro que lhe rodeava todo o pescoço. Usava o cabelo solto, preso só com um diadema metálico fino. Seus piercings também iluminavam-se.

Ardan estendeu sua língua e lambeu seu lábio inferior, e ao fazer isso, Bryn pôde ver um novo piercing em sua língua. Era seu brinco. O brinco que lhe arrebatou do mamilo. Agora o tinha na ponta de sua língua. Seus olhos caramelo se iluminavam com as luzes das tochas do jardim e falavam dos mesmos desejos dos que falavam os olhos de Bryn.

—Chamou-me de merda?

Ela deu um passo para ele.

Ardan agarrou ar pelo nariz, mas não se moveu.

Bryn deu outro passo para ele.

Deu tempo de Ardan se livrar do primeiro raio, antes de começar a correr como um louco e entrar no bosque da ilha Marae, fugindo da fúria da Valquíria.

Sua Valquíria.

Bryn correu tão rápido quanto ele.

Ardan saltava rochas, troncos e plantas, com um meio sorriso de satisfação.

Sim, recordava essas perseguições. Deitava-se todas as noites pensando nelas. Em como ambos, no *Valhala*, abandonavam-se a seu desejo. Mas, para obtê-lo, tinham que brigar e desafiar-se, como faziam agora; persegui-lo como se perseguiam seus corpos.

—Venha aqui! —gritou a Valquíria lançando um novo raio que bateu no tronco de uma árvore— Maldito mentiroso! —Suas palavras refletiam fúria, mas também lágrimas. Lágrimas de dor e de tristeza por ter sentido aquele desgosto. Por ter acreditado que outro a sujou. Porque, para Bryn, se não fosse Ardan quem a possuísse, então, não era um ato limpo— Te matarei!

Ardan ficou tão duro que não sabia como ia continuar correndo, assim que se deteve em seco. E deixou que, em uma pequena clareira, ao lado do lago, Bryn o alcançasse e o atirasse ao chão.

Os dois se emaranharam na grama, até que a General em um magistral movimento, colocou-se montada em cima dele e rodeou seu largo pescoço com suas mãos.

—Odeio você! —gritou com os olhos vermelhos cheios de lágrimas.

—Bem. Odeie-me! —aceitou Ardan.

—Vou te matar! —chorava sem consolo; e apertou os dedos que rodeavam sua garganta.

—Me mate! —disse ele, afetado por suas lágrimas— Mate-Me, Bryn! Passei séculos morto em vida, mas, se você me matar, morrerei feliz de verdade. Porque... porque só você pode me arrebatara a imortalidade.

Bryn ficou imóvel e, depois, esbofeteou-o não uma, mas sim duas e três vezes seguidas. Lançou um grito dilacerador ao céu como a guerreira que era. Uma guerreira que machucaram com mentiras e manipulações.

Seus olhos vermelhos se cravaram nos dele. Arrancou-lhe o lenço do pescoço e atou com ele seus pulsos por cima de sua cabeça. Ardan podia desfazer-se dele quando quisesse, mas sentia a dor e a raiva da Valquíria como dele. Deixaria que desabafasse com seu corpo.

A jovem lhe arrancou a roupa a puxões e o deixou completamente nu no chão.

Nesse momento, escutaram perfeitamente a letra de Diamonds de Rihanna.

Bryn afundou os dedos em seu cabelo e o puxou com força.

—Vou te submeter, como você fez comigo. Você não me deixou vê-lo; mas vai me ver. Vai ser eu quem o foderei e não vai esquecer de meu rosto. —espetou com fria ira.

Bryn o beijou. Suas línguas se bateram em um duelo para ver quem acariciava melhor ou qual delas se introduzia mais profundo.

Agarrou-lhe a língua com os dentes e a sugou. Ardan teve a sensação de que ia arrancá-la, mas a Valquíria, em vez disso, agarrou seu piercing com as presas e o puxou com força até extraí-lo pela raiz.

—Isto me pertence.

Bryn levou os dedos à boca e tirou seu brinco, com o ônix negro, e o pôs à altura dos olhos, mostrando-lhe como um troféu que acabava de ganhar. Seu brinco de dalradiano, o mesmo que outorgavam os de seu clã a seus companheiros. Ela o estudou com seus olhos vermelhos e o deixou a um lado, no chão.

Ardan tinha a boca manchada de sangue, e ela se inclinou para lambe-la ferida e o beijar, porque não podia estar nem um segundo mais sem fazê-lo. A jovem passou a língua por seu pescoço e seus ombros. De vez em quando, mordida-o com força e o marcava com as presas.

—Porra, essas presas parecem alfinetes. —grasnou Ardan duro como um mastro.

Bryn deixou que toda a impotência sofrida durante eras, todas as ânsias de estar com ele, vertessem-se nesse momento. Nele, esticado sob seu corpo, cedendo-lhe as rédeas que tirou dela esses dias.

Porque Ardan cedia; não era que lhe tivesse arrebatado nada.

Ele, simplesmente, aceitava esse papel por ela.

A Valquíria desceu por seu peito e mordeu seus mamilos atravessados por piercings de bolas. Jogou com eles com lascívia e também com raiva.

Queria fazer mal, mas, também, queria dar prazer; misturar tudo e que ambos ardessem.

Ardan gemeu e moveu a pélvis, procurando entrar no corpo de Bryn. Mas Bryn não o deixou. Ao contrário, baixou a mão até seus testículos e os apertou com consciência.

—Fique quieto.

De seus dedos saíram fios azulados que ataram seus tornozelos, o imobilizando e queimando levemente a pele.

Não perguntaria se doía. Depois já o curaria; agora queria que captasse a mensagem.

—Divertiu-se me fodendo, Ardan? Desfrutou vendo como eu gritava a palavra de segurança que me impôs, amo de meia tigela? Não foi? —Apertou-lhe a bolsa dos testículos com mais força até que ficaram vermelhos— Você gostou de ver quão indefesa estive diante de você?

Ardan negou com a cabeça, arrependido.

—Não. Não desfrutei disso. Desfrutei de você e de seu corpo; do fato de estar contigo. Disso sim desfrutei. Porque não me importava como, mas eu morria de vontade de te possuir.

—Esteve a isto —juntou seu indicador e seu polegar—, de deixar que outro o fizesse. Permitiu que outro me açoitasse, e que outros homens me vissem nua.

Isso sim lhe dava raiva agora. Nesse momento, ardeu-lhe; mas então acreditava que Bryn era uma vil mentirosa. Não sabia a verdade.

Agora, pensar no que deixou que acontecesse revolia seu estômago e enchia-o de acidez.

—Faça comigo o que quiser, Bryn. Mereço isso. Não me orgulho do que te fiz.

—Está arrependido?

—Agora sim — reconheceu com sinceridade.

Bryn fechou os olhos, como se recordasse algo doloroso.

—Me peça perdão. Demonstre-me que o sente e faz o que nunca fez. Se desculpe.

Ardan jamais se desculpou por nada. Mas havia um momento no qual era preferível viver dizendo “sinto muito” a ter que pedir permissão por fazer algo. E por Bryn, só por ela, pediria perdão.

— *Mathadh dha, mo valkyr*. Perdoe-me, minha Valquíria. *Thoir mathonas dhuinn airson ar teachdan-geàrr*. Perdoe-nos nossos pecados. Perdoe a mim, e perdoe a si mesma por tudo o que nos fizemos um ao outro —seus olhos caramelo se tornaram cristalinos como brilhantes, emocionados e úmidos.

Quando chegou a vez de Bryn falar, depois de escutar essas palavras tão sinceras e esse rogo do highlander, a dor a varreu.

—Não sei — replicou ela ainda cheia de rancor— Não sei fazer isso.

—Faça, Bryn! —rugiu— Faça aqui e agora. Não haverá mais oportunidades... —Ele engoliu saliva— Preso, em meio de um castigo que mereço —proclamou com o coração—, eu te perdoo. Perdoo pelo que me disse e por me enviar a um inferno de mil e trezentos anos. A perdoo por dizer que não era suficiente para você e que nunca me quis. Perdoo por fingir que brincou comigo. A perdoo por quebrar meu coração em mil pedaços e congelar minhas asas.

Bryn cobriu o rosto com ambas as mãos e começou a chorar. Os ombros tremiam, e se deixou cair para frente, procurando o calor do torso de Ardan.

Mas ele não permitiu. Libertou-se do tecido que lhe oprimia os pulsos e se ergueu para lhe retirar as mãos do rosto.

—Destroça-me vê-la chorar, sereia —disse docemente, procurando em todo momento o contato com seus olhos— Bryn, me olhe.

Ela se sentia tão sensível que negou com a cabeça.

—A General não se oculta ante mim —sussurrou contra sua orelha bicuda, enternecido por sua atitude— Ela bate de frente comigo, sempre — lhe disse ao ouvido —... Inclusive quando fui mau ou injusto; ela destaca minhas falhas, embora acredite que não as tenho. Ela me guia a seu quarto, e ali me demonstra o muito que me ama e me aceita; embora seja tosco e resmungão. Embora seja selvagem e bruto. Somente em seus braços, só ela, pode me dar a ternura que em realidade procuro. Só ela me dará a paz que meu coração vingativo reclama.

Bryn o olhou nos olhos e Ardan limpou as lágrimas que corriam por suas bochechas e pelo canto de seus olhos. Tinha recitado palavra por palavra do que ela escreveu em seu diário. Era um fragmento de um de seus dias.

—Cada palavra, cada frase desse diário, está gravada em mim, Bryn. —Encostou sua testa à dela— E as que mais a fogo me ficaram são as últimas que escreveu. Disse que não queria a nenhum *einherjar*, mas não permitirei que deixe de me querer. Disse que não me aceitaria mais, mas não deixarei que deixe de me aceitar. Disse que não acreditaria mais em minha palavra, mas não pode deixar de acreditar nela. E escreveu que não queria nada mais de mim. E eu lhe digo, General, que lutarei para que cada dia queira mais de mim.

Ardan a beijou com todo o amor que só tinha reservado para ela. Bryn permitiu que lhe tirasse a roupa com a mesma ânsia que ela o despiu.

—Estive a ponto de me romper para sempre... —soluçou ela sobre seu ombro, ocultando seu rosto em seu pescoço.

—Minha bebê guerreira... Sei. Chist... Perdoe-me. *Mathadh dha*, sereia.

—Foi muito duro sem você. —Abraçou-o e rodeou sua cabeça com seus braços— Não podia suportar. Não podia respirar...

—Eu tampouco. Enchi-me de raiva para sobreviver —arrancou os shorts dela, e lhe tirou as botas e as meias três-quartos. Ficou olhando sua calcinha negra transparente e seu cérebro deixou de funcionar.

—Sei. —Bryn se afastou e tomou seu rosto com as mãos— Perdoo você, Ardan. Perdoo por tentar me submeter; por pretender me fazer sua escrava; por me fazer acreditar que me compartilhava com outro homem. Perdoo por ter mentido ao me dizer que escolheu a uma humana em vez da mim. E te perdoo por quebrar meu coração e congelar minhas asas.

Ardan tinha Bryn nua sobre ele.

Nua e acessível. Disposta para que lhe fizesse todo o que queria lhe fazer.

Desta vez não tirou os piercings do pênis, e não o faria. Bryn sentiria cada um de suas contas, e também a potência de suas investidas por completo.

E precisava fazer-lhe assim, porque aquele era seu modo de sentir.

Gostava das perfurações e gostava de sentir a dor e o prazer ao mesmo tempo.

Ela também o sentiria e estava convencido de que essa mulher forte gostaria tanto quanto ele. Porque ela podia com tudo.

Acariciou-a entre as pernas e introduziu um dedo pouco a pouco.

Bryn estava úmida, mas também muito apertada.

—Deuses... Espera, me deixe —disse Ardan lhe mordendo o ombro e segurando-a em seu lugar.

Bryn, por pouco, esteve a ponto de gozar com o toque de seus dedos, e ante esse gesto de dominação animal por parte de seu *einherjar*.

Introduziu-lhe um segundo dedo e os moveu de um lado ao outro para alargá-la.

Bryn não deixava de molhar-se e cada vez se umedecia mais.

—Te desejo, Ardan... Preciso de você já. —pediu chorosa. Com um raio, atou-lhe os pulsos às costas e os imobilizou.

—Não, Bryn. Deixe-me. —protestou ele, removendo-se contra os ardentes raios. Mas não poderia rompê-los. Doíam e o queimavam; feriam-no porque seu *kompromiss* tinha desaparecido— Me escolhe, Bryn? Escolha-me. Não deixei nunca de ser seu *einherjar*.

Ela sorriu e negou com a cabeça.

—Os raiozinhos doem? —perguntou sentindo-se poderosa— Ainda não. Vou provar a mercadoria e, se eu gostar, fico com ela, dalradiano. Antes não. —agarrou-se bem a seu pescoço e o olhou nos olhos.

Levantou-se sobre sua ereção, enquanto abria bem as pernas e deixava cair seu peso sobre a ereção.

— Todas as mulheres que já teve não contam mais, Ardan. Elas nunca fizeram amor com você.

—Eu nunca fiz amor com elas. — replicou fechando os olhos ao sentir a sedosidade do interior da Valquíria.

—Bem. Mas elas tampouco o foderam como vou fazer. Vou desvirginá-lo, highlander. E você vai me possuir com essa árvore de Natal que tem entre as pernas.

Ardan se esquentou com a linguagem da Valquíria e esteve a ponto de ejacular.

—Quero te ouvir gemer e quero saber quanto você gosta de estar dentro de mim —disse agarrando o grosso caule entre suas mãos.

Bryn se deixou cair e se empalou, pouco a pouco, até que esteve completamente penetrada. Não havia nem um piercing nem um centímetro de pele de Ardan à vista.

Ela gritou e se abraçou a ele. Por todos os deuses nórdicos, como tinha doído tanto?

O highlander rugiu em seu ouvido.

Bryn olhou para baixo e compreendeu.

—A cadela da Freyja me fez virgem outra vez! —exclamou ao observar o fio de sangue que manchava a virilha de Ardan.

Ele se pôs a rir e grunhiu movendo-se em seu interior.

—Sim —sussurrou feliz— Virgem e apertada para mim.

Bryn o olhou horrorizada e, depois, elevou seus lábios em um sorriso sardônico.

—Parece divertido para você? —perguntou lhe mordendo o lóbulo da orelha. — Vejamos se você também gosta disso.

Rodeou a Ardan com pernas e braços; e, enquanto se empalava e movia-se com a estaca de Ardan bem dentro, ia dando leves descargas elétricas.

Ardan suave, gemia e rugia... mas não parecia queixar-se.

—Assim que você gosta da dor, não é? —Bryn mordeu o lábio inferior quando notou como a estocada de Ardan e o piercing do prepúcio, roçava essa parte muito dentro dela, que se estremecia e a fazia arder com cada toque.

—Deuses, Bryn... O que está me fazendo?

—Estou te castigando por ter sido tão mau comigo... — Beijou-o puxou seu lábio inferior— E te estou amando por todas as vezes que não fiz.

Ardan fechou os olhos e se deixou levar pelas descargas elétricas, pelo desejo e a paixão; pelo sexo, o som de seus corpos chocando-se, as letras da canção que voava até eles... Sim, ambos

eram como brilhantes. Ela e ele eram como diamantes no céu. E Bryn era como uma estrela fugaz que cruzava o céu, uma visão de êxtase. E o fascinava, com essa cara de prazer e ansiedade desejosa de chegar ao orgasmo.

Bryn o submetia. E desta vez o fazia inclusive fisicamente, com essas braçadeiras elétricas que rodeavam seus tornozelos e seus pulsos, quando ele nunca deixava que ninguém o dominasse.

Mas Bryn fez isso com simplicidade e utilizando suas cartas.

—Me diga quanto sentiu minha falta, Ardan... — pediu Bryn cedendo ante os primeiros espasmos do orgasmo.

Ele sacudiu os quadris, a ponto também de gozar.

—Senti tantas saudades que às vezes desejava dormir eternamente; porque ao menos ali, em meus sonhos, via você e te tocava, e me dizia que me amava.

Bryn sorriu entregue a ele e o beijou.

Aquela declaração a pôs de joelhos.

Suas costas nuas arderam e ela pôs-se a rir.

—Aí vêm... — murmurou fechando os olhos.

Os tribais das Valquírias, suas espetaculares asas tatuadas, apareceram nas costas da General, como se pintadas por um artista, gravando-se eternamente em sua pele. Umas lindas asas parecidas às de uma borboleta monarca.

—Aí vêm, Ardan — repetiu falando sobre seus lábios e movendo os quadris sobre ele.

—Te rogo, me diga. —pediu desesperado.

Ela esperou até que o tribal deixasse de lhe arder e, quando a tatuagem cessou e sua marca se fixou em suas costas, Bryn agarrou ar; e em meio de um descomunal orgasmo elétrico, ela declarou:

—Amo você, Ardan. Nunca deixei de te amar.

As asas abriram em ambos de uma vez, elevando-os por cima da ilha e levando-os às nuvens. As dela, incrivelmente vermelhas, e as dele, poderosamente azuis.

O orgasmo fez que ambos se rendessem um ao outro.

Que se liberassem e aceitassem que, inclusive com suas asas congeladas, inclusive quando Bryn já não tinha asas, seu *kompromiss* jamais se rompeu.

Porque seu vínculo, embora o tivessem tentado destruir com seus comportamentos, era eterno, como o era seu amor.

CAPÍTULO 22

Conversaram durante um longo momento. Disseram-se todas aquelas coisas que não puderam dizer-se antes; porque havia uma barreira chamada rancor que os impedia de abrir-se e justificar-se.

Com esse muro derrubado, as emoções fluíam como água no rio. Expressaram quanto sentiram falta um do outro, quanto se necessitaram em todas as noites solitárias... Como continuava tudo no *Valhala* e o mau que continuavam se relacionando Freyja e Odin. Falaram das cachorradas que as Valquírias fizeram aos anões e da vez em que Róta e Nanna tinham sequestrado os corvos do Odin para fantasiá-los de tucanos.

No meio da noite, com as espessas nuvens como testemunha, Bryn e Ardan se tocaram como desejaram: sem barreiras, com todas as desculpas que podiam pedir um ao outro e todos os te amo que, durante eras, estiveram órfãos. Ficaram abraçados, acariciando-se, balançando-se como almas que necessitassem música e acalento, amor e carinho.

E, depois, quando o suor secou, voltaram a tocar-se, porque não podiam deixar de fazê-lo.

—Este é o lugar perfeito para meu brinco, sereia —lhe disse Ardan com o rosto entre as pernas de Bryn— Aqui —tocou seu clitóris com a ponta da língua, e isso fez que Bryn se arqueasse sobre a grama que rodeava o lago— Vou colocá-lo.

—Espera —disse ela retirando o rosto dele dali. — Isto vai doer muito.

—Não. —Sua sobrancelha se arqueou e sorriu, provocando que a cicatriz do canto de seu lábio se elevasse em modo pirata.

—Não acredito.

—Faz bem.

Ardan lhe manteve as pernas abertas. E roçou sua virilha com a boca aberta. Adorava o sabor de Bryn. Era único. E sentiu tanto sua falta que estava a ponto de começar a chorar de alegria por voltar a prová-la.

Recreou-se nela; em trabalhá-la bem e umedecê-la. Limpou o sangue de seu hímen com a língua e também lambeu seu interior dando-lhe leves estocadas como se fossem penetrações.

Bryn tremeu e agarrou seu cabelo entre suas mãos enquanto voltava a arquear-se e gemia, presa do calor e do desejo. O prazer de sua língua era sublime.

—Ardan...

—Você gosta?

—Deuses, sim...

Ele assentiu e continuou mimando-a com sua boca e lhe oferecendo os prazeres do sexo oral. Os dois adoravam. No *Valhala* se fizeram peritos em praticá-lo, já que não podiam desfrutar das penetrações.

—Adoro seu sabor... Poderia estar te comendo toda a vida e não necessitar nada mais.

Bryn, que olhava como ele a lambia, gemeu ao sentir sua voz nessa parte.

—Eu adoro te olhar enquanto me faz isso. —disse ela.

Seus olhos cor uísque se clarearam repletos de desejo, e sorriram. Sim, os olhos de Ardan podiam sorrir. Havia pessoas que riam e seu gesto nunca lhes chegava completamente ao olhar. Mas o dele se enchia de luz, e seu rosto, viril e demolidor, convertia-se no de um homem terno como um menino. Um menino mau com piercings no rosto.

E então, sem permissão, algo lhe beliscou o clitóris e o atravessou.

—Merda! —gritou Bryn expulsando raios por toda parte.

Ardan não se protegeu. Agora voltavam a ser companheiros e seus raios já não podiam machucá-lo. Nem ele poderia danificá-la nem ela a ele. Somente se curariam, como bons amantes.

—Maldito troll! —Bateu na cabeça dele e ele teve a coragem de rir; mas, então, sentiu a ponta da língua ali; e passou de queixar-se a suplicar mais rapidamente.

—Vê? Está inchada e sensível. Você gosta.

As bochechas vermelhas de Bryn e seus olhos cor turquesa nublados afirmavam a sentença, assim não ia esforçar-se em falar.

—Vou fazer isso com você outra vez. —Agarrou-a nos braços e a levou contra o tronco de uma árvore— Rodeie meus quadris com as pernas. Vamos! —deu-lhe uma palmada no traseiro e ela obedeceu num instante, mas não resistiu em morder o queixo dele em resposta.

—Não exagere, ilhéu.

—Cale-se, neném.

Ardan se grudou a ela e se beijaram.

Beijaram-se com ferocidade, como eles faziam as coisas; os carinhos estavam bem, adoravam. Mas mais gostavam de mostrar-se como eram, com todo seu poderio e sua energia. Fazer amor entre eles ia se converter em umas batalhas campais nas quais submeter e ser submetido se converteria em um jogo cheio de cumplicidade e consenso.

—Amo você, Bryn. —disse ele enquanto a segurava pelo traseiro e a penetrava inteiramente.

Ela assentiu e suspirou ao sentir-se tão cheia.

Era tão fácil dizer agora que se amavam; era tão fácil entregar-se ao amor. No *Valhala* sempre o tinham reconhecido.

O difícil foi lutar contra ele na Terra.

Ardan a possuiu, movendo o púbis adiante e para trás, deixando que ela caísse em cada estocada e elevando-a depois para voltar a penetrá-la, como se ela quicasse sobre ele. Seu amor, sua paixão não eram calmos; era sexo misturado com paixão e aceitação. Era como sentiam os dois.

A loira se agarrou à juba castanha escura de Ardan e afundou a boca em seu pescoço, o mordendo e o lambendo ao mesmo tempo.

—Mais forte, Ardan. —rogou ela.

Ardan a olhou surpreso. Bryn era tão desafiante quanto ele.

—Quer mais, amor?

—Sim. Mais. —disse ela agarrando ar.

Ardan a baixou ao chão e a virou

—Se apoie com as mãos na árvore.

Bryn o fez às cegas.

Ardan se localizou atrás dela e lhe abriu os lábios com os dedos. Pouco a pouco, entrou nela e desfrutou ao ver como cada bola metálica desaparecia em sua tenra carne.

Possuía-a por trás; e Bryn mordia o antebraço para não gritar de prazer.

Retirou-lhe o braço da boca e lhe disse ao ouvido:

—A você não! A mim! Morda a mim, sereia —lhe ofereceu o seu, e Bryn se enganchou a ele como um bebê, enquanto Ardan a brocava sem descanso.

Uma mão do highlander viajou desde seu suave ventre à sua virilha. O homem puxou o piercing do clitóris e Bryn franziu o cenho e o mordeu com mais força.

—Assim... — gemeu ele — Estava louca se acreditava que ia deixar que Theo te fizesse isto. Louca —repetiu sacudindo seu interior.

—Culpa tua se acreditei.

—Certo. —Ardan retirou o cabelo loiro de sua nuca e a beijou ali. — Deuses, Bryn... por que não fizemos isto antes?

—Porque você acreditava que eu era Loki disfarçada de mulher. Oh, por favor... Não pare, não pare...

—Não vou parar —respondeu ele, agarrando o cabelo dela e esfregando seu botão de prazer com os dedos da outra mão.

—Mais. Mais.

—Sim...

Bryn o apertou em seu interior e começou a palpitar em torno dele, engolindo-o até o mais profundo.

Um novo orgasmo os sacudiu e abriu suas asas.

A força do êxtase os deixou de joelhos, ficando Bryn como uma borboleta monarca descansando sobre o peito de Ardan, um highlander alado.

Róta e Gúnnr os despertaram ao amanhecer. A primeira olhando-o todo; e a segunda com os olhos tampados com uma mão.

—Estão decentes? —perguntou a filha de Thor.

—Se estiverem ou não, não importa —assegurou a ruiva— Nós vamos já!

Ardan tinha Bryn abraçada e a cobriu com suas asas azuis, protegendo-a e lhe dando calor. Bryn se espreguiçava feliz e sonolenta entre seus braços.

Ardan se levantou soltando várias grosserias. Não gostava que o incomodassem e menos que despertassem desse modo. Mas quando escutou o tom de Róta, seu olhar caramelo se ofuscou e se encheu de determinação.

—A rachadura chegou a Edimburgo —explicou Gunny—Estamos às portas de uma guerra descomunal.

Depois dessas palavras, os quatro se reuniram nas cavernas, na sala de reunião, junto com os *einherjars* e os berserkers.

Gabriel lhes explicou a situação e deu diretrizes para que agissem em equipe.

—Os tremores alcançaram a Escócia. Segundo a informação hackeada obtida dos satélites que controlam a geomorfologia terrestre, as placas tectônicas estão se movendo de um modo inesperado. O enguiço das Highlands divide o norte e o sul da Escócia, mas os tremores estão se pronunciando com força em Edimburgo e Glasgow. São áreas muito próximas ao mar; e vendo os estragos que os ovos dos purs e os etones têm feito nas gretas, não duvidamos de que sejam estes os que estejam abrindo espaço e criando pequenas falhas que derivarão a uma grande e única. — deteve-se para mostrar um mapa em uma das telas e assinalar com um apontador laser vermelho as áreas que ia assinalando— Steven e o grupo de vanírios e berserkers estão em Edimburgo; eles nos avisaram dizendo quão fortes são as sacudidas. A área mais quente se focaliza em Arthur's Seat.

—É o núcleo basáltico de um vulcão — interveio Ardan alarmado.

—Certo. Em umas horas, a rachadura se abrirá e devemos estar ali para eliminar qualquer bicho vivente que delas emergir. O principal é saber em que área da costa de Edimburgo se inicia o terremoto.

—E a fórmula bloqueadora? —perguntou Bryn, completamente concentrada na missão. — Dispomos dela?

—Já tenho —respondeu o japonês Isamu, colocando sobre a mesa várias caixas com pequenas ampolas cheias de um líquido transparente. — Mas a terapia anulará os esporos que não coagularam e aos ovos em crescimento. Os que já estão prontos serão imunes a ela.

—Quem se encarregará de pulverizar o mar com ela? —perguntou Gabriel.

—Nós o faremos. — respondeu Theodore pegando as caixas e recolhendo os recipientes— Conte com isso, Engel.

Gabriel assentiu e reorganizou os outros.

—Os berserkers viajarão nas lanchas de Steven. Chegarão a Edimburgo em pouco tempo. — O Engel lhes deu seus nécessaires com tudo o que poderiam necessitar; micro explosivos, anuladores de frequência, desodorizantes... — Os esperamos em Arthur's Seat e cobrirão todos os fronts aos que nós não possamos chegar. Jamie ficará nos informando de todas as notícias que receber da Inglaterra e cuidará de Johnson.

Ardan olhou para Jamie; era um tipo corpulento, loiro e muito educado. Gostava que tomasse conta de Johnson, mais agora que Steven já estava em Edimburgo lutando.

—Ele estará bem — lhe assegurou o casal de Isamu.

Ardan assentiu e o agradeceu que se fizesse responsável por seu afilhado.

Os berserkers, acompanhados pelo clã de vanírios kofun, partiram decididos a cumprir com seus objetivos. Não havia tempo a perder.

—Falei com Miz e Cahal da Black Country —disse Gúnnr— A atividade dos pontos cresce, e não duvidam de que se ativem em breve.

Ardan se dirigiu às telas que refletiam a energia eletromagnética da terra. Cruzou os braços e viu os pontos que piscavam em vermelho. A atividade era mínima, insuficiente para abrir algum portal, mas estes portais estavam ali, dispostos a serem despertados. Miz O'Shanne tinha assegurado que isso acontecia quando se abria um grande portal, como o que se criou em Abbey

Church ou em Stonehenge. A energia tinha que voltar a concentrar-se para explodir através de todas as suas saídas.

—Nosso problema principal é que, embora tenhamos os pontos detectados, não fomos capazes de localizar *Gungnir*. Nem a *Gungnir* nem Hummus. Dizem que esse tipo é um semideus. —Pôs sua larga mão sobre o Reino Unido.

—Ele é. —concretizou Bryn.

—Então, que possibilidade temos de detê-lo? Tem a lança e dispõe da mesma informação que nós. Assim que os pontos se ativarem, o que o privará de atrair o *Ragnarök* e o *Jotunheim* à Terra? Com os vampiros no auge como estão, mais jovens e fortes; com a quantidade de lobachos que povoam as ruas... Somos poucos guerreiros para lutar contra eles.

A General apertou os dentes pela coerência dessas palavras.

Acharam *Mjölnir* e a Seier... A lança resistia; e restava pouco tempo para cumprir seu objetivo. De momento estavam em clara desvantagem.

—Não posso desmentir nenhuma de suas palavras, Ardan —concedeu Gabriel— Mas estamos aqui para lutar e para deter seus avanços, sejam quais forem, estejamos em condições ou não de parar seu avanço. Deixamos suas sedes da Newscientists imprestáveis; e, ademais, temos informação importante, como o endereço da sede da Noruega e uma mais que encontramos nas caixas de terapia e que era destinada aos Bálcãs. E se encaixa, porque Khani nos disse na Batávia que nos Bálcãs tinham muitos dos guerreiros que sequestravam e tratavam. Paramos seu avanço muitas vezes e voltaremos a fazê-lo —jurou Gabriel esperando seu apoio.

Ardan assentiu e olhou à frente: a seus novos amigos, a seus novos companheiros de batalha. Novas caras e novos valores o rodeavam. Ardan sempre recordaria aos seus e lutaria em seu nome; mas desta vez, o cara ou coroa, o vida ou morte jogaria ao lado de seu novo pelotão.

Ele já não era o líder, tinha sido alguma vez líder de algo? Já o duvidava. No *Midgard* tinha perdido muito e, no entanto, tinha recuperado àquilo que o fazia ser um bom chefe: seu coração.

O melhor, e o mais importante, o acabava de outorgar Bryn em uma noite que jamais esqueceria.

Muito tarde para reconhecer quanto se equivocaram.

Muito cedo para ir a uma guerra em que poderiam perder um ao outro para sempre.

Mas eram guerreiros; e, tanto Bryn quanto ele deixariam suas peles no campo de batalha, não em nome de seus deuses, mas sim em nome daqueles que levantariam seus raios, suas espadas, suas tochas e suas presas em os proteger.

—Então, Engel —o encarou e pôs a mão sobre o ombro protegido com a ombreira de titânio—, brigaremos até que não tenhamos forças para respirar.

Gabriel colocou sua mão oposta no ombro oposto do highlander e respondeu às suas palavras de ânimo.

—Lutaremos, com lança ou sem lança.

Enquanto sulcavam os céus tormentosos da Escócia, Ardan não deixava de olhar a perfeição de sua Valquíria.

Era como um animal selvagem; como um ser formoso que não soubesse bem de onde vinha, se do Inferno ou do Céu.

Suas asas vermelhas se abriam agitando-se com força e seu rosto, inclinado para frente como o de uma águia, deslumbrava entre as nuvens.

Seus olhos vermelhos o olharam e ele entrelaçou os dedos de sua mão com os dela.

Bryn sorriu e se aproximou de seu corpo até que Ardan lhe rodeou a cintura com um braço; como se em vez de voar para uma batalha, em realidade estivessem desfrutando de um passeio entre as nuvens.

Nenhum dos dois esquecia ao que foram nem o que eram. Eram responsáveis e disciplinados; e quando lutavam, lutavam. E quando faziam amor, faziam amor.

Mas, nesse momento, concernia concentração e guerra.

Mesmo assim, Ardan foi incapaz de não beijá-la nos lábios e sussurrar:

—Quero voltar a fazer amor com você depois, Bryn. Assim, mantenha-se com vida, de acordo? Eu cobrirei suas costas.

A Valquíria afundou o rosto em seu pescoço e afirmou com a cabeça.

—E eu as suas, gigante —respondeu a General. Quando amanheceram juntos esse dia, teria gostado de o massagear e beijá-lo como tantas vezes fez no *Asgard*; mas o tempo caiu em cima deles e os carinhos ficaram em segundo lugar. Mesmo assim, depois de tudo o que falaram, Bryn ficou por fazer uma pergunta, e aproveitou para fazê-la nesse momento. — Joga a culpa em si mesmo pelo que aconteceu em seu castelo? —Rompia-lhe o coração pensar que Ardan sofria por algo que nem ele nem ninguém poderia ter controlado.

O highlander, que de novo prendeu o cabelo em um coque alto, inspirou profundamente e, ao exalar, respondeu:

—Jogo a culpa em mim de tantas coisas... Inclusive quando acreditava que era inquebrável em minhas decisões e que não podia me arrepender de nada do que tinha feito, dei-me conta de que a culpa golpeia até aos mais vaidosos. Eu fui vaidoso. —A olhou de soslaio— Fui vaidoso e soberbo com meu clã, com Engel... com você.

Bryn o escutava atentamente. Jamais tinha ouvido Ardan falar daquele modo tão... tão exposto.

—Os líderes, às vezes, devem ter esse tipo de caráter. É o modo em que ganham o respeito dos outros.

Ardan olhou Gabriel e negou com a cabeça.

—Não. Eu perdi muitos dos aspectos positivos de ser um bom líder quando caí neste reino com tanta raiva em meu interior. Note: tinha todo o poder em minhas mãos. Era poderoso, mas me moviam o rancor e a ira. E não me dava conta de que a cada dia envenenado, a cada movimento ressentido, parte de minha clareza mental e parte de minha paz interior foram desaparecendo pouco a pouco. Mas nestes dias compreendi algo.

—O que?

—Que não me serve de nada ter poder para ganhar o mundo, se com isso perco minha alma.

Bryn engoliu saliva, angustiada, e centrou seus olhos no mar que sobrevoavam. Estavam a ponto de chegar a seu destino, a ponto de trocar as palavras por punhos, insultos e feridas... Deuses, tiveram tão pouco tempo... Tão pouco tempo para desfrutar de sua reconciliação.

—Reconhecer seus enganos faz que seja melhor líder do que acredita. Não foi sua culpa acreditar às cegas em Anderson ou em Buchannan: eram seus amigos, e devia lhes confiar tudo. Mas quando se deu conta de sua traição, fez o mais difícil, e o que muitos não teriam coragem de fazer: encarregou-se deles. Se Róta se fosse para o lado escuro, eu teria fracassado como General. Primeiro, por não ver isso. E segundo, porque não seria capaz de acabar com ela. —Em outra ocasião teria lhe custado muito reconhecer aquilo, mas com ele não. Com Ardan podia falar de igual para igual.

—Você confiou em Róta; por ela renunciou a mim; e Róta não a decepcionou. Eu simplesmente confiei em quem não devia.

—Não é verdade —negou ela veementemente— Ardan —Bryn agarrou-o pelas bochechas e o obrigou a olhá-la—, eles se equivocaram ao render-se. Damos a confiança a quem queremos, mas é responsabilidade deles saber o que fazer com ela. E se Anderson e Buchannan se venderam, foram eles os que cometeram o engano ao te defraudar. Você não traiu o clã ao confiar neles: eles traíram a todos ao acreditar que era mais fácil ir com o Loki que lutar pela lembrança de suas *cáraids*.

—Morreu tanta gente... —sussurrou afetado e, ao mesmo tempo, impotente por não poder ter feito nada.

—O que aconteceu na fortaleza não foi sua culpa. As mortes de todos os humanos que já morreram não são nossa culpa. Não podemos deter cada suspiro do mal que ressurge na Terra. Se estamos no momento adequado, e no lugar adequado, fazemos o possível por os deter. Mas às vezes é impossível. Nem sequer os deuses podem controlar o destino —assegurou a Valquíria.

—Sei. Mas isso não é o que mais me inquieta. Sabe o que é o que me angustia de verdade?

—O que, *mo einherjar*? — perguntou docemente, beijando-o nos lábios.

Ardan a abraçou contra ele e encostou sua testa à sua bochecha.

—Que tive que cometer muitos enganos para me dar conta de que o pior erro foi tentar te odiar durante tanto tempo; quando era a tristeza por não estar com você o que de verdade estava me matando.

—Ardan...

—Que lutei por te manter afastada de mim quando estava tão perto. E agora que está perto, tenho que lutar de verdade para que não nos afastem um do outro. Que fazia séculos que não sentia este medo, porque não tinha nada; e que agora sei que sinto medo pelo muito que tenho de perder.

Os olhos de Bryn se encheram de lágrimas. Abraçou-o com força e lhe disse ao ouvido.

—Então, lutaremos para que não nos separem, certo, guerreiro? Lute para não me perder; que eu briguei com raios e flechas para não te perder de vista.

Ardan engoliu o nó que tinha na garganta.

Um homem tão forte podia se tornar gelatina ante as doces palavras da mulher de sua vida. Juntos e abraçados, desceram ao inferno de fogo e fumaça que, em poucos minutos, havia se convertido Glasgow e Edimburgo.

A imagem era desanimadora e assustadora.

Do céu, escutavam-se as buzinas dos carros apitarem, as batidas das carrocerias impactando umas com as outras enquanto as estradas e as montanhas se dividiam em duas por uma greta infernal que avançava a uma velocidade incontrolável.

Os gritos, os prantos, o aroma de queimado, os incêndios e as explosões... Tudo acontecia a um ritmo constante e contínuo, como um acontecimento de fatos desafortunados que acabariam em uma das maiores tragédias da terra.

Alguns edifícios, como os de Vitoria Street, caíam vítimas do corte que, como uma faca rachando a pele, abria as vísceras do *Midgard* e engolia aquilo que durante tanto tempo suportou como um teto. Agora, tudo desaparecia...

Steven não queria olhar os humanos que perdiam a vida sob o peso das casas que caíam ou pelas rachaduras que engoliam a tudo o que estivesse no meio. Não podia pensar neles; porque suficiente mantinha um olho na loira samurai de sapatos de caveira que cortava cabeças de purs e etones pela raiz, e em salvar sua pele e acabar com a vida dos vampiros e lobachos que não deixavam de os atacar.

Daimhin lhe parecia incrível. Seu aroma de melão o deixava louco, e depois estava aquela cabeleira que fazia uns dias não tinha.

Quando a viu através da tela do computador era uma linda garota de cabeça raspada.

Agora, era uma bela mulher, fria e selvagem ao mesmo tempo, que não o olhou nenhuma só vez desde que chegaram a Edimburgo.

E ele, pelo contrário, não podia afastar seus olhos amarelos dela.

Mas, talvez, não seria digno nem sequer de pretender ser seu companheiro, nem tampouco sua atenção, já que era um líder manchado pela vergonha e a tragédia de ter deixado que quase todo seu clã morresse no castelo de Ardan; e, mesmo assim, sentia-se o suficientemente egoísta para querê-la para si.

Seus mais velhos falaram do chi, a energia vital que o berserker outorgava livremente a sua companheira, sua *kone*, seu *reflekt*. A mulher que se converteria em seu reflexo, no espelho no qual olhar-se.

Ao lado de Daimhin, lutando lado a lado, estava Aiko, como uma a mais do clã. As duas jovens tinham se conectado de primeira, talvez por sua juventude, ou por seu acanhamento; ou, inclusive, embora parecesse uma contradição, porque as duas eram muito mais velhas do que desejavam ser.

A japonesa era implacável, e tão indiferente e distante a tudo o que ia deixando para trás, que inclusive dava medo vê-la brigar.

Mas Daimhin era pior; sua impassibilidade ante cada corte e sua apatia ante o sofrimento que podia dar a vampiros e nosferatus gelavam o sangue de Steven; mas esquentavam seu coração de guerreiro.

As duas juntas eram um espetáculo digno de admirar e recordar.

Os purs e os etones não cessavam de sair da rachadura que estava partindo Glasgow e Edimburgo e que seguia em direção a Fort William e continuaria até a rachadura original. Se isso acontecesse, a falha geológica das Highlands despertaria, e a Escócia inteira poderia ir à merda.

Todos poderiam ir à merda.

—Se abaixe, moicano! —A ponta de uma bota impactou em sua cabeça e seu corpo se dobrou para frente. Quem fosse que o golpeou na nuca estava voando por cima dele e atravessando com sua espada o coração de um vampiro.

Como se chamava esse homem? O que havia entre ele e Daimhin?

Steven tinha tentado aproximar-se da jovem e lhe perguntar diretamente, mas ela se esquivou sem dificuldades. Nenhum sorriso de desculpas nem nada, simplesmente, afastava-se e o ignorava, assim sem mais.

E isso o frustrava muitíssimo.

Todos, absolutamente todos os vampiros que os estavam atacando, pareciam moldados pelo mesmo padrão. Góticos, embranquecidos, muito bem arrumados isso sim, e bastante alinhados. Tinham a tez lisa e não havia rastro daqueles sinais gastos de um corpo moribundo. A terapia das células mãe os estava ajudando a rejuvenescer-se; embora depois da devastação que tinham deixado para trás o laird, o samurai e o Engel em Fair Isle, duvidava de que voltassem a utilizar a dita terapia.

—Ouça, vanírio — disse Steven, agarrando seu oks e lançando-o pelos ares até que a lâmina se cravou na testa de um aberrante lobacho.

O vanírio loiro e de olhos tristes girou e o olhou nos olhos. Vazio. O mais absoluto vazio aparecia em suas profundidades marrons. Steven arrancou a lâmina da cabeça do lobacho e depois subiu sobre seus ombros até lhe abrir a mandíbula completamente e parti-la em duas. Ainda escarranchado no monstro, o berserker perguntou:

—Ouça, a guerreira de cabelo longo é...

Carrick se moveu para ele como um espectro. Antes estava a uns dez metros de distância; agora, quase roçava seu nariz com o seu, enquanto lhe mostrava as presas de um animal ferido e um pouco desequilibrado.

—Não. Se. Aproxime. Dela. —pronunciou palavra por palavra.

Steven sorriu e saltou do corpo sem vida do jotun que acabava de desconjuntar.

—Só ia te perguntar se...

—Não me importa. Fará bem em manter distância.

—E se não quiser fazer isso? —perguntou.

Carrick não respondeu. Pegou o cabo da katana que segurava com suas duas mãos e lançou a ponta para trás, sem olhar. Esta se cravou no estômago de um vampiro que, trespassado como estava, continuava querendo rasgar a garganta do vanírio.

Carrick se virou e cravou os dedos de sua mão esquerda em seu pescoço enquanto, com a direita, mantinha a espada em seu lugar.

Arrancou-lhe a traqueia; e, ato seguido, fez o mesmo com o coração.

Quando voltou a olhar Steven, que não temia a nada nem a ninguém, Carrick tinha o rosto manchado de sangue, mas nem um rasgo em suas roupas negras.

Quem eram esses vanírios, alguns deles com a cabeça raspada, que lutavam de um modo tão infernal?

—Adverti você. Deixa-a em paz. — ordenou Carrick correndo para ajudar Daimhin e Aiko.

Carrick tinha a sensação de que a vida se iria se não se adiantava aos movimentos dos jotuns, que tentavam atacar e rodear a sua irmã e a essa jovem japonesa que o hipnotizou e atormentou.

Quando se reuniram em Wester Ross pela primeira vez, e os dois se chocaram por engano na entrada da sala, tanto ela quanto ele cravaram seus olhares um no outro e depois os retiraram, confusos e surpresos.

E, após, seu vazio se encheu de sua exótica e elegante imagem.

E sua vergonha, sua mancha, pronunciou-se ainda mais; mas não o suficiente para não querer cheirar o aroma da japonesa.

Diziam que os casais dos vanírios se escolhiam, sobretudo pelo aroma. Se isso era assim, o aroma daquela samurai dos kofun o nocauteou em cheio.

E, mesmo assim, não podia ter ilusões.

Como um guerreiro como ele, ao que tinham envergonhado e sujado durante tanto tempo, ia ser merecedor de um presente como esse? Ele não acreditava no amor, nem na compaixão.

Não gostava que se compadecessem dele; por isso gostava tanto de Miz O'Shane, a companheira do druida. Porque, desde o começo, o tratou com normalidade, não como alguns que o olharam com cara de "pobre cara, foderam seu traseiro".

E era verdade. O foderam e usaram durante muito tempo.

E tudo porque não ia permitir que sua irmã nem os menores dos quais ele se sentia responsável sofressem mais abusos nessas malditas cavernas de Capel-Le-Ferne. Se podia aliviar o sofrimento de um de seus irmãos, faria-o. Porque, uma vez tinha sido humilhado, o que importava que voltassem a fazer-lhe? Ao menos, ele não lhes dava o prazer de escutá-lo gritar. Jamais.

E, quando acabavam, não chorava, não gemia. Simplesmente, eles sorriam e os cuspia; embora isso fizesse que ganhasse várias surras.

Pelo contrário, agora estava livre. E a cada jotun que tinha o prazer de aniquilar dava caras e nomes.

Carrick não sabia se haveria descanso para ele. Talvez, sua alma de menino perdido, de Peter Pan, ainda acreditasse em Terras do Nunca. Mas o homem que era, sabia que uma alma tão atormentada não pertenceria durante muito tempo mais à luz, por mais pastilhas que o curador tivesse conseguido criar.

Ele tinha sobrevivido às trevas. Fazia da escuridão seu lar.

E cedo ou tarde, a escuridão o reclamaria.

CAPÍTULO 23

Arthur's Seat

Edimburgo

Ardan e Bryn olhavam do topo da importante colina escocesa as terríveis vistas panorâmicas que presenciavam seus olhos.

Certamente, essa colina, de mais de dois mil anos de antiguidade e de origem vulcânica, nunca foi testemunha da cena de terror que a rodeava. Teria visto outras coisas, é óbvio; mas não aquilo.

Parecia uma sala de espera do fim do mundo.

A cidade se afundava. As pessoas morriam.

Os purs e os etones saíam de todas as partes.

Os quatro *einherjars* sobrevoavam a área e desciam rente ao mar, abrindo as provetas e lançando a terapia de choque contra o crescimento dos esporos... Se organizaram muito bem.

Se o mar conseguia absorver a terapia com celeridade, os ovos já não cresceriam. Agora, só deviam encarregar-se de acabar com os milhares de jotuns viscosos e mortíferos que assediavam o que ficava das ruas de Edimburgo e Glasgow.

Os edifícios que não caíram, exibiam tremendas rachaduras vivas em suas paredes, que aumentavam como heras segundo a terra tremia.

A rachadura tinha feito que o próprio castelo de Edimburgo sucumbisse à força do desmoronamento de terra, e agora mesmo tinha desaparecido. Já não era o vigia da cidade.

O vapor e os gases que emanavam da abertura infernal privavam a visibilidade dos guerreiros; alguns choravam, mas resistiam como podiam. O chão estava se rasgando como um parto difícil; e o que nascia dele não era nada bom: os jotuns arrasavam com tudo. Purs, etones, lobachos e vampiros... Os helicópteros que gravavam o que acontecia, os vampiros tentavam derrubar. Mas os vanírios impediam tal avanço por sua parte.

A luta em céu e em terra era a vida ou morte.

Os vanírios podiam ler as mentes dos humanos que fugiam histéricos; e todos pensavam o mesmo: a Terra mandava e, quando ela o fazia, os humanos não valiam nada e caíam como as formigas insignificantes que eram.

Do alto do topo, Gabriel e Ardan, Bryn e suas Valquírias, Noah e sua equipe de berserkers se preparavam ante o ataque de todos esses asseclas de Loki, que se dirigiam da planície das sete colinas sobre as quais se elevava a cidade para onde eles estavam, correndo sem controle, mostrando presas e garras. Uns voavam, outros saltavam e, alguns, avançavam por debaixo da terra.

Iam atrás deles.

Ardan olhou para Bryn e apertou sua mão com intensidade.

—Recorda o que te disse, sereia. Ainda tenho que recompensá-la.

—Ainda devemos nos compensar. —corrigiu ela.

—Sim.

Bryn assentiu e deixou que ele a beijasse. Lutaria para receber milhares de beijos como esse.

Gabriel elevou as espadas e deixou que suas asas se abrissem.

Assinalou os jotuns, gritou com todas as suas forças e animou os clãs para que também lançassem seus gritos de guerra.

Bryn olhou Róta e Gúnnr e sem mediar palavra, só com um gesto de sua cabeça lhes disse o que deviam fazer. Só poderiam fazê-lo uma vez até que os vampiros as descobrissem e, como eram os únicos que voavam, seriam os primeiros a espreitá-las e detê-las.

As três se colocaram nas pontas dos pés no chão, escondidas como felinas. Seus olhos se avermelharam e a energia elétrica que emanou de seus corpos provocou que seus cabelos se alvorçassem a seu redor.

Os *einherjars* elevaram o voo para protegê-las dos primeiros ataques.

—Todos para cima! —ordenou o highlander.

Os vanírios kofun ajudaram os berserkers a elevar o voo e os levaram com eles.

Os jotuns seguiam avançando e já subiam pela colina.

Ardan esperava lhes dar o sinal, enquanto vigiava de soslaio aos vampiros que se dirigiam para eles.

É óbvio, eram mais purs e etones que lobachos e nosferatus os que os atacavam; mas, dava igual os quais fossem uns ou outros.

Matariam-nos igual.

Os olhos de Kajal do escocês se entrecerraram; e quando seus inimigos estavam a poucos metros deles, gritou:

—Agora!

As três Valquírias abriram os dedos das mãos e colocaram a palma sobre a grama enegrecida de Arthur's Seat. Seus dedos se iluminaram e lançaram uma descarga que percorreu colina abaixo até a planície povoada de plantas e grama alta de diferentes tonalidades.

Os purs, etones e lobachos que permaneciam em contato com o chão, e que avançavam por debaixo da superfície, começaram a queimar-se com o contato contínuo da eletricidade de alta voltagem.

Os vanírios deixaram cair os berserkers para que comesçassem a acabar a tarefa que tinham iniciado as Valquírias.

—Os separe! —gritou Gabriel.

Bryn elevou voo em vertical para cima.

Róta e Gúnnr o fizeram para os laterais, cada uma colocando-se ao lado de seus *einherjars*.

Gunny tirou o *Mjölnir* e começou a lançá-lo com força para todos os lados.

O martelo dava voltas sobre si mesmo de maneira interminável. Impactava e arrebatava o corpo de dez jotuns e depois voltava à sua proprietária. E esta o lançava de novo.

Róta agitou suas *bue* e tirou seu arco e suas flechas. Disparou de um modo incansável e atravessou a mais de vinte jotuns, que percorriam a montanha.

Bryn, protegida em todo momento por Ardan, concentrou toda sua fúria e sua selvageria em eletrocutar com seus muito potentes raios a tudo o que podia.

As Valquírias, suspensas no céu, eram assediadas pelos vampiros, mas estes não podiam fazer nada contra a força bruta de seus *einherjars* que atuavam como um muro de proteção para elas.

Eles não permitiriam que lhes acontecesse nada.

Gabriel ordenava a todos e os recolocava em suas posições, ao mesmo tempo em que, com suas espadas, cortava e atravessava a qualquer chupa sangue que se aproximasse de Gunny.

—Faça sushi com estes, samurai! —pediu-lhe Róta sem deixar de lançar flechas.

Miya, graças a sua arte com a katana, cortava em pedaços àqueles que pretendiam deter a pontaria deliciosa de sua Valquíria.

E Ardan... Ardan era uma maldita máquina de matar. Um bruto.

Um animal que não só matava, mas sim desfrutava com isso. Ninguém ia tocar em Bryn enquanto ele a protegesse. Ele seria seu escudo.

Entretanto, não era a luta o que mais preocupava o *einherjar*. Ele poderia lutar eternamente e jamais se cansaria. Tinha sido instruído para isso; tinha nascido para matar. Assim já poderiam vir um milhão de jotuns, que ele não se queixaria; permaneceria inquebrantável.

O que preocupava de verdade a Ardan era saber que estavam todos concentrados em Edimburgo e Glasgow; e que Cameron e Hummus continuavam em poder da lança e não davam sinais de vida.

Por sua parte, Noah também tinha o mesmo dilema. Esquivou o golpe de um eton. Graças ao anulador de frequências, o eton não podia jogar com sua cabeça, mas sua dentada era venenosa, assim melhor afastar sua dentadura de sua boca. Ou não: melhor afastar sua cabeça.

Fez rodar seu oks e degolou, de um corte limpo e duro, a cabeça do repugnante reptóide.

E embora lutasse protegendo a todos os que podia ao mesmo tempo que brigava também por sua vida, só havia um pensamento que o afastava da batalha: sua adaga *Guddine* não se esquentava. E isso queria dizer que Hummus não estava em Edimburgo. Por que um líder de uma rebelião não estava onde seus guerreiros deixavam a vida?

Uma forte explosão o separou de seus pensamentos, recolocando-o de novo, cem por cento, na briga.

A colina em que se localizava o castelo do Edimburgo e que ficou parcialmente funda, começou a emanar gases tóxicos... A rachadura se fazia maior e, desta vez, percorria a cidade partindo-a completamente em duas.

Gabriel, impressionado pelo que acontecia ao planeta que uma vez foi sua casa, recebeu uma mensagem de seu tio Jamie. Conectou o fone que tinha no ouvido e colocou no viva voz.

—Gaby! Estão bem?

—Tio, tem notícias da Inglaterra?! —inclinou-se para trás para evitar que a volta do *Mjölnir* o golpeasse.

—Acabo de falar com a cientista. Os pontos se ativaram pela sucessão de terremotos. A rachadura ativou a energia da Terra...

—E?!

—Falta que adquiram seus pontos mais gélidos. Mas, Gabriel... filho, isto se vai a pique... a cientista diz que haverá um ponto mais forte por cima de outros. Ali é onde devem se dirigir; porque será ali onde cravarão a lança.

—Mas não temos nenhuma outra informação!

—Já sei! Aqui os sinais de televisão começaram a falhar, os rádios não funcionam... Somente o computador central recebe comunicação externa e... É o único que funciona para receber os sinais da Nasa. Um momento...

—O que?!

—Um momento... O que é isto?

—O que é o que, tio?

—Acabo de receber uma imagem!

Gabriel agarrou sua espada com duas mãos, e com um movimento de esquerda à direita, cortou pelas costas um vampiro que atacava Gúnnr.

—O que é, tio?!

—É um maldito desenho... —sussurrou Jamie estupefato.

—Um desenho? —Gabriel abriu os olhos e se lembrou de Nora e Liam, a bússola que detectava os portais e a menina que, mediante seus sonhos, podia ver ao Loki e aqueles aos que este manipulava. Ela tinha visto Hummus várias vezes. — O que diz o desenho?!

—É um mapa-mundi... Há vários pontos marcados com um círculo; mas, dentre todos, destaca-se um com vários círculos concêntricos ao redor... É uma ilha..., e parece a Ilha de Arran.

Gabriel permanecia em silêncio enquanto escutava as palavras de seu tio Jamie. A ilha de Arran? Eilean Arainn? Depois de tudo, justo ali ia se abrir o portal? Se isso era assim, que merda faziam na outra ponta de Escócia?

—Há um desenho de uma lança cravada entre uns pilares... parecem colunas e estão como se formassem um círculo. Um lobo segura a lança e está a ponto de cravá-la na terra. Há alguém que o retém e que tenta o proibir que o faça.

—Quem é? De quem se trata, tio?! —Frente a ele, Gúnnr torrava aos poucos vampiros que ficavam no ar.

—Não o vejo. Tem o rosto oculto atrás da cabeça do lobo! Gabriel, tem que... dar... Isa... lança... erra..

—Tio?! —Gabriel pressionou o fone, esperando alcançar assim a voz de Jamie. Mas a linha se cortou. O sistema estava caindo...

De repente, essa parcela de terra em que tinha lugar uma das muitas batalhas entre o Bem e o Mal ficou às escuras.

Bryn moveu suas orelhas alerta ante o que via.

Edimburgo se apagou por completo.

Nesse momento, recordou a conversa que teve com sua deusa no berço de *Vingólf*.

“Diga a Gúnnr que, quando chegar o blecaute, atinja a colina com a réplica do *Mjölnir*”.

A General, ansiosa, procurou Gúnnr com os olhos e a encontrou lançando de novo o martelo mas, desta vez, contra um helicóptero que tinha sido sequestrado por dois nosferatus. Deuses, sua amiga era um espetáculo na guerra.

—Gunny!

A Valquíria morena se virou com a franja que cobria seus olhos vermelhos, um sorriso de louca no rosto e lhe perguntou:

—O que?!

—Atinja a colina com o martelo!

Gúnnr se agachou e fez uma chave de braço a outro nosferatu que pretendia atacá-la pelas costas. A jovem elevou o braço e recolheu o martelo que retornava como um bumerangue. Golpeou o vampiro com ele, e este explodiu em mil pedaços.

—O que diz?! —repetiu colocando o cabelo para trás.

—A colina! —Bryn voou para Gunny, agarrou-a pelo braço e ambas desceram juntas até o pico mais alto de Arthur’s Seat.

Ao seu redor, só se viam corpos mortos em decomposição de purs e etones; os lobachos gritavam e feriam os berserkers, os berserkers respondiam com suas tochas e seus punhos. Os vanírios desceram dos céus e ajudaram em terra a acabar com os jotuns que continuavam subindo pela colina; embora cada vez fossem menos.

—Golpeia aqui! —ordenou a Valquíria— No *Valhala*, Freyja deu-me uma mensagem: que quando chegasse o blecaute, você atingisse a colina com o martelo. A luz foi embora! —Assinalou a cidade completamente às escuras, só iluminada pelo fogo que emergia das rachaduras e das explosões que ocorreram. — Faça, Gunny!

A filha de Thor assentiu e, com grande resolução, afastou Bryn de seu lado; segurou o cabo do martelo com força, levantou-o acima da cabeça e golpeou a colina com a cabeça do totem divino.

O impacto criou uma onda de luz azul que não só percorreu Edimburgo e Glasgow, mas sim banhou toda Escócia, Irlanda e Inglaterra. Moveu os mares e criou novas tormentas sobre todos os países. O terremoto se pronunciou; e a rachadura retomou seu curso.

Bryn e Gúnnr engoliram saliva porque não estavam seguras de conseguir coisas produtivas com isso. Mas, então, a filha de Thor olhou para seu lado direito como se visse algo que só ela via.

—General? —perguntou estreitando os olhos e abrindo suas asas.

—O que vê, Gúnnr? —perguntou espectador.

—Não vejo nada. Mas sou filha de um deus —reconheceu— A onda do *Mjölnir* provocou algo...

—O que?

—Sinto o totem de Odin. —Piscou surpreendida e repetiu com a vista fixa no horizonte— Sinto a *Gungnir*.

Aiko nunca pensou que poderia chegar um momento no qual sua capacidade de defender-se não servisse para virtualmente nada.

Por sorte, tanto purs quanto etones tinham deixado de aparecer por gretas e mares; e isso era graças à terapia de seu irmão Isamu. Os *einherjars* as jogaram aos mares e isso correria como a espuma e converteria os oceanos em lugares estéreis para os ovos.

Isamu nunca falhava. Sempre estava ali quando precisavam dele.

Agora, ela estava rodeada de lobachos e etones; e Daimhin lutava a seu lado, como se sempre tivessem feito isso juntas.

Gostava do estilo dessa garota.

Não fazia floreios nem se deleitava consigo mesma. Faltava-lhe depurar sua técnica com a katana, mas era igualmente eficaz como um mestre. Não tão limpa em seus cortes, mas igualmente mortífera.

A cidade ficou sem luz; e só os fogos que se encontravam a um lado ou ao outro das ruas destroçadas iluminavam as cenas de ação. Não precisavam ver bem, pois tinham boa visibilidade como vanírias; mas os gases que surgiam das gretas do terremoto irritavam a pele ao redor de seus olhos, e isso era irritante.

Por isso, nenhuma das duas viu quando se abriu uma rachadura a seus pés e, dela, as mãos de um par de purs as agarraram pelos tornozelos.

Daimhin gritou de dor, mas foi o suficientemente rápida para lhe cravar a katana na mão. O purs a soltou de imediato.

A baba da pele dos jotuns queimou parte das botas de Aiko, que tentou sair voando da greta, mas dois nosferatus foram atrás dela e a arrastaram ao interior da terra enquanto a mordiam no pescoço e ombros.

—Aiko! —gritou Daimhin.

Quando a jovem tentou ir em sua busca, dois lobachos cortaram seu passo. A jovem estava mais concentrada em resgatar a japonesa que em proteger-se desse par de bestas; por isso não cobriu bem seus costas e recebeu o arranhão de um eton.

Steven deteve o segundo arranhão, aparecendo de surpresa, e lhe cortando o braço com seu oks.

—Cuide de suas costas, Daimhin! —adverteu-a o jovem berserker.

—Temos que ajudar Aiko! —rugiu o olhando com ódio e assinalando a rachadura. — Temos que...

Carrick, com sua roupa negra e seu cabelo loiro raspado, alto e musculoso, elegante e frio, apareceu por detrás dos jotuns e deu um salto voador para a rachadura.

Daimhin franziu o cenho e negou com a cabeça.

Seu irmão atormentado, seu precioso irmão ferido, olhou-a por cima do ombro com uma decisão em seus olhos marrons como até agora não tinha visto.

Daimhin piscou, e ele juntou o dedo indicador e o dedo do meio, beijou suas pontas e as levou ao centro do peito.

Esse era um gesto que utilizavam para dizer adeus. Em Capel-Le-Ferne, quando os separavam, sempre faziam isso para recordar-se que não estariam sozinhos. Levariam um ao outro em seu interior.

Seu Carrick desapareceu pela rachadura e, nesse instante, uma incrível labareda emergiu dela, alcançando altas cotas de altura.

—Não! —gritou a jovem com os olhos cheios de lágrimas.

Steven matou o purs e os lobachos que a bela vaníria tinha a seu redor.

Se ela não se protegia, ele o faria.

Levantou-a para que fugissem das explosões que aconteciam através da rachadura, produto da mistura de gases, do fogo e do combustível dos carros que caíram através delas.

—Não! Carrick! —Daimhin tentou afastar as mãos de Steven, mas o berserker era forte e não a soltava. Quando a afastou da área do fogo, Daimhin o empurrou e gritou com ele. — Não me toque! Jamais! —tirou sua katana e apontou o pescoço dele com a ponta da lâmina. — Esse daí é meu irmão!

Steven ficou surpreso e elevou as mãos em sinal de rendição. Os olhos de Daimhin eram os mesmos que os de uma loba a ponto de morder. E gostou. Gostou tanto quanto o preocupou.

—Não pode se colocar nessa rachadura. —O guerreiro falou com calma.

—Por que não?! —gritou chorosa.

Steven dirigiu seus olhos amarelos para as chamas. O fogo era cada vez maior; e a profundidade da rachadura era inalcançável.

De repente, umas ondas azuis banharam a rua em que estavam. Steven e Daimhin olharam surpresos. Não sabiam de onde vinham.

As chamas da rachadura em que se encontravam se sufocaram e desapareceram, mas tal e como se foram, emergiram com mais força. A brecha aumentou e parte do chão se afundou com ela.

—Nããããooooo! —gritou Daimhin, chorando por seu irmão.

Uma forte explosão lançou ambos pelos ares.

Noah estudou as ondas que percorriam a colina e que continuavam até banhar, inclusive, o mar do horizonte. Seus pés estavam cobertos pela luz azul da frequência do martelo de Gúnnr. Sua adaga *Guddine* ardeu em suas costas e teve que tirá-la da capa porque queimava sua pele.

—O que...? —Estudou a lâmina, esperando que as letras em *futhark* antigo aparecessem como a vez anterior. Mas a lâmina permaneceu limpa e brilhante.

Não obstante, algo, um sinal que desconhecia, despertou todos os seus instintos e o chamou como chamava a luz às traças ou o mel às abelhas.

E soube, de um modo inato, que esse sinal que recebia, como um localizador de um excursionista perdido, não era outra que o sinal de *Gungnir*.

Por que sabia isso? Outra incógnita que se acumulava em seu saco de mistérios sem resolver e que sempre tinham a ver com ele.

Noah correu para falar com as Valquírias ao ver que as duas jovens tramavam algo.

—O que acontece? —perguntou o berserker.

—Gunny sabe onde está a lança.

Gabriel e Ardan, que agora estavam em terra, lutando lado a lado, compareceram correndo para onde elas estavam depois de acabar com os três lobachos.

—E eu sei onde se abre o portal! —exclamou Gabriel.

—Em Arran —respondeu Ardan. Tinha sido a ele o primeiro que disse. O highlander ficou estupefato ao escutá-lo.

Sua própria ilha, que agora jazia partida em dois, continuava sendo o suficientemente poderosa para albergar um vórtice eletromagnético que poderia desencadear tudo. Gabriel disse que a lança se cravaria dentro de umas colunas em círculo, e ele sabia que em sua ilha só havia um grupo de rochas desse tipo, e eram as rochas de Machrie Moor, localizada em meio de uma campina de palha amarela na Baía de Whiting. — Se abre nas crómlech de Machrie Moor. Na Inglaterra, faz uns dias, o druida abriu um portal em crómlech do Stonehenge. São monumentos que servem de receptáculos de energia telúrica. É muito lógico que se abram nesses lugares.

Quando os humanos seguiam acreditando que se tratava de templos, monumentos funerários ou lugares sagrados, os dalradianos como Ardan, que tinham convivido com pictos e celtas, sabiam que eram círculos de pedra que se construíam para alinhar os múltiplos chakras da terra. A esses chakras, agora os chamavam de vórtices eletromagnéticos.

—Não chegaremos a tempo! —exclamou Gabriel avisando a Theodore pelo intercomunicador. Deviam se apressar em retornar e dirigir-se a Arran.

—Eu vou com vocês. —Noah apareceu atrás deles. Só se viam os olhos dele, pois tinha todo o rosto cheio de sangue, algum dele, mas, a maioria, de todos os que foram aniquilados. O imenso berserker se aproximou deles e olhou para Gúnnr — Sente a *Gungnir*?

A Valquíria assentiu com a cabeça.

—Sim. Sinto.

—Eu também. — respondeu Noah reconhecendo em voz alta que podia detectar totens divinos.

Todos o olharam estupefatos, até que Bryn, nervosa, pressionou a ponte do nariz e o espetou:

—Mas, vejamos, quem diabos é você?

—Isso queria saber eu...

—Acredito que nem ele sabe. —acrescentou Ardan— Mas, seja quem for —o highlander lhe pôs uma mão no ombro—, tem que vir conosco. Gabriel, vamos nos dividir. Alguém tem que ir a Arran e cercar Machrie Moor.

—Não vamos nos dividir mais —grunhiu Gaby— Ou tudo ou nada, jogaremos isso. Iremos com todos, e que seja o que tiver de ser.

—Não, Engel — respondeu Noah— A lança está se movendo, capto isso. Envie uns para um lado e outros ao outro. Se recolhermos a lança antes, Hummus não poderá cravar uma merda.

Gaby, que jorrava como todos, de cima a baixo, devido às fortes precipitações que caíam sobre essa parte do planeta, acabou cedendo a contra gosto.

—Eu tenho um meio para chegar até a lança. É muito rápido —assegurou Bryn lambendo os lábios úmidos pela chuva.

Gabriel apertou os dentes, pois não estava muito de acordo em voltar a dividir o grupo em tantas frentes, mas Noah tinha razão.

—De acordo. Gúnnr, faça com que viajemos através das tormentas. — ordenou Gabriel— Toda Escócia e o Reino Unido está nublada e chove em todos os lados. Nos leve a Arran. Sente a *Gungnir*, verdade?

—Sim, Engel —reconheceu ela orgulhosa.

—Você também, berserker? —perguntou o líder *einherjar* a Noah.

—Sinto o mesmo que ela — assegurou com o loiríssimo cabelo grudado na cabeça. Tão loiro quanto era, parecia o rei dos vikings.

—Então, você irá com a General e com Ardan.

Noah assentiu e todos se colocaram em seus postos, pois não havia tempo a perder.

Enquanto Gúnnr convocava às tormentas e Róta impactava um de seus raios nela para que a jovem pudesse criar a antimatéria entre as nuvens, Bryn se girou e elevou o rosto ao céu. Levou o indicador e o polegar à boca e assobiou com todas suas forças.

Imediatamente, uma esteira branca cruzou o céu, rodeou a colina, e deteve-se frente a Ardan, Noah e Bryn.

Angélico.

A Valquíria se aproximou de seu Pégaso e lhes sorriu por cima do ombro.

—Meu Angélico nos levará.

Holy Island

Muito perto da ilha de Arran, encontrava-se a Ilha Sagrada, Holy Island.

Um pedaço de terra no qual viviam uns monges budistas e no que se achava um complexo residencial de retiros espirituais.

Sob o chão dessa residência, nas cavernas e nas grutas que havia em seu interior, oculta dentro de uma caixa magnetizada que privava que o objeto escondido emitisse qualquer tipo de sinal elétrico, Cameron transferia a lança para a lancha barco a motor que esperava fora. Já tinham recebido o sinal dos satélites; e a loteria dos vórtices caiu em Machre Moor.

Hummus sabia onde devia aparecer, porque já o havia avisado. Só faltava levar a lança e que o transformista cumprisse sua obrigação. Esse maldito lobacho tinha a capacidade de deslocar-se no espaço como quisesse. Mas era uma das virtudes ao carregar a mesmo sangue de Loki.

Ele logo receberia o mesmo.

Depois de tanto tempo. Depois de trabalhar à sombra de Hummus. Depois do que o fizeram acreditar uma e outra vez que compartilhariam seu mesmo sangue, por fim, tinha chegado sua hora.

Cameron sorriu e penteou seu topete punk com os dedos.

Tinha sido muito fácil ocultar a lança naquele lugar. Quem ia imaginar que *Gungnir* ia estar tão perto da fortaleza de Ardan? Ninguém procuraria em sua própria casa o inimigo; embora o *einherjar* já demonstrou que sua casa estava infestada deles.

Anderson, Buchanan, Samantha... Se pôs a rir malvadamente.

Não esperava que descobrissem Samantha tão cedo. Nem tampouco imaginava que a Valquíria dos raios tão potentes era a mulher pela qual o escocês estava apaixonado. Quando Cameron soube disso pela boca de Buchanan, decidiu que podia fazer uma troca entre elas. Mas Ardan escolheu a Valquíria e tinha matado Sammy antes que fizesse seu papel.

—Pobre laird frustrado... — grunhiu Cameron carregando a cápsula com ajuda de dois vampiros.

Ardan não se lembrava dele.

Nunca o tinha feito.

E para Cameron foi maravilhoso passar despercebido porque isso significava que a estocada final seria magnânima.

Quando Hummus cravasse a lança e o *Jotunheim* se abrisse, Cameron olharia Ardan e lhe diria a verdade:

—Eu pertencia a seu exército de Dalriada. —Cameron repetia seu discurso em voz alta— Eu merecia ser o líder do pelotão. Por isso, eu te alcancei com minhas flechas pelas costas. E te matei. Porque era um perdedor. E, por essa mesma razão, Loki me chamou para seu exército.

Cameron perdeu o equilíbrio e se agarrou à caixa. Acabavam de carregá-la na caverna interior, e a estavam amarrando à lancha, quando umas ondas azuladas rodearam a água e a gruta em que se encontravam, iluminando-a com um especial fulgor.

A terra tremeu ligeiramente e os três tiveram que sustentar o equilíbrio.

—O que foi isso? —perguntou Cameron aos lobachos, olhando ao seu redor de maneira desconfiada.

As duas bestas saíram da gruta para ver o que acontecia no exterior; mas não viram nada no horizonte.

Cameron franziu o cenho. As luzes da cápsula se apagaram; e isso só queria dizer uma coisa.

Gungnir começaria a dar sinais a qualquer momento. E lhes restavam quinze minutos para chegar a Arran.

Cameron pôs a lancha a todo vapor. Hummus o esperaria na borda; e ele se transferiria imediatamente a Machrie Moor.

Depois que seu corpo se desfizera por completo na igreja em Abbey Church, custou recuperar-se das feridas, mas já estava quase cem por cento. Mesmo assim, empregava muita energia em bilocar-se, assim que o líder dos jotuns exigia que sempre lhe dessem o trabalho meio feito.

Arran se via, a simples vista, partida pela metade. Uma ilha de não mais de trinta quilômetros de comprimento.

O mar ondeava com força e as ondas golpeavam as rochas dos escarpados derrubados até as erodir. A lancha se movia de um lado ao outro pela dura maré; mas Cameron se colocou no alto da caixa de cristal para assegurá-la à superfície.

Chegariam a tempo. Não restava outro jeito se queria o reconhecimento de Loki.

Angélico chegava à ilha de Arran à velocidade do vento.

Bryn, Ardan e Noah, em cima de seu indomável lombo, observavam o mar e a Ilha para ver se havia sinais de jotuns.

E foi Noah quem detectou a lancha e a radiação de *Gungnir*.

—Está aí!

A lança atraía os trovões e os relâmpagos; tal era seu poder que caíam com força sobre a caixa de cristal e eletrocutavam tudo o que encontrava a seu caminho.

Ardan cravou os olhos no lobacho que se afastava da lança cada vez que caía um novo raio sobre ela. Viu seu topete e não duvidou nem um momento.

Era Cameron.

E não pensou duas vezes. Tinha ao alcance a seu escorregadio antagonista. Ao assassino de mais de cem guerreiros, mulheres e crianças... Ao manipulador que uma vez arrebatou Johnson, e que era o responsável pela morte de John e Scarlett.

Lançou-se de cabeça, em queda livre, esperando aterrissar totalmente na lancha.

Nem sequer abriu as asas. O que desejava de verdade era impactar com tanta força sobre o maldito lobacho que a lança, a lancha e tudo o que houvesse ao redor saísse voando pelos ares.

Ardan via tudo vermelho, e mais vermelho o viu quando caiu sobre o assassino. Não descansaria, não conciliaria a paz até que tivesse a cabeça do lobacho em suas mãos.

Os dois caíram na água, e a lancha se descontrolou; dirigia-se à deriva contra as pedras do escarpado...

Depois, uma luz azul no fundo do mar Atlântico começou a emergir à superfície, até que saiu Ardan com suas asas desdobradas, agarrando Cameron pela camiseta e levando-o com ele.

O jotun estava em plena mutação. As garras lhe saíam das mãos, o cabelo crescia escuro, marrom e comprido, e seus olhos negros se tornaram amarelados. As mandíbulas explodiram na boca, e triplicou seu tamanho.

Era muito maior que Ardan, mas Ardan... Era Ardan e, além disso, tinha asas.

O highlander o lançou à beira da ilha, e o lobacho caiu sobre suas patas traseiras, colocando-se em posição de ataque.

Cameron se pôs a rir.

—É como uma espinha no traseiro.

Ardan, encharcado de cima a baixo, sacudiu suas pulseiras, e delas se materializaram suas duas espadas de *einherjar*. O olhar sem inflexões que dedicou ao lobacho deixaria gelado até ao próprio diabo.

Em uma borda como essa, fazia mais de quinze séculos, Ardan perdeu a vida na batalha de Degsastan, na ilha de Man.

Agora, na Ilha de Arran, Cameron não pensava o deixar viver sua imortalidade.

E Ardan não permitiria que o lobacho lhe arrebatasse nada. Porque agora tinha muito a perder: Bryn o esperava.

Noah e Bryn controlavam a lancha, que corria descontrolada cortando o mar. Os raios continuavam caindo sobre a lança, e modificava a trajetória do navio de esquerda à direita.

Da ilha de Arran, saíam nosferatus voando a toda velocidade e se aproximavam deles como uma nuvem escura e demoníaca.

Certamente, os vampiros esperavam cobrir Hummus em Machre Moor, mas já sabiam o que estava acontecendo e por isso saíram antes do tempo de suas tocas.

Então, a caixa blindada que protegia *Gungnir* caiu ao mar.

As correntes que a seguravam se quebraram.

Bryn abriu suas asas. Desceria, agarraria a lança e tudo se acabaria...

Era a lança, o totem mais importante. Se retornasse com ela e a devolvesse a Odin, tudo finalizaria.

Agitou suas asas monarcas vermelhas e brilhantes, e disse a Noah:

—Cuide de Angélico.

—Não! —deteve-a Noah— Onde acha que vai? Os totens divinos só podem ser tocados por deuses ou semideuses. Seu contato poderia te matar.

—Sou uma *dísir*, uma Valquíria. Sou uma deusa menor —esclareceu Bryn elevando o queixo— Posso segurá-la.

—Não esteja tão segura.

—Não o estou —confessou com sinceridade— Mas alguém tem que fazê-lo.

—Então, Bryn... Irei eu.

Noah se deixou cair ao vazio, sem permissão, sem medos e sem a absoluta segurança de que saísse imune ao recolher o objeto de Odin. Não sabia quem era ainda. Tinha uma adaga *Guddine*, Freyja falava com ele e, ainda por cima, captava o sinal dos totens divinos. Se havia alguém que tinha todas as características para estar de algum jeito relacionado com os deuses, esse era ele.

Quando caiu ao mar, mergulhou até divisar a arca transparente. O mar estava agitado e revoltado e não havia boa visibilidade; mesmo assim, *Gungnir* brilhava e levitava, dando voltas sobre seu próprio eixo. Ali estava a famosa lança. Se sua ponta se cravasse na Terra, a guerra desataria. A lança nunca deixaria de avançar, ninguém a poderia deter. Avançaria e avançaria até atravessar a tudo o que ficasse na frente. Era uma contradição que por si só esse totem fosse um presente do deus Loki a Odin. Construíram-no os anões filhos de Ivald.

Noah estava a ponto de alcançá-la quando, debaixo da água, uma imagem imprecisa se materializou ao lado da caixa. Rodeou-a com os braços, e tanto esse ser como *Gungnir*, desapareceram ante seus olhos.

O berserker mergulhou para sair à superfície.

Uma vez fora, procurou Bryn e lhe fez gestos com os braços. As ondas o cobriam de vez em quando, mas ele saía flutuando de novo.

A General o localizou imediatamente e admirou-se ao ver que voltava com as mãos vazias.

Fez Angélico descer até recolher Noah do mar. Deu-lhe sua mão e este a agarrou para subir no lombos do majestoso cavalo alado.

—Me leve a Machrie Moor! —gritou Noah limpando a água salgada dos olhos— Hummus tem a lança e cravá-la!

Bryn esporeou Angélico.

Não aconteceria. Todos não tinham sofrido tanto para que, no último momento, Hummus conseguisse o que queria.

Via Ardan de longe, afrontando Cameron, preparado para torturá-lo. O lobacho não teria uma só oportunidade contra ele. Nem uma.

Ardan era mortal em seus golpes e um sádico em suas artimanhas.

Por isso gostava tanto dele. Cruel e sem misericórdia. Não havia perdão para os inimigos.

Na guerra era o melhor. No amor... também; embora ainda deviam limar algumas asperezas. Sorriu confiante em que ele ganharia, e lhe dirigiu um último olhar antes de voar com o Pégaso e Noah até Machrie Moor.

Chegariam em uns segundos.

CAPÍTULO 24

Ardan, O dalriada.

Ardan das Highlands.

Escocês.

Ilhéu.

Tranças.

Amo.

Não importava os apelidos que pusessem nele; no final, todos falavam dele e de suas origens. Mas nenhum definia exatamente o que ele era.

Roçou as lâminas de suas espadas e as afiou uma com a outra, como faria um perito cozinheiro para limpar suas facas.

E o que era ele?

Um amo?

Um guerreiro?

Um líder?

Um *einherjar*?

Não. Esses últimos dias se deu conta de que tinha sido só um homem perdido em seu próprio mar de amargura e insatisfação.

O ódio e o rancor o fizeram soberbo e vaidoso, demasiado orgulhoso de tudo o que obtinha e muito confiante naqueles que lhe juravam fidelidade.

E se tinha dado conta, muito tarde, de que a fidelidade não era uma palavra nem um juramento. Ninguém o obedeceria por ser Ardan.

A fidelidade era uma essência e uma atitude. Um princípio.

A fidelidade era ver Gabriel, em meio de uma chuva de cristais lacerantes, indo resgatar Miya que se afundava no mar de Lerwick.

A fidelidade era comprovar que Gúnnr e Róta dariam um braço, e o que precisasse, por proteger Bryn.

A fidelidade era fugir, como tinha feito Steven quando sua irmã morreu se responsabilizar em estar à frente de seu clã, para logo voltar com a cabeça alta, reconhecendo seus erros e regressando para resolvê-los.

Ser fiel era o que tinha suportado Bryn por Róta.

E ser fiel, sobre todas as coisas, era ter amado como o amou sua preciosa General durante todo esse tempo que estiveram separados.

Ele, pelo contrário, odiou-a tanto quanto a amava, mas não foi fiel.

Nem a ela nem a ele mesmo.

Agora, com o exemplo perfeito ante ele de tudo o que não queria ser jamais, Ardan brigaria não por vingança: faria-o para acabar de enterrar sua ira.

E sabia que não ia lhe custar nada acabar com esse tipo. Porque um líder que não se mostrava não era um guerreiro; era um ditador. E os ditadores ordenavam, mas não sabiam lutar.

O lobacho se lançou sobre ele tão rápido que Ardan não o viu vir.

Caiu ao chão de costas e Cameron lhe rasgou o peito com a pata.

—Ardan de Dalriada... —grunhiu mostrando as presas e tentando o morder.

Cameron era muito grande e muito corpulento. Agarrou-o pelas pernas e o lançou pelos ares contra as rochas derrubadas do escarpado.

“Mal pensado”, disse-se Ardan. “Não lance um *einherjar* emparelhado pelos ares ou suas asas sairão”.

Suas asas voltaram a desdobrar-se antes que impactasse contra as pedras. Deu uma cambalhota sobre si mesmo e apoiou as botas na rocha para impulsionar-se e voar como um míssil e impactar no peito do lobacho.

—Matei-o uma vez. Posso voltar a lhe fazê-lo. — disse Cameron entre grunhidos.

Ardan deixou que o lobacho o cobrisse com a areia escurecida de Arran.

—Quando você me matou? Nunca se mostra, nunca está presente. É um líder covarde que manda e ataca por traição. Jamais me enfrentou. —Ardan sorriu ao esquivar um poderoso punho do lobacho. — Porque me teme.

Cameron sorriu e negou com a cabeça, histérico.

—Não te temo. Não temo àquilo que já derrubei uma vez. Nunca se perguntou quem te matou na ilha de Man, quando era humano?

Ardan ficou muito quieto, escutando aquelas reveladoras palavras.

Cameron aproveitou para esmurrá-lo e o agarrar pela garganta até lhe cravar as unhas.

—Você era a putinha favorita do rei Áedán Mac Gabráin. Ele o escolheu para que liderasse a armada naval. Eu era tão importante quanto você entre nosso clã e ele nem me olhava.

—Sério? —grunhiu Ardan rindo dele— Não lembro de você. Poderia tê-lo chupado, aposto que assim o rei o teria mais em conta.

Cameron lhe deu outro murro no lábio; e o piercing se rasgou.

—Que pena que, quando conquistamos Arran, você morreu, verdade, escocês? Uma flecha atravessou seu coração das costas até o peito.

Os olhos tatuados de Ardan piscaram incrédulos. De verdade Cameron fez parte de sua armada? Por que não o conhecia?

—Talvez não o conhecia porque foi tão covarde quanto agora. Certamente que você se acreditava igualmente bom na guerra como eu, e imaginava batalhazinhas só em sua mente. Eu dou um nome a esse comportamento, sabe? Chama-se alucinação.

—Eu disparei a flecha em você. Eu te matei —declarou orgulhoso.

—Me deixe adivinhar... E depois Loki o tentou para que fosse com ele.

—Exato. Feriram-me mortalmente; e Loki me ofereceu trabalhar para ele. A imortalidade é sedutora e eu aceitei.

—Você somente é um covarde, Cameron. Sempre ataca pelas costas.

—Isso se chama estratégia.

—Não. Equivoca-se. —Ardan o agarrou pelo cabelo e jogou o pescoço dele para trás, para lhe dar uma cabeçada em toda a cara que lhe quebrou o nariz. Cameron levou as mãos ao septo nasal, que não cessava de sangrar, e Ardan se levantou pouco a pouco— Tenho um amigo que é um

grande estrategista. Chama-se Gabriel. E é o líder dos *einherjars*. Asseguro que sempre vai de frente, sem subterfúgios; e pode ser muitas coisas, mas não é um covarde. Não se oculta. — sua boca encheu ao falar do *einherjar*, porque quanto mais o conhecia, mais começava a respeitá-lo e a admirá-lo— E, se é verdade que me matou, eu o agradeço.

Cameron, que não entendia o que estava dizendo Ardan, afastou as mãos de seu rosto e o olhou horrorizado.

—Sim. Aposto que você adorou morrer — grunhiu Cameron, tirando uma navalha curvada da parte traseira de suas costas e lançando-se por ele, para cravá-la no coração— Como agora!

Ardan deteve seu avanço e o agarrou pelo pulso. Com o punho contrário o golpeou na bochecha e apertou a articulação de sua mão para que soltasse a adaga. Quando o fez, Ardan deu um chute na arma para retirá-la de seu alcance.

O highlander lhe retorceu o braço até que o partiu. Depois colocou seu joelho sobre as costas do lobacho e o agarrou pelo queixo com as duas mãos, fazendo alavanca.

—Se me matou o agradeço, putinha —repetiu, olhando à frente, mas sem ver— Graças a você, vi o *Asgard* e entrei no *Valhala*. Graças a você, tatuaram-me as costas com estas belas asas — as desdobrou e as mostrou orgulhoso—; e, graças a você, conheci o amor de minha vida. Se não tivesse me matado, teria perdido tudo o que o destino tinha reservado para mim. Teria perdido Bryn e não teria aprendido jamais o verdadeiro significado da lealdade e da fidelidade. —O que em outro tempo, no *Midgard*, considerou que tinha sido uma tortura, agora, com a mente mais clara e a experiência vivida, considerava que todo o ocorrido tinha sido um presente. — Matou a muita gente que eu amava, Cameron, e isso não vai me devolver ninguém. Mas quero que saiba que enquanto seu corpo decompõe-se pouco a pouco —a pele de sua garganta estava se abrindo. Ardan lhe arrancava a cabeça lentamente, milímetro a milímetro— e você desaparece e deixa de existir, com sua morte terei vingado a todos os que me arrebatou. Enquanto você não está, eu seguirei aqui, lutando para que nenhum de seus passos encontre nunca os resultados que procuram. Você morre. —Zás! A cabeça do lobacho se separou de seu corpo, e Ardan a elevou por cima de sua cabeça e gritou como o selvagem que era. Depois, jogou a cabeça muito longe, ao mar. Afastou-se do corpo degolado do lobacho e acrescentou enquanto elevava o voo. — Eu vivo para contar.

Hummus se materializou no centro de Machrie Moor. Sentia como palpitava a força do vórtice sob seus pés, como as dimensões se abriam e os portais se preparavam para aceitar a todo aquele que queria passar de um mundo ou a outro.

O lobacho sorriu e olhou ao seu redor. A tormenta sacudia aquela terra devastada pela destruição, e mais que o faria.

Cansado e pálido, elevou a lança e pronunciou umas palavras antes de cravá-la em terra.

Por fim... A rebelião de seu pai daria seus frutos.

Por fim, tudo pelo que brigaram teria uma boa recompensa.

Os malditos guerreiros de Odin tinham acabado com quase toda a organização da Newscientists. Mas ainda ficava em pé o que tinham na Noruega e o campo de concentração dos Bálcãs; enquanto seus líderes, desde Samael até Lucius, caíram um a um sob a força da união dos vanírios e berserkers. E, agora, se juntaram a eles as Valquírias e os *einherjars*. Por que continuavam brigando esses guerreiros? Em nome do quê?

Ao menos, eles lutavam por uma verdade universal: o ser humano jamais deveria ser igual aos deuses. Jamais deveria equiparar-se a eles. E Odin era o que ansiava. O deus *Aesir* acreditava que se podia aprender algo dessa miserável raça, mas ele seguia sem ver o que: destruíam seu mundo sem prestar atenção, permitiam a soberania de alguns muito pouco preparados que a média; deixavam que os de sua mesma espécie morressem de fome e permitiam que outros criassem vírus que os matavam pouco a pouco... Aquela raça era um despropósito. E, o mais ridículo era que todos, absolutamente todos, ficavam de joelhos ante um pedaço de papel ao que chamavam economia.

Hummus sorriu e elevou a lança que queimava suas mãos. Odin era ciumento de suas coisas e não gostava que ninguém as tocasse. Mas ele era igualmente filho de um deus; e essa lança seu pai deu ao deus *Aesir*. Portanto, também era dele.

Com a vista fixa na ponta daquela lança divina, proclamou:

—*Bjarkan's laufgroenstr lima; Loki far flærðar tima*. A bétula tem ramos de verdes folhas; Loki leva o tempo do engano. Que comece o *Ragnarök*!

Flas!

Sem saber muito bem como, Hummus se viu afastado do círculo de pedra. Agora o via das alturas.

A Valquíria de cabelo loiro o agarrava pelas costas enquanto o elevava pelos céus, agitando suas grandiosas asas.

“Maldita vadia intrometida!”

E alguém mais segurava a lança, o privando que a lançasse ou a movesse. Batiam-se em duelo para ver quem a levava.

Era o menino perdido.

—Você... — grunhiu Hummus. Seus olhos adquiriram a cor da névoa esbranquiçada.

A tormenta adquiriu mais força. A água torrencial caía sobre os guerreiros; e, então, uma bola de luz explodiu entre as nuvens como uma supernova. E daí saíram Gúnnr e Róta com Gabriel e Miya dispostos a lutar contra Hummus.

O lobacho sorriu para Noah e lhe disse:

—Não pode me deter. Ninguém pode.

Noah o olhou de um modo letal. Os jorros de água molhavam seu moreno rosto e ensopavam seus longos cílios.

—Não quero te deter. Quero te eliminar. —Deu-lhe um golpe na cara com o extremo esquerdo da lança e cortou sua bochecha— Aposto que essa é outra dessas feridas que nunca cicatrizam.

—Vai morrer —profetizou Hummus.

—Não solte a lança, Noah! —gritava Bryn. Quando viu suas nonnes voarem para ela não pensou duas vezes e as ordenou— Abram o céu! Temos que devolvê-la ao *Asgard*!

Róta e Gúnnr assentiram e dirigiram suas mãos às nuvens. Gritaram *Asynjur*! de uma vez e os raios provocaram uma brecha nos estratos-cúmulos, que adquiriram caprichosas formas a modo de funil.

Bryn moveu suas asas com vigor e garra. Carregava o peso de Noah e Hummus e esperava que o berserker não deixasse escapar a lança, disso dependia tudo. O portal do *Asgard* começava a abrir-se e tinham que fazer o possível em devolver *Gungnir*; embora Hummus entrasse no lote.

O lobacho tentou afastar Noah com um chute no estômago que o berserker amorteceu totalmente.

—Eletrocute-o, Bryn!

—E você?!

—Eletrocute-o! —repetiu Noah.

Hummus se pôs a rir. Sua expressão se tornou séria de repente e, então, se desmaterializou ante os olhos dos dois guerreiros.

Bryn ficou olhando suas mãos vazias, aniquilada. E agarrou Noah para que não caísse à terra.

—Bryn, às suas costas! —gritou Gabriel.

A General deu a volta e encontrou Hummus detrás dela e a lança na mão. Deixou-a ir com toda a força que pôde contra Bryn.

Bryn não podia afastar-se; a lança não devia tocar o *Midgard*.

Mas esse não era o problema. O problema era que uma vez que a lança tomava sua trajetória ninguém a podia deter.

A ponta da *Gungnir* atravessou Bryn pelas costas, e esta tentou agarrá-la pela ponta e deter seu avanço, que ia direto a Noah.

Hummus desapareceu ante seus olhos e disse ao berserker de Wolverhampton.

—Disse a você que morreria.

A lança atravessou o peito de Noah, que não pôde reagir, e Bryn e ele caíram no *Midgard*, ambos atravessados pela afiada lâmina do incontrolável totem.

Noah ficou sem respiração e sentiu uma terrível dor no peito.

Bryn grunhia e cuspiu sangue pela boca. Mas tentava mover as asas, não se rendia.

E, então, algo freou o avanço da lança.

Ardan gritou ao ver como sua General caía velozmente, com a lança atravessada em seu corpo, e com Noah no outro extremo, igualmente ferido.

Ambos cairiam no centro de Machrie Moor, e a lança continuaria seu caminho.

Perderiam. O vórtice se ativaria.

E ele não estava ali para perder.

Voou até eles e agarrou como pôde o totem pela parte da lâmina. Via o rosto de Bryn cheio de dor, e como o sangue corria por sua pele, e sentia que seu coração congelava. Mas tinha

passado demasiado tempo no frio de sua solidão; e agora só gostava do calor de sua companhia. Não ia deixá-la ir. Mesmo assim, suas asas seguiam em movimento.

—Estou aqui, Bryn! —gritou.

A General abriu os olhos vermelhos e lhe sorriu, mas não era um gesto de esperança. Parecia melhor um de rendição.

Ardan não deixaria que se abrisse o *Jotunheim*. Tinham lutado muito para que o mal vencesse. Tentou deter a investida do totem, mas a pele das mãos se desfazia, e os antebraços começaram a arder.

—Engel! —necessitava que Gabriel o socorresse.

Gabriel não demorou nada em os ajudar. Miya se somou ao desafio.

Tentaram fazer força pelo outro extremo. Ficavam poucos metros para que fizesse alvo.

Gúnnr e Róta mantiveram o portal aberto, até que a ruiva disse:

—Vamos, Gunny! Não conseguirão!

A filha de Thor deixou de lançar raios e voou com sua nonne para tentar modificar a trajetória da lança. Pareciam uma nuvem humana.

Sete guerreiros, entre eles três casais, tentavam impedir o início do fim do mundo.

E, para lutar contra isso, deviam sacrificar-se.

—Bryn, abre os olhos! —gritava Ardan a General— Abre-os!

Bryn chorava porque a dor da lança era insuportável. Noah estava inconsciente. A lança lhe atravessava o centro do peito e poderia ter alcançado o coração. Esse berserker poderia estar morto.

—Me olhe! —exigiu-lhe Ardan— A chamam Bryn, “A Selvagem”, verdade?! —a lança lhe estava atravessando o plexo solar, e a ponta saía agora pelo centro de sua coluna. Ficou sem ar, mas lutou por seguir estimulando Bryn. Ela era a única que poderia tirá-los dali. —Seus raios, Bryn! Faça que impactem no centro do vórtice!

Bryn prestou atenção nele, mas não a suficiente. Não tinham tempo.

Ardan se agarrou à lança e a puxou para ficar colado ao corpo de Noah, pelas costas. Tinha Bryn a um palmo de distância, aproximada completamente ao corpo do berserker, mas pela frente. Estavam fazendo um sanduíche com Noah.

Ardan estendeu o pescoço e passou por cima do ombro de Noah.

Falou ao ouvido de Bryn.

—Me escute bem, General. Disseram-me que destruiu uma igreja inteira e fechou um portal em Abbey Church; que você sozinha aniquilou a todos os purs e os etones da ilha de Arran. Sei o forte que é, bruxa. E sei como dói este puto arpão —grunhiu. A lança deslizava-se entre seus dedos, procurando sair desses corpos para viajar livre até seu destino. *Gungnir* nunca se detinha— É a mais forte de todos. Ou me demonstra isso ou te juro que nunca voltarei a ter respeito por você.

—Não lhe fale assim! —gritou Gúnnr voando em contracorrente para deter aquele trem humano que ia impactar na ilha escocesa.

—Cale-se, Gunny! —disse-lhe Gabriel— Você move as asas, não as detenha!

—Jamais voltarei a te tocar —continuava Ardan.

Bryn abriu os olhos de novo e centrou seus rubis no escocês de cabelo solto que a olhava como se fosse menos que um mosquito.

Ela não podia acreditar. Não podia acreditar que Ardan lhe falasse assim.

—Sou a mais forte — repetiu ela entre dentes.

—É mentira. —desafiou-a— Somente é uma fraca. Não merece seu título.

A energia elétrica da General disparou de repente.

Os sete guerreiros se cobriram com uma bola de energia luminosa, cheia de eletricidade. Todos sofreram as descargas da General e as aguentaram como puderam.

—Demonstre-me. — gritou Ardan.

Bryn estirou o braço com dificuldade e o dirigiu para o círculo de pedras. Passou a mão por cima das cabeças de Noah e Ardan e deixou sair um raio tão potente como a força do amor que sentia por aquele highlander desbocado e obtuso.

O grande tolo se deixou atravessar pela *Gungnir*. Ele poderia ter vivido, mas não; tinha que se fazer de herói e impedir que a lança não chegasse a seu destino.

O raio impactou em Machrie Moor, e fez uma força contrária ao do vórtice. Bryn continuou imprimindo energia até que o vórtice a repeliu e os sete guerreiros saíram disparados para cima.

A lança retomou uma nova trajetória: um percurso para o céu, diretamente para o tubo elétrico que tinham aberto Gúnnr e Róta e que devia os levar ao *Asgard*.

—Afastem-se! —gritou Gabriel.

Miya, Róta e Gúnnr deixaram que a lança seguisse seu curso.

Ardan, que agora estava acima de tudo, tinha os olhos cheios de lágrimas. Olhou para Bryn e lhe dirigiu um sorriso puro e autêntico, cheio de reconhecimento e amor. Ela piscou confusa e, depois, sorriu.

—É mau —disse meio fechando os olhos— Por isso... por isso te amo, Ardan.

— *Mae, mo valkyr*. —Ardan entrelaçou os dedos queimados com os dela, e não a soltou — Te amarei toda minha vida, aqui e além.

As lágrimas de Bryn molharam o rosto triste do escocês.

E os dois fecharam os olhos.

A lança avançava através do corpo de Bryn, Noah e o dele; e por fim saía pelas costas do highlander.

O totem se iluminou e se introduziu entre as nuvens. Os trovões e os relâmpagos lhe deram as boas-vindas ao *Asgard*, o lugar de onde jamais deveria ter saído.

Os três corpos caíram pouco a pouco na terra, mas seus amigos não deixaram que caíssem sozinhos.

Os cobriram e os tomaram nos braços. Para deixá-los, lentamente, sobre a grama de Machrie Moor.

Miya ficou olhando o buraco no céu.

As Valquírias choravam a perda de Bryn; e Gabriel não podia acreditar que Ardan e Noah estivessem mortos.

Mas assim era: *Gungnir* alcançou os três, e a lenda dizia que *Gungnir* matava a todo aquele que tocava.

O samurai, observador como ninguém, recordava ter visto esses buracos no céu. A primeira vez, quando *Mjölnir* foi devolvida a *Asgard*; a segunda, quando Seier retornou. E ambos os buracos se fecharam imediatamente.

Mas esse buraco permanecia aberto ainda e não entendia por quê.

Não o entendeu até que viu deixar cair, através dele, a uma Valquíria que se segurava a um raio azulado e olhava à frente, procurando-os.

—É Nanna! —gritou Gúnnr assinalando o céu.

A jovem se soltou do raio e caiu em pé, a um metro de distância dos corpos sem vida dos três guerreiros.

—Não pode levá-los! —replicou Róta enfrentando sua amiga.

—Quer se tranquilizar? —disse-lhe Nanna afastando-a a um lado e caminhando dando ligeiros saltinhos. — Não levarei a todos.

A Valquíria lhe deu dois frascos de creme dourado semitransparente a Gúnnr.

—Freyja e Odin me deram o *hjelp*, o remédio dos anões —disse Nanna— Me disseram que devem passar sobre as feridas e, depois, o que sobrar, no interior de suas bocas e sobre o coração, de acordo?

O *hjelp* era o único bálsamo capaz de devolver a vida a um morto; e os anões só o fabricavam para os guerreiros de Odin e Freyja. No *Valhala* sempre se feriam e se mutilavam, e se não tinham *kompromiss*, o *hjelp* era o que os curava e os devolvia à vida. Era tão poderoso que podia regenerar membros amputados.

Gúnnr tomou os frascos entre suas mãos e se abraçou a Nanna.

—Me alegre tanto em vê-la. —lhe disse.

Nanna olhou para Róta de soslaio e beijou Gunny na cabeça.

—Olá, chocolate. Vê? Isto é uma boa-vinda, ruiva, aprenda —disse a Róta.

—Pensava que vinha buscar Bryn —se desculpou a Olho que Tudo Vê, abraçando-a e lhe dando um beijo no rosto.

—Nem Odin nem Freyja podem prescindir deles —respondeu Nanna girando os olhos. — Por isso me pediram que trouxesse a mistura. Bom, bom, bom... —olhou a seu redor— Aparentemente, a guerra já está aqui.

Gabriel continuava olhando Noah, incrédulo.

—Deus meu... Aileen me vai arrebentar —murmurou o Engel realmente afetado— Noah é muito amigo dela, e muito importante no clã de Wolverhampton...

—Não diga nada mais. Não quero saber nada mais —disse Nanna ajoelhando-se ao lado de Noah— Levarei este. —Acariciou sua testa fria e sem vida e lhe retirou o cabelo loiro do rosto.

Caramba, era tão bonito... O carregou, passando um braço ao redor das costas e cobrindo sua ferida do peito com a outra. Virou-se para sorrir ao rosto pálido da General e disse—: Bryn, as

Valquírias levantaram uma estátua de diamantes em seu nome. Está no centro da praça do palácio de Vingólf. Todas estamos orgulhosas de você. —depois se dirigiu às suas irmãs— De todas.

Dito isto, elevou o braço, e um raio rodeou seu pulso.

—*Asynjur!* —gritou.

O raio a subiu ao céu, com Noah, o berserker foguete de Wolverhampton, morto entre seus braços.

CAPÍTULO 25

Wester Ross

Lago Enjoe

Edimburgo tinha deixado de tremer e a rachadura se deteve momentaneamente; já não avançava para unir-se à verdadeira falha das Highlands e tinha derivado em uma um pouco menor.

As ajudas humanitárias chegavam de todas as partes do mundo. A humanidade difundia o ocorrido, mas não sabiam toda a verdade. Os vanírios kofuns e os vanírios de Black Country haviam trabalhado duro para manipular a informação mental que iam fazer uso os informadores civis. Tudo ficaria em uma desgraça da Natureza, em um terrível acontecimento que ninguém pôde evitar; mas a informação corria pela Internet como a pólvora, e os vídeos com gravações de celulares que mostravam purs, etones, vampiros e lobachos destruindo Edimburgo e Glasgow já não se podiam apagar.

As pessoas hesitavam entre acreditar e não acreditar.

É óbvio, havia grupos organizados que preparavam seus bunkers, ignorantes de que nem isso ia salvar se o mundo estivesse em mil pedaços. Outros acreditavam em uma invasão de extraterrestres; e, os mais fantasiosos, falavam de visitantes.

Os guerreiros que ficaram nas ruas caídas de Glasgow e Edimburgo ainda não tinham chegado; mas sabiam por Isamu e os *einherjars*, que tinham baixas importantes. Era o que acontecia na guerra. Ninguém ganhava, todos perdiam.

Jamie estava redigindo tudo o que aconteceu para os clãs da Inglaterra. Não queria deixar escapar nada. O tio de Gabriel se converteu no informante dos grupos.

Os vórtices da Terra continuavam abertos. Machrie Moor ficou desativado depois da batalha em Arran contra Hummus.

Mas ainda ficavam todos os outros pontos, que continuavam abertos, preparados e acessíveis para aqueles que soubessem como abrir uma porta dimensional.

Steven ainda não tinha chegado; e Johnson não fazia mais que perguntar por Ardan e Bryn, que se apresentaram, fazia duas horas, muito feridos gravemente. Jamie já tinha explicado que estavam bem, mas o pequeno precisava comprovar com seus próprios olhos. No entanto, melhor que seus inocentes olhos não vissem o que esse casal de selvagens ia fazer quando despertassem.

Todos os cômodos daquela casa submarina tinham cores relaxantes e estavam decoradas segundo o estilo feng shui.

A cama em que se achava recostado era quase igualmente grande como a que ele fez em sua fortaleza.

Os lençóis eram cálidos sob seu corpo.

Uma mulher entoava a letra de uma canção relaxante e curadora que o enchia de paz. Seria um anjo?

Soon you will see
All of your fears will pass away
Safe in my arms
You're only sleeping

What can you see
On the horizon?
Why do the white gulls call?
Across the sea
A pale moon rises
The ships have come to carry you home

***Logo verá
Que todos seus medos terão passado
Está a salvo em meus braços
Só está dormindo***

***O que pode ver
no horizonte?
O que dizem as brancas gaivotas?
Através do mar
Levanta-se a pálida lua.
Os navios chegaram
Para te levar a casa.***

E umas mãos igualmente cálidas, ternas e suaves percorriam seu rosto.
Uns lábios cândidos e ardentes sussurravam palavras de amor ao seu ouvido.
Sua melodiosa voz esquentou sua alma.

Ardan pensou que se era imortal e morria, já não tinha possibilidade de voltar a sentir contato físico com ninguém. Convertia-se em um ente ou em uma alma; algumas se perdiam e outras retornavam ao caldeirão.

Mas, no lugar no qual estava, sentia inclusive a pele de Bryn nua contra a dele. E seu aroma. Esse aroma de cerejas...

Sentiu vontade de ronronar como um felino enorme.

E abriu os olhos.

Os olhos celestes de Bryn lhe sorriam e, ao mesmo tempo, o adoravam.

Ardan pensou que voltava a encomendar-se a ela, como quando caiu na ilha de Man.

Mas, não podia ser humano duas vezes; nem tampouco ter tanta sorte duas vezes seguidas.

Entretanto, era o corpo de sua General que o cobria como uma pequena manta. Tinha-a em cima dele, como se nunca tivesse morrido, como se jamais uma lança a tivesse atravessado no céu.

—Morri no mar e me resgatou uma sereia?

Bryn arqueou as sobrancelhas e sorriu sutilmente.

—Não estamos mortos — respondeu ela.

Não podia acreditar, assim que se ergueu e deixou Bryn, completamente nua, sobre suas pernas.

—Não? —estavam em um dos quartos da casa de Steven no lago Enjoe, em Wester Ross. A água do lago os envolvia, e os peixes nadavam através das vidraças observando tudo o que acontecia no interior daquele quarto privado.

—Nanna desceu e nos trouxe *hjelp*. Os deuses o deram para nós.

Ele olhou o estômago e depois observou a pele de Bryn em busca do buraco da *Gungnir*. Estava lisa, suave e macia como sempre.

—Sobrevivemos —murmurou assombrado.

—Sim — Bryn se agarrou a seus ombros para levantar-se de cima dele— E me alegra que viva, porque assim comprovará o bom que o vai passar sem poder me tocar —o olhou de esguelha e sorriu como uma bruxa.

Ardan recordou o que lhe disse no céu, quando ambos estavam trespassados pela *Gungnir*. Levantou-se atrás dela, maravilhosamente ereto e nu, e a agarrou pela cintura.

Bryn soltou uma gargalhada, mas Ardan a elevou do chão e a levantou o suficiente para poder olhá-la nos olhos, à mesma altura.

—Nem sequer Loki pode evitar que eu te toque, sereia.

Ardan a beijou sem lhe dar tempo de replicar. Colocou a língua em sua boca e deixou que o sugasse como gostava. Morderam-se os lábios, e Bryn gemeu em sua boca.

Ardan enlouquecia ao ouvi-la gemer, e também seus ruídos, seu olhar, seu desejo... Tudo era dele.

Os olhos de Ardan clarearam e os de Bryn se avermelharam.

—Quer palavra de segurança, General?

Bryn negou com a cabeça e surpreendeu ao suposto amo que havia no interior de Ardan.

—Não há nada que teme fazer comigo? Agora já é minha. Já posso fazer tudo o que desejei fazer com seu corpo desde o primeiro dia em que a vi.

Bryn o beijou com doçura nos lábios e disse:

—Sei que, faça-me o que me fizer, é sua maneira de fazer amor comigo. E isso me basta.

Ardan sorriu e negou com a cabeça.

—Quer me deixar louco?

—Já está louco. Mas acredito que aqui não tem nenhum de seus brinquedos para começar a praticar...

—Sim. Estou louco por você. —Olhou a seu redor— Não preciso de uma masmorra para fazer amor com você, preciosa. O amo não é amo por suas salas nem seus brinquedos. O amo é amo por sua atitude e o devoto e senhor que é de sua mulher. Eu sou seu em todos os sentidos — encostou sua testa à dela enquanto a estirava na cama e lhe abria as pernas para colocar-se entre elas—E para mim, o melhor grilhão que tenho, é o que me une ao seu coração.

As pernas de Bryn tremeram ao ouvi-lo dizer aquelas coisas com tanta paixão e sinceridade.

—Eu não me submeto ante você, Ardan. Só faço realidade seus desejos por vontade própria.

—Por que, *mo ghraidh*?

— *Fordi jeg godtar. Jeg elsker deg*. Porque te aceito. Amo você. E quero passar meus dias te dando tudo o que não te dei nestes séculos. Fui eu a que nos arrebatou nosso tempo juntos, e quero compensá-lo.

O olhar de Ardan escureceu e afundou o rosto no pescoço de Bryn.

—Não, Bryn. Odiei você durante muito tempo quando pensei que tudo o que me disse era sincero. Quando me expulsou de seu lado, morri — disse com simplicidade e honestidade— Mas, quando você partiu por vontade própria e eu li seu diário... Todo o amor que sentia por você retornou mais forte que nunca. E me apaixonei ainda mais ao saber a lealdade que demonstrou para a Róta; e me tornei louco e perdi a cabeça por quanto se sacrificou por Theo, Ogedei e meu pequeno Johnson. Essa lealdade, essa fidelidade para com outros, é o que faz que eu te admire e te ame hoje mais que nunca. Não mude nunca, General. Tenho que aprender muito de você.

Bryn chorou abraçada a ele, feliz por saber que Ardan a perdoava por completo. Ela também o perdoava. Essas eram as palavras que precisava escutar para sentir-se livre de culpa.

Ele deslizou uma mão entre suas pernas e lhe acariciou a vagina com seus dedos até que encontrou o piercing. Roçou-o com os dedos e sorriu com doçura até que puxou com força.

Ela gemeu entre o prazer e a dor. E Ardan acabou de endurecer-se por completo.

—Olhe o que me faz saber que carrega isto aí — disse ele agarrando sua mão e levando-a a seu pênis ereto— Me deixa duro.

Bryn abriu mais as pernas e deixou que Ardan a tocasse à vontade.

—Sim? Alegria-me... senti tantas saudades. — sussurrou lhe rodeando o pescoço com os braços e estirando o seu para que Ardan o mordiscasse— Me senti tão só... Tão vazia.

—Vamos solucionar isso, Valquíria — grunhiu Ardan introduzindo a ponta de sua ereção em sua vagina.

Bryn riu.

—Não me referia a esse tipo de vazio... Mas aceitamos batalha naval.

Ardan a olhou sem compreendê-la e Bryn girou os olhos.

—Nenhum caso. É um dos jogos favoritos de Nanna. O Scattergories... Se trata de... — Quando sentiu que ele deslizava seu enorme membro em seu úmido interior, esqueceu-se do que ia dizer— Por todos os deuses!

—Ah, porra!

Ardan e Bryn começaram a mover-se em uníssono. Ela levantava os quadris e ele empurrava para frente e para cima até meter-se em seu interior por completo. Entrava e saía, rodava e retrocedia; e Bryn enlouquecia.

Entrelaçaram suas mãos e se beijaram enquanto faziam amor.

Então, o dorso da mão esquerda de Bryn e o da mão direita de Ardan sofreram uma queimação, e um símbolo em vermelho vivo gravou-se a fogo em suas peles.

—Filho da puta! —rugiu Ardan sem soltar a mão de Bryn.

Ela apertava os dentes sem compreender o que era isso que tanto os machucava.

O símbolo era uma runa. A runa de *Gungnir*. A runa *Gar*.

No *Valhala* havia uma lenda que dizia que se Odin atirava sua lança contra alguém, queria dizer que lhe pertencia e que velaria por ele ou ela e dirigiria e valorizaria sempre suas façanhas. Era um modo de consagrar-se ao céu.

Inclusive, Bragi assegurou que seu pai marcasse o corpo com sua própria lança, para ele também consagrar-se ao *Asgard* para sempre.

—A marca de Odin. —Ardan girou a mão de Bryn e estudou o dorso— Você também a tem. Fomos felicitados por ele, General.

Bryn se absteve de dizer que não necessitava medalhas de Odin; que ela devia somente a Freyja. Mas supunha que isso seria um insulto para Ardan, que parecia um menino com um brinquedo novo, assim que mordeu a língua e se calou.

—Maravilhoso. Doe-me um pouco, verdade? Mas maravilhoso. — fingiu Bryn.

—Não gostou.

—Acabam de tatuar minha mão sem minha permissão.

—Não. Você não gostou. — confirmou o highlander emitindo uma gargalhada— Aceite. É um presente divino e um símbolo de proteção. Todos saberão que Odin está do nosso lado e que somos importantes para ele.

—Não me importa ser importante para ele. Eu somente quero ser importante para uma pessoa —jurou Bryn, tomando o rosto de seu belo *einherjar* entre suas mãos.

—Freyja.

Bryn negou com a cabeça.

—Suas Valquírias.

—Já sei que sou importante para elas —disse Bryn elevando a cabeça e puxando o piercing de seu lábio inferior.

—Johnson?

—Como soube? —brincou.

Ardan sorriu, e seu olhar refletiu um sincero arrependimento.

—Disse que não te queria para ele.

—Sim. Foi muito cruel.

—Sei. Mas, Bryn, agora... não, não me ocorre ninguém melhor para que me ajude a cuidar dele. Quero que estejamos juntos nisto. Faria-me essa honra?

Bryn não pensou duas vezes. As Valquírias não podiam ter filhos, mas ela amaria Johnson como se fosse dela. E Ardan adorava o garoto, era seu bem mais prezado. E estava dando a ela parte dessa responsabilidade para cuidá-lo.

—Eu adorarei ensiná-lo a montar Angélico —respondeu com os olhos úmidos— E adorarei dar os bolinhos que você não quer que coma. Se pudesse, até o ensinaria a lançar raios...

Ardan engoliu o nó que tinha na garganta, assentiu feliz e afundou os dedos nos longos cabelos dourados.

—Não me faça rogar mais, General —mordeu sua orelhinha pontiaguda com suavidade— Quem é essa pessoa para a qual quer ser importante? Eu? —Os olhos cor caramelo de Ardan, esse incrível olhar tatuado se encheu de amor, um resplandecente e subjugante amor por ela— Somente quer ser importante para mim?

—Sim, *mo duine*. Você.

Ele deixou escapar o ar de seus pulmões e beijou Bryn nos lábios.

—Me diga, General. Por que uma mulher que controla tudo como você não necessita uma palavra segura para jogar comigo? — retomou as penetrações e o fez cada vez com mais ímpeto.

Bryn olhou o teto, enquanto desfrutava da posse do highlander.

A resposta estava muito clara para ela.

—Porque no amor não há palavra segura.

Fim

EPÍLOGO

Daimhin estava sentada sobre os calcanhares. Restavam algumas horas para o amanhecer, e ela não desistia de ver aparecer seu irmão Carrick por alguma das múltiplas rachaduras que tinha a cidade.

Tal e como o tinham engolido, também podiam cuspi-lo. Isso pensava a jovem guerreira.

Não descansaria até saber que ele estava bem.

Carrick foi buscar Aiko, pensou aniquilada.

Seu Peter Pan se deixou cair na rachadura em busca da japonesa; e depois a rachadura estalou.

E a deixou sozinha. Mais só que nunca.

Levantou-se e passeou pela rua, agora deserta.

A guerra já tinha acabado. Morreram muitos, sobretudo jotuns.

Abrigou-se com o sobretudo negro e longo que usava e se deteve ao encontrar um cão Golden morto, ao lado de uns contêineres de lixo, caídos e abertos.

Alguns carros, que acabaram embutidos nas lojas de Vitória Street, ainda tinham bateria, e os mortos em seu interior seguiam escutando as canções de seu reproduutor.

Hey, you can be the greatest

You can be the best

You can be the King Kong banging on your chest

You can beat the world

You can beat the war

You can talk to God or go banging on his door

Hey, você pode ser o maior

Você pode ser o melhor

Você pode ser o King Kong batendo em seu peito

Você pode vencer o mundo

Você pode vencer a guerra

Você pode falar com Deus ou ir bater à sua porta

Um jornal do dia anterior se movia entre as rodas de um dos contêineres; suas folhas se balançavam pelo vento. A tinta borrou pela chuva, mas não o suficiente para não poder ler o que dizia.

Daimhin arrancou a folha da primeira página.

“Um cirurgião devolve a vida no box a uma mulher que passou mais de uma hora em coma”.

Daimhin passou a mão pelo titular e, depois, desviou seus olhos claros alaranjados ao Golden de não mais de três anos que tinha sido vítima de um golpe na cabeça.

O cão tinha a língua de fora e os olhos abertos. Rodeava-lhe o pescoço um colar de couro vermelho, no qual havia um medalhão dourado manchado de barro no qual tinha inscrito: Dallas.

A morte não tinha sido lenta, mas sim fulminante.

A vaníria leu somente três palavras do jornal em voz alta.

—Devolve a vida a Dallas —pronunciou, acariciando o frio lombo do animal.

—Não está bem que esteja sozinha.

A voz de Steven fez que se levantasse de repente e desse dois passos afastando-se dele e de sua proximidade.

O berserker entrecerrou seus olhos e a olhou de cima a baixo.

—Deixa de me perseguir. Não necessito nenhum guardião.

—Não sou seu guardião, mas vim com você. E iremos juntos embora daqui. Ao menos, os que sobreviveram.

—Não penso ir sem meu irmão.

Steven se impacientou.

—Se Carrick tiver sobrevivido à explosão...

—Se tiver sobrevivido, diz? —repetiu Daimhin— Meu irmão sobreviveu a coisas às quais você não está acostumado a suportar; nem sequer a escutar. É óbvio que sobreviveu — sussurrou como uma víbora.

Steven se surpreendeu ao ver alguém com esse rosto tão bonito e doce comportando-se de um modo tão arisco. Era como uma gata negra de grandes olhos alaranjados e estranhos.

—Alguns berserkers do clã de Milwaukee e de meu clã ficam controlando as duas áreas. Se virem Aiko e Carrick nos avisarão. Agora, por favor —abriu o braço para lhe ceder o passo e que ela caminhasse por diante dele—, me acompanhe. Devemos sair daqui.

—Como sabe que nos avisarão?

—Farão.

—Por que?

—Porque sou o líder do clã destas terras. E me obedecerão —respondeu sem olhá-la nos olhos, esperando que a princesa loira avançasse e pudessem dirigir-se por fim a Wester Ross.

Daimhin o olhou de esguelha, mas aceitou a sua petição.

Steven cravou a vista em suas costas e sussurrou:

—Gostava mais quando não tinha o cabelo comprido.

Daimhin não lhe olhou, mas lhe respondeu ressentida:

—Nem sequer gostei de você.

Standing in the hall of fame

And the world's gonna know your name

Because you burn with the brightest flame

And the world's gonna know your name

And you'll be on the walls of the hall of fame

***...Em pé no salão da fama
O mundo conhecerá seu nome
Porque você queima com a chama mais brilhante
E o mundo conhecerá seu nome
E estará nas paredes do salão da fama...***

Enquanto se afastavam daquele lugar, cheio de tragédia e sinistro, ninguém se deu conta de que, em meio da morte e da desolação, um Golden começou a mover as patinhas dianteiras, e depois as traseiras, até que pôde levantar-se e retornar da escuridão.

Até que, milagrosamente, alguém o devolveu à vida.

Nanna adentrou com Noah nos braços através do funil que havia no céu. Seus raios a levariam ao *Asgard*; e ali, em Vingólf, frente a seus irmãos *einherjars* e a suas irmãs Valquírias, por fim poderia apresentar a um novo guerreiro.

Seu *einherjar*. Dela.

Sorriu. Era incrível que esse berserker estivesse destinado para ela. Quase se alegrou com sua morte, porque isso queria dizer que ao fim ele poderia tocá-la, e que ela desfrutaria de cada segundo das carícias desse macho.

Nunca nenhum homem a tocou e se sentia uma desgraçada por isso. Suas nonnes, como Róta, Bryn e Gúnnr, sim que haviam sido tocadas.

Mas Freyja lhe deu a virtude da pureza total. Seu corpo, que para ela não era nada do outro mundo, não podia ser tocado por mãos masculinas. Era como um templo sagrado que nunca devia ser violado.

Jamais.

Vejamos: que ela não queria ser violada, mas sim que gostaria de receber alguns amassos inocentes de alguém. Sacudiu a cabeça.

“Não, não, não, Nanna. Os amassos não são somente inocentes”. Ou te acariciavam ou não, e isso significava que te tocavam com seu consentimento, não?

Está bem. Ela não poria nenhum impedimento.

Continuou através do funil e chegou ao final.

Que estranho. Não encontrava a entrada do *Asgard*; e o raio seguia conectado com ele... As nuvens prosseguiram com seu pranto, limpando a terra com suas gotas de chuva.

Sim. Essa porção de planeta precisava de uma boa lavagem, porque, depois dos constantes terremotos, tinha ficado em muito mau estado.

—Nanna?

A Valquíria olhou a todos os lados. Vamos, à esquerda, à direita... A pele se arrepiou; e por pouco gritou quando viu que quem falava com ela era Noah.

Seus olhos amarelos estavam abertos e brilhantes, como se tivesse febre. E tinham se concentrado nela.

A Valquíria abriu a boca e piscou repetidas vezes.

Noah elevou uma mão para lhe acariciar o lábio inferior, e as orelhas se estremeceram e tudo se arrepiou. Aumentou seus olhos castanhos ainda mais, quase em choque.

—Posso te tocar — disse ele maravilhado.

Ela voltou a piscar; e por pouco não teve um ataque no meio das nuvens.

—Mas se pode saber o que você faz vivo?!

Soltou-o como se a queimasse e limpou as mãos em suas coxas desnudas.

—Não me solte! —gritou Noah— Não sei voar!

Nanna começou a lançar raios por toda parte; não por nada, mas sim por fazer algo. Estava tão nervosa que não sabia o que fazia.

Noah se encomendou a ela. A lança o feriu no coração e ele cravou os olhos no céu e se encomendou a ela. Isso tinha sido assim, não?!

—Agora também sabe fingir que morre?! —gritou, apertando os dentes e indo atrás dele. Indo em sua busca ou do contrário seria responsável pelo assassinato de um homem... Um homem o que?! Vivo ou morto?

Os trovões se pronunciaram e o funil desapareceu.

Nanna não podia acreditar. Gritava *Asynjur* para manter o portal aberto, mas seus raios não a levavam a nenhuma parte.

Que demônios acontecia?

Nanna recuperou Noah a uns mil metros de distância da terra. Tocou-o e o segurou, e não acontecia nada. Podia tocar a esse homem e esse homem podia tocá-la, e o castigo de Freyja não chegava. Por que?

—Não compreendo —murmurou contrariada, sustentando-o no céu— Você tinha morrido. É um Zumbi ou algo parecido?

—Um Zumbi? —Noah não podia entender as palavras dessa garota.

—Sim, um desses mortos vivos que saem na internet...

—Um zumbi. Não sou um zumbi. Estou vivo —respondeu ele, levando a mão ao peito. A lança lhe atravessou o coração. Ele sabia. Recordava-o. De fato tinha o buraco na camiseta, e agora a pele estava cicatrizando.

O céu relampejou com uma luz potente que os deixou cegos.

—Nanna? —disse uma voz que ela conhecia muito bem— Te disse que não podia ser tocada por nenhum homem vivo. —Recordou-lhe Freyja, a Onipresente. Seu tom não era de recriminação; pelo contrário, sim de diversão.

E foi esse tom o que Nanna menos gostou. Ela apertou os dentes e se estremeceu de novo.

—É um Zumbi! —gritou ao céu— Este não conta!

Nesse momento, a potência de mil raios caiu com força sobre o casal. Os dois gritaram, detentos da dor e a agonia. Nanna perdeu o agarre em sua linha elétrica, e ambos caíram à Terra.

Freyja lhe disse uma vez que, se fosse tocada por um homem vivo, a deixaria uma temporada no *Midgard* como castigo, além de eletrocutá-la cruelmente como estava fazendo agora.

O primeiro sempre tinha parecido tentador. O segundo não suportava.

Podia ser uma Valquíria. Mas tinha zero resistência à dor.

E o castigo de Freyja a estava matando.

GLOSSÁRIO DE TERMOS

SAGA VANIR VII

Alfather: o Pai de todos.

Álfheim: reino dos elfos.

Asgard: reino que compõe Vanenheim, Alfheim e Nidavellir.

Asynjur: grito de guerra das Valquíriass quando querem convocar os raios.

Bancharaid: amigo em gaélico.

Beagh: pequeno em gaélico.

Bebī: neném em japonês.

Bue: braceletes largos de metal que as Valquírias usam. Delas saem os arcos e as flechas.

Brukk loften: promessa quebrada em norueguês.

Cáraid: “Companheira” em gaélico.

Crómlech; círculos de pedra.

Dísir: Deusas menores.

Drakkar: Dragões em norueguês.

Druht: Dom que outorga Odin aos einherjars.

Dulgt: Oculto.

Dvelgar: anão.

Eudhмор: ciumenta.

Geasa: magia

Guim: trato.

Gjallarhorn: Corneta que anuncia o Ragnarök.

Guddine: Dos deuses.

Farvel Furie: Adeus furioso. Sacrifício de despedida das Valquírias.

Folkvang: As terras da Freyja.

Furie: Fúria das Valquírias.

Hanbun: “Metade” em japonês.

Heimdall: Guardião do Asgard.

Hildskalf: Trono de Odin através do qual aparecem todos os reinos.

Hjelp: Remédio dos anões que supre a cura das Valquíriass.

Hjertet: Coração em norueguês.

Helbredelse: A cura das Valquírias. Funciona com seus einherjars.

Hrmithur: Raça de gigantes.

Jotunheim: Reino dos jotuns e os gigantes.

Kenningar: Nomear com descrições ou símbolos. Dar-se a conhecer.

Kompromiss: É o vínculo que se cria entre a Valquíria e seu einherjar.

Kompis: Significa “Companheiro” em norueguês.

Kone: Significa “Mulher ou esposa” em norueguês.

Konfrontasjon: duelo entre Valquírias. Confronto.

Leder: Significa “Líder” em norueguês.

Magiker: mago em norueguês.

Maighdeann-Mhara: Sereia em gaélico.

Muspellheim: Reino dos gigantes de fogo.

Nidavellir: Reino dos anões.

Niflheim: Reino dos infernos.

Nig: Magia nigromante escura.

Noaiti: Significa “xamã” em norueguês.

Nonne: nome carinhoso que se dá entre mulheres. Significa “irmãzinha”.

Seidr: Magia negra.

Seidrman: É o bruxo que utiliza a magia seidr para escuros objetivos.

Sessrúmnir: Palácio de Freyja.

Sitíchean: “fada” em gaélico.

Soster: Irmã

Svartalfheim: Reino dos elfos escuros.

Valhala: Terra das Valquírias e de Freyja.

Vanenheim: Reino dos Vanir.

Víngolf: Palácio de quinhentas e quarenta portas no qual residem as Valquírias e seus einherjars.

EXPRESSÕES GAÉLICAS (G), NORUEGUESAS (N) E DALRIADANAS (D)

Mo legende: Minha lenda. N

Nei, Nei, mo liten pike: Não, não minha pequena. N

Na vean da: não faça isso. G

Tha’n cal moc a cheart. Cho math ris a’chal anroch: Estará igualmente bom quando chegarmos. G

De napsutesben újra élnék: eu vivo de novo pelo sol. D

Na déan: Não o faça. G

Veni. Vidi. Vinci: Chegou. Viu e venceu. Latim.

Kimi wo aishiteru: Amo você em japonês.

Le do thoil, saighdeoir: Por favor, arqueira. G

Matadh dha, mo valkyr: perdoe-me, minha Valquíria. G

Thoir mathonas dhuinn. Airson ar teachdan-geàrr: nos perdoe nossos pecados. G

Fordi Jeg dogtar. Jeg elsker deg: Porque te aceito. Amo você. N